New York Times BESTSELLING AUTHOR

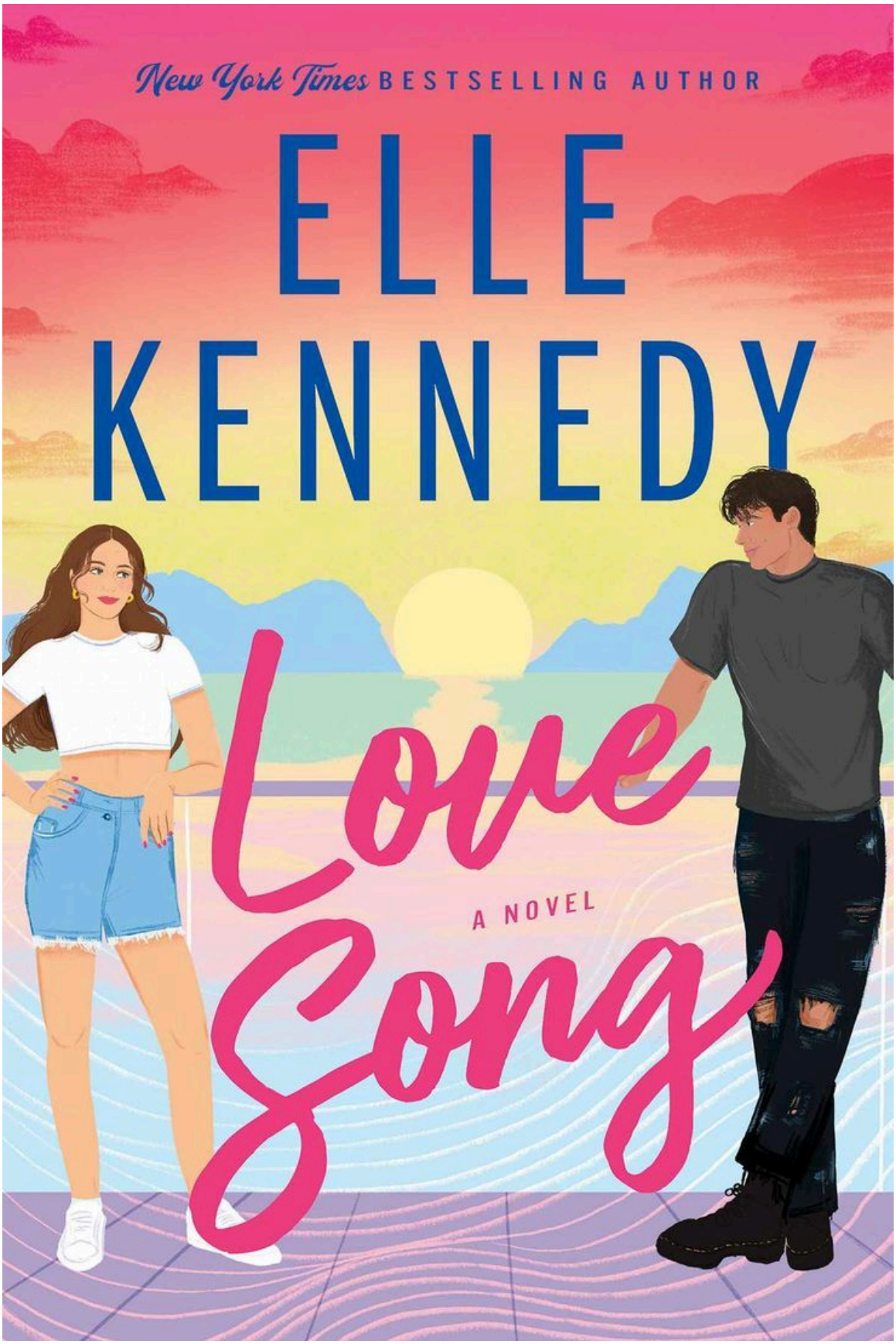
ELLE KENNEDY

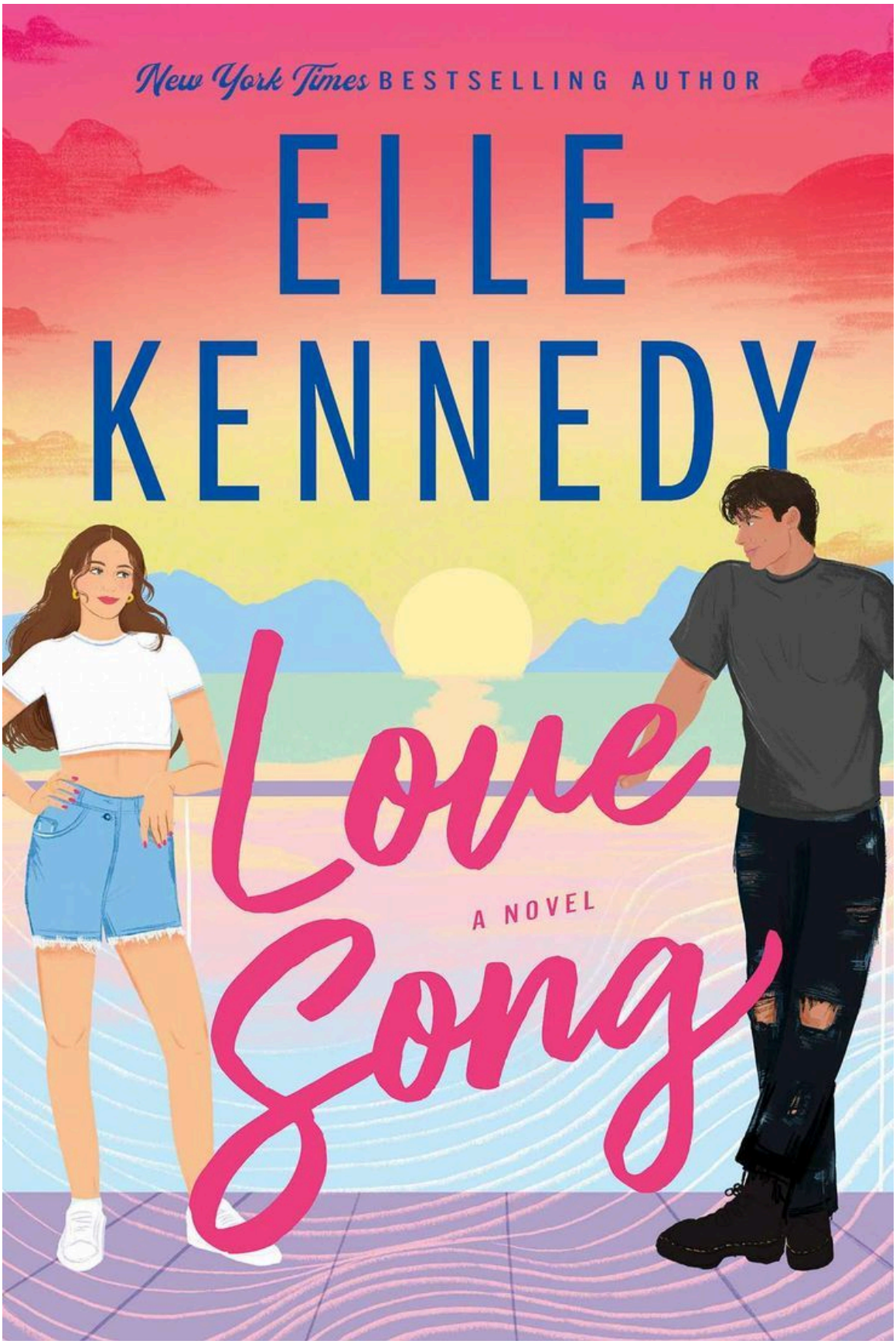


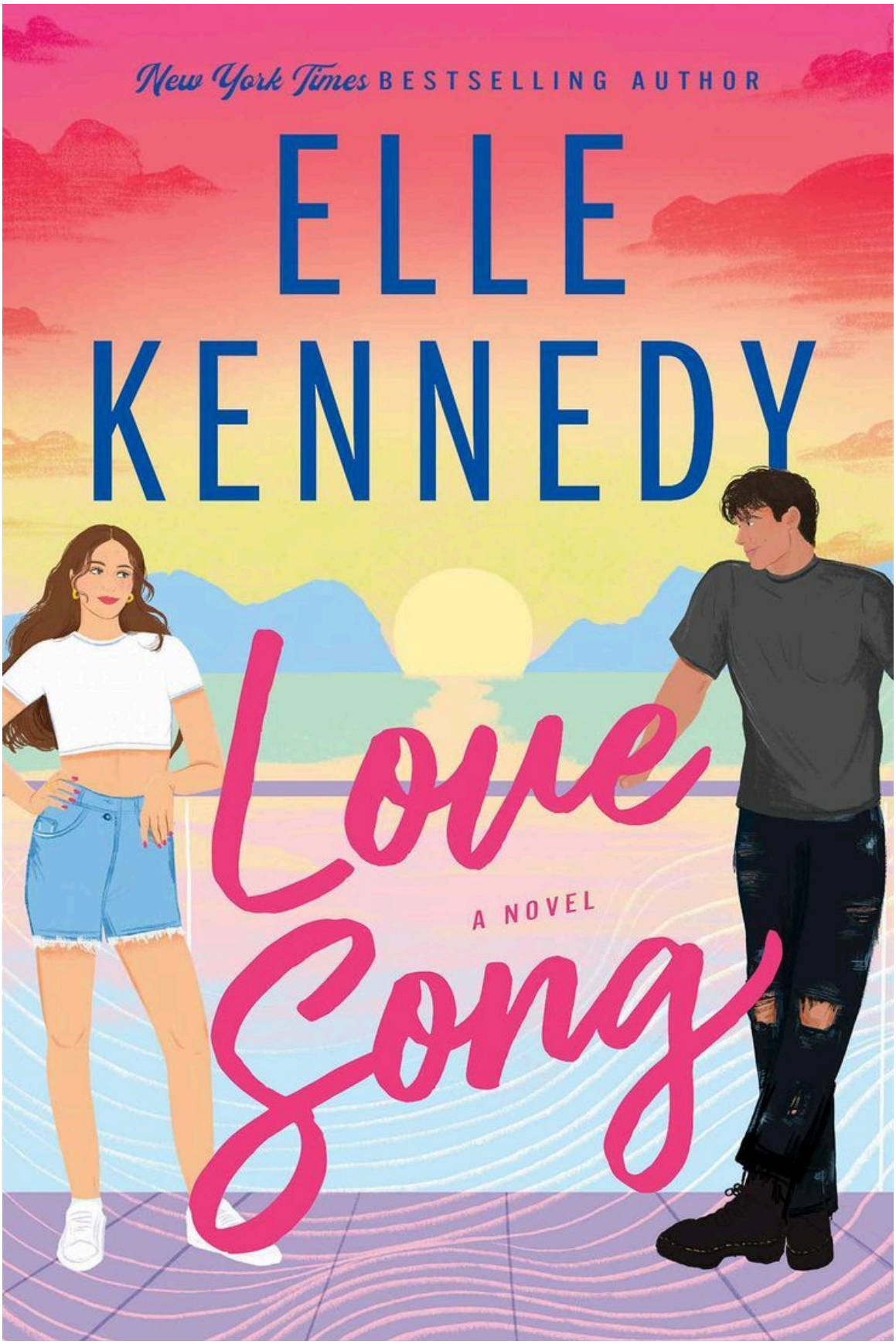


Love Song

A NOVEL


New York Times BESTSELLING AUTHOR
ELLE KENNEDY
Love Song
A NOVEL


New York Times BESTSELLING AUTHOR
ELLE KENNEDY
Love Song
A NOVEL


New York Times BESTSELLING AUTHOR
ELLE KENNEDY
Love Song
A NOVEL

CANÇÃO DE AMOR

EXEMPLAR DE ANÁLISE ANTECIPADA

ELLE KENNEDY

CONTEÚDO

Aviso de conteúdo

Prólogo

1. Blake

Bate-papo de pai

2. Blake

3. Wyatt

4. Blake

5. Wyatt

6. Blake

7. Wyatt

Bate-papo dos Garotos de Ouro

8. Blake

9. Blake

10. Blake

11. Wyatt

12. Blake

Página do Livro de Canções de Wyatt

13. Blake

Geleia da Família Graham

Os Logans

Os genes de Dean

Hora do Tucker

14. Blake

15. Wyatt

Página do cancioneiro de Wyatt

16. Wyatt

17. Blake

18. Wyatt

19. Blake

20. Wyatt

O Trapaceiro

21. Wyatt

O Trapaceiro

22. Blake

23. Wyatt

24. Blake

25. Blake

26. Wyatt

27. Wyatt

Página do cancioneiro de Wyatt

28. Blake

29. Blake

30. Wyatt

Chaveamento de badminton

31. Blake

32. Blake

Bate-papo entre homens: Modo furtivo

33. Blake

34. Wyatt

Da família

35. Blake

36. Wyatt

Bate-papo de pai

37. Blake

38. Wyatt

39. Blake

Bate-papo de pai

40. Wyatt

41. Blake

42. Blake

43. Wyatt

44. Blake

45. Wyatt

A Máquina Dean

46. Blake

47. Blake

48. Wyatt

49. Blake

50. Wyatt

51. Wyatt

52. Blake

53. Wyatt

Últimas notícias

54. Blake

55. Blake

56. Blake

57. Wyatt

Amigos de Dean

Garotos de Ouro

Garrett e Logan conversam

Alguém falou em novo livro da Elle Kennedy?

Agradecimentos

Outros títulos de Elle Kennedy

Sobre o autor

Aviso de conteúdo

Para todos que se sentem um pouco perdidos na vida: sua história ainda não acabou.

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro pode conter spoilers. Consulte o final do livro (Aviso de Conteúdo) ou visite ellekennedy.com/love-song para saber mais.

PRÓLOGO

BLAKE

Cafajeste até morrer

Há dois anos

WYATT GRAHAM ESTÁ ME ENCARANDO.

Meu cérebro e eu precisamos de várias reviravoltas para chegar a essa conclusão.

A princípio, estávamos convencidos de que ele estava olhando fixamente para a pintura a óleo acima da minha cabeça, aquela estranha que retratava o pai dele jogando hóquei em uma pista de lava. A irmã gêmea de Wyatt, Gigi, disse que era um presente do vizinho idoso e excêntrico deles, e que o pai se sentia culpado demais para não pendurá-la.

Em seguida, concluímos que eu devia ter algo preso nos dentes (não tenho. Verifiquei), chocolate por todo o rosto por causa da sobremesa (não tenho, também verifiquei) ou uma espinha enorme que surgiu depois que apliquei a maquiagem antes do jantar (nada de espinhas, apenas sardas irritantes).

Até que finalmente chegamos à conclusão de que o homem mais sexy que já pisou nesta terra está mesmo olhando para mim.

O que nos leva à seguinte pergunta: por quê?

Considerando que Wyatt vê uma conexão romântica entre nós como tragicamente histérica, estou genuinamente perplexa com o motivo de seus olhos estarem seguindo cada movimento meu esta noite.

Como fazemos todos os anos desde que nasci, passaremos a véspera de Natal com os Grahams em sua linda casa nos arredores de Boston. É uma tradição. Meu pai e o pai dos gêmeos são melhores amigos desde a faculdade e são apaixonados um pelo outro, então nossas famílias passam a maioria dos feriados juntas.

A sala de jogos cheira a canela dos biscoitos de gengibre que a mãe da Gigi passou o dia todo assando e é iluminada apenas pelo brilho da luminária sobre a mesa de bilhar, que Gigi e Luke Ryder estão circulando no momento. Wyatt está encostado na parede, com a mão preguiçosamente em volta de uma garrafa de cerveja. Quando ele ri da provocação que Gigi lança ao marido, um arrepio percorre minha

espinha. Até mesmo sua risada emana uma energia perigosa. Wyatt Graham sempre foi um perigo para o meu coração.

Se eu não estivesse ainda sob o efeito do vinho tinto que meu pai, distraído demais para cortar, provavelmente não estaria encarando o cara abertamente. Mas é impossível não olhar para aqueles olhos verdes velados e traços perfeitamente esculpidos, com apenas um leve toque de barba por fazer no queixo forte. Sua camisa está desabotoada, revelando uma regata branca justa que realça seu peito largo, e quando ele passa a mão pelos cabelos castanhos bagunçados, o anel de prata no dedo médio reflete a luz.

Ele usa outros anéis também, incluindo um preto grosso que parece uma aliança de casamento. Hilário, porque Wyatt nunca vai se casar. "Gatinha até morrer", Gigi sempre diz.

“Falando em se fazer de difícil”, Gigi grita, lançando um olhar para mim.

Saio dos meus devaneios, sem a menor ideia da conversa deles e de como ela chegou até mim.

"O quê?", eu digo.

“A Diana me contou que o Isaac te pediu em namoro, e você disse que ia—” Ela bufa, fazendo aspas com os dedos. “‘Levar em consideração.’”

Ryder dá uma risadinha discreta enquanto Wyatt toma um gole de sua cerveja e nos observa.

"Sim." Dou de ombros. "Ainda não sei bem o que sinto sobre isso."

“Vocês estão namorando há dois meses”, ela me lembra, com os olhos cinzentos brilhando. “Parece que você já deveria saber se gosta dele.”

Ela não está errada. Eu deveria saber. E não é que eu não goste do Isaac.

Ele tem me cortejado bastante durante todo o semestre. Ou, se você der ouvidos ao meu pai, me "bombardeado de amor". O Isaac é bem direto, sem dúvida, mas eu não acho que ele seja um sinal de alerta ambulante como meu pai disse.

O problema é que não sei se consigo nos imaginar juntos a longo prazo.

O Isaac é extrovertido, brincalhão e adora chamar a atenção. Eu sou sarcástica, bem mais tranquila e não busco os holofotes. Eu adoro passar o dia ouvindo podcasts ou lendo livros; ele é do tipo que precisa estar sempre fazendo algo emocionante. Sem falar que ele vai para a NFL assim que se formar na Universidade Briar. Eu sei como o estilo de vida da NFL pode ser extravagante. O dinheiro, as mulheres, a atenção. Isso não combina comigo.

Ainda assim, a frase "os opostos se atraem" não surgiu do nada. Pode ser um clichê, claro, mas está estatisticamente comprovado que os opostos se atraem. Às vezes, eles se complementam. Outras vezes, esses relacionamentos explodem de forma espetacular.

Ainda não sei que tipo de opostos Isaac e eu somos.

“Você está demorando demais para responder”, Gigi me informa, sorrindo. “Coitado desse rapaz.”

"É esse o jogador de futebol americano?", pergunta Ryder enquanto se inclina sobre a mesa para se posicionar para o arremesso.

“Sim”, responde Gigi por mim. “Isaac Grant. Ele era o garanhão do campus antes de nossa Blakey o colocar de joelhos.” Ela é a única que eu deixo me chamar de Blakey sem ser repreendida. Qualquer outra pessoa seria assassinada.

"Eu realmente tenho esse efeito nos homens", digo, mais brincando do que falando sério, mas não deixo de notar o olhar de Wyatt pousando em mim novamente. Toda vez que olho para ele, ele já está me observando.

Por que ele está me encarando? Meu cérebro e eu estamos revisitando a ideia de que há brócolis preso entre meus dentes. Só que isso significaria que ele tem uma tara por brócolis, porque o jeito que ele está me olhando diz que está excitado e não nojento. O que é inconcebível para mim, considerando o que aconteceu na véspera de Ano Novo, dois anos atrás.

De repente, minha mente volta àquela noite terrível. O pesadelo que vivi: uma adolescente de dezesseis anos, vermelha como um tomate, tremendo, bêbada com uma taça de champanhe, dizendo sem pensar para Wyatt que eu tinha uma queda por ele.

E…

Ele riu.

Eu me declarei para o meu crush, e ele riu.

É verdade, não foi num tom de "hahaha, todo mundo apontando para a Blake Logan e rindo de como ela é patética". Não havia crueldade no tom dele. Era mais um riso nervoso, mas ao mesmo tempo uma facada no coração. Para piorar a situação, ele bagunçou meu cabelo ao se levantar do sofá.

Ele se arrepiou.

Meu cabelo.

E depois? A punhalada final no meu coração dilacerado, ensanguentado e despedaçado?

"Provavelmente é melhor você superar isso, garoto", disse ele.

Criança.

Uma parte de mim morreu de vergonha naquela noite. Nunca mais toquei no assunto. Nem Wyatt.

E aqui estamos nós. Tenho dezoito anos, certamente não sou mais uma criança. E certamente não estou imaginando o calor em seu olhar.

Dou um gole apressado no meu vinho e observo Gigi e Ryder terminarem sua partida de bilhar. Wyatt não me dirige uma única palavra.

Ele passa a maior parte do jogo zombando de Ryder.

“Bola oito, caçapa de canto”, diz Ryder.

“Bem, isso é ambicioso da sua parte, Bill”, comenta Wyatt.

"Confiante", responde Ryder, e então executa o arremesso com perfeição. Ele levanta a cabeça e sorri para Wyatt. "Algo mais a acrescentar, Bill?"

"Bill?", pergunto em tom vago, e Wyatt finalmente vira a cabeça na minha direção.

Gigi responde pelos meninos. "BIL significa cunhado. É o apelido que eles usam um para o outro. Eles acham que estão sendo fofos."

Ryder organiza as bolas e jogamos outra partida, desta vez meninas contra meninos. Eu erro quase todas as tacadas, porque descobri que é difícil jogar sinuca quando um músico alto, sexy e intenso está obcecado por você.

Horas depois, a casa está em completo silêncio, todos dormindo, exceto eu. Deito-me na minha cama no quarto de hóspedes, meus pensamentos inquietos vagando de volta para Wyatt, Isaac e homens

em geral. Sempre que fecho os olhos, vejo os profundos olhos verdes de Wyatt me seguindo como se eu fosse a única pessoa na casa.

Por fim, desisto de dormir e desço para a cozinha, sem me preocupar em me vestir adequadamente. Estou descalça, de roupa íntima e com um suéter largo que mal cobre minhas coxas.

Eu tinha acabado de encher um copo d'água na geladeira quando ouvi a voz dele.

“Não consegue dormir?”

Dou um pulo, quase deixando meu copo cair. A água transborda e respinga nos meus nós dos dedos. "Nossa! Você me assustou."

Me viro e o encontro parado nas sombras, encostado no batente da porta. Uma garrafa de cerveja pende de seus dedos, e seu cabelo está ainda mais bagunçado do que duas horas atrás. Ele definitivamente está sentindo o efeito do álcool, seu olhar um tanto turvo. Ele parece... perigoso.

Cansado, bêbado e lindo.

"Desculpe", diz ele, e toma um gole de cerveja.

"Você também não consegue dormir?" Dou um gole na minha água, observando-o. "Sua mente também está a mil?"

Wyatt dá de ombros. "Eu nunca durmo."

"Vampiro?"

"Obviamente."

Com um leve sorriso, ele entra na cozinha, o rosto iluminado apenas pela faixa de luzes sob os armários. Então, inclina a cabeça para trás e bebe mais um gole de cerveja.

"Vamos beber sozinhos?" Tento parecer casual, apesar do meu pulso acelerado.

“Só um último gole.” Ele toma outro gole, o olhar percorrendo minhas pernas e voltando a subir, tão descarado que me causa um arrepio na nuca.

Coloquei meu copo d'água no balcão, determinada a não deixá-lo me ver corar.

“Por que sua mente está tão agitada?”, ele pergunta.

"Não sei", minto.

Você está pensando naquele cara? O jogador de futebol que te pediu em namoro?

Eu hesito. "Sim."

Ele se aproxima, apoiando o quadril no balcão. "Você não quer dizer sim."

"Eu... Ele está muito a fim de mim. E ele é um amor."

"Que bom", repete Wyatt, como se a palavra o entediasse. "Isso não é uma resposta."

Tenho plena consciência de quão perto ele está. De como sua voz baixou o suficiente para que eu sinta como se estivesse deslizando sob minha pele.

"Não sei se quero um relacionamento com o Isaac", confesso. "Ele não é... sei lá... sério, eu acho. Tudo é meio superficial com ele."

A boca de Wyatt se curva num sorrisinho irritante. "E aí, como foi o sexo?"

Sinto minhas bochechas queimando. "É que... Nós ainda não..." Estou nervosa. Aff. Eu nunca fico nervosa. Odeio que Wyatt Graham faça esse meu lado aparecer. "Ainda não dormimos juntos. Mas já fizemos outras coisas."

“Certo. E o resto?” Ele ri de repente. “Sabe de uma coisa? Nem se dê ao trabalho de responder. Se você estivesse satisfeita com o jogador de futebol, não teria ficado me encarando a noite toda.”

Minha boca se abre em espanto. "Com licença?"

"O quê?" Ele sorri, dando outro gole. "Estou errado?"

“Eu não estava fazendo isso.”

“Sim. Você estava.” Ele lambe uma gota de cerveja do lábio inferior, lançando-me um olhar ardente. Lento e deliberado.

Odeio como meu coração dispara só por ele me olhar desse jeito. "Foi você que ficou me encarando a noite toda." Levanto o queixo em desafio.

"Por quê?"

Ele fica em silêncio. Presumo que não vá responder ou que dê uma resposta evasiva, mas ele me surpreende dizendo: "Não sei".

Meu coração dispara.

“Mas parece que não consigo parar”, conclui ele, com a voz baixando mais uma oitava.

Ele se aproxima de mim, com o quadril roçando no balcão à medida que se aproxima.

Engulo em seco, apenas para descobrir que minha garganta está um deserto.

“Blake”, ele murmura.

"Hum?" Inclino meu rosto para cima, em direção ao dele, com o pulso acelerado.

Seus olhos descem até minha boca. A tensão entre nós é palpável. Estou praticamente a inalando. Como isso está acontecendo? Desde quando Wyatt Graham me olha como se quisesse me beijar?

E desde quando ele estende a mão e acaricia meu rosto?

E baixar a cabeça?

E-

Sem aviso prévio, seus lábios roçam a lateral do meu pescoço.

É um carinho leve como uma pena, um roçar quase imperceptível, mas mal consigo respirar. Não quero fazer nenhum som nem mover um músculo, com medo de que ele pare.

Sua mão desliza para cima, os dedos longos roçando minha cintura por cima do suéter. Enquanto permaneço ali, paralisada de desejo, ele beija o caminho até minha orelha, causando arrepios por onde sua boca toca. Sua respiração está quente no lóbulo enquanto meu nome, mais uma vez, escapa de seus lábios.

“Blake…”

Eu me obrigo a falar, mesmo que isso signifique quebrar o encanto. "O

que você está fazendo?"

"Não faço a mínima ideia", ele murmura contra minha bochecha. "Quer que eu pare?"

“Não”, sussurro.

A barba por fazer no queixo dele faz cócegas na minha mandíbula, e eu inclino o rosto, desesperada por um beijo de verdade, mas ele me nega. Em

vez disso, aqueles lábios famintos encontram meu pescoço novamente, e eu solto um suspiro quando ele de repente me levanta e me coloca sobre a bancada. Meu traseiro se choca contra o granito, e então sou presa por seus braços, seus bíceps se contraindo enquanto ele paira sobre mim.

Lentamente… dolorosamente devagar… ele começa a me abaixar para trás.

Instintivamente, minhas mãos se enrolam em seu pescoço, e um calor surge em seus olhos quando minhas unhas cravam em sua pele.

Ele tem um cheiro tão bom. Não sei que aroma é esse, mas estou louca para senti-lo. Algo um pouco picante, um pouco defumado e totalmente masculino. Os lábios dele estão a poucos centímetros de distância. Meu Deus, eu quero beijá-lo mais do que quero respirar.

“Isso…” Ele enterra o rosto na curva do meu pescoço novamente. “É

uma péssima ideia.”

Ele tem razão. Estamos no balcão da cozinha da casa dos pais dele. A qualquer momento, alguém pode descer e nos pegar.

Mas eu não conseguiria impedir isso nem se tentasse.

Sua língua percorre meu pescoço ao mesmo tempo em que ele afasta minhas coxas e se posiciona entre elas. Ele se pressiona contra mim, e eu gemo ao sentir sua ereção longa e grossa pressionando dentro de suas calças jeans.

"Você está excitada?" Sua voz é um sussurro provocante no meu ouvido, e suas mãos agora apertam minha cintura, puxando

lentamente meu corpo para mais perto do dele.

“Hum-hum”, consegui dizer.

"Você está molhada para mim?" Ofegante, Wyatt mexe os quadris e se esfrega contra meu centro pulsante.

Estou chocada com a rapidez com que o prazer aumenta. Como é natural envolver minhas pernas em volta dele e mover meus quadris ao encontro de suas estocadas. E sim, estou molhada para ele. Estou



encharcada. Desesperada para arrancar minha calcinha, rasgar sua calça jeans e puxá-lo para dentro de mim. Enquanto agarro seu zíper, ele se esfrega com mais força, e sou momentaneamente distraída pela onda de prazer que percorre meu clitóris.

Puta merda, estou quase gozando.

Aperto as pernas em volta dele, buscando um contato mais profundo, alívio, qualquer coisa que alivie a dor incessante entre minhas pernas.

Quando seu pênis grosso roça novamente meu clitóris, um gemido rouco e desesperado escapa, alto o suficiente para acordar uma ou seis pessoas.

E para finalmente quebrar o feitiço.

Ele levanta a cabeça abruptamente e agora está olhando para mim, com os olhos selvagens e turvos. Como se percebesse o que está fazendo, ele cambaleia para trás.

Imediatamente sinto tristeza pela perda do calor do seu corpo, os vestígios do orgasmo iminente dissipando-se como uma nuvem de

vapor.

"Jesus", ele murmura. "Vai dormir, Blake. Por favor."

Meus lábios ainda formigam, ansiando pelo beijo que quase aconteceu.

Meu corpo continua tremendo por causa do peito dele me prendendo no balcão e do pau duro pressionado contra mim.

Eu o encaro, meu coração batendo tão forte que chega a doer. "Eu não quero ir para a cama."

As pálpebras de Wyatt se fecham por um segundo, depois se abrem enquanto ele passa a mão pelos cabelos. "Então eu farei."

Uma onda de decepção me invade ao vê-lo desaparecer escada acima.

Ele não olha para trás. Nem uma única vez.

Não consigo pregar o olho. Estou muito agitada. Muito excitada. Muito irritada. Muito confusa.

Tudo demais.

Eu não sou o tipo de garota que gosta de drama. Se gostasse, já teria aceitado namorar o Isaac; ele é o mais melodramático e exagerado que existe. Eu, por outro lado, sempre me esforcei para ser o mais livre de dramas possível, e é por isso que o comportamento errático e imprevisível do Wyatt ontem à noite me irritou tanto.

Por que diabos ele mexeu com a minha cabeça desse jeito?

Embora eu acorde ao amanhecer, me obrigo a permanecer na cama até um horário menos absurdo, finalmente descendo as escadas por volta das 6h45. Todos os outros ainda estão dormindo. Não ouço

nenhuma voz sussurrada. Nenhum passo suave. Por isso, levo um susto ao entrar na cozinha e encontrar Wyatt tomando um café no balcão.

O mesmo balcão onde ele me esfregou até eu perder o êxtase ontem à noite.

“Bom dia”, diz ele.

O tom dele é… normal. Sem constrangimento. Nem um traço de tensão.

“Bom dia”, respondo.

“O café está fresco.” Wyatt acena com a cabeça na direção do balcão.

Escondo minha expressão de desagrado enquanto caminho até a cafeteira. "Você conseguiu dormir alguma coisa?"

"Na verdade, não." Ele me observa, tomando seu café casualmente como se não tivesse me incendiado apenas seis horas atrás.

Um silêncio se instala na cozinha. Pego uma caneca no armário. Wyatt não diz nada enquanto eu sirvo o café, e eu o observo por cima da borda da caneca.

Os segundos passam. O silêncio se prolonga.

Finalmente, não aguento mais.

“Não vamos falar sobre ontem à noite?”

Uma ruga surge em sua testa. "O que você quer dizer?"

Eu o encaro. "Você não se lembra do que aconteceu?"

Wyatt me lança um olhar vago que me dá um nó no estômago. "Eu estava meio fora de mim", admite ele, coçando a nuca. "Fiz alguma

besteira?"

Procuro em seu rosto por um mínimo lampejo de memória, mas tudo o que vejo é uma curiosidade vazia. "Você não se lembra de nada?"

“Não. Eu estava bêbado.” Ele analisa minha expressão. “Droga. Eu fui um babaca com você? O que eu disse?”

O nó no meu peito aperta ainda mais. Ele realmente não se lembra.

“Não”, digo, dando de ombros forçadamente. “Você não foi um completo idiota. Só fez alguns comentários sobre o Isaac e nosso relacionamento.”

Ele sorri levemente. "Desculpe. Provavelmente eu só estava tentando te proteger."

Então, daquele jeito irritantemente protetor que ele demonstrava dois anos atrás, ele estende a mão e bagunça meu cabelo.

“Não me escute, garoto. Eu não entendo nada de amor.” Wyatt dá de ombros. “Você deveria dar uma chance ao seu jogador de futebol. Parece que ele gosta mesmo de você.”

Sinto minhas bochechas queimando. Não sei se fico mortificada ou furiosa. "Sim. Claro. Obrigada, Wyatt. Talvez eu vá."

CAPÍTULO1

BLAKE

Mordido por um jacaré em um areal

Dias de hoje

OS AEROPORTOS FORAM CRIADOS PELO DIABO PARA TESTAR A HUMANIDADE.

Sinceramente, não consigo imaginar uma experiência mais desumanizante. Não importa se você está chegando ou partindo — você é conduzido para filas como o gado desprezível que é, amontoado em currais disfarçados de portões e forçado a implorar por pedaços de assento e água que não custem vinte e seis dólares.

Resumindo: estou pronto para matar alguém quando uma voz estática no sistema de som anunciar que, após um infeliz atraso de quarenta e dois minutos, nossas malas finalmente estão sendo descarregadas do avião.

Então, por favor, tenham paciência. A esteira vai cuspir essas malas a qualquer minuto. Prometemos.

É oficial. Agora moro no Aeroporto Logan. E nunca mais vou sair daqui.

Quando eu era criança, meu pai me disse que este aeroporto tinha sido batizado em homenagem a ele. Pior ainda, ele manteve a mentira por tanto tempo que eu usei essa informação falsa como uma "curiosidade" sobre mim durante uma apresentação na sexta série. "O Aeroporto Logan tem o

nome do meu pai, o famoso jogador de hóquei", me gabei para a turma, momento em que minha professora me repreendeu: "Isso não é verdade.

Não contamos mentiras nesta sala de aula, Blake", e eu fui para casa chorando.

Falando em meu pai, ele liga enquanto estou esperando na área de retirada de bagagens com o resto do gado.

"E aí, pai." Analiso a esteira de bagagens, que finalmente está liberando as primeiras malas. Viajei de classe executiva, então minha mala deveria ser a primeira a sair. Teoricamente. Este aeroporto já me prejudicou uma vez esta noite.

“Ei, querida. Você ainda está no aeroporto?”

"Sim." Eu já tinha mandado uma mensagem para ele assim que pousamos, mas sabia que isso não seria suficiente para satisfazê-lo. Ele precisa ouvir minha voz. Caso contrário, ele vai presumir que o avião caiu no Atlântico e que minha mensagem de "acabei de pousar!" foi uma mensagem pré-agendada ou uma falha no sistema do celular.

Já mencionei que meu pai é um pouquinho superprotetor?

"Queria que você me deixasse te buscar", resmunga o pai.

“Meu carro está no aeroporto. Estacionamento de longa duração, lembra?”

Um homem dá um passo à frente e me empurra com força enquanto tenta encontrar sua mala. Eu o encaro pelas costas porque ele tem, tipo, dois metros e meio de altura, e agora não consigo ver a esteira de bagagens.

Você quer vir jantar em casa amanhã à noite?

"Talvez", digo distraidamente. "Vou ver o que Isaac está pensando."

Há uma pausa.

Há sempre uma pausa.

É isso que acontece quando seu pai não suporta seu namorado.

“Quer dizer, se ele estiver ocupado, você ainda pode vir”, diz o pai em tom esperançoso.

“Não demonstre muito entusiasmo com a possibilidade de eu ir sozinha.”

“Olha, garoto, não é que eu não goste dele —”

“Você o odeia”, interrompi.

“Eu não o odeio. Eu simplesmente não gosto dele.”

Me engasgo com o riso e desvio do gigante à minha frente. Espiando as malas e mochilas que surgem, finalmente vislumbro algo vermelho. Sempre amarro um elástico de cabelo colorido na alça da minha mala preta.

“Pai, estou vendo minha bolsa. Vou desligar agora.”

Eu me desligo antes que ele possa discutir e abro caminho a cotoveladas entre os viajantes que esperam. Posso ser pequena, mas namorar um jogador de futebol me ensinou alguns truques. Nem peço desculpas ao cara que grita de indignação quando meu braço bate nas costelas dele. A culpa é dele por não ter se mexido quando eu disse: "Com licença".

Pego minha mala e, dali, é um pulo até o estacionamento. Cinco minutos depois, estou saindo da garagem do aeroporto ao volante do meu Land Rover. Bem, do Isaac. Ele tem dois carros, então me deixa dirigir o SUV enquanto ele sempre pega o Porsche.

Meu pai, claro, acha que a paixão do Isaac por carros é muito doentia e um sinal de psicopatia. Isso vindo do filho de um mecânico que consegue reconstruir um motor sem pestanejar. Porque quando ele está envolvido com carros, é um hobby totalmente normal e saudável.

Mas e se Isaac Grant gosta de carros? Estou prestes a ser o tema de um documentário sobre crimes reais.

Pelo menos minha mãe não odeia abertamente o homem com quem estou morando. Abertamente sendo a palavra-chave. Tenho a impressão de que ela também não o ama, mas nunca diria isso em voz alta. Minha mãe tem muito mais tato do que isso.

Ainda sem mensagem do Isaac, percebo. Isso é estranho. Meu pai e sua turma de amigos chamam o Isaac de "bombardeiro de amor". Mesmo agora,

depois de dois anos e meio juntos e um ano morando juntos, eles se recusam a dar uma chance para ele. A essa altura, acho que meu pai e os amigos do hóquei simplesmente odeiam o Isaac porque ele joga futebol americano. Dito isso — e não estou dizendo que meu namorado seja um bombardeiro de amor, mas — o Isaac me manda mensagens o tempo todo.

Estou em Paris há duas semanas e, mesmo com o fuso horário, ele me mandava mensagens o tempo todo.

Esta noite, ele ignorou minha mensagem de texto assim que aterrissei e a que acabei de enviar quando estava a caminho de casa.

Uma sensação estranha aperta meu estômago quando dou uma olhada no meu celular. Ele acende no instante em que o olho, mas meu alívio inicial se transforma em irritação ao ver que é meu pai.

Chocante.

"Você precisa de ajuda", digo em vez de um "olá". Entro na rampa de acesso à rodovia. "Ajuda séria. Precisamos te encaminhar para terapia."

“Você desligou na minha cara”, ele acusa.

“Sim, porque estou ocupado.”

“Você está a caminho daquele seu prédio chique?”

"Não é tão sofisticado assim", protestei.

Para ser justo, é verdade. Isaac não perdeu tempo em gastar seu bônus de assinatura da NFL. Estou orgulhoso dele, e não tenho dúvidas de que ele terá uma temporada de estreia incrível neste

outono. Em Briar, ele era a estrela do time, ajudando-os a conquistar três campeonatos nacionais, e foi eleito MVP por três anos consecutivos.

"É que você não leva jeito para construção", diz o pai. "Você adora casas. E varandas. Varandas grandes e aconchegantes, que circundam a casa, onde você pode sentar numa cadeira de vime e ler. Onde você lê, Blake? Ele está te privando da leitura?"

"Meu Deus, para com isso. E sabe de uma coisa, pai? Eu adoro casas, mas também não me importo com apartamentos. E mesmo que não me

importasse, às vezes é preciso fazer concessões em relacionamentos, não é?"

"Ah, é mesmo? Ele fez concessões? Você ainda tem um ano de faculdade pela frente. Ele nem se deu ao trabalho de achar algo no meio termo? Quando eu jogava pelo Providence e sua mãe ainda estudava em Briar, a gente encontrou um lugar entre Hastings e Boston. Enquanto isso, o namorado te faz viajar uma hora e meia para ir à faculdade?" Meu pai resmunga, insatisfeito.

Para ser sincera, isso me irritou um pouco. Como o Isaac conseguiu se formar um semestre antes, ele me convenceu a rescindir o contrato de aluguel em Hastings e nos mudarmos para Boston, onde ele ficaria mais perto do novo time e teria acesso a melhores instalações de treinamento. Ele começa o período de treinos daqui a alguns meses e está determinado a se destacar. E ele estava tão empolgado com esse apartamento. É difícil dizer não para o Isaac quando ele olha para você com aqueles olhinhos pidões de menino.

Ainda assim, recuso-me a dar ao meu pai a satisfação de estar certo.

"Está tudo bem. Na verdade, não me importo com o trajeto. Consegui alguns dos meus livros didáticos em áudio, então consigo estudar enquanto dirijo."

“Você sempre vai defender essa batata, não é?”

Soltei uma risada abafada. "Ele não é uma batata!"

“Boa observação. Eu gosto de batatas.”

“Pai”, eu aviso.

“Tudo bem. Vou deixar isso para lá.”

“Não, você não vai. Você só vai reclamar dele na próxima vez que a gente conversar. Enfim, eu já vou indo. Diga à mamãe que mandei um abraço e eu mando uma mensagem para ela depois.”

O resto da viagem transcorreu maravilhosamente tranquilo. Exceto que, droga, voltou. Aquela sensação incômoda no estômago. Um zumbido no

meu corpo me implorando para voltar, jantar com meus pais, não ir àquele prédio chique perto de Beacon Hill.

Certa vez li sobre uma senhora na Flórida que ignorou seu sexto sentido. Ela escreveu um livro de memórias inteiro sobre isso. Ela afirma que, em uma manhã de domingo qualquer, cada célula do seu corpo lhe dizia para não levar os filhos ao parquinho naquele dia, mas ela ignorou as sensações de formigamento e vibração no estômago.

Moral da história? Se você não der ouvidos ao seu sistema de alerta interno, vai acabar sendo mordido por um jacaré em um tanque de areia.

Mas isso provavelmente não vai acontecer comigo esta noite.

Passo meu cartão-chave no leitor para entrar no subsolo do prédio e subo de elevador até o vigésimo terceiro andar, equilibrando minha bolsa e arrastando minha bagagem. Enquanto caminho pelo corredor acarpetado em direção à porta do meu apartamento, sinto um

arrepio na nuca. Algo parece estranho, mas não consigo descobrir o quê.

Nunca me senti insegura em relação ao nosso relacionamento. Sim, Isaac chama a atenção por onde passa e está prestes a se tornar uma estrela da NFL, mas nunca me preocupei que ele pudesse se cansar de mim. Ele é apaixonado por mim e tem sido um bom namorado. Nem me passou pela cabeça que ele pudesse me trair.

E, no entanto, enquanto me aproximo da porta, com o celular no silencioso por falta de mensagens do Isaac, imagino um rastro de roupas do hall de entrada até o nosso quarto.

Um sutiã descartado, uma tanga, sua cueca…

Você está agindo como um louco, me informa uma voz.

Com certeza. Se ele estivesse me traindo, não teria ninguém lá dentro agora. Não estou surpreendendo ele por chegar mais cedo. Ele sabia que eu voltaria hoje à noite. Me desejou um bom voo oito horas atrás, e depois me repreendeu quando eu disse que isso depende do piloto e está fora do meu

controle. O Isaac não é exatamente fã do meu humor seco, embora eu suspeite que seja principalmente porque ele geralmente não o entende.

Giro a chave na fechadura e entro no apartamento. Involuntariamente, meu olhar se detém no chão polido. Sem marcas de roupa íntima. Isso é um bom sinal.

"Amor?" Eu chamo.

Nenhuma resposta. Mas os sapatos dele estão no corredor. As chaves e a carteira estão na bancada da cozinha. Eu me aventuro mais para dentro do apartamento em direção ao nosso quarto, ainda lutando contra aquela sensação de ansiedade. Me sinto louca.

A porta está entreaberta. Lentamente, eu a empurro para abri-la.

Ele está deitado de lado, uma perna comprida esticada para fora do lençol torcido. Meu olhar se fixa brevemente em sua coxa musculosa antes de subir até seu bíceps esculpido. Seu braço está em volta do travesseiro, que ele aperta contra o peito, do jeito que costuma me abraçar quando adormecemos juntos.

Um alívio me invade, e um sorriso surge em meus lábios.

Ele está dormindo profundamente em nossa cama.

Sozinho.

Já mencionei que ele está sozinho?

Agora me sinto um completo idiota por sequer ter pensado que ele pudesse não ser.

Paro na porta, admirando-o. A luz do sol que entra pelas persianas lança um brilho dourado sobre o deus dourado na minha cama. Ou melhor, o deus ruivo. Isaac nega veementemente quando você aponta que ele tem cabelo ruivo, mas insistir que seu cabelo é "loiro com um toque de morango" não muda isso.

Um gemido suave vem da cama. Ele se mexe um pouco. Odeio interromper seu cochilo, mas estive fora por duas semanas e senti saudades dele.

Sento-me na beira da cama e passo os dedos delicadamente sobre sua barba castanho-avermelhada. Ele não se barbeia há vários dias.

"Ei", digo baixinho. Me inclino e roço meus lábios em sua testa.

Ele se mexe, as pálpebras tremulando. Ele se contrai por um segundo, e então seus olhos se abrem lentamente. Um sorriso feliz curva seus lábios.

"Amor", ele diz. "Você está aqui."

Meu coração dispara ao ouvir seu tom jubilante. "Estou aqui."

Ele pisca algumas vezes. "Ah, droga. Desculpe. Eu estava dormindo.

Queria tirar um cochilo rápido depois do jantar para poder ficar acordado até tarde e te adorar."

Eu sorrio. "Conservando suas forças para o culto. Eu aprovo."

“Como foi o voo?”

"Foi bom."

Ele me puxa para perto e me abraça, depois começa a me encher de beijos no pescoço e no rosto até eu começar a rir.

"Senti muita saudade de você", murmurou Isaac contra minha bochecha.

“Eu também senti sua falta.”

Nossos lábios se encontram ao mesmo tempo em que meu celular vibra no meu bolso. Ele o sente contra a coxa e dá uma risadinha.

“Amor, vamos deixar os brinquedos sexuais para depois do jantar?”

Com um resmungo, peguei meu celular, não para checar nada, mas para colocá-lo no silencioso. Ele não para de vibrar e está me irritando.

“Deixa eu adivinhar”, diz Isaac, suspirando. “Papai?”

“Não, ele já ligou antes. Duas vezes.”

O rosto do meu namorado se contorce em uma expressão de pavor.

"Droga, você não contou para ele que eu não te busquei no aeroporto, né?"

“Sim. Por quê?”

Isaac geme em resposta. "Blake!"

“O quê? Não é nada demais. Para mim, fazia mais sentido estacionar.”

"Sim, mas ele não vai ver as coisas dessa forma. Puta merda, amor, agora ele tem mais uma coisa para usar contra mim."

Engulo meu próprio gemido. A necessidade desesperada de Isaac de obter a aprovação do meu pai tem sido um ponto de discórdia em todo o nosso relacionamento. Não apenas a aprovação do meu pai, mas a de qualquer pessoa, na verdade. Isaac não é feliz a menos que seja adorado por todos. Não é a qualidade mais atraente em um homem, e provavelmente me incomodaria muito mais se não fosse pelo fato de que Isaac adora tanto quanto anseia por adoração.

“Meu pai só está mal-humorado porque você joga futebol americano e não hóquei”, eu o tranquilizo. “Não tem nada a ver com a sua personalidade. No fundo, ele sabe que você é incrível.”

"Tudo bem", resmunga Isaac, e estende a mão para mim novamente.

"Mas agora você me deve uma sessão de amassos para me animar."

Quando meu celular vibra novamente, inclino-me para guardá-lo, mas, ao colocá-lo na mesa de cabeceira, vejo rapidamente a notificação na tela. É

uma mensagem da Gigi, mas só consigo ler o começo.

GIGI Sinto muito, Blakey. São—

Eu franzo a testa. Ela está arrependida? Por quê?

“Espere”, digo quando Isaac pressiona os lábios contra meu pescoço novamente. “Calma, desculpe. Isso parece importante.”

Deslizo o dedo para abrir a notificação e descubro não apenas uma mensagem, mas várias delas.

GIGI Você viu isso?? O Alex acabou de me mandar. Talvez seja um deepfake ou algo assim? Ok, dei uma pesquisada. É legítimo. A garota disse que é real. Ela acabou de divulgar um comunicado oficial. Sinto muito, Blakey. Você está bem?

"O que é isso?", pergunta Isaac, com um tom impaciente na voz.

Dessa vez, não consigo ignorar a sensação de borboletas no estômago.

Nem o arrepio que percorre meu corpo. Lentamente, me afasto dele.

"Amor?", ele insiste.

Eu clico no link que a Gigi incluiu na primeira mensagem dela. Quando a página abre, eu nem me dou ao trabalho de clicar em "Reproduzir".

O título já é ruim o suficiente.

Vídeo íntimo vazado: Jogador promissor do Patriots e líder de torcida flagrados em vídeo explícito que viralizou!



PAPO DE PAI

JOHN LOGAN *Hipótese.* Se alguém quisesse "eliminar" o canalha que partiu o coração da filha, como faria isso sem deixar rastros? Perguntando para um amigo. DEAN DI LAURENTIS O

amigo se chama John? JOHN LOGAN Sim. JOHN TUCKER Eu não sou o amigo. Minhas filhas são capazes de assassinar seus próprios ex-namorados infiéis. Mas eu confessaria e cumpriria a pena por elas. JOHN LOGAN Então, se quiséssemos fazer alguém desaparecer, qual seria o primeiro passo? GARRETT GRAHAM A logística disso é complicada. E também é contra a lei. JOHN

LOGAN Tem que haver um jeito de nos livrarmos dele sem infringir nenhuma lei. Veneno nos shakes de proteína dele? GARRETT

GRAHAM Você erraria as dosagens. Precisamos de algo mais eficiente. COLIN FITZGERALD E se o enviássemos para uma cabana isolada e o trancássemos "acidentalmente" lá dentro por um fim de semana? Para dar a ele tempo para pensar nas suas más decisões? DEAN DI LAURENTIS Como vai, meu cunhado? Que ideia covarde. COLIN FITZGERALD Vou me retirar desta conversa. JOHN TUCKER Acabei de pesquisar. É ilegal trancar alguém em uma cabana. DEAN DI LAURENTIS Recapitulando: assassinato = ilegal. Confinamento forçado = ilegal. Quem diria.

JOHN LOGAN Beleza. Novo objetivo. MTAC. JOHN TUCKER ??

DEAN DI LAURENTIS Por que você é assim? JAKE CONNELLY

MTAC? GARRETT GRAHAM Faça o idiota chorar. JOHN

LOGAN Eu te amo muito, cara. DEAN DI LAURENTIS Mande

uma carta bem incisiva para ele. GARRETT GRAHAM Eu conheço o comissário da NFL. Eu poderia tentar cancelar o contrato de novato dele. JAKE CONNELLY Isso é diabólico, G. JOHN

LOGAN Não o chame de G. Ele é MEU melhor amigo. JAKE

CONNELLY: Estou me retirando desta conversa.

CAPÍTULO2

BLAKE

Machucado, mas não quebrado

JÁ SE PASSARAM SEIS SEMANAS E EU AINDA NÃO CHOREI.

Meus amigos acham isso estranho. A Gigi até me chamou de robô outro dia, o que era brincadeira, eu sei, mas me afetou. Quando seu namorado de quase três anos te trai, é normal chorar, não é?

Historicamente, não sou de chorar muito. Chorar chama a atenção, e essa é a única coisa da qual me esquivei durante a maior parte da minha vida. Mas não é como se eu nunca chorasse. Um filme triste com um cachorrinho perdido ou um relacionamento terminado? Choro como um bebê. Ver a Gigi caminhando até o altar no casamento dela? Soluços.

Logo, sei que sou capaz de chorar.

Então, onde diabos eles estão?

Nos primeiros dias após o nosso término, quando percebi que meus olhos estavam completamente secos e isso não ia mudar, me perguntei se talvez eu nunca tivesse realmente amado o Isaac. Mas isso não me parece certo. Eu o amei, sim, e estou sofrendo com essa perda. Cada vez que penso nele, sinto como se alguém estivesse apunhalando meu coração com mil facas.

Isaac chorou. Quando terminei de arrumar minhas coisas, ele estava em prantos. Histérico. Ele me implorou para ficar, prometendo que isso nunca mais aconteceria.

Mas não há como voltar atrás depois do que ele fez. Se fosse só por causa de um vídeo íntimo? Tudo bem. Quer dizer, não "tudo bem". Eu ainda não o teria perdoado — guardo rancor até o dia da minha morte. Mas talvez fosse mais fácil de aceitar. Numa noite louca, bebeu demais, cedeu à tentação e resolveu filmar tudo como uma estrela pornô amadora de quinta categoria.

Mas não foi apenas uma noite.

Foram muitas, muitas noites.

Durante um ano.

Todas aquelas vezes que ele me disse que ia sair com os amigos, quando ainda morávamos em Hastings, perto do campus, ele estava ficando com a Heather, a líder de torcida. Aparentemente, eles se conheceram quando as Patriots ainda estavam cortejando o Isaac, no terceiro ano dele. Ele alega que não significou nada, que não havia nenhum sentimento envolvido. Foi só uma "coisa sexual". Como se isso melhorasse a situação. Nada disso é melhor.

E eu ainda não chorei, porra.

Pela segunda vez em seis semanas, estou desembarcando de um avião e atendendo a mais uma ligação dos meus pais, desta vez da minha mãe.

Estou morando com eles desde que me mudei, e embora eu ame muito meus pais, estou ansiosa para não ter mais ninguém me perguntando se estou bem a cada cinco segundos.

Para ser justo, depois que a traição foi descoberta, meu pai não organizou um grupo de justiceiros para ajudá-lo a assassinar Isaac. Embora eu tenha ouvido dizer que, no grupo de bate-papo deles, papai e os amigos estavam discutindo se havia alguma maneira de alegar insanidade. É bonito

ele se importar tanto, mas mal posso esperar para sentir o gosto da liberdade.

"Como você está, querida?", pergunta minha mãe enquanto saio do aeroporto e procuro meu transporte na fila de embarque.

Ótimo. Só estou tentando encontrar meu motorista.

Finalmente avisto o sedã prateado e aceno para o motorista, que sai do carro para me ajudar com a mala. Enquanto ele a coloca no porta-malas, respiro o ar da noite, deixando-o me envolver como um bálsamo suave.

É ótimo estar de volta ao Lago Tahoe. Minha família é coproprietária de uma casa aqui com os Grahams. Costumava ser alugada, mas quando a propriedade foi colocada à venda no ano passado, não pudemos resistir. A casa no lago será meu lar pelos próximos três meses, e nunca estive tão animada para uma escapada. Os rostos de sempre começarão a aparecer na terceira semana de julho — fazemos uma grande festa de família aqui todos os anos —, mas, na maior parte do tempo, serei apenas eu e meus pensamentos.

Mas não as minhas lágrimas.

Porque eu ainda não chorei.

O que é normal. Totalmente normal. A terapeuta online disse isso.

"O código do alarme ainda é o mesmo?" Entro no banco de trás, equilibrando o telefone no ombro enquanto coloco o cinto de segurança.

"Sim, eu te mandei uma mensagem", diz a mãe. "Ah, e pedimos para o empregado doméstico ir lá e preparar tudo para você, para garantir que a casa esteja limpa e arrumada."

"Você acha que este será o ano em que finalmente o conheceremos?"

“Meu Deus, querida. Imagina só?”

Eu engulo o riso. Como meu pai gosta de dizer, Houseman Henry é uma lenda urbana por aqui. Nos últimos cinco anos, ele tem sido nosso administrador de imóveis/faxineiro/entregador/faz-tudo, e ainda assim nenhum de nós o conheceu pessoalmente. Ele sempre dá um jeito de fazer

suas tarefas quando não há ninguém por perto. Tio Dean jura que o viu uma vez — ao amanhecer, vestindo xadrez, deixando galões de gasolina extras na garagem de barcos — mas ninguém acredita nele.

“Ele não pode entregar as compras até amanhã”, ela continua, “mas __”

"Não quero que o Henry compre minhas compras", protesto. "Já te disse que pretendo arrumar um emprego neste verão."

“E eu já te disse que não esperamos isso de você. Você tem um emprego de verão todos os anos desde os quatorze anos, querida. Você tem o direito de tirar um verão de folga. Aliás, seu pai e eu preferiríamos que você tirasse.”

Franzi a testa. "Você faria isso?"

“Sim. Este é o seu último verão antes da formatura. Quero que você o aproveite para se conhecer melhor, e não para se distrair com um emprego que não precisa. Sei que você tem uma reserva financeira, e seu pai e eu ficaremos felizes em te mimar neste verão com compras de supermercado.”

O tom dela se torna mais gentil. “Você me disse que estava preocupada com o futuro, e eu não quero que você se preocupe, minha filha. Prefiro que você use este tempo para descobrir o que quer fazer.”

A emoção aperta meu peito. Uma parte de mim gostaria de nunca ter confessado esses medos; não há nada que eu deteste mais do que apontar minhas próprias inadequações. Mas eu deveria saber que minha mãe não me julgaria pela conversa que tivemos semana passada, quando admiti que me assusta o fato de estar entrando no último ano do ensino médio neste semestre sem ter a menor ideia do que farei depois.

A verdade é que nunca senti uma paixão profunda por nada. Minha melhor amiga e colega de fraternidade, Juliette, sabe desde o ensino fundamental que tem interesse em enfermagem. Gigi sabia desde que nasceu que queria jogar hóquei.

Eu, por exemplo, já mudei de curso três vezes, até finalmente me estabelecer em radiodifusão no ano passado. Mas o que vou fazer com um

diploma em radiodifusão? Não tenho nenhum interesse em aparecer na televisão. O rádio praticamente não existe mais. Eu poderia entrar no mundo dos podcasts, mas sobre o quê? Quem ganha a vida fazendo podcasts, afinal? A menos que seu podcast faça sucesso e comece a faturar alto com anúncios, provavelmente vai acabar caindo no esquecimento.

Paixão à parte, não há muita coisa em que eu seja realmente boa. Todos os meus amigos são absurdamente bons em alguma coisa. Na verdade, estou cercada de prodígios. Atletas talentosas como a Gigi, supermodelos como nossa amiga Alex, advogadas de sucesso como a irmã da Alex, Jamie.

Não há nada pior do que ser comum em meio a pessoas extraordinárias.

É até constrangedor.

"Quero que este seja o verão do Blake", diz a mãe com firmeza. "Acho que vai ser muito bom para você."

Mordo o lábio. "Tudo bem", cedo. "Mas vou pesquisar um milhão de empregos para depois da formatura enquanto estiver aqui. Combinado?"

"Fechado. Você já está quase chegando em casa?"

Eu olho pela janela. "Sim."

"Ótimo. Certifique-se de trancar a porta e ativar o alarme quando chegar lá."

"Eu vou."

"E se um assassino em série aparecer—"

"Vou mergulhar do cais e nadar até a casa dos Martin."

Mamãe e eu já discutimos vários planos de contingência sobre como escapar de um assassino. Mas não estou muito preocupada em ser assassinada em Lake Tahoe. Nossa casa fica em um condomínio fechado de alto padrão, uma vantagem que vem de ter um pai com uma longa e ilustre carreira no hóquei profissional, além do meu tio Garrett, que é como um irmão para mim. Nossas famílias têm condições de comprar coisas boas e, embora eu não me considere mimada, reconheço a sorte que tenho e tento nunca me esquecer disso.

"Tem certeza de que está bem?" A voz da mãe suaviza. "Quero dizer, em relação ao Isaac."

"Estou bem", asseguro-lhe, e repito o lema que ela me dizia quando eu era criança, sempre que algo ruim acontecia. Como na quinta série, quando minha melhor amiga terminou comigo sem motivo aparente e passou seis meses torturantes me atormentando. "Machucada, mas não destruída, certo?"

"Exatamente. Eu te amo, minha garota."

"Também te amo."

Guardo o celular na bolsa e me concentro na paisagem pela janela, a escuridão passando despercebida pela minha visão. O motorista não tenta puxar conversa, e eu o adoro por isso. Não tenho sido uma boa companhia para ninguém desde que Isaac resolveu se filmar vestido de caubói dando uns tapas na bunda da Heather enquanto a fodia por trás.

Já mencionei que eles gravaram a sua pequena fita no Halloween?

Heather estava vestida de astronauta sexy e não parava de gritar "Sim, Houston!". Acho que ela não percebeu que Houston não é uma pessoa.

Ambas atrasaram o movimento de libertação feminina em cerca de cem anos.

Este verão fora vai me fazer bem. Preciso desesperadamente disso. E

não para ficar remoendo um coração partido, como meus pais acreditam. A cada dia que passa, Isaac fica menor no meu retrovisor mental. Seis semanas depois, meu ego está mais ferido do que meu coração, e a questão mais urgente que me atormenta é o que diabos vou fazer da minha vida.

Afasto as dúvidas e frustrações de sempre, porque, graças à minha mãe, ganhei um prazo. Não preciso resolver tudo agora. Tenho três meses para elaborar um plano.

Três meses para me conhecer melhor.

Os pneus do carro rangem sobre o cascalho, parando nos enormes portões de ferro, onde preciso me inclinar para fora da janela para digitar o

código. Alguns instantes depois, a imponente casa à beira do lago surge à vista.

Nossa casa é um pouco... peculiar. Localizada na margem oeste, possui 743 metros quadrados e oferece vistas panorâmicas da água e das montanhas da Sierra Nevada ao redor. É mais um complexo, com a casa principal, vários anexos e uma magnífica casa de barcos de dois andares com um apartamento de quatro quartos no andar superior.

Foi uma longa viagem desde Boston, mas quando o carro parou e eu vislumbrei a casa, com suas enormes janelas que refletiam o lago e o céu, cada quilômetro pareceu valer a pena.

Enquanto o motorista sai do carro para pegar minha mala, respiro fundo o ar alpino. Adoro o cheiro daqui. Tão fresco e revigorante. Como liberdade.

"Muito obrigada", digo ao homem de cabelos escuros, e então espero até que o carro desapareça na longa entrada de automóveis antes de me virar em direção aos largos degraus de pedra.

Digitei outro código na entrada principal e as enormes portas duplas se abriram para mim. Outro aroma familiar invadiu minhas narinas, trazendo uma sensação de satisfação. Cedro, couro e fumaça de lareira. O interior é uma mistura de pedra natural e vigas expostas. Janelas do chão ao teto oferecem vista para o deck superior que circunda a casa, com vistas deslumbrantes para o deck inferior, o cais e a casa de barcos.

Arrasto minha mala em direção à grande escadaria e a deixo lá embaixo.

Subo com ela mais tarde. No andar de cima ficam doze quartos, a maioria com banheiro privativo, enquanto três deles têm beliches de parede a parede para acomodar os grandes encontros familiares que fazemos todo verão.

Quando eu era mais nova, as meninas se amontoavam em um quarto e faziam festas do pijama que duravam o mês inteiro. Como somos

as famílias coproprietárias, os Grahams e eu agora temos nossos próprios quartos.

Entro na cozinha e abro a geladeira, sem grandes expectativas, já que Henry só vai trazer as compras amanhã. Mas me surpreendo ao encontrar um engradado de cerveja e uma prateleira inteira de água com e sem gás.

Pego uma garrafa, mas logo penso "que se dane" e acabo pegando uma das cervejas do engradado. É uma IPA meio experimental, o que não faz diferença para mim, porque toda cerveja tem o mesmo gosto, não importa de onde venha ou qual seja o nome.

Caminho pela sala principal em direção às portas francesas e desço até o deck, saboreando minha cerveja enquanto me aproximo do parapeito. Uma leve brisa acaricia minha nuca, chamando minha atenção para o lago.

Degraus de pedra natural serpenteiam até o segundo deck, no andar de baixo, e descem ainda mais até o cais. Temos até nossa própria praia particular e um longo píer que se estende a partir da casa de barcos.

Está fresco lá fora, mas não me importo. Desço as escadas até o cais, as ripas desgastadas rangendo levemente sob meus tênis enquanto caminho até a beira. Uma sensação de paz me invade enquanto escuto o zumbido baixo dos insetos e o suave murmúrio da água batendo nos pilares de madeira sob o convés.

A lua está baixa no céu esta noite, praticamente ao alcance da mão. Sua luz cria linhas prateadas na água. O Lago Tahoe é tão lindo. Eu me imagino morando aqui em tempo integral um dia.

"Este vai ser um bom verão", murmuro para mim mesmo.

Minha voz soa tão baixa no ar calmo da noite. Engulo outro gole da minha cerveja no exato momento em que o cais range novamente.

Percebo um movimento repentino e viro a cabeça, e meu coração dispara quando vislumbro a figura sombria a poucos metros de distância.

Ele cambaleia em minha direção, emitindo um rosnado grave e ameaçador.

Puta merda.

Ele rosnou para mim. Como um maldito rottweiler.

"Não chegue perto de mim!", gritei.

Com o medo e a adrenalina correndo nas minhas veias, ajo por instinto.

Não vou ser a mulher mordida pelo jacaré na caixa de areia. De jeito nenhum.

Com um grito agudo, arremesso a lata de cerveja no meu potencial agressor. Sou recompensada com um estalo alto, como se tivesse atingido um osso. Ele solta um grito de indignação, mas eu já estou me lançando para frente para chutá-lo nos testículos, exatamente como o Mestre Kato nos ensinou na nossa aula de defesa pessoal para mães e filhas. Isso me rende um palavrão abafado antes que o rosnado se curve imediatamente, me dando preciosos segundos para escapar.

Giro para correr, mas meu calcanhar prende em uma tábua e, de repente, o cais se move sob meus pés. Perco o equilíbrio e caio.

Por alguma razão inexplicável, o assassino em série tenta me acalmar.

De repente, me dei conta de que estávamos os dois caindo de cabeça no lago.

CAPÍTULO3

WYATT

Blake Logan está tirando a roupa.

ACORDEI DE UM SONO MARAVILHOSO E AGORA ESTOU ME AFOGANDO.

Literalmente.

Água gelada me envolve. Um frio glacial, gélido, que penetra as roupas e corta até os ossos. Minha respiração escapa em uma nuvem de bolhas enquanto meu corpo se contrai diante do choque. A água congelante do Lago Tahoe é quase imprópria para banho em maio, durante o dia. À noite, parece que meus pulmões se fecharam. Meu Deus. Eu realmente não consigo respirar.

Meus instintos de sobrevivência se manifestam quando me vejo completamente submerso. Meu moletom e calça de moletom estão tendo o efeito contrário — em vez de me aquecerem, estão me puxando para o fundo do lago. Enquanto pequenas agulhas perfuram cada centímetro de pele exposta, luto contra a vertigem e a desorientação, impulsionando-me para cima com os pés descalços. Alguns segundos depois, emerjo, ofegante.

O ar que respiro está ainda mais frio que a água, mas pelo menos estou respirando novamente.

Ouço alguém ofegando ao meu lado e olho para o lado para encontrar a criminosa que fez isso comigo. Essa garota entrou descaradamente na minha casa, abriu uma cerveja e veio passear até aqui admirando o lago como se estivesse de férias. Não sei quem ela é, mas—

"Wyatt?"

Hesito ao ouvir meu nome escapar de seus lábios. Leva um segundo para reconhecê-la.

"Blake?" Cuspi um bocado de água do lago. "Que diabos você está fazendo aqui?"

Estamos ambos boiando, com os braços se movendo em círculos e as pernas chutando debaixo d'água.

“Eu? O que você está fazendo aqui? Ninguém deveria estar aqui!”

Ela me pegou nessa. Eu realmente saí de Nashville e vim para Tahoe sem avisar ninguém. Para minha defesa, eu faço essas coisas o tempo todo.

Não sabia que precisava mandar um roteiro para todos os amigos da família sempre que fico inquieta.

“Meu Deus, eu consigo ver minha respiração”, ela murmura. “Podemos, por favor, ter essa discussão em terra firme?”

Sem esperar por uma resposta, ela começa a nadar para longe. Nado atrás dela, e ambas estamos encharcadas e tremendo incontrolavelmente quando finalmente conseguimos subir a escada até o cais. E minha maçã do rosto esquerda está latejando. Eu a toco delicadamente e faço uma careta.

"Você jogou cerveja em mim", eu acuso.

Ela não demonstra nenhum remorso. "Porque você se aproximou sorrateiramente por trás de mim no escuro e rosnou."

“Eu não rosnei. Eu disse ‘oi’”.

“Parecia um rosnado.”

Cerrei os dentes. "Minha voz estava rouca porque eu tinha acabado de acordar. Encontrar um ladrão no meu cais—"

“Meu Deus, você é tão dramático(a). Esta casa também é minha.”

“Sim, uma casa onde você não deveria estar.”

“Nem você!”

"Então isso te dá o direito de jogar uma lata de cerveja em mim?", questiono.

"Você me empurrou para dentro do lago!", ela resmunga.

“Não, você tropeçou e me puxou junto.”

Nós duas nos encaramos com raiva. Parecemos ratos afogados. O

cabelo castanho de Blake está grudado no rosto e nas bochechas, e seus dentes batem tão alto que consigo ouvir.

"Preciso tirar essas roupas molhadas", ela resmunga, pondo fim à discussão mais irritante que já tive. "Acho mesmo que estou com hipotermia."

“Você não tem hipotermia.”

“Você não sabe disso”, diz ela por cima do ombro, afastando-se pisando duro.

Eu a observo partir, a frustração me paralisando no lugar.

Blake Logan.

Porra.

De todas as pessoas que poderiam ter aparecido para atrapalhar meu verão, o universo tinha que mandar justamente a garota que venho evitando há anos.

Abafando um gemido, caminho arrastando os pés em direção à espreguiçadeira onde eu dormia tranquilamente antes de Blake decidir arruinar minha noite. Meu violão está encostado na cadeira ao

lado, que está coberta de papel, todas as folhas que arranquei do meu caderno espalhadas pelo tecido de lona. Junto os papéis, enfio-os no caderno, pego o violão pelo braço e subo as escadas para o convés principal. Cada degrau é pontuado pelo barulho da água chacoalhando nas minhas roupas encharcadas.

Em vez de entrar pela cozinha, Blake contorna a casa pela lateral. Eu a alcanço quando ela entra cambaleando na lavanderia, um cômodo enorme cheio de cabides, sapateiras e armários com toalhas de praia. Blake se aproxima do longo banco que ocupa uma parede inteira. Quando percebe que estou parada na porta, ela me encara novamente.

“Vire-se”, ela ordena.

Dou-lhe alguma privacidade, mas é impossível não ouvir o que se passa atrás de mim. Os ruídos de água a espremer e a bater no chão enquanto ela tira a roupa encharcada, cada peça a cair com um plop.

Blake Logan está tirando a roupa.

Jesus Cristo, porra.

"Está bem", diz ela um minuto depois. "Estou bem."

Fico aliviado em ver que ela está usando um roupão azul-real agora. Só que o roupão fica escorregando do ombro dela, a gola aberta o suficiente para revelar a curva da clavícula e a pele lisa e pálida por baixo. Aposto que os mamilos dela estão duros por causa do frio. Imagino de que cor sejam.

Rosa claro, aposto. Como pequenas pérolas redondas e rosadas.

Puta merda.

Estou ficando excitado.

"Pare de me encarar assim", ela murmurou. "A culpa não foi minha."

Ela acha que estou olhando feio para ela. Acho que tudo bem. Melhor do que ela saber que estou imaginando chupar os mamilos dela.

Ela sacode a cabeça e, em vez de um cachorro molhado, o que sai é uma deusa molhada, com longas mechas grudadas em suas bochechas pálidas como fitas escuras. Desvio o olhar e tento me distrair do meu pau semi-ereto tirando meu moletom encharcado. Jogo-o no banco, evitando o olhar tempestuoso de Blake e me lembrando de que é isso que acontece quando você não transa.

É só isso. Seis meses de celibato cobrando seu preço em mim. Nada a ver com a mulher de roupão.

“Por que isso é tão grande?” Ela levanta uma das mangas e observa-a cair. Ela está realmente se afogando naquele roupão.

Dou um sorriso irônico. "Tenho quase certeza de que é do Dean."

"Como você sabe?"

Aponto para o bolso do peito. As iniciais DDL estão bordadas nele com linha branca. Dean Di Laurentis. O roupão que pego para mim diz JT. John Tucker.

"Eles têm robes com monogramas combinando?" Blake suspira. "Por que eles são assim?"

"Eles" se refere ao meu pai e aos amigos dele da faculdade. São como irmãos, só que do tipo que são próximos demais e se metem na vida um do outro o tempo todo. Conversam diariamente em vários grupos de bate-papo.

Viajam juntos. Compartilham piadas internas obscuras e pegadinhas que nenhum dos filhos entende ou se importa em tentar. É... intenso.

“Talvez depois de usar uniforme de hóquei por quase toda a vida, você precise do seu nome em todas as outras peças de roupa que possui”, respondo. “Tenho quase certeza de que mandaram fazer

essas roupas depois que o Tucker construiu aquela sauna lá atrás para a Princesa Alex."

Enquanto Blake se dirige para a porta que dá para dentro da casa, eu tiro minhas calças de moletom e cueca e visto meu roupão. Ele me serve bem, mas sou quase trinta centímetros mais alto que Blake e tenho pelo menos trinta quilos de músculos. Deixo nossas roupas jogadas no banco. Vou colocá-las na secadora mais tarde. Agora, preciso me aquecer.

Eu a sigo até a cozinha. Ela afasta algumas mechas molhadas do rosto, e uma gota de água do lago escorre da ponta do seu cabelo. Apenas uma gotinha minúscula. Eu a sigo com a intensidade de um cachorro observando o jantar do dono. Ela desliza pelo pescoço até o ombro e desaparece sob o tecido atoalhado como uma provocação. Então o roupão escorrega do seu ombro novamente, revelando a pele macia.

Eu reprimo um gemido e me viro.

Essa coisa de abstinência sexual era para me ajudar a combater o bloqueio criativo. Segundo Cole Tanner, meu ex-colega de banda, o celibato reinicia a criatividade. Não permite distrações, promovendo apenas foco puro. Êxtase artístico da alma em vez de orgasmos corporais sem propósito.

Mas meu amigo claramente não levou em conta o corpo nu de Blake por baixo daquele roupão.

A última vez que estivemos sozinhas, também foi na cozinha.

Com um balcão.

Então a levantei e a estendi como um banquete para eu devorar.

E eu quase fiz isso. Ainda me lembro do cheiro maravilhoso dela, de coco e morango, pura tentação. Fresca e doce, exatamente como a

própria Blake. E quando eu passava a língua pelo pescoço dela, beijando e chupando sua pele macia, ela tinha um gosto tão bom.

Eu gostaria de culpar o álcool pelo que fiz naquela noite, mas seria mentira. Eu não estava tão bêbado assim. Eu queria prová-la. Queria abrir suas pernas e deixá-la sentir o quanto ela me excitava.

Naquele momento de imprudência, permiti-me dar uma mordida no fruto proibido que é Blake Logan.

Antes disso, eu tinha conseguido evitá-la por dois anos, desde que ela confessou que estava apaixonada por mim. Ela tinha dezesseis anos na época. Eu tinha dezenove, prestes a fazer vinte. Para ser sincero, eu nunca a tinha olhado daquela forma antes daquele dia. Nunca a tinha olhado de verdade. Mas eu sou homem, e quando uma garota diz que te quer, isso planta uma semente na sua cabeça. Te faz pensar. Então comecei a prestar atenção. Comecei a notar.

E reparei em coisas que não devia.

Gosto de como os olhos dela são incrivelmente azuis.

O tom da sua risada, como soa como uma canção.

O sarcasmo dela.

As paredes dela. Não sei por que estão ali, mas sempre me senti atraído por paredes.

Mas ela era jovem demais, então cortei o assunto pela raiz. Nem me permiti cogitar a possibilidade.

Até a véspera de Natal, quando ela apareceu em nossa casa mais linda do que deveria, com aquele cabelo escuro e ondulado que implorava pelos dedos de um homem e aqueles grandes olhos azuis emoldurados por cílios escuros. Falando sobre um jogador de futebol idiota que queria tê-la como namorada, enquanto me lançava olhares

furtivos, praticamente gritando aos quatro ventos que eu poderia tê-la se tomasse a iniciativa.

Como um idiota, tomei uma atitude.

E depois fingiu não se lembrar.

Eu sou um completo idiota.

"Preciso infundir chá quente nas minhas veias", anuncia Blake. Ela caminha até a chaleira elétrica sobre a bancada reluzente e começa a enchê-la com água.

“Parece ótimo”, admito. “Você pode fazer um para mim?”

Ela olha por cima do ombro, esperando. "Por favor?"

“Não vou pedir por favor à garota que me jogou no lago.”

“Você me empurrou—” Ela para, com os olhos arregalados. “Ai, não.”

"O que?"

“Então talvez eu tenha quebrado seu rosto.”

Apesar de mim mesma, uma risada escapa. Vou até o espelho no corredor para examinar meu reflexo, suspirando ao ver minha bochecha.

Blake me acertou bem no osso, e a pele já está começando a ficar roxa.

Com certeza vai ficar roxo amanhã. Perto o suficiente do meu olho para que possa virar um olho roxo também.

"Não me responsabilizo pela hipotermia", diz Blake quando volto para a cozinha, "mas peço desculpas, com toda a gentileza, pela lata de cerveja."

"Onde você aprendeu a arremessar assim, garoto? Treinou com um jogador da liga principal?"

"Meu pai", ela diz antes de franzir a testa para mim. "E não me chame de criança."

"Por que não?"

“Porque eu não tenho cinco anos de idade.”

Eu me sento em um dos bancos do balcão. "Como quiser, garoto."

Ela ignora isso. "Deixe-me encontrar algo para o seu rosto."

Enquanto esperamos a água ferver, ela vasculha o congelador e tira uma bolsa de gelo.

"Tire isso de perto de mim!", eu grito. "Ainda estou congelando."

Ela ignora isso também, pressionando a mochila contra o lado esquerdo do meu rosto. "Confie em mim. Você vai me agradecer amanhã."

Minha respiração falha, e espero que ela não perceba. Seu rosto está tão perto do meu que consigo praticamente distinguir cada sardinha. A cor finalmente está voltando às suas bochechas, dando-lhes um tom rosado.

"Você tem muitas sardas", murmurei.

“Nossa, sério? Nunca reparei.” Deixando-me com gelo na bochecha, ela pega duas canecas do armário. “O que você está fazendo em Tahoe, Wyatt?

Comprei minha passagem há quatro dias. Até perguntamos aos seus pais se alguém estaria aqui antes de meados de julho, e eles disseram que não.”

“Sim, foi uma decisão meio impulsiva.”

“Eles não sabem que você está aqui?”

“Bem, presumo que agora sim.” Eu a encaro com um olhar significativo.

Blake revira os olhos. "O quê, eu estraguei tudo? Você estava tentando se esconder da sua família?"

“Não se esconder. Apenas… reagrupar.”

“Reagrupem-se”, ela repete.

"Sim."

Não costumo dar muitos detalhes. Já é difícil o suficiente para mim entender o que se passa na minha própria cabeça, quanto mais articular isso para outras pessoas. Minha mente está em um estado perpétuo de caos.

Quando estou escrevendo, consigo canalizar o ruído em algo belo. Algo produtivo. Mas quando estou bloqueada, o ruído se torna ensurdecedor.

Já faz um ano.

Faz um ano inteiro que não escrevo nada. Nada de bom, pelo menos. Eu esperava que uma mudança de ares pudesse ajudar, mas Blake acabou com os meus planos.

“Por quanto tempo você vai ficar aqui?”, pergunto com cautela.

“O verão inteiro.”

Droga. Era esse o meu plano.

A chaleira começa a chiar, desviando sua atenção. Ela continua de costas para mim enquanto prepara nosso chá, me dando a oportunidade de observá-la sem consequências. Seus longos cabelos caem em ondas úmidas pelas costas do roupão, com as pontas onduladas. Talvez haja algo de errado comigo, algum instinto adormecido que ela desperta em mim, porque reparo no cabelo de Blake toda vez que ela está no mesmo cômodo que eu, minha mente inundada de imagens de todas as coisas que eu poderia fazer com ele.

Enrole-o em volta dos meus dedos.

Aperto meu punho nele.

Use isso para puxar a cabeça dela para trás enquanto eu a penetro por trás —

Eu pisquei os olhos quando ela deslizou uma caneca na minha frente.

"Obrigado", digo, soando mais irritado do que pretendia. Odeio para onde meus pensamentos vagam quando ela está por perto. Sim, eu gosto de transar, mas não sou nenhum tarado obcecado por sexo que fantasia em pegar todas as mulheres ao meu redor. Me irrita não conseguir controlar a luxúria que Blake desperta em mim.

Eu engulo o chá de hortelã, acolhendo o líquido escaldante. Talvez uma garganta queimada me distraia da minha ereção incômoda.

“Quanto tempo você vai ficar aqui?”, ela pergunta.

“Não sei. Provavelmente durante todo o verão também.”

“Bem, nós dois não podemos estar aqui.”

“Que bom que concordamos nisso.” Ergo uma sobrancelha. “Então, quando você vai embora?”

Ela fica boquiaberta. "Com licença?"

É. Estou sendo um idiota. Não me importo. Preciso me concentrar em compor, em colocar minha música de volta nos trilhos. Não tem como eu passar o verão inteiro em contato íntimo com essa garota. Me torturando com a beleza dela e me lembrando de todos os motivos pelos quais não posso ficar com ela.

“Não podemos ficar as duas, o que significa que uma de nós tem que ir, certo?” Dou de ombros. “Eu cheguei primeiro.”

"Não vou embora." Ela empina o queixo, a personificação da obstinação.

“Sim, você é, garoto.”

“Por favor, pare de me chamar assim.”

Agora ela parece cansada, e quando observo seu rosto, percebo isso. A fadiga em seus olhos. O jeito como sua boca treme um pouco, como se fosse um desafio manter o maxilar firme naquela linha teimosa.

“Sabe de uma coisa?”, ela finalmente diz, pousando a xícara de chá.

“Tanto faz. Não preciso da sua permissão para ficar na minha própria casa.

Então, com licença, vou subir para o quarto azul para desfazer as minhas malas—”

“Estou na sala azul.”

Ela franze a testa. "Mas o quarto azul é o meu quarto."

“Aqui não temos quartos reservados, Logan.”

“Sim, temos. O quarto da Gigi é o amarelo. Nossos pais têm as duas suítes principais. O meu é o quarto azul. E o seu é o quarto da montanha.”

“O que posso te dizer? Estou dormindo no quarto azul.”

Um silêncio sepulcral toma conta da cozinha.

Blake me encara, sem emitir um único som. Pela primeira vez desde que quase nos afogamos, ela parece realmente perturbada.

“Pare de me encarar assim”, resmungo. “Não é nada demais. Fique com o quarto amarelo. A Gigi não vai estar aqui por meses.”

Seu lábio inferior começa a tremer.

Estreito os olhos. "O que está acontecendo agora?"

Sua respiração fica irregular.

Ah, entendi. "Você está tentando me manipular?", digo, divertida.

"Porque isso não funciona comigo." Minha irmã gêmea fazia isso o tempo todo quando queria conseguir o que queria. Sou imune às lágrimas de crocodilo de uma mulher. "Não vou desistir do quarto azul. Já me instalei."

De repente, Blake cai em prantos.

Não são apenas lágrimas — são soluços. Soluços agudos, convulsivos e profundos. E não parecem nem soam como soluços fingidos.

Como não sou um completo idiota, puxo seu antebraço e a trago para perto de mim. "Ei, vem cá. Para de chorar, Logan."

Sem dizer uma palavra, ela esconde o rosto na frente do meu roupão, seu corpo esguio tremendo a cada soluço incontrolável. Um pouco atordoado, envolvo seus ombros trêmulos em meus braços, tentando confortá-la.

“Pelo amor de Deus, Blake, é só um quarto. Eu... Cristo, tudo bem.

Pode ficar com ele.”

Ela tenta falar, mas outro lamento escapa em vez de palavras.

Massageio seus ombros, sentindo seu peito subir e descer abruptamente a cada inspiração superficial. Leva alguns minutos até que ela se afaste, enxugando o rosto molhado com as mangas largas do roupão.

"Desculpe", ela balbucia, com os olhos vidrados e avermelhados. Ela geme de angústia. "Nem sei por que estou chorando."

As lágrimas continuam escorrendo por suas bochechas e, embora não seja o momento de notar, percebo que ela chora de um jeito bonito. Já vi crianças chorando de forma desleixada, com ranho e manchas de lágrimas, mas Blake consegue disfarçar. Acho que são as sardas. Elas fazem as lágrimas parecerem fofas.

"Sinto muito", ela diz novamente.

“Está tudo bem. Vou arrumar minhas coisas—”

"Meu namorado fez um vídeo íntimo com uma líder de torcida do New England Patriots", ela dispara.

Pisquei, surpresa com a interrupção repentina. "Ah. Sim. Eu sei. Tem sido o assunto mais comentado em todos os grupos de bate-papo da família nas últimas semanas."

Ela solta uma risada abafada. "Claro que sim."

Respirando fundo, ela passa a manga pelo rosto mais uma vez, enxugando as lágrimas que ainda persistiam. Pega a xícara de chá, bebe o resto de um gole, bate-a na mesa e endireita os ombros.

“Isso não aconteceu”, diz ela com firmeza. “Você não me viu chorar.”

“Quem estava chorando?”

Um leve sorriso surge em seus lábios. "Além disso, como um gesto de boa fé, ficarei com o quarto amarelo. Mas amanhã precisamos definir as regras básicas para o verão. Porque haverá regras básicas."

Seus olhos me prendem, agora penetrantes e sérios. Meu Deus. São tão azuis. Um azul claro e arejado, como o céu limpo durante o dia, mas com tanta profundidade que por um segundo esqueço como respirar.

Eu poderia ficar olhando para aqueles olhos a noite toda e nunca me cansar.

Em vez disso, desvio o olhar, porque preciso. Por mais inexplicavelmente atraído que eu esteja por ela, isso nunca vai acontecer. A

verdade é que eu acabaria com ela. Porque garotas como Blake se apaixonam perdidamente, e eu não sou o tipo de cara que fica por perto para ampará-las.

CAPÍTULO4

BLAKE

Por que ele precisa estar sem camisa?

A LUZ DO SOL INVADE O QUARTO E REFLETE NAS PAREDES AMARELAS, ME

arrancando de um sono surpreendentemente tranquilo. Imaginei que teria pesadelos me afogando no lago enquanto Wyatt gritava do píer: "Aguenta firme, garoto!", mas dormi muito bem.

Me viro e encontro várias mensagens de texto da Juliette no meu celular, todas desta manhã, porque me esqueci da diferença de fuso horário quando a bombardeie com mensagens ontem à noite. Só na quinta mensagem me lembrei de que ela está três horas à minha frente, na Costa Leste, e que para ela já eram duas da manhã.

Acomodando-me de lado, leio as respostas dela ao meu desabafo sobre Wyatt ter arruinado meu verão.

JULIETTE: Arruine o verão dele de novo. Ande por aí de topless 24

horas por dia, 7 dias por semana, para que ele fique constantemente frustrado.

Com um sorriso de canto de boca, digito uma resposta rápida.

Sinceramente, ele provavelmente nem notaria.

São onze da manhã para ela, então não me surpreende vê-la respondendo imediatamente.

JULIETTE Os garotos sempre reparam nos peitos. Sempre. Acho que você subestima o quão invisível eu sou para esse cara.

JULIETTE Você não era invisível na noite em que ele te atacou no balcão da cozinha como um Papai Noel tarado. Bem que era. Ele nem se lembra que isso aconteceu.

Uma pontada de ansiedade me aperta o estômago enquanto imagino o resto do verão na minha cabeça. Compartilhando refeições com ele. Vendo-o no cais, na água, esparramado no sofá. Esta é uma casa grande, mas não vou conseguir evitá-lo a cada segundo do dia. Estaremos praticamente um em cima do outro, e não de uma forma sensual. A palavra sensual não existe no vocabulário do Wyatt quando se trata de mim.

Não posso passar o verão com ele, Jules. E ele foi um tremendo idiota ontem. Me respondeu com grosseria e agiu como se eu tivesse aparecido aqui de propósito para arruinar os planos dele.

JULIETTE: Você precisa parar de dar tanto poder a esse babaca.

Ela tem razão. Eu me importo demais com o que Wyatt Graham pensa de mim.

Mas eu não sou mais aquela adolescente patética com estrelas nos olhos. Vou fazer 21 anos em breve. Sou adulta, uma mulher feita que não precisa implorar pela atenção de um homem. E se o Wyatt quiser ser um idiota comigo, eu posso ser uma idiota também. Não estou mais interessada em impressioná-lo. O que provavelmente é uma coisa boa, porque desabar em lágrimas nos braços dele ontem à noite não é jeito de impressionar ninguém.

Mas, ei, pelo menos finalmente chorei. Acho que não sou um robô, afinal.

JULIETTE Ah, aliás, eu fui ao seu prédio ontem e peguei aquela caixa como você pediu. O Isaac deixou lá embaixo com o porteiro.

Me animo. Finalmente! Venho mandando mensagens para o traidor toda semana durante o último mês, insistindo para que ele empacote algumas coisas que eu tinha esquecido no apartamento.

Obrigada. Eu te amo muito. O Gato finalmente voltou para onde pertence! JULIETTE Então. Sobre isso. Tenho más notícias. A caminho.

Uma foto surge de repente, provocando um suspiro de indignação.

Meu Deus. Que idiota.

Já estou digitando uma nova mensagem, desta vez para Isaac, enquanto saio da cama. Clico em Enviar e saio para o corredor descalça, meu mau humor só piorando. Se eu estivesse no quarto azul, teria um banheiro privativo, mas graças a Wyatt, sou obrigada a usar o banheiro do corredor.

Dentes escovados e bexiga vazia, pego meu celular e desço as escadas, entrando na cozinha ao som de um Wyatt muito irritado. As portas francesas estão escancaradas, deixando a brisa fresca da manhã entrar.

Nossa casa fica voltada para o leste, o que significa que acordamos todas as manhãs com a Serra Nevada banhada pela luz do dia. É deslumbrante.

Wyatt está de pé no convés, de costas para mim. Sem camisa.

Meu Deus, por que ele tem que estar sem camisa?

Com a luz do sol incidindo no ângulo perfeito para realçar as linhas fortes de suas costas, não consigo evitar admirá-lo. Aliás, não consigo evitar admirá-lo. Tudo no corpo de Wyatt, cada maldito centímetro dele, é digno de admiração. Ombros largos, cintura fina. Músculos definidos que ondulam sob sua pele bronzeada a cada movimento. Ele se aproxima da grade, e seus cabelos agora captam os raios de sol, parecendo mais dourados do que castanhos.

Pelo jeito que ele está, você diria que ele é um atleta como o pai, e não um músico atormentado e fumante inveterado. Gigi me disse que ele parou de fumar, mas pelo visto não. Um cigarro pende do canto da boca, dando-lhe um ar perigoso. E o cabelo está mais comprido do que da última vez que

o vi. Cai constantemente sobre a testa, me dando uma vontade irresistível de afastá-lo.

Passo pela longa mesa de jantar, que está coberta com peças de um quebra-cabeça recém-começado. Não quero ouvir a conversa de Wyatt, mas também não quero interromper, então me certifico de que meus passos sejam bem altos ao entrar na cozinha para me servir um café. Claro, ele mal me notou a vida toda, então por que hoje seria diferente?

"É, pai, eu ouvi você. Eu não sou um completo idiota, tá bom? Eu vou

—" Wyatt para de falar, vira-se para a porta e me vê na cozinha. "Certo, a Blake acordou. Eu preciso ir. Sabe, preciso garantir que ela

esteja alimentada e hidratada.”

Fiquei boquiaberto. Que porra é essa?

Ele apaga o cigarro no cinzeiro e entra na casa como se não tivesse acabado de falar de mim da maneira mais desumanizadora possível.

"Alimentado e hidratado?", pergunto, devolvendo-lhe as palavras.

Ele se dirige à cafeteira. "Desculpe, isso foi mais para o benefício do meu pai."

"Às minhas custas", rosno. "Eu não sou um maldito animal de estimação, Wyatt."

“E eu não sou uma babá, porra.”

“Ótimo, porque eu não preciso de um. Não me importo com o que seu pai diz—”

“Não é só o meu pai”, ele interrompe, irritado. “São todos eles.” Ele ergue o celular, agitando-o no ar. “Eles me arrastaram para o bate-papo do papai contra a minha vontade e me avisaram que, se eu não proteger o nosso precioso Blake Logan com a minha vida, então eu, e cito, ‘sacrifico’

a minha vida.”

“Eles não fizeram.” Estreito os olhos.

Sem dizer uma palavra, Wyatt desbloqueia o telefone e o desliza pelo balcão. Eu me inclino para frente, lendo rapidamente as últimas mensagens

do chat.

Meu Deus do céu! Meu pai realmente disse isso.

JOHN LOGAN Se você não a proteger com a sua vida, você sacrifica essa vida. GARRETT GRAHAM Você percebe que está falando com meu único filho, não é? DEAN DI LAURENTIS

Lembra de quando Logan era normal? JOHN TUCKER Você ainda terá seu genro, G. Você pode sacrificar um. WYATT GRAHAM

Vocês são todos loucos. Por favor, me tirem deste hospício.

“Depois que saí do grupo, meu pai me ligou para reforçar a mensagem”, resmunga Wyatt enquanto pega uma xícara de café. “Recebi ordens expressas para não sair do seu lado neste verão.”

"Sério? Pois bem, adivinhe só? Você vai me deixar. Aliás, vai ficar o mais longe possível de mim."

Ao levar a xícara aos lábios, noto a marca roxa que se forma em sua maçã do rosto. Sinto uma pontada de culpa, mas não o suficiente para me desculpar novamente. Ele me atacou de surpresa como um animal selvagem do cais na noite passada. Não me arrependo de nada.

Somos interrompidos pela vibração do meu celular com duas mensagens. Isaac respondendo à minha mensagem irritada. Ótimo.

Eu viro o resto do meu café de uma vez e vou pisando duro em direção à pia.

"Ele está nos seus contatos como 'o traidor'?" Wyatt pareceu se divertir com a situação.

Me viro e o encontro olhando fixamente para a minha tela. "Pare de ler minhas mensagens", ordeno.

“Por que você ainda não o bloqueou?”

“Porque temos assuntos inacabados.”

“Você não pode estar pensando em aceitá-lo de volta.”

“Não sou. E mesmo se fosse, não é da sua conta.” Arranco o telefone da minha mão antes que ele possa ler mais notificações.

Minha irritação atingiu níveis altíssimos. Tudo o que eu queria era ter um verão agradável e relaxante. Fazer uma reflexão profunda. Definir meu rumo na vida. Em vez disso, estou presa aqui com o cara que riu quando eu disse que gostava dele e que, dois anos depois, simplesmente esqueceu de ter esfregado o pênis em mim.

Afastando-me de Wyatt, clico no tópico de bate-papo para ver que besteira Isaac quer me contar esta manhã.

O TRAIDOR. Eu não esqueci de colocá-lo na caixa. Vou ficar com o Gato.

Fiquei boquiaberta. Esperava uma desculpa, não uma confissão. Digitei uma resposta furiosa.

Você NÃO PODE estar falando sério. O TRAIDOR. Falando sério mesmo. Ele pertence a mim. Pelo amor de Deus, Isaac. Isso não é uma disputa pela guarda de uma criança. Eu que o comprei. O

TRAIDOR. E eu que dei o nome a ele. Eu criei um vínculo com ele.

Você nunca respeitou as configurações de temperatura. Meu Deus!

Como isso está acontecendo agora? É uma torradeira!!! O

TRAIDOR. Viu? É por isso que você não o merece. Você o subestima. Ele tem um modo croissant.

“Esta é uma criança.” A voz de Wyatt ecoa por cima do meu ombro, fazendo-me sobressaltar.

"Pare de ler minhas mensagens", digo, exasperada.

“Você se dá conta disso, não é, Logan? Você namorou uma criança.”

“Sim, agora está tudo claro, Graham. Muito obrigado por ter me alertado.”

“Dito isso, e por favor, não me odeiem, mas…” Os lábios de Wyatt se contraem. “O senso de humor dele é excepcional.”

"Nem pense em elogiá-lo", murmuro, enquanto digito furiosamente outra mensagem.

Você usou o modo croissant uma vez e depois reclamou por uma hora porque ele ficou torrado demais. O Hot Boi é meu. Eu o quero de volta. O TRAIDOR. Todos nós queremos coisas nesta vida.

Engulo um grito de frustração. Por que os homens são tão loucos?!

“Parece que você ainda está a fim desse cara”, diz Wyatt, com leveza, enquanto toma um gole de café. “Senão, você não estaria arrumando briga por causa de uma torradeira.”

"É a minha torradeira", respondi bruscamente. "E é uma questão de princípio."

“Como você quiser, garoto.”

Uma onda de raiva me atinge em cheio. "Não." Levanto o dedo em sinal de súplica, porque já chega. Cansei. Completamente cansada. "Me chame disso mais uma vez e eu quebro sua guitarra em mil pedaços."

Ele simplesmente arqueia uma sobrancelha.

“Estou falando sério”, aviso. “Não me chame assim. E me faça um favor? Me deixe em paz. Eu não vou a lugar nenhum, e se você insistir em ficar aqui também, tudo bem, fique. Mas eu não preciso que você fique me vigiando, não preciso que você fale comigo, e sabe de uma coisa? Nem olhe para mim—”

“Você nunca foi tão dramática assim.”

Soltei um palavrão furioso e virei-lhe as costas, porque se eu tivesse que ver aquele sorriso irritante por mais um segundo, provavelmente daria um soco na cara dele. Respirei fundo e tentei me acalmar.

“Isso é muita maturidade, Blake. Simplesmente virar as costas no meio de uma conversa.”

“A conversa acabou”, digo rigidamente, e saio antes que ele possa dizer mais alguma coisa.

Passei o resto da manhã evitando-o. Tomei café da manhã sozinha na varanda da frente e depois me aconcheguei com um suspense sobre uma mulher que acorda uma manhã e descobre que tem uma família inteira da

qual não se lembrava. Não entendo por que ela está tão assustada. Eu adoraria acordar para uma vida completamente nova. Uma em que meu pai não se intrometesse constantemente na minha vida, meu namorado não transasse com líderes de torcida e meu antigo crush não me visse como uma criança mimada e estorvadora.

Eventualmente, meu mau humor começa a me cansar, então visto um maiô por baixo da roupa e preparo uma pequena bolsa. Protetor solar, toalha, fones de ouvido, garrafa de água. Pronta para ir. Só faltam as chaves do bowrider, a lancha de 7,3 metros que nossas famílias compraram no ano passado. É o único barco em que me sinto confiante ao leme; nosso barco de cruzeiro e iate a motor são grandes demais.

As chaves do barco não estão penduradas no gancho de sempre, então saio e avisto Wyatt lá embaixo, no cais. Ele está com o violão no colo, mas não está tocando, muito ocupado rabiscando em seu caderno. Uma garrafa de cerveja está sobre a mesa ao lado dele e, como de costume, ele está fumando um cigarro, seus dedos longos

jogando uma pilha de cinzas no cinzeiro de plástico ao lado da cerveja.

São apenas onze da manhã. Será que os pais dele sabem que ele vem a Tahoe para fumar sem parar e beber durante o dia?

Eu deveria estar cuidando dele.

Desço os degraus de pedra que serpenteiam pela lateral da casa. O lago se estende infinitamente à minha frente, águas de um azul profundo cercadas por picos nevados e encostas cobertas de pinheiros. Meu Deus, que lugar lindo. Não há uma única nuvem no céu hoje.

Ao inclinar a cabeça para o sol, ele se instala em meu peito e me aquece de uma forma que não sentia há semanas. Pela primeira vez desde que soube da traição de Isaac, meus ombros relaxam um pouco.

No extenso cais, cadeiras Adirondack estão dispostas em ângulo em direção à água. Perto dali, meia dúzia de espreguiçadeiras estão alinhadas em uma fileira organizada, algumas delas à sombra de um enorme guarda-

sol vermelho. Meus chinelos batem na madeira enquanto caminho até a cadeira de Wyatt.

"Certo", anuncio. "Vamos discutir isso como adultos."

Ele levanta o olhar, com fumaça saindo do canto da boca. Dá uma última tragada e apaga o cigarro no cinzeiro.

"Ah, então estamos conversando agora?" Seus olhos brilham com divertimento.

Soltei um suspiro lento e calmo. "Desculpe por ter perdido a paciência antes. Só não gosto de ser tratada como se fosse uma

planta ou um maldito chihuahua. Dito isso, se vamos ficar aqui durante o verão, precisamos de regras."

“Eu não gosto de regras.”

“Que surpresa. O Sr. Músico Atormentado não quer seguir nenhuma regra.” Cruzo os braços sobre a frente do meu moletom branco curto.

“Acho que a única maneira de lidar com isso é você ficar fora do meu caminho e eu ficar fora do seu.”

“Ainda há tempo para você ir”, ele diz arrastado, e, caramba, isso dói.

Ele não me quer aqui, eu entendo. Mas isso não deveria doer tanto quanto dói.

"O quê, você está com medo de que eu atrapalhe seus planos?", provoco. "Que eu atrapalhe sua maratona de pegação?"

"Desfile de pegação??" ele repete, revirando os olhos.

“Sim. Não é segredo que você já destruiu metade do lago.”

Me arrependo das palavras no instante em que elas escapam. Mas é a verdade, pelo que sei. Gigi não comenta sobre a vida sexual do irmão —

acho que ela prefere ficar de fora —, mas a maioria dos outros jogadores de hóquei, como nos chamamos, não tem nenhum pudor em fofocar.

Segundo Alex, o pênis de Wyatt é uma atração popular em Lake Tahoe.

Uma obsessão, até, se os rumores sobre Rosie forem verdadeiros.

Aparentemente, Wyatt ficou com uma moça da região chamada Rosie, que

ficou tão arrasada depois do término que sua família vendeu a casa e se mudou para Reno. Mas não sei se acredito nessa parte. Nenhum pai tomaria decisões imobiliárias com base na vida amorosa da filha.

“Eu não diria metade.” Seus olhos verdes adquirem um brilho presunçoso. “Mas não posso prometer que não trarei alguém para casa.”

Isso também dói.

Caramba.

Não deve arder.

"Que escândalo", digo sarcasticamente.

“Também não posso prometer que ficaremos no meu quarto…”

“Meu quarto, você quer dizer. O quarto azul é meu.” Ergo uma sobrancelha quando suas palavras fazem sentido. “Então, o que você está dizendo? Que eu posso esperar descer até o cais à noite e encontrar algum morador aleatório da cidade me fazendo sexo oral?”

“Talvez. Eu gosto de uma boa mamada no cais.”

Não consigo impedir que a imagem involuntária me venha à cabeça.

Wyatt desabotoando as calças e tirando o pênis para fora. Guiando-o para dentro de uma boca quente e receptiva.

Minha boca quente e disposta.

"Se você se comportar bem, talvez eu até deixe você assistir", diz ele despreocupadamente.

Minha boca fica completamente seca. Tento engolir, mas parece que está cheia de algodão.

Esse homem é uma contradição irritante. Ele pode ir de misterioso e reservado a um paquerador incorrigível num piscar de olhos. E você nunca, jamais sabe qual versão dele vai encontrar. Já o vi usar todo o seu charme com as amigas da Gigi, com o Alex, com mulheres aleatórias na rua. Ele as atrai com aqueles olhos semicerrados e sedutores até que as roupas delas desapareçam, e então — bam! — ele se fecha. Olhos fechados, exibindo

aquele sorriso enigmático. Aquele que avisa: não investigue muito a fundo, você não vai gostar do que vai encontrar.

Sempre me senti atraída por aquele sorriso despreocupado e por todos os segredos que ele guarda. Ele desperta algo dentro de mim.

Finalmente encontro minha voz. "Se você está tentando me assustar, não vai funcionar. Eu não vou embora. Este é o meu verão, não o seu."

"Não dá para simplesmente reivindicar o 'verão' como seu. Ele pertence a todos nós. Mas se você está determinado a ficar, então acho que devemos fazer o possível para nos deixarmos em paz."

"Perfeito. Você pode sentar no cais e escrever suas canções deprimentes

__"

"E você pode lamber suas feridas", conclui ele.

"Não estou me lamentando. Estou me reagrupando", digo, repetindo a frase dele da noite passada. "Enfim, ótimo. Isso está resolvido. Agora, onde estão as chaves da lancha? Não estão onde costumam ficar."

"Ah, eu os tenho aqui. Por quê?"

"Porque vou levar o barco para passear."

“Nem pensar.”

“Eu sei pilotar um barco.” Todos nós temos carteira de habilitação náutica desde os doze anos. É a primeira coisa que nossos pais nos obrigam a fazer quando começamos a vir para Tahoe.

“Olha”, diz ele firmemente, “não estou levando a sério a tarefa de cuidar das crianças, não importa o quanto Logan me ameace. Mas seus pais me matariam se eu deixasse você dirigir o barco sozinha. E se ele virar?”

"Por que ele iria virar?", perguntei, sem conseguir responder.

“Não sei. E se uma onda gigante atingir a costa?”

“Uma onda gigante no Lago Tahoe?”

“Ou você fica sem gasolina—”

“Então eu te ligo. Tem sinal nesse lago. Não é como se eu fosse ficar completamente incomunicável.”

Rangendo os dentes, Wyatt deslizou da espreguiçadeira, segurando o violão pelo braço. "Tanto faz. Se você insiste em pegar o barco, então eu vou com você."

CAPÍTULO5

WYATT

Isso te excita ou algo assim?

A LANCHA CORTA O LAGO, SEU CASCO BATENDO CONTRA A ÁGUA. BLAKE

acelera mais, e o rugido do motor ecoa pela margem arborizada, com jatos de água branca explodindo de ambos os lados da embarcação.

Normalmente, eu adoraria. A névoa fina molhando meu rosto, o céu azul acima de nós e a água azul abaixo. Infelizmente, a pessoa que está pilotando o barco é um lunático.

"Vai mais devagar!", grito para Blake.

Ela olha para mim, seu rabo de cavalo chicoteando ao vento, os olhos azuis brilhando de entusiasmo.

"Não!", ela grita de volta.

Meu Deus. Talvez o pai dela estivesse certo em me recrutar. Por que eu não sabia que Blake Logan era um aventureiro? Esse é o tipo de besteira irresponsável que eu e meus amigos faríamos. E eu não gosto de ter que ser o adulto da história.

Agarro-me ao corrimão lateral enquanto a proa salta a cada corte brusco na água agitada.

“Droga, Logan!”

Ela ri ainda mais enquanto o Lago Tahoe se desdobra num borrão selvagem ao nosso redor. Quando estou prestes a ir até lá e arrancá-la à força do banco do piloto, ela alivia o acelerador e começamos a diminuir a velocidade. O vento cessa e consigo ouvir meus próprios pensamentos novamente. Então ela corta o acelerador completamente e coloca em ponto morto. Finalmente.

"Satisfeito consigo mesmo?", pergunto.

Ela se vira e sorri para mim. Seu cabelo está um emaranhado, e eu observo com uma fascinação que detesto sentir enquanto ela o solta do rabo de cavalo e o penteia com os dedos até que ele caia em cascata sobre um ombro.

Com um suspiro de satisfação, ela diz: "É tão bom pilotar o barco sem meu pai me observando do cais com um binóculo."

Dou uma risadinha. De todos os amigos do meu pai, John Logan é o mais divertido, isso eu admito. Tucker é bonzinho demais, todo meloso. E

Dean tem essa autoconfiança que às vezes cansa. Tipo, cara, dá pra parar de ser tão charmoso? Ele nem se esforça; é só o jeito dele.

Logan é o hilário. Uma presença sólida e tranquila, sempre presente quando você precisa dele. Se ele te ama, demonstra isso rapidamente. Ele é muito expressivo, ao contrário da filha, essa morena de cabelos rebeldes e olhar cauteloso. Quando criança, eu sempre me perguntava o que Blake escondia por trás daquele olhar indecifrável. Isso me intrigava, mesmo quando criança.

Como adulto, esse pensamento se torna muito mais intenso, porque não só quero saber todos os seus segredos, como também quero ver aqueles olhos brilharem. Quero vê-los puros e sem reservas. Quero ver como ficam escuros e com as pálpebras pesadas quando ela tem um orgasmo.

Puta merda. Aposto que os olhos dela ficam lindos quando ela está chegando ao orgasmo.

“Você quer ancorar aqui?” Ela já está tirando as sandálias.

Eu tusso, saindo de meus pensamentos impróprios. "Claro."

Pego o carretel da corda e vou até a proa para lançar a âncora. Ela cai na água com um estalo satisfatório, a linha chiando entre meus dedos até finalmente se esticar. Uma sensação de paz me invade enquanto o barco balança no mesmo lugar, com o sol alto acima de nós ondulando sobre a água. Cria um efeito hipnotizante. Como moedas de ouro espalhadas pelo lago.

Guardo a imagem. É bonita. Talvez combine com uma música.

Com o sol a pino, tiro a camisa e a jogo de lado. Blake abre o zíper do seu moletom curto, ficando apenas com um top de biquíni rosa e um shortinho jeans que mal cobre o bumbum.

"Vou tomar um pouco de sol", diz ela, abrindo o botão do short enquanto finjo não notar.

Caminho descalço até a parte de trás do barco, onde deixo cair meu violão descuidadamente no assento acolchoado. Ah, Betty. Minha velha companheira. Este violão já passou por muita coisa. Não está mais brilhante, agora está num tom marrom fosco. Algumas tarraxas estão tortas e há um arranhão profundo na lateral do braço.

"Tem certeza de que sua preciosa guitarra deveria estar a bordo?", zomba Blake. "Não está preocupado? Sabe, quando a onda gigante chegar."

“Não. A Betty é a guitarrista do barco. Ela conhece os riscos.”

“Seu violão de barco se chama Betty? E o que é um violão de barco?”

"É uma guitarra que não me importo de perder. Se ela cair no mar, eu sobrevivo. Comprei-a por vinte dólares numa loja de segunda mão. O quê, você acha que eu traria uma das minhas guitarras de verdade para cá?"

“Não estou familiarizado com seus hábitos de transporte de guitarra, Wyatt.”

Ela está se livrando dos shorts agora. Desvio o olhar. Depois, volto a olhar, porque sou homem e não tenho força de vontade quando se trata dessa garota. O corpo dela é tão gostoso. Bunda empinada, pernas longas,

peitinhos lindos. E aquelas sardas. Estão por toda parte. Quero mapeá-las com a língua.

Empurro meus óculos de sol da testa para a ponte do nariz. É minha única defesa contra o olhar selvagem que tenho certeza que estou ostentando. Também me permite observá-la aplicar protetor solar sem parecer que estou a encarando abertamente enquanto ela espalha o creme pelos braços, pela clavícula, pela barriga, entre os seios.

Pare de procurar.

Certo. Engolindo em seco, abro o zíper da minha mochila e começo a procurar meu caderno de partituras até que meus dedos encontram a capa de couro gasta. Preciso me concentrar em algo além dos peitos da Blake. Ela é muito nova para mim.

Ela tem vinte anos, lembra uma voz na minha cabeça.

Verdade. E ela vai fazer vinte e um anos em breve — o aniversário dela é em julho. Então, por mais que eu queira continuar a vê-la dessa forma, ela realmente não é mais uma criança.

Eu também não. Vou fazer 25 anos neste outono. O que me leva à seguinte pergunta: o que diabos está acontecendo com o tempo? Parece que foi ontem que eu tinha 18 anos e disse aos meus pais que não queria ir para a faculdade e que ia me mudar para Nashville para lançar minha carreira musical. Aí pisquei e já se passaram seis anos, sem nenhuma carreira à vista. Claro, eu ganho a vida fazendo shows. Tenho um número razoável de reproduções nas plataformas de música e muitas visualizações no meu canal de vídeos. Mas não estou tocando em estádios lotados nem ganhando Grammys, né?

Minha mãe ganhou seu primeiro Grammy aos vinte e cinco anos.

Odeio que meu cérebro fique sempre remoendo esse fato. Preciso me lembrar constantemente de que a trajetória musical da minha mãe não é a típica. A maioria das pessoas não consegue um emprego com um grande produtor logo depois da faculdade. Elas não têm a oportunidade de

trabalhar no álbum de um artista de hip-hop em ascensão. De compor e produzir o hit que vai arrebatar todas as premiações daquele ano.

Minha mãe tem um talento incrível, mas também teve sorte. Outros compositores não têm tanta facilidade. Um exemplo disso é eu.

A ironia é que eu poderia ter tudo fácil. Mas a única coisa que eu nunca farei é usar as conexões da minha mãe para alavancar minha carreira, mesmo que todos ao meu redor insistam que eu sou um completo idiota por não fazer isso.

Nosso barco começa a balançar um pouco mais forte. Ouço um motor, seguido por um assobio que corta a água em nossa direção.

"É você, Wyatt?", pergunta uma voz feminina.

A elegante lancha branca se aproxima, revelando três mulheres mais velhas com óculos de sol grandes e chapéus de aba larga. Todas vestem biquínis minúsculos e exibem curvas impressionantes.

Com os olhos semicerrados por trás dos meus óculos Ray-Ban, escondo um sorriso ao reconhecer Liz Brown. Ela tem uma casa aqui perto.

“Ei, Sra. Brown”, eu grito.

“Querida, o que eu te disse sobre me chamar de Sra. Brown? É Liz.” Ela levanta os óculos de sol até a testa e olha para dentro do nosso barco. “Essa não é a Gigi, né?”

“Não, sou eu”, diz Blake para nossa vizinha, acenando sem jeito.

“Blake. Oi, Sra. Brown.”

“Blakey? Meu Deus! Olha como você é linda!” Virando-se para mim, Liz me dá um sorriso travesso. “Estamos aqui para passar a semana.

Viagem de garotas—”

"Viagem das meninas!", exclamam suas amigas, agitando seus cálices de plástico para vinho. É óbvio que elas já estão bebendo há... um bom tempo.

“Mas você sabe que é bem-vindo a qualquer hora, Wyatt”, conclui Liz.

“Apareça para tomar uma taça de vinho.”

“Obrigado”, digo sem me comprometer. “Talvez eu aceite sua oferta.”

“Faça isso você mesma, querida.”

Estou sorrindo enquanto eles se afastam em alta velocidade, deixando um rastro de névoa que invade nosso barco.

"Você é bem-vindo(a) a qualquer hora", imita Blake.

Dou uma olhada de relance. "Com ciúmes?"

“Sim, Graham, estou com inveja de você por estar transando com mulheres com o dobro da sua idade em Tahoe.”

“Ei, acho que ela nem tem quarenta anos.”

“Não neguei a parte da transa…”

“Uma vez. Há muito tempo atrás.”

“Mas a gente nunca esquece a primeira vez que se apaixona por uma mulher mais velha, né?”

Com uma risada, pego o tubo de protetor solar que ela deixou na cadeira e abro a tampa. Estou prestes a colocar um pouco na palma da mão quando, pelo canto do olho, vejo seus dedos delicados desfazendo os laços rosa-choque nas costas.

Os dois triângulos deslizam, soltando-se e—

Plop.

“É muito protetor solar”, comenta ela.

Olho para minha mão e percebo que esguichei quase metade do conteúdo do tubo nela.

Jesus Cristo.

Não olhe, porra, digo para mim mesmo.

Em voz alta, dirijo-lhe uma ordem firme, mantendo o olhar fixo nos seus olhos. "Vista a blusa de novo."

Ela me olha como se eu fosse a louca. "Não. Eu já disse que quero me bronzear."

“Faça isso de maiô.”

“Não quero marcas de bronzeado.”

Não faço ideia de como consigo manter uma conversa com os seios dela à mostra bem na minha cara. Apesar dos meus esforços, meu olhar se desvia por um segundo.

Eu sabia que os mamilos dela seriam rosados.

Quando levanto a cabeça, ela está com um sorriso debochado, como uma pirralha mimada.

“Não estou brincando”, aviso.

“Ah, eu sei. Eu também não. A capota fica aberta”, diz Blake com ar despreocupado. “Acostume-se.”

"Você é impossível", murmuro, encarando meus pés fixamente. Temo que, se eu me permitir olhar por mais um segundo, mesmo que apenas em seus olhos, perderei toda a contenção que construí ao longo dos anos fingindo que não a vejo.

Meu Deus, eu devia ter ficado no cais. Mas, em minha defesa, quando insisti em ir nesse passeio de barco, não levei em consideração a possibilidade de ela decidir tirar a maldita blusa.

Ao ouvir meu celular vibrar, me atirei para pegá-lo, desesperada por uma distração.

MIRA A mãe da Paula acabou de te ver no lago. Você não me disse que estava em Tahoe.

Droga. Uma distração terrível.

A Mira mora no lado norte do lago. A gente ficou junto algumas vezes no verão passado, mas eu terminei tudo depois que ela me disse que estava se apaixonando por mim. Elas sempre se apaixonam por mim.

É uma atitude babaca, mas ignoro a mensagem. Não quero recomeçar o assunto nem mandar sinais errados.

Em seguida, surge uma segunda mensagem.

MIRA, me liga se você quiser.

E uma terceira mensagem.

É uma foto de nudez.

Caramba, ela tem um belo par de seios…

Não. Não posso ter isso no meu celular. Vai ser muito tentador ceder e ligar para ela quando eu estiver bêbado e excitado.

Mas não consigo apagar rápido o suficiente, porque Blake — uma Blake de topless — consegue dar uma espiadinha enquanto se aproxima de mim.

"Você está vendo pornografia?", ela exclama.

“Não.” A imagem desaparece da tela quando eu aperto Delete.

"Então, meus seios são uma emergência nacional, mas você pode ficar olhando para os meus seios pelo celular. Entendi."

“Relaxa, Logan. Alguém mandou uma foto minha nua. Eu estava apagando.”

Ela fica boquiaberta. "Você apagou? Nossa. Nunca conte para ela ou você vai destruir a autoestima dela."

"Decida-se. Quer que eu fique olhando para os peitos no celular ou não?"

Rindo baixinho, ela passa por mim, e a lateral do seu seio roça meu braço.

Jesus Cristo, porra.

Peitos no meu celular. Peitos no meu barco. Deus me ajude.

Volto meu olhar para a água, mas ele retorna para Blake como se atraído por um ímã. Ela caminha até a proa aberta e estende uma toalha listrada de vermelho e branco sobre o convés acolchoado. Seios à mostra para todo o lago ver.

“Sério, guardem isso.”

"Você está sendo ridículo", foi a resposta dela.

Não sei dizer se ela está fazendo isso de propósito. Se está tentando provocar uma reação minha. Mas ela nem sequer reconhece mais a

minha

presença. Deita-se sobre a toalha, estica-se de costas e coloca os óculos de sol no nariz sardento.

"Seu pai vai me matar", eu gemo.

“Só se você contar para ele.”

Contendo um palavrão, pego a parte de cima do biquíni dela e caminho até a proa. "Aqui", digo, tentando entregar o biquíni para ela.

Ela se levanta apoiando-se nos cotovelos e olha para mim, os olhos azuis espiando por cima dos óculos escuros. Seus mamilos estão brilhando.

É o protetor solar, eu sei, mas os faz parecer molhados. Como se tivessem acabado de ser lambidos e chupados e—

"Pode pegar", rosno quando ela afasta minha mão com um tapa.

“Que diabos há de errado com você? Isso te excita ou algo assim?”

A frustração me fez soltar uma resposta da qual me arrependi instantaneamente. "Dificilmente. Você acha que eu nunca vi um par de peitos antes? Os seus não têm nada de especial."

Blake se enrijece por um instante antes de cuspir um seco: "Ah, vai se foder."

Não sei por que eu disse isso. Os seios dela são perfeitos.

Concentrando-me na água como se minha vida dependesse disso, tento controlar meu corpo procurando a cerveja mais gelada no pequeno cooler que trouxe comigo.

“Então, quem mandou a foto nua?” Seu tom é relutante, como se ela não quisesse perguntar, mas não conseguisse se conter. “Sra. Brown?”

“Não.” Não vou dar mais detalhes.

“Então quem?”, ela insiste.

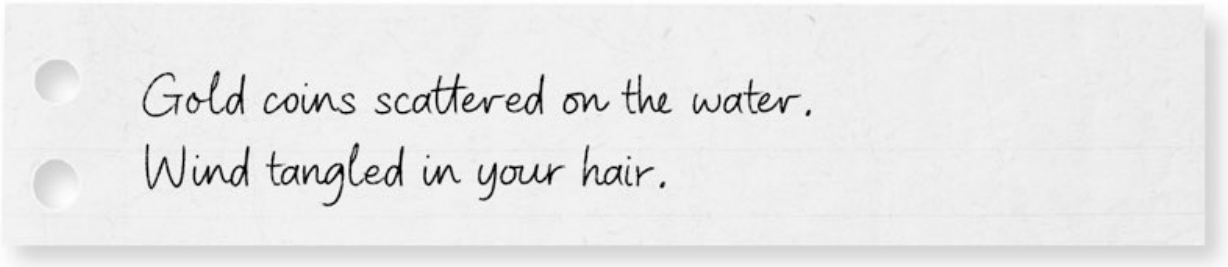
“Alguém que ouviu dizer que eu estava na cidade.”

“Uma das suas outras groupies de Tahoe?”

“Obviamente.” Puxo a aba da lata, e ela se abre com um chiado agudo.

“Você pode me jogar um desses?”

“Não. Você é menor de idade.”



“Vou fazer vinte e um anos daqui a seis semanas”, ela me lembra.

“Ótimo, então eu te pago uma cerveja daqui a seis semanas.”

"Se você não me trouxer uma cerveja, eu também vou tirar a parte de baixo do meu corpo."

Jesus.

Cristo.

Com um gemido preso na garganta, peguei outra cerveja e joguei a lata ao lado dela.

"Obrigada", ela diz docemente.

Irritado, volto para o meu violão. Já chega. Recuso-me a entrar nesse joguinho com ela. Se ela quer mostrar os peitos para todos os barqueiros que passam, que mostre. Tenho preocupações maiores no momento.

Preciso escrever alguma coisa.

Qualquer coisa.

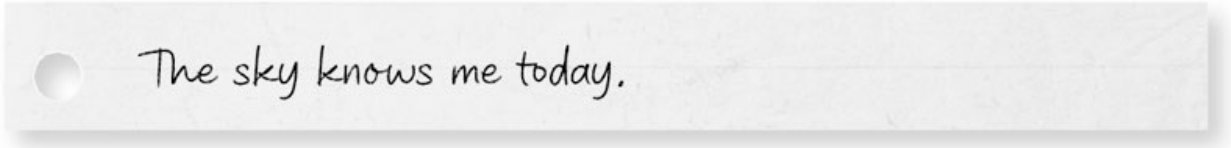
Com Betty no colo, pego meu caderno e lápis e abro em uma página em branco. Tudo o que escrevi ontem estava tão ruim que nem vale a pena revisar. Vamos começar de novo.

Concentro-me na página em branco, tentando clarear a mente. Deixar que os raios quentes e a brisa suave me guiem rumo à inspiração. Aquela frase sobre a moeda de ouro. Foi bonita, não foi? Poética?

Meu lápis para de se mover.

Continue, ordeno a mim mesmo. Escreva alguma coisa.

Qualquer coisa.



Escrevo outra linha e depois encaro com desgosto o que escrevi.

Que diabos isso significa? O céu me conhece hoje? Como me conhece?

E não me conhecia ontem? O que mudou para o céu?

Aperto o lápis entre os dedos com tanta força que ele começa a entortar.

Que patético. Por que não consigo mais escrever nada decente?

Meu celular vibra de novo. Uma onda de alívio me invade. Graças a Deus! Alguém para me livrar desse sofrimento sem criatividade.

É uma mensagem do Cole, que levou três dias para responder à letra que lhe enviei. Não levei para o lado pessoal, já que ele não só está se preparando para uma turnê mundial, como também está colaborando esta semana com uma jovem e talentosa cantora em Nashville. Aimee Faye tem tudo para se tornar uma estrela, embora seu estilo seja mais voltado para o pop country sensual, em contraste com o country tradicional do Cole. Estou ansiosa para ouvir o que eles vão criar.

COLE Poderia ser melhor.

Não é exatamente um elogio entusiasmado.

O feedback não me surpreende, aliás. Tudo que enviei para ele este ano deveria ir para o lixo. E eu aprecio a honestidade do meu amigo. É por isso que nos dávamos tão bem quando estávamos na banda. Eu, Cole e Gus, um dos bateristas mais talentosos que já conheci.

Gus toca na banda da casa quando estou no estúdio, mas Cole, bem, ele está muito acima de nós agora. Uma estrela de verdade. A banda acabou depois que todos nós percebemos que nos encaixávamos melhor em projetos solo, mas Cole é o único que realmente conseguiu. E ele merece

demais. É inspirador ver um artista negro fazendo sucesso em um gênero que nem sempre foi acolhedor para quem não tem pele pálida e um mullet desgrenhado. Tenho orgulho dele.

Eu sei. É uma merda. COLE Não é uma merda completa. Talvez só uma nádega. Beleza, me critique. COLE A letra não faz sentido, cara. E suas últimas 3 músicas foram sobre o céu. Você tem fetiche por céu ou algo assim? É, eu transo com nuvens por diversão.

COLE Vou tirar um print disso. Ok. Falando sério. Essa música é só um monte de metáforas que não significam nada. Não faço ideia do que você está tentando dizer. Sem profundidade. Não parece vir do seu coração, ou de qualquer parte do seu corpo, aliás. Poxa, a essa altura, larga as metáforas e escreve uma música sobre querer transar.

Até isso seria mais real do que qualquer coisa que você anda me mandando ultimamente. Eu não escrevo sobre sexo. Já está batido.

COLE Porque as pessoas curtem. Isso as excita. Esse dueto que estou gravando com a Aimee agora? "We Ride at Dawn". O que você acha que é, cara? Um duelo? Dirigindo com ela na minha caminhonete? De jeito nenhum. É sobre o quanto eu quero transar com ela e o quanto ela gosta de me privar disso e me fazer esperar até de manhã. Não é meu estilo. COLE Faça ser o seu estilo. Sexo vende, G. Sempre vendeu e sempre venderá.

Os acordes de uma melodia familiar me despertam da palestra de Cole.

Blake está ouvindo uma música pop no celular.

Falar de sexo vende.

"Desligue isso", eu digo a ela.

Ela se vira de bruços sem a menor vergonha, apoiando-se nos antebraços para que eu tenha uma visão perfeita do topo dos seus seios. Ela não faz ideia do que está fazendo comigo. Ou talvez faça.

"Posso te perguntar uma coisa?" Seu tom é preocupantemente educado.

"O que?"

“Você acha que é o capitão deste barco? Porque está dando ordens como se fosse.” Blake assume um tom severo. “Vista a blusa. Não beba isso.

Desligue essa música.”

“Isto não é música.”

“É a Mollie May! Ela é a maior estrela pop do mundo.”

“Isso não torna a música dela boa.”

“Meu Deus. Seu esnobe do caralho.”

“Ah, sim, eu sou o capitão deste barco. Porque sou o mais velho.”

“É, bem, você vai ter uma rebelião nas suas mãos, Capitão, se não parar com essa sua demonstração de poder.” Ela se joga de volta na cadeira e apoia a bochecha nos braços cruzados. “Se eu não posso ouvir minha música, pelo menos coloque alguma coisa para a Betty ouvir. Eu gosto de ouvir música enquanto cochilo.”

É um bom meio-termo. E como cada verso que escrevi até agora é uma porcaria, desisto da letra e começo a dedilhar o violão. Não toco nada em particular, apenas uma melodia lenta e suave que combina com essa vibe atual de flutuar nas ondas sob o sol.

“Que bonito”, diz Blake, virando a cabeça na minha direção. “Essa música existe mesmo?”

Eu balanço a cabeça negativamente. "Não. Estou inventando na hora."

"Oh."

Não consigo ver sua expressão por trás dos óculos escuros, mas algo em seu tom melancólico me diverte.

“Por que você parece triste com isso?”

“Não estou triste. Estou… com ciúmes”, admite ela. “Tenho inveja de você.”

"Sim? Por quê?"

“Porque você é muito talentoso. Você toca, tipo, cinco instrumentos —”

"Três."

—Sua voz é incrível e suas letras são lindas. Claro que tenho inveja.

Gostaria de ter um talento como o seu. Não sou boa em nada.

"Você é bom em me irritar", digo, tentando ajudar.

“Incrível. Vou usá-lo como um distintivo de honra.”

“E você é talentoso, Logan. Você não tem, tipo, notas perfeitas?”

Ela ignora isso. "Como isso pode ser um talento?"

“Significa que você é muito inteligente”, aponto.

“Muita gente é inteligente. Isso não me torna especial.”

Uma expressão de preocupação surge em seu rosto. Ela simplesmente não consegue acreditar que não seja especial. Mas, só de olhar para ela, você sabe que é. A energia que emana dela já grita "especial".

Antes que eu pudesse argumentar, ela perguntou: "Alguma novidade em Nashville?"

Instantaneamente, meu estado de espírito relaxado desaparece.

“Na verdade, não. Eu toco todo fim de semana. Componho, gravo, posto umas coisas online. Mas é tipo… O sucesso depende de mais do que só talento, sabe? Sempre envolve um pouco de sorte também. A música certa, para o público certo, na hora certa.” Eu dedilho distraidamente alguns acordes. “Preciso compor. Aquela música. A música.”

“Quer dizer, sem querer ser óbvia, mas sua mãe não é uma compositora premiada?”

A frustração aperta minha garganta. "Sim, ela é. Esse é o problema."

“Qual é o problema nisso? Sério, Wyatt, pense na oportunidade que você tem aqui e que outras pessoas não têm. Você quer a música. Por que não se junta à Hannah e—”

“Não quero compor uma música com a minha mãe. Não quero a ajuda dela.”

"Tão teimoso", repreende Blake.

Minha mão aperta o braço da guitarra com força. "Você não entende.

Quero sentir que consegui por conta própria. Pelos meus próprios méritos.

Sem ajuda."

“Todo mundo precisa de ajuda.” A voz dela fica mais suave. “Você tem sorte de ter dois pais que te apoiam e estão dispostos a te ajudar.”

“Talvez”, digo vagamente. “Mas isso não muda o fato de que quero fazer isso sozinha.” Quando sinto o olhar dela sobre mim, me remexo desconfortavelmente na cadeira. “O quê?”

“Olha só para você”, ela provoca. “Não foi um idiota por dez minutos inteiros.”

“Você me conhece. Gosto de manter as pessoas em alerta.”

Blake me dá um aceno solene. "Claro. Temos que fazê-los adivinhar qual Wyatt Graham eles vão encontrar naquele dia. Será um completo idiota? Um gênio criativo? Um cafajeste do lago?"

"Ei, ser o pegador do lago é um ótimo emprego", eu digo, e ela responde com um sorriso que quase me derruba.

Por um segundo, fico paralisado. Já a vi sorrir antes, mas não assim, e de repente me sinto como alguém que vê cores pela primeira vez. Este sorriso é espontâneo. É suave, vivo e brilha mais forte que o sol. Ele me deixa sem ar.

Por um instante, o mundo inteiro simplesmente… para.

Eu pisco os olhos, a letra da música flutuando em minha mente.

Seu sorriso paralisa o mundo.

Enquanto Blake retoma seu banho de sol, pego meu caderno e anoto a frase antes que ela se perca no ar.

Porra.

Não sei o que acabou de acontecer, mas sei que vou continuar buscando esse sorriso em canções por muito tempo.

CAPÍTULO6

BLAKE

Uma vítima do lago

O CLIMA ESTAVA MAIS LEVE QUANDO AMARRAMOS O BOTE ALGUMAS HORAS

depois. Apesar do começo de dia conturbado, Wyatt finalmente se acalmou e começou a rabiscar freneticamente no barco enquanto eu cochilava. Não sei o que o inspirou, mas prefiro muito mais um Wyatt tranquilo do que aquele que estava me repreendendo por ousar tomar sol.

Na casa, descobrimos que, como diz a lenda urbana, Houseman Henry nos fez uma visita enquanto estávamos fora. A geladeira e o freezer estão transbordando de comida, incluindo os bifes mais suculentos do açougue da cidade. Uma parte de mim ainda se sente uma mimada que está se aproveitando dos pais, mas continuo me lembrando de que é isso que eles querem. "Verão de Blake", minha mãe havia incentivado. Então, estou me dando permissão para ser mimada.

Subo para tomar um banho e tirar o protetor solar e o suor do dia.

Quando desço para preparar o jantar, paro no meio do caminho até a geladeira, momentaneamente interrompida pela visão de Wyatt na sala de jantar.

Ele está à mesa, sem camisa, debruçado sobre o quebra-cabeça que notei esta manhã. Por algum motivo, presumi que outra pessoa o tivesse começado, mas agora percebo como isso foi estúpido. Ele é a única outra pessoa aqui, a menos que o Sr. Henry apareça secretamente quando saímos para montar um quebra-cabeça. Aliás... não duvidaria disso.

Caminho até a caixa para pegá-la. Ela retrata uma cena de um lago à noite, com uma lua enorme refletida na água escura e uma família de cisnes reunida sob um salgueiro com galhos escuros e pendentes que parecem dedos de esqueleto. Além da canoa vermelha no centro do

lago, o quebra-cabeça é uma extensão irritante de preto e branco em diferentes tons.

Wyatt está encarando uma peça de roupa com uma expressão carrancuda, como se ela tivesse assassinado sua família em uma vida passada, mas estou ocupada demais admirando seu peito nu e me perguntando como ele consegue fazer uma atividade tão nerd parecer pornográfica. Meus olhos se fixam no V de seus quadris. Eu adoro Vs masculinos. São tão apetitosos.

Fico imaginando o que ele faria se eu me ajoelhasse e lambesse o seu pênis.

Só de pensar nisso, eu solto uma risada alta.

Wyatt olha para mim. "Posso ajudar?", diz ele educadamente.

Saio do transe. "Você está fazendo um quebra-cabeça?"

“Não, estou apenas colocando essas peças no lugar sem motivo algum.

Elas não formam uma imagem.”

“Wyatt Graham está fazendo um quebra-cabeça.”

“É, e daí?”

“Os cafajestes não entendem de quebra-cabeças.”

“Eu não sou um menino. Eu sou um homem.”

“Entendi. Então você é um babaca.”

Com um suspiro, ele se inclina para a frente novamente, os músculos abdominais se contraindo. Engoli em seco. Meu Deus. Os músculos

abdominais dele também são de lamber. Assim como os peitorais. São definidos o suficiente para serem sensuais, mas não volumosos o bastante para parecerem seios de academia.

Não consigo lidar com ele assim. Sem camisa, cabelo bagunçado, calça de moletom baixa. Deveria ser ilegal alguém ser tão gostoso enquanto faz um quebra-cabeça.

"Por que você não monta a estrutura primeiro?", pergunto a ele.

“Não é assim que eu funciono.”

“Essa é a única maneira de resolver um enigma”, argumento.

“Eu tenho um sistema, ok? O sistema Graham.”

“É ineficiente.”

“Você pode ir embora, por favor? Esta é a minha atividade. Vá encontrar a sua.”

Pego algumas peças de borda da caixa e começo a fazer uma pilha.

"Não", rosna Wyatt. "Eu já disse, eu não me guio pelas bordas. Eu me guio pelas cores."

“É tudo preto no branco!”

“E vermelha”, diz ele, com um sorriso presunçoso, apontando para a canoa.

“Sabe de uma coisa? Ótimo. Faça esse seu quebra-cabeça idiota sem a minha ajuda. São só... quatro mil peças? Tenho certeza de que seu sistema vai te fazer terminar isso rapidinho. Seu idiota.”

Seu resfolego me faz cócegas nas omoplatas enquanto vou preparar o jantar.

Logo descobri que Wyatt era um verdadeiro incômodo na cozinha.

Abandonando seu quebra-cabeça, ele vagava por aí e ficava me atrapalhando o tempo todo. Esbarrava em mim. Me cutucava com o cotovelo. Roubava um tomate-cereja da tigela quando eu estava no meio de preparar a salada. Quando eu abria a geladeira, lá estava ele, parado do nada, mesmo sem pegar nada.

"Você precisa sair daqui", eu disparo. "Você está me atrapalhando! Vá preparar a churrasqueira."

“A grelha está esquentando.”

“Não me importo. Você está sendo intrometido.”

“Você está sendo intrometido. Você invadiu meu verão.”

“Meu Deus, vá lá fora, fique quietinha esperando o churrasco esquentar e suma da minha vida.”

“Você é muito mandona”, diz ele, com um leve sorriso. “Alguém já te disse isso?”

"Sim."

“Estou adorando.”

“Ah, é mesmo? Você gosta de receber ordens.”

“Fora do quarto? Claro”, ele diz, depois sai andando tranquilamente e me deixa lutando contra uma onda de desejo.

A ideia de Wyatt ser dominante na cama me causa um pequeno arrepio na espinha e—

Não.

Não me é permitido pensar no que ele gosta na cama.

Através das portas de vidro, observo-o vestir uma camisa de mangas compridas. A calça de moletom desce até os quadris quando ele levanta os braços, e eu engulo em seco porque acho que ele não está usando nada por baixo. Meus olhos instintivamente se fixam em sua bunda. Eu meio que quero que ele se vire para que eu possa procurar o contorno do seu pênis, e meu Deus, esse é o pensamento mais pervertido que já tive, e eu deveria ter vergonha de mim mesma.

Desvio o olhar e me concentro na salada e nas batatas assadas.

Quando finalmente piso no deck, ele já pôs a mesa, e o cheiro de bife grelhado invade minhas narinas. Meu estômago ronca em resposta. Peguei muito sol hoje e não comi quase nada, então estou faminto.

“Podemos falar sobre o quebra-cabeça agora?”, pergunto enquanto corto um pedaço de bife. “Tenho algumas críticas construtivas.”

"Não."

“Dei uma olhada nas suas bandejas de classificação e você está colocando peças que pertencem à lua na bandeja com os cisnes.”

“Logan”, diz ele. “Vá encontrar o seu próprio enigma.”

“Sabe de uma coisa? Talvez eu faça isso. Aí você vai me ver dando voltas em torno do seu traseiro miserável.”

“Nossa! Eu sempre me esqueço de como você é competitivo(a).”

"Eu não sou competitivo", protestei.

“Lembra quando você era criança e desafiava a Gigi para corridas e chorava cada vez que ela te vencia?”

“Eu não chorei. Apenas meus olhos se encheram de lágrimas.”

“Isso é chorar.”

“O choro ocorre quando as lágrimas saem dos olhos. Se elas ainda estiverem contidas, não conta.”

“Conta sim, com certeza.”

Passamos o resto do jantar discutindo sobre absolutamente tudo. Se ketchup combina com bife. Se humanos poderiam algum dia viver na Lua.

A posição correta do rolo de papel higiênico. No começo, pensei que talvez ele estivesse escolhendo as respostas erradas só para me irritar.

Mas aí eu percebo o que está acontecendo.

“A dinâmica está desajustada”, anuncio, interrompendo-o no meio da frase enquanto ele tenta explicar por que estou errada sobre os mosquitos. O

Sr. Ingênuo aqui realmente acredita que podemos erradicá-los sem afetar a cadeia alimentar. Não consigo nem acreditar.

“O que você quer dizer?”, pergunta Wyatt. “Que dinâmica?”

“É por isso que a gente vive discutindo. Porque nunca passamos nenhum tempo sozinhas, e é um choque para nós. Tipo, eu não sei como é a sua personalidade sem a sua irmã por perto.”

"Bem, eu não sei qual é a sua personalidade sem o seu pai ali parado, encarando qualquer um que fale com você."

Dou uma risadinha. "Ninguém. Só os Garotos de Ouro."

Os "Golden Boys" se referem a três dos jogadores de hóquei mais divertidos do nosso círculo: Beau, AJ e Gray. Um ano mais novos que eu, eles são um trio de estrelas em ascensão, travessos e

comoventes. Nunca conheci uma mulher heterossexual que não se apaixonasse perdidamente por um dos Golden Boys.

Terminei meu prosecco, e fiquei surpresa que Wyatt não tentou confiscar. Mas ele não disse uma palavra quando tirei a garrafa da adega.

Estou no meu segundo copo agora, e está me ajudando a falar.

"Meu Deus, imagina se ele soubesse que perdi minha virgindade com um deles?" Dou uma risadinha ao imaginar a reação do meu pai.

O olhar surpreso de Wyatt se volta para o meu. "Qual deles?"

“Beau”, confesso.

“Ah, o mais dourado dos Garotos de Ouro.”

Ele não está errado. Beau Di Laurentis é a definição de perfeição. Estou falando de cabelo loiro, olhos verde-esmeralda brilhantes, sorriso deslumbrante. A pior parte? Ele também é um cara genuinamente bom. O

típico galã americano.

"Como foi?" Um lampejo de curiosidade surge nos olhos de Wyatt. E

juro que vejo também uma faísca de desejo.

Mas isso provavelmente é só ilusão. Eu não deixo o Wyatt excitado. Por um instante, quando estávamos no barco hoje, pensei que talvez eu estivesse realmente o afetando. Ele pareceu tão sem jeito ao ver meus seios que isso me deu um pequeno impulso no ego. Mas aí ele me disse que eles

"não eram nada de especial", então, quem sabe? É muito difícil defini-lo.

“Não vou te dizer isso”, respondo.

"Por que não?"

Você quer me contar sobre a noite em que perdeu a virgindade?

"Quer dizer, não foi nada de extraordinário. Aguentei umas dez estocadas antes de gozar."

“Era para a Sra. Brown?”

Ele sorri. "Não. Era para uma menina da mesma idade."

“Quantos anos você tinha?”

“Quinze anos. Quantos anos você tinha com o Golden Boy?”

"Dezessete."

Ele toma um gole de sua cerveja, e meu olhar é atraído para sua boca.

Ai. Não é justo. Mesmo quase três anos depois, consigo me lembrar claramente da sensação daqueles lábios percorrendo meu pescoço, quando seu corpo estava pressionado contra o meu e eu o desejava tanto que me dava tontura.

Ele nunca me beijou.

Ele beijou meu pescoço, meu queixo, aquele ponto sensível abaixo da minha orelha. Mas não meus lábios.

Às vezes me pergunto se ele fez isso de propósito. Talvez ele soubesse que, se nossos lábios se tocassem, eu jamais esqueceria.

Ao me flagrar encarando, Wyatt levanta uma sobrancelha. "O quê?"

"Nada." Desvio o olhar rapidamente, sentindo um rubor subir às minhas bochechas.

Seu tom é casual quando ele fala novamente. "Como isso aconteceu, afinal? Você e Beau? Onde foi?"

“Era a casa deles em Connecticut. Meus pais e eu íamos passar o fim de semana lá, e eu fiquei em casa enquanto todos saíram para jantar. Beau tinha planos para aquela noite. Caso contrário, duvido que meu pai nos deixaria sozinhos. Mas os planos dele não deram certo.”

“E o resto é história da virgindade”, conclui Wyatt.

"Sim."

“Qual foi a jogada dele?”

"Tenho quase certeza de que foi uma decisão minha. Eu não queria ir para a faculdade virgem."

"Então você perdeu só por perder?" Ele estala a língua em sinal de reprovação. "Você é melhor do que isso, sardento."

“Não me chame assim.”

“Posso voltar a ser criança”, ele sugere.

Eu o encaro com desprezo. "Nem pense nisso."

Wyatt recosta-se na cadeira. "Foi a primeira vez dele?"

"Aff. Não. O cara é um ano mais novo que eu e já era profissional do sexo."

“Ele fez sexo oral em você?”

Meu rosto arde ainda mais. "Não vou responder a isso."

Ele dá uma risadinha. "Você está corando. Isso significa que sim."

Me levanto, ansiosa para encerrar essa conversa antes que minhas bochechas literalmente peguem fogo. "Vamos, vamos nos arrumar. Ainda preciso me preparar."

Assim, de repente, o clima descontraído desaparece.

"Para quê?", ele pergunta.

“Vou à cidade hoje à noite.”

“Com que propósito?”

Eu o encaro. "Só por diversão."

Sua expressão se fecha. Ele faz uma pausa, como se estivesse refletindo sobre o assunto. Então, balança a cabeça. "Não. Você não vai."

Começo a empilhar nossos pratos. "Ei, Wyatt, adivinha? Você não tem nenhuma influência sobre como eu gasto meu tempo."

“Talvez não, mas uma mensagem para o Man Chat e eu conheço alguém que ficará muito interessado nos seus planos.”

"Ah, não!" Reviro os olhos. "Você sabe que meu pai está do outro lado do país, né? Ele pode me dizer para não ir a um bar hoje à noite até ficar roxo de raiva. Mas adivinha quem vai mesmo assim?"

“Ah, então agora é um bar?”

"Sempre foi um bar", digo, exasperada. "Quero sair. Conhecer pessoas."

"Pessoal?"

“Não sei. Talvez. Que diferença faz para você?”

Não é como se você estivesse interessado em mim, quase disparo, mas não vou abrir essa caixa de Pandora. Melhor deixar nossos encontros passados onde eles pertencem — dentro da pequena masmorra no meu estômago chamada HUMILHAÇÃO. Mencionar a falta de interesse dele só vai levar a uma conversa desconfortável.

Estava prestes a levar os pratos para dentro quando, de repente, um feixe de luz iluminou o convés.

Wyatt e eu viramos a cabeça alarmados. Não consigo ver, mas há um barco lá embaixo, suas luzes cortando a água escura. E como tudo se propaga neste lago, conseguimos ouvi-las perfeitamente.

"Querida?" alguém diz num sussurro alto. Parece ser um homem.

Trocamos um olhar.

"Você é a Darlie?", murmurei.

Ele solta uma risada abafada. "Não, eu não sou a Darlie."

“Querida.” Outra voz agora. Um tom mais agudo, mas também masculina. “Mostre-se.”

Que diabos está acontecendo?

Meus olhos se arregalam quando Wyatt se dirige para as escadas.

Rapidamente, estendo a mão para o seu braço e o puxo para trás.

“Pare com isso”, sussurro. “Não vá em direção aos malucos no lago. E

se eles estiverem armados?”

“Por que eles teriam uma arma?”

“Talvez estejam tentando matar a Darlie.”

Ele pondera sobre isso por um momento, depois dá de ombros. "Acho que tudo vai ficar bem."

Ignorando meus protestos sussurrados, ele desce as escadas correndo, e como não posso deixá-lo morrer sozinho, corro atrás dele.

"Querida! Nós te ouvimos na outra noite. Você estava gritando. Você quer que alguém te veja. Nós te vemos."

O barco está praticamente atracado no nosso cais agora.

"E aí, mano?" Wyatt grita.

"Quem está aí?", grita uma das vozes.

"O dono desta casa" é a resposta irônica de Wyatt.

Aproximo-me dele, semicerrando os olhos para o barco. Uma lancha de tamanho médio, com dois homens entre vinte e poucos e vinte e poucos anos. A lua está brilhante esta noite, permitindo uma boa visão deles. Um é musculoso e de ombros largos, com cabelo castanho espesso e barba grossa.

O outro é magro e loiro, vestindo uma regata da última turnê mundial da Mollie May. Obviamente, gostei dele à primeira vista.

Eles desligaram o motor, e o barco foi se aproximando do cais. "Este é o seu lugar?", perguntou o grandalhão. "Excelente! Você teria ouvido a Darlie ontem à noite, então."

"Quem é Darlie?", pergunto, curiosa.

"Ela é uma vítima do lago."

OK.

Me arrependo de ter perguntado.

O menor cutuca o maior nas costelas. "Para. Você está sendo assustador, Spence." Para nós, ele oferece um sorriso tranquilizador. "Calma, deixa eu explicar. Juro que ele não é maluco. Nós somos podcasters de assuntos paranormais."

Ah, então os dois são loucos.

Wyatt acena com a cabeça para os homens. "Tudo bem."

Certo? É só isso que ele tem a dizer sobre... seja lá o que for isso?

“Eu prometo que somos caras totalmente normais.” O menorzinho se apresenta rapidamente. “Eu sou o Spencer.”

“E eu sou o Spencer”, diz o maior deles.

Wyatt e eu trocamos mais um olhar.

“Vocês dois?”, pergunto finalmente.

“Sim”, confirma o Spencer mais corpulento. “A grafia é a mesma e tudo mais.”

“Colegas de quarto da faculdade também”, acrescenta Spencer, que é mais baixo. “É como se o universo soubesse.”

“Nossos nomes do meio são diferentes”, diz Big Spencer. “O que é uma pena. Imagine se nós dois nos chamássemos Spencer James Hands? Seria cósmico, não é?”

"Desculpe, você disse 'mãos'?" Wyatt alterna o olhar entre eles. Suspeito que sua cabeça esteja girando em perfeita sincronia com a minha.

“Hanz. Com Z.” O pequeno Spencer aponta com o polegar para o parceiro. “A culpa é desse lindo idiota. Eu peguei o sobrenome dele.”

Que fofo. "Há quanto tempo vocês são casados?", pergunto.

“Ah, ainda não somos casados. Eu me antecipei.”

Uau.

“Então, hum, sobre essa vítima do lago?”, pergunto. “Você quer dizer tipo um fantasma?”

“Sim. Um de muitos”, revela Big Spencer. “Este lago está repleto de fantasmas.”

Agora estou intrigado. "Será mesmo?"

“Ah, sim. Tahoe é repleta de histórias sobrenaturais. Você nunca ouviu falar do Tahoe Biltmore?”

"O hotel?", pergunto, sem expressão.

“Experimente o hotel mais assombrado da região”, retruca Little Spencer. Ele parece ser o mais dramático, falando com gestos exagerados.

“A atividade paranormal lá é fora de série. Portas se abrindo e batendo.

Sussurros ininteligíveis. Batidas arrepiantes. Os hóspedes vivem vendo Mary rondando as escadas.”

"Mary?", repito, enquanto Wyatt me lança um olhar que diz: por favor, não dê trela a isso.

“A dançarina que assombra o hotel. Ela usa minissaia e botas go-go”, diz Little Spencer.

“E não tem rosto”, interrompe Big Spencer.

“Mas não estamos aqui para repetir as mesmas bobagens de sempre que todos os outros especialistas em paranormalidade investigam”, informa-me Little Spencer. “Como o Biltmore ou a mansão na Ilha

Fannette.” Ele adota um tom zombeteiro. “Ooooh, estou sentindo cheiro de torrada com canela.

Tão legal.”

"O quê?" Nunca estive tão confuso em toda a minha vida.

“O fantasma da Ilha Fannette era uma espécie de conhecedora de café da manhã”, explica Big Spencer. “Seu café da manhã favorito era torrada com canela, e todos os guardas do parque afirmam que conseguem sentir o cheiro de canela quando estão por lá.”

Assenti com um aceno solene. "Entendi. Mas você não está aqui para caçar dançarinas mortas ou fantasmas de canela."

“Correto. Não estamos interessados em todos os casos que já foram exaustivamente discutidos — sem trocadilho.” O pequeno Spencer dá uma risadinha antes de voltar a ficar seriamente sério. Sem trocadilho. “Um dos avistamentos menos conhecidos é o de uma mulher chamada Darlie Gallagher. Ela se afogou no lago depois que seu noivo a deixou por sua irmã mais nova. Aconteceu há cerca de cinquenta anos.”

“Mas não se preocupem”, garante-nos Big Spencer. “Ela não é má.”

“Que alívio”, diz Wyatt, e espero que eles não percebam que ele está brincando com eles.

“Na verdade, você tem sorte de tê-la”, confirma Little Spencer. “Para um fantasma, Darlie é gentil e generosa. E ela ama o amor. O que, francamente, demonstra uma profunda maturidade emocional da parte dela, algo que a maioria dos humanos só pode sonhar em ter. Quer dizer, aqui

está ela, com o coração despedaçado pelo seu amado e pela sua irmã, e mesmo assim ela ainda acredita no poder do amor. Ainda anseia que outros o experimentem.”

Meu Deus. Acho que não estou bêbado o suficiente para essa conversa.

“Estamos aqui há cerca de uma semana. Sabe, explorando os pontos turísticos, visitando a biblioteca local”, conta Big Spencer. “De acordo com nossas pesquisas, Darlie costuma aparecer durante a lua cheia.”

"Ela é uma lobisomem?", pergunta Wyatt, e eu consigo ver que ele está se segurando para não rir.

“Não. Mas havia lua cheia na noite em que ela se afogou. E havia lua cheia ontem à noite, quando estávamos navegando pelo lago.”

“Nós a ouvimos”, diz o pequeno Spencer, triunfante. “E, nossa, gente.

Foi como se... esses gritos viessem das profundezas da água. Agudos.

Ressonando com tanta angústia. Clamando por amor.”

“Um anseio verdadeiro”, concorda Big Spencer, assentindo com a cabeça.

Mordo o lábio. Com força. Ai, ai.

“Hum, então... Sinto muito em desapontá-los”, digo aos Spencers.

“Mas... Acho que fui eu.”

As expressões deles se desfazem. "Como assim, foi você?", pergunta o pequeno Spencer.

“É, então nós”—gesticulo entre mim e Wyatt—“meio que caímos no lago ontem à noite por acidente —”

"Por acidente?", interrompe Wyatt.

“Bem, ele me empurrou”, digo docemente. “E, bem, eu me lembro de gritar bem alto, de susto e porque a água estava absurdamente gelada, e aí eu tive hipotermia—”

“Ela não teve hipotermia”, interrompe Wyatt.

“Bem, me desculpe”, termino. “Nenhum sinal da Darlie ontem à noite.

Foi só impressão minha.”

“Puta merda”, diz Big Spencer.

Eles ficam ali sentados, imersos em sua decepção por um momento, até que o pequeno Spencer se anima.

“Sabe de uma coisa?”, ele diz. “Está tudo bem. Sem problemas. Só porque não foi a última noite dela não significa que ela não vai aparecer hoje, né? Olha só o tamanho da lua. Ainda está grande o suficiente para ela querer assombrar as pessoas e infectá-las com seu vírus do amor.”

"Quer dizer, eu preferiria que ela não fizesse isso", interrompe Wyatt.

Os Spencers o ignoram e fixam seus olhares suplicantes em mim. Acho que perceberam que sou a mais receptiva.

"Você se importa se ficarmos sentados aqui perto do seu cais por um tempo para ouvir?", pergunta Big Spencer.

“Claro, fique à vontade”, digo, dando de ombros. “Nós só... vamos voltar para dentro.”

"A gente se vê no lago amanhã!", grita o pequeno Spencer atrás de nós.

"É disso que tenho medo", murmura Wyatt baixinho.

Deixamos os dois esquisitões do barco à própria sorte e subimos rapidamente os degraus de volta para a casa. Não trocamos uma palavra. Só depois que as portas francesas se fecham firmemente, criando uma barreira acústica contra o lago, é que nos olhamos e caímos na gargalhada.

Eu me curvo, ofegante de tanto rir. Wyatt enxuga as lágrimas dos olhos, afastando o cabelo do rosto enquanto gargalha sem parar.

“Jesus Cristo”, ele sussurra com a voz rouca.

"Certo", digo quando meu riso finalmente cessa. "Eles eram malucos, sim. Mas eram meio adoráveis."

“Eles não eram nada adoráveis, Logan.”

“Aliás, e não estou brincando, estou realmente intrigada com esse caso da Darlie. E todas essas histórias sobrenaturais em Tahoe?” Dou uma olhada rápida nele enquanto subo a escada. “Você precisa do Jeep amanhã, ou posso levá-lo?”

"Levar para onde?", pergunta ele, desconfiado.

“Você sabe que eu tenho permissão para dirigir até a cidade sozinha sem te dizer o motivo, né?”

“Levar para onde?”, ele repete.

“Meu Deus! Se você precisa saber, quero ir à biblioteca.” Subo as escadas e, por cima do ombro, acrescento: “Vou me trocar agora.”

“Certo, vista seu pijama. Eu aprovo.”

Paro no meio da escada e olho para ele lá de cima. "Eu te disse que ia sair. Isso não mudou."

“Você não vai sair.”

“Ah, eu sou. E sabe de uma coisa? Você não está convidado.”

Ele me encara do pé da escada. "Nem pensar que eu sou."

“Desculpe, Graham. Vou apenas encomendar um carro e já vou indo.”

"Eu te levo", diz Wyatt entre dentes cerrados. Consigo ver sua mandíbula se contraindo devido ao esforço.

"Não", respondo alegremente. "Porque você não vem."

“Ah, eu insisto.”

Ele sai pisando duro, e eu fico sorrindo enquanto subo o resto das escadas. Psicologia reversa. Funciona sempre.

CAPÍTULO7

WYATT

Todo mundo fica com inveja.

O BAR É UM DAQUELES BOTECOS DE CIDADEZINHA À BEIRA DO LAGO, COM

luzinhas de corda e mesas de madeira com tampos pegajosos. Encontramos um lugar no fundo, perto de uma jukebox que toca rock clássico que faria meu pai babar. Falando em babar, nosso garçom não para de olhar para o Blake, e eu não o culpo, porque estou fazendo exatamente a mesma coisa.

A mulher irritante trocou de roupa e vestiu um vestido de verão feito para excitar os homens. Baixinha, branca e com um ar inocente, mas nada inocente.

Me mata.

Eu preferia estar em casa com meu violão, mas ela estava decidida a sair hoje à noite, comigo ou sem mim. E, bem, a segunda opção não era viável, então... aqui estou eu. Tomando um uísque que nem quero, tentando não notar como o vestido dela sobe enquanto ela se senta em um banquinho. Pelo menos ela está bebendo um drinque sem álcool. Isso é reconfortante, eu acho.

Droga. Como deixei todo mundo entrar na minha cabeça desse jeito? Eu preciso manter distância da Blake, mas em vez disso estou grudada nela

porque a família inteira fica me lembrando que ela acabou de terminar um relacionamento e precisa de alguém para cuidar dela.

Essa pessoa não deveria ser eu.

Tipo, eu sou a pior pessoa para esse trabalho.

Seja lá o que ela veja na minha expressão, isso faz Blake revirar os olhos. "Nossa, Graham. Seu mau humor está fora de controle, mesmo para os seus altos padrões de mau humor."

“Pare de flertar com o garçom”, digo secamente.

Ela me encara boquiaberta. "Desculpe, o quê? Que diabos há de errado com você?"

“Nada. Mas não pense que eu não vi aquele gesto com a mão dele quando lhe entregou a bebida.”

“Ação manual?”

Você tocou na mão dele. E seu sorriso era amigável demais. Ele achou que você estava dando em cima dele.

“Meu Deus. Minha mão roçou na dele quando eu estava aceitando minha bebida, e eu lhe dei um sorriso educado de agradecimento.”

Ela inclina a cabeça para levar os lábios ao canudo, tomando um longo gole.

"Por que você está tão preocupado com tudo o que eu faço de repente? Você não é meu pai."

Ela tem razão. Eu não sou o pai dela. Sou o idiota egoísta que não tem o direito de desejá-la tanto assim. Mas eu a quero. Cada vez que ela ri, eu quero injetar aquele som direto na minha alma. Cada vez que ela revira os olhos para mim, eu quero empurrá-la contra a parede e mostrar exatamente o que eu tenho escondido.

Sempre me senti atraído por ela, mas até agora era só atração. O que facilitou traçar um limite e seguir uma regra autoimposta de não tocar nela.

Posso transar em qualquer lugar. Não preciso arriscar magoar uma amiga próxima da família por isso.

Mas hoje, parece muito mais do que desejo. Parece uma obsessão daquelas. Porque hoje, ela está vivendo dentro da minha cabeça. Mesmo agora, fico repassando cada conversa que tivemos, cada vez que ela sorriu, cada piada boba que ela fez. E essa estranha dor que sinto no peito desde que ela chegou é a pior parte, porque me lembra demais da minha primeira paixão na pré-adolescência.

Isso não é uma paixonite. Eu não sou esse tipo de cara. E conheço essa garota há quase toda a minha vida. Por que diabos estou obcecado agora?

É o voto de celibato. Só pode ser isso. Somado ao fato de que não consigo me livrar dela. Convivência próxima, garota gostosa, sem sexo.

Claramente, essa é a receita perfeita para enlouquecer o Wyatt.

Coloquei meu copo na mesa com muita força, fazendo-a tremer. "Só estou tentando cuidar de você."

“Bem, não precisa. Não tenho nada a ver com isso”, diz ela irritada, colocando as duas mãos sobre a mesa antes de fazer uma careta. “Eca! Por que isso está tão grudento?” Ela levanta as palmas das mãos e faz uma careta. Então, resmungando, desce do banquinho. “Ótimo. Agora preciso lavar as mãos.”

Todos os homens num raio de quinze metros observam-na partir.

Assim que ela desaparece no corredor do banheiro, pego meu celular e mando uma mensagem para o cara que me colocou nessa situação. Cole jurou que esse plano de celibato ia ajudar. Ele mesmo fez isso ano passado, uma desintoxicação sexual completa depois de anos de vida de mulherengo.

E eu já ouvi as músicas dele sobre celibato. O novo álbum dele é incrível, e ele vai sair em turnê mundial neste outono, o que significa que obviamente tem algum método nessa loucura.

Então, por que não está funcionando para mim?

Essa coisa de abstinência sexual está mexendo com a minha cabeça.

COLE Eu te disse que não seria fácil. Levanta a cabeça, amiguinho.

Só resista à tentação. Como é que eu vou fazer isso se a tentação literalmente apareceu na minha porta? COLE O que isso significa?

Significa que a garota que é a definição de fruta proibida vai passar o verão comigo. COLE Puta merda. Só você tem essa sorte, Graham. Juro que você nasceu com uma ferradura enfiada no rabo.

Ah, e ela gosta de tomar sol de topless. COLE Legal. Transforma isso numa música sensual. Eu não vendo sexo. COLE Você é um teimoso de marca maior, G.

Quando Blake volta para a mesa, faço o possível para disfarçar a carranca e exibir uma expressão agradável. A verdade é que tivemos um dia muito bom. Eu até escrevi algo que não era ruim, graças a ela. Ela inspirou um verso que gerou uma estrofe inteira. Se ela quer se divertir hoje à noite, talvez eu devesse parar de atrapalhar.

“Alguma novidade sobre a situação da torradeira?”, pergunto a ela.

Ela me olha com desconfiança.

"O que?"

“É assim que vai ser o verão?” Ela gira o canudo, fazendo os cubos de gelo tilintarem contra o copo. “Num segundo você está de boa, e no outro está me dando uma resposta atravessada e insultando meus peitos. Depois você está totalmente normal, falando sobre música e trocando histórias sobre virgindade, e aí, de repente, bum! Me proíbe de sair de casa. E agora você está fingindo se importar com a minha batalha pela guarda do Gato?

Quero sair dessa, Graham.”

Soltei um suspiro pesaroso. "Desculpe por ter insultado seus seios mais cedo."

“E meu gosto musical.”

“Bem, não. Seu gosto musical é péssimo.”

“Mollie May é contagiante!”

"Ela é superficial", respondi de imediato.

“Certo, e você é um abismo sem fim de profundidade. Tão profundo.”

Blake me presenteia com uma revirada dramática de olhos.

Brinco com o rótulo da minha cerveja, encharcado de condensação, enquanto o descasco lentamente da garrafa. "Quer dizer, estou tentando.

Mas não está funcionando. Estou com bloqueio criativo há quase um ano."

Ela hesita. "Ai, droga. Desculpe. Por que você não disse nada antes? Eu não sabia que você estava bloqueado."

“Está tudo bem. Acontece.”

“Não é ‘tudo bem’. A música é a sua vida inteira. E é assim que você ganha a vida. Você tem alguma estratégia para combater o bloqueio criativo? Já passou por isso antes?”

"Nunca assim", me pego admitindo.

“Isso é horrível.”

A compaixão que brilha em seus olhos me incomoda, principalmente porque tenho dificuldade em distinguir compaixão de pena. Eu detesto pena.

Rasgo um pedaço da etiqueta e a tira estreita se enrola sobre si mesma.

"Está tudo bem", repito, com mais firmeza desta vez, porque não quero mais falar sobre isso. "Vou superar. Tenho um plano."

“Certo. Qual é o plano?”

“Nada de sexo.”

Blake parece confuso. "O quê?"

Esfrego a nuca, sentindo-me envergonhada. "Vou ficar um tempo sem sexo."

"O que é um 'tempo'?", ela pergunta, intrigada.

“Não transo há seis meses.”

"Bobagem."

“É verdade.” Eu inclino a garrafa para trás e tomo um gole de cerveja.

“Como você ainda está vivo?”

Dou uma risada no meio do gole, tossindo. "Engraçado."

“Não, sério. Não acredito que você não esteja fazendo sexo. Isso deve ser uma tortura para você.”

“Com que frequência você acha que eu transo, sardenta?”

No momento em que a pergunta surge, cerro os dentes, lembrando a mim mesmo que não devo dizer coisas assim perto dela. Já é ruim o suficiente ter permitido a conversa sobre virgindade mais cedo.

Permitido?

Ótimo. Iniciado.

Me arrependo disso agora, porque a única coisa que consegui foi plantar na minha cabeça imagens da Blake transando com o Beau, de todas as pessoas. Com certeza, eu não esperava a onda de ciúme que senti ao saber que ela tinha se entregado a ele.

É tão errado, mas eu queria ter sido ela a primeira.

"Então você está trocando sexo por música?", pondera Blake, alheio à minha turbulência interior.

“Mais ou menos.” Continuei, a contragosto. “Eu estava conversando com o Cole, meu antigo colega de banda—”

“Cole Tanner? Meu Deus, ele é tão gato.”

Reviro os olhos para ela. "O que isso tem a ver com alguma coisa?"

“Não é. Estou apenas constatando um fato.”

“De qualquer forma, dizem que o celibato é um reset criativo. Ajuda a clarear a mente. Sabe, canalizar a frustração e a energia reprimida…”

Procuro a palavra certa.

"Sêmen?", ela sugere, e eu solto uma risada abafada.

"Luxúria", corrijo. "Cole jura que isso vai me reconectar com meu trabalho."

“Então, basicamente, você está agindo como um idiota mal-humorado porque não transou?” Ela me encara com curiosidade. “Você se masturba?”

Ah, droga. Por que eu abri essa porta?

“Isso não é da sua conta.”

“Não, me diga. Você está se abstendo de orgasmos em geral ou apenas de sexo com outra pessoa?”

"Eu me masturbo", respondo contra a minha vontade. Minhas cordas vocais estão funcionando por conta própria, sem nenhum comando do meu cérebro.

Blake coloca o canudo de volta na boca, percebendo que seu copo está vazio quando suga apenas ar. "Vou pegar outro", diz ela. "Quer que eu pegue outra cerveja para você?"

Eu a encaro com os olhos semicerrados. "Com que documento de identidade?"

“Com certeza não é falsa”, diz ela inocentemente.

Suspiro enquanto ela sai correndo. Essa garota ainda vai me matar.

Meu celular vibra, uma distração muito necessária. Ou não. Porque é minha irmã perguntando como Blake está. Juro que toda essa família é obcecada pelo bem-estar de Blake Logan.

Ela está bem. Saímos de barco hoje. GIGI Você está sendo legal com ela? Às vezes. GIGI KKKK Você é um idiota. Este verão era para ser o meu verão de escrita, Stan. GIGI Bom, agora é o seu verão de ser um ser humano legal, onde você pode mostrar um pouco de compaixão pela garota que teve o coração partido. Confie em mim, ela está bem.

Mais do que bem, na verdade. Meus ombros enrijecem quando percebo Blake conversando com a bartender. Ela se encosta no balcão para ouvi-lo melhor por cima da música. Ele também se inclina na direção dela.

Está havendo uma quantidade preocupante de inclinação acontecendo neste momento.

Eles estão flertando? E ele tem um mullet?

Quem usa mullet hoje em dia?

Distraidamente, digito uma mensagem enquanto observo a situação se desenrolar do outro lado da sala. O cara é jovem, na casa dos vinte anos, mas algo no jeito como ele olha para Blake me dá uma aura de velho assustador.

Opiniões sobre cortes de cabelo mullet? GIGI Sua habilidade de mudar de assunto nunca deixa de me surpreender. Eu não gosto deles.

Exatamente. Ninguém gosta deles.

No bar, Blake ri de algo que o cara do mullet diz e depois toca no braço dele. É um gesto leve, casual. Mas intencional. Conheço esse gesto. Faço isso o tempo todo. Rir, inclinar para frente, tocar no braço.

Minha mão se fecha em torno da garrafa de cerveja vazia, com tanta força que me surpreendo com o vidro não se estilhaçando na minha palma.

Preciso me lembrar de que, apenas vinte minutos atrás, eu havia decidido deixá-la se divertir. Se ela quer flertar com um cara cujo barbeiro deveria ser executado, então que assim seja, não vou atrapalhar.

Me ajeito no banquinho e me forço a me concentrar na música. Um trio está tocando ao vivo no pequeno palco, tocando um clássico do grunge em alto volume. Não é nada mal.

Mas tudo o que consigo ouvir é a risada melodiosa de Blake se elevando acima do som estrondoso dos pratos da bateria.

Meu olhar, sem querer, volta para o bar. O cara do mullet está ainda mais perto agora, praticamente debruçado sobre o maldito balcão. Ele tem confiança demais para alguém usando tantas pulseiras. Tipo, elas estão ocupando metade do braço dele. Uma pulseira, beleza. Isso é punk rock.

Uns anéis, tudo bem. Isso é extremo. E triste.

Quando minha mandíbula se contrai a ponto de doer, preciso relaxá-la à força. Meu Deus. Não sei por que isso me incomoda tanto. Essa garota está fora dos limites. Não vou encostar nela, porra.

Mas aqui estou eu, sentada numa mesa alta e pegajosa, contemplando o assassinato enquanto Blake sorri para algum idiota que não merece respirar o mesmo ar que ela.

Não que eu também ache. Ela é boa demais para mim. Ela é inteligente, engraçada e destemida, e merece alguém que a faça sentir... segura. Amada.

Esse não sou eu. Eu quebro mulheres sem tentar. Sem querer. Elas sempre se apaixonam por mim, não importa o quão claro eu deixe desde o início que não vai ser para sempre. Eu não nasci para o para sempre. Não consigo me comprometer com uma garota só, e com certeza não consigo me prender a ninguém, não quando tudo o que eu quero da vida é estar na estrada, em turnê e fazendo música.

Mas as mulheres sempre acham que serão a exceção, as que vão me fazer apaixonar — e sempre acabam se machucando. Eu não quero magoar o Blake.

E talvez... talvez eu também esteja resistindo a abrir essa porta porque ela às vezes me olha de um jeito que me deixa desconfortável. Como se ela enxergasse através do caos dentro de mim.

O riso dela vem na minha direção de novo. Odeio o brilho nos olhos da garota de mullet toda vez que Blake ri. Sou homem, então sei o que ele está pensando: Quais são as minhas chances de ir para casa com ela?

Zero, amigo.

Talvez eu devesse simplesmente transar com ela.

Deixei a ideia amadurecer. Sexo sempre dá um jeito de acabar com uma paixão. Pelo menos para mim. Sei por experiência própria que basta uma noite para eu ter minha dose de endorfina e seguir em frente.

Quem sabe? O sexo pode nem ser tão bom assim, né? Talvez esses últimos anos de desejo à distância tenham criado uma expectativa que jamais conseguirá corresponder às minhas fantasias de

masturbação. Aliás, é presunçoso pensar que ela sequer me deixaria entrar nas calças dela. Ela tem mais bom gosto do que isso.

No bar, o rapaz de cabelo mullet a faz rir puxando uma mecha do seu cabelo.

Ele está tocando no cabelo dela agora?

De jeito nenhum.

Não é ciúme, eu me asseguro. É responsabilidade. Ela acabou de sair de um relacionamento e está vulnerável. Ela não sabe o que quer agora. Mas eu garanto que não é aquele idiota com o mullet.

Atravesso a barra em três passos largos, deslizando para o lado dela.

Blake se vira surpreso. "Ei."

"Está tarde", digo friamente. "Estamos indo embora."

O Mullet interrompe: "Estamos no meio de uma conversa."

Lancei-lhe um olhar rápido. "Ela já terminou de falar."

Franzindo a testa, o cara olha para Blake. "Esse é seu namorado ou seu guarda-costas?"

Ela solta uma risada abafada. "Nenhuma das duas."

"Vamos", eu digo a ela.

Nossos olhares se cruzam, e seja lá o que ela veja no meu rosto, ela se rende.

"Desculpe", ela diz para o Mullet. "Acho que vamos embora."

Sem dizer mais nada, ela pega a bolsa do banco e me segue para fora do bar. Só quando estamos na metade do estacionamento é que

ela para abruptamente.

“O que aconteceu lá atrás, Wyatt?”

Continuo caminhando em direção ao jipe. "Nada. Eu queria ir embora."

Você estava com ciúmes?

A acusação me incomoda profundamente. Paro, esperando que ela me alcance. "Eu não sinto ciúmes."

"Todo mundo sente ciúmes", diz Blake, irritado. "E, sinceramente, você está agindo como se estivesse sentindo agora."

“Não tenho motivos para sentir ciúmes de ninguém esta noite, Logan.”

“Certo. Que boba eu.” Os lábios dela se curvam num sorriso irônico.

“Acho que é só o seu plano de celibato fazendo você agir como um idiota de novo?”

“Sim”, digo com leveza. “São só sardas.”

Finjo não ver a mágoa que nubla sua expressão. Da mesma forma que fingi não ver quando ela tinha dezesseis anos, confessando sua paixão, e eu a acariciei na cabeça como se fosse uma criança pequena. Ou da mesma forma que fingi não ver na manhã seguinte àquela em que quase transei com ela na véspera de Natal e me fiz de desentendido.

Ainda acredito que agi corretamente em ambas as situações, mas a dor em seus olhos permaneceu comigo. Me assombrou.

Por um segundo, quase digo a ela o quanto penso nela. Mas mantê-la à distância é minha especialidade, então continuo falando como um idiota.

"Só estou irritada, tá bem? Não queria passar o resto da noite vendo você fingir que estava rindo com algum barman."

“Quem disse que era riso falso?”

"Aquele garoto nunca contou uma piada engraçada na vida, Blake."

"Ah, porque você é hilário? Fazendo piadas o tempo todo? Você foi um idiota metade do dia."

"E você tem sido uma distração", retruco. "Flertando. Provocando.

Exibindo seus peitos. Estou tentando escrever."

"Meu Deus, você é um babaca arrogante. Já pensou que o que eu faço não tem nada a ver com você? Talvez eu não queira marcas de bronzeado?

Talvez eu queira conversar com o barman bonitinho? E eu mal estava flertando com ele! Eu só estava sendo simpática."

"Amigável", repito em tom de deboche. "É assim que chamamos isso agora?"

"Qual é o seu problema, afinal?", exige Blake.

Não sei, dá vontade de gemer.

Em vez disso, redobro a aposta.

“Meu problema é que você está desesperada por atenção de qualquer cara que te dê cinco segundos. E agora que seu namorado finalmente fez o que todo mundo esperava, você está flertando com todo mundo para se sentir melhor.”

Ela fica boquiaberta. "Com licença?"

Sigo em frente, porque sou imprudente e exaltado demais para parar.

"Você não está tentando ser amigável. Você está tentando ser querido."

Blake fica em silêncio por alguns instantes. Mas por trás de seu olhar de descrença, vislumbro aquela escuridão familiar. Uma tempestade de mágoa.

Finalmente, ela caminha até o lado do passageiro do Jeep.

"Destranque", ela me diz bruscamente.

A viagem de volta para casa é tensa. Blake está com os braços cruzados sobre o peito, sua linguagem corporal me aconselhando a ficar de boca fechada. Pela primeira vez, eu fico.

Eu me concentro na curva da estrada que contorna o lago enquanto Blake fixa o olhar pela janela e me ignora completamente. Quando voltamos para casa, o silêncio é sufocante, fechando-me como se estivesse sufocando. Ela salta do Jeep, o vestido de verão rodopiando em suas pernas.

Eu a sigo até a varanda e finjo que não estou observando como o cabelo dela reflete a luz do luar. Talvez eu esteja obcecado com o cabelo dela. Não sei bem quando aconteceu, mas aqui estamos.

“Boa noite”, ela murmura no hall de entrada e se dirige para as escadas.

Vou até a cozinha, pensando se pego uma cerveja e meu violão e sento lá fora ou se simplesmente me dou um soco na cara por ter estragado tudo hoje.

Escolho a opção número três: subir as escadas e tentar dormir pela primeira vez na vida.

Entro no corredor do segundo andar exatamente quando Blake sai do banheiro do corredor, porque, como um idiota, roubei o quarto dela com banheiro privativo.

Ela está de pijama, embora eu use o termo de forma bem livre. É apenas um shortinho e uma regata branca transparente. Seu rosto está limpo, rosado e brilhante, com as sardas bem à mostra. Seus cabelos estão soltos e caem em cascata pelas costas.

De alguma forma, ela é ainda mais perigosa assim. Sem o vestido de verão sexy e provocante, nem o rímel e o gloss. Nua e natural. Aquele tipo de beleza que faz você esquecer como respirar.

"Você não deveria vestir algo mais quente?", pergunto como um idiota.

"Faz frio à noite."

"Você sempre me dizendo o que vestir, né, Wyatt?" Sua voz é ríspida.

“Não, não é isso que eu quero dizer. Você só vai ficar… com frio.”

Jesus. Cala a boca, digo para mim mesmo.

"Estou bem", ela murmura, e então vira-se nos calcanhares.

Ela encerrou a conversa.

Deixei que ela terminasse. Porque se eu abrir a boca de novo, não tenho certeza se conseguiria continuar mentindo.

Já que decidi combater minha insônia esta noite tentando dormir de verdade, tirei a roupa e me deitei nu na cama, tentando me acomodar. Mas não existe posição confortável para dormir quando seu pau está duro como pedra.

Estou muito excitado por causa desta noite. Muito reprimido por esses últimos seis meses. O celibato não é um estado natural para mim. Eu gosto de transar. Eu preciso transar.

Eu me viro e minha ereção crava no colchão. Estou tão duro que chega a doer.

Depois de ignorar a dor nos meus testículos por alguns minutos, pensei:

"Quer saber? Dane-se. Melhor resolver isso logo." Me inclinei, peguei meu celular na mesinha de cabeceira, pronto para procurar pornografia.

Em vez disso, eu acesso a conta do Blake no Instagram.

Isso está muito errado. Em muitos níveis. Eu reconheço isso. E não me orgulho disso. Mas saber de tudo isso não me impede de continuar rolando o feed dela até encontrar uma foto que mostre um pouco de pele.

É uma selfie que ela tirou no verão passado na casa dos Di Laurentis em St. Barts. Ela está esparramada em uma espreguiçadeira, usando um biquíni

vermelho minúsculo. Seu cabelo está preso em um coque desarrumado, com mechas onduladas emoldurando o rosto e realçando as bochechas bronzeadas e as sardas. Ela está com um joelho apoiado em uma pose que atrai o olhar — pelo menos o meu — diretamente para entre as pernas.

Imagino afastando a fina tira de tecido e expondo sua vagina — e, meu Deus, meu pau praticamente salta para a minha mão. Mordo o lábio para abafar um gemido, apertando a base com força antes de gozar rápido demais. Mas aí me dou conta: por que prolongar? Quanto mais rápido eu liberar essa tensão, mais rápido poderei voltar a olhar para Blake Logan de uma forma não pornográfica.

Meus movimentos são rápidos, movidos por uma luxúria pura, incontrolável e inapropriada. Eu me masturbo ao ver Blake naquele biquíni provocante, penetrando meu punho enquanto finjo que é sua boca ávida.

Seu rosto perfeito me encara da tela do meu celular, e eu imagino aqueles lábios rosados e carnudos me envolvendo com força, me sugando até a última gota.

O clímax me atinge como um trem, liberando uma onda de prazer por todo o meu corpo. Eu gemo, ejaculando sobre minha barriga e apertando a ponta do meu pênis para aproveitar cada gota. Ofegante, pego alguns lenços de papel na mesa de cabeceira e me limpo. Depois dessa liberação, eu deveria estar relaxado. Sonolento. Pronto para finalmente, finalmente, dormir.

Mas o efeito é o oposto. Estou mais desperta do que nunca. Com um suspiro, chuto as cobertas para longe das minhas pernas e saio da cama em busca das minhas roupas.

Acho que vou escrever no cais de novo esta noite.



BATE-PAPO DOS GAROTOS DE

OURO

WYATT Mullets. Não são legais, né? BEAU Nem pensar. AJ Nem um pouco. GRAY São legais se você for baixista de uma banda de country-metal chamada Moonshine Possum. BEAU Nome da sua próxima banda, Wyatt. WYATT Tá bom, mas estamos de acordo?

Tipo, um mullet está no mesmo nível daquele bigode que o Gray deixou crescer ano passado, né? GRAY Que merda, não me arrasta pra isso. Aquele bigode era demais. AJ Você parecia um professor de

educação física no meio de um divórcio. Ou o dedo-duro de uma série policial. Ou um daqueles tarados de programas de pega-pega.

BEAU Hahahahahahah GRAY Cara, aquele bigode me fez transar três vezes em uma semana, e uma das vezes foi numa rede. BEAU

Espera, isso é impressionante mesmo. AJ Sei lá, ela te chamou de senhor ou detetive? WYATT Esquece que eu falei disso.

CAPÍTULO8

BLAKE

Hipnótico

GIGI LIGA NA MANHÃ SEGUINTE ENQUANTO ESTOU ME VESTINDO. É DIA DE

trabalho para ela, mas ela tem um escritório em casa, na residência em Dallas que divide com o marido, que por acaso também é seu maior cliente.

Quando não conseguiu entrar para o time feminino de hóquei das Olimpíadas na faculdade, Gigi mudou de rumo e seguiu carreira como agente esportiva. Por ter conseguido contratar Luke Ryder, o melhor jogador de hóquei universitário da última década, ela conquistou um cargo de agente júnior em uma das principais agências do país.

“Meu irmão já está te deixando louco?”

Puxo meus shorts jeans até as pernas e fecho o zíper. "Ah, sim."

Gigi ri. "Já imaginava. Ele dá trabalho."

Ele é um idiota mal-humorado, para dizer o mínimo. Algo que eu nunca soube sobre o Wyatt. Já passei um tempo com ele em férias em família, mas nunca só nós dois, e não quando estou

hiperconsciente de tudo o que ele está fazendo. Ou deixando de fazer. Por exemplo, olhando para mim.

Quando desci de pijama mais cedo e contei a ele meus planos para o dia, ele não olhou para mim nem uma vez enquanto preparava um café.

Mas olhei e o que vi foi preocupante. Olhos pesados de cansaço. Barba por fazer de alguns dias no rosto.

"Acho que ele não dorme", digo para Gigi. "Devo me preocupar com isso?"

“Ah, isso não é novidade. Ele sofre de insônia há quase toda a vida.”

"Ele tem? Eu não sabia disso."

"Ele não costuma falar muito sobre isso. Mas geralmente dá para perceber que a situação está piorando quando ele começa a agir como um idiota ainda maior do que o normal."

“Então ele deve estar sofrendo muito com isso.” Não consigo conter o sarcasmo. “Ele se comportou como um completo idiota ontem à noite.”

O tom dela se torna mais incisivo. "O que ele fez?"

Decidindo que não quero mexer nesse assunto agora, recuo. "Nada de grave nem nada do tipo. Ele só foi grosseiro comigo algumas vezes."

Você está desesperada por atenção de qualquer cara que lhe dê cinco segundos.

Você não está tentando ser amigável. Você está tentando ser desejado.

Sinto um aperto no peito de vergonha enquanto as acusações de Wyatt ecoam na minha mente.

Que se dane ele por ter dito isso. E que se dane ele por ter zombado de mim, dizendo que todo mundo sabia que o Isaac ia me trair. Se todos sabiam, por que não me avisaram antes? Por que me deixaram brincar de casinha com ele e planejar um futuro juntos?

"Ele me magoou." As palavras escapam antes que eu possa controlá-las.

"Não foi legal."

“Ah, Blakey.” O suspiro pesado de Gigi preenche meu ouvido. “Olha, o Wyatt pode ser um idiota, sim, mas ele também é um sentimental no fundo.

Se você disser a ele que ele magoou seus sentimentos, eu prometo que ele vai levar a sério e nunca mais fará isso. Ele é meio bobo quando está tentando se redimir com alguém.”

Não sei se quero conviver com o Wyatt sentimental. Não consigo me comover com ele, porque toda vez que tento, ele vira as costas e destrói meu orgulho.

"Está tudo bem", digo com leveza. "Vou deixar para lá."

“O que você vai fazer hoje?”, ela pergunta.

“Ir à biblioteca.”

“Você sabe que as aulas acabaram para as férias de verão, né?”

“Eu sei. Mas nós conhecemos esses podcasters paranormais ontem à noite—”

"Desculpe, o quê?"

Rindo, eu a atualizo sobre os Spencers. "Eles afirmam que o Lago Tahoe tem uma história sobrenatural, e você me conhece — agora preciso pesquisar sobre isso."

“Você é tão nerd. Mas divirta-se, eu acho?”

Depois de nos despedirmos, desço as escadas e encontro Wyatt me esperando na cozinha.

“Você está pronto para ir?”, ele pergunta bruscamente.

“Não”, respondi. “Você não vem comigo. Não preciso de acompanhante para ir à biblioteca.”

Pela primeira vez em toda a manhã, seu olhar encontra o meu. "Não vou à biblioteca. Tenho algo para fazer na cidade, então preciso do Jeep. Eu te levo."

Eu relaxo. "Ah. Ok. Vou permitir. Deixa eu pegar uma caneca térmica."

Wyatt não diz mais nada enquanto entramos no Jeep e seguimos para Tahoe City. O silêncio me deixa inquieta, então o preencho rolando o feed do meu celular, passando por fotos sem importância de amigos e influenciadores e algumas postagens da conta da Delta Pi anunciando nossos eventos beneficentes de verão. Eu nunca me imaginei fazendo parte de uma irmandade, mas minha mãe me incentivou a entrar porque disse que seria um grupo de amigas garantido. Acontece que não. Além da minha

mentora, Charlie, que se formou há alguns anos, a única Delta Pi com quem sou próxima é Juliette, e nenhuma de nós mora na casa da irmandade.

Eu estava prestes a continuar rolando a tela quando algo me chamou a atenção: uma foto postada na conta de Tyrell. Ty é um dos colegas de equipe de Isaac em Briar.

Meu estômago revira ao perceber o que estou vendo. É uma foto de grupo tirada em uma festa no quintal de uma das casas dos jogadores de futebol americano fora do campus. Vejo o rosto sorridente de Ty. Mais alguns colegas de time. Duas garotas que não reconheço.

E Isaac e Heather.

O trapaceiro e a líder de torcida, em carne e osso.

Meus olhos ardem com as lágrimas. Que ótimo. Seis semanas sem chorar e agora elas estão jorrando sem parar nos momentos mais inconvenientes.

Eu não deveria me importar que Isaac esteja saindo com Heather agora.

Ele já estava saindo com ela enquanto estava comigo. Mas o fato de eles estarem indo juntos a uma festa da Briar como um casal de verdade me faz questionar a veemente defesa de Isaac de que não havia nenhum envolvimento emocional. Ninguém começa a namorar alguém por quem não sente nenhum apego emocional, certo?

A menos que sejam amigos com benefícios. Acho que pode ser isso.

Mas... eles estavam de mãos dadas naquela foto. Amigos com benefícios não andam de mãos dadas.

Eca.

Talvez eu precise de um parceiro sexual casual. Ou pelo menos um caso. Juliette insiste que isso fará bem para a minha autoestima abalada.

Para me fazer sentir desejável de novo. Mas o único cara remotamente bonito no bar ontem à noite foi o Landon, o barman. Eu até poderia ter ignorado o mullet dele se tivesse me sentido

atraída por ele. Infelizmente, é impossível sentir atração por qualquer outra pessoa quando Wyatt Graham

está respirando o mesmo ar que ela. Se Wyatt está na sala, meu sistema nervoso traiçoeiro se recusa a reconhecer feromônios que emanam de qualquer outra pessoa que não seja ele.

Wyatt diminui a velocidade quando entramos na movimentada cidadezinha da montanha. Desvio o olhar pela janela e observo a paisagem familiar da North Lake Boulevard, com seus pequenos cafés e restaurantes, boutiques charmosas e diversas lojas de equipamentos para atividades ao ar livre. Há cestos de flores pendurados em todos os terraços, dando um toque de cor que melhora um pouco o meu humor.

Saímos da avenida principal, dirigimos alguns quarteirões a oeste do lago e entramos no estacionamento do recém-construído centro comunitário, um complexo que inclui biblioteca, academia e arena esportiva.

Presumi que ele me deixaria na frente de casa e depois sairia para beber durante o dia ou algo assim, mas ele estacionou o Jeep em uma vaga de verdade e desligou o motor.

“Pensei que você tivesse que fazer alguma coisa na cidade”, eu digo.

“Sim, estou. Só estou estacionando aqui.”

"E ir a pé até o bulevar?" Estou confuso. "São uns três quilômetros daqui."

Ele estende a mão para a maçaneta da porta. "Vai ser um passeio agradável."

Ao sair do Jeep, coloquei minha mochila a tiracolo. Trouxe uma grande, caso eu decida pegar algum livro emprestado.

"Por que você está agindo de forma estranha?", pergunto a Wyatt.

“Eu não estou sendo estranho. Você é que é estranho. Vá à biblioteca.”

“Nossa, Graham. Alguém está menstruada?”

“Cala a boca, Logan.” Ele me confunde ainda mais ao trancar o Jeep e, em seguida, encostar-se casualmente na porta do motorista.

“O quê, você ainda não vai embarcar na sua caminhada épica?”

“Não, primeiro vou fumar um cigarro. Posso?” Com um olhar carrancudo, ele tira os cigarros do bolso e enfia um no canto da boca enquanto procura um isqueiro.

"Tanto faz." Ajeito minha mochila nas costas. "Certo. Te vejo em duas horas."

"Parece bom."

Caminho tranquilamente em direção à biblioteca, mas por algum motivo, tudo sobre... seja lá o que for aquilo... despertou minhas suspeitas.

Ele definitivamente estava agindo de forma estranha. Wyatt é muito mais tranquilo do que isso. Juro que ele estava até inquieto quando colocou o cigarro na boca.

Por instinto, entro na biblioteca, mas paro no pequeno vestíbulo junto às portas. Então, me viro para dar uma olhada no estacionamento.

Ah, sim. Wyatt está aprontando alguma coisa.

Ele pisa no cigarro quase apagado com o tênis antes de ir até o porta-malas. Estreito os olhos quando ele tira de lá uma grande mochila preta. É

uma mochila muito familiar.

Com a mochila no ombro, ele atravessa o terreno em direção ao enorme prédio retangular com revestimento metálico e telhado cinza-ardósia. Na entrada da arena esportiva, as portas de vidro estão embaçadas pela condensação do ar interno.

Saio correndo da biblioteca e vou atrás de Wyatt. Ele está com fones de ouvido, então não me ouve chegar. Alcanço-o no momento exato em que ele passa pelas portas.

Ele se sobressalta quando o agarro pelo braço, virando-se bruscamente.

Sua expressão se fecha em desagrado ao me ver. De forma muito deliberada, ele aperta um botão no celular, presumo que para desligar a música.

"Você está jogando hóquei!", eu acuso.

"Vá embora", resmunga Wyatt.

“Seu pai sabe?”

“Não. E eu não quero que ele faça isso. Agora, se me derem licença…”

“Não entendo. Você odeia hóquei.”

"Eu não odeio hóquei. Gosto de entrar no gelo e chutar alguns discos.

Ou jogar por diversão, como no Boxing Day Beatdown ou nas nossas disputas de pênaltis em família. Eu simplesmente nunca quis jogar profissionalmente."

“Por que você está escondendo isso?”

"Porque eu conheço meu pai. Ele vai ficar muito empolgado com isso.

Vai interpretar tudo de uma forma que não significa nada."

“Ah, Deus nos livre de agradar aos nossos pais.”

Ele me lança um olhar de desprezo. "Blake."

“Wyatt”, eu imito.

Suspirando, ele sai andando novamente enquanto eu o sigo como um cachorrinho ansioso para brincar de bola com seu dono.

"Vá embora", diz ele por cima do ombro.

“Não, eu quero ver você jogar.”

“Desde quando? Você é que odeia hóquei.”

“Eu também não detesto. Sou indiferente”, digo. “Mas agora estou envolvido. Não é todo dia que tenho a oportunidade de ver Wyatt Graham no gelo.”

Chegamos ao vestiário masculino, onde ele para para me encarar novamente. "O quê? Vai me seguir até os vestiários também?"

Reflito sobre isso. "Se eu esperar aqui fora, você vai tentar sair sorrateiramente pelos fundos para que eu não veja você jogando hóquei?"

“É um risco.”

Meu olhar volta-se para a porta, fazendo um sorriso surgir no rosto de Wyatt.

“Você não vai entrar aí”, ele avisa.

"Por quê? Porque eu posso ver seu pênis?"

Ele simplesmente suspira novamente, mas consigo ver que está se segurando para não rir. "Meu Deus. Me deixa em paz."

Nesse momento, ele se esconde no vestiário, e como eu tenho um mínimo de etiqueta e não fui criada por lobos, vou direto para a pista de patinação. Parece ser algum tipo de horário livre, porque não há ninguém no gelo, exceto um homem loiro ensinando o filho a patinar. O menino não deve ter mais de quatro anos, e ele é literalmente a coisa mais fofa que eu já vi, com seu casaco azul fofinho e patins pretos minúsculos.

Às vezes me pergunto se meu pai gostaria de ter tido um filho com quem pudesse compartilhar seu amor pelo hóquei. Em vez disso, ele me teve, uma garota teimosa que só queria ler livros ou assistir futebol americano. Para o crédito do meu pai, se ele alguma vez se ressentiu disso, nunca demonstrou. Na verdade, ele fez de tudo para criar um vínculo comigo. O homem que não gosta de ler leu todos os livros da minha aula de literatura do primeiro ano da faculdade para poder discuti-los comigo e me ajudar a estudar.

Meu pai é muito legal.

Em vez de sentar nas arquibancadas, encontro um lugar em frente ao painel de acrílico e fico ali de pé. Abraçando meus braços para me proteger do frio, observo minha respiração escapar pelo ar gelado. Passei a vida inteira em rinques de patinação, mas nunca vou amá-los como meu pai os ama.

Pouco depois, Wyatt entra na arena. Ele não está com o equipamento completo de proteção, mas usa um capacete, uma camisa preta de treino e calças de hóquei. E percebo que ele é enorme sobre patins. As lâminas acrescentam alguns centímetros à sua altura já imponente.

Olhando para mim com irritação, ele encaixa o capacete na cabeça e empurra a porta de madeira baixa que dá para o gelo. Um minuto

depois, outro homem se junta a ele, este com o equipamento completo de goleiro.

Caminho ao longo do painel de acrílico, seguindo os dois rapazes em direção a uma das extremidades da pista, onde uma rede já está montada. O

recém-chegado despeja um balde de discos no centro do gelo antes de patinar com um Wyatt bastante relutante em minha direção.

“Blake”, diz Wyatt com voz rouca, um pouco abafada pelo vidro. “Este é o Miguel. Ele joga na liga masculina local. Miguel, este é o Blake. Amigo da família.”

“Prazer em conhecê-lo”, digo, sorrindo para Miguel.

"Igualmente!" Ao contrário de Wyatt, este cara realmente sorri de volta, exibindo suas covinhas antes de deslizar em direção à rede e se jogar em um alongamento provocante de borboleta.

"Você pode ir à biblioteca, por favor?" Wyatt resmunga para mim.

“Eu poderia. Ou…” Levanto meu celular e tiro uma foto do rosto infeliz dele. “Eu consigo fazer isso.”

Resmungando baixinho — algo nada agradável, eu suspeito — ele patina até a linha azul e despeja um punhado de discos do balde no gelo.

Por mais que eu sempre tenha sido indiferente ao hóquei (e aos jogadores de hóquei), não consigo tirar os olhos de Wyatt. Observando-o patinar, entendo por que Garrett queria tanto que seu filho seguisse seus passos. Wyatt é enganosamente lento. Ele se move com uma graça indolente, quase sedutora, enquanto permite que o goleiro se acostume com o ritmo insolente, que se acomode... antes de, de repente, engatar uma marcha a mais, pegando Miguel de surpresa com um disparo vertiginoso em direção ao gol.

Pontuação.

Nos dez minutos seguintes, Miguel não fez uma única defesa. Claro, pode ser que ele seja o pior goleiro do planeta, mas eu assisto hóquei a vida toda. Miguel tem habilidade. Ele tem uma luva rápida. Só que os chutes de Wyatt com a luva são mais rápidos. Miguel é ágil com as proteções, mas

Wyatt é mais rápido para encontrar um espaço e empurrar o disco para dentro.

A pista de gelo ecoa com os sons familiares com os quais cresci. O

estalo seco do taco de Wyatt atingindo o disco, seguido pelo baque surdo dele batendo nas proteções do goleiro. É hipnotizante.

Não, ele é hipnótico.

Ele se move com propósito. Fluido. Poderoso. Cada movimento é deliberado, mas ele não está se exibindo. Ele está apenas... concentrado.

Gotas de suor escorrem por sua testa e, como sempre, sinto vontade de lamber. Esse cara despertou algum tipo de fetiche por lamber em mim.

Estou sempre imaginando passar minha língua sobre sua pele.

Eu o acompanho através do vidro. Pela primeira vez desde que entraram no gelo, Miguel defende o disco, desviando-o. Wyatt sorri, um sorriso infantil e leve que me aquece o coração. É raro vê-lo sorrir assim. Passei os últimos dias observando-o pensativo no cais, com a testa franzida enquanto tenta vencer o bloqueio criativo. Aqui, ele parece estar se divertindo de verdade.

Embora ele provavelmente fosse me repreender por isso, comecei a tirar fotos dele no gelo. Fiquei tentada a enviá-las para a Gigi, mas

resisti ao impulso. Era óbvio que ele não queria que a família soubesse disso.

Isso é inacreditável para mim. Ele deveria se orgulhar de quão bom ele é. No hóquei, na música. Eu mataria para ser tão boa em alguma coisa. Em vez disso, sou apenas uma universitária sem paixão e sem talento que provavelmente vai acabar trabalhando num emprego chato e sufocante das nove às cinco depois da formatura, enquanto todos ao meu redor brilham em suas áreas de atuação.

Quando o frio finalmente me atinge e o tédio começa a me dominar, guardo o celular no bolso e aceno para Wyatt. Ele desliza para trás antes de girar, seus patins raspando no gelo enquanto se aproxima de mim.

"Você vai decolar?", ele pergunta.

“Sim, estou indo para a biblioteca agora.”

Acenando com a cabeça, ele tira a luva e afasta os cabelos úmidos de suor da testa. Ele é incrivelmente atraente.

“Tudo bem”, ele diz. “Te encontro no carro.”

Ele estava prestes a ir embora patinando quando meu cérebro resolveu sequestrar minha boca.

Você magoou meus sentimentos.

Ele para, girando novamente sobre as lâminas. Uma profunda ruga aparece em sua testa. "O quê?"

"Você me magoou", repito, mudando o peso de um pé para o outro, desconfortável. "Ontem. Você me fez sentir... pequena. E patética." Cala a boca, Blake, grito para mim mesma. Mas minhas emoções tomaram conta.

"Como se houvesse algo de errado em querer usar um vestido bonito e sair."

Wyatt engole em seco visivelmente.

"Você me fez sentir como se eu merecesse ser traída", murmuro, encarando meus tênis. "Porque eu fui tão estúpida e aparentemente não vi isso chegando."

O silêncio dele se prolonga, provocando uma onda de frustração. Reúno coragem para erguer o olhar, apenas para me deparar com… nada. Sua expressão não revela absolutamente nada.

“Enfim.” Dou de ombros. “Era só isso que eu queria dizer.”

Mesmo assim, ele não fala.

Cerrando os dentes, me afasto do acrílico. Tá bom, então. Vai se foder, seu idiota.

“Blake.”

Ao ouvir meu nome, paro e me viro em direção ao vidro.

"O quê?" murmurei.

Nossos olhares se cruzam. Quando ele fala, sua voz é baixa e rouca.

“Isso não vai acontecer novamente.”

CAPÍTULO9

BLAKE

Quer saber para que eu sirvo?

QUASE NÃO TROCAMOS PALAVRAS PELO RESTO DO DIA.

Então, adeus à vontade de Wyatt de se redimir com as pessoas cujos sentimentos ele magoou. Ou talvez ele só faça isso com a irmã. De qualquer forma, Gigi estava errada. Dizer a ele que ele me magoou só resultou em ele me ignorar.

Já está quase na hora do jantar e não sei se devo preparar um refogado suficiente para dois ou se devo me virar sozinha esta noite. Wyatt está passando o tempo no cais desde que voltamos da nossa excursão à biblioteca/treino secreto de hóquei.

Eu o observo da janela. Ele está sem camisa, com o cabelo úmido como se tivesse acabado de nadar. Seu violão está equilibrado no colo e ele está escrevendo naquele caderno surrado que sempre carrega consigo.

Visto daqui de cima, ele poderia parecer tranquilo. Relaxado. Mas ele não para de balançar a cabeça em sinal de desagrado, o que revela a verdadeira história. Eu o vi fazendo isso constantemente ontem no barco, quando ele estava insatisfeito com as palavras na página.

Algo dentro de mim se enternece. Quero ficar com raiva dele. Quero odiá-lo pela forma como zomba de mim e menospreza meus sentimentos, me acusando de querer atenção. Mas é difícil manter a raiva quando ele está sentado ali daquele jeito, claramente travando uma batalha interna. E como ser sentimental é um dos meus defeitos fatais, de repente me sinto mal por tê-lo chamado de idiota mal-humorado.

Não acho que o problema dele sejam mudanças de humor. Acho que...

ele está travado. Mais do que um bloqueio criativo. Mais do que insônia.

Olhando para ele agora, não vejo um cara que explode porque é um babaca.

Vejo alguém infeliz com a vida e que não consegue encontrar um caminho a seguir.

Antes que eu pudesse me conter, saí e desci os degraus até o cais.

Ele deve ouvir o estalar das minhas sandálias, mas não levanta o olhar.

Seu lápis está solto entre os dedos. Ao longe, o sol começa a se pôr atrás das árvores, criando uma aura dourada ao redor de sua cabeça.

“Ei.” Faço uma pausa a uma curta distância.

"Ei."

Aproximo-me, a curiosidade me vencendo enquanto dou uma olhada na página à sua frente. Vejo rabiscos e borrões, círculos em volta das palavras e frases inteiras riscadas com traços agressivos.

“Queria saber se você vai subir para jantar”, digo. “Devo fazer mais comida?”

“Sim, claro. Parece ótimo.” Ele parece distraído.

“Como está indo a música?”

“Não é.” Seu semblante é fechado, revelando sua frustração.

"Desculpe." Observo-o fechar a capa de couro e colocá-la ao lado dele.

"Adoro que você escreva em um caderno. Tão antiquado da sua parte", comento, tentando aliviar o clima.

Ele finalmente me lança um olhar rápido, apenas brevemente, antes de olhar para o lápis, girando-o entre os dedos. "É. Eu gosto de ver as palavras

na página."

"Faz alguma diferença?", pergunto, curioso.

“Mais ou menos. Não sei.” Ele gira o lápis novamente. “Escrever à mão parece… mais bagunçado. Mais autêntico. Quando digito coisas no celular ou no laptop, não parece real. Fica polido demais antes de eu saber o que realmente quero dizer.”

Assinto lentamente com a cabeça. "Faz sentido."

“Será?”

“Sim. Escrever à mão é como… como se você estivesse fisicamente conectado à página. Eu entendo isso.”

Ele emite um grunhido inexpressivo.

“Então, sobre o que é a música?”, pergunto.

“Não está funcionando.”

“Não foi isso que eu perguntei.”

“Não importa, Blake. É uma música horrível. Estou aqui há dias tentando forçar algo que não existe.”

"Acho que você está sendo muito duro consigo mesmo."

"Cristo", ele murmura.

Uma expressão de desagrado surge em meus lábios. "O quê?"

“Nada. É só que… não escrevi nada decente em um ano. Tudo parece forçado. Repetitivo. Genérico.”

Consigo perceber a vergonha que emana dessa última palavra. Suponho que todo músico teme ser visto como genérico.

“Vou fazer vinte e cinco anos este ano e nem sequer tenho um plano B.

Se não consigo ganhar a vida fazendo música, que diabos mais vou fazer?”

Eu sei exatamente como ele se sente. Senti essa mesma ansiedade paralisante em relação ao meu futuro durante a maior parte da minha vida.

Mas, ao contrário de mim, Wyatt tem talento. Como ele não percebe que isso lhe dá uma vantagem? Uma chance real de alcançar a grandeza.



"Olha, eu sei que você disse que não quer usar as conexões da sua mãe", eu desconverso, mas nem consigo terminar a frase.

“Para com isso, Blake.” Ele esfrega a ponte do nariz, o rosto se contorcendo de frustração. “Você acha que é fácil ser filho da Hannah Graham? Uma das melhores compositoras da geração dela? Você acha que é fácil ser filho do Garrett Graham? O Sr. Perfeito? É uma pressão insuportável. E o único jeito de eu superar essa pressão é fazendo isso sozinho. Senão, não vai parecer merecido. Preciso compor uma música neste verão. Uma música boa pra caralho.”

Estou surpreso com a franqueza dele. Normalmente, fazer o Wyatt se abrir é uma tarefa árdua.

Com medo de assustá-lo ao insistir demais, adotei um tom cauteloso. "É

mesmo por causa de uma música?"

Me arrependo da pergunta, pois sua expressão se fecha instantaneamente. "Não tente me psicoanalisar. É perda de tempo."

“Não estou. Estou apenas tentando—”

"Me distraia", ele interrompe. "É isso que você sempre faz. Me distrai, porra."

Fiquei surpreso com o tom áspero dele. "Wyatt—"

“Tanto faz.” Ele se levanta abruptamente. “Não vou jantar. Acho que vou sair.”

"Onde?"

Ele não responde. Simplesmente pega o violão e se dirige para as escadas, me deixando sozinho no cais.

Wyatt está fora há horas. Mesmo ele não dirigindo, tendo pedido um carro em vez disso, eu ainda ligo para a Gigi quase uma dúzia de vezes para perguntar se devo me preocupar.

Pouco depois das onze horas, o ronco de um motor e o bater de uma porta de carro quebram o silêncio da noite. Uma onda de alívio me invade.

Ele voltou.

Lá embaixo, o alarme toca ao ser desativado e, em seguida, toca novamente ao ser ativado. Quando ouço seus passos pesados subindo a escada, penso em ficar no meu quarto, mas quero ter certeza de que ele está bem. Ele parecia muito chateado antes de sair mais cedo.

Entro no corredor escuro exatamente no momento em que ele surge no patamar do segundo andar.

“Ei”, digo hesitante. “Você está bem?”

"Tudo bem", ele murmura.

Então ele tropeça no tapete e se apoia na parede, esbarrando em uma fotografia de Dumpy e Bergeron, os cachorros da família Graham. Por sorte, o porta-retratos não cai.

Encaro-o com desaprovação. "Você está bêbado?"

“Não”, diz ele de forma agressiva. Dá mais alguns passos e tropeça novamente. “Talvez um pouco.”

Ele começa a rir, mas eu não acho graça. Acendo a luz e caminho em sua direção, e quase nos esbarramos no meio do corredor. Ele está visivelmente cambaleando.

“Jesus”, eu digo. “Quanto você bebeu? Que diabos há de errado com você?”

“Quanto tempo você tem?”

Nem sequer esboço um sorriso. "Wyatt."

Ignorando-me, ele cambaleia para a frente, tentando chegar ao seu quarto. Está completamente bêbado. Olhos desfocados. Cabelo despenteado enquanto passa uma das mãos pelos fios. Mesmo assim, há algo irresistivelmente magnético nele. Com sua camiseta preta, jeans rasgados e aqueles anéis brilhando à luz do corredor, ele é a personificação do bad boy.

“É o seguinte, Blake.” Ele enfatiza meu nome de forma exagerada, como se estivesse bêbado. “Você aparece aqui e minha cabeça para de funcionar.”

Meu coração dispara no peito. "O quê?"

“Você me ouviu. Minha cabeça. Para. De. Funcionar. Você sorri, conversa, faz perguntas, e de repente eu estou me atrapalhando.”

Eu o encaro boquiaberta. "Você está me culpando pelo seu bloqueio criativo?"

"Não." Ele pragueja baixinho, com a voz atormentada. "Você é... apenas você. Você está aí."

"Onde?" Estou tão confuso.

"Em todos os lugares."

Respirando fundo, examino sua expressão, tentando entender o que havia dito sem sentido. Agora ele passa as mãos pelos cabelos rebeldes, como se quisesse arrancá-los pela raiz.

"Eu magoei seus sentimentos", ele dispara, com a voz rouca.

Eu pisquei os olhos. "O quê?"

“Você disse que eu te machuquei.” Sua voz é áspera como lixa, seus olhos verdes nebulosos tentam focar no meu rosto. “Eu sou um idiota, Blake. Você não entende isso?”

Uma expressão de preocupação surge em minha testa. "Wyatt..."

começo.

“Não. Você precisa parar.”

“Parar o quê?”

“Você sempre me olha como se eu valesse alguma coisa. Eu não sou nada especial.” Ele balança o corpo novamente, esfregando a palma da mão no queixo. “Lembra daquela noite em que você disse que estava a fim de mim? Sabe o que eu queria te perguntar? O que diabos você está pensando?

Porque eu não valho o seu tempo. Não valia naquela época. Não valho agora.”

Um alarme me invade o peito. Nunca o ouvi falar assim antes. Cada palavra transborda de nojo. E algo mais… Algo cru e vergonhoso. Uma escuridão que eu já pressentia nele, mas que só agora vislumbrara.

"Quer saber para que eu sirvo?", diz Wyatt, em tom ríspido.

"O-o quê?" Minha garganta seca está me fazendo gaguejar.

“Só sirvo para uma coisa. Meu pau.” Ele ri, uma risada rouca e áspera que me arrepia. “Eu tenho um pau muito bom.”

Isso me excita demais.

"Sou ótimo na cama." Ele lambe o lábio inferior, com um brilho selvagem nos olhos. "Posso te foder tão bem."

Faça isso, eu imploro. Aqui mesmo. Agora. Quero que ele me gire, arranque meu short de pijama e enfie o pau dele dentro de mim. Eu quero tanto que mal consigo respirar.

“Todas elas adoram meu pau”, diz ele, ainda rindo. “Elas adoram pra caralho. E depois sempre querem mais.” Seu riso se dissolve num palavrão entrecortado. “Mas veja bem, essa é a parte que eu não consigo fazer. Não existe ‘mais’. Não comigo. Só existe o que eu te dou naquele momento.”

Ele está me deixando tonta, não só com as palavras, mas também com o jeito cambaleante de quem está bêbado. Estendo a mão para tentar ampará-lo, mas ele a afasta.

"Não", ele murmura. "Não perca seu tempo comigo. Você estará melhor sem essa fantasia que criou na sua cabeça."

Os últimos resquícios da minha paciência se romperam de vez. "Eu não fantasio mais com você. Acha que eu quero essa versão sua? Esse bêbado idiota que nem se dá ao trabalho de pedir desculpas por ter me magoado?

Nem pensar, Wyatt."

Com um riso amargo, balanço a cabeça e sigo pisando duro em direção ao meu quarto.

Ele não vem atrás de mim.

Ouço-o tropeçar ao entrar no quarto azul, seguido por um baque alto que me causa uma pontada de preocupação. Apesar de mim mesma, volto para verificar se ele não caiu e bateu com a cabeça. Espio pela porta aberta e percebo que o baque foi Wyatt desabando no colchão. Ele está de bruços, com as pernas abertas, uma das bochechas pressionada contra o travesseiro.

Permaneço ali por um instante, com o coração apertando dolorosamente.

Ele parece tão... perdido.

Engolindo o nó na garganta, fecho a porta dele silenciosamente e volto para o meu quarto.

Odeio sentir compaixão por ele o tempo todo. Odeio como isso me enfraquece, esse instinto exaustivo de continuar demonstrando afeto mesmo quando ele constantemente me fecha a porta na cara. Dizendo para eu não perder meu tempo com ele. Se ele quis dizer romanticamente ou como amigo, eu não sei, mas não consigo me livrar da sensação de que ele está tentando me afastar de propósito. Usando essa máscara de babaca para que eu não tente olhar muito de perto. Para que ninguém olhe.

Eu me deito na cama e me forço a não repassar nossa conversa inteira.

Tento esquecer o quão angustiado ele parecia. O quão derrotado ele estava.

O jeito como sua voz falhou quando ele pronunciou as palavras que agora ficam se repetindo na minha mente.

Eu não sou especial, porra.

CAPÍTULO10

BLAKE

Não tem problema nenhum ser um nerd assumido.

ESTOU COMENDO UMA TIGELA DE CEREAL NO BALCÃO QUANDO WYATT

entra na cozinha. Fico surpreso com sua aparência, que mudou drasticamente em relação à noite passada. Ele se barbeou esta manhã e, sem a barba por fazer à qual me acostumei, perdeu um pouco daquele ar de rebeldia. Com sua camiseta branca e bermuda cáqui, e o cabelo penteado para trás, ele parece mais um dos Golden Boys do que o músico rebelde que ele era.

Eu tenho um pênis muito bom.

O calor sobe às minhas bochechas. Ainda consigo ouvir sua voz baixa e sedutora pronunciando aquelas palavras. Prometendo o quão bem ele poderia me foder.

“Eu não durmo muito.”

Larguei a colher. "O quê?"

“Começou por volta do início do ensino médio”, diz ele, com voz rouca.

“Insônia. Não sei por quê. Nada realmente ajuda, nem mesmo remédios para dormir.”

Aguardo que ele continue.

“Normalmente consigo me virar com algumas horas de sono por noite, mas às vezes isso me transforma num completo idiota irritado. É nessas horas que costumo recorrer ao álcool para me fazer dormir.” Ele morde o lábio inferior. “Não costumo usar a bebida como muleta para dormir —

quero dizer, o álcool. Só se forem uns três ou quatro dias sem dormir.”

“Três ou quatro dias sem dormir?”, repito incrédulo. “Meu Deus, Wyatt.

Você já consultou um médico?”

Ele acena com a cabeça. "Alguns. Foram eles que receitaram os comprimidos. Mas, como eu disse, eles não funcionam. E eu me recuso a tomar qualquer coisa mais forte. Não quero depender de tranquilizantes."

“Não, eu não te culpo”, digo baixinho. “Eu também não gostaria.”

"Eu bebi demais ontem à noite e fui um completo idiota com você", diz ele com visível arrependimento. "E me desculpe. Não estou dando desculpas pelo meu comportamento, prometo, mas... eu só queria dormir."

Droga. A vulnerabilidade que transborda em seu olhar torna tão difícil continuar com raiva dele.

“Enfim”, diz ele, soltando um suspiro. “Sinto que estou constantemente te criticando, e quero que saiba que isso vai parar. Me desculpe pelo que eu disse na outra noite sobre você querer atenção. Me desculpe por ter feito você se sentir como se houvesse algo de errado em você usar um vestido e sair.”

Lentamente, encontro seu olhar. Ele é tão sincero. "Desculpas aceitas."

Ele hesita por um instante. "Somos amigos, certo?"

"Claro."

“Certo. Então vou começar a agir como tal.”

“Chega de me repreender e ditar o que devo vestir?”

“Não, porque você tem razão. Eu não sou seu pai nem sua babá. Você deve passar o seu verão como quiser.”

“Obrigada.” Um sorriso surge em meus lábios. “Mas não precisa se preocupar. No momento, meus grandes planos para o verão envolvem

principalmente a biblioteca. Vou para lá em breve.” Levanto-me e levo minha tigela até a pia. “Isso se eu puder levar o Jeep sem que você tenha um ataque de nervos?”

"Farei o meu melhor", diz ele com uma piscadela, e assim, toda a tensão dos últimos dias se dissipa.

Estou de ótimo humor enquanto dirijo para a biblioteca, que estou descobrindo ser um verdadeiro tesouro de informações. Os Spencers estavam certos. O Lago Tahoe tem uma história interessante, especialmente todas as assombrações. Não acredito em fantasmas — sou do tipo que precisa ver para crer — mas estou adorando a pesquisa. Nossa, e o arquivo digital que estou compilando sobre Darlie Gallagher e o mistério que envolve sua morte? É espetacular. Abas fáceis de encontrar, títulos por assunto, um índice, até um glossário. Às vezes, eu mesma me impressiono.

Passei os dias seguintes na biblioteca, lendo artigos antigos e pesquisando a história do lago. Hoje, Wyatt me acompanhou novamente, desaparecendo na arena enquanto eu fazia minha pesquisa na biblioteca ao lado, e no caminho para casa, contei a ele tudo o que havia aprendido.

“Bem, na verdade não há nenhuma evidência de que Darlie tenha se afogado. Nenhuma notícia sobre um afogamento. Nenhuma certidão de óbito para ela. Ou pelo menos eu ainda não encontrei uma. Fiz um pedido ao cartório de registros do condado —”

"Sério?", ele me interrompe, sorrindo. "Você vai se dar a muito trabalho aqui."

“Na verdade, não. Foi apenas um e-mail”, protesto.

Só que agora me sinto envergonhada. Esse caso da Darlie está se transformando em uma obsessão, eu reconheço plenamente. Eu deveria estar pesquisando empregos, como insisti para minha mãe que faria. Mas é isso que sempre acontece quando encontro um assunto que me fascina. Eu me perco em labirintos e nunca mais quero sair.

Wyatt percebe meu constrangimento e seu sorriso se alarga. "Não tem problema ser um nerd assumido, Logan."

“Nem todo mundo consegue ser um roqueiro descolado como você, Graham.”

“Exatamente.” Ele aciona a seta e vira à esquerda. “Então não há nenhuma prova de que Darlie Gallagher sequer existiu?”

“Ah, não, ela existiu mesmo. Encontrei a certidão de nascimento dela e havia um anúncio de noivado dela com Raymond Loughlin no jornal Tahoe Tribune.”

“Espere. Loughlin? Os mesmos Loughlins que são donos daquela mansão no penhasco?”

“Sim”, digo triunfante. “Darlie e Raymond se conheciam desde sempre, mas só começaram a namorar aos dezenove anos. A família dela era abastada, mas nem de longe tão rica quanto os Loughlin. Eles são ricos da velha guarda. E pelo que li, Raymond era um daqueles caras elegantes de clube náutico que ia ser um banqueiro importante. Nunca tinha trabalhado na vida. Darlie trabalhava como garçonete na cidade, e eles se apaixonaram.

Ela costumava sair escondida à meia-noite, remar um barco pelo lago e encontrar Raymond debaixo de uma árvore enorme na propriedade dos Loughlin.”

“Até agora, parece uma comédia romântica.”

“Pelo que sabemos, talvez seja mesmo. Não consigo encontrar muita informação sobre essas pessoas”, digo, desanimada. “Acho que será mais fácil descobrir o que aconteceu com Raymond, porque a família dele ainda está por perto, mas Darlie simplesmente desapareceu.”

“Ou jogado no fundo do lago. Se acreditarmos nos malucos do barco.”

“E em todos os fóruns de true crime. Todos insistem que Raymond deixou Darlie por sua irmã mais nova, Dolly —”

“Darlie e Dolly? Sério?”



“Ei, eu não dei os nomes a eles.” Eu sorrio. “E o nome da mãe deles era Dotty. Segundo a internet, Raymond e Dolly começaram a se encontrar às escondidas. Eles se viam no farol da ilha de Fannette para transar.”

“Basicamente, esse cara estava transformando todos os lugares em Tahoe em algum tipo de ponto turístico sexual.”

“E pode ou não ter levado uma mulher ao afogamento.”

“Um cara íntegro.”

"Certo?"

Ao longo da semana seguinte, estabelecemos uma rotina. Wyatt escreve ou relaxa durante o dia enquanto eu pesquiso sobre Darlie e a família Loughlin. Almoçamos juntos. Nadamos. Ele dedilha o violão enquanto eu tomo sol no píer. E depois do jantar, sem falta, sentamos à mesa e montamos o quebra-cabeça.

Nossa única conversa é para provocar um ao outro ou discutir se uma peça pertence ao céu escuro, à água escura ou às árvores escuras. A única parte divertida deste quebra-cabeça é a canoa vermelha, pela qual Wyatt e eu lutamos bravamente pela supremacia.

"Por que quatro mil peças?", ele resmunga numa segunda-feira à noite.

"Quebra-cabeças não deveriam ter mil peças ou menos? Que tipo de sádico decide escolher quatro mil?"

“Talvez seja uma ex sua que queira te torturar.” Faço uma pausa, algo me ocorrendo. “Espera. Você sequer tem ex? Tipo, ex de verdade?” Faço um esforço mental, tentando me lembrar das namoradas dele.

“Natalie no ensino médio”, ele acrescenta. “Isso durou quase um ano. E

seis meses com Rhett, alguns anos atrás.”

"Que nome ótimo", digo com inveja. "Quem me dera me chamasse Rhett."

“Não, você não sabe. Ela era louca.”

“É isso que todos os cafajestes dizem sobre suas ex.”

"Ela furou meus pneus depois que eu terminei com ela."

Fiquei boquiaberto. "Retiro o que disse."

“Mas pelo menos ela não está mantendo minha torradeira como refém.”

Só de pensar nisso, me dá uma carranca. "Ah, eu já tenho um plano de como reconquistar o Hot Boi. Vou subornar o Joseph para me deixar subir quando eu voltar para Boston."

“E José é?”

“O porteiro. Ele gosta de mim.”

Wyatt bufou. "Ah, aliás, eu esqueci. Minha mãe mandou uma mensagem mais cedo. Ela quer que a gente mande uma lista de compras para o Henry esta semana."

"Não", digo teimosamente. "Já disse à minha mãe que não quero que o Henry fique com toda a nossa comida. Vou comprar as minhas próprias compras de agora em diante."

“Muito bem, então vamos ao supermercado amanhã”, diz ele, e na manhã seguinte, nos amontoamos no Jeep para uma aventura de compras no supermercado.

Começamos no corredor dos cereais. Eu o sigo enquanto ele empurra o carrinho. Quando ele estende a mão para pegar uma caixa na prateleira de cima, admiro seus braços nus. O bronzeado dourado. Os músculos definidos. Os cabelos escuros caindo sobre a testa. Não sou a única a admirá-lo — todas as mulheres ao nosso redor estão mentalmente o despindo. Com aqueles jeans desbotados e surrados e a camiseta regata dos Bruins representando seu pai, ele é o cara mais gato da loja e provavelmente do planeta.

Parei para pegar meu cereal favorito, o que me rendeu uma bronca severa de Wyatt.

“Sério? De jeito nenhum. Não é esse o cereal que vamos comprar.”

“Mas é nutritivo.”

“Cereal não deveria ser nutritivo. Deveria ser delicioso.” Ele coloca meu cereal saudável de granola e aveia de volta na prateleira e pega uma mistura açucarada horrível. Jogando-a no carrinho, ele sai assobiando para si mesmo.

Encaro-o incrédula. "Eu não concordei com isso!"

"Não me importo", diz ele sem se virar.

“Vocês formam um casal fofo”, comentou uma voz divertida atrás de mim.

Pertence a uma jovem da minha idade, com pele escura e cabelos pretos trançados em duas tranças, usando um boné de beisebol. Ela me parece familiar, mas não consigo me lembrar de onde a conheço.

"Te conheço de algum lugar?", pergunto ao mesmo tempo em que ela responde: "Te conheço".

Nós dois rimos.

“Você é daqui?”, ela pergunta.

Eu balanço a cabeça negativamente. "Não, mas minha família vem aqui todo verão desde que eu era criança. Compramos uma casa na margem oeste há alguns anos. Uma casa de barcos azul com detalhes brancos?"

Ela se anima. "Ah, os Grahams."

“Na verdade, sou Logans. Meu nome é Blake. Meu pai era colega de time do Garrett Graham.” Continuo a observá-la. “Por que você me parece tão familiar? Você é daqui?”

“Meu nome é Annaliese Jackson. Moro em Dollar Point, mas meu irmão Eddie passa muito tempo na sua casa durante o verão. Ele é amigo do Beau.”

“Ah, droga. Sim. Conheço sua família. Seus pais são tipo os corretores de imóveis do Lago Tahoe.”

Ela sorri, exibindo um par de covinhas profundas. "Só minha mãe. É o rosto lindo dela que está em todas as placas. Meu pai é construtor. Ele

constrói a maioria das casas por aqui."

Ouvimos uma onda de risadas estridentes no corredor ao lado e, em seguida, um trio de jovens surge na esquina.

“Liese!” um deles reclama. “Que droga? Por que você está demorando tanto para pegar uma caixa de—” Ele para quando me vê. “Ah, entendi.

Sim. Eu também pararia para ela.” Ele me lança um sorriso torto. “Eu pararia para você.”

Tenho que rir. "Obrigado."

“Essas são minhas amigas da faculdade”, diz Annaliese, fazendo as apresentações rapidamente.

Quem não para de me olhar é o Clay. O Preston é o alto e magro com o boné vermelho dos 49ers. E o que vem atrás é o Kuri, cujo rosto deslumbrante poderia parar o trânsito.

“Nós todas acabamos de nos formar”, Annaliese me conta. “Então os meninos vieram passar a semana aqui. Tipo uma festa de formatura.” Ela olha para as amigas. “O Blake está aqui para o verão.”

“Legal! Vamos relaxar”, diz Clay imediatamente.

Dou de ombros. "Claro."

“Vocês deviam ver a casa dela”, diz Annaliese aos rapazes. “É incrível.

Lembram daquele enorme galpão para barcos que vimos ontem quando estávamos navegando? Com as portas azuis e o terraço na cobertura?”

"Caramba, essa propriedade é sua?", exclama Preston. "A casa do hóquei?"

"Espera aí, seu pai se chama Garrett Graham?", Kuri pergunta de repente.

“John Logan”, corrijo. “Mas somos coproprietários da casa com os Grahams.”

Preston estremece. "Meu Deus. Isso é incrível."

“Vocês são bem-vindos”, eu digo a eles. “Quer dizer, preciso consultar meu contato primeiro, mas tenho certeza de que não há problema.”

"Você quer dizer seu namorado?", pergunta Annaliese, divertida.

“Ele não é meu namorado.”

"Ela está solteira", diz Kuri alegremente, e eu não consigo conter o riso.

Ele parece ser o brincalhão do grupo.

“Qual é o seu número?” Annaliese tira o celular do bolso do short. Ela digita os dígitos que eu digo. “Perfeito. Te mando uma mensagem depois. A gente dá um jeito.”

"Parece ótimo", digo. Ela parece legal, e os amigos dela são divertidos.

Enquanto o grupo se dispersa, sigo Wyatt até o corredor dos laticínios.

“Onde você esteve?”, ele pergunta distraidamente. “Chorando no corredor dos cereais?”

“Não, só encontrei alguns moradores locais. Convidei-os para virem aqui em casa.”

Seu olhar se torna mais penetrante. "Que moradores locais?"

“Nem pense em bancar a babá”, repreendo. “Sou adulta e posso convidar amigos para virem aqui se eu quiser. Além disso, é a Annaliese.

Os Golden Boys podem atestar por ela.”

“Ah, eu me lembro dela. É, ela é legal. Que sabor de sorvete devemos pedir?” Ele está segurando dois recipientes diferentes. “Chocolate com cereja ou chocolate com marshmallow e chocolate?”

Eu o encaro boquiaberta. "Você tem noção da quantidade de açúcar que tem nisso?"

Ele pondera sobre isso e então diz: "Você tem razão. Devemos levar os dois." Ele coloca as duas caixas no carrinho e o empurra para frente.

Ao entrarmos na fila do caixa, vejo Annaliese e suas amigas colocando itens na esteira ao lado. Ela sorri ao nos notar, a mim e a Wyatt, e um minuto depois, meu celular vibra no bolso.

ANNALIESE Você devia pegar ele. Ele é tão gato. Ele me chama de

"garota". ANNALIESE Ai. É.

No estacionamento, admiro novamente os braços de Wyatt enquanto ele se inclina para dentro do porta-malas, empilhando sacolas de papel. Por que seus músculos se contraem tanto?

"Wyatt?" diz uma voz feminina. Alegre e excessivamente ansiosa.

Dou uma olhada rápida e vejo uma mulher na fileira de carros ao lado.

Ela tem pouco mais de vinte anos, cabelos longos e castanhos, um vestidinho de verão e óculos de sol grandes.

Wyatt se endireita apenas para acenar educadamente com a cabeça. "E

aí, Rosie. Como vai?"

Rosie. Por que esse nome me soa tão familiar…

Oh meu Deus.

A garota da canoa.

É preciso um esforço considerável para manter a boca fechada. Essa é a garota que ficou tão devastada quando Wyatt partiu para o próximo caso que apareceu no meio da noite em uma canoa, chorando copiosamente e gritando para que ele descesse até o cais e conversasse com ela. Eu não presenciei o drama, mas Beau estava presente e jura que aconteceu mesmo.

E logo depois disso, a família dela vendeu a casa, embora eu ainda ache que essa parte seja uma coincidência.

A morena se aproxima de nós com uma risada nervosa, o som um pouco agudo demais. "É tão estranho te encontrar. Eu estava pensando em você outro dia."

"Sim?" Seu tom sugere que ele não precisa de mais detalhes do que isso.

Mas Rosie continua falando. "Sim. Estou na cidade visitando Harriet, e estávamos conversando sobre a noite em que todos nós pulamos do penhasco na ilha. Você se lembra disso?"

Ele acena distraidamente com a cabeça. "Que bons momentos."

O sorriso dela vacila por um segundo. "Que divertido."

Wyatt nem sequer olha para ela enquanto termina de carregar as compras, e eu sinto uma pontada de compaixão pela mulher.

"Como você tem estado?", pergunta Rosie, insistindo.

“Bom. E você?”

“Ótimo. Ocupada. Mas não tão ocupada a ponto de não poder, sabe, ver os amigos ou algo assim.” Ela para, recompondo-se. “Sabe, se você quiser sair enquanto eu estiver na cidade.”

Meu Deus. Que vergonha. É como assistir a um acidente de trem em câmera lenta. Eu me aproximo do lado do Jeep, desejando poder me fundir com o asfalto.

"Que bom que você está bem", respondeu Wyatt. Ele bem que poderia ter pegado uma besta e atirado uma flecha no coração dela.

Entendendo o recado, Rosie franze os lábios e se afasta. Ela me lança um olhar de desagrado e sai pisando duro, suas sandálias batendo no asfalto a cada passo rápido.

Espero até estarmos dentro do Jeep antes de encará-lo com raiva. "Você precisava ser tão frio?"

“Não estou com frio”, ele corrige. “Estou educado.”

"Cara, que crueldade. Ela ficou arrasada. Era a mesma Rosie que... você sabe... a que chorava na canoa?"

“Sim.” Ele liga o motor. “Acredite em mim, aprendi da pior maneira o que acontece quando você a incentiva. Até um sorriso amigável a faz imaginar casamentos e bebês. Então… limites.”

Imagino que faça sentido, mas ainda me sinto muito mal pela garota.

Aquela rejeição foi horrível.

E não consigo evitar me colocar no lugar da Rosie, imaginando o que teria acontecido se eu tivesse ficado com o Wyatt na véspera de

Natal, só para ele me ignorar completamente no dia seguinte. O jeito que ele olhou para ela.

Sinceramente, não sei se teria sobrevivido a isso.

Talvez seja melhor que eu nunca tenha experimentado... seja lá o que for que o Wyatt dê a essas mulheres. Esse pênis mágico de que ele fala

como se fosse uma maldição.

Talvez seja melhor eu nunca abrir essa porta.

CAPÍTULO11

WYATT

Pegue leve com o LMD

É MAIS UMA TARDE LINDA. ESTOU SENTADA NO CAIS, COM O CELULAR NO

ombro, enquanto ouço meu empresário tagarelar sobre um produtor que supostamente está desesperado para entrar em estúdio comigo.

“Matt”, interrompo, “eu sei que você está tentando me convencer a contratá-lo, mas eu dei uma olhada no trabalho dele e o estilo dele é completamente diferente do meu. Ele trabalha com boy bands.”

“É, talvez você precise mudar de rumo.”

"Não vou entrar para uma boy band." O pensamento me faz rir enquanto me imagino dançando em sincronia com outros quatro caras de macacão jeans combinando, sem camisa ou algo do tipo.

"Nem pensaria em sugerir isso", diz Matt, dando uma risada. "Só estou dizendo... talvez você devesse considerar seguir o caminho do pop."

Por que todo mundo está tentando me transformar numa maldita estrela pop?

“Eu não sou um artista pop.”

“Mas você poderia ser”, diz ele.

“Mas eu não quero ser.”

“Wyatt.”

Seu tom me diz que estou prestes a receber uma palestra sobre "a realidade do mundo da música".

“A realidade do mundo da música”, continua ele, “é que quem não se adapta morre. Então você pode trabalhar duro por anos, perseguindo sua visão artística e tentando se manter fiel a ela, ou pode fazer um sacrifício para conseguir uma oportunidade. Escreva uma música que você sabe que será popular, algo que agrade às massas, e depois, para o seu segundo álbum? Faça o que despertar sua criatividade.”

“Ou eu acabo rotulado como aquela bobagem comercial que coloquei no primeiro álbum”, retruco. “Aí isso vira meu estilo, eu explodo e fico preso produzindo músicas pop pelo resto da vida.”

"Ah, não", diz ele sarcasticamente. "Você explode e se torna uma grande estrela."

A frustração aperta minha garganta. Ele não entende. Ninguém entende.

Eles acham que eu sou só uma diva mimada. Que sou teimosa demais para me "adaptar" ou pretensiosa demais para compor música pop.

Mas não é isso. Não é que eu não queira escrever — é que eu não consigo. Da última vez que tentei escrever uma música pop chiclete, fiquei encarando uma página em branco por dias. Claro, conheço

alguns compositores em Nashville que provavelmente poderiam escrever algumas músicas pop incríveis para mim, mas... acho que é aí que meu lado diva aparece. Porque eu não quero cantar músicas pré-fabricadas que alguém me entrega. Eu quero compor minhas próprias músicas.

“Olha, Wyatt, eu adoro toda essa vibe de folk-rock angustiado, de cantor e compositor que você tem. Mas claramente não está funcionando para nós. Se você considerar cantar algo mais mainstream, não faltariam produtores dispostos a trabalhar com você. Tobey Dodson, para citar um.

Ele trabalharia com você sem pensar duas vezes —”

"Por que não?", interrompi, desconfiada.

“Bem, ele estava falando com a sua mãe—”

"Não."

“Wyatt—”

“Eu disse não.”

“Por que não, droga? Meu Deus, garoto. Nunca vi ninguém lutar contra o rótulo de ‘filho de nepotismo’ com tanta garra quanto você.”

A irritação me consome. "Porque eu não sou um filho de nepotismo.

Quero criar minhas próprias oportunidades e vencer por conta própria. Do contrário, parece que tudo me foi dado de bandeja."

“Deixe que te entreguem de bandeja. Puta que pariu.”

“A gente se fala depois, tá bom? Vou pensar nisso.”

Apertei o botão de encerrar antes que ele pudesse argumentar. Encarei o telefone por um segundo, depois cerrei os dentes e liguei

para minha mãe.

“Oi, querida!”, diz minha mãe, parecendo feliz em falar comigo. “Como está Tahoe?”

“Está tudo bem. Como está Boston?”

“Maravilha! Sua irmã e o Luke acabaram de chegar. Eles vão passar o fim de semana aqui.”

"O cunhado está aí? Que bom." Adoro meu cunhado, mesmo que ainda não consiga me acostumar com o fato de ter um.

O casamento da minha irmã gêmea aos 21 anos não estava exatamente nos meus planos para aquele ano, mas, de alguma forma, o casamento deles durou muito mais do que eu imaginava. Presumi que o casamento relâmpago em Las Vegas resultaria em um divórcio relâmpago, não importa onde haja divórcios relâmpago. Mas, três anos depois, eles ainda agem como recém-casados, e agora não consigo imaginar nossas vidas sem meu cunhado rabugento, alérgico a conversar e absurdamente talentoso.

“Então, a que devo essa ligação?”, pergunta minha mãe, com um tom irônico. Eu não costumo ligar muito, como minha família pode confirmar.

Tento falar com meus pais uma vez por semana, mas não sou muito boa em

manter essa rotina, e geralmente os intervalos entre as ligações são bem maiores.

“Acabei de falar com o Matt ao telefone.” Faço uma pausa. “Ele disse que você e o Tobey Dodson estavam falando de mim.”

A risada da minha mãe enche meus ouvidos. "Ah, não comece com isso", ela repreende. "Tobey e eu não estávamos falando de você do jeito que você pensa que estávamos."

"Sério?", questiono.

“Sério? Encontrei com ele no estúdio em Nova York semana passada.

Ele perguntou como estavam meus filhos. Eu disse que vocês dois estavam ótimos. E aí ele comentou que estava ouvindo ‘Silver’ repetidamente e perguntou se você estava trabalhando em algo novo.”

Hesito. "Silver" é uma das minhas músicas mais ouvidas — e não é pop, nem um pouco. É íntima e reflexiva, com foco nos vocais. Mas não é aquela interpretação típica de cantora e compositora, com voz rouca e ofegante, para a qual os vocalistas do gênero costumam gravitar. É mais calorosa e tem um toque folk.

Quando Matt disse que Tobey Dodson queria trabalhar comigo, presumi que isso significava mudar de gênero. Então, por que Dodson estava falando tão bem de “Silver”?

"Ele te perguntou?" Minha cabeça está girando. "Sem que você perguntasse?"

“Sem que eu perguntasse”, confirma minha mãe, e eu acredito nela, porque minha mãe não mente. Ela sempre diz as coisas como são. “E então ele me pediu seu contato…” Ela para de falar, de forma sedutora.

"Bobagem."

“Juro por Deus.”

“Você entregou para ele?”

“Sim, mas não se preocupe. Consultei o livro de regras primeiro.”

Dou uma risadinha sem graça. É, eu sou um babaca. Estabeleci um conjunto de regras para minha mãe sobre o que ela pode e não pode fazer em termos de conduta profissional. Proibido: me apresentar

para qualquer um dos seus contatos, enviar links para as minhas músicas, me promover em eventos da indústria.

Mas se alguém se aproximar dela…

“Então ele realmente quer trabalhar comigo?” Sinto uma onda de entusiasmo no peito. “Em músicas no mesmo estilo de ‘Silver’?”

"Bem, ele quer ouvir suas novas músicas antes de decidir se é algo que ele tem interesse em produzir. Tenho certeza de que ele entrará em contato em breve."

"Merda."

“Que bom, querida”, ela diz, e eu quase consigo vê-la sorrindo.

“Aproveite essa vitória.”

Eu adoraria.

Se eu tivesse alguma novidade.

Mas eu não tenho. O que eu tenho é um caderno cheio de bobagens rebuscadas e metáforas ruins.

Isso significa que preciso começar a trabalhar. O mais rápido possível.

Parece que hoje vai ser uma maratona de escrita a todo vapor.

"Como está o Blake?", pergunta a mãe, mudando de assunto.

O som do nome dela a evoca como um gênio da lâmpada, e de repente percebo Blake subindo para o convés superior. Nem estou olhando naquela direção, mas a sinto. Por algum motivo irritante, meu corpo está extremamente sintonizado com a presença dela.

Viro a cabeça e, com certeza, lá está ela, parada no parapeito. Com seu característico shortinho e top de biquíni, óculos de sol e uma

toalha pendurada no braço. Seu cabelo está preso em uma trança lateral, fazendo meus dedos formigarem. Cada vez que ela usa uma trança, eu só quero



desfazê-la. Passar os dedos pelos seus cabelos, espalhá-los e observar aquelas ondas exuberantes caírem pelas suas costas delicadas.

“Wyatt?”

Eu volto a mim. "Ah. Desculpe. Sim, mãe, ela está bem."

“Ela chegou a falar com você sobre o término?”

"Não." Além de ter começado a chorar espontaneamente na primeira noite, Blake quase não menciona Isaac fora do contexto da torradeira que ela está determinada a recuperar.

“Ah, que pena. Isso não é bom”, resmunga a mãe. “A Grace está preocupada porque a Blake é uma pessoa muito reservada. Ela raramente demonstra suas emoções. Se esconde atrás dessa fachada sarcástica. Mas às vezes a gente precisa desabafar, sabe?”

“Mãe”, aviso. “Eu já sou a babá dela. Não preciso ser a terapeuta dela também.”

“Não estou pedindo que você seja. Só estou dizendo para ser gentil com ela. Ouça-a se ela tocar no assunto, em vez de ignorá-lo.”

"Tudo bem. Preciso ir. Blake está aqui."

Seus passos ressoam na escada, e ela aparece no cais ao mesmo tempo que ouço o ronco do motor de um barco. Blake caminha com

ar de superioridade até a beira e levanta a mão para acenar para a embarcação que se aproxima.

"A Annaliese e as amigas dela vão passar o dia aqui", ela me diz por cima do ombro. "E antes que você comece a reclamar, eu já te contei isso há dois dias e você não reclamou."

Observo-a correr até o cais e pegar a corda que um dos caras a bordo lhe joga. Incrível. Adeus, dia tranquilo para escrever.

Os recém-chegados são irritantes, mas trazem uma erva da melhor qualidade. Dividi um baseado com o Kuri, que me contou que cursa engenharia na Universidade de Nevada e não é modelo como eu imaginava.

O cara é meio japonês e meio negro, e um dos caras mais bonitos que já vi na vida.

Quando estou bem chapado, me estico na minha espreguiçadeira de sempre, com os óculos de sol protegendo meus olhos. Cochilo ao sol enquanto Kuri e os outros dois caras fazem uma competição de mergulho de bomba, atirando-se repetidamente do cais na água.

Blake e Annaliese desaparecem pela casa por um tempo que parece uma eternidade, finalmente retornando com uma jarra cheia de algum coquetel de frutas. Eles bebem com canudos rosa-choque que meu pai comprou para o tio Dean no ano passado, quando vieram aqui comemorar o aniversário dele. Por algum motivo inexplicável, eles sempre compram coisas rosa para o Dean. É uma piada interna que eu não entendo e, francamente, não preciso entender. Aquele grupo de amigos inteiro é irrecuperável.

Enquanto estou deitada ali, trechos de conversas continuam chegando até mim. Kuri parece tranquilo, mas os amigos dele são obcecados por sexo.

Clay e Preston, porque é claro que os nomes deles são Clay e Preston. Esses são, tipo, os nomes típicos de universitários tarados.

De alguma forma, eles conseguem transformar tudo em piada de duplo sentido ou insinuação sexual. Annaliese e Blake simplesmente dão risada.

Parabéns para eles por conseguirem fazer isso. Eu cresci rodeado de jogadores de hóquei e já ouvi todo tipo de conversa de vestiário imaginável, mas esse tal de Clay está começando a me irritar.

"Então, tipo, ela diz que não consegue ter orgasmo com penetração.

Beleza, tanto faz. Mas adivinha, amor? Nem sempre dá tempo de ficar fazendo sexo oral em você por quarenta minutos antes de partirmos para a foda."

Meus dedos se apertam em torno da minha cerveja.

"Cara, se seu pau não consegue fazê-la gozar? Tipo aquele pauzão? Não tem esperança para o resto de nós."

"O seu não é tão ruim assim", Clay diz gentilmente a Preston. "Está acima da média nacional."

Por que esses caras sabem tanto sobre o pênis um do outro? É estranho.

"Mas sim, eu tenho um porco vencedor." Clay bufa. "Liese pode confirmar isso."

Annaliese dá um empurrão nele, fazendo com que ele esbarre em Blake no meio de um gole, derramando um líquido rosa-alaranjado no peito dela.

Ela enxuga a clavícula com a ponta da toalha e se levanta. "Alguém quer mais LMD?" É assim que ela tem chamado o coquetel, que parece mais uma raspadinha do que uma bebida propriamente dita.

“Ei, sardenta”, eu a chamo. “Talvez seja melhor pegar mais leve com o LMD?”

“Não faça isso”, ela adverte.

“Só estou dizendo. Eu sou o adulto responsável aqui e—”

“Você não é o adulto, e está longe de ser responsável. Não foi você quem liderou a confusão no concurso de saltos do telhado do galpão de barcos no verão passado?”

“Esperem, vocês conseguem pular daquilo?” Preston desvia o olhar para o galpão de barcos.

Assinto distraidamente. "Sim. Você nem precisa de impulso."

"Novo nível de diversão desbloqueado", diz Kuri, feliz.

Até Annaliese se anima. "Ah, é mesmo! O Eddie estava me contando isso. Ele e os Golden Boys estavam tentando ver quem conseguia pular mais perto da plataforma de natação."

"Aposto cem dólares que sou eu", declara Clay, levantando-se de um salto.

Os outros fazem o mesmo, mas Annaliese hesita, lançando-me um olhar. "Tem certeza de que está tudo bem?", pergunta ela. Pelo menos

alguém reconhece minha autoridade aqui.

Eu me endireito e examino o grupo para avaliar o nível de embriaguez deles. Mas só vi os rapazes consumirem uma cerveja cada, e Annaliese e Blake mal terminaram a primeira rodada daquela monstruosidade gelada que Blake preparou.

“Sim, tudo bem”, eu digo, e os quatro não perdem tempo e saem correndo do cais em direção à casa de barcos.

Blake fica por perto, me distraindo por um instante enquanto começa a desfazer a trança. A princípio, penso que é para meu próprio benefício, até perceber que ela está apenas refazendo a trança para deixá-la mais firme.

“Então deixa eu ver se entendi”, ela diz. “Vocês deixam a gente pular do barco, mas não me deixam tomar uma segunda xícara de Logan Mouth Delight?”

“Jesus, é isso que significa LMD? Além disso, não é uma bebida de verdade.”

“É uma criação original de Logan.”

“Tem um nome idiota.”

"Vou repassar seu feedback para o meu pai", diz ela docemente.

Ela joga a trança para o lado, deixando-a cair pelas costas, e noto que ela não limpou completamente a bebida que derramou. Um filete rosa se juntou a uma gota de suor, escorrendo preguiçosamente pela clavícula antes de desaparecer no triângulo de estampa floral que cobre seu seio esquerdo.

Imagino-a puxando-a para perto de mim, lambendo aquela linha rosa e pegajosa até alcançar seu seio, afastando o biquíni e...

“Wyatt.”

Eu acordo de repente. Droga. É a maconha. Maconha deixa algumas pessoas letárgicas, mas em mim tem o efeito oposto. Eu fico excitado quando estou chapado.

“Você vai pular da casa de barcos com a gente?”

"Como assim, nós?", pergunto, bufando. "Nós dois sabemos que você não vai dar esse salto."

"Sim eu sou."

“Logan. Você se esqueceu que eu te conheço desde que você nasceu?

Você não consegue nem subir na sacada do segundo andar sem entrar em pânico.”

Não é segredo que Blake herdou o medo de altura da mãe. Ela e a tia Grace eram as responsáveis por carregar as bolsas e mochilas de todo mundo quando íamos a parques de diversões quando éramos crianças. Uma vez, sugeri que Grace andasse comigo em uma montanha-russa, e ela perguntou se eu estava drogada.

"Não é tão alto assim", protesta Blake, mas seus olhos azuis cautelosos se voltam para a casa de barcos. Seus amigos já estão no telhado, observando a água lá embaixo.

“Logan!” grita Annaliese. “Vamos!”

A expressão de Blake se endurece enquanto ela volta a me encarar.

"Pare de entrar na minha cabeça", ela repreende.

“Eu não entrei na sua cabeça. Eu simplesmente te lembrei da sua fobia.”

“Não é uma fobia. E eu subo naquele telhado o tempo todo. Não conta como altura.”

“Nunca vi você chegar a menos de dois metros da borda.”

“Estou sempre à beira do precipício.”

Ergo uma sobrancelha. "Sério?"

“Bem, quase na beirada”, ela corrige. “Ai, meu Deus. Tanto faz. Sai da minha cabeça!”

Com um grunhido de indignação, ela enfia os pés nas sandálias e sai pisando duro. Observo, divertido, enquanto ela sobe a escada de madeira ao lado do galpão de barcos para se juntar aos seus novos amigos. Então, me distraio com o brilho do sol em seus cabelos. O castanho claro parece quase loiro sob essa luz.

Blake se aproxima da beira do telhado. Seus passos são extremamente cautelosos, como se ela tivesse medo de esquecer como andar e cair acidentalmente do galpão de barcos. Não pretendo rir, mas uma risadinha escapa. É impossível que ela tenha ouvido de tão longe, mas sua cabeça se vira na minha direção. Não perco o lampejo de tristeza em seu rosto antes que ela me encare com raiva.

Dou outro gole de cerveja e aceno levemente para ela.

Ela olha por cima da borda por um instante, depois se vira para trocar algumas palavras com Annaliese. Engulo o riso enquanto observo Blake voltar para as escadas e descer pisando duro.

"Está tudo bem?" pergunto com um sorriso inocente.

Ela para e me encara com uma expressão carrancuda. "Alguém precisa estar na água para julgar quem pula mais longe."

“Hum-hum. Claro.”

Continuo sorrindo enquanto ela caminha até o final do píer e mergulha no lago.

CAPÍTULO12

BLAKE

Que lindo!

ANNALIESE E OS RAPAZES FICAM ATÉ ALTAS HORAS DA NOITE. QUANDO

esfria, mudamos a festa do cais para a sala principal, onde jogamos mímica bêbados e um jogo de "eu nunca" que degenera tão rápido que Annaliese e eu imediatamente dizemos que já chega. Os amigos dela são uns tarados.

Vindo da encantadora Kuri, não é tão ruim, mas os outros dois são muito machistas. Toda vez que Clay diz algo insinuante, soa simplesmente nojento. E Preston me lembra demais o Isaac. Ele tem o cabelo ruivo e o mesmo porte físico robusto.

Falando no meu ex, ele acabou de mandar uma mensagem, determinado a manter sua posição na situação cada vez mais tensa com o "Gato".

O TRAIDOR: É só comprar outro. Não vejo qual é o problema.

Quero o que eu já comprei. O TRAIDOR: Como se fosse seu dinheiro. Papai comprou para a princesinha dele.

Essa acusação me deixou furioso. Golpe baixo. Eu poderia facilmente comprar uma torradeira nova, mas esse não é o ponto.

"Ainda não consigo acreditar que você terminou com um jogador da NFL", comenta Annaliese enquanto me observa mandar mensagens furiosas para meu ex.

"Talvez ele seja cortado durante o período de treinamento", digo esperançoso.

“Com aquele contrato de novato monstruoso que deram para ele? Nem pensar.” Clay larga a garrafa vazia na mesa de centro e se levanta. “Preciso de outra cerveja.”

Do outro lado do sofá, Preston revira os olhos para mim. "Não entendo por que você terminou. Todos os atletas profissionais trapaceiam."

Annaliese o encara em choque. "Isso não justifica o que aconteceu, Presidente."

"Só estou dizendo, faz parte do estilo de vida. Você acha que as esposas e namoradas deles não sabem disso? Elas simplesmente fingem que não veem porque querem seus diamantes chamativos, seus carros e suas mansões."

"É, bem, eu não quero nada disso", retruco. "Eu quero alguém que não me traia."

“Sinceramente, estou surpresa que você tenha se interessado em fazer parte desse estilo de vida”, diz Annaliese, parecendo perplexa. “Você não parece ser o tipo de pessoa que gosta dos holofotes.”

“Quer dizer, eu não gosto muito disso”, admito. “Mas eu nunca estive realmente no centro das atenções com o Isaac. Acho que isso não teria mudado quando ele começou na NFL.” Dou de ombros. “Eu era a acompanhante dele. A mulher por trás do homem. Ninguém nunca prestava muita atenção em mim quando eu estava com ele…” Minha voz some, de repente perturbada pelas minhas próprias palavras.

Mas é verdade, eu sei. Eu era o enfeite de braço do Isaac, na falta de uma palavra melhor. A garota bonitinha e discreta da fraternidade que ele

podia levar aos eventos, que ficava bem de vestido e sabia conversar com as outras namoradas, mas nunca roubava a cena.

Porra.

Foi isso que o atraiu em mim? Por algum motivo, essa ideia me incomoda.

Annaliese bufa alto. "Prefiro morrer a ser acompanhante de algum homem. Nos dias de hoje, é hora de o homem ficar atrás da mulher."

"Ah, eu adoraria estar atrás de você, Liese", declara Preston, e levanta o dedo do meio.

Vejo um movimento rápido vindo da cozinha. Clay está pegando uma cerveja na geladeira. Mas, em vez de voltar para perto de nós, ele deixa a garrafa no balcão e caminha em direção às escadas.

Isso me irrita profundamente. Deixei claro que eles não podem ficar perambulando pela casa, e embora eu queira dizer que confio nesses caras por serem amigos da Annaliese, não confio. Infelizmente, não é incomum que hóspedes tentem roubar objetos de recordação do escritório do meu pai e do Garrett. Já aconteceu antes. E temos fotos valiosas e algumas camisas emolduradas penduradas nas paredes do andar de cima.

"Já volto", digo, interrompendo Annaliese no meio da frase. "Não quero que Clay fique perambulando pela casa sozinho. Vou buscá-lo."

"É isso aí, vai lá e pega ele, tigrão", diz Preston, arrastando as palavras.

Sigo Clay até o topo da escada, o que provoca uma onda de irritação. "O

que você está fazendo?"

Ele esboça um olhar envergonhado. "Desculpe. Eu estava seguindo o rastro das fotos. Queria ver esta última." Ele gesticula em direção a uma moldura.

Eu relaxo um pouco. Subindo as escadas, me junto a ele no espaçoso patamar, onde ele admira uma fotografia do meu pai e de Garrett Graham com seus uniformes do Bruins, braços erguidos em sinal de vitória enquanto

seus companheiros de equipe comemoram no gelo ao redor deles. Essa foi a primeira vez que eles ganharam a Stanley Cup juntos.

"É muito louco você ser da realeza do hóquei", Clay me diz, com os olhos brilhando.

“Sinceramente, não sou muito fã de hóquei”, admito.

"Bobagem."

“É verdade. Eu sei tudo sobre o jogo, mas não é algo que eu jogaria no meu tempo livre.”

Ele inclina a cabeça. "Então, o que você costuma fazer no seu tempo livre?"

Dou de ombros. "Filmes melosos que me fazem chorar ou aqueles reality shows de competição. E ouço muitos podcasts."

Você assiste pornografia?

Credo. Quem pergunta isso para alguém?

"Na verdade, não", respondo.

Ele sorri. "Isso não é um não."

Cerrei os dentes e dei um passo para trás. "Deveríamos voltar lá para baixo."

Ele estende a mão para mim. "Espere."

Eu reprimo um suspiro. "O quê?"

“Você está dizendo que não sente nada entre nós? Estivemos flertando o dia todo.”

“Quer dizer, você passou o dia inteiro flertando.”

Seus olhos brilham. "Então foi unilateral?"

Sim, quero explodir. Meus pais sempre me incentivaram a ser direta e clara sobre minhas intenções. Não deixe para a outra pessoa adivinhar, meu pai sempre diz. Se você não está interessado, você não está interessado.

Mas meu pai é um homem, e ele nunca teve que lidar com caras bêbados cujos egos ficam todos inflados quando você os rejeita. É uma linha muito tênue que você tem que percorrer como mulher.

“Vamos descer”, repito.

Eu pisquei e ambas as mãos dele estavam na minha cintura, tentando me puxar para mais perto. "Eu acho você linda, Blake."

"Obrigada", murmurei enquanto me afastava rapidamente de seu aperto.

“Vamos lá, só um beijo.”

"Não."

“Apenas um —”

Ele é puxado repentinamente para trás, soltando um ganido assustado como um cachorrinho que acabou de levar um chute.

“Ela disse não.”

Me viro e encontro Wyatt no patamar, seus olhos verdes ardendo de raiva e desgosto.

Clay se recupera rapidamente, exibindo um sorriso despreocupado.

"Que tal você não falar pela garota?"

“Que tal você não tocar na mulher quando ela disser que não quer ser tocada?”

“Ah, vai se foder. Como se você não tivesse ficado com ela quando só estavam vocês dois aqui”, Clay debocha. “Então você pode ficar com ela, mas ninguém mais pode—”

Antes que ele pudesse terminar, Wyatt o prensou contra a parede.

Desviei-me rapidamente, sentindo um frio na espinha quando as costas de Clay se chocaram contra o quadro que ele estava admirando. A moldura deslizou da parede e caiu escada abaixo, parando no meio do caminho.

Wyatt não deu a mínima. Estava ocupado segurando Clay pela gola, com o antebraço pressionado contra a garganta do rapaz.

Falando com uma voz fria e mortal que eu nunca tinha ouvido dele, ele disse: "É hora de você sair da minha casa."

Quando Clay se debate para se libertar da imobilização, Wyatt enfia o braço ainda mais fundo em sua traqueia.

"Desculpe, o que foi que você disse? Você estava concordando comigo que já era hora de você ir embora?"

Os olhos de Clay começam a lacrimejar enquanto ele luta para respirar.

"Wyatt", murmuro, e ele solta Clay num instante, como se controlado por aquela única e suave sílaba.

O outro cara tosse, agarrando a garganta. "Você é um psicopata do caralho, cara."

Machão como sempre, Clay dá uma cotovelada em Wyatt enquanto caminha a passos largos em direção às escadas. Em seguida, ele reforça sua atitude babaca chutando a fotografia caída, fazendo-a voar pelos ares. A moldura não havia quebrado na queda inicial. Agora quebra, estilhaçando-se em pedaços no pé da escada.

Aperto meus lábios e olho para Wyatt. "Deixe-me falar com Annaliese.

Fique aqui em cima e se acalme."

Com o maxilar cerrado, ele caminha a passos largos em direção aos quartos.

Lá embaixo, encontro os três rapazes rondando perto da porta dos fundos enquanto Annaliese recolhe as garrafas vazias da mesa.

“Você não precisa fazer isso”, eu digo a ela.

Ao ouvir minha voz, ela larga as garrafas. "Clay disse que Wyatt o atacou?", exclama ela.

“Não. Wyatt estava me defendendo”, digo com rigidez, lançando um olhar fulminante na direção de Clay. Ele retribui o olhar, impenitente.

Os olhos dela se arregalam. "Te defendendo?" Agora ela se vira para encará-lo com raiva. "Que diabos você fez, Clayton?"

"Nada", diz o cara de cara fechada. "Só não tinha me dado conta de que estávamos saindo com um provocador."

"Provocador?" Annaliese ruge. "Não me faça te dar um tapa na cabeça!"

Disfarço um sorriso. "Está tudo bem", asseguro à mulher irritada. "Foi só um pequeno mal-entendido. O Clay achou que a gente estava se dando

bem, mas não estava." Dou uma olhada rápida para ele. "Certo, Clay?"

Após uma pausa, ele murmura: "Certo".

Os outros dois garotos se despediram de mim com expressões de desculpas. Kuri me agradeceu pelo ótimo dia, que, honestamente, até que tinha sido ótimo antes de Clay decidir estragá-lo com suas atitudes assustadoras.

Annaliese espera até que os três rapazes estejam lá fora antes de se virar para mim com um suspiro. "Sinto muito pelo Clay. Ele fica um pouco agressivo quando está bêbado."

"Claramente."

"Espero que ele não tenha ido longe demais."

"Não. Só fui dar um beijo. O Wyatt provavelmente exagerou."

Seus lábios se contraem.

"O quê?", eu digo.

"Ele não reagiu de forma exagerada, Logan. Ele estava apenas marcando território."

Minha testa se enruga. "Quem? Wyatt?"

"Ah, sim. Aquele menino está numa situação muito ruim."

Uma risada escapa da minha boca. "Acredite em mim, ele não faz isso."

"Acredite em mim", ela imita. "Ele ficou te olhando o dia todo. Olhares bem nada platônicos, diga-se de passagem. Ele está a fim de você. Mas claro, continue negando. Enfim." Annaliese abre um sorriso sincero.

"Adorei passar um tempo com você hoje. Da próxima vez, a gente sai só nós duas, tá? Os meninos vão embora na segunda."

"Parece bom."

Tranco a porta depois dela e observo o pequeno grupo seguir para o cais, onde o barco deles está atracado. Annaliese só bebeu uma vez o dia todo, então confio nela para levar os três bêbados para casa em segurança.

Mesmo sendo uma da manhã e provavelmente podendo esperar até amanhã, termino de juntar as embalagens vazias e as coloco na lixeira

embaixo da pia porque sou um pouco neurótica com limpeza. Aí percebo que a mesa está pegajosa, e a bancada também, e… Tá bom, talvez eu seja um pouco mais do que um pouco neurótica. Passo os próximos quinze minutos varrendo a moldura quebrada e limpando todas as superfícies do andar térreo antes de finalmente subir as escadas.

Para chegar ao quarto amarelo, preciso passar pelo quarto azul, e hesito em frente à porta de Wyatt. Então bato.

“Sim”, ele diz. Não é exatamente uma entrada, mas também não é uma saída.

Abro a porta e dou uma espiada. Ele está parado na janela do sótão, com o olhar fixo no lago, mas se vira quando entro.

"Você está bem?", ele pergunta.

“Estou bem. Ele não fez nada.”

“Ele te tocou sem a sua permissão.”

“E você cuidou disso. Embora estrangulá-lo tenha sido um pouco extremo.”

Isso me arranca um sorriso torto. "Eu não o estava estrangulando. Ele poderia ter se soltado se tivesse realmente tentado."

Brinco com a ponta da minha trança, e aqueles olhos semicerrados agora me observam fixamente. Acompanham os pequenos movimentos da minha mão enquanto enrolo a trança. Ao contrário de Annaliese, eu tomei mais de um drinque. Pelo menos três LMDs. E sinto isso no meu sangue, na forma como meu corpo esquenta sob o olhar atento de Wyatt.

"Posso fazer alguma coisa?" Sua voz é suave e sedutora.

Meu coração dispara. "Fazer o quê?"

Ele diminui lentamente a distância entre nós, o peito nu brilhando na escuridão. Não sei por que ele não acendeu a luz. O luar é a única coisa que ilumina o quarto, projetando sombras sobre seus traços esculpidos.

Ele está a fim de você.

De repente, ouço a voz de Annaliese na minha cabeça, insistindo que Wyatt está caidinho por mim. Mas se estivesse, ele simplesmente tomaria a iniciativa. Wyatt não é tímido. Ele não se faz de difícil. Já o vi exibir aquele sorriso despreocupado dezenas de vezes para levar uma mulher para a cama.

Quando ele estende a mão para minha trança, seus dedos roçam nos meus, e um choque elétrico percorre meu corpo.

“Será que eu posso… desfazer isso?”

A trança, percebo. Ele está falando da minha trança. De repente, fica difícil respirar. Consigo engolir em seco. "Tem certeza?"

Meu Deus. Talvez essa seja a jogada certa.

Ele está planejando alguma coisa?

O tempo parou. Não sei o que está acontecendo, e essa incerteza só aumenta a emoção. O perigo. Estou no quarto de Wyatt Graham

enquanto seus dedos longos puxam o elástico e começam a desfazer minhas tranças.

Quando esses dedos deslizam pelos meus cabelos, puxando levemente, um arrepio percorre minha espinha. Consigo respirar de novo, mas é superficial. Difícil. A região entre minhas pernas formiga intensamente.

Isso está me excitando. Ele nem está fazendo nada sexual, e eu estou excitada.

Ele continua olhando fixamente para o meu rosto, mas não sei se ele realmente está me vendo. É aquele brilho distante que Wyatt tem às vezes, como se tivesse vislumbrado algo divino e misterioso que nós, meros mortais, jamais conseguiremos alcançar.

Finalmente, meu cabelo está solto. Ele segura as longas mechas em seu punho e as afasta delicadamente para que caiam sobre um dos ombros.

O silêncio se estende entre nós como um fio desencapado.

Ele está olhando fixamente para a minha boca agora. Será que ele está pensando a mesma coisa que eu? Que bastaria um centímetro, talvez dois, e não haveria mais como fingir que isso é apenas amizade?

"Wyatt…"

Ouvir o nome dele não o tira do transe. Não acho que ele esteja bêbado, e eu só o vi fumar metade de um baseado bem mais cedo naquele dia.

Conforme ele se aproxima e solta um pouco de fumaça, tudo o que sinto é o cheiro de menta da pasta de dente e o aroma do xampu.

Meus lábios estão ressecados, então os umedeço. O movimento rápido chama sua atenção. Meu coração dispara quando ele roça o

polegar no meu lábio inferior antes de envolver meu queixo com a mão. Ele é tão mais alto que preciso olhar para cima para vê-lo.

Não sei o que ele está vendo, mas ele sussurra: "Que coisa linda".

Nossos olhares se cruzam. As pontas de seus dedos ásperos acariciam minha bochecha.

E então ele se contrai e me solta.

"Desculpe", ele murmura enquanto minha pele chora pela falta do seu toque. "Eu só... Seu cabelo me deu uma ideia para uma música."

"Meu cabelo?", repito fracamente.

Wyatt engole em seco visivelmente. "A gente nunca sabe quando a inspiração vai surgir." Ele pigarreia. "Vai dormir agora?"

“Sim. Acho que sim.”

Ele pega o caderno na mesa. "Legal. Vou escrever um pouco no cais."

“Não se esqueça de programar o alarme quando voltar”, eu digo.

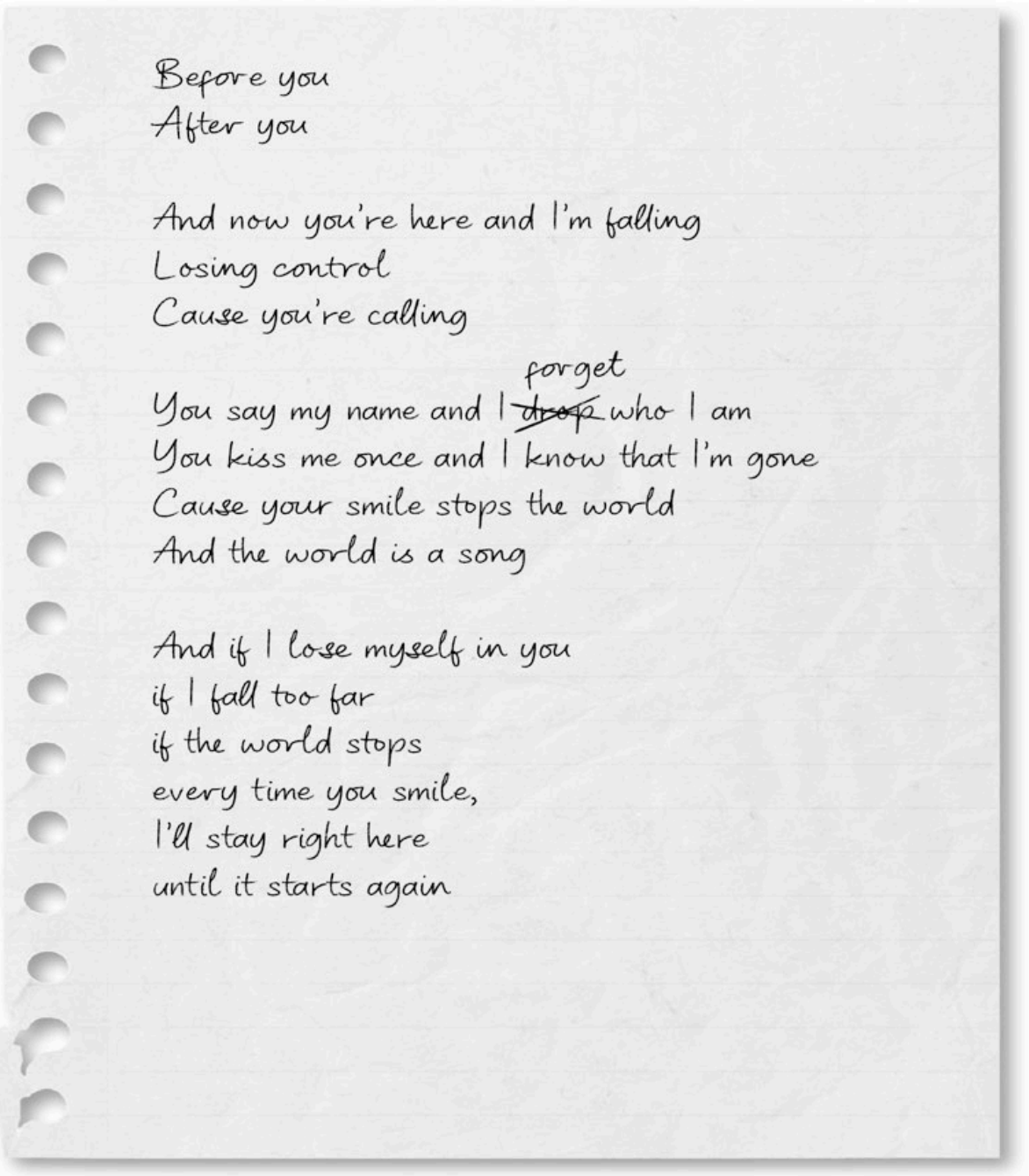
Ele acena com a cabeça e depois desaparece.

Stop the World

Baby, I was fine before you, I think I was fine
I was grounded, I swear, before you were mine
But now you're here and I'm falling
Should've run
But you're calling

You say my name and I ~~drop~~ forget who I am
You kiss me once and I know that I'm gone
Cause your smile stops the world
And the world is a song

You smile at me
~~and I'll love you forever~~ and I feel like I could love you forever
just for that.
Just for the way you say
"yeah?"
when you're half listening.
~~I didn't even notice you'd become~~
When did you become
~~the thing~~ what I measure time by?



CAPÍTULO13

BLAKE

A árvore do sexo

WYATT Venha para o campo de jogo.

A MENSAGEM APARECE ENQUANTO ESTOU SERVINDO UMA XÍCARA DE CAFÉ

no balcão. Meu coração dispara. Ele quer que eu saia para encontrá-lo?

Isso deve ser sobre ontem à noite. O quase beijo.

Porque aquilo foi quase um beijo.

Eu penso.

Ainda não consigo entender o que aconteceu no quarto dele. Os dedos dele no meu cabelo. Os olhos dele me encarando como se estivesse olhando dentro da minha alma.

Minhas palmas estão suadas de nervosismo enquanto levo meu café para fora e desço da varanda da frente. Um minuto depois, encontro Wyatt parado na clareira gramada do outro lado da casa, olhando fixamente para uma rede.

Não era isso que eu esperava quando ele mandou mensagem pedindo para eu ir ao campo de jogo.

Chamamos de campo de jogo porque é para lá que todos os pais vão quando seus instintos competitivos se manifestam, impulsionando-os a jogar vôlei, croquet, bocha ou qualquer outra atividade que lhes permita tanto cumprimentar os companheiros de equipe com um "high-five" quanto gritar obscenidades como adversários.

Ontem, não havia nada na clareira.

Hoje, há uma rede. Não é uma rede de voleibol oficial, mas alguns centímetros mais curta.

Segurando a alça da minha caneca, caminho tranquilamente em sua direção. "Badminton?"

“Sim, acho que sim”, ele responde, ainda olhando fixamente.

“Foi você quem preparou isso?”

“Não. O Henry deve ter feito isso enquanto estávamos dormindo.”

“Certo, vou apresentar uma hipótese e preciso que você a considere seriamente.” Franzi os lábios por um instante. “Você acha que Houseman Henry pode ser um dos fantasmas de Tahoe?”

“Não”, diz Wyatt.

“Você nem sequer considerou essa possibilidade!”

“Porque é uma bobagem.”

“Aqui. Segure isto.” Entrego-lhe a minha xícara e pego o meu celular.

“Estou mandando mensagem para o meu pai para ele me explicar a rede.”

Por que tem uma rede de badminton lá fora? PAI: Ah, a gente decidiu ontem à noite. Torneio de badminton neste verão, quando estivermos todos juntos. Participação obrigatória. O G vai montar as chaves.

Soltei um gemido de desânimo. "Eles vão nos obrigar a participar de um torneio, e ainda tem chaveamento."

"Por que sempre tem parênteses?" Wyatt suspira.

Será que não aprendemos a lição com o torneio de bocha? Você e o Dean não se falaram por semanas depois disso. PAI: Porque ele é um trapaceiro do caralho. Estou indo agora.

Guardo o celular no bolso e lanço um olhar interrogativo para Wyatt.

"Há mais alguma coisa que você gostaria de discutir?"

“Não. Era só isso.” Ele prende os polegares no cós da calça de moletom, fazendo-a descer. Ai, não. Consigo ver a parte de cima do seu decote. É

muito perturbador.

Forço meu olhar para cima. "Absolutamente nada?", pergunto.

"Não."

Minha frustração aumenta. Sério? Vamos simplesmente ignorar isso?

Ele defendeu minha honra ontem à noite, desfez minhas tranças como um cabeleireiro sexy e quase me beijou. Mas "nada". Nada para ver aqui, pessoal.

Irritada, virei o resto do meu café de uma vez. "Ok, ótimo. Então já vou indo."

“Espere. Aonde você vai?” Ele examina minha roupa — shorts de ciclismo, camiseta de proteção solar e tênis de treino — como se estivesse me notando pela primeira vez. “Por que você está com essa cara de quem vai participar de um triatlo?”

“Vou fazer uma caminhada com os Spencers. Eles vão me buscar no cais em dez minutos.”

"Desculpe, você vai fazer um passeio de barco/trilha com aqueles malucos no lago?"

“Eles não são loucos.”

"Como você sequer consegue entrar em contato com eles?", pergunta Wyatt.

“Ah, o pequeno Spencer me mandou uma mensagem direta.”

“Não gosto disto.”

“Qual parte?”



“Qualquer uma dessas coisas”, diz ele, exasperado. “Homens aleatórios mandando mensagens diretas. Te atraindo para o barco deles com convites para uma trilha muito suspeita—”

“Por que isso é suspeito? Estamos apenas visitando a árvore de Darlie e Raymond perto da propriedade dos Loughlin.”

“A árvore do sexo?” Wyatt parece indignado.

"Sim."

“Deixa eu ver se entendi. Você vai deixar dois homens adultos te levarem de barco para que você possa subir um penhasco e visitar uma árvore onde o fantasma que assombra nosso cais costumava transar com o amante antes dele a trocar pela irmã dela? Você está literalmente pedindo para ser assassinada.”

Eu me inclino para dar um tapinha no braço dele. "Sabe, se você e meu pai entrassem numa competição de superproteção, sinceramente não sei quem ganharia. O mesmo vale para quem é o mais maluco."

Wyatt cerra os dentes. "Me dê cinco minutos para vestir uma roupa decente."

“Você não vem conosco”, protesto.

Ele já está se aproximando da casa. "Sim, estou."

“Você disse que precisa escrever hoje —”

"Escreverei mais tarde", diz ele por cima do ombro.

Os Spencers nos buscam em sua lancha alugada e não fazem a menor questão de esconder que estão de olho no Wyatt enquanto ele sobe a bordo.

Não os culpo nem um pouco. Ele está usando bermuda cáqui, botas de caminhada e uma camiseta branca justa que delineia seu abdômen, e com seus óculos de sol e um boné protegendo o rosto, ele parece uma espécie de aventureiro irresistível.

É difícil conversar por causa do vento, então me inclino para trás e aproveito a água espirrando no meu rosto enquanto o barco balança nas ondas. Menos de quinze minutos depois, o Spencer diminui a velocidade quando nos aproximamos de uma pequena enseada sombreada por pinheiros imponentes. Um pequeno cais se projeta da costa rochosa, e ele desliza cuidadosamente até ele enquanto o Spencer pula na plataforma de madeira instável e nos amarra.

Wyatt salta em seguida e estende a mão para mim. Eu a aperto, ignorando o choque elétrico que percorre meu corpo. Odeio o quanto ele me afeta. Malditos feromônios.

“É logo aqui em cima”, diz o pequeno Spencer quando estamos todos em terra firme. Ele está usando outra camiseta da Mollie May hoje, desta vez azul-celeste com franjas na barra, porque a Mollie May usa figurinos com franjas em todos os seus shows.

"Vocês já estiveram aqui antes?", pergunto enquanto os seguimos em direção à entrada da trilha.

“Algumas vezes. Passamos a noite lá na semana passada.”

"Sério?", pergunto surpresa.

Big Spencer acena com a cabeça. "Acampamos bem debaixo da árvore.

Pensamos que talvez ela quisesse voltar para o seu amado."

“Claro”, diz Wyatt solenemente. “Quem não gostaria?”

O pequeno Spencer revira os olhos. "Tudo bem, bonitão. Você não precisa ser um crente."

“Você acampou aqui? Mas isso não é propriedade privada?”, pergunto.

“Não é a árvore”, diz Big Spencer, com um sorriso presunçoso.

“Consultamos todos os levantamentos topográficos do condado para verificar os limites da propriedade. As terras de Loughlin terminam a meio quilômetro a leste da árvore.”

Subimos a trilha, que é larga o suficiente apenas para duas pessoas caminharem lado a lado. Os Spencers se mostram surpreendentemente

atléticos, correndo à nossa frente. Wyatt e eu os seguimos, desviando silenciosamente de raízes altas e afastando galhos que pendem muito baixo na trilha.

Só depois que os Spencers estão fora do alcance da voz é que Wyatt olha para eles e abaixa a voz. "Então, sobre ontem à noite."

"Ah", digo animadamente, "finalmente vamos falar sobre como você quase me beijou?"

"Eu quase não te beijei", ele murmura.

"Sério? Então você não entrou em algum tipo de transe de amor, passou os dedos pelos meus cabelos, tocou minha boca e se inclinou para me beijar?"

Ao ouvir uma risadinha audível vinda de mais à frente, percebo que os Spencers não estão tão fora do meu alcance auditivo quanto eu

pensava.

“Não foi um transe de amor”, argumenta ele. “Foi um transe musical.”

“Um transe musical”, repito, com alguma dúvida.

“Sim. Eu estava ouvindo música na minha cabeça. Talvez fosse o seu cabelo. Não sei. Tive uma ideia para uma música e me perdi nos pensamentos.” Ele me lança um olhar de soslaio. “Eu não ia te beijar.”

“Hum-hum. Se você diz.”

Resmungando irritado, ele acelera o passo e logo ultrapassa os Spencers.

O pequeno Spencer diminui o passo, esperando que eu o alcance.

Quando começamos a andar juntos, ele murmura: "Ah, aquele menino ia mesmo te beijar."

Sinto-me justificado. "Certo?"

Levamos mais dez minutos para chegar ao topo do penhasco e mais cinco para que o grandalhão Spencer grite: "Por aqui!"

A árvore é mais impressionante do que eu esperava. É um pinheiro solitário, mas não um pinheiro mirrado qualquer. O tronco é enorme, retorcido pela idade, e os galhos altos se estendem largos e irregulares,

projetando manchas de sombra por toda a grama alta. Na base, flores silvestres brotam da terra, e um dos galhos mais baixos da árvore se projeta o suficiente para criar um banco natural onde você pode realmente se sentar.

"Nossa, isso é lindo!", exclamo, maravilhada.

"Não é?" O pequeno Spencer sorri radiante. "Dá para imaginar perfeitamente a Darlie e o Raymond vindo aqui e transando, não é?"

“Quer dizer, eu não estava imaginando eles transando, mas… claro.”

Aproximo-me da árvore, inalando o aroma de agulhas de pinheiro e terra. Quase espero encontrar iniciais entalhadas no tronco, um coração romântico com DG e RL gravados dentro, mas não há nada além de pedaços de casca irregulares e escamosos.

“Então Raymond morava lá em cima?” Observo a encosta ao longe, tentando distinguir a casa dos Loughlin por entre os pinheiros. É possível ver a enorme propriedade se você estiver na água, mas não daqui.

“Sim”, confirma Big Spencer. “E, segundo a lenda, ele saía escondido todas as noites para encontrar Darlie aqui.”

“Para transar”, interrompe o pequeno Spencer.

“Que lenda é essa?” Wyatt parece exasperado. “Tipo, existe alguma prova concreta de que eles se encontraram nessa árvore? Vai que é só uma árvore qualquer que foi arrastada para essa história contra a sua vontade.”

“Nós lemos isso em entrevistas”, diz Little Spencer na defensiva.

“Membros da família Loughlin falaram sobre isso ao longo dos anos.”

“Certo, e que provas eles apresentaram?”, questiona Wyatt. “Além de histórias transmitidas de geração em geração?”

"Ah, então você está descartando a história oral?", retruca o pequeno Spencer. "Você seria um péssimo historiador. Quem quer uma barra de granola?"

Pisquei, surpresa com a mudança repentina de assunto. "Ah, não, obrigada. Estou bem."

“Igualmente”, diz Wyatt.

“Você que sabe.” O pequeno Spencer mete a mão na pochete, olhando para o Spencer mais velho. “Chocolate com gotas de chocolate ou aveia mastigável, querido?”

Enquanto os Spencers comem suas barras de granola sentados no banco de galho, eu me afasto, celular na mão. Já que estamos aqui, por que não aproveitar para tirar algumas fotos da vista? Wyatt se aproxima enquanto estou enquadrando uma foto do lago.

"Você está se sentindo melhor em relação a essa caminhada rumo ao assassinato?", pergunto a ele.

“Sim”, diz ele a contragosto. “Parecem inofensivos.”

“Eu te avisei.”

Me viro para tirar algumas fotos da árvore do sexo.

"Não consigo imaginar amar alguém tanto a ponto de querer me matar se essa pessoa partisse meu coração", reflito. "Você consegue?"

"Pessoalmente? Não. Não me vejo desenvolvendo sentimentos tão profundos."

“Vai contra o código dos cafajestes?”

Ele revira os olhos. "Cuidado, Blakey... Continue usando 'babaca' como termo pejorativo e eu conto para todo mundo que você está me difamando por ser mulher."

"Não me chame de Blakey", resmungo. "Só a Gigi tem esse direito. E

nós duas sabemos que esse apelido é seu. Você faz questão de deixar claro para as garotas que está ali para se divertir, não para ficar por muito tempo."

Isso me faz dar de ombros. "Não há nada de errado em conhecer suas próprias limitações."

“Mas você já esteve apaixonado, não é?”

Wyatt acena com a cabeça. "Muitas vezes. Mas não o tipo de amor de que estamos falando." Ele fica em silêncio por um instante antes de continuar pensativo. "Acho que consigo imaginar, no entanto. O que Darlie

sentia por Raymond. Um amor tão avassalador que, quando acaba, você não quer seguir em frente. Você não quer se curar."

Mordo o lábio, dominada pela intensidade repentina.

“É como se…” Ele para de falar novamente. “Você só quer parar de existir num mundo onde ela não te ama mais. Porque se apagar da sua existência dói muito menos do que ficar para trás sem ela.”

Sinto um nó na garganta, uma sensação estranha percorrendo meu corpo. Para alguém que se diz festeiro, ele está expressando pensamentos muito profundos sobre o amor.

"Você já sentiu algo parecido antes?", pergunta Wyatt, com voz rouca.

Lentamente, balanço a cabeça. "Não. Mas pensei que talvez com o Isaac..." Paro, sem saber onde quero chegar com isso. "O Isaac agia como se me amasse desse jeito. Ele era tão exagerado em relação aos seus sentimentos, especialmente em público... todos aqueles gestos grandiosos e declarações de amor..." Engulo em seco. "Mas não acho que ele sentisse nem uma fração do que você acabou de descrever."

Um lampejo de desconforto cruza a expressão de Wyatt, quase como se ele tivesse percebido a que ponto chegamos. "É", ele finalmente

diz. "Dá para uma ótima canção de amor, mas na vida real? Provavelmente é superestimado."



GRAHAM FAM JAM

GARRETT Pessoal, um Graham precisa ganhar o torneio de badminton. Vamos fazer isso acontecer. RYDER E se eu e a Gigi ganharmos? Somos Ryders. GARRETT Você é um Graham, filho.

Aja como tal.



OS LOGANS

JOHN: Preciso que vocês saibam que eu adoro vocês dois, vocês são meu mundo inteiro e eu daria minha vida por vocês. GRACE: Mas...? JOHN: Mas quando se trata dos Jogos de Tahoe, minha parceira é a Allie. Nós nos damos muito bem e não vamos desistir.

BLAKE: Mãe, como você ainda não se divorciou dele?



GENES DE DEAN

DEAN Se um Di Laurentiis não ganhar isso, vocês vão envergonhar esta casa. Beau, Ivy, vocês precisam se esforçar mais. Eu tentaria, mas fiquei com a Grace. ALLIE E eu? DEAN Para nós, você está morta. Você foi exilada da família quando o escolheu como seu parceiro há quatro anos. BEAU Desculpe, mãe, ele tem razão.

ALLIE Temos uma boa relação e não vamos desistir. Estamos invictos. IVY Eu me recuso a participar deste grupo até que alguém mude o nome. ALLIE A Ivy tem razão. Meus genes são claramente superiores. DEAN Tem alguém falando? Acho que estou ouvindo alguém falando, mas pode ser um traidor e não toleramos traidores aqui em Genes do Dean.



TURMA DO TUCKER

JOHN Queridos, sua mãe e eu amamos muito vocês. Mas seremos a dupla vencedora mesmo que tenhamos que reduzir seus ossos a pó.

ALEX Também te amo, papai. JAMIE Te amo, pai.

CAPÍTULO14

BLAKE

Prepare-se para comer minha peteca.

"A GENTE DEVIA BRINCAR", SUGIRO QUANDO VOLTAMOS PARA CASA. EU NÃO

esperava que aquela caminhada fosse tão profunda, e estou desesperada para aliviar o clima. Analisar o conceito de amor avassalador com o Wyatt me deixou inquieta.

"Jogar o quê?", ele pergunta, sem entender nada.

"Badminton."

"Seriamente?"

“Por que não? Nossos pais malucos vão adorar saber que vamos começar nosso treinamento mais cedo.”

“Verdade.” Wyatt vira o boné de beisebol. “Certo. Eu topo.”

Uma mensagem rápida para o pai dele nos informa que Houseman Henry guardou todo o equipamento no galpão de barcos, então, enquanto Wyatt o pega, corro até a casa para pegar um cooler com garrafas de água.

Wyatt já está na clareira quando volto. Ele tirou a camisa, o que significa que agora ele só está vestindo aqueles shorts cáqui vulgares e um boné virado para trás. Que Deus me ajude.

Está calor, então tiro também a camisa, ficando apenas com um top esportivo acolchoado e shorts de ciclista. Aperto os cadarços dos meus tênis para não tropeçar na quadra.

Wyatt franze a testa. "Você está usando um sutiã."

"Ai, não. Isso vai te dar vontade de me beijar de novo?"

Revirando os olhos, ele me passa uma raquete enquanto faz malabarismos com algumas petecas de badminton na outra mão. "Você sabe jogar, né?"

"Não", respondo alegremente. "Mas presumo que você bata por cima da rede com toda a força que tiver?"

“Quer dizer, basicamente, sim. Mas assim que a peteca—”

“Por favor, pare de tentar me excitar.”

Ele bufa. "O passarinho. O nome oficial é peteca."

“Quem deu esse nome? Provavelmente alguém com um pênis pequeno, né?”

Wyatt ri ainda mais alto. "Por que o pênis dele tem que ser pequeno?"

“Porque ele está tratando isso como um ônibus espacial. Como se ele quisesse que fosse um foguete. Mas não é. Então ele está projetando isso através do badminton.”

“Sim, é exatamente isso que está acontecendo.”

Corremos para lados opostos da rede. Ajusto a pegada na raquete.

"Quem perder lava a louça pelo resto do verão", grito.

“Não vou aceitar essa aposta.”

"Assustado?"

Ele gira a raquete, exibindo-se. "Não, eu só sei que você nunca pode apostar que os resultados esportivos vão ser a seu favor. E se eu tropeçar numa pedra e quebrar a perna? Aí você ganharia por WO."

“Sabe quem não tropeçaria e quebraria a perna?”

"Quem?"

“Um bom jogador de badminton.”

“Ah, vai se foder. Sem aposta.”

“Ótimo. Quem ganhar leva a glória.”

Apesar de ele ser uns três metros mais alto do que eu, sou razoavelmente atlético, então a partida acaba sendo competitiva desde o início.

Wyatt lança a peteca para o ar e, em seguida, a golpeia com um baque alto, fazendo-a voar em minha direção com uma velocidade inesperada.

Eu avanço, meus tênis rangendo na grama. De alguma forma, consigo revidar com força suficiente para fazê-lo correr para trás. Uau. Sou boa nisso.

O jogo esquenta rapidamente. De repente, não estamos mais apenas trocando voleios. Estamos jogando com tudo. Wyatt mergulha para defender, caindo de lado e mal conseguindo passar a peteca por cima da rede, e enquanto ela vem em minha direção, não me dou ao trabalho de ser gentil. Eu a golpeio com força, como se estivesse tentando acabar com a carreira profissional dele no badminton.

"Vai se foder! Isso foi um tiro no corpo!" ele grita, rindo sem fôlego.

"Jogue melhor, querido", digo a ele, girando minha raquete delicadamente.

“Você é uma jogadora de badminton incrível”, ele me informa.

“Qual é o problema, garoto cantor? Não aguenta a pressão?”

“Garoto da música? Não zombe da música.”

“Não estou zombando da música. Estou zombando de você.”

Após meu próximo saque, nosso rali chega a dez voleios. Estamos ambos ofegantes quando erro a décima primeira devolução.

O suor escorre pela têmpora de Wyatt enquanto ele ergue a raquete novamente. "Prepare-se para engolir minha peteca, Logan."

"Isso soa tão errado", respondo em meio a uma onda de risos.

Nós dois começamos a brilhar. O suor escorre entre meus seios e cobre meu rosto. Peço uma pausa e corro até o cooler para pegar alguns cubos de

gelo. Esfrego-os no pescoço e na clavícula, suspirando satisfeita com a sensação refrescante. Nem me ocorre que eu possa estar agindo de forma sedutora até que Wyatt me olha por cima da garrafa de água que está bebendo.

“Sardas”, ele avisa, enxugando a água do canto da boca. “Você precisa parar.”

“Parar o quê?”

“Não sei. Está tentando me seduzir.”

Fico boquiaberto. "Você é tão convencido(a)."

"Sério? Então esfregar gelo nos seus peitos não é para o meu benefício?"

"Está funcionando?", questiono.

“Então você está fazendo isso.”

“Não, eu só estou dizendo que, se você acha que estou tentando te seduzir e você está sendo seduzido, então talvez o problema seja seu.”

Nós nos encaramos.

“Essa dinâmica maldita”, ele murmura.

Sim, é muito estranho. Admito. A gente discute o tempo todo. Ficamos nos provocando, testando um ao outro. Mas não é hostil. Ele só desperta emoções em mim.

Além disso, ele é tão lindo que me falta a concentração. O sol faz o suor em seu peito brilhar, delineando a definição perfeita de seu abdômen.

Minha boca se enche de água enquanto observo uma gota de suor escorrer da curva de sua clavícula e deslizar por seu torso, serpenteando entre os pelos finos que se afinam em direção à sua cintura.

"Não estou tentando te seduzir", digo, encontrando minha voz. "Estou com calor." Coloco um cubo de gelo na boca e o mastigo ruidosamente entre os dentes. "Vamos lá. Vamos continuar o jogo para que eu possa terminar de te envergonhar."

Estávamos encharcados de suor quando finalmente desistimos. Wyatt saiu vitorioso, mas eu fiquei genuinamente impressionado comigo mesmo.

Não esperava ser tão bom em badminton, de todas as coisas. Talvez eu me dedique de verdade a esse torneio em família que os pais estão organizando.

Flexiono o pulso direito e o acho surpreendentemente sensível. "Nossa.

Quem diria que arremessar uma peteca me deixaria tão dolorido assim?"

Wyatt suspira. "Por favor, nunca mais use a expressão 'jogar peteca'."

"Sexy demais?"

"Obviamente."

Com um sorriso, coloquei minha raquete em cima do cooler. "Vou tomar um banho e depois preparar o almoço. O que você quer comer?"

"Hambúrgueres?", ele sugere.

Claro. Vou preparar alguns acompanhamentos quando sair do banho.

“Vou guardar o equipamento”, diz ele, abaixando-se para pegar uma peteca do chão. “Tudo precisa voltar para o galpão de barcos. Já te encontro.”

Entro para lavar o suor do meu corpo, depois visto um vestido de verão folgado e prendo meu cabelo molhado em um rabo de cavalo. Quando olho meu celular, vejo uma chamada perdida de Beau Di Laurentis e rapidamente digito o nome dele para retornar a ligação.

Em vez de dizer olá, Beau responde: "Preciso de você".

"O que há de errado?", pergunto imediatamente. "Quem eu preciso machucar?"

Estou falando sério, mas só pela metade. A verdade é que os Golden Boys são meus parceiros para tudo, principalmente o Beau. As coisas poderiam ter desandado rapidinho depois da nossa noite juntos, mas, para meu alívio, não houve nenhum constrangimento entre nós desde então. O

que só confirma que ele era o cara certo para o trabalho. Ele não só foi gentil e paciente, como também se comportou perfeitamente depois. O

Beau é, sinceramente, o melhor cara que eu conheço.

“O resto da nossa família”, responde Beau. “Vamos esmagá-los. Você e eu. Os dois Bs.”

“Desculpe. Isso tem a ver com o torneio de badminton?”

“Sim, acabei de receber a notícia de que é—”

"Que cachimbo?" Eu interrompo com um resmungo.

“Bate-papo entre homens. Acabamos de ser informados de que são pares mistos. Logo, estou te considerando meu parceiro.”

Estou sentindo um zumbido no ouvido. "Espere um pouco. Estou recebendo uma mensagem."

"Nem pense em responder", rosna Beau. "Vai ser o AJ."

Inclino o telefone para ver a tela. E lá está: uma mensagem de AJ

Connelly.

AJ: Ei B., preciso que você seja meu parceiro no torneio de badminton.

“Ele está tentando ser seu parceiro, não é?”, pergunta Beau. “Diga a ele que é tarde demais.”

"Não sei", brinco. "Ele tem uns quilinhos a mais de músculo que você."

“Blake Josephine Logan”, ele avisa. “Lembre-se de quem lhe proporcionou seu primeiro orgasmo…”

Eu caí na gargalhada. "Não ouse usar isso contra mim em nome do badminton."

Seu tom se torna suplicante. "Vamos lá, eu te perguntei primeiro. Diga sim."

“Claro, tanto faz, sim.”

“Sim! Eu te amo! Obrigada, B.”

De nada. Bom, preciso ir preparar o jantar.

“Espere, como estão as coisas em Tahoe? Ouvi dizer que o Wyatt está lá.”

“Sim, ele está aqui em cima compondo música.”

“Vocês estão passando muito tempo juntos?”

“Um pouco. Mas você o conhece. Ele está no próprio mundo dele quando se trata de música. E eu andei pesquisando sobre uma assombração em um lago. Fomos hoje ver a árvore onde meu fantasma encontrou seu amante secreto antes de se afogar.”

Tem uma batida.

Então Beau suspira. "Você é um completo idiota. Mal posso esperar para te ver."

“O mesmo para você.”

Depois de nos despedirmos, abro a mensagem do AJ para responder.

Desculpe, eu já tenho dona. AJ, seu idiota. Agora vou ficar presa com a Ivy. Sua namorada não vem este ano? AJ, a Tara não tem um pingo de aptidão física. Pode tentar ficar com a Alex. AJ, ela vai ficar com o Wyatt. Vai se foder, Blake Josephine. Sempre com seus favoritos. Eu também te amo, Adam Jensen.

Enquanto desço as escadas, envio uma mensagem para o grupo de bate-papo da minha família.

E aí, pessoal, essa história de badminton está ficando séria demais.

Os Golden Boys estão prontos para se matar para jogar comigo. Isso era para ser divertido. PAI: É uma luta sangrenta até a morte. Não existe nada mais sério do que isso.

A culpa é minha. Eu deveria ter imaginado que não podia esperar bom senso do meu pai.

Na cozinha, corto um tomate em fatias e preparo os outros ingredientes para o hambúrguer. Wyatt não está no deck, e percebo que a churrasqueira nem foi acesa, então saio até o parapeito e examino a área à sua procura.

Quando o encontro, quase me engasgo com a língua.

Ele está parado embaixo do chuveiro externo atrás da casa de barcos.

Nu. Segurando o pênis.

Oh.

Acho que o pulso dele não está doendo.

Não consigo respirar, meu coração batendo forte contra as costelas.

Wyatt está com uma das mãos pressionada contra a parede de madeira e, com o corpo levemente curvado e inclinado para o lado, tenho uma visão perfeita não só do seu pênis lindo, mas também da sua bunda firme.

O corpo dele é espetacular, exatamente como eu sabia que seria.

Estou paralisada, hipnotizada pela visão do seu punho percorrendo seu membro longo e grosso. Sei que deveria ir embora, mas minhas pernas não respondem.

E então é tarde demais, porque ele vira a cabeça e nossos olhares se cruzam.

CAPÍTULO15

WYATT

Às vezes, os amigos tiram o pênis para fora.

EU DEVERIA PARAR.

Quer dizer, obviamente eu deveria parar.

Estou com a mão no meu pau e os olhos de Blake Logan fixos nele. Não tem como isso acabar bem. Figurativamente falando, pelo menos. Me masturbar sempre termina muito bem.

Embora eu saiba que é errado, não consigo desviar o olhar. Ela está longe demais para que eu consiga distinguir todos aqueles pequenos detalhes únicos do seu rosto que povoam minhas fantasias. Como as manchas cinzentas tempestuosas nadando em meio ao azul celeste. As sardas salpicando suas bochechas e a ponte do seu nariz. Ela também tem sardas no peito, espalhadas pela clavícula e pelas curvas dos seios. Imagino seus mamilos rosados perfeitos, e a lembrança deles me faz me masturbar com mais força.

Lá em cima, no convés, Blake entreabre os lábios, e agora eu os imagino me envolvendo. Ela está de pé no parapeito, mas na minha mente, ela está ajoelhada na minha frente, e em vez de foder minha mão, eu estou

fodendo a boca dela. Aquele doce e pequeno "O" apertando a cabeça do meu pau.

Ela me observa, hipnotizada. Isso está errado em tantos níveis, mas não me importo. O bom senso desapareceu, substituído pelo calor que percorre minhas veias enquanto todo o sangue do meu corpo ferve até meu pau duro.

A água morna do chuveiro escorre pelo meu peito e desce pelo meu corpo. Luto contra a vontade de acelerar o ritmo, porque se eu terminar agora, este momento tem que acabar, e eu quero que ela continue assistindo.

Esta pode ser a coisa mais excitante que já vi enquanto me masturbava, e ela nem está nua.

Mordo o lábio para abafar um gemido, mas ele escapa mesmo assim.

Com os olhos de Blake fixos em mim, aperto a glande inchada e o líquido pré-ejaculatório escorre. Meu pau está molhado e brilhante enquanto o enfio na minha mão, deslizando-a para cima e para baixo ao longo da haste.

Olha só, meu bem, eu imploro silenciosamente a ela. Veja o que você me faz.

Sinto a excitação aumentar, o orgasmo iminente. Contraio meus testículos contra o corpo. Estou quase chegando ao clímax, mas ainda não estou pronto, então reduzo o ritmo das estocadas, com cuidado para não me forçar a ultrapassar esse limite.

Minha respiração agora escapa em suspiros curtos. A cabeça gira. Tudo em que consigo me concentrar é no prazer, que só se intensifica pelo fato de Blake estar testemunhando isso. Meus testículos doem, e eu fecho meu punho com força ao redor do meu pênis, forçando-o entre meus dedos, fingindo que estou fodendo sua boca, sua vagina, qualquer coisa que ela me permita.

Que se dane.

Preciso ir.

Quero que ela veja.



Acelero as estocadas e, em segundos, estremeço de prazer, ondas de excitação percorrendo meu corpo até que eu fique sem ar. Gozo por toda parte. Na minha mão, no meu abdômen. Cordas de sêmen escorrem do meu punho para o chão. Continuo me masturbando durante o clímax alucinante, espremendo até a última gota, enquanto Blake observa com os olhos arregalados.

Quando o orgasmo passa, estou exausto. Mas meu pau continua duro.

Ele quer de novo. Não o culpo. Aquilo foi só uma provocação.

Respiro fundo, com dificuldade, e afasto o cabelo do rosto antes de me virar para fechar a torneira. Quando me viro novamente, o convés está vazio. Blake sumiu.

Agimos como se nada tivesse acontecido.

Talvez não seja a abordagem mais madura, mas parece funcionar para nós duas. Eu grelho hambúrgueres e Blake faz salada de batata, e comemos no deck. Enquanto eu limpo a mesa e lavo a louça, ela fica sentada à mesa, lendo um livro que pegou emprestado da biblioteca.

"Alguma novidade sobre a Darlie?" pergunto depois de terminar a limpeza.

Ela levanta o olhar, fazendo com que seu rabo de cavalo alto balance sobre o ombro. Como sempre, estou louca para soltar o cabelo dela.

Ainda mais agora que finalmente o toquei. Agora que sei como é sedoso entre meus dedos.

Eu menti para ela hoje de manhã. Eu ia beijá-la. Na verdade, eu estava a segundos de beijá-la até ela perder o fôlego. Foi um milagre eu ter conseguido resistir à tentação, mas ainda bem que consegui. Passei a noite toda escrevendo por causa disso. Tem algo a se dizer sobre a dor da excitação e o desejo profundo que nos consome.

Ainda assim, preciso parar de me colocar em situações de tentação como essa. Não posso me dar ao luxo de ter distrações agora, não quando Tobey Dodson vai me ligar a qualquer momento para falar sobre minhas

"novas coisas". Então... eu preciso de coisas novas. Preciso compor. Preciso me concentrar na música e não na tentadora sardenta que resolveu arruinar meu verão.

Blake e eu podemos ser amigos. A amizade é segura. Sem pressão, sem expectativas, apenas compartilhando uma refeição de vez em quando, jogando badminton.

Masturbar-se na frente dela, zomba uma voz interior.

Certo. Pensando bem, essa não foi a atitude mais inteligente da minha parte. Mas foi só um pequeno deslize. Às vezes, amigos tiram o pênis para fora e se masturbam enquanto outro amigo assiste.

"Suas habilidades de enfrentamento são incríveis", essa voz me informa.

Tudo bem. Eu ultrapassei um limite, assim como na véspera de Natal, três anos atrás. Mas isso acaba agora. Uma amizade começou.

“Este não é um livro da Darlie”, diz Blake distraidamente, virando para a página seguinte. “Estou lendo sobre a história dos quebra-cabeças.”

Claro que sim.

"Pode explicar?" Com um sorriso, me jogo na cadeira em frente à dela e acendo um cigarro.

Blake dá de ombros. "Eu estava curioso para saber como os quebra-cabeças se popularizaram, então encontrei um livro sobre isso. É realmente muito legal."

"Legal e quebra-cabeças não são duas palavras que combinam muito bem."

“Diz o cara que estava fazendo o quebra-cabeça antes de eu chegar.” Ela fecha o livro. “Acabei de descobrir que os primeiros quebra-cabeças nem eram chamados de quebra-cabeças. Eram chamados de ‘mapas dissecados’, porque um cartógrafo do século XVIII costumava montar mapas em uma

tábua de madeira e depois recortar ao longo das linhas das fronteiras nacionais para criar quebra-cabeças geográficos. Eles os usavam nas escolas. Que legal, né?”

“Mais uma vez, ela não está usando a palavra 'legal' corretamente”, eu a informo, mas de certa forma adoro o entusiasmo dela por esses assuntos aleatórios. E, para falar a verdade, ela realmente os torna mais interessantes quando os explica.

O celular dela vibra e ela se inclina para frente para verificá-lo. Seu rosto se ilumina. "Ah, que legal. O pequeno Spencer me mandou um link para o último episódio do podcast deles. Vou dar uma espiadinha."

"Esse podcast é só os dois sentados conversando sobre fantasmas?"

Faço uma pausa. "Pergunta sincera: temos certeza de que esses caras não vão invadir nossa casa no meio da noite e tentar nos matar para criar fantasmas?"

“Tenho quase certeza. Mas se eles fizerem isso, vou garantir que me matem primeiro para te dar tempo”, diz ela gentilmente.

Dou uma risadinha. "Obrigada. Agradeço, sardenta."

“E o podcast não é exclusivo sobre fantasmas. É sobre qualquer coisa sobrenatural, na verdade. E é só o pequeno Spencer falando.”

“Ele fala sozinho?”

Blake sorri. "Bem, ele conversa com a plateia. Mas sim. O Spencer grandão não gosta de como a voz dele soa gravada." Ela pega o livro.

"Enfim, quero continuar lendo. Quais são os seus planos para o resto do dia?"

“Escrever. Vou me trancar na varanda envidraçada. Provavelmente vou pular o jantar.”

Ela levanta uma sobrancelha para mim. "Finalmente você entendeu? A música?"

“Começando a acontecer”, admito. “Mas não criem muitas expectativas.”



“Não, vou criar expectativas para nós dois. Vai lá e grava essa música, Graham.”

Ela me lança um daqueles sorrisos espontâneos, e eu me obrigo a desviar o olhar porque não tenho força de vontade quando ela sorri para mim assim.

Cada um segue seu caminho pelo resto da tarde. Pego meu violão e me refugio na varanda lateral da casa. Impulsionada por um sorriso, rabisco a letra e dedilho a melodia que não me sai da cabeça desde a

caminhada até a árvore do sexo. Ela tem tanto potencial que acabo fazendo algo que raramente faço: pego meu celular e gravo a mim mesma cantando, depois envio o arquivo bruto para o Cole para ele dar sua opinião.

Porque, puta merda.

Essa música... talvez seja boa.

Mais tarde naquela noite, me recompensei por um dia produtivo de trabalho pegando uma garrafa de uísque do armário de bebidas. É o favorito da minha mãe e absurdamente caro, mas acho que ela não se importaria se eu me desse esse luxo.

Equilibrando um copo no joelho, acomodo-me numa cadeira no deck e contemplo o lago tranquilo. Uma brisa suave traz o aroma de pinheiros e fumaça de fogueira. Alguém está acendendo uma fogueira por perto. Mas tudo o que consigo sentir é o cheiro forte e quente do uísque.

“Posso ficar com um pouco disso?”

Blake se aconchega na cadeira ao meu lado, estendendo um copo vazio.

Eu o encaro por um segundo antes de dar de ombros. Tanto faz. Não posso ficar controlando o que ela bebe. Além disso, pelo que vi até agora, ela quase não bebe, e quando bebe, sabe onde está. Eu coloco um pouco do líquido âmbar no copo dela e tomo um gole do meu.

Um silêncio confortável se instala entre nós. Bebemos nosso uísque, contemplando a água. Nossa plataforma flutuante mal se move; o lago está tão calmo esta noite.

"No que você estava pensando enquanto se masturbava?"

Quase me engasguei com a bebida.

Puta merda. Eu estava aqui, mentalmente dando tapinhas nas costas dela por lidar tão bem com a bebida. Acontece que você dá um uísque para a Blake Logan e ela já está perguntando sobre as minhas fantasias de masturbação.

“Sim…” Mantenho o olhar fixo à frente. “Não vou te contar isso.”

“Vamos lá, me diga. No que você estava pensando?”

Você. De joelhos. Me sugando até a última gota.

Dou outro gole de uísque. "Não", digo firmemente.

Você se lembra de quando estava me irritando na cozinha?

“Que horas?”

“Sempre que estou cozinhando. Mas estou falando daquela noite em que você me chamou de mandona.”

Não me lembro de nada, mas claramente foi algo memorável o suficiente para ela mencionar novamente. Quando ela continua, percebo por que aquilo lhe chamou a atenção.

“Você disse que gostava de garotas mandonas, contanto que fosse fora da cama.” Blake termina sua bebida e estende a mão para pegar a garrafa, mas eu me inclino e a agarro antes que ela consiga.

“Não. A ligação caiu.”

“Só mais uma”, ela protesta.

“Meio tiro.”

Coloco uma pequena quantidade de uísque no copo dela. Ela me encara, mas aceita o acordo. Enquanto bebe, sinto o olhar dela fixo no meu rosto.

“Então você é quem manda na cama?”, ela provoca. “Você gosta de estar no controle?”

Eu gemi, passando a mão pelo queixo. "Não vou ter essa conversa com você."

"Por que não?"

“Blake…” O nome dela sai da minha boca, mas não sei se é um aviso ou um apelo.

“O quê? Não é como se eu estivesse pedindo uma manifestação. Por que não podemos conversar sobre isso?”

“Porque você e eu…”, gesticulo entre nós. “Somos amigos. Não vou estragar isso contando coisas que não devo.”

“Amigos falam sobre sexo. Ah, qual é. Mandona como assim? Mandona tipo algemas e palavras de segurança?”

Minha virilha lateja só de pensar nas imagens que as palavras dela acabaram de evocar.

Blake algemado à minha cama. Implorando pelo meu pau.

Expiro lentamente, já me arrependendo do que vou dizer em seguida.

"Não sei. Mandona, no sentido de intensa. Não sou tranquila, não quando se trata de sexo. Gosto quando a mulher com quem estou me dá tudo."

“Como assim, tudo? Tipo sexo anal?”

Eu caí na gargalhada. Jesus Cristo.

“Não”, digo entre risinhos. “Quer dizer, claro, se ela quiser, eu topo.

Mas quero dizer tudo, não só fisicamente.” Minha voz fica rouca enquanto uma sensação estranha percorre meu peito. “Eu quero… confiança.

Vulnerabilidade. Quero que ela olhe nos meus olhos, que esteja ali comigo.

Sem barreiras. Quero que cada pensamento, cada olhar, cada respiração estejam focados em mim e no que eu a faço sentir.”

Percebo que a mão de Blake treme enquanto ela pega o copo e toma um gole de uísque. "Nossa. Parece intenso mesmo."

"Sim." Lambo meus lábios. Seus olhos permanecem fixos em mim, me prendendo no lugar. "Eu não quero metade de alguém. Eu quero a pessoa inteira. Mente, corpo, tudo. É isso que me excita."

Nossa, eu pareço um idiota. Nunca falei nada disso antes, mas agora que ouço, me dá uma pontada de vergonha, essa ideia de pedir tudo para alguém e depois sumir. Mas eu retribuo na hora, sim. Retribuo mesmo. Nunca peço nada que não esteja disposto a dar em troca.

Eu simplesmente… não fico.

Percebo que as bochechas de Blake estão coradas, seja pelo uísque ou pelas minhas palavras. Espero que seja o primeiro. Não quero excitá-la.

Bem, quero, mas também não quero. Meu Deus. Essa garota me tira do sério.

“Isso não é ser mandona”, diz ela, e sua voz não é muito firme. “É

apenas ser honesta.”

Meus dedos apertam o copo com força. "É. Acho que é isso que eu quero. Honestidade. Quero alguém que me deixe ver tudo."

“Isso… não é uma coisa ruim.”

Não sinto falta do jeito como os seios dela se erguem enquanto ela inspira profundamente. O uísque soltou minha língua, e não consigo impedir que as próximas palavras escapem.

"Você ia odiar", digo asperamente. "Você ia me odiar desse jeito. É

demais."

Não consigo desviar o olhar dela, não quando ela está me observando com aqueles grandes olhos azuis. Mesmo quando sei que estou me expondo mais do que gostaria.

Você odiaria o quanto eu ia querer de você. O quanto eu ia tirar de você.

O olhar dela não se desvia do meu. "O que te faz pensar que eu odiaria isso?"

Ouço meu pulso martelando nos meus ouvidos. Preciso sair dessa espiral descendente. Agora. Isso não é etiqueta de amizade.

“Está ficando tarde”, digo, puxando a cadeira para trás. “Eu queria ir dormir cedo hoje, tentar dormir de verdade. Boa noite, sardenta.”

You Know

I'm not good enough for you
~~You're too good for me~~
You know that, baby
You know
I drink too ~~much~~ slow
and talk too ~~little~~ fast
I was somebody once,
but I think I forgot

You look at me like maybe
you see something
Maybe you know something
Maybe you need something
And maybe that something is me

CAPÍTULO16

WYATT

Qualquer pessoa, menos a musa.

“ISSO É BOM”, DIZ COLE.

"É mesmo?" Eu reprimo um sorriso, me forçando a conter minha empolgação. Mas o Cole geralmente demora muito mais para me responder, então o fato de ele ter ligado em menos de 24 horas é promissor.

“É muito bom, cara. Volta pra Nashville. Precisamos te levar pro estúdio.”

“Não, não estou pronto para isso. Não quero voltar com apenas uma faixa pronta. Quero poder enviar algumas opções de músicas para o Dodson. Estou trabalhando em outra agora.”

“Justo.” Há uma longa pausa, e então Cole dá uma risadinha. “Então, quem é ela?”

Eu me faço de desentendida. "O que você quer dizer?"

“Sobre quem é a música?”

"Ninguém."

Ele ri ainda mais alto agora, um berro profundo no meu ouvido.

"Bobagem, G. Essa música é sobre uma mulher de verdade, que respira. E

ela, meu amigo, é a sua musa."

Merda. Era disso que eu tinha medo.

Mas, no fundo, eu sabia que era verdade. Ela está na minha pele. Bem lá no fundo. Esta manhã, fiquei deitado na cama como um bobo apaixonado, lembrando de todos os comentários sarcásticos e piadas idiotas que ela fez ontem. Depois, me masturbei pensando na imagem dos seus olhos grandes me observando no chuveiro. Mesmo assim, essa repetição obsessiva de cada palavra que ela diz é o que me deixa mais constrangido.

"É aquela com quem você vai passar o verão, não é?", deduz Cole. "A fruta proibida."

“Sim”, admito. “E é ruim.”

“Do que você está falando? É fenomenal. Você encontrou uma musa.”

Não quero que Blake seja minha musa. Isso significa passar mais tempo com ela. Mergulhar nela. O que preciso fazer é vê-la menos.

Mas ela está em todo lugar. Em casa. No cais. Nos meus malditos sonhos. E ela nem faz isso de propósito. Ela simplesmente existe, e eu estou perdido.

"Cara, é um problema", eu digo entre dentes cerrados. A confissão me corrói por dentro. Odeio verbalizá-la. "As letras vêm quando estou com ela.

Simplesmente jorram."

“Mais uma vez, como isso pode ser algo ruim?”

"Porque eu quero transar com ela." Um gemido escapa. "E se o meu comportamento das últimas vinte e quatro horas serve de indicação, provavelmente vou fazer isso em breve."

“Droga.” Cole fica em silêncio por um momento. “Bem. Obviamente você não pode fazer isso.”

“Não posso? Quer dizer, né, não posso.” Hesito. “Me lembre por quê?”

Ele bufa. "Porque você não pode dormir com sua musa. Risco muito grande."

Levanto-me da espreguiçadeira e aproximo-me do parapeito, contemplando o lago. O sol está se pondo atrás das árvores, projetando

raios alaranjados sobre a água.

“Quando você transa com uma musa, pode dar certo ou errado”, continua Cole. “Na melhor das hipóteses, isso libera uma onda criativa que te torna ainda mais produtivo. Lembra do meu fim de semana em Munique com a Anastasia? Nossa! Eu escrevi ‘Pretty Girl’ naquele fim de semana. O

álbum virou platina mês passado, aliás.”

"Legal."

“Sim. Mas também existe o pior cenário. Lembra daquele dezembro que passei com a Tansy? A crupiê de blackjack de Las Vegas? Ela me inspirou demais por semanas, e aí, no momento em que transei com ela, a música morreu. Não consegui compor de novo por meses.” Seu tom se torna severo. “Você não pode trair a musa, por mais tentador que seja.”

"Talvez fosse menos tentador se eu não fosse celibatário", murmurei, sem conseguir conter a acusação na minha voz. Afinal, a culpa é dele. Só tenta o celibato, cara. Confia em mim, vai ajudar.

Há outra longa pausa.

“Tudo bem”, diz Cole. “Eu te dou permissão.”

"Para que?"

“Ir transar. Escolher qualquer pessoa, menos a musa.”

"Sério?", digo, com certa dúvida.

“Olha, você tentou. Você deu uma chance a essa coisa de celibato. Mas obviamente não está funcionando para você, e se você corre o risco de comprometer a única fonte de inspiração que teve em um ano, então precisamos resolver isso logo. Encontre uma mulher bonita, satisfaça seus desejos e preserve a musa.” Ele pragueja de repente. “Droga, preciso ir, G.

Eu e a Aimee estamos prestes a gravar a faixa. Me mande o resto da música quando estiver pronta.”

Ele se desconecta, me deixando presa em meus próprios pensamentos.

Talvez ele tenha razão. Claramente, o celibato não funcionou. Só escrevi besteira enquanto meu pau estava dormente. Então talvez seja hora



de deixá-lo ir.

Mas não com Blake.

E não é porque ela possa ser minha musa. É porque todos os motivos pelos quais eu não deveria me envolver com ela não mudaram. Ela merece mais do que uma aventura de uma noite, e nossas famílias literalmente me matariam se eu a usasse para sexo e partisse seu coração.

Encaro meu celular, meu polegar pairando sobre a conversa e a última mensagem de Mira. A foto íntima pode ter sumido, mas o convite continua.

Se você estiver a fim, me manda uma mensagem.

Após alguns segundos de indecisão, digito.

Você está por aí hoje à noite? Quer tomar um drinque?

Então eu clico em Enviar antes que eu possa pensar demais.

“Você vai sair?”

Blake aparece na escada enquanto eu procuro as chaves do Jeep no aparador do corredor. Eu fui a última a dirigi-lo e juro que as deixei cair nesta tigela de vidro. Mas tudo o que vejo são bolotas decorativas.

Mantenho a cabeça baixa. "Sim."

“Aonde você vai?”, pergunta ela, curiosa, descendo os degraus aos pulos.

“Em lugar nenhum, na verdade.”

“Certo, porque isso não é nada suspeito.” O riso dela me faz cócegas nas costas. “Deixa eu adivinhar: você vai para um clube de pôquer clandestino? Ou trabalha como stripper nas horas vagas?”

Guardo minha carteira de chaves na gaveta do aparador. "Não, só vou encontrar alguém na cidade."

"Quem?"

Meus dedos esbarram no chaveiro. Graças a Deus.

"Quem?" Blake insiste quando não respondo.

"Apenas uma garota", digo vagamente.

Silêncio.

Não quero ver a expressão no rosto dela, mas sou masoquista, então me viro. A expressão dela é radiante demais, o sorriso forçado.

"Alguém que eu conheça?", ela pergunta animadamente.

“Duvido.”

“É a garota que te mandou as fotos íntimas no barco?”

O tom magoado dela me causa uma pontada de culpa. O que só me faz querer me distanciar disso.

“Sim. Ela.”

Eu poderia ter parado por aí. Poderia ter saído sem dizer mais nada. Em vez disso, me obrigo a insistir no erro.

“Ela é muito divertida”, acrescento. “A gente ficou junto no verão passado.”

Eu observo o impacto. O brilho de mágoa nos olhos de Blake. O jeito como seus ombros se retraem, como se ela tivesse levado um tapa, mas não quisesse demonstrar.

Ótimo. Que ela me odeie. É melhor do que a alternativa. Se essa nossa amizade vai durar, preciso acabar com a atração. De ambos os lados.

“Hum-hum. Legal.” Blake faz uma pausa. “Então seu voto de celibato está anulado?”

Eu expiro pelo nariz, mas não digo nada. Sou um idiota.

“Se o sexo for bom, você vai escrever uma música sobre isso?”

Eu reprimo um suspiro. "Blake—"

"Tanto faz, está tudo bem. Divirta-se esta noite."

Seu gesto displicente de dar de ombros é traído pela rigidez em seus ombros. Ela entra na cozinha a passos largos. Eu não a sigo.

Em vez disso, saio pela porta da frente para buscar Mira.

CAPÍTULO17

BLAKE

Temos absinto

WYATT TEM UM ENCONTRO HOJE À NOITE. QUE LEGAL! ESPERO QUE ELE SE

divirta muito.

Como o melhor momento.

Não me importo que ele esteja num encontro. Por que me importaria?

Não é como se eu quisesse sair com ele nem nada. Estou perfeitamente satisfeita em ficar em casa e montar o quebra-cabeça. Adoro este quebra-cabeça. Não estou encaixando esta peça de propósito num lugar que sei que está errado, só para sentir a resistência e me deleitar com a sensação de poder de fazer algo que sei que vai irritar o Wyatt.

Claro que não.

JULIETTE Você deveria riscar o carro dele.

Dou uma espiada na mensagem que apareceu, sorrindo.

Não posso. Ele levou para o encontro.

Tento me concentrar no quebra-cabeça, mas o tique-taque do relógio acima da porta da cozinha está me distraindo demais. Será que

sempre foi

tão barulhento? Está me deixando hiperfocada no horário. 8h38. Ele saiu há menos de uma hora, mas parece que já se passaram dois dias. E quem é essa garota com quem ele está saindo? Ele disse que eles ficaram juntos no verão passado, e minha mente curiosa agora está repassando mentalmente todas as mulheres que me lembro de ter visto aqui no ano passado.

Era aquela loira do minigolfe? Acho que o nome dela era Cassandra?

Não. Ela ficou com o Gray, se bem me lembro.

Talvez aquelas duas garotas punk-rock do festival de música em Commons Beach?

Espera aí. Esse também era o Gray. O pai dele os encontrou no telhado da casa de barcos depois do show, e todos nós tivemos que ouvir o sermão do tio Hunter na manhã seguinte sobre como ménages à trois — "por mais incríveis que sejam", interrompeu o tio Dean — não são apropriados durante o nosso verão em família em Tahoe.

É melhor que Wyatt não esteja participando de um ménage à trois esta noite.

Meu celular acende de novo. Eu esperava ver o nome de Juliette, mas é Isaac. Ele levou três dias para responder à minha última mensagem.

O TRAIDOR Seja sincero, Blake. Isso tem mesmo a ver com uma torradeira? Porque estou começando a achar que você quer voltar comigo.

Fico boquiaberto olhando para a tela. Uau.

Eu não quero você de volta. O TRAIDOR Tudo bem admitir. Você me traiu. Por um ano inteiro. O TRAIDOR E eu estou disposto a resolver

as coisas se é isso que você quer.

Ele está disposto a resolver as coisas? Que porra é essa?

Furiosa, respondi digitando uma palavra de cada vez.

Você me traiu. O TRAIDOR: Eu cometi um erro. Sério? Foi só uma noite? Porque repetir o erro é uma escolha, Isaac. Eu não quero você



de volta. Eu só quero a minha maldita torradeira. O TRAIDOR: Bom, você não vai ficar com ele.

Estou ponderando se devo fazer o impensável — mandar meu pai até meu antigo prédio para dar uma surra no Isaac Grant com aquela torradeira

— quando sou distraído por uma notificação do Instagram. É uma mensagem direta de alguém chamado Landon Kerns. O nome me soa familiar, mas só quando abro a notificação é que me dou conta. O barman com o mullet. Aquele com quem eu estava conversando antes do Wyatt surtar e me expulsar do bar.

LANDON Ei, gata. Espero que não se importe de eu te mandar uma mensagem direta, mas não consegui seu número antes de você ir embora na outra noite.

Ele ainda está digitando, então espero pela próxima mensagem antes de responder.

LANDON: É meio em cima da hora, mas vou receber algumas pessoas aqui em casa hoje à noite. Nada muito extravagante, só um encontro pequeno. Apareçam se quiserem. Gostaria muito de ver vocês.

Nem hesito, porque... nossa, que dilema! Posso ficar em casa me lamentando por Wyatt estar num encontro, ou posso ir a uma festa.

Por que só o Sr. Safadinho pode se divertir esta noite?

Você poderia me buscar?

Vinte minutos depois, Landon aparece num carro esportivo preto brilhante, e fazemos o trajeto de vinte minutos até a costa norte. Apesar do carro caro, ele mora numa área mais acessível, numa rua tranquila, repleta de cabanas antigas e casas unifamiliares. Como sou uma pessoa responsável, aviso o

Wyatt que vou encontrar uns amigos e mando o endereço por mensagem, mas ele não responde. Acho que ele está muito... ocupado para ficar me protegendo hoje.

Não sei bem porquê, mas isso dói. Muito.

Eu esperava encontrar mais gente lá dentro, mas acho que Landon não estava brincando quando disse que era uma reunião pequena. No sofá de couro surrado, três caras jogam um videogame de corrida, trocando insultos em voz alta enquanto seus carrinhos cruzam a tela em alta velocidade. Uma jovem com cabelo ruivo tingido na altura dos ombros e tatuagens por todo o corpo está encolhida na poltrona, enquanto uma loira bonita de calça de moletom cinza e top cropped senta perto dos pés da ruiva, mexendo no celular. Há música tocando em uma caixa de som próxima, mas o volume está baixo e o clima na casa é tranquilo.

"Este é o Blake", Landon diz aos amigos antes de me apresentar os rapazes. "Sammy, Zan, Gio." Ele acena com a cabeça na direção das garotas. "Kelly e Christina."

"Prazer em conhecer vocês." Eu me sento sem jeito no outro sofá, um sofá de dois lugares estofado, enquanto Landon entra na cozinha para me trazer uma bebida.

Ele já está fora há um tempo, e ouço o barulho de armários abrindo e fechando. Os amigos dele parecem legais. A Kelly me conta que organiza noites de pintura em Tahoe City todas as quintas e sábados, o que parece ser bem divertido. A Christina trabalha no aluguel de barcos na marina de Zephyr Cove. Os três meninos me ignoram completamente, muito absortos no jogo.

"Bem, tenho boas e más notícias", anuncia Landon, reaparecendo alguns minutos depois. Ele está escondendo algo atrás das costas.

"As más notícias vêm primeiro, sempre", diz Christina.

"Acabou nossa cerveja."

Isso finalmente chama a atenção dos garotos. Sammy pausa o jogo, indignado. "Cara! Mas a gente precisa de cerveja!"

O rosto de Landon se abre num sorriso cínico. "Pergunte-me quais são as boas notícias."

"Quais são as boas notícias?", pergunta Zan, desconfiado.

Com um gesto grandioso, Landon estende a mão, revelando uma garrafa preta de aparência sinistra.

"Temos absinto."

CAPÍTULO18

WYATT

Quem diabos é Landon?

A LÍNGUA DA MIRA ESTÁ NA MINHA GARGANTA. ESTAMOS NO BANCO DA frente do Jeep, o cabelo dela fazendo cócegas no meu queixo enquanto ela me beija com uma paixão avassaladora. É o tipo de beijo que normalmente me deixaria duro como pedra.

Apaixonado. Faminto. Mas enquanto ela devora minha boca e esfrega a bunda no meu zíper, não consigo convencer meu pau a cooperar.

"Senti falta disso", ela murmura entre beijos.

A mão dela já está descendo. Ela me segura por cima da calça jeans, tentando arrancar uma resposta que não consigo dar.

Eu quero isso.

Eu faço.

Quero dizer…

Eu quero querer isso.

"Eu preciso tanto do seu pau." Ela aperta, e finalmente meu corpo começa a reagir.

Deixei minha cabeça cair para trás no assento enquanto ela desabotoava meu jeans, deslizando a mão para dentro da minha cueca. Eu já estava semi-

ereto quando ela tirou meu pênis para fora.

Ela me beija novamente, envolve meus dedos ao redor do meu corpo e me acaricia de forma provocante.

"É isso aí", murmurei. "Me masturba."

A mão dela se move com mais cuidado agora. Mas eu não estou ficando mais excitado.

“Wyatt”, ela sussurra, seus lábios percorrendo a lateral do meu pescoço.

“Relaxe.”

Estou tentando.

Fecho os olhos e tento me concentrar na sensação da mão de Mira no meu pau. Em vez disso, minha mente se volta para Blake, e agora tudo o que consigo imaginar é o sorriso sarcástico dela. O cabelo dela.

"Use a boca", eu disse, rangendo os dentes.

Ela beija o caminho até o meu pênis e circunda a glande com a língua.

Uma onda de calor percorre meu corpo.

Minha cabeça pende para trás.

Certo. Estamos chegando a algum lugar.

Passo os dedos pelos cabelos dela. São muito... lisos. Por algum motivo, eu esperava que fossem mais grossos, mais ondulados.

Porra!

Eu a imobilizo com a mão. Nunca interrompi uma mulher no meio de uma felatio, mas isso está errado. Estou tentando fingir que ela é a Blake, e a Mira não merece isso.

"Relaxa", ela insiste novamente, enquanto meu celular vibra de repente no painel.

Ignoro a mensagem que chega, tocando a bochecha de Mira para afastá-la do meu pênis que está murchando rapidamente. Não que ele estivesse muito ereto, para começo de conversa.

“Mira”, começo. “Eu não sou—”

Meu celular vibra de novo. E depois de novo, e de novo. Percebo que não é uma mensagem de texto. É uma ligação.

Um lampejo de irritação surgiu em seus olhos quando estendi a mão para pegá-lo. "Sério? Estou chupando seu pau, Wyatt."

"Desculpe. Pode ser importante." Quando olho para a tela, meu estômago revira e qualquer vestígio de excitação desaparece do meu corpo.

Eu já não estava a fim desse encontro casual, mas ver o nome de Blake no meu celular só confirmou isso.

Respondi sem demora. "Ei. Você está bem?"

Sua voz urgente ecoa em meus ouvidos. "Wyatt. Oh, graças a Deus.

Você pode vir me buscar?"

Ela está falando arrastado?

“Te peguei de onde?”

“Margem norte. Tipo, uma casa. Eu quero ir embora, mas não tem motorista e o Landon não quer dirigir. Quer dizer, ele dirigiria se pudesse, mas ele não pode dirigir porque estamos muito, muito, muito bêbados.”

Quem diabos é Landon?

Mira toca meu braço e tenta fazer uma pergunta, mas eu a afasto e a silencio com um olhar.

“Onde exatamente na costa norte?” Já estou ligando o motor. “Onde você foi?”

“Uma festa. Eu te mandei o endereço por mensagem mais cedo.” A voz dela falha novamente. “Não posso mais ficar aqui. Não estou me sentindo bem. Estou tonta e…” Ela para de falar.

O medo me aperta a garganta. "Você está ferido?"

“Não, eu estou—” Ela soluça. “Estou muito bêbada. Não quero mais ficar aqui. Você pode vir me buscar? Por favor? Eu não sabia a quem mais ligar.”

“Estou a caminho.”

Engatei a marcha à ré no Jeep e saí da vaga de estacionamento atrás do bar. Porque sim, eu estava transando num estacionamento atrás do bar.

Depois que Blake desconectou, cliquei na nossa conversa. Eu não tinha olhado meu celular quando Mira e eu estávamos lá dentro, e agora me arrependo, porque se eu tivesse visto essas mensagens da Blake? Com certeza ela não teria ido a uma festa na casa do Landon.

Quem diabos é Landon?

"O que está acontecendo? Quem era?", pergunta Mira, desconfiada.

“Blake. Amigo da família.”

Você quer dizer Blake Logan? Eu não sabia que ela também estava na cidade.

“Sim. Ela está bêbada em alguma festa e eu preciso ir buscá-la.” Viro na rua principal, olhando de relance. “Desculpe. Primeiro, vou te deixar em casa.”

“Eu posso ir com você”, oferece Mira.

“Está tudo bem. Eu consigo lidar com isso.”

Essa não é a resposta que ela quer ouvir, mas não me importo. Ignoro sua expressão impassível e a deixo em casa com um resmungo "Desculpe por hoje à noite", e ela joga o cabelo para trás dramaticamente e bate a porta com mais força do que o necessário.

Quase não noto.

Sinto um nó na garganta. Que diabos a Blake está fazendo numa festa qualquer? E como ela ficou tão bêbada a ponto de não conseguir nem encontrar o caminho de casa sozinha?

E. Quem. Diabos. É. Landon?

A viagem é um borrão, o GPS me levando a uma pequena cabana perto de Kings Beach. Não é uma área ruim, de forma alguma, mas considerando que ela mencionou uma festa, eu esperava música alta e um gramado tomado por pessoas bêbadas. Mas está estranhamente silencioso, e a única pessoa que vejo é a figura curvada na varanda da frente.

Meu coração dispara quando percebo que é o Blake.

Abro a porta com um estrondo e corro em direção a ela. "Blake!" grito, com o medo percorrendo minha espinha.

Ela está meio sentada, meio deitada de lado, com a bochecha encostada no braço dobrado. Uma alça do seu vestido de verão florido está pendurada no ombro, e seus pés estão descalços. Onde diabos estão os sapatos dela?

“Blake”, digo com urgência.

Ela levanta a cabeça e um alívio me invade ao constatar que ela não desmaiou. Embora seus olhos azuis estejam turvos, ela não parece completamente inconsciente. O rímel nem sequer está borrado.

"Você está bem?" Eu me ajoelho na frente dela e acaricio seu rosto.

"Você se machucou?"

“Não. Tudo bem. Estou bem. Só um pouco tonta. Estava deitada.”

“Por que você está deitada na varanda desse idiota? Onde ele está?”

“Ah.” Ela olha em volta como se percebesse que está sozinha. “Ele entrou para usar o banheiro. Achei que ele fosse voltar…” Ela pisca algumas vezes. “Acho que ele se esqueceu de voltar…” Sua voz falha.

Vou estrangular esse filho da puta até os olhos dele saltarem das órbitas.

“Quanto vocês beberam?”

“Não quanto. O quê.”

"Huh?"

“Tomei apenas alguns shots. Mas era absinto.”

“Droga, Logan.”

"Estava bom." Para meu total desgosto, ela está sorrindo. Satisfeita consigo mesma. "Talvez não o gosto. É como... um saco de alcaçuz preto explodindo na garganta. Mas... é bom!"

Engulo um suspiro. "Vamos, vamos te ajudar a levantar." Ajudo-a a se levantar, mas ela está cambaleando muito. "Onde estão seus sapatos?"

Ela encara os pés, mas leva alguns segundos para perceber que não há nada neles. "Ah. Eu... não sei."

Eu a empurro em direção ao pequeno corrimão para que ela se apoie em algo. "Não se mexa. Vou entrar lá para pegar seus sapatos e ter uma conversinha com esse idiota."

"Quem? Landon?" Ela engasga. "Ah, não, ele é ótimo. Não fique brava com o Landon. Ele não é um carro. Quer dizer, ele não sabe dirigir. Ele está bêbado."

Minha raiva não diminui. "Ele te deixou na varanda como se você fosse lixo, Blake. Espere aqui."

Chego à porta da frente exatamente no momento em que ela se abre e me deparo com um mullet familiar.

O barman da cidade sai cambaleando, com uma aparência péssima. O

mullet está despenteado. Os olhos estão vermelhos. Mas sua expressão se ilumina quando me vê.

“É isso aí! Conseguimos um motorista!” Ele olha por cima do meu ombro e sorri para Blake. “Viu? Eu disse que alguém viria.”

"Alguém chegou!", confirma Blake, e eles se entreolham sorrindo como dois idiotas bêbados.

Estou furiosa. Esse idiota ficou lá parado, sorrindo, enquanto a Blake estava sozinha na varanda, sabe-se lá por quanto tempo, com os pés sujos e descalços, o vestido subindo até as coxas à vista de toda a vizinhança.

Cerrando os dentes, avanço em direção ao mullet. "Que diabos há de errado com você?"

Ele se assusta. Pisca rapidamente. "O quê…"

“Cheguei aqui e a encontrei meio adormecida na varanda. Você a deixou aqui fora? À meia-noite?”

"Eu estava urinando", ele protesta. "Ela estava bem."

“Qualquer pessoa poderia ter passado por ali e a encontrado daquele jeito.”

“O que você é, o pai dela?”

Eu o interrompi agarrando-o pela gola da camisa e o arremessando contra a parede da casa com tanta força que seus dentes bateram.

"Ela poderia ter se machucado, seu pedaço de merda", rosnei. "Você a deixou lá fora, bêbada até perder a cabeça, por sabe-se lá quanto tempo."

Landon levanta as mãos em sinal de rendição, engolindo em seco visivelmente. "Ela está bem, cara. Meu Deus."

“Ela nem conseguia se sentar de tanta tontura.” Eu o empurro de novo.

“Você acha que abandonar uma mulher depois de enfiar absinto goela abaixo é coisa de homem? Homem de verdade? Seu perdedor de merda.”

“Wyatt”, protesta Blake do pé da escada. Sua voz soa fraca.

Respiro fundo para me acalmar. Obrigo-me a soltar a coleira dele.

“Bom”, ele murmura. “Que bom que você voltou a si—”

“Cala a boca”, interrompo, encarando-o com um olhar mortal. “Nunca mais chegue perto dela, entendeu? Não mande mensagem. Não ligue. Nem pense nela. Acabou para você.”

Dou-lhe um último empurrão e depois giro sobre os calcanhares.

"Vamos lá", digo a Blake, mas ela mal consegue dar dois passos antes de tropeçar.

Quando tento acalmá-la, ela afasta minha mão com um tapa.

"Eu consigo andar", ela protesta.

O último resquício de paciência me abandona. "Não. Não vamos fazer isso."

Antes que ela pudesse argumentar, eu a peguei no colo.

“Wyatt!”

"Cala a boca", eu disse, com a voz embargada. "Já chega de conversa."

Eu avanço, e suas mãos instintivamente se fecham em torno do meu pescoço, segurando firme. Ela não resiste, porém. Ela encosta o rosto no meu ombro e me deixa carregá-la até o Jeep.

CAPÍTULO19

BLAKE

Nascer do sol

AINDA NEM É MEIA-NOITE QUANDO SAIO DO CHUVEIRO, DEPOIS DE DEIXAR O

jato gelado cair sobre minha cabeça por mais de vinte minutos. Não sei se isso é comum a todos que bebem absinto, mas aquela coisa verde transformou meu corpo numa fornalha. Nunca fiquei tão quente bebendo álcool antes. Nem tão bêbado. Mesmo agora, horas depois, ainda sinto um leve efeito nas veias. Ainda estou um pouco cambaleante enquanto me enrolo num roupão branco curto.

Fiquei surpreso ao encontrar Wyatt no corredor, encostado na porta fechada do seu quarto.

“Você ficou esperando aqui fora o tempo todo?”

"Sim", diz ele, com voz rouca. "Queria ter certeza de que você não escorregaria lá dentro e bateria a cabeça."

“Que gentileza… Obrigada.”

Ele me examina minuciosamente. "Você parece mais alerta. Está se sentindo melhor?"

“Ai meu Deus, sim. Minha cabeça está muito mais clara. O banho frio ajudou.” Junto com a garrafa de água que ele me fez beber e os dois

comprimidos de ibuprofeno que ele me fez engolir antes mesmo de entrarmos pela porta da frente.

“Ótimo.” Ele se afasta da parede. “Vou sair para fumar. Boa noite.”

"Boa noite", murmurei para suas costas enquanto ele se afastava.

Vou para o meu quarto e visto meu pijama, mas o banho me despertou demais. Em vez de me deitar, calço um par de meias quentinhas e saio. Está mais fresco do que eu esperava, então pego a manta que está na espreguiçadeira e me enrolo nela enquanto subo as escadas.

Quando piso no cais, Wyatt sorri ao me ver toda agasalhada. Em seguida, dá uma tragada rápida no cigarro antes de soltar uma baforada de fumaça na noite.

Aperto o cobertor em volta dos ombros e me estico na espreguiçadeira ao lado dele. "Como foi seu encontro?", pergunto, meio sem jeito.

"Curto."

Mordo o lábio. "Desculpe. Não queria estragar tudo."

“Você não fez isso.” Ele solta outra nuvem de fumaça. “Quer dizer, tá bom, sim, você fez. Mas eu ia interromper o show de qualquer jeito.”

Ignoro a traição do meu coração. "Por quê?"

“Não curti muito.” Ele me olha de relance. “Como foi sua noite? Antes do absinto?”

"Que droga. O Isaac me acusou de querer voltar com ele e de usar o Hot Boi como desculpa."

"Há alguma verdade nisso?"

“Nem um pouco. Não tenho a menor vontade de voltar com ele. Quem trai uma vez, trai sempre, não é?”

Wyatt dá de ombros. "A vida não é tão preto no branco assim."

"Traição é", digo simplesmente. "Pelo menos para mim. Não se trata de saber se ele vai me trair de novo. Mesmo que ele não me traísse novamente pelo resto de nossas vidas, eu nunca esqueceria que ele me traiu antes. Eu nunca confiaria nele."

"Justo."

“Além disso, tive uma espécie de epifania mais cedo na festa”, confesso. “Uma revelação induzida pelo absinto.”

"Sim?"

“Hum-hum.”

Fico em silêncio por um instante, e Wyatt espera pacientemente que eu continue. Aprecio isso nele. Ele nunca me interrompe enquanto eu penso.

“Eu estava pensando no Isaac, no nosso relacionamento e por que eu estava com ele. Ele foi tão intenso no começo, e…”, suspiro. “E sim, tudo bem, era bombardeio de amor. Era tudo uma grande farsa. Eu percebo isso agora. Mas na época eu não percebia. Eu pensava que isso não só significava que ele estava perdidamente apaixonado por mim, mas também que ele tinha profundidade. Ele parecia tão conectado com as próprias emoções. Muitos homens não conseguem acessar esses sentimentos intensos, sabe?”

Wyatt acena com a cabeça.

"Mas eu estava enganada. O problema com o Isaac é que ele gosta de tudo que é grande, brilhante e perfeito. Ele se preocupa muito

com a aparência, com a estética. Toda a sua identidade gira em torno de grandes gestos e coisas chamativas. Talvez eu tenha confundido isso com paixão.

Mas era uma distração, uma forma de evitar o crescimento. Ele quer a versão superficial e brilhante da vida, não as partes complicadas."

"Você jamais poderia ser superficial, Blake. Você é profundo. E isso aterroriza pessoas como ele."

Sua convicção me deixa um pouco sem fôlego. Engulo em seco, deixando as palavras de Wyatt penetrarem em minha mente.

"É frustrante", admito, "porque pela primeira vez na vida, eu realmente queria algo mais profundo. Eu estava pronta para que alguém realmente me enxergasse, quando antes eu fazia de tudo para evitar isso."

"Por que isso?", pergunta Wyatt, de forma ríspida. Ele estende a mão em direção à mesa e apaga o cigarro, mas seu olhar permanece fixo em mim.

"Porque…" expiro, tentando verbalizar meus pensamentos. "Você sabe como era crescer com nossos pais. Você também tinha uma mãe famosa, então provavelmente sabe ainda melhor do que eu. Todas as câmeras, a atenção. Principalmente em uma cidade do hóquei como Boston. Todo mundo reconhecia meu pai em qualquer lugar que fôssemos."

"Sim, eu entendo."

"Eu odiava isso. Não porque eu quisesse ser anônima, mas porque eu nunca conseguia ser eu mesma." A confissão escapa antes que eu possa impedi-la. "Eu não conseguia ser eu mesma, porque se eu mostrasse qualquer fragilidade, seria fotografada, ou pior, viraria fofoca. Eu sei que outros filhos de celebridades — celebridades de verdade — sofrem muito mais quando se trata de viver sob os

holofotes. Mas eu não gostava nem um pouco daquela luz sobre mim.”

Eu aperto o cobertor quando uma brisa fresca sopra do mar.

Ao perceber que eu estava tremendo, Wyatt disse: "Venha sentar-se comigo. Você parece estar com frio."

Hesito. Seu comportamento não é de flerte ou sexual, e estamos no meio de uma conversa séria, mas parece íntimo demais para compartilhar uma espreguiçadeira com ele.

Mas então ele se ajeita para me dar espaço e estende a mão, e eu me movo em sua direção como se estivesse hipnotizada. Sem jeito, me estico ao seu lado, ainda enrolada no meu cobertor. Ele me envolve com um braço, e o calor do seu corpo me envolve instantaneamente.

“Eu me acostumei muito a me esconder”, digo a ele. “A fingir indiferença ou fazer um comentário sarcástico. Não sou como o Alex, que anseia por atenção. Eu gostava de não ser vista. Mas não era porque eu não queria pessoas por perto. Era porque eu tinha medo de ser mal interpretada.

Até que comecei a faculdade e me abri mais, e percebi que ansiava por essa proximidade.”

Sinto seu peito subir e descer numa inspiração lenta e pensativa. "E o holofote?"

“Deus me livre. Ainda não quero nada com isso. Estou bem em ficar em segundo plano, sendo o acompanhante. Mas eu estava pronta para encontrar uma conexão mais profunda com alguém.” Dou uma risada fraca. “E aí escolhi o cara mais superficial do planeta. Quer dizer, ele está brigando por uma torradeira com mais paixão do que jamais brigou por mim ou pelo nosso relacionamento. Isso me diz

tudo o que preciso saber sobre a profundidade do nosso relacionamento.”

Wyatt me aperta com mais força. Eu me encosto em seu ombro, inalando seu aroma picante e defumado. Meu Deus, estou ficando viciada nisso.

“Eu sou o oposto”, diz ele. “Eu costumava pensar que, se houvesse uma conexão, era isso. Clique instantâneo, almas gêmeas, passeio rumo ao pôr do sol, música para tocar.” Ele ri baixinho. “Mas a vida real não é assim. As conexões instantâneas sempre se dissipavam tão rápido quanto surgiam.

Cansei de confundir química com algo mais profundo.”

Ficamos em silêncio por um instante.

"Posso te contar algo meio íntimo sem que você precise escrever uma música sobre isso?", pergunto a ele.

Wyatt levanta a mão para fazer um sinal falso com os dedos. "Palavras-chave: compositor".

"Tenho um certo medo de ser conhecida. De ser realmente conhecida.

Toda vez que alguém se aproxima, sinto uma vontade enorme de fugir.

Como se preferisse ficar sozinha a correr o risco de decepcioná-los quando eu não for o que eles pensavam."

Seus dedos brincam com a borda do meu cobertor agora. "É, eu sei tudo sobre decepcionar as pessoas. Principalmente as mulheres. Provavelmente

sou a pior pessoa para se ter um relacionamento."

Inclino a cabeça para trás, franzindo a testa. "Por que você pensa isso?"

“Não nasci para isso. É coisa de longo prazo. É por isso que nunca deixo ninguém se apegar demais. Fico inquieto pra caralho. Minha família chama isso de desejo de viajar, porque eu sempre preciso estar em um lugar diferente, mas não tem nada a ver com a viagem em si.” Ele inspira novamente, com a respiração curta e ofegante. “Minha mente nunca para.

Tem tanto barulho dentro da minha cabeça, como uma tempestade que não se acalma.”

Permaneço em silêncio porque quero que ele continue e tenho medo de que, se eu falar, ele pare.

“Eu costumo sonhar acordado. Vivo no meu próprio mundo, principalmente quando estou fazendo música. É a única coisa que me permite me concentrar. Todo o resto parece confuso. Como se eu estivesse tentando pegar fumaça com os dedos. Eu…”

Wyatt faz uma pausa, e eu não consigo me conter, tirando minha mão do meu aconchego de cobertor e a entrelaçando na dele. Quero que ele sinta algo sólido, que saiba que eu não sou fumaça. Que esta conversa não é fumaça e não vai se dissipar.

Ele fica paralisado por um segundo antes de relaxar, e meu pulso acelera quando ele entrelaça seus dedos nos meus.

“Acho que é por isso que não consigo dormir. Meu cérebro se recusa a desligar, e eu fico deitado no escuro enquanto todas essas ideias, preocupações e músicas inacabadas me invadem. Às vezes fica tão alto, ensurdecedor, e eu não sei como silenciar. E quando acontece…” Sua voz falha. “Acho que estou com medo.”

"Com medo?" Meu coração está batendo ainda mais rápido. Que profundidade! Acho que nunca me aprofundei tanto com ninguém.

"Com medo de quê?"

Wyatt fica em silêncio, mas quando penso que ele não vai responder, ele fala de novo. Voz baixa, crua e despojada.

"Se eu mostrar a alguém todos os meus lados sombrios, o quão bagunçada, caótica e problemática eu realmente sou, essa pessoa não vai me querer."

Não consigo conceber um mundo onde alguém não queira Wyatt Graham. Ele representa tudo aquilo que sempre me atraiu. Essa rara combinação de força e vulnerabilidade.

“Acho que você não precisa se preocupar com isso”, digo suavemente.

"Só estou dizendo que entendo o que você quer dizer sobre não querer ser visto."

Encosto a cabeça no ombro dele, um sorriso cansado surgindo nos meus lábios. "Pelo menos você tem algo para mostrar às pessoas. Eu não tenho nada."

Wyatt se enrijece. "O que você quer dizer?"

"Quer dizer, eu não sou extraordinária." Sinto um nó na garganta e preciso engolir o choro. "Não sou uma advogada de sucesso como a Jamie, nem uma beldade estonteante como a Alex, que ganha milhões de dólares para tirar fotos. Não sou uma prodígio do hóquei como a Gigi, nem uma bailarina talentosa como a Ivy. Não tenho nenhum talento ou algo incrível que faça as pessoas me admirarem."

“Você não acredita mesmo nisso, acredita?” Ele se vira, ficando me encarando com aqueles olhos verdes profundos. “Que você não é extraordinária?”

“Não. Pelo menos não em comparação com os outros.”

“Nunca se compare a ninguém”, diz ele. “É uma maneira infalível de destruir sua autoestima. Se eu me comparasse a outros cantores, teria desistido da música há anos.”

Ele tem razão. Mas é mais fácil falar do que fazer.

Outro silêncio se instala, acompanhado por outra rajada de vento fresco que sopra sobre o cais. Sinto-me mal por estar tão aconchegada no meu cobertor, então rapidamente me desenrolo e o estendo sobre nós dois. Wyatt protesta a princípio, mas depois aceita seu destino, e eu não consigo evitar me aconchegar mais perto. Tenho medo que ele me afaste, mas ele não o faz.

“Que bom”, ele finalmente diz, tão baixinho que mal consigo ouvi-lo.

"O que é?"

“Conversando sob as estrelas.”

Você vai escrever uma música sobre isso?

"Talvez." Ouço o sorriso em sua voz.

"Você pode me contar mais sobre seu cérebro e todo o caos que existe nele?" Estou meio brincando, meio que ao mesmo tempo, mas também estou desesperado por mais.

"Pode levar a noite toda", diz ele, com leveza.

E acontece mesmo. Ficamos no cais, conversando por horas. Mas não parece que se passaram horas. Parece que, num piscar de olhos, o primeiro vislumbre de luz cinza-azulada surge no horizonte. Aconchegados na espreguiçadeira, ouvimos o murmúrio das ondas e o canto dos pássaros nas árvores, enquanto observamos o céu lentamente adquirir tons de rosa e laranja. É fascinante.

“Não se vê nascer do sol assim na cidade”, comento.

Ele vira a cabeça na minha direção, e a luz incide sobre os traços do seu rosto, banhando em dourado a linha nítida do seu queixo e a barba por fazer que o faz parecer mais velho e mais suave ao mesmo tempo.

“Você sempre gostou das manhãs. Quando éramos crianças, você costumava vir escondido para cá para ver o sol nascer.”

Você se lembra disso?

“É.” Seus olhos se voltam para o céu novamente. “Você se sentava de pernas cruzadas no cais, com os joelhos encolhidos junto ao queixo, como

se estivesse tentando abraçar o lago inteiro. E então seus pais acordavam e percebiam que você tinha sumido. Seu pai começava a bater nas portas e a organizar uma equipe de busca, e eu ria na minha cama porque sempre sabia exatamente onde eles te encontrariam.”

Uma sensação calorosa me invade. Eu não tinha percebido que ele me dava tanta atenção, principalmente quando eu tinha sete anos e ele onze, e eu saía escondida para ver o nascer do sol.

Finalmente, o sol surge por entre as árvores e cintila sobre o lago. Eu me mexo debaixo do cobertor. Meu braço roça no de Wyatt.

“Você deveria dormir um pouco”, diz ele.

"Talvez", respondo, ainda admirando o nascer do sol. "Mas isso é melhor do que dormir."

Quando viro a cabeça na direção dele, ele está olhando para mim, com uma expressão indecifrável.

“Não me olhe assim.” Sua voz é calma, mas há uma certa intensidade nela. Isso faz meu pulso disparar.

"Como o que?"

Ele não responde. Seus lábios se curvam levemente, e aqueles olhos intensos de repente se fixam na minha boca.

"O quê?" murmurei.

Ele estende a mão, os dedos se curvando sobre minha bochecha. Seu toque provoca uma onda de arrepios. Meu Deus. Acho que ele vai me beijar de verdade dessa vez. É o mesmo olhar sonolento que ele tinha no quarto quando pediu para eu soltar o cabelo.

Ele umedece os lábios, e agora estou encarando sua boca. Implorando silenciosamente para que ele a pressione contra a minha.

Seu polegar roça suavemente meu lábio inferior, mas então ele inspira profundamente e deixa sua mão cair do meu rosto. Uma onda de decepção me atinge em cheio.

“Sabe o que eu estava fazendo quando você ligou?”, ele diz sem me encarar.

"O que?"

“Querem que chupem meu pau.”

Uma forte pontada de ciúme me atinge no peito. "Ah."

“Eu interrompi o alarme bem antes de você ligar.”

"Por que?"

Ele dá de ombros. "Não me interessou."

“Você não curtia uma mamada?”

"Não."

“Por que você está me dizendo isso?”

“Não sei. Não devia.”

Espero que meu ciúme se transforme em raiva, que uma resposta afiada saia da minha boca. Acabamos de passar a noite inteira conversando, e ele decide encerrar a conversa revelando que recebeu sexo oral de outra pessoa mais cedo? Eu deveria estar furiosa.

E, no entanto… não sou.

Da última vez que ele mencionou o pênis e como o utilizava bem, suspeitei que estivesse tentando me convencer de que era um garanhão safado para me afastar.

Mas não acho que seja isso que está acontecendo.

Ele não está tentando me convencer — está tentando convencer a si mesmo. Mas, por mais que tente, não consigo entender o porquê.

Wyatt tira o cobertor de cima de nós, e eu tento disfarçar minha frustração enquanto ele desce da cadeira. "Preciso dormir um pouco", diz ele, e então me deixa no cais para assistir ao nascer do sol sozinha.

CAPÍTULO20

WYATT

Chega de expor a alma.

ESTOU FERRADO.

Fodido.

E ironicamente, eu nem sequer transei.

Blake e eu ficamos acordados a noite toda conversando como dois adolescentes, vendo as estrelas desaparecerem no horizonte. Não tiramos nenhuma peça de roupa.

Entro cambaleando no quarto azul e caio de cara na cama, abafando um grito silencioso no travesseiro.

Eu sabia que era uma má ideia por volta da uma da manhã, mas ignorei os alarmes na minha cabeça. Às três da manhã, minhas defesas começaram a ruir, porque era tão bom ficar ali deitado conversando com ela. Quando deu quatro e depois cinco da manhã, meu cérebro parou de gritar para eu ir embora e simplesmente aceitou meu destino.

Tem algo em Blake Logan do qual não consigo escapar. Talvez seja o jeito como ela me olha, como se eu fosse alguém que valesse a pena conhecer. É uma sensação viciante.

Mas não foi só a conversa que me conquistou. Foi a forma como a cabeça dela se encaixava no meu ombro. O cheiro do cabelo dela. O som da risada dela no escuro e a facilidade com que a mão dela se entrelaçava na minha.

Ela abriu o coração para mim ontem à noite, e eu abri o meu também.

Eu não costumo fazer isso. Não me abro assim com qualquer pessoa e deixo que ela dê uma espiada lá dentro. Minha irmã provavelmente é a única pessoa que tem esse poder, mas ela é minha gêmea. É inevitável.

Mas com Blake, abrir-se parecia tão natural quanto respirar.

E isso me assusta demais.

Eu não deveria desejá-la tanto assim. Mas, meu Deus, como eu a desejo.

Eu queria beijá-la tanto que quase conseguia senti-la, e precisei de toda a minha força de vontade para não fazê-lo. Mas é só nisso que penso quando ela está perto de mim. Enroscar meus dedos em seus cabelos e aproximar seu rosto do meu. Beijá-la. Tocá-la. Droga, eu quero tocá-la. Quero deslizar minhas mãos por baixo de sua blusa e brincar com seus seios. Enfiar minha mão em sua calcinha e brincar com seu clitóris, depois me ajoelhar e chupá-lo até que ela esteja gemendo meu nome.

Eu me viro, tentando me livrar da crescente ansiedade enquanto meu cérebro repassa a ladainha de avisos familiares que surgem sempre que a atração parece muito real.

Ela é mais jovem.

Ela é filha do melhor amigo do meu pai.

Ela é muito próxima da minha irmã.

Ela é minha musa.

Em outras palavras, ela não é alguém cujo coração eu possa partir e nunca mais ver. Mas meu cérebro e meu corpo parecem não se importar com nada disso. Porque ela não é apenas isso.

Ela é muito mais do que isso.

Eu gemo no travesseiro. Preciso manter distância daqui para frente.

Chega de passar a noite toda acordada no cais com ela.

E chega de expor a alma.

Como um covarde, evito-a durante a maior parte do dia. Saio sozinho com o barco a vapor. Sento-me com Betty e meu caderno e rabisco o turbilhão de pensamentos que me invadem. Não me lembro da última vez que me senti tão inspirado.

De todas as musas que o universo poderia ter me enviado, por que ela?

Por que me torturar assim?

Já é final de tarde quando estou pronto para voltar para casa. Estou levantando a âncora quando meu telefone toca: é uma ligação da Gigi.

"Ei", respondo enquanto volto para o assento do piloto.

“Ei, será que este é um mau momento?”

“Não, estou apenas passeando no lago. Mas já estou voltando para casa.”

“Onde está Blake?”

“De volta para casa.”

“Você ainda não está sendo um babaca com ela, está?”

“Não. Ela disse que eu era?”

“De jeito nenhum. Mas eu te conheço”, diz minha irmã gêmea. “Você não consegue se controlar.”

“Não estou sendo um babaca, Stan. Só estou cuidando da minha vida e compondo música.”

Passar a noite em claro conversando com ela…

Ele se masturbando na frente dela…

Sabe, coisas que a gente faz quando está cuidando da sua vida.

“Como está indo a música?”, pergunta Gigi.

“Bom”, admito. “Tenho tido alguns momentos de inspiração. Já escrevi duas músicas e estou trabalhando em uma terceira.”

Quer me enviar alguma coisa?

“Não, ainda não estou pronto. Mas talvez eu grave nas próximas semanas.”

“Caramba. Você está progredindo. Já contou alguma coisa para a mamãe?”

“Não. Sabe que eu não gosto de ouvir a opinião dela até mais tarde.”

O suspiro de Gigi ecoa no meu ouvido. "Não sei por que você resiste tanto. Quer dizer, imagina só uma colaboração entre você e a mamãe! Seria genial."

“Não quero colaborar com ela, Stan.”

Nossa. Tudo bem. Então não faça isso. Mas pelo menos seja gentil com ela.

Uma carranca se forma em meus lábios. "Sou gentil com ela."

“Não, você não é”, diz Gigi categoricamente. “Sempre que ela tenta te ajudar, você a ignora—”

"Sério? Porque você deixou o papai abrir as portas do hóquei para você?" Eu interrompo. "Lembra de todos os favores que ele tentou conseguir com o comitê olímpico? Você se recusou a deixar que ele ajudasse."

"Sim, mas eu fui gentil. Você magoa os sentimentos dela às vezes, Wyatt. Ela tem muito orgulho de você. Ela só quer te ver ter sucesso, e você está sempre sendo grosseiro com ela como se ela estivesse fazendo algo errado por tentar te apoiar."

Aperto o telefone com mais força, tentando ignorar as pontadas de culpa que me cortam o estômago. "Ah, qual é, G. Para com isso."

"A verdade dói, não é, garoto?"

Eu bufei. "Não me chame de criança."

“Eu sou mais velho que você.”

“Por menos de um minuto.” A culpa continua a me corroer por dentro, então tento mudar de assunto. “Quando você e seu cunhado chegam em Tahoe?”

“Julho, igual a todo mundo. Só que a gente só pode ficar uma semana.”

"Que se dane. Você precisa ficar mais tempo. Quase não te vi este ano."

Eu sei que ela está ocupada com a carreira de agente, mas sinto falta dela.

“O Ryder com certeza tem que voltar para Dallas, mas vou ver se consigo ficar mais uma semana e trabalhar remotamente. Não se preocupe.

Você vai ter a mamãe, o papai e os Logans invadindo seu espaço pessoal durante todo o mês de agosto. O que vai te dar bastante tempo para pedir desculpas para a mamãe”, ela diz carinhosamente.

“Não tenho nada pelo que me desculpar. Mamãe conhece as regras. Ela não ajuda a menos que eu peça ajuda.”

“Ah, e você pode ajudar o papai quando ele aparecer”, diz Gigi. “Ele quer montar um estúdio de gravação para a mamãe no porão. Ele planeja começar assim que estiver lá.”

“Por que ela precisa de um estúdio em Tahoe? Será que eles querem se mudar para cá em definitivo?”

“Acho que eles planejam passar o inverno lá. Fica mais fácil se a mãe tiver um lugar para gravar.”

Desligo o telefone da minha irmã às pressas antes que ela comece a me dar sermão de novo, e volto correndo para casa. Quando entro na sala, encontro Blake esparramada no sofá, com o laptop no estômago.

“Como está indo a pesquisa?”

“Devagar”, diz ela sem levantar os olhos. Ela digita algumas teclas.

“Estou enviando outro e-mail para o cartório. Eles continuam ignorando meu pedido de informações sobre a certidão de óbito da Darlie. Se é que ela existe.”

“O que você quer fazer para o jantar?”

“Nada. Estou saindo com a Annaliese.”

Não consigo conter a onda de alívio. Depois de passarmos a noite toda conversando, acho que precisamos de um pouco de espaço. Então, enquanto

Blake sobe para se arrumar, eu preparo um bife na grelha e uma batata assada na churrasqueira, e janto sozinha no deck.

Blake aparece para dizer que não vai se atrasar porque Annaliese precisa trabalhar cedo, e então me deixa aproveitar minha solidão. Devo dizer que sair de Nashville foi uma ótima decisão. A mudança de ares me revigorou.

A mudança de cenário ou a musa?, provoca a voz irritante na minha cabeça.

"Vai se foder", digo para a voz. Em voz alta. O que nunca é um bom sinal. Normalmente, quando começo a falar sozinho, significa que estou chegando ao ponto de delírio do ciclo da insônia. Talvez seja hora de abrir umas cervejas.

Pego uma IPA na geladeira e levo para fora, mas o álcool não impede que os pensamentos sobre Blake venham à tona. Por que é tão fácil conversar com ela? Contei coisas para ela ontem à noite que nunca compartilhei com mais ninguém. Como, por exemplo, a inveja que sinto da conexão que meu pai e Gigi têm. É um laço que sei que ele e eu nunca poderemos ter, e isso dói às vezes.

Eu amo meu pai, mas a cabeça dele é só hóquei o tempo todo, enquanto a minha, como eu disse para o Blake, é um caos. É música. São pensamentos incoerentes e lampejos de inspiração. São melodias, algumas que falam através de mim, e outras que eu consigo ouvir tão claramente na minha cabeça, mas que nunca consigo recriar com nenhum instrumento. É

tão alto dentro da minha cabeça, mais alto do que alguém como meu pai, que só pensa em uma coisa, jamais conseguiria entender.

Não tem estado tão barulhento ultimamente… aponta essa voz.

Não, percebo, engolindo em seco. Minha cabeça tem estado mais tranquila nessas últimas semanas com o Blake aqui. Você pensaria que todas as nossas discussões e brigas criariam mais tensão e estresse, mais barulho, mas teve o efeito oposto.

Blake nem ficou fora por duas horas, chegou em casa antes das dez.

Estou deitada no sofá quando ela volta, mas em vez de subir para o quarto, ela se instala na sala de jantar para montar o quebra-cabeça. Normalmente, montamos quebra-cabeças juntas, mas estou me esforçando para manter esse espaço pessoal agora, então fico no sofá, mexendo no celular. Mas meu olhar continua se desviando involuntariamente para a mesa de jantar, onde Blake está

examinando uma peça do quebra-cabeça como se ela revelasse o sentido da vida.

"O que você é?", ela murmura, porque sempre fala sozinha quando está intrigada. "Você é o céu? Ou você é a água? Que diabos você é?"

Eu reprimo uma risada, depois me levanto para pegar outra cerveja na geladeira.

“Essa é a sua terceira cerveja em uma hora”, ela comenta, e eu não deixo de notar a desaprovação em seus olhos.

De repente, me lembro do que aconteceu da última vez que tentei vencer a insônia bebendo demais, e me vejo colocando a cerveja de volta na prateleira.

"Acho que vou me deitar", digo sem encará-la.

Eu estava a meio caminho da escada quando a voz dela me interrompeu.

“Era apenas uma conversa.”

Seus olhos azuis encontraram os meus do outro lado da sala.

“Ficamos acordados a noite toda conversando. Não é nada demais, Wyatt.”

Ela diz isso como se eu nunca tivesse encontrado uma mulher heterossexual na minha vida.

Ficamos acordados a noite toda conversando. Sim. Exatamente. E isso é muito importante. Eu sei o quanto isso é importante, e eu sou homem.

Então, só consigo imaginar as fantasias que estão passando pela cabeça dela agora. Ela provavelmente está até criando os convites de

casamento lá dentro.

Mas claro, se ela quer ser desonesta, eu também serei.

Dou de ombros. "Você tem razão. Não foi nada demais."

“Então por que você estava me evitando hoje?”

“Não, eu não estava. Só achei que talvez precisássemos de um tempo para fazer nossas coisas hoje. Então, nenhum de nós daria muita importância ao que aconteceu.”

“Você está falando de mim?”, ela diz sombriamente. “Sou eu quem vai interpretar tudo errado, não é? Porque sou uma idiota ingênua que agora acha que você está apaixonado por mim só porque nos abrimos um para o outro ontem à noite.” Seus lábios se curvam em um franzir de testa.

“Acredite, eu sei muito bem que você não me quer, ok?”

Jesus.

Sinto um aperto no peito.

Quero você.

A confissão queima minha garganta, mas me recuso a deixá-la escapar.

Se eu a deixar, nunca mais poderei voltar atrás.

"Eu sei que você não está apaixonado por mim. E é hilário até pensar nisso, não é?" Há amargura em sua voz. "Tão engraçado, né, Wyatt?

Igualzinho quando eu tinha dezesseis anos e era boba o suficiente para ter uma queda por você. Você riu naquela época também."

“Blake—”

“Não”, ela interrompe. “Você não precisa explicar. Eu entendi. Eu era motivo de piada naquela época e continuo sendo motivo de piada agora.

Está tudo bem.”

A angústia me aperta a garganta. Ela pensa que eu a vejo como uma piada?

Na mesa, Blake joga a peça do quebra-cabeça no chão e empurra a caixa para longe. "Sabe de uma coisa? Acho que vou dormir também."

Enquanto ela tentava passar por mim à força, estendi a mão e segurei a dela, impedindo-a de continuar.

"Você não é uma piada", digo, com a voz baixa, mais rouca do que pretendo. "Você nunca foi uma piada."

Ela me encara, com os olhos duros, depois dá de ombros com um gesto brusco e afasta minha mão. "Poderia ter me enganado."

Ela desaparece escada acima e, um instante depois, ouço a porta do quarto dela se fechando com a tranca.

Porra!

Desde que cheguei aqui, tudo o que fiz foi irritá-la e magoá-la. Eu deveria voltar para Nashville e deixar a Blake curtir Tahoe sem a minha presença melancólica e complicada atrapalhando tudo.

Passamos o resto da noite em nossos respectivos quartos. Mandei algumas mensagens e assisti a um tutorial sobre violão clássico, porque, afinal, por que não? Por volta da meia-noite, quando estava prestes a tentar dormir à força, ouvi passos pesados no quarto de Blake, seguidos por passos pesados no corredor enquanto ela passava pela minha porta e descia as escadas pisando forte. Parece que alguém está tentando me irritar.

Presumi que ela estivesse pegando algo na cozinha, então fiquei tenso ao ouvir o bip agudo do alarme desativando. Parecia a porta dos fundos.

Para onde diabos ela está indo?

Fico na cama por um instante, dizendo a mim mesmo que ela provavelmente vai apenas sentar no cais e observar as estrelas novamente.

Mas detesto a ideia de vê-la lá sozinha. O que é estúpido, porque ela é adulta, e não é como se este lago estivesse infestado de psicopatas, exceto talvez pelos Spencers.

Mesmo assim, levanto da cama, porque sei que agora nunca mais conseguirei dormir.

Desço as escadas em silêncio. As portas dos fundos estão fechadas, mas o alarme está desligado e as portas estão destrancadas. Saio para o convés, mas não vejo Blake lá embaixo, no cais. Todas as espreguiçadeiras estão

vazias. A preocupação me aperta o estômago, e a sensação piora quando, de repente, vejo um lampejo de movimento contra o céu escuro.

A princípio, meu cérebro não consegue registrar o que estou vendo, mas conforme me aproximo do parapeito, não há como confundi-la. Ela está de pé no telhado plano da casa de barcos como uma estátua, com os braços ao lado do corpo e os cabelos caindo em cascata pelas costas.

Com o coração na garganta, observo-a aproximar-se da beira.



O TRAIDOR

Sabe de uma coisa? Estou puto da vida agora. E estou farto de você me chamar de traidor o tempo todo, como se eu fosse a pior pessoa do planeta. Não vou mais me desculpar por essa merda, principalmente porque VOCÊ basicamente me empurrou para fazer o que fiz. Você age como se estivesse acima de tudo, Blake. Você é tão calmo, controlado e sarcástico, como se nada te atingisse. Eu nunca soube o que você estava pensando. Nunca. Estar com você era como se eu estivesse constantemente tentando impressionar alguém que nunca se impressiona. Então, sim, eu errei, mas não se faça de surpreso, porque VOCÊ tornou fácil procurar outra pessoa.

Eu sou um cara apaixonado. Eu só queria um pouco de paixão.

Então tive que ir encontrar essa chama em outro lugar. Não estou dizendo que foi tudo ruim. Foi muito, muito bom às vezes. Você era meu porto seguro, era algo constante na minha vida e eu queria isso.

Mas eu também queria que você me visse como o cara mais interessante do mundo. Sempre senti que estava perseguindo uma versão de mim mesma que você talvez se importasse, mas você nunca se importou em me fazer sentir desejada. Você nunca me acolheu e nunca esteve realmente presente comigo. Então, talvez pense nisso antes de decidir que a única culpada por tudo isso foi minha.

CAPÍTULO21

WYATT

Esquecível

QUANDO CHEGO AO CAIS, JÁ ESTOU QUASE CORRENDO. AS TÁBUAS RANGEM

sob o meu peso. Paro na base, olhando para ela. A lua esculpe bordas prateadas em tudo. No telhado, no lago, na dureza desafiadora de seus traços.

“Blake”, eu disse bruscamente. “Que diabos você está fazendo?”

“Enfrentando minha fobia.” Sua voz chega até mim vinda do telhado.

Meu maxilar se contrai. "Você só pode estar brincando. Já é quase meia-noite. Desça. Agora."

"Por que?"

“Jesus Cristo. Isso não é brincadeira. Já é tarde. Desça aqui.”

Ela procura meus olhos ao luar. "Naquele dia, amarelei com Annaliese e suas amigas. Eu devia ter pulado."

“Ótimo. Você pode pular de manhã.”

“Qual é o problema? Você e os Golden Boys pulam fora do barco à noite o tempo todo.”

“Sim, porque somos uns completos idiotas. Vocês não são. Está tudo escuro e não dá para ver o fundo. Isso é imprudente. Aliás, não, é

irresponsável.”

“Tudo bem, então eu sou irresponsável. E por que você se importa, afinal? Já ficou claro que você não é meu pai. Na maioria dos dias,

você nem é meu amigo. Você fica me rodeando, me encarando com cara feia e agindo como se eu fosse uma adolescente boba.”

“Só estou tentando impedir que você faça alguma besteira.”

"Talvez eu queira fazer alguma besteira", ela retruca. "Talvez eu esteja cansada de todo mundo presumir que eu não vou fazer nada. Que eu não tenho paixão por nada."

“Do que diabos você está falando?”

A frustração aperta minhas costelas como um torno, mas algo por baixo dela queima mais forte, mais perigoso.

Temer.

E não é apenas o tipo de medo que surge ao ver alguém de quem você gosta fazendo algo imprudente. É o medo de perdê-la.

E esse medo me deixa com raiva, porque odeio senti-lo.

"O quê, você está aí em cima porque tem algo a provar? Por quê?

Porque você queria me beijar ontem à noite e eu não deixei?"

Ela se encolhe, mas não recua. "Que se dane você, Wyatt. Você queria isso."

Soltei um suspiro. "Mesmo se eu quisesse, não vamos por esse caminho, ok?"

“Sim, claro, continue dizendo isso. Enquanto isso, vou ficar aqui em cima, obrigado.”

Minha raiva explode. "É isso que precisa para te acalmar? Quer que eu enfie minha língua na sua garganta? Quer que eu monte no meu pau? Quer que eu te foda até você não conseguir enxergar direito? Fazer birra não vai te dar o que você quer."

Ela pisca, atônita e em silêncio por meio segundo. Então, sua risada incrédula ecoa na noite.

“Nossa. Você realmente acha que é tão importante assim, é? Você é tão convencido. Eu não preciso provar nada para você. Pelo contrário, estou provando algo para ele.”

Hesito. "Quem? Isaac?"

“É.” Ela olha novamente para a água por cima da borda, a voz carregada de amargura. “Ele me culpa pela traição. Me mandou uma mensagem enorme hoje à noite dizendo que a culpa é minha porque eu não era

‘apaixonada’ o suficiente. Eu não era emocionante. Eu era a presença constante e entediante que ele precisava, mas ela era a chama dele.”

“E você está dando ouvidos a esse idiota? Você está no telhado à meia-noite para provar algo para um cara que não merece?”

Já estou subindo a escada precária enquanto falo. Porque chega. Cansei de discutir com ela. Subo os degraus de dois em dois, chegando ao telhado em segundos.

Blake se vira para mim, com uma expressão de puro ressentimento. "Ele disse que eu era o porto seguro dele, mas que eu nunca o fiz se sentir desejado."

Engulo minha irritação, toda ela direcionada a Isaac Grant. "Ele é um idiota, Blake."

“Talvez, ou talvez ele tenha razão. Talvez seja isso que eu sou. A pessoa segura e confortável.” Ela me lança um olhar significativo. “Aquela a quem os homens recorrem em busca de conforto ou para conversar quando o mundo está barulhento demais. Mas aí, quando anseiam pelo calor, quando querem se entregar à paixão, vão para outro lugar.”

“Você não é essa pessoa.”

Ela ignora minha grosseria. Acho que nem sequer nota mais a minha presença.

“Mas sabe de uma coisa?”, ela diz com raiva. “Que se dane ele e tudo o que ele quer. E o que eu quero? Você sabe o que eu quero, Wyatt?”

Dou um passo à frente, cauteloso, como se estivesse me aproximando de um animal ferido. "O que você quer, Blake?"

“Quero que alguém precise de mim. Não apenas que me ame. Quero ser tão desejada que doa. Quero ser a obsessão de alguém. A sua ruína.” Sua voz treme, mas ela não desvia o olhar, e de repente me falta o ar. “Quero ser a paixão de alguém. Não o seu porto seguro. Não a sua acompanhante fixa que os faz parecer bem só porque sou filha do John Logan. Quero ser aquilo em que eles se perdem.”

Não consigo tirar os olhos dela. O fogo ardendo forte em seus olhos. A lua brilhando em sua pele como geada. Ela é incrível. Mas também está muito explosiva agora, e preciso controlar esse fogo antes que nos consuma.

Respiro fundo, enchendo meus pulmões com o oxigênio tão necessário.

"Entendo que você esteja chateado com essa mensagem. Mas pular do galpão de barcos não é a solução. É só você sendo imprudente."

"Talvez eu queira ser imprudente pela primeira vez. Talvez eu esteja cansada de todos pensarem que sou inofensiva, pequena e esquecível."

“Jesus, Logan”, digo com a voz rouca. “Ninguém que já tenha olhado para você poderia te esquecer.”

“Você fez.”

Seus olhos duros e sem emoção despertam algo profundo dentro de mim. Aproximo-me, mas ela volta a fixar o olhar na água, expulsando-me de sua vista.

“Sou tão esquecível que você nem se lembra de ter me atacado na véspera de Natal”, ela murmura. E então ela ri de novo, com um tom agudo e histérico. “A gente ficou junto, Wyatt, e você não se lembra de nada.

Então é esse o efeito que eu tenho nas pessoas, aparentemente. Elas não me querem e esquecem completamente de—”

“Eu me lembrei.”

Ela se vira bruscamente, seu olhar encontrando o meu. "O quê?"

“Na manhã seguinte. Eu me lembrei.” A vergonha me aperta a garganta, e preciso pigarrear antes de continuar. “Eu me lembro exatamente do que aconteceu naquela noite na cozinha. Eu só fingi que não.”

"Por quê?", ela pergunta, atônita com a confissão.

"Porque eu sou um idiota, e eu sabia que se abrisse aquela porta, nunca mais conseguiríamos fechá-la."

Ela fica sem ar.

“É claro que eu te quero”, digo baixinho.

“Pare”, ela diz, mas sua voz treme. “Não preciso das suas besteiras agora. Eu te disse que estava a fim de você, e você riu de mim.”

“Você me disse isso quando tinha dezesseis anos e eu quase vinte. O que eu deveria dizer, Blake? Você era jovem demais e fazia parte da minha vida desde sempre. Mas no momento em que você disse isso, tudo mudou, e eu tenho reprimido isso desde então. Porque não podemos falar sobre isso.”

"Por que não?"

“Porque seu pai me mataria por isso, e quando tudo acabar—”

"Quando?"

“Sim, quando. Eu já te disse, não sou bom em relacionamentos. Se a gente ficar junto, eu vou te magoar.”

Ela permanece em silêncio, observando-me com incerteza.

"Sou um completo maluco. E sou egoísta. Acredite em mim, você não quer um músico egocêntrico e fracassado que mal consegue silenciar os próprios pensamentos." Balanço a cabeça em frustração. "Tudo o que posso te oferecer é uma boa transa."

Ela falha na respiração novamente.

Você merece mais do que isso.

Ela continua sem dizer uma palavra. E eu continuo sem conseguir desviar o olhar dela. Daqueles olhos grandes e do arco de Cupido perfeito em seus lábios. As sardas, visíveis até mesmo nas sombras.

Nunca desejei beijar ninguém tanto quanto a ela agora. E acho que ela sabe disso. Sua língua desliza para fora, umedecendo os lábios, e eu quase gemo. Quero chupar aquela língua. Quero chupar e lamber cada parte dela.

Quero saber como ela geme quando chega ao orgasmo.

Em vez de me afastar, dou um passo em direção a mais pessoas.

Um passo, depois outro, até que estou bem na frente dela.

Agora vejo sua respiração acelerar. O subir e descer acentuado de seus seios sob a regata. Se eu olhasse mais de perto, aposto que veria os contornos sombrios de seus mamilos.

Ela inclina a cabeça para cima para me olhar porque é muito mais baixa.

Nossos rostos estão a centímetros de distância. Olhares fixos um no outro.

Parece que ela está olhando dentro da minha alma.

Quando estou a apenas trinta centímetros de distância, Blake estende a mão e toca meu rosto. Um arrepio quente percorre minha espinha. Seus dedos roçam a barba por fazer ao longo do meu queixo.

“Pare”, eu aviso.

“Você não quer mesmo que eu pare.”

Ela tem razão. Eu não.

O tempo parece parar enquanto me inclino para o seu toque. O suave murmúrio da água contra o cais desaparece. Tudo o que consigo ouvir é a minha própria pulsação forte nos meus ouvidos. E tudo o que consigo sentir é o meu corpo me traindo, movendo-se lentamente em sua direção, atraído por uma força que nunca consegui compreender.

"Vou arruinar você", digo asperamente.

"Talvez eu acabe com você também", ela sussurra de volta.

Ela já fez isso, porra.

Precisamos ir embora. Descer aquelas escadas, entrar e voltar para nossas respectivas camas. Estou prestes a dizer isso a ela quando, de repente, suas mãos agarram a gola da minha camiseta.

Ela se ergue na ponta dos pés, seus lábios encontrando os meus antes que eu tenha a chance de protestar. Não que eu fosse

protestar. O bom senso me abandona, toda a minha força de vontade se dissipando no ar da noite no instante em que ela me beija.

O primeiro toque dos seus lábios é suave, hesitante, mas não há como conter a onda de urgência que me invade, anos de repressão se rompendo de uma vez. Num instante, o beijo é feroz, voraz e implacável. Deus me ajude, mas não consigo impedi-lo. Seus lábios se separam sob os meus, e eu os reivindico. Sigo sua língua para dentro de sua boca, e então engulo o pequeno gemido que ela solta. É um som tão doce. Ela tem um gosto ainda mais doce. Como pasta de dente de menta e tentação.

Eu estremeço quando as mãos dela deslizam para o meu cabelo, acariciando-o, puxando minha cabeça para mais perto. Esse beijo é tudo. É

uma droga. Profundo e desesperado. Estou tão excitado que chega a doer, incapaz de me conter e aperto sua bunda, puxando-a contra mim. Deixando-a sentir o que ela me faz sentir. O quanto eu a desejo.

Ela pensa que não é fogo.

Cristo.

Ela é o próprio sol.

Sua língua ganha confiança, acariciando a minha, e eu solto um som baixo na garganta. Me perco no calor úmido da sua boca, meu corpo reagindo a cada toque, a cada movimento e a cada respiração roubada.

Nunca fiquei tão excitado com um beijo. Meu pau se projeta contra a calça, pressionando ansiosamente contra sua coxa, ansiando por alívio.

Pare com isso.

O aviso finalmente surte efeito, e é quase violento como arranco minha boca da dela. Nossos rostos se separam lentamente. Seus olhos brilham de surpresa. Seus lábios ainda estão entreabertos, inchados de nossos beijos, e a visão faz meu pau pulsar.

"Desculpe", murmurei. "Não podemos. Isso foi um erro."

"Por que?"

Porque você significa muito para mim, e eu não quero te destruir.

"Porque bebi demais", minto. "Não estou pensando com clareza."

Seus olhos se enchem de incredulidade. Então ela começa a rir. "Você nunca se cansa disso?"

Eu engulo em seco. "De quê?"

“Essas histórias que você conta para si mesmo. Que você está bêbado demais. Que você é um cafajeste incapaz de ter sentimentos. Que seu pênis é tudo o que você pode oferecer a uma mulher. Que você não pode ter sucesso como músico a menos que faça tudo sozinho, sem a ajuda de ninguém.”

A acusação me desestabilizou. Nem sei o que dizer, mas ela não me dá essa chance.

“Você é como um velho tão preso aos seus hábitos que não consegue se adaptar a novas experiências ou acompanhar os tempos. Só que, no seu caso, você se dedicou tanto a essa história de quem é Wyatt Graham, que parece não conseguir enxergar todos os outros caminhos que poderia seguir.

E é isso que te mantém estagnado na vida.”

"Não estou travada", murmuro, sentindo um aperto desconfortável no peito. "É só bloqueio criativo, porra."

“Não, é tudo. Mas tudo bem. Finja que eu estou errada.” Ela passa por mim, esbarrando no meu ombro.

“Blake, pare. Vamos lá.”

"O quê?", ela diz, mantendo as costas viradas para mim. Sua voz parece fria e indiferente. "Não vou mais pular do telhado, então relaxa. Vou entrar, voltar para o meu quarto, onde não preciso mais ouvir suas malditas besteiras." Ela para na escada, finalmente me lançando um olhar. "Tudo bem para você, papai?"

Cerrei os dentes. "Blake—"

“Vai se foder.”

Ela me mostra o dedo do meio e desaparece escada abaixo.



O TRAIDOR

Sabe de uma coisa? Estou puta da vida agora. E estou farta de você ficar me chamando de traidora como se eu fosse a pior pessoa do planeta. Não vou mais me desculpar por essa merda, principalmente porque VOCÊ basicamente me obrigou a fazer o que eu fiz. 1

resposta Então a culpa da SUA traição é MINHA? Vai se foder.

Você age como se estivesse acima de tudo, Blake. Você é tão calmo, controlado e sarcástico, como se nada te atingisse. Eu nunca soube o que você estava pensando. Nunca. Estar com você era como se eu

estivesse constantemente tentando impressionar alguém que nunca se impressiona. 1 resposta Você nunca soube o que eu estava pensando porque nunca perguntou, Isaac. Você me bajulava em público, e em particular só era carinhoso quando queria sexo ou atenção.

Não estou dizendo que foi tudo ruim. Às vezes, era muito, muito bom. Você era meu porto seguro, uma constante na minha vida, e eu queria isso. 1 resposta: Que bom que eu fui seu porto seguro. Pena que você nunca foi o meu.

Mas eu também queria que você me olhasse como se eu fosse o cara mais interessante do mundo. Eu sempre me senti como se estivesse perseguindo alguma versão de mim mesmo pela qual você talvez se importasse, mas você nunca se importou em me fazer sentir desejado. Você nunca me deixou entrar e nunca esteve realmente

presente comigo. Então talvez pense nisso antes de decidir que eu sou o único que estragou tudo. 2 respostas Você queria que eu te olhasse como se você fosse o cara mais interessante do mundo?

Bem, eu queria que você me olhasse, ponto final. Mas eu era invisível até você decidir me tirar da prateleira para brincar comigo.

Agora me devolva a porra da minha torradeira.

CAPÍTULO22

BLAKE

Jogos mentais

EU NUNCA ACREDITEI NESSAS IDEIAS ROMÂNTICAS DE QUE UM BEIJO TEM O

poder de mudar o mundo. Um beijo tão transformador, tão revigorante, que você sente uma mudança cósmica até a medula dos

seus ossos. Quando, num instante de tirar o fôlego, você simplesmente se sente… completo.

Se você me perguntasse antes de ontem à noite se um beijo como aquele existia, eu teria dito: "Deus me livre". Eu teria rido e dito que isso soa como uma fantasia boba de colegial.

A piada é comigo.

Aquele beijo e eu já nos conhecemos muito bem.

Na verdade, agora eu nunca mais poderei voltar a beijar normalmente, não depois que Wyatt Graham destruiu completamente a minha visão de mundo sobre beijos.

Me sinto quase doente. Não emocionalmente, mas fisicamente, como se estivesse com febre. Minha respiração está superficial e sinto o rosto corado, mesmo horas depois. Uma parte de mim parece ter mudado, o que é tão absurdo, já que foi apenas um beijo.

Não só isso, como foi um "erro". Pelo menos segundo Wyatt.

Com ele, tudo é um erro.

Flertar? Erro.

Beijar? Erro.

Passar a noite em claro desabafando um com o outro, deixando nossas inseguranças virem à tona? Grande erro.

Os sinais contraditórios dele me deixam tonta. São exaustivos.

Eu fico sentada no balcão da cozinha remoendo tudo, desejando que ele fizesse algum sentido, pelo menos uma vez, nessa sua vida idiota de músico. Em vez disso, ele solta coisas como "Vou te arruinar" e depois me beija como se o mundo estivesse acabando e eu fosse a

salvação dele. Ele diz "Não podemos ir por esse caminho" e então admite que vem reprimindo seus sentimentos por mim há anos.

Ele mentiu para mim na manhã de Natal.

Ele olhou-me nos olhos, assumiu uma expressão vazia e fingiu não se lembrar do que tinha acontecido naquele balcão.

Dick.

Viro-me para a porta quando ouço seus passos. Ele acabou de sair do banho, o cabelo escuro ainda úmido e encaracolado atrás das orelhas. Está usando calça de moletom e uma camiseta branca, e está descalço.

“Bom dia”, digo, e então baixo o olhar para o meu café da manhã. “Tem ovos cozidos e rodelas de tomate na geladeira, se você quiser.”

Ele acena com a cabeça, mas não se move em direção à geladeira.

"Podemos falar sobre ontem à noite?"

“O que há para conversar? Foi um erro, não foi isso que você disse?”

A tensão se acumula em seus ombros enquanto ele prepara uma xícara de café. Ele não se junta a mim no balcão, preferindo se encostar na pia.

"Eu estava bebendo." Ele parece arrependido.

“Sim. Você está sempre bebendo.” Coloco uma fatia de tomate na boca e mastigo.

“Eu te disse que isso me ajuda com a insônia.”



"É por isso que você começa a trabalhar antes do meio-dia?" Não consigo disfarçar o tom de deboche na minha voz. Não estou tentando ser um babaca, mas acordei hoje de manhã sem a menor paciência, como comprovam minhas respostas sem rodeios às mensagens idiotas do Isaac. E

estou cansado das desculpas do Wyatt. "Eu vi você abrir uma cerveja às onze da noite ontem. Aliás, desde que cheguei aqui, você está com uma cerveja em uma mão e um cigarro na outra."

Sua expressão é de divertimento irônico. "Então o cigarro também é um problema para você agora?"

“Não. É a sua vida, Wyatt. Mas só para você saber, as garotas não gostam muito disso.”

“Nunca tive nenhuma reclamação antes.”

“Então eles estão mentindo para você.” Balanço a cabeça irritado. “De qualquer forma, não me importo. Se você quer ter câncer de pulmão, vá em frente. Se você quer ser a personificação do clichê do astro do rock bêbado, fique à vontade.”

Deslizando do banco do café da manhã, pego meu prato vazio e marcho em direção a ele.

"Sai da frente!", eu rosno.

Ele fica rígido por um instante antes de se afastar para me deixar usar a pia.

“É o seguinte”, digo a ele enquanto enxáguo meu prato. “Cheguei oficialmente ao ponto de não me importar com o que você faz ou por que faz. Então, a partir de agora, vamos voltar às regras básicas que estabelecemos quando cheguei aqui. Você fica bem longe do meu caminho e eu fico bem longe do seu.”

“Mas foi um bom beijo?”

Encaro Annaliese do outro lado da mesa. Estamos em um bar esportivo em Tahoe City, e eu acabei de contar tudo o que aconteceu ontem à noite, inclusive como Wyatt culpou nossa embriaguez pelo nosso beijo e insistiu que foi um grande erro, e tudo o que ela entendeu disso tudo é que o beijo foi bom?

"Foi um beijo ótimo", resmungo. "Um beijo magnífico. Mas, aparentemente, foi um erro."

Ela ignora isso. "Bobagem. Isso é só uma desculpa."

"Minha desculpa ou a dele?"

"É a desculpa dele. Escuta, Logan. Um homem não te beija apaixonadamente num telhado à meia-noite só porque bebeu umas cervejas.

Ele queria te beijar. A única razão pela qual ele está recuando agora é porque é isso que os cafajestes fazem. Eles sentem algo mais profundo do que apenas o pau duro, e de repente o apocalipse do compromisso se aproxima, e eles fogem."

"E daí que eu tenho que persegui-lo?"

"De jeito nenhum. Nós não corremos atrás. Nós atraímos." Dando de ombros, Annaliese pega as últimas batatas fritas do prato e as coloca na boca. "Se a gente quer alguém, a gente faz de tudo para que essa pessoa corra atrás de nós."

"Não gosto de jogos."

Ela sorri. "Jogos são divertidos."

Suspiro e pego a vodka com cranberry. Ainda estou chocada que o barman me serviu sem pedir meu documento de identidade. Tenho um falso, se precisarem, mas é raro não me pedirem, principalmente em uma cidade familiar como Tahoe.

“Não, não são divertidos”, respondo finalmente. “Não quero esses joguinhos psicológicos estranhos. Não quero perseguir nem ser perseguida.

Tudo o que quero é alguém que deixe suas intenções claras.”

Não alguém que me beija e depois chora por isso.

E certamente não alguém que fica comigo por quase três anos enquanto secretamente pensa que sou a mulher mais chata e menos apaixonada do planeta.

As palavras de Isaac continuam a me incomodar. A me magoar. Mas, no fundo, sei que há alguma verdade nelas. Eu o amava, mas não o desejava ardentemente. E ele não me desejava ardentemente. Talvez no início, com toda aquela demonstração de afeto exagerada, mas, uma vez que me conquistou, seu entusiasmo diminuiu. Quando estávamos juntos na cama, Isaac nunca me olhou como... como se pudesse morrer se não pudesse me ter.

“Certo, então vamos encontrar essa pessoa”, declara Annaliese. Ela se vira na mesa e observa o bar. “Porque não sei se você percebeu, mas…

Parece um antro de pornografia de bombeiros aqui dentro.”

Eu não tinha reparado, mas agora reparei. Percebo que o balcão está cheio de rapazes e algumas mulheres com camisetas azul-marinho do corpo de bombeiros e calças de moletom. Vejo muitos antebraços musculosos e bíceps definidos, provavelmente esculpidos em longos dias na academia, e todos os rapazes são barulhentos e animados, gritando e rindo enquanto ficam no bar e nas mesas de bilhar.

“Por que eles são todos tão jovens?”, pergunto a Annaliese.

“Ah, é a turma de recrutas. Meu irmão também está lá.” Ela acena com a cabeça na direção do fundo do bar, onde um rapaz bonito com

covinhas enormes conversa com outros dois cadetes do corpo de bombeiros.

"O Eddie quer ser bombeiro?", pergunto, surpreso.

"É, e nem me fale. Esse idiota estava na faculdade. Cursou dois anos e, de repente, bum! Abandonou o curso e se matriculou na academia de bombeiros. Meus pais quase tiveram um ataque cardíaco quando ele contou para eles." Annaliese acena para o grupo. "Edward!" ela chama. "Venha dar um oi para sua irmã!"

Afastando-se do grupo, Eddie caminha até nossa barraca. Da última vez que o vi, ele tinha uma cabeleira selvagem, mas agora está todo raspado, o que lhe confere um ar profissional e impecável. Ele nos cumprimenta com um largo sorriso, passando o braço em volta da irmã num abraço lateral.

"Você se lembra de Blake?", pergunta Annaliese a ele.

Seus olhos castanhos brilham quando encontram os meus. "Ah, oi. Sim.

Primo do Beau."

"Bem, não somos primos, mas somos muito próximos, sim." Eu sorrio para a camisa dele. "Como está a academia de bombeiros?"

Ele faz uma careta. "Nossa, tivemos o pior dia. Nos fizeram correr com a mangueira um milhão de vezes."

"O que é um avanço de mangueira?", pergunto, curioso.

Eddie geme e esfrega a nuca. "Ok, então imagine arrastar uma anaconda do tamanho de um tronco de árvore, se debatendo, cheia de água, enquanto você rasteja de joelhos carregando vinte e cinco quilos de equipamento. Ah, e a anaconda te odeia."

Annaliese e eu caímos na gargalhada. "Isso parece horrível", eu disse a ele.

"Você não faz ideia. No fim do dia, meus braços estavam tremendo tanto que eu não conseguia nem abrir uma garrafa d'água. Tive que pedir para o Dave fazer isso para mim." Ele olha para o outro lado do bar e faz um sinal para os amigos que abandonou, chamando-os para se juntarem a nós. "Você precisa ouvir sobre a pegadinha que o Mikey fez com o nosso instrutor hoje. Mikey, vem cá!"

Três rapazes se aproximam da nossa mesa, e um deles imediatamente chama minha atenção. Ele não é muito alto, mas tem um corpo ótimo, um sorriso torto e olhos azuis sedutores. Eddie o apresenta como Dave.

Ao se sentar ao meu lado, ele me observa, mas não de uma forma assustadora.

Eu também o observo, mas não de uma forma assustadora.

Annaliese não deixa escapar a corrente de consciência que percorre o nosso caminho. Seus lábios se curvam num sorriso.

"Então", ela diz animadamente. "Doses de insulina?"

CAPÍTULO23

WYATT

Você está se ouvindo?

NÃO CONSIGO DORMIR. E, IRONICAMENTE, NÃO É POR CAUSA DE INSÔNIA.

Depois de um dia péssimo, em que meu bloqueio criativo voltou e senti um descontentamento geral, eu estava realmente animada para ir para a cama hoje à noite.

Mas aí Blake saiu com Annaliese. Para um bar.

Então agora estou deitada na minha cama contando os minutos para ela chegar em casa, porque não consigo descansar até saber que ela está bem.

Não me entendam mal. Eu confio no Blake. Na Annaliese também. É em todos os outros que eu não confio. Principalmente em todos aqueles caras bêbados e tarados que provavelmente estão babando por ela agora.

E se ela conhecer outra pessoa esta noite?

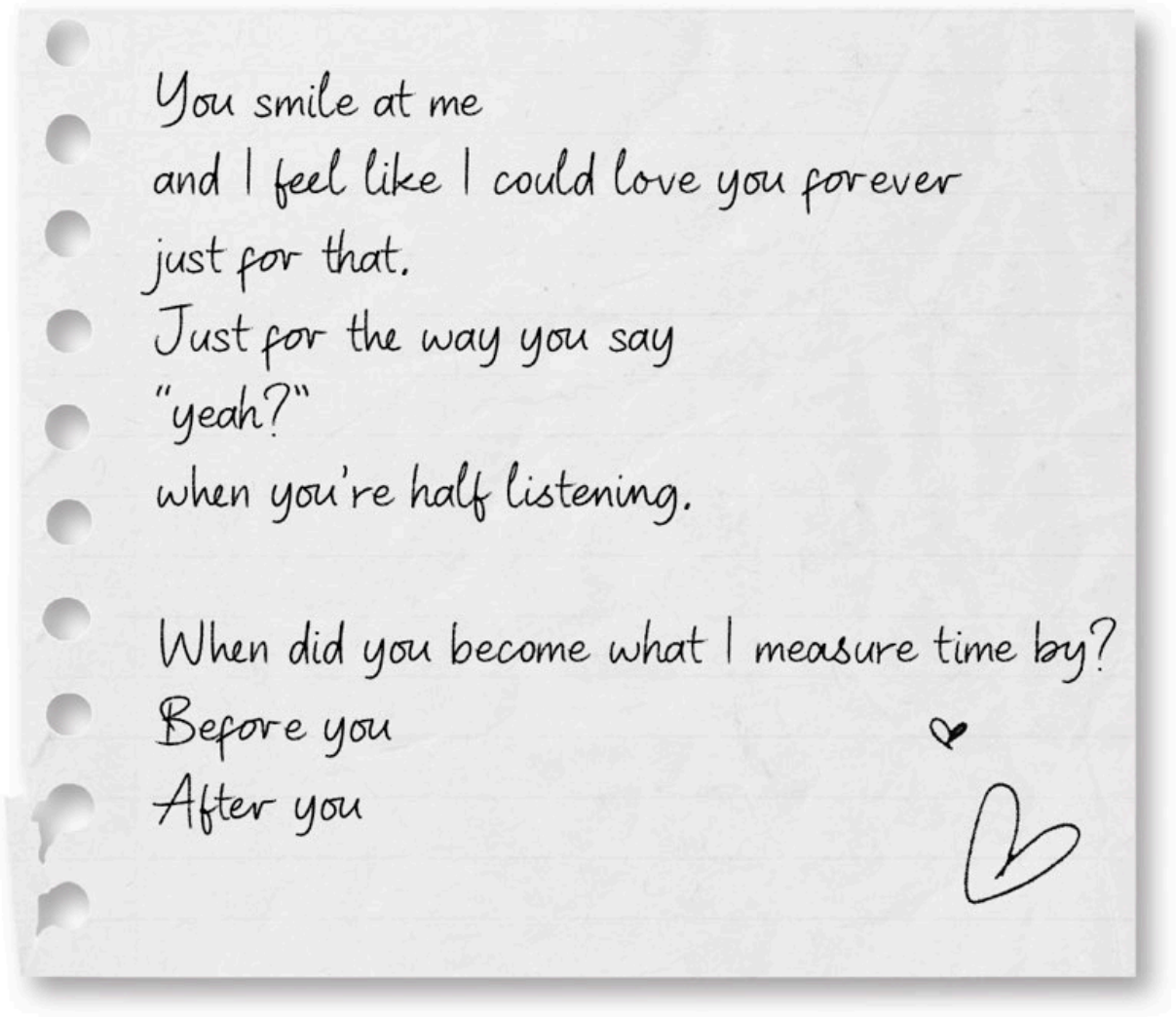
Engulo o gemido que me prende na garganta. A ideia dela com outro homem me dilacera por dentro. Ainda consigo sentir o gosto dela. Ainda consigo sentir a pressão dos lábios dela contra os meus e o calor da língua dela. Aquele beijo me destruiu. E só aguçou meu apetite, me deixando desejando outro gostinho, querendo muito mais. Odeio o quanto quero abrir aquela porta de novo.

Com o antebraço sobre os olhos, solto um gemido, o som de frustração ecoando pelo quarto. Me obrigo a sentar. Chega de me lamentar. É patético.

Melhor usar todas essas emoções voláteis para algo produtivo.

Pego meu caderno de partituras e abro na minha última versão de "Stop the World". Não estou convencida do título da música, então é provisório por enquanto. Abro a última mensagem do Cole no meu celular, aquela com a lista mais recente de sugestões. Não consegui escrever nada novo hoje, mas pelo menos posso ser produtiva e trabalhar em algo que sei que é bom.

Meu lápis desliza rapidamente pela página enquanto tento incorporar as anotações de Cole. Ele tem razão. O segundo verso fica melhor assim. Mais curto, mais conciso.



Sim. Eu gosto disso.

Eu canto os versos baixinho. Combina bem com a melodia também.

Viu? Eu não estou preso. Blake não tem ideia do que está falando. Essas acusações que ela me lançou me incomodaram o dia todo, mas ela está errada. Nada me impede de seguir em frente na minha vida, e eu não estou evitando outros caminhos. Mantenho meus relacionamentos casuais porque é tudo o que posso oferecer. Mal consigo ligar para meus pais uma vez por semana. Como diabos eu vou ter tempo para uma namorada?

Estava guardando o caderno quando ouvi o alarme da porta da frente desativar.

Ela está de volta.

Um alívio me invade, um peso sai do meu peito ao saber que ela está em casa em segurança. Mas a tensão retorna com toda a força quando ouço não um, mas dois pares de passos na escada.

Cada músculo do meu corpo se contrai como uma mola. Sussurros abafados preenchem o corredor, o murmúrio inconfundível da voz de Blake.

"Temos que ficar em silêncio."

Agora outra pessoa fala. Um homem.

"Hummm. Mal posso esperar para te ver nua."

Num piscar de olhos, passo de um leve desconforto à capacidade de cometer um assassinato.

Ouve-se um baque, como se alguém tivesse esbarrado na parede.

Depois, um baque ao passar pela minha porta, seguido de um gemido baixo.

Esse idiota está fazendo ela gemer?

Só por cima do meu cadáver.

Saio furiosa do meu quarto e irrompo pelo corredor, a raiva impulsionando cada passo meu.

"Vamos tirar isso." Blake. Com a voz abafada e ofegante.

O corredor está mergulhado em sombras, mas há luz suficiente para iluminar a porta dela, que está escancarada, proporcionando-me uma

visão perfeita de Blake.

De joelhos.

Ela está de joelhos, completamente desprevenida, na frente de outro homem.

“Você tem a boca mais sexy”, ele murmura enquanto ela abre o zíper da calça dele. Ele estende a mão para empurrar a porta e fechá-la. “Me mostra como você a usa.”

Uma névoa vermelha turva minha visão enquanto avanço em direção a eles. Empurro a porta antes que o cara consiga fechá-la, e o estrondo

resultante, quando ela bate na parede, faz com que ambos olhem para mim surpresos.

"Meu Deus, Wyatt!" Blake grita indignado. "Vá embora."

"Levante-se!", eu rosno para ela.

“Vá. Embora.” Ela permanece de joelhos. Seu semblante está tenso de raiva.

"Levantar."

O olhar cauteloso do cara se volta para mim. "Quem é esse?", ele pergunta a Blake.

“Ninguém. Só um amigo da família que também está hospedado aqui. E

agora ele está indo embora.” Ela me encara. “Boa noite, Wyatt.”

"O que você está fazendo?", perguntei bruscamente. "Agora você está trazendo para casa qualquer gente da cidade que se mete em encrenca?"

"Ei", protesta o cara.

Eu o ignoro. "Que diabos você está tentando provar?"

"Saia do meu quarto", ordena Blake entre dentes cerrados. Ela finalmente se levanta cambaleando e avança na minha direção, tentando me empurrar para fora do quarto.

Cruzo os braços e mantenho minha posição. "De jeito nenhum. Seu pai me pediu para cuidar de você neste verão."

"Seu pai?", pergunta o morador da cidade, alarmado. Ele vira a cabeça bruscamente para ela. "Pensei que você tivesse dito que tinha vinte anos."

"Tenho vinte anos", ela rosna. "Meu pai é apenas superprotetor."

O cara já está fechando o zíper da calça, sem nem tentar ser discreto.

"Não!", ela interrompe, com um olhar irritado. "Dave. Vamos lá. Não vamos parar por causa desse idiota."

“Sim, você está parando por causa desse idiota”, digo friamente. Aponto para o zíper da calça dele. “Vamos lá. Termine logo.”

A fúria arde nos olhos de Blake. "Vaza daqui, Wyatt."

“Não. Isso não vai acontecer. Eu entendo que você está bêbado —”

“Não estou bêbada”, ela interrompe, incrédula. “Só tomei uma dose.”

Ela levanta um dedo. “Cada um de nós tomou uma dose.”

Isso não me abala. Ela pode gritar comigo a noite toda, mas não há a menor chance de eu tirar as calças hoje à noite. Não me importo se isso me torna um homem das cavernas possessivo, um psicopata ou qualquer outra acusação que ela queira me fazer.

Isso. Não. Vai. Acontecer.

“Sabe de uma coisa?” O cara com quem ela está saindo se afasta dela.

Ele não é bobo, isso eu admito. “Acho que isso pode ser complicado demais para mim.”

“Não tem nada de complicado”, ela protesta. “O Wyatt é só um amigo.

Um amigo babaca e controlador.”

“É, que situação complicada”, diz Dave, secamente. Ele se coloca entre mim e Blake enquanto continuamos nos encarando. “Foi um prazer te conhecer, Blake. Mas, é, acho que posso ir embora.”

Ouvimos seus passos na escada e depois no andar principal, antes da porta da frente se fechar com mais força do que o necessário. O cara não está nada feliz em sair daqui frustrado. Que pena, que triste.

Blake e eu mal notamos que ele se foi. Nossos olhares nunca se desviam um do outro. As bochechas dela estão vermelhas como um pimentão, e a hostilidade dela torna o ar palpável.

“Não acredito que você fez isso. Você não tinha esse direito.”

“Acredite em mim, você me agradecerá por isso amanhã.”

"Ah, vai se foder, seu babaca arrogante!"

Nem sequer pestanejei. "Seus pais me matariam se soubessem que deixei isso acontecer enquanto eu estava no corredor. Que eu simplesmente fiquei parada enquanto você chupava o pau de um estranho que você conhece há cinco minutos. Era isso que você queria? Chupar o pau dele?

Deixar ele gozar na sua boca enquanto eu estou no quarto ao lado?"

Ela solta uma risada áspera. "O que isso tem a ver com os meus pais?

Deixe-me me preocupar com os meus, que tal? E você pode se preocupar com os seus."

“Entendo que Isaac tenha ferido seu ego —”

"Oh meu Deus!"

“Mas você não é assim”, concluo. “Você não fica com caras aleatórios que mal conhece.”

"Você não me conhece de jeito nenhum", diz Blake, irritado.

“Sim, eu sou, e você não é assim. Sou eu. Sou o pegador. Sou eu que transo com metade do lago, lembra?”

“Primeiro de tudo”, ela dispara, “acho que podemos parar de te chamar de cafajeste, considerando que você não transou uma vez sequer desde que cheguei aqui, apesar das inúmeras oportunidades. E você não me conhece, Wyatt. É óbvio que não. Porque eu não sou só uma garota certinha com sardas. Sou uma mulher complexa, cheia de nuances, que talvez queira ficar com um cara que conheço há apenas duas horas. Já pensou nisso? Já pensou que talvez isso me faça sentir desejável?”

“Seu valor próprio não deve ser determinado pela validação de um homem —”

Ela me interrompe novamente. "Guarde as frases de autoajuda para alguém que se importe. Eu tenho poder de decisão. Eu sei o que quero, e sei o que eu queria esta noite. Eu o queria. E você teve que invadir como um cão de guarda descontrolado e arruinar minha noite."

“Eu estava te fazendo um favor.”

“Você me humilhou! Você humilhou o Dave. Você não estava fazendo nenhum favor a ninguém. Você só queria bancar o machão e fazer birra.”

Aperto os punhos contra o corpo. "Eu estava tentando te proteger. Você teria se arrependido."

O riso dela transborda incredulidade. "Você não tem o direito de me dizer do que eu vou ou não me arrepender. Você está se ouvindo?"

“Nós nos beijamos ontem à noite”, digo asperamente enquanto meu coração dispara no peito. Não consigo controlar minhas emoções quando estou perto dessa mulher. “Você espera que eu acredite que, em menos de 24 horas, você decidiu que quer outra pessoa?”

Os olhos dela se estreitam. "Então é isso. Não tem nada a ver comigo.

Tem a ver com você. Você não gosta da ideia de que eu possa me sentir atraída por alguém que não seja você."

Minha mandíbula se contrai. "Não, não é isso."

“Sim, é verdade. Você não suportou a ideia de eu estar com outra pessoa esta noite. Admita. Foi por isso que você interrompeu tudo. Porque você estava com ciúmes. Porque aquele beijo te afetou tanto quanto me afetou.”

Cerrei os dentes, determinado a não cair na armadilha. É isso que ela quer. Ela quer que eu ceda. Que a encoste na parede e a beije de novo.

E desta vez, não se limite aos beijos.

"Tanto faz. Tanto faz." Soltei um suspiro de frustração. "Obviamente não há mais nada para conversar esta noite. E eu preciso de um maldito cigarro."

CAPÍTULO24

BLAKE

Wyatt Graham não segue as regras.

LEVO QUASE QUINZE MINUTOS PARA ME ACALMAR. PASSO ESSE TEMPO

andando de um lado para o outro no meu quarto, repetindo para mim mesma que estrangulá-lo até a morte não seria do meu interesse. Eu não gostaria nada da prisão. E embora a humilhação desta noite ainda ferva em minhas veias, também sinto uma onda de satisfação.

Porque eu vi.

A rachadura em sua armadura.

Ele estava com ciúmes hoje à noite, e os homens só sentem ciúmes quando realmente sentem algo por você. Eu pressenti isso quando ele me beijou, mas hoje à noite só confirmou minhas suspeitas. Ele pode dar quantas desculpas quiser, mas agora está claro para mim. Wyatt se importa muito mais comigo do que demonstra.

Você não é assim. Eu sou assim.

As palavras dele não me saem da cabeça. Não entendo. Por que ele está tão obcecado com essa história de mulherengo que ele mesmo criou? O que ele acha que vai acontecer se admitir que talvez se importe de verdade com alguém?

Assim que o último resquício de raiva se dissipa, visto um suéter e saio do quarto.

Encontro-o numa espreguiçadeira, os dedos a segurar um cigarro, os olhos fixos na lua. Está surpreendentemente silencioso lá fora.

Normalmente, ouvir-se-ia o zumbido dos mosquitos, mas agora tudo está calmo e silencioso, exceto pelo ocasional farfalhar das árvores.

"Será que sou só eu, ou todos os mosquitos desapareceram?", murmurei.

Wyatt solta uma baforada de fumaça. "Talvez Darlie tenha sugado todos eles para dentro do lago com ela."

Um sorriso surge nos meus lábios, o que só me irrita ainda mais. Ele não tem o direito de me fazer sorrir, não depois do que ele fez.

Em vez de me sentar, fico debruçada sobre ele, de braços cruzados.

“Então”, eu digo.

Ele dá uma última tragada e se inclina para apagar o cigarro. Quando nossos olhares se encontram, espero ver a mesma raiva de antes. A mesma indignação.

Mas tudo o que vejo é remorso.

“Eu estraguei tudo”, diz ele.

Assinto com firmeza. "Correto."

“Eu me transformei num homem das cavernas possessivo e maluco.”

“Também está correto.”

“Eu fiz julgamentos e te infantilizei.”

"Muito bom."

Wyatt solta uma risada abafada. "Ah, para com esse tom de professora rígida."

Minha expressão séria se desfaz. Não consigo mais manter a pose.

Suspirando, sento-me na beirada da cadeira dele. Quando ele se move para o lado para me dar mais espaço, não consigo deixar de me lembrar de como ficamos conversando até o sol nascer. Será que ele também está pensando nisso?

“Nós vimos o nascer do sol juntos, Blake.”

Acho que sim.

“Eu sei”, digo.

“Isso não é normal.”

“Quer dizer, não há nada mais normal do que o nascer do sol.”

Ele passa a mão pelos cabelos. Está inquieto. "Preciso de outro cigarro."

Antes que ele pudesse alcançar a mochila, segurei sua mão e senti uma onda de calor quando ele parou de se mexer. Ele ficou em silêncio por alguns segundos. Vi seu pomo de Adão baixar enquanto ele engolia em seco.

“Eu não estava tentando te proteger”, ele diz. “Você tinha razão — eu estava com ciúmes. Eu queria que ele parasse de te tocar.”

A sensação de calor no meu peito se expande. "Eu sei."

"Detesto que ele tenha te tocado. Detesto que suas mãos estivessem dentro das calças dele."

“Não chegou a tanto. Alguém interrompeu”, lembro-lhe com um olhar significativo.

Seus lábios se curvam levemente. "Sim, e não me arrependo."

"Espere, então não vamos nos desculpar?", digo, divertido.

“Pedimos desculpas por interrompê-la, agir como um idiota e dizer que você não sabe o que quer.” O sorriso dele se torna presunçoso. “Mas não pedimos desculpas por estarmos felizes que o pênis dele nunca tenha entrado em contato com você.”

Uma risada escapa. "Tudo bem. Parece justo."

Ele volta a fixar o olhar na lua, e eu sigo o seu. Ela está tão clara e brilhante que provavelmente seria possível guiar um barco pela água sem precisar de farol. Mesmo assim, a ideia é assustadora.

"Eu estaria com muito medo de sair de barco agora", confesso.

Ele pisca, surpreso com a mudança de assunto. "O que você quer dizer?"

“Darlie. Ela estaria saindo escondida por essa hora para encontrar Raymond na árvore do sexo. Mas acho que eu ficaria com muito medo. E se algo acontecesse? Tipo, o barco batesse num tronco e eu caísse na água? E

se eu me afogasse sem que ninguém soubesse que eu estava no lago?”

“Que situação terrível.”

"Eu sei." Faço uma pausa. "Deve ter sido sexo muito bom."

Wyatt bufa. "Quer dizer, existe literalmente um ponto turístico icônico em Lake Tahoe para homenagear a transa deles."

Isso me faz rir, mas o som morre na minha garganta quando percebo seu olhar sério. De repente, me sinto constrangida.

“Seu ex é um idiota, Blake. E um manipulador de marca maior.”

"O quê?", exclamo, surpreso.

"Ele traiu porque quis trair. Porque queria transar. Porque queria a emoção e a adrenalina, e agora está distorcendo tudo para fazer parecer que a culpa é sua. Mas não é. A culpa sempre foi dele. Você não precisa de um encontro casual em um bar para se sentir desejável."

“Mais uma vez, me dizendo o que eu preciso”, murmuro.

“Não estou fazendo isso de forma julgadora ou possessiva. Prometo. Só estou dizendo que, se o Isaac não entender, ele é um idiota.”

Meu pulso acelera. "Ver o quê?"

"Você", diz Wyatt simplesmente, e isso faz meu coração disparar.

Sei que ainda deveria estar zangada com ele pela maneira autoritária como se comportou. Mas algo na aspereza da sua voz torna impossível manter a raiva.

Seus olhos ardem com intensidade enquanto ele me encara. "Você quer ser vista. Foi isso que você disse, não foi?"

Eu aceno com a cabeça, porque não consigo fazer minhas cordas vocais funcionarem. Há um nó crescendo na minha garganta, pressionando-as.

“Eu te vejo”, diz ele baixinho.

“Você faz isso?”

“É.” Ele morde o lábio inferior. “Que bagunça, Blake.”

“Sim”, concordo.

“Não quero te magoar.”

“Você não vai me machucar.”

“Acho que você pode estar enganado quanto a isso.” Ele solta um suspiro irregular. “Se fizermos isso…”

Isso me arranca uma risada, mesmo enquanto meu pulso acelera novamente. "Se fizermos o quê? O que exatamente estamos negociando aqui?"

Seus lábios se contraem num leve sorriso. "Nós nos beijando de novo sem que eu saia correndo depois."

“Que ousadia a sua presumir que eu quero te beijar de novo.”

O humor desaparece de seus olhos. "Droga. Não. Você tem razão. Eu sou um idiota presunçoso—"

Eu pressiono meus lábios contra os dele antes que ele possa terminar.

Ele se assusta por um instante, paralisado, e eu fico com medo de que ele me afaste. Mas então ele solta um som abafado e me puxa para mais perto, passando os dedos pelo meu cabelo, guiando meu rosto para outro beijo.

Uma onda de calor me invade enquanto me perco nele. Ele tem um leve gosto de fumaça e menta, e algo mais escuro, viciante. Meu coração dispara, batendo forte na minha garganta e pulsando nos meus dedos enquanto acaricio sua bochecha. Quando sua língua roça a minha, um gemido suave escapa de meus lábios.

Com um gemido, Wyatt estende a mão entre nós e acaricia meu seio por cima da minha regata curta. Meu sutiã é finíssimo, e eu sei que ele sente quando meu mamilo endurece e roça na palma da mão dele, porque ele solta outro gemido rouco e aperta com mais força.

Com nossos lábios ainda unidos, subo em seu colo e o monto, gemendo ao senti-lo contra minha bunda. Duro e pronto para mim. Uma mão ainda

acariciando meus seios, ele leva a outra até onde minha saia transparente subiu, revelando minhas coxas. Ele acaricia a pele nua, provocando, o polegar roçando a parte interna da minha coxa.

Quando ele interrompe o beijo, fico sem fôlego, e então vejo a excitação queimando em seus olhos e esqueço completamente como respirar.

"Você se ajoelhou para ele", Wyatt dispara com a voz rouca. Ele não parece estar com raiva, apenas atormentado. "Aquele maldito idiota deveria estar de joelhos te adorando."

“Eu não queria isso.”

A mão dele para na minha coxa, a centímetros da minha calcinha.

"Não?"

"Você não entende. Não era isso que eu queria esta noite. Quer dizer, obviamente é bom ser adorada. Mas às vezes uma garota não quer apenas se sentir bem. Ela quer ser desejada. Ela quer que um homem a deseje tanto que implore por ela."

Ele engole em seco. "Você quer um homem que implore por você, sardenta?"

Eu engulo também. "Sim."

“Você quer que eu implore por você?”

Lentamente, eu aceno com a cabeça.

“Então tire minhas calças.”

Engulo em seco, hesitante. Porque sei que se fizermos isso, não há volta. E se formos além dos beijos e ele me rejeitar de novo depois? Não sei se sobreviveria.

Mas da mesma forma que ele me vê, eu o vejo agora. Vejo o quanto ele luta contra si mesmo. O quanto ele quer acreditar nessa imagem que projetou de si. Que ele é um músico nômade que usa mulheres para sexo e depois parte para a próxima. Eu vejo um belo rapaz perdido que precisa reconhecer que tem muito mais a oferecer do que sexo e canções.

E talvez isso me faça parecer uma tola e apaixonada, mas acho que sou a única que pode ajudá-lo a perceber isso.

Apesar da pontada de medo, não consigo me conter e levo minha mão até sua virilha, passando a palma da mão sobre sua ereção bem visível.

Ele geme em resposta.

Deus. Sim. Era isso que eu queria esta noite. Que um homem se desfizesse com o meu toque.

E enquanto observo a expressão de Wyatt escurecer com uma necessidade pura e simples, fico feliz que aquele homem não seja um bombeiro qualquer de um bar. Acho que não me importaria tanto com os ruídos que um estranho faz, não da maneira como me

importo com Wyatt e com o chiado em sua respiração quando deslizo a palma da minha mão pela crista espessa de sua ereção.

Eu me ajoelho diante dele, sem jamais desviar o olhar. Seu peito sobe e desce mais rápido. Vejo a fome em seu olhar enquanto ele me observa, à espera. Passo as mãos por suas coxas, sentindo os músculos se tensionarem sob meu toque. Ele é tão incrivelmente sexy, e eu adoro saber que sou eu quem tem o privilégio de fazer isso com ele.

“Então…” Eu o encaro por entre meus cílios, meus dedos traçando o contorno de seu pênis. “Me disseram que você tem um pau muito bom.”

Ele solta uma gargalhada. "Ah, é?"

“Hum-hum. Ouvi dizer que todo mundo adora”, digo, meio provocando, meio zombando.

"Não me importo com mais ninguém", ele murmura. "Só com você."

"Sério? Você quer que eu goste?"

"Sim."

Puxo o cós da calça de moletom dele e a abaixo, abafando um gemido quando sua ereção salta para fora. Longa e grossa, me deixando com água na boca.

Os lábios de Wyatt se curvam num sorriso irônico ao ver o que quer que ele veja em meus olhos. Ele estende a mão e envolve os dedos em torno do seu membro. "Você quer isso?", diz ele com a voz rouca.

"Sim."

“Então aceite, querida.”

Afastando sua mão com um leve toque, avalio sua reação enquanto o acaricio. Sua cabeça cai para trás, encostada no encosto da espreguiçadeira, e ele murmura em aprovação.

Uma pontada de incerteza me atravessa. Por mais confiante que eu estivesse cinco segundos atrás, a verdade é que... eu não sei como fazer um homem implorar.

“Eu… eu preciso que você me diga como te agradar.”

"Jesus", ele murmura.

"O que?"

“Você não entende, né? Você respira, e isso já me excita. Não vai ser preciso muito para me satisfazer.”

O prazer me invade. Ninguém nunca me disse nada parecido antes. Eu gosto disso. Me dá força, renova minha confiança.

“Pelo menos me diga se eu fizer algo que você não goste?”

“Claro”, ele diz, e parece divertido, como se isso fosse impossível para mim.

A expectativa me invade enquanto me inclino para a frente. Passo a língua na ponta do seu pênis e o corpo inteiro de Wyatt se tensiona. Então, o puxo para dentro da minha boca, minha mão segurando a base do seu membro. Quando o sugo suavemente, seus quadris se elevam num movimento brusco.

“Isso mesmo. Assim mesmo.” A mão dele repousa na minha nuca, guiando-me, mas sem forçar. “Jesus. Você fica tão gostosa chupando meu pau.”

Eu murmuro ao redor dele, adorando a sensação de tê-lo na minha boca, preenchendo-a completamente. Seus dedos se enroscam no

meu cabelo, e sua respiração muda, tornando-se mais ofegante, mais desesperada. Ótimo.

Eu o quero desesperado. Me afasto, sorrindo ao ver a agonia estampada em seus olhos.

“Continue”, ele implora. “Por favor.”

Uma onda de arrepios percorre meu corpo. Wyatt Graham está me implorando para fazer sexo oral nele. Eu jamais teria imaginado isso.

Abaixando a cabeça novamente, lambo em círculo a ponta do seu pênis, depois provoco a parte de baixo com a língua, fazendo seus quadris se contraírem. Sinto seu pau pulsando sob minha língua.

"Jesus."

Ele solta um som de agonia quando passo a língua por todo o seu comprimento. E então ele implora novamente.

“Chupa essa. Por favor.”

Encorajada por seus apelos, dou-lhe o que ele quer, chupando-o o mais fundo que consigo.

“Sim”, ele rosna quando aperto a sucção. “Continue. Meu Deus, você não faz ideia de quantas vezes pensei na sua boca.”

Eu o solto com um estalo suave. "Sério?"

“Sério?” Ele desliza a mão até meus lábios, traçando-os com a ponta dos dedos. Ele me olha com algo próximo à reverência. “Essa boca perfeita.

Feita para chupar meu pau.”

Suas palavras obscenas me deixam ainda mais determinada a levá-lo ao limite. Envolvo-o com a mão e dou uma longa e lenta lambida

antes de chupá-lo até a base, minha língua deslizando ao longo de seu membro pulsante.

Quando minhas pálpebras se fecham, ele agarra meu cabelo e puxa.

"Olhe para mim", diz ele asperamente. "Quero te ver."

Meu Deus. Nossos olhares se cruzam e minha respiração fica presa nos pulmões. É difícil funcionar quando ele está me observando assim. Tão intenso. Tão fixo em mim.

Quero que cada pensamento, cada olhar, cada respiração estejam focados em mim.

Minha mente volta às palavras roucas que ele pronunciou na noite em que me contou o que gosta na cama. Quando ele disse que não quer metade de alguém, mas sim a pessoa inteira.

É isso que me excita.

Ele não estava mentindo. O contato visual o deixa incrivelmente mais excitado. Ele é como aço na minha mão, o líquido pré-ejaculatório escorrendo da ponta enquanto nos encaramos. Eu lambo aquelas gotas peroladas com a língua, depois o envolvo com a boca, e ele solta um gemido abafado.

À medida que minha mão se move mais rápido, em sincronia com meus lábios e língua, seu corpo se enrijece sob o meu.

"Sardas", ele diz com a voz rouca. "Não vou durar muito se você continuar com isso."

Afasto minha boca dele, meus lábios inchados e úmidos, mas não paro de mover minha mão. "É essa a ideia", digo, e o levo fundo novamente, determinada a terminar o que comecei.

Seus quadris se erguem, seu aperto em meu cabelo quase me machuca.

"Você vai me fazer gozar", ele avisa.

"Bom", murmurei com a boca aberta em volta do seu pênis.

Eu chupo com mais força e gosto de ver o corpo dele estremecer.

“Droga”, ele resmunga. “Já vou, querida.”

Ele penetra ainda mais fundo na minha boca, e sinto uma onda de poder, sabendo que o desvendei completamente. O sabor salgado e inebriante dele cobre minha língua. Engulo tudo, gemendo ao seu redor enquanto ele pragueja e estremece em êxtase.



Seu corpo ainda se contrai quando me afasto, limpando a boca com um sorriso malicioso.

Wyatt abre os olhos, o peito arfando. Ele me encara, completamente exausto. Ainda tenta recuperar o fôlego, mas seus olhos saciados e semicerrados me dizem tudo o que preciso saber.

“Você tinha razão”, digo solenemente. “Você tem um pau muito bom.”

Acordo na manhã seguinte na cama do Wyatt, a conchinha menor na dele. É

desorientador, mas bom. Ele me surpreendeu ontem à noite ao não me deixar ir para o meu quarto quando subimos para dormir. Troquei de roupa e vesti meu pijama, ele tirou a roupa e ficou só de cueca. Depois, escovamos os dentes lado a lado e nos deitamos na cama dele. Ele me abraçou forte, me puxou para perto e, sinceramente, parecia que já dormíamos juntos há anos.

Viro a cabeça para ver se ele está acordado. E, meu Deus, ele é lindo. O

cabelo está despenteado. Os lábios entreabertos de sono. Gosto dele assim, com a testa sem rugas e o rosto relaxado e descontraído. Wyatt só demonstra vulnerabilidade quando está atuando, mas agora ele parece vulnerável. Mais jovem, menos intenso.

Não quero acordá-lo, então me viro, me aconchegando mais perto de seu corpo quente, com minha bunda pressionada contra sua virilha.

Ele deve ter o sono leve, porque meus movimentos suaves provocam um ruído sonolento nele e ele murmura: "Bom dia".

"Que fofo", sussurro, sentindo-me corar.

"O que?"

“Esse barulho que você acabou de fazer.”

Sinto uma risada suave roçando meus cabelos. Então ele me abraça mais forte e emite aquele som baixo e satisfeito novamente.

"Você dormiu?", pergunto a ele.

"A noite toda." Ele parece surpreso.

“É o poder das minhas felacções.”

Isso me faz rir. "Acho que não saímos daqui a noite toda." Ele passa a mão pelo meu braço nu até o meu ombro, onde brinca com a alça da minha regata. "Normalmente eu fico me revirando na cama e acabo me enrolando toda."

“Sim, porque você na verdade não dorme. Mas eu te lembrei.”

"Desculpe, você acabou de dizer que me atropelou?"

“Não, eu te fiz sentir bem. Tipo, eu te fiz sentir tão bem que você entrou num ciclo REM profundo.”

Ele treme de tanto rir. "Levei uma surra daquelas. Uma surra daquelas docinhas da LMD."

Agora sou eu quem está gritando. "Ai meu Deus."

"O quê? Você está negando que me deu um pouco de Logan Mouth Delight ontem à noite?"

"Não." Estou rindo tanto que não consigo parar de soluçar. "Mas essa é a bebida do meu pai. Agora eu nunca mais vou poder tomá-la sem pensar em te dar uma mamada." Respiro fundo, tentando me recompor.

Wyatt me puxa para perto dele novamente. Quando seu antebraço roça meus seios, provocando um mamilo, um arrepio percorre meu corpo.

Sentindo isso, ele acaricia meu seio e dá um leve toque no mamilo, arrancando um pequeno gemido dos meus lábios.

"Você gosta disso?", ele murmura, e num piscar de olhos, o ar no quarto passa de leve a quente.

“Hum-hum.”

É impossível formar palavras quando ele está brincando com meu mamilo desse jeito. Ele o belisca e eu gemo novamente. Ele provoca meus seios por um tempo antes de abaixar a mão até o cós do meu short. Ele pragueja quando percebe que não estou usando calcinha por baixo.

“Sem calcinha?”

"Não." Solto um suspiro quando ele desliza a mão para dentro do meu short. "O que você está fazendo?"

“Estou tocando. Quer que eu pare?”

"Não." Minha voz soa ofegante aos meus ouvidos.

Seu dedo indicador roça meu clitóris antes de ele envolver minha vagina na palma da mão. Uma onda de calor percorre meu corpo. Eu movo meus quadris levemente e, embora não consiga ver seu rosto, quase posso ouvi-lo sorrindo.

"Você está tão molhada a essa hora da manhã", ele pondera. "Você gosta de sexo matinal?"

Você está fazendo uma oferta?

"Não", ele diz, mesmo enquanto desliza dois dedos pela minha fenda para provocar minha entrada.

“Então, o que é isto?”, pergunto.

“Brincando”, ele repete. “Levanta essa perna, sardenta.”

Uma pontada de decepção me aperta o estômago quando ele move a mão abruptamente, mas é só porque aparentemente não estou levantando a perna rápido o suficiente para ele. Com um tapinha deliberado, ele segura meu joelho e o desliza para cima, dando-lhe melhor acesso ao ponto que tanto deseja. Então sua mão volta, acariciando e provocando, mergulhando na excitação que se acumula em meu centro.

"Você está encharcado", ele murmura.

As pontas dos seus dedos estão úmidas, e ele as leva até meu clitóris, fazendo círculos lentos sobre o botão inchado. Seu toque é preciso, porém indolente, como se ele tivesse todo o tempo do mundo. Seus dentes roçam meu ombro, enviando uma onda de prazer por todo o meu corpo. Sinto sua ereção contra minha bunda, mas ele não a tira da cueca. Não tenta me beijar. Ele apenas esfrega meu clitóris até que eu esteja sem mente de desejo, me esfregando desesperadamente contra a palma da sua mão.

"Eu vou chegar se você continuar fazendo isso", sussurro.

“E isso é um problema porque…?” Sua voz é um tom rouco e provocante.

Estou praticamente transando com a mão dele agora. Meus músculos se contraem. Cada centímetro da minha pele começa a formigar, o prazer se acumulando no meu âmago. Tento respirar, mas acontece exatamente no momento em que ele me leva ao orgasmo. Engasgo de surpresa, gritando enquanto ondas de êxtase se espalham pelo meu corpo, dos dedos das mãos aos dedos dos pés e por todo o meio.

“Que menina boazinha”, diz ele em tom de aprovação enquanto eu tento recuperar o fôlego.

O orgasmo me deixa atordoada. Prendo a mão dele entre minhas coxas, minha vagina se contraindo a cada pulsação deliciosa e extasiante.

Finalmente, não aguento mais. Me viro de costas, ofegante, enquanto encaro o teto. Sinto o olhar dele sobre mim, então viro meu rosto em direção ao dele.

"Isso é constrangedor?", pergunto a ele.

“Não, mas deveria ser”, diz ele, com rispidez.

Concordo plenamente. Observo sua expressão desconfortável. "Então por que não?"

"Não sei."

Ele se estica ao meu lado, um braço atrás da cabeça, o outro apoiado no abdômen. Ele fica em silêncio por tanto tempo que me pergunto se ele adormeceu, mas então seu peito se eleva com uma longa inspiração.

“Descobri algo há algum tempo.” Ele solta um suspiro de alívio. “Você é minha musa.”

Meu coração dispara. "Eu sou?"

“Sim. Desde que você chegou em Tahoe, tenho escrito sem parar. E

nada do que escrevi é ruim. Estou escrevendo coisas boas, Sardas.”

Eu sorrio com isso. "Então, por que você parece tão chateado?"

“Cole me disse que eu não posso transar com a minha musa.”

“Quer dizer, tecnicamente a gente não transou”, eu aponto.

“Verdade… E eu gosto de uma boa tecnicidade.” Ele parece mais animado agora. “Talvez isso não desapareça, então. A inspiração.”

"Isso é sério mesmo?" Franzi a testa, uma parte de mim se perguntando se ele estava brincando comigo.

“Mais ou menos. É uma regra não escrita que você não dorme com sua musa.”

“Então você está com sorte. Tenho informações de uma fonte confiável de que Wyatt Graham não segue as regras.”

Ele ri, mas o humor se dissipa rapidamente. "Provavelmente deveria, no entanto", diz ele. "Pelo menos sobre isso. Sobre nós."

Viro-me de lado, estudando seu perfil sério. "Você quer que a gente crie regras?"

“Sim, talvez. Se fizermos isso—”

“Como assim, se? Nós já tivemos orgasmos uma com a outra.”

“Quer dizer, se continuarmos a ter orgasmos um com o outro, não podemos deixar que as coisas piorem.” Sua voz falha. “Não podemos, Blake.”

“Certo. Então, quais regras você está propondo?”

Ele fica em silêncio, refletindo sobre o assunto. "Isso acaba quando o verão acabar", diz ele finalmente.

Ergo uma sobrancelha para ele. "Você acha que isso vai durar tanto tempo assim? Porque você vive me dizendo que só serve para pouco tempo, lembra? Agora você acha que um caso de alguns meses está bom?"

Ele hesita por um instante. "Contanto que a gente mantenha a coisa informal, acho que tudo bem para mim."

Algo na resposta tranquila e despreocupada dele me faz disfarçar um sorriso. Ele está de boa com isso, né? Eu deveria estar incomodada com a forma como ele disse, como se estivesse me fazendo um favor, mas não

estou. Se ele precisa se convencer de que "descontraído" é o único jeito de seguirmos em frente, então não vou atrapalhar.

Além disso, isso tem que acabar quando o verão terminar. Como pode durar mais do que isso? Eu volto para a faculdade no final de agosto. Ele vai... para onde quer que ele vá. Wyatt mal consegue lidar com um relacionamento de verdade, quanto mais um à distância.

“Mas não prolongamos isso”, diz ele. “O verão acaba e vamos embora.”

“Ok”, concordo.

“E a amizade vem em primeiro lugar.” Ele fala sem hesitar agora. Firme e seguro de si. Uma linha traçada na areia. “Vem antes de

tudo. Se ficar com alguém atrapalhar, a gente para com os encontros casuais. Mas não com a amizade."

"A amizade vem em primeiro lugar. Sempre." Mordo o lábio, um pensamento me ocorrendo. "E se um de nós quiser parar antes do verão acabar?"

"Então paramos." Ele se vira de lado, encarando-me. "Sem perguntas.

Sem explicações. Basta dizer a palavra e está feito."

Analiso seu rosto por um instante, depois aceno com a cabeça. "Certo.

Então essas são as regras."

Wyatt acena com a cabeça em resposta. "Essas são as regras."

1 NOVO E-MAIL

Assunto: Re: Solicitação de Registros Prezada Sra. Logan, O

Departamento de Registros do Condado concluiu o processamento de sua recente solicitação. Anexamos a cópia autenticada da certidão de óbito de Darlene Beth Gallagher. Quanto à sua solicitação de registros do médico legista, informamos que não existe tal relatório com esse nome. Também realizamos uma busca por certidões de óbito para as outras duas pessoas mencionadas; no entanto, não encontramos registros delas em nossos arquivos. Em

relação à sua consulta sobre registros de imóveis para determinar a compra de casas em Nevada com esses nomes, informamos que tais registros são mantidos por um órgão diferente. Este link pode fornecer mais informações sobre documentação de propriedade e transferência de imóveis. Caso tenha mais alguma dúvida sobre registros de óbito, entre em contato com nosso escritório.

Atenciosamente, Fiona Baker Departamento de Registros do Condado

CAPÍTULO25

BLAKE

Seja uma boa menina e assista aos fogos de artifício.

"VOCÊ AINDA NÃO FEZ SEXO." ANNALIESE PARECE DUVIDOSA.

“Não”, confirmo.

“Por que você está enrolando?”

“Oh, minha doce e ingênua garota. Não sou eu que estou enrolando.”

Rindo, pego meu refrigerante diet e espanto a vespa persistente que estava zumbindo ao meu redor, determinada a pousar no meu canudo. Hoje vamos almoçar em um terraço ao ar livre na cidade.

Ela fica boquiaberta. "Que besteira. Wyatt Graham, o cara que já transou com metade do lago, se recusa a fazer sexo com você?"

“Nossa, quando você fala assim, é péssimo para o meu ego.”

"Ah, cala a boca. Ele te despe com os olhos sempre que você está a menos de trinta metros dele. É por isso que estou tão perplexa."

Não. Estou começando a entender o modus operandi de Wyatt: distância. Ele sempre mantém a distância exata para impedir que você se aproxime demais.

A menos que seja na cama. Aí? Ele topa na hora.

Ele lamentava que as mulheres sempre se apaixonassem por ele.

Afirmava que seu pênis era tão bom que elas inevitavelmente queriam mais.

E não há como negar que seu pênis é absolutamente encantador. Ele nem sequer esteve dentro de mim, mas eu já assinaria uma declaração afirmando que é o melhor pênis do mundo.

Mas o pênis dele não é o motivo pelo qual as mulheres se apaixonam.

Elas se apaixonam porque ele as faz acreditar que as ama. Não com palavras, mas com suas ações. Ele está atento a cada respiração, a cada ruído suave, enquanto seus olhos te devoram, queimando sua alma. Na primeira vez que ele me fez sexo oral, passou uma eternidade traçando seus lábios em cada centímetro da minha pele. Ouvindo cada resposta corporal microscópica, cada gemido. Dedicando tempo para aprender e memorizar o que eu gostava, o que me fazia estremecer.

Naquele momento, Wyatt Graham faz você se sentir como se fosse a única mulher no mundo. Como se fosse o oxigênio dele. Seu único e verdadeiro amor.

Não é de admirar que as mulheres fiquem desoladas quando ele segue em frente. Quem não gostaria de reviver aquela sensação inebriante?

"Acho que ele tem medo de partir meu coração", digo a Annaliese, enquanto tomo um gole de refrigerante.

"Quer dizer, ele tem um histórico para isso. Lembra o que ele fez com a Rosie Tipper? A garota ficou tão arrasada que obrigou os pais a venderem a casa."

"Eu realmente não acredito nisso. Sim, ela estava chateada e apareceu no nosso cais chorando e implorando, mas não tem como ser por isso que eles venderam a casa."

Annaliese está convencida. "Logan, minha mãe é a corretora de imóveis de Tahoe. E foi exatamente isso que aconteceu. Foi minha

mãe quem vendeu a casa deles."

Nossa. Estou genuinamente chocado que o boato seja verdade. Um pênis encantador, de fato.

“De qualquer forma, ele acha que vai me magoar”, digo, dando de ombros. “Às vezes ele comenta sobre isso quando estamos nos pegando.

Ele provavelmente está apavorado com a possibilidade de eu me apaixonar por ele depois de uma relação sexual completa.”

"Bom, a piada é com ele, não é? Porque você já está apaixonada por ele."

Encaro-a com raiva. "Não sou."

Ela bufa. "Você é apaixonada por ele desde criança."

"Aquilo não era amor de verdade", protesto. "Era paixão de adolescente.

Era uma paixonite."

“Certo, então, o que é agora?”

Mordo o lábio. O que é agora? É…

É mágico.

Ai. Odeio até pensar nisso, porque só demonstra que provavelmente estou muito mais a fim dele do que ele de mim. Mas algo acontece quando Wyatt e eu estamos juntos. Algo mágico, emocionante e irritante. Ele desperta todas as minhas emoções, não apenas uma ou duas, e é assustador sentir tudo, tudo ao mesmo tempo.

Tenho muita vontade de perguntar se ele também sente isso, essa magia.

Quero perguntar o que significa ele me mandar mensagens o tempo todo, mesmo quando estamos no mesmo cômodo. É fofo. E doce. E eu quero muito saber se estou interpretando errado. Porque eu ajo da mesma forma e sei o que significa quando faço isso. Ele está sempre nos meus pensamentos.

Porra.

Talvez eu esteja me apaixonando, só um pouquinho. Mas eu jamais admitiria isso para Annaleise, porque ela me provocaria sem piedade.

Somos interrompidos por uma mensagem que chega no meu celular. Eu a verifico e dou uma risadinha ao ver a tela.

"É ele?" Annaliese sorri.

“Não, são meus amigos caçadores de fantasmas. O pequeno Spencer afirma ter ouvido a Darlie no farol ontem. A hipótese dele é que ela às vezes dá uma pausa nas suas caçadas a fantasmas no lago para se dedicar a caçar fantasmas no farol, como vingança por sua irmã ter encontrado o Raymond lá.”

“Menina, você precisa parar de se associar com gente maluca.”

“Os Spencers não são loucos. Eles são hilários.”

“Pessoas loucas podem ser engraçadas. Não existe nenhuma regra que diga que não podem.”

“Não, eu gosto delas. E estou gostando da pesquisa. Ah! E adivinha só!”

Meus olhos se animam com a lembrança. “O condado me enviou a certidão de óbito da Darlie. Temos a confirmação oficial de que ela está morta.”

“Ah, graças a Deus”, ela ironiza. “Precisávamos tanto dessa confirmação. Eu estava sofrendo com noites em claro por causa

disso.”

“Nós dois sabemos que você está envolvido agora. Pare de fingir que não está.”

“Você não disse que ia procurar emprego neste verão? O que aconteceu com isso?”

“Ah, é mesmo”, digo com um suspiro. “Também estou fazendo essa pesquisa, mas isso é muito mais divertido. Ah, e agora que sei que ela está realmente morta, posso visitar todos os cemitérios da região e procurar sua lápide.”

“Nossa.” Annaliese me encara por um instante. “Talvez seja isso que você possa fazer depois da formatura. Seguidora de cemitérios.”

Mostro o dedo do meio e pego a conta que o garçom acabou de trazer.

"Por minha conta", digo. "Já que você veio de carro."

“Vocês ainda vão ao show de fogos de artifício hoje à noite?”, ela pergunta enquanto saímos do restaurante.

“Eu, sim. Ainda não tenho certeza sobre o Wyatt. Se ele vier, podemos nos encontrar no refeitório. Caso contrário, você me busca?”

“Você entendeu.”

Depois que ela me leva para casa, vou até o cais em busca de Wyatt.

Seu violão e caderno estão em uma espreguiçadeira, mas ele não está com eles. Ele está deitado na plataforma de natação a uns quinze metros da margem. Óculos de sol, sunga preta delineando suas coxas musculosas. Um banquete dourado à vista dos meus olhos famintos.

"Ei, Graham!" grito em direção à água.

Ele se apoia em um cotovelo e leva a mão à testa para proteger os olhos, olhando na minha direção. Então, levanta-se e mergulha da plataforma, mal deixando um respingo na água. Admiro suas braçadas longas e graciosas enquanto nada de volta para o cais.

Um instante depois, ele sobe a escada, seu torso musculoso reluzindo e água pingando de seus cabelos molhados.

Um sorriso diabólico se forma ao me ver. "Ei, sardenta."

Esqueça o sol batendo na minha cabeça. São as palavras dele que me derretem. Eu me arrependo completamente toda vez que ele sorri para mim desse jeito. Toda vez que ele usa aquele tom carinhoso. Pela primeira vez na vida, a palavra "sardas" não me parece mais um insulto.

Ele caminha até sua espreguiçadeira, pega uma toalha e se seca. Depois, se joga nela e estica as pernas. "Quando você voltou?"

Caminho em sua direção. "Agora mesmo. Desci para ver se você quer ir aos fogos de artifício hoje à noite comigo, com a Annaliese e com o irmão dela."

Acho que Wyatt não está prestando atenção. Ele está ocupado demais me encarando. Ou, como Annaliese diria, me despindo com os olhos.

Aquele olhar intenso começa sua jornada nos meus pés, calçados com

chinelos vermelhos, subindo pelas minhas pernas nuas e parando na barra da minha saia curta e rodada. Ele se concentra apenas brevemente na minha regata fina antes que aqueles olhos verdes famintos voltem a se fixar.

“Levante a saia”, ele diz.

Eu engulo em seco. "Por quê?"

"Porque eu quero ver sua xoxota."

Minha respiração falha. Estou parada no meio de um cais, não exatamente um lugar discreto, mas uma onda de emoção me percorre ao pensar em dar a ele o que ele quer.

Mordendo o lábio, junto o tecido branco entre os dedos e levanto a saia, mostrando-lhe apenas um vislumbre da minha calcinha listrada.

Ele pragueja baixinho. "Tire a calcinha do lado. Deixe-me ver."

Oh meu Deus.

Empurro o pedaço estreito de tecido para o lado, expondo-me completamente a ele.

Seus olhos brilham enquanto se fixam entre minhas pernas. Ele passa a língua pelo lábio inferior.

“Caramba. Eu quero te fazer um oral aqui mesmo.”

"Faça isso", eu quase imploro, mas o pedido ousado morre na minha boca quando ouço uma gargalhada alta atrás de mim. Um barco passa em alta velocidade e, instantaneamente, eu puxo minha saia para baixo, sentindo o calor queimar minhas bochechas.

“Ah, olha só. Minha boa menina está corando”, ele diz, o que só me faz corar ainda mais.

“Pare de me chamar assim em público”, repreendo.

“Não estamos em público. Estamos sozinhos no nosso cais, e você quase me deixou te lamber.”

“Não”, insisto. “Eu só estava brincando. Eu jamais teria deixado.”

“Mentiroso. Você estava a segundos de cavalgar na minha língua.”

"Fogos de artifício", digo, apontando o dedo para o ar. "Sim ou não?"



Ele dá de ombros. "Que se dane. Que ótimo."

A praia de Commons realiza um show de fogos de artifício todo dia 4 de julho, mas, embora eu venha a Tahoe desde que nasci, esta é apenas a terceira vez que participo. Minha família geralmente só aparece em agosto, então sempre chegamos um mês atrasados. Wyatt e eu encontramos Annaliese e os outros uma hora antes do show para garantirmos um bom lugar na área gramada de frente para o lago, de onde os fogos de artifício serão lançados de uma balsa na água.

Levamos nosso equipamento até o local escolhido, estendemos cobertores e colocamos um cooler no chão. O irmão da Annaliese trouxe duas cadeiras de jardim que ele reservou para ele e sua namorada, Shaye.

Annaliese também trouxe um acompanhante, embora eu use esse termo com certa liberdade. Ela conheceu o cara em um aplicativo de encontros há apenas algumas horas. Eles se encontraram pela primeira vez agora mesmo, na grama.

Como o álcool é estritamente proibido em todas as praias do condado, estamos bebendo refrigerantes e vinho sem álcool. "Também conhecido como suco gaseificado", diz Eddie com desdém, e então revela que escondeu um pouco de vodca disfarçada de água mineral. Para ser sincera, nem estou brava com isso. Está um friozinho no ar esta noite, então agradeço enquanto Eddie passa a garrafa de mão em mão e todos nós tomamos goles furtivos para nos aquecermos.

Wyatt e eu trouxemos um cobertor extra, e eu me aconchego ao lado dele enquanto ele estende o grosso tecido de lã sobre nossos colos. Ele o ajeita ao meu lado, com uma expressão séria enquanto murmura: "Você está bem quentinha?"

Não sinto falta do sorriso debochado e óbvio da Annaliese, mas, caramba, como o jeito dele de se preocupar me deixa emocionada. Meu Deus. Jamais imaginei que um dia estaria aconchegada debaixo de um cobertor assistindo aos fogos de artifício com o Wyatt Graham.

Ele considera isso um encontro? Temos nossas regras, mas nenhuma delas aborda se as coisas que fazemos juntos fora da cama são consideradas encontros. Ele provavelmente insistiria que não são. Que o passeio de hoje à noite não é romântico. Apenas dois amigos de longa data assistindo ao espetáculo deslumbrante que ilumina o mundo. Não, nada romântico.

O primeiro foguete rasga o céu noturno, desaparecendo por um instante antes de explodir num dossel de cores que cintila sobre o lago.

"Ai meu Deus", Annaliese respira fundo.

É deslumbrante. Faíscas vermelhas, verdes e douradas caem em arcos majestosos, enquanto seus reflexos na superfície da água criam um efeito de espelho hipnotizante. Duas explosões de cor acontecendo ao mesmo tempo, no céu e na água. Os outros grupos espalhados ao nosso redor são todos da nossa idade ou mais velhos, mas todos soltam exclamações de admiração, suspiros e gritos como um bando de crianças empolgadas. Cada estrondo e estalo dos fogos de artifício ecoa pelas montanhas ao redor, e todo o céu parece ganhar vida com camadas de explosões brilhantes e rastros de luz crepitantes.

“Chegue mais perto”, diz Wyatt. “Você está muito longe.”

Na verdade, não. Nossos ombros estão colados. Mas adoro que ele pareça sempre querer estar perto o suficiente quando estamos juntos. E ele sempre precisa me tocar. Sorrio quando ele me puxa e me posiciona na frente dele, de modo que minhas costas fiquem apoiadas em seu peito.

Braços fortes me envolvem, seu rosto roçando meu pescoço.

“Sardas”, ele sussurra.

Inclino a cabeça para encontrar seu olhar, mas depois me arrependo um pouco, porque tudo o que vejo refletido é pura luxúria.

Ele aproxima os lábios do meu ouvido novamente. "Estou excitado."

Eu reprimo uma risada. "Você quer ir embora?", sussurro de volta.

Wyatt balança a cabeça, um brilho sujo cintilando em seus olhos. No instante seguinte, sua mão já está deslizando por baixo do cobertor.

Minha respiração falha quando sinto as pontas dos dedos dele roçando o cós da minha saia. A saia é leve e transparente, o elástico esticando facilmente para permitir que ele deslize a mão para dentro da minha calcinha. No instante em que ele toca a pele nua, uma onda de umidade se acumula entre minhas pernas.

Dou uma olhada ao redor para ver se alguém percebe o que ele está fazendo, mas tenho quase certeza de que parece apenas que estamos enrolados em um cobertor e ele está me abraçando. A poucos metros de distância, Annaliese e seu acompanhante não nos dão atenção, com os olhos fixos no céu.

Quando ele massageia meu clitóris com a ponta de um dedo, um arrepio percorre meu corpo.

Seus lábios roçam minha orelha novamente. "Você está tremendo. Isso é bom?"

“Hum-hum.” Eu me obrigo a olhar fixamente para frente. A fingir que os toques de seus dedos não estão me transformando em uma poça de excitação derretida.

Ele começa a me provocar com mais afinco, seu dedo se movendo para cima e para baixo, penetrando minha fenda. Ele solta um gemido baixo ao perceber o quanto estou molhada.

“Você gosta disso…” Sua voz suave mal se ouve em meio às explosões de luz. “De me ver brincando com você na frente de todos.”

Estou louca para rebolar, ansiando por um contato mais profundo, mas ele me nega. Ele mantém o toque leve, as pontas dos dedos dançando sobre meu clitóris.

Um sussurro zombeteiro roça meu lóbulo da orelha. "Você é uma menina tão boazinha, Blake. Sentada aí tão direitinho, sem fazer nenhum barulho."

Solto um suspiro quando seu braço livre de repente me puxa para mais perto do seu corpo, permitindo que eu sinta a ereção pressionando minha bunda.

"Você sente isso? Duro como pedra, meu bem, só de sentir essa xoxota molhada debaixo da minha mão."

Um gemido escapa, e eu o disfarço com uma tosse. Annaliese se vira para me lançar um olhar estranho, e a mão de Wyatt congela.

Pego minha garrafa de água às pressas. "Desculpe", digo a ela. "Minha garganta está muito seca."

“Tem que manter essa coisa lubrificada”, ela diz, e Wyatt dá uma risadinha contra meu cabelo.

Eu engulo um gole de água à força enquanto Annaliese volta a se concentrar nos fogos de artifício e Wyatt continua a me torturar com

os dedos.

"Quando voltarmos para casa", ele murmura no meu ouvido, "vou precisar que você cuide do meu pau. Você pode fazer isso por mim?"

Em resposta, esfrego meu traseiro nele, e seus dedos apertam minha coxa em sinal de aviso. Ah, então eu posso ser torturada na frente de centenas de estranhos, mas ele não?

Eu espreito por cima com um sorriso inocente. "O que foi?"

"Comporte-se", adverte ele, "ou eu paro".

Desafiando-o, movo meu traseiro novamente, esfregando-o em sua ereção proeminente.

A decisão se volta terrivelmente contra mim, pois Wyatt prova que não faz ameaças vazias. Quase choro quando sua mão desaparece abruptamente da minha calcinha.

"Nãoooo!" O lamento escapou antes que eu pudesse impedi-lo, desta vez chamando a atenção não só de Annaliese, mas de todos.

Eddie se inclina na cadeira de jardim e sorri para mim. "Você está bem, Logan?"

Estou tão mortificada que minhas bochechas quase pegaram fogo.

"Hum, não, não estou. Estou apenas muito decepcionada com esse show de fogos de artifício."

Todas as pessoas ao nosso redor me encaram boquiabertas, como se eu fosse louca.

"Do que você está falando?", diz Eddie. "É magnífico."

Enquanto isso, Wyatt fica sentado lá, todo convencido e irritante, com as duas mãos em cima do cobertor, quando pelo menos uma

delas deveria estar me fazendo ver estrelas em vez de fogos de artifício.

Rangendo os dentes, virei a cabeça para encará-lo com raiva.

Ele simplesmente dá de ombros. "Eu avisei o que aconteceria se você não se comportasse."

"Eu vou me comportar", digo de repente, fazendo uma careta ao perceber o tom suplicante na minha voz.

Isso me arranca um sorriso arrogante. "Não. Você já teve sua chance.

Agora seja uma boa menina e assista aos fogos de artifício."

CAPÍTULO26

WYATT

A cura para a insônia

ESTÁ CHOVENDO HOJE, ENTÃO BLAKE E EU PASSAMOS UMA TARDE

tranquila na sala principal. Meus dedos percorrem as teclas do piano, dedilhando os acordes. Nada de extravagante. Dó maior para Mi menor, uma rápida transição para Sol maior, descendo suavemente para Ré. É uma canção de amor suave e doce da playlist que Blake tem para tocar no píer.

Ela a colocou ontem e, desde então, não sai da minha cabeça. Então, ontem à noite, carreguei o piano elétrico da minha mãe do porão para o andar de cima e o coloquei perto da janela, porque gosto de observar o lago enquanto toco, e a acústica desta sala é surpreendentemente boa.

Os acordes se entrelaçam como aquarela sobre tela. Eu gosto dessa música. E, felizmente, não é a Mollie May. É a Crystal Soto, uma

jovem cantora que surgiu meio que do nada no ano passado e ascendeu rapidamente à fama.

No sofá, Blake está recostada de costas, lendo no celular. Ela tem um joelho dobrado e a outra perna cruzada sobre ele, atraindo meu olhar entre suas pernas como um ímã. Vejo a sombra de sua calcinha rosa por baixo do short branco fino, e minha boca saliva, distraindo-me da música.

Depois de quase duas semanas de brincadeiras, meu desejo por ela não diminuiu nem um pouco. Fico esperando que ele passe. Porque ele sempre passa. Mas eu a quero o tempo todo. Não consigo ficar no mesmo cômodo que ela por mais de cinco segundos sem sentir vontade de beijá-la. E

quando nossos lábios se encontram, não consigo me conter e continuo a tocá-la. A deslizar minhas mãos por todo o seu corpo e explorar cada centímetro perfeito dela.

Eu devia transar com ela. Ela ia adorar. Mas sou eu que estou resistindo.

Tenho dito a ela que é porque não se pode dormir com a própria musa, mas a essa altura nós dois sabemos que estou mentindo para ela. Minha inspiração não diminuiu nem um pouco, e a gente se faz gozar todo dia.

Mas, embora eu tenha certeza de que o sexo não silenciará a música, complicará as coisas. Sei que, no momento em que me entregar a ela, vou querer ficar ali para sempre. Nunca vou querer parar, porque ela está se tornando rapidamente um vício.

Desvio o olhar dela e continuo tocando, tentando descobrir como Crystal Soto faz a transição para o refrão. Acho que talvez esteja faltando um acorde. Leva algumas tentativas para acertar, e então começo a música do início, porque sou o tipo de perfeccionista que precisa tocar algo certo do começo ao fim.

Estou no primeiro refrão quando percebo que Blake está cantando junto.

É quase inaudível, mas o som de seu soprano suave e puro é tão inesperado que paro no meio do acorde.

O olhar dela se volta para mim. "Por que você parou?"

"Você sabe cantar." Eu a encaro em choque.

Ela balança a cabeça rapidamente, com as bochechas coradas. "Não, não posso. Aquilo nem era canto."

“Isso foi simplesmente incrível!” A empolgação me invade. “Faça de novo. Cante comigo.”

“Meu Deus! Não estamos cantando um dueto.”

“Ah, sim, somos. Vamos lá.” Estalo os dedos e ela ri das minhas palhaçadas. “Eu canto o primeiro verso, você entra no refrão e depois assume o segundo verso.”

“Wyatt—” ela protesta, mas eu já estou tocando a introdução de novo.

Minha voz está um pouco rouca enquanto canto o verso. Não sei por que isso me emociona tanto. Muita gente sabe cantar. É só que... Blake não é do tipo que busca atenção. Ela não é a primeira a se inscrever para um karaokê como Alex Tucker ou a soltar a voz em canções de musicais como Stella Davenport depois de algumas cervejas. O fato de Blake se sentir à vontade para cantar perto de mim mexe muito com o meu coração.

Quando chego ao Sol maior do refrão, a voz dela surge, hesitante a princípio, mas é tão doce que me faz sorrir. Acompanho-a, deixando as notas agudas soarem para que sua voz tenha onde se apoiar. E ela se apoia.

Ela está perfeitamente afinada, conduzindo a melodia como se fosse ela quem a compôs, e eu entro na harmonia por instinto, nossas vozes se unindo em perfeita sintonia.

Que mágica! Não há harmonia na original, mas aqui, só com nós dois e o piano, é perfeito. A voz leve e etérea dela equilibra meu tom mais grave, e a música de repente deixa de ser um cover. Ela é nossa.

Quando o acorde final se dissipa no silêncio, nossos olhares se cruzam e eu balanço a cabeça em sinal de desaprovação.

"O quê?", ela diz, com um tom de insegurança. Ela puxa os joelhos para o peito, abraçando-os.

“Foi incrível.”

"Foi divertido." Ela sorri para mim por cima dos joelhos, aquele sorriso lindo que me deixa completamente sem fôlego, e por um segundo, preciso desviar o olhar.

Tudo nela me fascina. O sorriso. A voz. A energia. Quero mais disso.

Mais dela. Quero que ela me mostre cada parte de si, que se desfaça de todas as suas máscaras e me deixe olhar por dentro. E o fato de eu estar

pensando em tudo isso enquanto estamos completamente vestidos me apavora. Sentimentos assim não são casuais. São perigosos, porque se ela me deixar entrar da maneira que eu anseio, terei que fazer o mesmo.

Nunca estive nessa posição antes — nunca sou eu quem quer mais — e não gosto nem um pouco disso. Mesmo assim, isso não me impede de descer do banco do piano e subir no sofá com ela. Ela ri quando me deito diretamente sobre ela, apoiado nos cotovelos para poder olhar para baixo e beijá-la. Ela retribui o beijo, mas dou uma

mordidinha no lábio dela quando ela tenta me dar um beijo de língua.

“Não comecem algo que não podemos terminar agora.”

"Por que não conseguimos terminar?", pergunta ela, maliciosamente.

Dou-lhe outro beijo suave antes de me abaixar um pouco mais, de modo que minha cabeça repouse em seu peito. "Porque vou tirar um cochilo. Você me manteve acordada a noite toda."

“Você não estaria dormindo de qualquer maneira.”

É aí que ela se engana. Há cerca de uma semana, algo milagroso aconteceu. Descobri a cura para a insônia.

Chama-se Blake Logan.

Se ela está na minha cama, eu durmo. No começo, achei que fosse coincidência. Que os boquetes dela fossem tão bons que me deixassem em curto-circuito e em coma pós-boquete.

Mas aí, numa noite da semana passada, meu pau não entrou na jogada.

Eu estava muito cansado depois de fritar meu cérebro escrevendo o dia todo, então a única coisa que rolou na minha cama foi eu fazendo sexo oral na Blake por quarenta e cinco minutos. Ela gozou toda no meu rosto, se aconchegou nos meus braços e depois nós dormimos.

Nós dois.

Dizer para uma garota "Você me fez dormir" não é exatamente uma demonstração de força, né? Tenho receio de que ela não leve isso como um elogio, então tenho fingido que ainda não estou dormindo bem. Mas essa



sequência tem se mantido todas as noites. Nem mesmo os cochilos durante o dia a afetam.

"Você está mesmo tirando uma soneca agora?", ela provoca.

“Hum-hum.”

Encosto minha bochecha em seu seio, suspirando feliz quando ela começa a brincar com meu cabelo, e não demora muito para que eu sinta minha respiração se acalmando, se estabilizando, enquanto seus dedos me acariciam suavemente e me embalam para o sono.

Mais tarde, enquanto preparamos o jantar, meu celular acende, exibindo um número desconhecido de Nova York na tela. Normalmente, não atendo ligações de números que não reconheço, mas neste último mês, tenho atendido o telefone a qualquer custo. Faz semanas que minha mãe me disse que Tobey Dodson ia me ligar. Para ser sincera, eu já tinha perdido a esperança e, considerando que são quase 22h na Costa Leste, estou esperando uma gravação de telemarketing ou uma tentativa de golpe quando atender.

“Ei”, uma voz grave ressoa no meu ouvido. “É o Wyatt?”

Meu coração dispara. "Sim. Quem é?"

“Wyatt, meu amigo, é o Tobey Dodson. Peguei seu número com a Hannah. Espero que não se importe de eu estar ligando.”

“Não, de jeito nenhum.” Agora meu coração está acelerado. Blake me olha curioso, com a sobrancelha arqueada, mas me afasto da panela de espaguete fervendo e saio da cozinha. “É um prazer te conhecer. Quer dizer, por telefone. É um prazer te conhecer por telefone.” Pelo amor de Deus, cala a boca.

“O prazer é todo meu”, ele responde, com um tom sincero. “Já faz um tempo que eu queria te ligar, mas fui chamado para uma viagem de

negócios a Tóquio. Trabalho com um grupo feminino de K-pop incrível lá, e tivemos que regravar algumas faixas para o novo álbum delas. Enfim, estou nos Estados Unidos agora, então queria falar com você. Ver como as coisas estão.”

“Sim, claro”, digo sem jeito. “Então… hum… o que é o quê?”

Ouço uma risada grave no meu ouvido. "Diga-me você, meu amigo.

Hannah disse que você está trabalhando em material novo?"

“Hum. Sim. Sou eu.”

"Adoraria ouvir, se for algo do seu interesse. Eu estava dizendo para sua mãe que estou obcecada por essa sua música, 'Silver'. É exatamente a vibe que eu tenho buscado ultimamente, sabe? Tem tanta música pop e chiclete por aí, o mercado está saturado. Não me entenda mal, eu adoro minhas divas pop. Tenho feito ótimas colaborações. Mas preciso me dedicar a algo diferente, entende?"

“Acho que sim, com certeza.”

"Pensei em iniciar um diálogo para ver se rola uma química. Mas estou voltando para Tóquio esta semana e ficarei lá até o final do verão, então, se o seu novo material me agradar, realisticamente não conseguiríamos entrar em estúdio antes de setembro. Isso funciona para você?"

"Funciona perfeitamente", eu digo de repente, e logo em seguida me encolho ao perceber o quão ansiosa soei.

“Brilhante. Enquanto isso, me manda as novidades. Você lida bem com críticas construtivas, ou estou lidando com uma diva aqui?”

Eu rio. "Não, podem criticar à vontade. Só me faz melhorar, né?"

“É isso que eu gosto de ouvir.” Dodson parece entusiasmado ao dizer:

“Pedirei ao meu assistente para lhe enviar todos os detalhes. E-mail, números de telefone, o que for. E entraremos em contato em breve, meu amigo.”

Ele desligou sem se despedir, me deixando um pouco atordoada.

Isso realmente aconteceu?

Volto cambaleando para a cozinha e me jogo num banquinho. Blake está escorrendo o macarrão na pia, mas coloca o escorredor no chão bem na minha cara, quando entro de repente.

“Está tudo bem?”, ela pergunta.

Com a cabeça ainda girando, recapitulo a conversa, e os olhos dela brilham quando termino. Ela vem até o balcão e me abraça forte.

“Caramba! Wyatt! Isso é incrível!”

Aperto seu braço, sem chegar a abraçá-la. Ainda estou atordoada.

Percebendo meu estado de choque, Blake se afasta e examina meu rosto.

“O que há de errado? Por que você não está feliz com isso?”

“Sim, estou. Mas…” Limpo a garganta, pois está carregada de apreensão. “E se ele odiar meu novo material e decidir que não quer continuar?”

“Ele não vai.”

“Talvez.”

"Ele não vai. Você é extremamente talentoso, algo que aparentemente todos percebem, menos você. Mas escute aqui, Graham: você é bonito demais para ser inseguro."

Não consigo evitar rir. "Não sou inseguro. Eu só..."

“Não pense que você é boa o suficiente”, ela conclui.

É. Acho que sim. Mais ou menos. Sei que sou bom. Só que sempre tenho medo de não conseguir ser ótimo. E isso é difícil de aceitar quando todos ao meu redor são. Minha mãe. Meu pai. Minha irmã. Todos ótimos.

"Acho que é a maldição de vir de uma família de pessoas extremamente ambiciosas", digo com ironia. Um nó se forma na minha garganta. "É

como... E se eu nunca conseguir estar à altura?"

“Eu também me sinto assim”, Blake me lembra. Ela puxa o banquinho ao meu lado e se senta, estendendo a mão para mim. “Todo mundo está destinado à grandeza, e eu estou destinada a um emprego de escritório chato que odeio e aos meus hobbies idiotas.”

“Quer dizer, a maioria das pessoas trabalha em empregos que não amam. É a vida.” Aperto a mão dela. “Mas seus hobbies não são bobos.”

"Eu pesquiso coisas por diversão", ela resmunga.

“Sim, e você gosta disso. Não é só isso que importa? Quem se importa com o que os outros estão fazendo?”

“Veja, você vive dizendo isso”, ela provoca, “e me diz para nunca me comparar com ninguém, a menos que eu queira destruir minha autoestima.

Mas você está aqui se comparando com a sua família.”

“Você ainda não aprendeu que as pessoas são péssimas em seguir os próprios conselhos?”

Blake ri. "Deveríamos fazer um pacto. Prometer lembrar um ao outro de não cairmos na armadilha da comparação."

Uma sensação calorosa me invade. "Gosto disso."

Dessa vez, quando ela passa os braços em volta do meu pescoço, eu não resisto. Apenas a abraço com mais força.

CAPÍTULO27

WYATT

O farol

NO DIA SEGUINTE, A CHUVA DEU UMA TRÉGUA E O SOL ESPREITA POR ENTRE

as nuvens. Blake e eu preparamos omeletes para o café da manhã e as comemos no terraço enquanto ela digita no celular com uma mão só. Então, ela o larga e dá outra mordida, só para o celular vibrar novamente. Sua trança cai sobre o ombro enquanto ela olha para a tela.

“Tão tagarela”, digo secamente.

“É impossível enviar uma mensagem de texto para os Spencers sem que ela se transforme em uma conversa inteira.”

“O que andam fazendo nossos podcasters de assuntos paranormais?”

“Eles visitaram o farol da ilha há alguns dias, e o pequeno Spencer insiste que sentiu uma presença.”

“Nós dois sabemos que isso não aconteceu.”

Ela ri. "Provavelmente não. Mas de qualquer forma, quero ir lá. Quer vir?"

Coloco o último pedaço de omelete na boca. "Claro. Quando?"

“Vamos sair hoje. Para compensar o dia passado preso em casa ontem.”



"Ei, eu gostei do nosso tempo dentro de casa ontem." Eu pisquei para ela. Depois que acordamos do nosso cochilo, eu me virei de costas e a fiz sentar no meu rosto. Ela não pareceu reclamar na hora.

Ela cora, o que só me faz sorrir ainda mais. "Foi muito bom", diz ela, com ar formal. "Mas agora estou ficando louca de tédio. Vamos ao farol."

“Foi aqui que Raymond supostamente se encontrou com a irmã de Darlie?”

“Sim. E também não fica longe da casa assombrada de canela, então quem sabe?” Blake levanta as sobrancelhas. “Podemos encontrar dois espíritos hoje.”

“Sim. Isso com certeza vai acontecer.” Empurro a cadeira para trás e pego nossos pratos. É minha vez de lavar a louça.

“Então, vamos?”, ela pergunta, incentivando-o(a).

A verdade é que, mesmo que eu não quisesse ir, eu iria mesmo assim. É

impossível para mim dizer não para ela. Um sorriso dessa garota, e eu lhe daria o casaco que estou vestindo no meio da tundra.

Então dou de ombros e digo: "Claro".

"Quanto falta?", pergunta Blake algumas horas depois, ofegante de cansaço.

Verifico meu celular e fico surpresa ao constatar que ainda tenho sinal suficiente para carregar um mapa. Quase que imediatamente, assim que pisamos na ilha, o sinal caiu para uma barrinha.

“Talvez mais dez, quinze minutos.”

Ela suspira. Não a culpo. A subida foi mais íngreme do que eu esperava, e minhas pernas estão queimando de tanto esforço. Mas ouvi dizer que a vista vale a pena. Sim, estou aqui pela vista e não pelo fantasma, porque não acredito em fantasmas, e não há absolutamente nada de sobrenatural em um farol em uma ilha no Lago Tahoe. Ah, por favor.

Seguimos em frente na trilha. Tirei a camisa há uns oitocentos metros e ela está presa em uma das alças da minha mochila. Blake fica olhando para o meu peito, e eu sorrio de canto toda vez que ela faz isso, mas ela não demonstra nenhum remorso. Tudo bem. Gosto de ter os olhos dela em mim.

Altos pinheiros ladeiam a trilha estreita, suas agulhas úmidas e escorregadias. Deve ter chovido aqui esta manhã. Suspeito que choverá novamente, a julgar pelo ar fresco e com cheiro de umidade.

"Por que não é mais movimentado aqui em cima?", ela se pergunta. "O

Spencer disse que este lugar é popular nos fins de semana."

“Talvez tenhamos tido sorte?”

Como que para expressar sua discordância, o universo libera um estrondo grave que ecoa pelo céu.

Trocamos um olhar cauteloso.

"Você checou a previsão do tempo antes de decidir que íamos escalar um penhasco?", pergunto a ela.

“Não”, ela responde alegremente. “Você fez?”

“Claro que não.”

O vento muda de direção repentinamente, e os galhos ao nosso redor começam a se mover, agulhas de pinheiro flutuando até o chão. Levanto o olhar para as nuvens escuras que se acumulam sobre o lago.

"Droga", digo no exato momento em que o céu estronda novamente.

Parece estar mais perto agora.

Segundos depois, as gotas de chuva começam a cair, atingindo meu peito e deslizando sobre meus músculos peitorais. As árvores balançam com mais força.

Blake franze os lábios. "Estamos mais perto do farol do que do barco, certo?"

Eu calculo a distância no meu celular. "Sim."

“Então vamos continuar.”

Não conseguimos correr porque a trilha é íngreme demais e agora está molhada também. A chuva nos encharca em minutos. Transforma a terra sob nossos pés em lama, dificultando a locomoção, e quando os relâmpagos cortam o céu, sinto o primeiro sinal de preocupação de que vamos virar cinzas. Felizmente, não demora muito para que eu veja a silhueta do farol nos clarões. Quando chegamos à base da antiga estrutura, o vento uiva e a chuva é ensurdecedora.

Empurro a pesada porta de madeira com o ombro. Ela permanece teimosamente fechada, rangendo com o meu esforço, antes de

finalmente se abrir. Lá dentro, o ar está mofado, mas o pequeno espaço está felizmente seco, o que não posso dizer de nós. Entramos cambaleando, pingando água e sem fôlego.

“Caramba, isso foi intenso.” Blake sacode a água das mangas e gira lentamente, observando a escada em espiral e o corrimão de ferro, seus traços suavizados pela luz fraca que filtra pelas persianas quebradas. Então, ela se senta em um caixote virado e começa a torcer o cabelo.

Tiro a mochila das costas e começo a procurar algo dentro. Só tem duas barras de granola, uma garrafa de água e o moletom que eu achei que poderia precisar.

“Vocês têm sinal?” pergunto, e ambos consultamos nossos celulares.

“Sem bares”, diz ela. “Inútil.”

"Mesmo."

“Podemos esperar aqui, não é?”

"Eu penso que sim."

Enquanto a chuva bate forte nas janelas sujas, nos acomodamos e passamos os próximos minutos ouvindo a tempestade e sentindo o vento sacudir a estrutura antiga do farol. Sento-me no chão empoeirado e estico as pernas à minha frente, apoiando as mãos atrás da cabeça, enquanto Blake caminha até uma janela para observar a tempestade se aproximando do lago.

Meu olhar percorre seus cabelos molhados, suas bochechas rosadas pelo vento. Ela é linda. Desgrenhada e selvagem. Guardo a frase, desejando ter trazido meu caderno de canções comigo.

O vento sibilando nas frestas da fachada de madeira soa quase humano, um lamento fantasmagórico. "Ih, rapaz", brinco. "Você acha que a Darlie está aqui?"

“Talvez.” Blake se vira para mim. “Sabe de uma coisa? E se estivermos errados? Talvez o que realmente aconteceu foi que Darlie matou a irmã dela.”

Ergo uma sobrancelha. "Hum. Continue."

"Ela descobriu que Raymond estava se encontrando com Dolly no farol e os seguiu até aqui uma noite. Então, ela os matou e se afogou no lago."

“Você ainda não encontrou nenhum registro que mostre se Raymond e Dolly estão vivos ou mortos?”

"Ah, não. Finalmente confirmei que Darlie está morta, mas não os outros dois. Esses pedidos de informação demoram uma eternidade.

Sinceramente, se eu pudesse fazer um pedido na vida, seria acabar com toda essa burocracia."

"Sério, um único desejo, e é isso que você faria? Não queremos a paz mundial? Não estamos interessados em acabar com a fome?"

“Ah, puxa, é verdade, essas provavelmente são opções melhores”, ela diz, e eu solto uma risada abafada.

Ela se senta novamente e tira os tênis e as meias molhadas, deixando os pés descalços. A chuva se acalma e assume um ritmo constante. Não é tão forte quanto antes, mas continua persistente.

“É meio romântico”, comenta ela. “Presas num farol durante uma tempestade, raios dramáticos, uma caminhada quase fatal. É muito…”. Ela pondera. “Jane Austen encontra a National Geographic.”

Dou uma risadinha. "Que combinação!"

“Ei, não ria. Aposto que você já está escrevendo uma canção de amor sobre isso.”

Ela não está errada. As letras das músicas dançam na minha mente como partículas de poeira.

"Talvez", digo vagamente.

“Sem dúvida, garoto compositor. Quase consigo te ver compondo.”

“Ei, você mesma disse. É romântico. A música praticamente se compõe sozinha.” Começo a dedilhar acordes invisíveis na minha coxa. “O oceano é selvagem, mas os olhos dela são calmos. Guiando-me para casa como um farol na tempestade. Caindo… estamos caindo… no estrondo da maré, nossos corações abertos…” Minha voz se perde, com um sorriso tímido.

Ela ficou boquiaberta. "Você inventou isso na hora?"

"Sim."

“Nossa. Foi quase perfeito.” Ela suspira. “Espera, você disse ‘caindo’. É

o seu jeito de dizer que está se apaixonando por mim?”

Um brilho travesso surge em seu olhar, indicando que ela está apenas brincando, mas a pergunta, seja em tom de brincadeira ou não, me deixa desconcertado.

“Não”, respondo rapidamente. “Claro que não.”

“Hum-hum.” Ela volta a olhar para a janela, mas não antes que eu vislumbre um leve sorriso.

Felizmente, ela não insiste. Não me força a defender minha negação. Se eu abrisse a boca de novo, não sei o que sairia. Porque vejo como é fácil acontecer. Me apaixonar por ela. Quando me deixo levar, acontece rápido e intensamente.

Mas também não dura. O amor é muito complicado, e eu sou péssima nisso. Eu me entedio e sigo em frente. Deixo corações partidos por onde passo. E me recuso a magoar Blake.

Mas também não consigo evitar me envolver cada vez mais com ela. É

como uma mão que emerge da água, me puxando para baixo. Mas não

como num filme de terror. Quero ir mais fundo. Quero que aquela água quente me engula por completo.

Eu não entendo. Tudo o que sei é que, quando estamos juntos, eu me abro completamente para ela, e acho que ela faz o mesmo comigo.

Nossos olhares se cruzam do outro lado da sala. Há algo entre nós, algo contra o qual luto com todas as minhas forças, mas aqui, neste velho farol, com o trovão ribombando no céu e os relâmpagos cortando o céu pelas frestas das ripas, é impossível negar.

Sua garganta se fecha quando ela engole em seco. "Posso te perguntar uma coisa?"

“Claro”, respondo com rispidez.

“Por que você não quer fazer sexo comigo?”

Eu pisquei. Não esperava por isso.

“Porque não acho que se trate de eu ser sua musa”, ela continua.

“Então… por quê?”

"Eu só acho..." Hesito. "Se fizermos isso, não haverá volta."

“Desistir de quê?”

"Não sei."

“Sim, você tem.”

Eu não respondo.

“Isso termina quando o verão acabar”, diz ela suavemente. “Não me esqueci dessa regra.”

Quero acreditar nela, mas já ouvi mulheres dizerem isso antes, insistindo que estavam bem com o fato de ser algo passageiro. Sempre deixo claro que elas estão comigo por um tempo limitado, o que me faz parecer um completo babaca, mas pelo menos sou honesto. Não nasci para relacionamentos longos. Eventualmente, serei atraído para outro lugar. Para outro lugar, outra mulher, outra música.

Blake fixa aqueles olhos azuis em mim com uma intensidade que me deixa sem ar. Mas ela não diz nada.

“No que você está pensando?”, pergunto.

“Você não quer saber.”

“Não, me diga.”

"Eu estava pensando que seria uma verdadeira pena se eu nunca pudesse te sentir dentro de mim."

Jesus Cristo.

Eu reprimo um gemido. Mas, olhando para ela agora, compartilho totalmente desse sentimento. Ela é um espetáculo para os olhos. O cabelo naquela trança desarrumada, com mechas escuras caindo sobre o rosto.

Seios firmes abraçados por aquela regata justa. Pernas longas emergindo daqueles shorts jeans ousados. Ela é tão linda que chega

a doer olhar para ela.

“Sim”, digo, com a voz rouca. “Seria mesmo.”

Nossos olhares se cruzam novamente.

“Tire as calças”, ela diz.

Dessa vez, um gemido escapa. Sou sempre eu quem manda nela, e meu pau se contrai com o tom autoritário dela. Ele gosta disso.

"Se eu fizer isso, não haverá volta", aviso.

“Não quero voltar. Voltar é chato. Quero o aqui e agora.”

Normalmente sou muito mais habilidosa do que isso, mas meus dedos estão tremendo enquanto desabotoo o botão da calça.

“Zíper”, ela sugere.

Eu abaixo o zíper.

“Retire isso.”

Jesus, alguém com tantas sardas não deveria estar dizendo essas palavras. Já estou mais duro que uma pedra enquanto tiro meu pau para fora, envolvendo-o com os dedos.

Blake lambe os lábios, e, caramba, isso me excita ainda mais.

Ela estende a mão para a mochila e a puxa pela alça enquanto eu fico sentado com o pau na mão, observando-a tirar uma pequena bolsinha azul e

abri-la. Quando ela se levanta, está segurando uma camisinha.

Ergo uma sobrancelha. "Você estava planejando me seduzir durante nossa caminhada?"

Ela sorri. "Não, é minha nécessaire de emergência. Tem tudo dentro.

Comprei por causa do protetor labial, mas podemos aproveitar e levar também a camisinha."

"Tanto faz", concordo, mesmo me preocupando que seja uma má ideia.

O que é ridículo, na verdade. A gente transa todo dia. Sexo não deveria fazer diferença. Mas faz.

Ela me joga o pacote de plástico. Eu o pego, mas ainda não o abro.

Estou distraído demais vendo-a se despir. Ela tira a blusa, revelando o sutiã triangular minúsculo por baixo. Então, ela tira o sutiã também, expondo os seios no exato momento em que um relâmpago corta o céu novamente, iluminando o espaço escuro que estamos ocupando e oferecendo uma visão perfeita de seus mamilos perfeitos.

Minha boca seca. Não consigo desviar o olhar dela. Ela desabotoa o short, se livra dele. A calcinha desaparece em seguida. Ela está completamente nua quando senta no meu colo, e eu estou tremendo de novo.

Com as mãos nos meus ombros, ela pressiona os lábios contra os meus num beijo lento e provocante. Um toque de língua e muita tentação. Eu provavelmente poderia parar agora, antes que a coisa esquentasse demais, mas não quero. Em vez disso, passo os dedos pelos seus cabelos, aperto-os com força e aproximo ainda mais o seu rosto, aprofundando o beijo.

Engulo seu gemido baixo. Estou obcecado com cada som que escapa de seus lábios. Quero beijar cada centímetro do seu corpo, mas não há muita oportunidade para preliminares aqui. Não neste chão coberto de terra.

Também é extremamente desconfortável, mas é difícil pensar nisso quando suas mãos percorrem meu peito nu. Então, num piscar de olhos, ela me empurra para baixo, me fazendo deitar de costas.

Enfio a mochila debaixo da cabeça enquanto ela tira minhas calças e cueca dos meus quadris. Passo os dedos sobre a pele dela. É incrivelmente macia, como seda sob as pontas dos meus dedos, que estão calejadas e ásperas de anos tocando violão. Parece um crime estar roçando-os em sua pele perfeita.

Tiro as calças com um chute e algo pontiagudo crava na minha bunda nua. Talvez uma pedrinha, espero que não seja um prego enferrujado. Não me importo, porque estou com o pau duro como pedra e a Blake está colocando uma camisinha em mim. Ela a desenrola pelo meu pênis e aperta, provocando uma explosão de prazer.

Quando enfio a mão entre as pernas dela para testar se estava pronta, descubro que ela está encharcada. Meu Deus. Ela nunca esteve tão molhada antes. Ela se abaixa sobre mim, deixando meu pau deslizar centímetro por centímetro até que eu esteja tão fundo dentro dela que sinto como se ela fosse parte do meu corpo. A sensação é tão incrível quanto eu imaginava.

Uma sensação de completa… foda… pertencimento.

Pela primeira vez na vida, não quero estar em nenhum outro lugar. Só aqui. Dentro desta garota.

A vagina dela me aperta como uma luva quente, comprimindo meu pênis e ondulando ao meu redor cada vez que ela sobe e desce novamente.

"É tão bom", ela sussurra. Seus cabelos caem como uma cortina sobre nós enquanto ela se inclina para roçar seus lábios nos meus.

"É mesmo?", sussurro de volta. "Você gosta desse pau?"

Ela geme, e eu abafo o som com outro beijo de língua. Então me afasto e a observo enquanto ela começa a se mover. Ela cavalga meu pau lentamente, prolongando cada movimento preciso, cada rotação dos quadris a cada vez que se encaixa completamente. Sua vagina é tão apertada e quente, e de repente eu amaldiçoo a camisinha, porque não consigo sentir sua lubrificação, mas vejo o líquido grudando no látex cada vez que ela se levanta. Quero sentir ela molhando meu pau, droga.

Quando ela fecha os olhos, mantenho uma mão em seu quadril, mas deslizo a outra até seu rosto, acariciando sua bochecha. "Mantenha os olhos abertos."

Suas pálpebras se abrem lentamente.

"Quero que você olhe para mim enquanto me fode, ok?"

Ela acena com a cabeça em silêncio, e eu acaricio seu quadril em sinal de incentivo, gemendo em aprovação quando ela acelera um pouco o ritmo.

Preciso que ela chegue ao orgasmo. Já vi como ela fica quando a levo ao clímax com minha língua, minha mão, meus dedos. Agora preciso saber como é com meu pau dentro dela.

Minha respiração fica superficial enquanto seus quadris ondulam em um ritmo lento e sensual. Aquela pedrinha crava-se na minha nádega novamente, causando uma ardência aguda que se compara à dor no meu peito quando as unhas de Blake arranham meus músculos peitorais com um pouco de força demais. Seu rosto está corado. Seus quadris se movem mais rápido.

“É isso aí”, insisto. “Só vou gozar se você gozar.”

Os sons que ela está fazendo são uma verdadeira sinfonia. Quero gravá-los, ouvi-los quando estiver sozinho, injetar sua melodia em minhas veias.

Não sei como estou conseguindo conter meu orgasmo. Meus testículos doem, tão tensos que quase desapareceram. Cada gota de sangue do meu corpo está concentrada no meu pau. A vagina dela me envolve de uma forma tão gostosa que chega a causar pontos pretos na minha visão. Resisto à vontade de penetrá-la com força e foder com ela até ela perder a consciência. O show é dela, o ritmo é dela, e eu só tenho a sorte de estar aqui.

Mas então ela solta um gemido angustiado e se inclina sobre mim novamente, seus lábios encontrando os meus em um beijo desesperado antes de dizer: "Pare de se conter." Ela enterra o rosto no meu pescoço. "Me foda de volta, droga."

O apelo rompe a represa dentro de mim. Levanto os quadris e a penetro com força, arrancando um gemido abafado de seus lábios. Acompanhando cada investida dela, tudo o que consigo ouvir é o som da chuva nas paredes e no teto, e os gemidos doces e suspiros abafados de Blake. E então, finalmente, seu grito rouco de êxtase enquanto ela goza em cima do meu pau.

É a permissão que preciso para me entregar. Meus dedos se cravam em sua cintura enquanto o orgasmo me percorre e se espalha pela camisinha.

À medida que meu coração se acalma, percebo que a tempestade também se acalmou, os trovões se dissipando em murmúrios distantes. A chuva ainda bate nas janelas, mas é silenciosa, quase preguiçosa. Até a escuridão se dissipou, o sol da tarde reaparecendo e derramando raios de luz dourada pelas frestas do farol.

A tempestade passou, mas Blake parece não notar. Ela está deitada em cima de mim, aconchegada bem perto.

Eu estava enganado. Há algo de outro mundo neste farol.

Dela.

Lightkeeper

The ocean's wild, but your eyes are calm
Calling ~~Guiding~~ me home, a beacon in the storm.
Falling...we're falling...
into the crash of the tide,
~~our hearts open wide.~~

Windowpanes streaked with rain
~~Rain on the windows~~
and the ~~sea~~ waves swelling close
like ~~it knows~~ they know
what we've done.
You light the lantern anyway,
AND You say, "let the ships ~~see~~,
let them stay."

~~And~~ the storm keeps raging
but this is where we ~~rest~~ stay
In the lightkeeper's room,
where the sky kisses the ~~sea~~ waves
and you reach for me
~~And~~ you smile
The kind of smile
That makes the ~~whole~~ ocean hold its breath.

I'll remember every kiss
every touch
every whisper
I'll remember this
~~until the light fades.~~
I'll remember that you're the lighthouse
And I'm the storm
And you'll always, baby, you'll always
guide me home.

And we'll leave the lamp burning
long after the storm strays.
Just in case.
Just in case
someone else needs to find the way.

cut this? might be overkill

CAPÍTULO28

BLAKE

Acredite em mim.

WYATT DISSE QUE O SEXO MUDARIA TUDO. ELE ESTAVA CERTO. E MUDOU.

Porque agora é só isso que fazemos.

Duas, três, às vezes quatro vezes por dia. É uma obsessão, uma droga da qual não consigo me livrar, e sei que ele sente a mesma atração intoxicante.

Passamos a maior parte do tempo na cama dele ou na minha. Ou no cais. Na garagem de barcos. No barco. Na bancada da cozinha. Praticamente em qualquer lugar que as câmeras de segurança não cubram. O que significa que todas as portas, entradas e limites da propriedade estão fora dos limites, mas tudo bem. Não precisamos transar na varanda da frente ou contra a porta dos fundos. Há muitas outras superfícies para explorar.

Já faz uma semana inteira desde que enfrentamos a tempestade no farol, e hoje em dia, seria preciso um esforço extraordinário para me tirar da cama. Acho que nem me pagando eu conseguiria. Quase não saímos de casa desde então, exceto por algumas idas à biblioteca e um almoço com os Spencers.

Quando descobriram que eu e o Wyatt estávamos ficando, o pequeno Spencer gritou tão alto que todo mundo no pátio achou que ele estava sendo

atacado. Claro, os Spencers insistem que essa "conexão amorosa" foi obra da Darlie.

"Nós avisamos", disse Big Spencer com um sorriso presunçoso. "Darlie ama o amor. Ela quer que todos tenham o final feliz do qual

ela foi privada."

“Bom, tem um monte de finais felizes acontecendo lá em casa. Dois só hoje de manhã”, respondeu Wyatt com uma piscadela marota, momento em que eu dei um soco no braço dele enquanto os Spencers gargalhavam.

Esta noite, estamos na cama do Wyatt. Estou nua e estirada de bruços perto dos pés da cama, porque foi ali que ele me curvou quando me fez gozar com tanta força que quase desmaiei. Ele está de cueca enquanto se senta na cabeceira, encostado em uma montanha de travesseiros e dedilhando o violão.

Meus olhos se fecham enquanto ele canta, sua voz rouca ecoando pelo quarto. Essa música... Uau. A letra é de uma beleza comovente.

Leva um segundo para eu entender sobre o que a música fala, e quando me dou conta, minhas pálpebras se arregalam. "Você está cantando sobre o farol."

Ele acena com a cabeça, parecendo estranhamente tímido. É adorável.

"Está tudo bem?"

Um sorriso surge em meus lábios. "Claro que está tudo bem. Ninguém nunca escreveu uma música sobre mim."

"Quem disse que é sobre você?", ele provoca em tom de brincadeira.

"Pode ser sobre as outras dez garotas com quem transei em faróis."

"Oh sério?"

Me viro preguiçosamente de lado, e aqueles olhos verdes fixam-se no seio agora exposto. Meu mamilo se contrai sob seu olhar minucioso.

“Não”, ele finalmente diz, com o olhar suavizado. “Você é a minha única garota do farol.”

Uma onda de calor se espalha pelo meu peito. Quando ele me olha assim... quando a voz dele fica rouca e áspera desse jeito... quase consigo me convencer de que ele está se apaixonando por mim.

Mas eu sei que isso é apenas um sonho tolo. Wyatt não entende de amor, pelo menos não do tipo de amor que eu quero. Ele anseia pelo amor sobre o qual possa cantar, o amor que vem acompanhado de dor, angústia e sofrimento. Eu nunca diria isso a ele, porque me preocupo que ele se ofenda, mas uma parte de mim acredita que essa é a verdadeira origem de seus problemas com compromisso. Por que ele consegue estar tão presente durante o sexo, tão conectado emocionalmente, para depois fugir. Porque suspeito que ele não esteja fugindo de algo — ele está indo em direção a isso. Ele quer sentir as emoções trágicas e devastadoras que vêm de um amor negado.

Eu quero um amor que me faça sentir segura. Talvez eu tenha brincado dizendo que seria eu quem partiria o coração dele, mas nós dois sabemos que isso não é verdade. Se o coração de alguém vai se despedaçar, será o meu quando ele me deixar. Quando ele encontrar uma nova musa. Uma nova garota para cantar. Uma nova garota para contemplar com aqueles olhos semicerrados enquanto ele estiver dentro dela.

Meu peito aperta dolorosamente. Não quero que ele me deixe. Quero ficar com ele neste quarto para sempre.

"Continue", eu insisto quando percebo que ele não está mais cantando.

“Essas são todas as letras que tenho agora”, diz ele distraidamente. “O

resto virá.”

“Você acha que essa música do farol é a certa? A música?”

“Não sei.” Ele está pensativo. “Pode ser.” Ele ainda está me observando.

“Deite-se de costas.”

Faço o que ele pede porque, bem, porque eu quero. Não apenas para agradá-lo — sei que qualquer coisa que façamos aqui me fará sentir bem.

Seus olhos percorrem meu corpo nu, provocando arrepios de calor.

"Aperte seus peitos", ele diz suavemente.

Engolindo em seco, acaricio meus seios, dando um leve beliscão em um dos mamilos que me provoca uma onda de prazer. Wyatt continua tocando uma melodia lenta no violão, mas seu olhar intenso nunca se desvia de mim.

“Mova a mão entre as pernas. Brinque consigo mesma.”

Eu baixo minha mão até a junção das minhas coxas e acaricio meu clitóris enquanto ele dedilha o violão. O prazer me percorre enquanto me provoco, me tocando para ele.

Uma mecha de cabelo cai sobre sua testa, mas ele não a afasta. Continua tocando. Continua me observando. Meus quadris se movem mais rápido, meu peito sobe e desce enquanto minha respiração acelera. Ele sabe que estou chegando perto do clímax, porque seus olhos brilham intensamente.

“Dê-me isso”, diz ele.

Meus dedos deslizam sobre meu clitóris, acariciando, pressionando com mais força, mas não é suficiente. Porque acabamos de fazer sexo, e meu corpo sabe que pode se sentir muito melhor se ele

estiver envolvido. Por mais prazeroso que seja, é como comer um pratinho quando há um banquete inteiro à sua frente.

“Dê-me isso”, ele repete.

"Acredite em mim", digo, e seus olhos brilham de desejo.

Ele empurra o violão para o lado e começa a rastejar em minha direção, seu peito nu e ombros fortes pairando sobre mim. Dois dedos longos deslizam para dentro da minha vagina. Ele os empurra fundo enquanto eu me masturbo, e um instante depois, eu gozo com um grito agudo, meus músculos internos se contraindo ao redor de seus dedos.

“Pronto, sardenta. Você está apertando meu dedo com tanta força. Quer meu pau de novo?”

"Por favor", imploro, e então ele vai buscar uma camisinha e recomeçamos a transa.

Depois, nos encontramos em outra posição na cama dele. Agora sou eu quem está reclinada contra a pilha de travesseiros, com a cabeça de Wyatt no meu colo. Seus olhos estão fechados, a respiração calma enquanto acaricio suavemente seus cabelos. Observo-o enquanto dorme, com a garganta apertada pela emoção. Deixo-o dormir, porque é algo tão raro para ele.

Fico deitada ali pensando em como não quero que isso acabe, mesmo sabendo que é inevitável. Nós concordamos que seria assim.

Mas ele está aqui agora, e enquanto estiver, não quero nada mais do que continuar sentindo essa satisfação pura e irrestrita enquanto Wyatt Graham dorme em meus braços.

CAPÍTULO29

BLAKE

Isso é crescimento?

NA MANHÃ SEGUINTE, DESCI AS ESCADAS E ENCONTREI O CAFÉ DA MANHÃ

no balcão. E não era um café da manhã qualquer. Uma pilha de panquecas douradas e fumegantes, rodeadas por frutas vermelhas frescas e um fio de calda. Ao lado do prato, uma caneca de café, um copo alto de suco de laranja e uma vela.

"O que é isto?", exclamo.

Wyatt levanta os olhos do fogão, com a espátula na mão.

“Feliz aniversário”, diz ele, com voz rouca.

Uma explosão de alegria invade meu peito. Isso é... eu nem consigo... A vergonha toma conta das minhas bochechas quando meus olhos se enchem de lágrimas. Meu Deus. Eu não posso chorar. Isso só vai dar a impressão de que estou começando a ver isso entre nós como algo mais.

E eu não sou.

Na verdade.

Por mais que Annaliese me provoque, eu não estou apaixonada por ele.

A única razão pela qual estou com lágrimas nos olhos agora é porque estou

emocionada. Este é um gesto doce e atencioso, e eu estou emocionada. Só isso.

Apesar do meu veemente monólogo interno, meu coração palpita traiçoeiramente, e estou piscando rápido demais enquanto me aproximo do balcão.

“Você não precisava ter feito isso”, eu lhe digo.

“Claro que sim. É o seu aniversário de vinte e um anos. Agora sente-se e coma.”

Sento-me num banquinho e estendo a mão para pegar o garfo, mas antes que eu possa cortar as panquecas, noto que elas estão salpicadas com minúsculas manchas marrom-escuras.

Uma ruga de preocupação se forma em minha testa. "O que são esses pontinhos?"

Wyatt faz uma careta. "Hum. Sardas. Sardas de calda de chocolate."

Preciso de toda a minha força de vontade para não desabar em lágrimas como um bebê e molhar meu café da manhã. Mas talvez essa seja a coisa mais doce que alguém já fez por mim.

Percebendo minha expressão, Wyatt resmunga baixinho. "Não faça disso um drama, Logan. É só um café da manhã de aniversário."

Só consigo acenar com a cabeça, porque minha garganta está muito apertada para que eu consiga dizer qualquer coisa.

Seu gesto permanece comigo a manhã toda, envolvendo meu coração em uma aura quente e reconfortante de pura alegria. E meu ânimo só aumenta quando estou lá em cima me trocando para colocar meu maiô e um e-mail muito aguardado chega.

1 NOVO E-MAIL

Prezada Sra. Logan, Em anexo, seguem os documentos solicitados.

Você também pode acessá-los por meio deste link. Considere este

assunto resolvido. Para futuras solicitações desse tipo, entre em contato diretamente comigo. Atenciosamente, Mary Holmes

"Caramba!", exclamo, correndo para fora.

Corro até a grade e dou uma espiada por cima dela. Wyatt está em sua cadeira de descanso de sempre, mas sem o cigarro pendurado na boca. Faz alguns dias que não vamos à cidade, e acho que o maço de cigarros dele acabou e ele está com preguiça de comprar mais.

“Adivinha só!” Desci correndo os degraus até o cais. “O cartório finalmente me enviou os documentos que eu estava pedindo há tempos.”

“Este é o escritório que pegou fogo e de onde todos os registros foram perdidos?”

Eu sorrio. Metade do tempo, me pergunto se ele está realmente me ouvindo ou apenas inventando mais situações dignas de música na própria cabeça. "Não pegou fogo. O catálogo foi digitalizado, mas houve uma violação de dados e tudo foi apagado."

“Ah, certo. Era isso. Meu argumento era melhor.”

“Sua justificativa era falsa! De qualquer forma, por sorte eles não destruíram nenhum dos originais, mas está demorando uma eternidade para digitalizá-los novamente, e a mulher que chefia o departamento se recusou a vasculhar as caixas para mim, lembra?”

"Certo. Então ela finalmente cedeu?"

“Ah, não”, digo com desdém. “Convenci uma das funcionárias dela a fazer isso, e agora ela está furiosa. O e-mail dela foi passivo-agressivo ao extremo. Ela assinou cordialmente. Mas mesmo assim enviou os documentos. No meu aniversário! É o melhor presente de todos!”

Seus lábios se contraem. "Quer dizer, eu achei que minhas panquecas de sardas estavam muito boas."

“Eles também eram os melhores. Mas ouça só isso…” Faço uma pausa para criar um efeito dramático, o que provoca aquele sorriso que ele estava tentando disfarçar. “Raymond Loughlin ficou com a irmã da Darlie, a Dolly. Aliás”, digo triunfante, “ele se casou com ela!”

“Não brinca.”

“Sim. A certidão de casamento deles foi registrada em um condado no lado californiano de Tahoe. Eles se casaram seis meses depois da data da certidão de óbito da Darlie. O que é próximo o suficiente da época em que Raymond estava com Darlie para que seja razoável supor que ele e Dolly realmente estivessem tendo um caso.” Estou transbordando de entusiasmo enquanto caminho de um lado para o outro no cais. “E eu também tenho um contrato de compra e venda de uma casa em Reno, mas eles a venderam e registraram um endereço em Albany. Você sabe o que isso significa?”

"Será que eu quero saber?"

“O jogo começou!”, declaro. “E vai para Nova Iorque. Pelo menos digitalmente. Estou transferindo meus esforços de busca para Nova Iorque.”

“Vai inundar todos esses condados desavisados com seus pedidos de informação?”

“Ah, com certeza. Preciso pegar meu laptop—”

Paro ao notar um barco familiar se aproximando. Perfeito. São os Spencers. Pelo menos eles vão apreciar essas novidades.

“Pessoal!”, gritei. “Acho que encontrei a Dolly!”

"Como diabos vocês fizeram isso?", perguntou Big Spencer depois que eles desligaram o motor a três metros do nosso cais, com o barco deles balançando na água. "A Mary, do cartório, se recusou a ceder, não importa o quanto a gente flertasse."

"Porque você é péssimo em flertar", diz o pequeno Spencer ao seu parceiro. "Tipo, terrivelmente ruim."

“Ah, e funcionou quando você tentou com ela? Temos esses registros, Spencer?” O Spencer grandalhão leva a mão à testa e simula procurar algo.

“Não encontro esses registros em lugar nenhum.”

O pequeno Spencer teve a decência de parecer envergonhado. "Tudo bem. Nós dois fomos péssimos em conquistar a Mary."

“Ninguém consegue conquistar Mary”, asseguro-lhes. “Recrutei Kyle, o subordinado dela.”

Big Spencer solta um suspiro. "Claro que é um Kyle. Os Kyles são tão burros. Eles fazem qualquer coisa por mulher."

O parceiro dele bufa. "Diz o gay que não tem ideia do que os héteros fazem por uma mulher."

"Eu vasculharia algumas caixas empoeiradas em busca de uma gatinha", oferece Wyatt, e eu me viro para encará-lo. "Quer dizer, não qualquer gatinha", ele corrige. "A sua, obviamente."

Os Spencers caem na gargalhada.

Passo os minutos seguintes contando tudo o que consegui descobrir esta semana, enquanto o pequeno Spencer solta suspiros e exclamações de admiração nos momentos apropriados e o grande Spencer concorda com a cabeça, sem ironia alguma.

Enquanto eu e o pequeno Spencer analisávamos a bomba do casamento de Raymond e Dolly, notei que Wyatt estava nos encarando com um sorriso irônico, mas também havia um brilho estranho em seus olhos.

"O quê?" resmunguei para ele.

Ele ajeita os óculos de sol no nariz. "Nada. Só acho vocês divertidos.

Me sinto como se estivesse assistindo a um talk show com dois apresentadores matinais super entusiasmados, só que eles não são irritantes."

O pequeno Spencer solta um suspiro de espanto. "Essa é a coisa mais gentil que alguém já me disse."

"Alguma vez?", responde seu parceiro, secamente.

“Bem, hoje.” Ele se vira para mim. “Você deveria participar do podcast!” Outro suspiro escapa. “Você deveria ser minha coapresentadora!”

“Hum-hum, ok.”

“Estou falando sério”, ele insiste.

"Não acho que eu seja interessante o suficiente para participar de um podcast."

“Vocês não estariam falando sobre a própria vida”, aponta Wyatt, e eu não consigo acreditar que ele esteja considerando a ideia. Qualquer empreitada com os Spencers parece exaustiva. “Vocês estariam discutindo assuntos reais. Sabe, como assombrações e vampiros ou seja lá o que for que vocês curtem.” Ele direciona a última parte aos Spencers.

"Não sei", digo, dando de ombros.

"Pelo menos aceite uma participação especial", implora Little Spencer.

"Podemos gravar um episódio sobre o mistério da Darlie. E se tivermos uma química incrível, talvez façamos mais coisas."

"Claro, eu faria isso", digo, porque, afinal, por que não? Eu não me importaria de conversar sobre a Darlie.

Mas não tenho intenção de fazer disso um hábito, principalmente porque o podcast tem um componente de vídeo. Ao lado da personalidade exuberante do Spencer, provavelmente vou parecer a pessoa mais chata e sem graça do planeta. Além disso, a ideia de estar em frente às câmeras e ter o vídeo publicado na internet para todo mundo ver me dá urticária. Me sinto mais confortável nos bastidores. Na equipe de apoio, digamos assim.

Nem todo mundo precisa ser o CEO.

O pequeno Spencer abre um largo sorriso. "Excelente! O que vocês dois vão aprontar hoje à noite?"

“Ah, não posso hoje à noite. Vou sair para beber.”

“Não, ela não é”, responde Wyatt imediatamente.

Eu o ignoro. "Hoje é meu aniversário", digo aos Spencers. "Adivinhem quem está fazendo vinte e um anos, senhores?"

Seus rostos se iluminam.

"É seu aniversário?" O olhar indignado do pequeno Spencer se volta para Wyatt. "E você não vai deixar ela comemorar?"

“Ela pode comemorar aqui”, diz ele com firmeza. “Em casa. Eu já disse a ela que ela é mais do que bem-vinda para convidar quem quiser e beber o que quiser. Em casa. Onde eu posso ficar de olho nela.”

“Antes de mais nada—papai”, diz Big Spencer com uma voz sensual.

Wyatt revira os olhos.

“Em segundo lugar”, interrompo, “não preciso que você fique de olho em mim. Mas, se você insistir, pode ficar de olho em mim em um bar”, termino docemente.

"Sim, mas isso significa que eu não posso beber. Preciso ficar alerta para garantir que você esteja bem e que ninguém esteja se aproveitando da situação."

“Entendi. Então não posso ir a um bar porque você quer beber no meu aniversário.”

“Exatamente”, diz Wyatt. Então ele suspira. “Ok, acabei de ouvir em voz alta. Vamos ao bar.”

E foi assim que acabamos num karaokê da cidade mais tarde, assistindo ao Spencer grandalhão e ao Spencer mirim cantarem em dueto a mais recente colaboração de Mollie May e Stylo Lewis — ambos cantando a parte da Mollie May.

"Como é que essa música é tão boa?", grito por cima do som. A melodia é tão contagiante que não consigo parar de dançar. Estou com os braços erguidos, uma mão segurando meu terceiro drinque de frutas da noite. Estou mais do que um pouco tonta. Na verdade, estou quase bêbada.

“Minha mãe que escreveu.” Wyatt se inclina para que eu possa ouvi-lo melhor. Acho que ele também está começando a ficar bêbado, porque seus olhos verdes adquiriram um brilho turvo.

"Sério?" exclamo.

Então me pergunto por que estou surpreso. É a Hannah Graham, simplesmente incrível. A mulher é absolutamente extraordinária. Ela canta muito melhor do que a maioria das pessoas — sua apresentação no casamento da Gigi Hadid emocionou a todos — e mesmo assim, ela escolhe ficar nos bastidores e compor sucesso atrás de sucesso para outros artistas.

Hannah afirma que não gosta do estresse de se apresentar, mas eu só consigo imaginar o nível de estrelato que ela teria alcançado se tivesse optado por compor e interpretar suas próprias músicas.

“Sua mãe é incrível”, eu digo a Wyatt.

"Eu sei." Ele toma um gole rápido de sua cerveja, com o rosto contraído. "Droga."

"O que?"

"Acabei de perceber que minha irmã tinha razão. Preciso ser mais gentil com a minha mãe. Sou um verdadeiro idiota quando se trata de música. Ela não merece que eu seja grosso toda vez que ela tenta me ajudar."

Eu finjo surpresa. "Meu Deus! Wyatt! Isso é crescimento?"

Ele suspira. "Acho que é crescimento."

A música termina, e os Spencers saem do palco e voltam para o nosso grupo. Tomamos doses porque o Spencer mais velho pede uma rodada para a aniversariante, e depois tomamos mais doses porque o Spencer mais novo pede uma rodada para a aniversariante, e depois mais doses porque a Annaliese chega e paga outra rodada. E então o Eddie decide que sim, ele também precisa participar da rodada de doses.

Quando Wyatt e eu entramos num Uber e voltamos para a casa no lago, estamos os dois destruídos. Tão bêbados que nenhum de nós consegue enxergar direito, falar sem rir ou ficar no banco de trás por mais de três segundos sem se beijar compulsivamente.

Sinto pena do motorista, ou pelo menos sentiria se fosse capaz de sentir algo além de tesão, porque sempre que Wyatt me beija, não consigo me concentrar em nada além da dor entre minhas coxas.

Levamos três tentativas para digitar o código do portão. Saímos cambaleando do Uber alguns minutos depois, e então precisamos de quatro tentativas para acertar o código do alarme. Finalmente, a porta da frente se abre e entramos aos tropeços, rindo muito. O que

dura uns dois segundos, porque de repente estamos nos beijando de novo. Wyatt me pressiona contra a parede, sua boca ávida se prendendo ao meu pescoço. Minha cabeça gira enquanto ele beija e explora minha pele quente, deslizando a língua pela lateral da minha garganta.

Quando ele chega perto do meu ouvido, ele rosna: "Preciso te foder."

De alguma forma, conseguimos chegar ao quarto dele, que cheira a cítricos frescos e a produto de limpeza de pinho. "O rato da casa esteve aqui", murmuro entre beijos. "Quer dizer, rato. Não, quero dizer homem. O

empregado da casa esteve aqui."

"Harry", ele murmura de volta. "Quer dizer, Herny. Com tesão?"

Rindo histericamente, caímos na cama em meio a uma névoa sexual induzida pelo álcool, e então ele começa a tirar meu top, meu short, minha calcinha, a calça dele. Tudo sai e ele vai beijando meu corpo até que sua boca me encontra. Devorando. Lambendo, chupando e gemendo contra meu clitóris.

"Eu poderia comer essa buceta pelo resto da minha vida", ele murmura enquanto eu rebolo meus quadris contra sua boca ávida.

Demoro dois minutos e meio, um tempo recorde, para chegar ao clímax.

O orgasmo inesperado me invade numa onda de êxtase que me faz tremer.

Com uma última lambida e os olhos ardendo de satisfação, ele sobe em mim e enfia o pênis dentro de mim.

Quando ele me preenche completamente, seu gemido é de alívio e pura apreciação. "Tão apertadinha, meu bem. Tão perfeita. Queria ficar aqui para sempre."

Deus, eu também quero ele aqui para sempre. Envolvo minhas pernas em volta dele, meus calcanhares cravando em sua bunda.

"Mais rápido", imploro.

Ele acelera o ritmo, penetrando em mim repetidamente, enquanto eu arranho suas costas com as unhas e cravo meus dentes em seu ombro. Não sei o que está acontecendo, mas me sinto como um animal selvagem. Acho que cheguei a sangrar com as unhas.

Wyatt geme de dor e, em seguida, sorri para mim, agarrando minhas duas mãos com uma das suas. Ele entrelaça meus pulsos e os empurra acima da minha cabeça.

“Chega disso”, repreende ele.

"Não aguenta um pouco de dor?", provoco.

"Eu aguento a dor. Só prefiro te fazer gritar."

Ele se retira até que apenas a ponta permaneça na minha entrada, enquanto minha vagina tenta se agarrar com força para não deixá-lo escapar. Então, sem aviso, ele volta a penetrar com força e me fode com tanta intensidade que me faz ver estrelas. A cama treme, a cabeceira bate contra a parede. É cru, sem filtros, puro calor animal.

"Por que isso me dá uma sensação tão boa?", ele geme, consternado.

"Não sei", respondo, impotente, e então fecho os olhos com força e gozo.

Wyatt pragueja enquanto me contorço ao seu redor. "Ai, meu Deus. Isso vai me fazer gozar também."

Ele me penetra pela última vez, bem fundo, até chegar ao clímax.

Gemendo, ele desaba sobre mim, e eu o abraço, e nós dois começamos a rir, porque, meu Deus, aquilo foi intenso.

Dou uma olhada rápida no relógio, mas percebo que não há relógio nenhum. Pisquei, desorientada de repente. Então digo: "Este... não é o quarto azul. Acho que estamos no quarto da montanha", e Wyatt ri ainda mais.

CAPÍTULO30

WYATT

Olha só pra gente, agindo como adultos.

ACORDO NUM QUARTO DESCONHECIDO, NUMA CAMA DESCONHECIDA, AO SOM

de uma voz familiar falando na porta.

“Talvez tenhamos um problema.”

Olho para Blake e aperto os olhos em agonia contra a luz da manhã.

Meu Deus. Parece que facas estão me apunhalando nos olhos. Afundo as palmas das mãos nas órbitas oculares e gemo.

"É, um problema muito sério", murmurei. "Acho que nunca tive uma ressaca tão forte. Como você consegue ficar de pé na luz do sol sem morrer lentamente?"

"Ai, estou morrendo. Tem literalmente um hamster correndo dentro do meu cérebro e se chocando contra meu crânio."

“Literalmente um hamster?”

“Sim, literalmente. Mas temos um problema maior do que esse.”

“Tudo bem, espere um pouco. Deixe-me abrir os olhos bem devagar.”

Eu tento, um pouquinho de cada vez, até que finalmente consigo entreabrir as pálpebras e não desmaiar de dor excruciante.

“Então pensei que talvez tivesse feito xixi nas calças”, ela começa.



“Ok, não era bem para onde eu imaginava que essa conversa ia.”

“Porque eu acordei numa poça d’água—”

“Se você está tentando me excitar, essa não é a estratégia certa.”

"Estou tentando dizer que não usamos camisinha ontem à noite, e todas as suas... hum... ofertas estavam por toda parte."

Eu congelo. "Em todo lugar, tipo, eu gozei na sua barriga?"

Ela rejeita a esperança. "Não."

"Merda."

"Eu sei."

"E você não toma pílula anticoncepcional." Não é uma pergunta. Foi a primeira coisa que ela me disse quando começamos a ficar. Ela parou de tomar a pílula há dois anos porque lhe causava enxaquecas, então temos usado camisinha. Diligentemente. Até ontem à noite, pelo visto.

“Não, não tomo pílula”, ela confirma antes de oferecer uma réstia de esperança. “Mas eu verifiquei meu aplicativo e tenho 95% de certeza de que estamos fora da zona de perigo.”

Um alívio me invade. "Sério?"

"Quer dizer, não pode nos dar o momento exato da ovulação, mas acho que esse período já passou e devemos estar bem."

"Tem certeza de que o ovo não está ali só de bobeira?"

Ela dá uma risadinha. "Acho que funciona por um ou dois dias. E

mesmo que eu tenha quase certeza de que estamos seguros, provavelmente me sentiria mais confortável se fôssemos até a cidade e comprássemos, tipo, a pílula do dia seguinte ou algo assim. Podemos fazer isso?"

Já estou saindo da cama. "Vou tomar um banho e te encontro lá embaixo em dez minutos."

Trinta minutos depois, estamos na estrada, e eu me sinto um pouco mais humana depois de duas xícaras de café. Os óculos de sol protegem meus olhos das facas no céu, também conhecidas como sol, e Blake nos protege ao não colocar música.

“Olha só para nós, tão adultas”, diz ela do banco do passageiro.

Dou uma risadinha. "Bem, acho que falo por nós dois quando digo que não queremos um bebê Graham correndo por aí."

“Logan, meu bem”, corrige Blake.

“Sinto muito em informar, mas você terá que lutar com meu pai pelo título.”

“Você terá que lutar contra a minha.”

“Podemos deixá-los lutar entre si.”

"Negócio."

Quando paro no sinal vermelho, estendo a mão por cima do console e cubro a dela com a minha. "Sinto muito", digo baixinho. "Eu errei."

Blake balança a cabeça. "Não, nós duas fizemos."

“Tivemos relações sexuais sem camisinha. A culpa é minha.”

“A responsabilidade é de nós duas”, diz ela com firmeza. “Eu sou responsável pelo meu próprio controle de natalidade.”

“Sim, mas há outras coisas que podem acontecer quando você não usa proteção. E eu só quero que você saiba que não tenho nenhuma dessas coisas e ficarei feliz em ir a uma clínica com você para provar isso.”

Ela sorri. "Agradeço, mas eu não estava preocupada."

O sinal abre e eu atravesso o cruzamento. A farmácia fica no final do quarteirão, mas não tem estacionamento e a rua está lotada de carros.

Encontro uma vaga duas quadras depois da CVS, e Blake e eu saímos do Jeep e começamos a caminhar.

Estendo a mão para ela novamente, e ela observa nossos dedos entrelaçados com um sorriso irônico.

“Todo mundo vai aparecer amanhã”, diz ela, cabisbaixo.

"Eu sei."

Temos evitado esse assunto. A realidade é que todas as famílias estarão aqui amanhã e não poderemos mais continuar fazendo o que estamos fazendo. Nada de maratonas diárias de sexo. Nada de ficar de conchinha no sofá. Meu peito aperta. A ideia de não tocá-la por um mês inteiro é pior do que esta ressaca.

"Vamos ter que dar um jeito de nos esgueirarmos enquanto eles estiverem aqui", eu digo a ela.

“Ooh, que escândalo! Pensei que você tivesse dito que deveríamos maneirar quando as famílias viessem.”

Acaricio seus nós dos dedos com o polegar. "Mudei de ideia. A menos que você não queira?"

“Ah, eu quero.”

"Bom."

“Sinceramente, duvido que a maioria deles perceba se a gente der uma escapadinha aqui e ali. Os pais não fazem ideia, e os Garotos de Ouro são obcecados demais por si mesmos.” Blake franze os lábios. “O que a gente precisa ficar de olho são as mulheres. Minha mãe. A Gigi.”

"Alex", eu respondo, porque Alexandra Tucker consegue detectar um romance como um cão farejador de bombas.

“A Jamie vai descobrir na hora”, diz Blake. “Mas ela vai ficar de boca fechada.”

Concordo. A filha mais velha de Tucker sabe cuidar da própria vida. E

por acaso, ela é uma das minhas pessoas favoritas. Jamie consegue acabar com um homem com uma palavra só, assim como a mãe dela.

“Você e o Alex já ficaram juntos?”

A pergunta de Blake surge do nada. "O quê?"

“Vocês são parceiras de badminton”, ela destaca. “E você a visita em Nova York o tempo todo.”

Eu poderia mentir, mas não fazemos isso um com o outro. Então dou de ombros e digo: "A gente se pegou".

"Só isso?" Ela parece surpresa.

“É isso. E é sempre tão constrangedor. Zero química.”

“Espera aí, vocês já ficaram mais de uma vez?” Blake começa a rir.

“Mesmo sem estarem a fim um do outro?”

“Sim”, admito, meio sem jeito.

“Quantas vezes?”

"Talvez umas três?", digo, pensando a respeito. "O álcool tem esse poder de fazer você duvidar de si mesmo. Tipo, a gente ficava bêbado, se olhava e pensava: 'Nós dois somos tão lindos, talvez a gente se atraia'. Mas não. Sempre termina do mesmo jeito. Com risos e arrependimento."

“Risos e arrependimento? Nossa. Você tem sorte de Alex estar nadando em autoestima.”

“Isso sem falar que ela ainda está obcecada por aquele jogador de hóquei.”

A curiosidade toma conta dos olhos de Blake. "Ooh, quem?"

“O irmão do Luke. Quer dizer, Ryder”, corrijo. Sempre me esqueço de que meu cunhado não gosta que o chamem de Luke. Ele só deixa a Gigi e minha mãe o chamarem assim.

“Você está falando do Owen McKay? O Alex me disse que foi algo que aconteceu apenas uma vez.”

“Não, definitivamente mais de uma vez. Da última vez que saí para beber com ela, ela reclamou dele o tempo todo. Acho que ele a rejeitou.

Mas talvez ela o tenha rejeitado primeiro? Não tenho certeza. Não me meto nisso. De qualquer forma, Alex é quem temos que ficar de olho."

"E Stella", Blake me lembra. "Talvez Ivy."

"Stella é uma ameaça, então sim. Mas Ivy é doce demais para se intrometer na vida sexual alheia."

Chegamos à farmácia e abro a porta para ela, o que me rende um grande sorriso de Blake. Ela sempre fica tão feliz quando faço coisas básicas como abrir a porta ou puxar a cadeira para ela, o que me faz pensar que tipo de herege era Isaac Grant. Aquele idiota definitivamente não a merecia.

Vamos direto para o corredor de planejamento familiar, apenas para descobrir que a prateleira que normalmente contém os contraceptivos de emergência está vazia.

"Talvez eles guardem atrás do balcão?", diz Blake.

"Vamos perguntar."

Para minha decepção, quando chegamos ao balcão da farmácia, o homem de jaleco branco balançou a cabeça e disse: "Desculpe. Nosso estoque acabou."

"Você pode ligar para as outras farmácias da região e verificar se elas têm?", pergunta Blake, franzindo a testa em preocupação.

"Infelizmente, todos estão enfrentando o mesmo problema. Houve escassez devido a um problema na cadeia de suprimentos, então os estoques já estavam baixos, e aí aquele idiota que está se candidatando resolveu incluir a proibição da contracepção de emergência em sua campanha, o que gerou pânico na comunidade. Os clientes começaram a estocar o produto, e agora estamos nessa situação."

Porra.

Seus olhos demonstram compaixão ao notar nossas expressões de decepção. "Teremos um pedido na segunda-feira", diz ele.

“Mas hoje é sábado”, preocupa-se Blake. “Será que ainda estará em vigor na segunda-feira?”

O farmacêutico acena com a cabeça. "É eficaz por até setenta e duas horas. Quando ocorreu a relação sexual?"

Eu reprimo um riso nervoso. Tenho vinte e quatro anos, mas a palavra

"relação sexual" ainda me deixa desconfortável. "Umas oito horas atrás?"

“Então você ainda está dentro desse prazo. Estarei aqui na segunda-feira de manhã. Se quiser deixar seu número comigo, posso separar uma caixa para você quando a encomenda chegar, e você poderá vir buscá-la.”

"Obrigado", diz Blake, agradecido, enquanto o farmacêutico desliza uma caneta e um papel pelo balcão.

Saímos da farmácia de mãos vazias, com Blake roendo as unhas no lábio inferior durante todo o caminho de volta para o Jeep.

“Ei, vai ficar tudo bem”, eu a tranquilizo. “Isso é só um plano B. Não estamos no período fértil, lembra?”

Ela acena lentamente com a cabeça. "Certo."

“Vai ficar tudo bem, sardenta.” Pego na mão dela e entrelaço nossos dedos. “Vamos. Vamos para casa e nos arrumar para o circo.”

BADMINTON BLOOD MATCH

TOURNAMENT BRACKET

ROUND 1

ALLIE + LOGAN	VS	DEAN + GRACE
GARRETT + HANNAH	VS	GRAY + STELLA
AJ + JAMIE	VS	ALEX + WYATT
BLAKE + BEAU	VS	GIGI + RYDER
TARA + KATE	VS	TUCKER + SABRINA

CAPÍTULO31

BLAKE

Vai ser um mês longo.

PRIMEIRA REGRA DO VERÃO EM FAMÍLIA EM TAHOE: ENTRE E SAIA QUANDO

quiser.

Segunda regra do verão em família em Tahoe: Fique o tempo que quiser.

Terceira regra? Abrace o caos.

Porque é exatamente isso. Todo verão, religiosamente, o caos absoluto toma conta da casa no lago. É inevitável quando se tem tanta gente, e muitos de nós estamos no final da adolescência e início dos vinte anos. O

que significa que vai ter festa. Vai ter bebida. Vai ter fofoca. E vai ter —

aparentemente este ano — um monte de badminton.

Os colchetes estão fechados, mas meu parceiro só chega hoje à noite.

Ele passou a manhã inteira mandando mensagens dizendo que precisamos encontrar um lugar tranquilo para discutir a estratégia assim que ele chegar.

E sim, ele disse "nanosegundo".

Os Tuckers chegam primeiro, e Alex entra desfilando como a supermodelo que é. Cabelos escuros e brilhantes, grandes olhos

castanhos e um corpo que a maioria das mulheres mataria para ter. Seios fartos, cintura

fina, bumbum empinado, pernas longas. E tudo natural, cada centímetro dela, da cabeça aos pés. Ela é a cópia fiel da mãe, Sabrina, enquanto sua irmã mais velha, Jamie, herdou os cabelos ruivos do pai e é igualmente deslumbrante.

Eles nos cumprimentam com abraços e me desejam feliz aniversário, e Alex me puxa para um canto para dizer: "Suba quando eu estiver desempacotando. Trouxe algo de Milão para você."

“E eu trouxe algo de Paris para você”, respondi com um sorriso.

“Porque perdi seu aniversário.” O dela foi na primavera.

“Como foi seu verão?”, pergunta Sabrina, olhando de mim para Wyatt.

“Vocês dois têm se dado bem?”

“Maravilhosamente”, diz ele com leveza, e Sabrina estreita os olhos.

Droga. Será que ela consegue sentir de alguma forma? Será que ela sabe que a gente transou?

Por sorte, Tucker chama sua esposa, e a atenção dela se volta para ele.

Então, os quatro sobem as escadas para se acomodarem em seus quartos.

Meus pais chegaram algumas horas depois, acompanhados pelos pais de Wyatt. Todos eles pegaram o mesmo voo de Boston.

“Feliz aniversário!” diz minha mãe, me abraçando forte. Quando se afasta um pouco, ela olha para o meu rosto e sorri. “Você está ótima.

Bronzeada e descansada.”

Meu pai me abraça em seguida, antes de me examinar de cima a baixo da mesma forma. "Já superamos a questão da batata?"

Reviro os olhos. "Já tínhamos superado a questão da batata no dia em que vazou o vídeo íntimo dele com a batata."

Papai bufa. "Essa é a minha garota." Ele olha para minha mãe quando ela pega a mala. "Eu cuido disso, linda. Vai lá passar um tempo com a nossa garota."

Papai e Garrett carregam suas malas até suas respectivas suítes. A maioria dos pais tem uma suíte, enquanto os Connellys e os Davenports

sempre dividem o apartamento acima da casa de barcos. Somente os Davenports virão este ano, com AJ representando os Connellys sozinho.

Seus pais, Brenna e Jake, passarão o verão em Boston para ajudar o pai de Brenna, que acabou de fazer uma cirurgia no joelho.

AJ e os outros só chegam amanhã. Hoje estamos esperando apenas pelos Di Laurentis, que aparecem depois do jantar, impecavelmente loiros como sempre, cada um mais deslumbrante que o outro.

Cumprimento Beau com um grande abraço. Não o via desde o fim do semestre em Briar, e senti falta daqueles olhos verdes brilhantes e daquele sorriso deslumbrante. Ele me solta para dar um rápido abraço lateral em Wyatt.

“E aí, cara”, diz Beau. “Cadê a Gigi?”

“Ela e o cunhado chegam de avião de Dallas amanhã de manhã.”

Todos se reúnem no andar principal. Exceto Tucker, que sempre desempacota cada item das malas dele e de Sabrina porque "não

podemos ficar um mês em algum lugar, querida, e viver de mala em mala", ele diz para Alex, que ri e responde: "Minha vida inteira cabe numa mala, papai".

“Isso não justifica”, ele responde alegremente.

O resto dos homens desce a passos largos até o cais e abre suas cervejas, suas risadas estrondosas ecoando no ar quente da noite e subindo até o convés. Wyatt está com eles, e eu fico lançando olhares furtivos para ele do convés superior, onde Jamie está me contando sobre seu caso recente.

Advogada de defesa, ela atua na área criminal. Sua mãe também, só que Sabrina não representa criminosos, mas tenta tirar os injustamente da prisão. Sua organização de defesa da inocência conseguiu reverter algumas condenações de grande repercussão, tornando-a uma das advogadas mais requisitadas do país.

Numa cadeira próxima, Ivy, a irmã de Beau, está ao telefone, trocando mensagens com Stella Davenport. Ambas serão calouras em Briar neste semestre, e me pergunto se a amizade delas sobreviverá a essa nova fase da

vida. As duas são inseparáveis, mas não poderiam ser mais diferentes. Ivy é pura como a neve, enquanto Stella é uma rebelde nata. A faculdade tem esse poder de nos fazer gravitar em direção a pessoas com a mesma mentalidade.

"Estou tão chateada que o Hudson não vai estar aqui neste verão", diz Ivy para a mãe depois de guardar o celular. Ela está se referindo a Hudson Fitzgerald, cuja família também não vai se juntar a nós este ano.

Embora todas as famílias sejam tão próximas que os jogadores de hóquei provavelmente poderiam se considerar primos, Ivy e os Fitzgeralds são realmente primos. Sua tia Summer é irmã de Dean. Summer é estilista e lançou uma nova coleção, então ela e o marido

estão levando seus cinco filhos para toda a Europa neste verão para assistir aos seus desfiles internacionais. O que, honestamente, não parece ser um fardo.

Estou no meio de uma reclamação para Jamie e Alex sobre minha batalha pela torradeira com Isaac, que ainda se recusa a me dar o Hot Boi, quando meu celular vibra com uma mensagem do Wyatt. Espero até que as meninas estejam distraídas antes de dar uma olhada.

SONGBOY: Vou te curvar sobre aquela grade depois que todos estiverem dormindo e te penetrar por trás.

Quase me engasgo com a língua, e uma tosse escapa de meus lábios. No cais, ele levanta a cabeça na minha direção, e juro que o vejo piscar.

Engolindo em seco, digito uma advertência de volta.

Pare. SONGBOY Parar o quê? Pensar na sua vagina? Impossível.

Nossa!

Vai ser um mês longo.

CAPÍTULO32

BLAKE

Fotos ou não aconteceu

O TORNEIO DE BADMINTON ESTÁ SENDO TÃO INTENSO QUANTO EU ESPERAVA.

Se fosse qualquer outra família, seria um dia agradável com esportes, cerveja e risadas. Mas esta é a minha família, e cada um deles é extremamente competitivo. Agressivamente competitivo.

Meu pai e Allie ganham a bateria contra minha mãe e Dean, o que só intensifica a hostilidade porque Dean é o rei dos chiliques, e quando Garrett e Hannah viram o jogo e eliminam Gray e Stella numa reviravolta épica, todo mundo vai à loucura.

O dia se transforma em um churrasco e uma sessão de bebidas que termina na fogueira, com todos os mais jovens reunidos em cadeiras e cobertores, ficando bêbados e assando marshmallows nas chamas. Eu me sento com Alex, Gigi e Stella, tomando minha terceira taça de vinho branco e colocando o papo em dia com as meninas, enquanto a poucos metros de distância, Wyatt conversa com o marido de Gigi e me lança olhares furtivos.

Perto da lareira, Gray e AJ riem muito de alguma coisa. Beau está sentado numa cadeira Adirondack ali perto, conversando com a namorada

de AJ, Tara, uma garota baixinha com cabelos loiros brilhantes e um rosto de princesa da Disney. AJ, Tara e os Davenports chegaram ontem de manhã, cortesia de Wyatt, que os buscou no aeroporto, principalmente porque precisávamos de uma desculpa para ele parar primeiro na farmácia e comprar nossa pílula do dia seguinte.

Tara está sentada na beirada da cadeira de Beau, inclinando-se para perto dele sempre que diz algo. Ela também toca no braço dele, mais de uma vez, o que me irrita profundamente.

"Você está vendo isso?" Alex murmura enquanto observamos a namorada de AJ flertando com Beau.

É claro que Beau parece não perceber o quão óbvia Tara está sendo, porque homens são desatentos. Ele está apenas sendo o adorável Beau de sempre.

“Ah, sim. Essa garota não tem vergonha nenhuma”, diz Stella, revirando os olhos.

Dou uma olhada rápida. "Ela está?"

Não conheço a Tara muito bem. Ela e o AJ começaram a namorar no primeiro ano na Briar, mas esta é a primeira vez que ela vem para Tahoe com ele. Ele claramente a adora. Ele passou o dia todo fazendo coisas para ela: reabastecendo suas bebidas, trazendo lanches, sempre perguntando se ela precisa de alguma coisa.

“Sem vergonha nenhuma”, confirma Stella. “E o AJ é completamente apaixonado por ela, o que ela aproveita ao máximo. Eu e a Ivy estávamos falando sobre isso outro dia. Tipo, depois de dois anos, ele ainda não percebeu que ela está usando ele.”

“Usá-lo para quê?”

Stella dá de ombros. "Provavelmente por influência. O pai dele ganhou duas Copas Stanley."

“Seu pai também ganhou uma taça”, aponto. “Ela poderia ter escolhido o Gray.”

“Não, a Tara não é boba. O Gray é um cafajeste de carteirinha”, diz Stella sobre o irmão. “Todo mundo sabe disso.”

Dou uma olhada na direção da fogueira para o rapaz de cabelos escuros.

Com sua pele bronzeada, olhos penetrantes e sorriso irresistível, Gray poderia conquistar qualquer garota que quisesse. E conquista.

Frequentemente. Stella tem razão. Dos três Rapazes de Ouro, Gray é o único que eu nunca consigo imaginar se estabelecendo.

"Se ela está de olho em um anel e em se casar com um astro do hóquei, sabe que sua melhor aposta é o AJ", diz Stella, cínica como sempre. "Pobre Connelly, tão bobo. Ela vai traí-lo na primeira oportunidade."

“Quer dizer, ela já fez isso”, comenta Ivy do outro lado do nosso cobertor. A irmã de Beau é tão doce e discreta que às vezes me esqueço que ela está ali. “Lembra do Natal em Miami?”

"O que aconteceu em Miami?", pergunta Alex, curioso.

“Nossa, nunca te contamos isso?” Stella sorri. “Então, a Ivy, o irmão dela, o AJ e a Tara vêm para Miami com a gente durante as férias para passar uns dias na casa dos meus avós. A Tara diz que tem umas amigas da fraternidade lá e some o dia inteiro, supostamente para ficar com elas.”

“Mas”, interrompe Ivy, “nós já sabíamos, por termos vasculhado o Instagram dela quando ela começou a namorar o AJ, que ela tinha um ex que morava em Miami. Vimos todas as fotos deles antes que ela as apagasse.”

“Então, todos nós íamos sair para jantar, mas essa vaca simplesmente desaparece e depois chega no restaurante quarenta e cinco minutos atrasada

__”

"Depois de AJ ter tentado mandar mensagens para ela durante horas", diz Ivy.

“Cheirando a perfume que definitivamente não era do AJ”, conclui Stella, “e achando que ninguém ia notar. Por favor.” Ela imita uma voz aguda. “Meu Deus, gente, o trânsito estava um caos.”

Ivy dá uma risadinha. "E Stella responde: 'O trânsito não deixa marcas de mordida, querida.'"

Alex e eu rimos baixinho. "Você é uma verdadeira megera", Alex diz para Stella.

“Ah, eu sou mais do que uma vadia. Sou uma completa idiota”, diz Stella arrastando as palavras, e todos nós caímos na gargalhada.

“Enfim, ela conta essa história maluca sobre o cachorro da irmã da fraternidade dela ter ficado muito animado ao cumprimentá-la, e foi por isso que ela ficou com uma marca de mordida no pescoço.”

"E o AJ está lá sentado, concordando com a cabeça", diz Ivy, suspirando.

“Essa idiota acreditou em cada palavra.” Stella de novo. “Ela fica falando besteira, inventando coisas sobre cachorros exuberantes, e o AJ

pensa: ‘Nossa, alguns cachorros realmente precisam de adestramento, né?’”

Eu também suspiro. Por que os homens são tão cegos quando se trata de mulheres tóxicas?

"O melhor Natal que tive em anos", diz Stella, com um sorriso travesso.

Nossa atenção é desviada quando ouvimos AJ chamando sua namorada.

"Ei, amor, vem cá!"

Todos, menos ele, percebem como ela parece relutante em descer do braço da cadeira de Beau. Quando ela se junta a AJ, ele a abraça por trás e beija seu pescoço, e, para crédito de Tara, ela inclina a cabeça para trás para encontrar seus lábios e beijá-lo. Mas, pensando bem, ela passou a última hora flertando com o melhor amigo dele, então... seus beijos de pena não significam nada aos meus olhos.

Eu me levanto, tiro um galho da minha bermuda e vou até Beau, que agora está sozinho. Quando chego perto dele, ele me puxa para o colo e passa o braço pelo meu ombro. Não tem nada de romântico nisso, mas considerando que eu estava transando com Wyatt há apenas algumas noites, parece que estou fazendo algo errado.

Beau exibe aquele sorriso lindo, aquele que sempre faz você olhar duas vezes. Ele é realmente uma das pessoas mais bonitas que já vi na vida, embora eu imagine que seja genético. O pai dele é praticamente um modelo. A mãe é uma atriz deslumbrante. A tia é de parar o trânsito. As duas irmãs são estonteantes: Ivy é a bailarina etérea, uma princesa fada que parece ter saído diretamente de um filme da Disney, e Kate, que tem apenas quinze anos e deveria estar passando pela fase desajeitada da adolescência, já poderia assinar um contrato de modelo exclusivo.

"Você mal falou comigo o dia todo", reclama Beau. "Devo me sentir insultado?"

“Quer dizer, é difícil falar quando nossos pais estão jurando se matar por causa de badminton.”

“Sim, foi intenso.”

Sinto um arrepio na pele, como se alguém estivesse me observando, e, de fato, encontro o olhar de Wyatt em mim quando viro a cabeça. Ele ainda está conversando com Ryder, mas agora está com o celular na mão, digitando algo.

Segundos depois, o meu vibra no bolso de trás.

Beau sorri ao sentir minha bunda vibrar. "Não vai checar isso?"

“Não. Provavelmente minha mãe dizendo que eles vão dormir.”

Arranco o copo de plástico da mão de Beau e tomo um gole, tentando me refrescar. O olhar intenso de Wyatt está me fazendo corar. Mas a cerveja foi aquecida pela lareira e só aumenta minha temperatura corporal.

“Então escuta”, eu digo para Beau. “As meninas e eu tínhamos lugares na primeira fila do show, e… talvez você não queira ser tão amigável com a Tara.”

Sua testa se enruga. "Por quê? Estávamos apenas conversando."

“Vocês estavam apenas conversando. Ela estava tendo relações sexuais com você na imaginação dela.”

Beau bufa. "Vamos lá."

“Acredite em mim. Todos nós vemos isso.”

“Ela está com o AJ.”

Inclino a cabeça em sinal de desafio. "Segundo Stella, não seria a primeira vez que Tara trairia alguém."

“Se você está falando sobre a questão de Miami, eles resolveram isso.”

"Com 'deu certo', você quer dizer que ela inventou uma história absurda e ele acreditou?"

“Praticamente isso.”

“De qualquer forma, ela se desviou.”

“Bem, se ela está tentando me trair, isso não vai acontecer.” Ele exibe aquele sorriso jovial e tipicamente americano novamente. “Sou um rapaz de classe.”

"Só para constar, não a incentivem. Estávamos todos com uma sensação ruim."

“Ou talvez você esteja com ciúmes”, ele rebate, piscando para mim.

“Quer me só para você, é?”

“Sim. É exatamente isso.”

Sua mão roça na minha quando lhe devolvo a bebida, e noto que seus olhos começam a ficar desfocados. Sentamos e conversamos um pouco até que Stella aumenta o volume da música que toca nas caixas de som externas. A batida sensual contagia a todos, e logo estamos todos dançando.

Stella e Alex se desafiam para uma batalha de dança enquanto Ivy observa e ri baixinho. Nas sombras, Gigi e Ryder se embalam como se estivessem em um mundo à parte, os olhos intensos dele fixos no rosto da esposa. Meu Deus, como aquele homem a adora.

AJ e Tara estão abraçados enquanto se movem ao ritmo da música, e não demora muito para Beau me puxar do seu colo e me convencer a dançar com ele.

Gray se junta a nós, e eu me revezo dançando com os dois Golden Boys, enquanto sinto os olhos verdes de Wyatt seguindo cada movimento

meu. Talvez seja por causa do vinho que bebi, mas estou me sentindo mais relaxada do que o normal, me permitindo me perder na música. Nunca danço quando estou sóbria porque me sinto muito constrangida, mas quando me solto, adoro.

Gray se afasta para pegar outra bebida, e Beau se aproxima novamente, me puxando para perto de si. Fico surpresa com o quanto ele está mais musculoso. Sei que, entrando no terceiro ano do ensino médio, ele está de olho na vaga de capitão do time de hóquei, e percebo que ele deve estar passando muito tempo na academia e no gelo ultimamente. Ele está mais forte agora.

Levanto os braços e ele se aproxima por trás, deslizando as mãos para cima e para baixo nos meus quadris. É divertido, regado a álcool, e ambos estamos ofegantes, com os rostos corados. Rio quando ele me gira e me puxa para perto. Nos flashes da luz da fogueira, cruzo o olhar com o de Wyatt, mas não consigo decifrar sua expressão.

Dou uma volta rápida antes de jogar o cabelo por cima do ombro. O

movimento, sem querer, dá a Beau acesso ao meu pescoço, e eu hesito quando ele o roça, sua boca deslizando suavemente sobre minha pele. Então ele coloca uma coxa entre minhas pernas, e é aí que percebo que ele está excitado.

Os lábios de Beau encontram minha orelha. "B... eu quero transar com você."

Merda.

Apoiando as mãos em seus ombros, tento fazer uma piada. "Acho que alguém bebeu demais."

Ele rebate: "Acho que tem uma garota que é a mais linda que eu já conheci na vida." Ele morde o lábio, o desejo estampado em seus traços esculpidos. "Vamos a algum lugar. Casa de barcos? Sauna? Por favor."

"Não é uma boa ideia", murmuro de volta, e então sou salva por Alex, que me acena para dançar com as garotas.

Deixo um Beau frustrado para trás, e eu me sinto bastante frustrada também. Sei que ele está bêbado, mas... droga. Por que ele tinha que fazer isso? Temos uma relação platônica há anos. Presumi que a atração já tivesse passado da parte dele, assim como da minha.

Percebendo o olhar de Wyatt sobre mim novamente, me afasto das garotas e verifico a mensagem no meu celular.

SONGBOY Encontre-me atrás do galpão de barcos. Quero te fazer gozar.

Minha vagina se contrai. Olho para o fogo, onde Wyatt está parado à luz das chamas, com os olhos fixos em mim. Com os dedos tremendo, finalmente respondo.

Dez minutos.

Com a maior naturalidade que consigo reunir, volto a juntar-me às raparigas e danço com elas durante exatamente um minuto e meio antes de exclamar: "Vou fazer xixi."

Eles me lançam olhares estranhos. "Tudo bem", diz Stella.

Saio casualmente da fogueira e sigo em direção à trilha. Por sorte, a casa de barcos fica do outro lado do nosso extenso terreno. Acelero o passo, passando pelo deck inferior e pelo cais, e corro em direção à casa de barcos.

As câmeras de segurança só cobrem as portas, então me esgueiro pela lateral da estrutura escura, passando pelo chuveiro externo onde flagrei Wyatt se masturbando naquele dia.

Assim que viro a esquina, ele sai das sombras e me abraça.

Eu solto um gritinho de surpresa, mas ele abafa o som com um beijo.

“Esses shorts de merda”, ele murmura contra meus lábios. Ele já está desabotoando e puxando meu zíper minúsculo. Eles são tão pequenos que quase não precisam de zíper.

“Por que você está tão bravo com meus shorts?”

"Porque estão me impedindo de chegar perto da sua vagina", ele diz,

"mas também me provocando com ela ao mesmo tempo. Consigo ver suas nádegas aparecendo por baixo delas."

Ele desliza os shorts pelas minhas coxas, junto com minha calcinha minúscula.

"Nem vai dizer olá?", provoco.

Ele me interrompe com um beijo, sua mão já deslizando entre minhas pernas. O prazer me percorre enquanto ele acaricia minha vagina e massageia meu clitóris com a ponta dos dedos.

"Levante essa perna", ele geme contra minha boca.

Ele dá um tapa na minha bunda, e eu obedeço, levantando a perna e apoiando-a no quadril dele. Isso me abre completamente para ele, e ele enfia dois dedos dentro de mim. Ele os curva levemente, atingindo um ponto que me faz arfar, e uma onda de choque percorre meu corpo.

“Eu quero muito te foder, meu bem. Mas não temos muito tempo agora, então quero que você finja que meus dedos são meu pau, tá bom? Finja que sou eu dentro de você, te fodendo gostoso e fundo.” Ele retira os dedos e os enfia de volta. “Você sente isso?”

Sinto tudo. Meus quadris se movem contra seus dedos habilidosos, minha respiração fica presa nos pulmões. Normalmente, eu precisaria de estimulação no clitóris, mas esse ponto que ele está estimulando é tão requintado que sinto os primeiros arrepios do orgasmo percorrendo meu corpo.

"Jesus, você está encharcando minha mão", ele murmura.

Ele continua encontrando aquele ponto com os dedos, e meu corpo inteiro começa a tremer.

"Você vai me fazer gozar", eu sussurro, ofegante.

Ele me dá uma risada baixa e maliciosa. "Essa é a minha garota."

Então ele curva os dedos novamente e eu grito de alívio. Ele abafa o som cobrindo minha boca com a palma da mão enquanto a outra mão

continua a me tocar até que eu finalmente fique mole e ele precise me amparar antes que eu caia.

Wyatt parece muito satisfeito consigo mesmo enquanto retira os dedos, e eu gemo quando ele os leva à boca e suga meu orgasmo.

"Delicioso pra caralho", ele murmura.

Recuperando o fôlego, tento arrumar meu cabelo para que não pareça um ninho de pássaro.

"Vai", diz Wyatt. "Antes que alguém perceba que sumimos."

Meu olhar se detém no volume bem visível em sua virilha. "Sinto que não deveria te deixar nessa situação."

“Eu cuido disso mais tarde.”

Luto contra um gemido. "Fotos ou não aconteceu."

"Se você se comportar bem, eu mando um vídeo", ele diz arrastado, e então dá um tapa na minha bunda antes que eu desapareça nas sombras.



BATE-PAPO ENTRE HOMENS:

MODO FURTIVO

GRAY DAVENPORT E aí, que merda é essa? Você criou um novo grupo de bate-papo sem o AJ?? DEAN DI LAURENTIS O pai dele também não está lá. Esta é uma zona livre de Connelly. JOHN

LOGAN Que bom que ele se foi. JOHN TUCKER Sua inveja está ficando patética, cara. JOHN LOGAN Não me importo. Ele não respeita a hierarquia de melhores amigos. BEAU DI LAURENTIS

Gente, eu não consigo entrar num grupo novo de homens. Mal consigo acompanhar o grupo original. DEAN DI LAURENTIS Não se preocupe, é só temporário. Estamos abrindo um fórum para discutir sobre a garota. GRAY DAVENPORT Que garota?

GARRETT GRAHAM Espera, é para isso que serve esse grupo?

Achei que fosse para planejar uma festa surpresa para o aniversário do Jake. JOHN LOGAN Nossa. Você planejaria uma festa para ele?

Por que você não chupa o pau dele também? GARRETT GRAHAM

Eu deveria. Ele provavelmente ficaria grato e agradeceria depois, ao contrário do meu outro melhor amigo, que provavelmente agiria de forma mesquinha e insegura. JOHN TUCKER Eu não gosto dessa analogia. DEAN DI LAURENTIS Foco. Alguém deveria dizer ao AJ que a namorada dele é péssima? GRAY DAVENPORT

Hahahahahaha BEAU DI LAURENTIS É, não vamos fazer isso.

GARRETT GRAHAM É problema dele. DEAN DI LAURENTIS

Ela deu em cima do Hunter ontem à noite. JOHN LOGAN Sério???

HUNTER DAVENPORT Por que você está me arrastando para isso, Dean? Eu te disse para não falar nada. GRAY DAVENPORT

Espera, ela deu em cima do meu pai e não de mim? Que droga. Não que eu queira que ela dê em cima de mim. Mas mesmo assim.

GARRETT GRAHAM Defina "dar em cima". HUNTER

DAVENPORT Eu acordei por volta das 2 da manhã para pegar um copo d'água e a Tara entrou na cozinha com uma roupa curta e

começou a flertar. JOHN LOGAN Flertar como? HUNTER

DAVENPORT Ela me chamou de papai e disse que sempre quis ser uma sugar baby. JOHN TUCKER Nossa! HUNTER DAVENPORT

Ela estava bêbada. Não levei a sério. DEAN DI LAURENTIS

Então, qual dos Golden Boys terá a honra de contar para o AJ?

Beau Di Laurentis saiu do grupo de bate-papo "Man Chat: Stealth Mode"

Gray Davenport saiu do grupo de bate-papo "Man Chat: Stealth Mode"

DEAN DE LAURENTS Covardes.

CAPÍTULO33

BLAKE

Deus me livre de querer me hidratar.

WYATT E EU ESTAMOS FLERTANDO COM O PERIGO.

Nos quatro dias seguintes, conseguimos ficar juntos sem sermos pegos, embora isso não signifique que não tenhamos chegado perto. De alguma forma, conseguimos nos safar de situações ridículas com explicações, e de alguma forma, ninguém, em um grupo composto por algumas das pessoas mais inteligentes que já conheci, percebeu nada.

Depois de uma mamada particularmente arriscada em um barco no meio do dia, Demi Davenport me pega fugindo, e eu finjo que estava perseguindo um pássaro porque, sabe, eu tinha começado a observar pássaros. O que me obriga a pesquisar curiosidades sobre pássaros mais tarde para poder contar a todos sobre o chapim-de-montanha no jantar, enquanto Wyatt mal consegue conter o riso.

No dia seguinte, estávamos mais ousados. Enquanto todos tomavam sol ou cochilavam na praia e no píer, comecei a masturbá-lo no lago. Para quem estivesse olhando, parecia que estávamos apenas relaxando, apoiando os cotovelos na plataforma flutuante, mas debaixo d'água? Uma verdadeira orgia. Não o deixei gozar, e foram dez longos minutos até que ele

conseguisse sair da água em segurança. Acho que vi Stella nos lançando um olhar estranho naquele dia, mas nunca se sabe com Stella, por causa daquela cara de poucos amigos que ela tem.

O maior risco ocorreu ontem à noite, quando Wyatt enviou uma mensagem de texto por volta da meia-noite.

SONGBOY: Não durmo desde que o circo chegou, sardenta. Vem dormir comigo. É muito perigoso. Você sabe que vamos fazer mais do que dormir. SONGBOY: Só dorme. Prometo. Por favor, meu bem.

Não consigo negar nada ao Wyatt quando ele me chama de "meu bem".

Ou quando ele implora. Então, saí sorrateiramente do meu quarto e fui para o dele, ele levantou o cobertor para que eu pudesse me aconchegar embaixo dele, e então ele dormiu nos meus braços por horas. Saí de fininho pelo corredor ao amanhecer, apavorada que alguém me pegasse, mas, graças a Deus, o caminho estava livre.

Mesmo assim, recuso-me a arriscar novamente quando ele tentar me levar para o quarto dele na noite seguinte. De jeito nenhum vou abusar da sorte.

Beau e eu passamos para a próxima fase do torneio de badminton, e ele insiste em treinar todas as manhãs por pelo menos trinta minutos. Você pensaria que seria estranho, considerando que ele tentou transar comigo na noite da fogueira, mas as coisas parecem normais entre nós. Ele se desculpou no dia seguinte, disse que estava bêbado e voltou à nossa amizade.

Quando contei para o Wyatt, ele ergueu uma sobrancelha e disse que não havia a menor chance de ser algo platônico da parte do Beau. "Um homem não quer transar com você um dia e voltar a te ver como amiga no dia seguinte", alertou Wyatt, mas prefiro acreditar que Beau deixará qualquer atração que ainda sinta por mim desaparecer. Pelo menos, espero que sim.

Hoje estou passando a tarde com a minha mãe na praia. Reservamos duas cadeiras no nosso pequeno pedaço de areia e estou contando para ela tudo o que pesquisei durante o verão.

"Então, esses Spencers", ela diz, "temos certeza de que não são assassinos em série?"

"Tenho quase certeza, mas nunca se sabe."

"E que podcast é esse que você está fazendo com eles?"

"Ah, eu não estou fazendo isso oficialmente. O pequeno Spencer não para de me encher o saco para ser coapresentadora dele, mas eu só concordei em gravar um episódio especial sobre a Darlie." Eu olho para ela com um sorriso largo. "Estou me divertindo muito com esse mistério, mãe.

Cada vez que eu mando um e-mail pedindo informações e eles me respondem, é como se eu ganhasse o presente mais emocionante de todos os tempos."

Consigo perceber que ela está se segurando para não rir de mim. "Sua nerdice não tem limites, querida."

"Eu sei." Dou de ombros com pesar. "Coitado do meu pai. Tenho certeza de que ele gostaria que eu fosse mais descolada. Ou que gostasse de esportes."

"Claro que não. Seu pai não se importa com o que você faz, contanto que você seja feliz." Ela sorri para mim. "E claramente o verão de

Blake foi um sucesso.”

Franzi a testa. "Quer dizer, não exatamente. Ainda não tenho ideia do que quero fazer depois da faculdade."

“Não sei… Parece que você sabe, sim.”

A ruga na minha testa se aprofunda. "O quê, tipo pesquisar coisas?

Tenho quase certeza de que 'assistente de pesquisa' não é exatamente uma carreira lucrativa."

"Ei, nunca se sabe. Esse podcast também parece promissor, e com certeza é algo que pode te render dinheiro eventualmente. E se fizer

sucesso?"

Me remexo desconfortavelmente. "Não quero esse tipo de atenção."

Ela ergue uma sobrancelha. "Hum, sério? Então você não quer que o mundo saiba o quão inteligente, perspicaz e cativante você é?"

“Mãe, relaxa. Passei o verão pesquisando uma história de fantasmas.

Você ficar criando toda essa expectativa é o equivalente a alguém pendurar o desenho do filho pequeno na geladeira.”

Ela ri. "Você realmente precisa se valorizar mais."

Dou de ombros em resposta.

Após uma pausa, o tom da mãe torna-se cauteloso. "Há alguma novidade sobre Isaac?"

Dou um gole na minha água. "Não. Além da nossa contínua batalha pela guarda do Hot Boi."

"Sabe, a gente podia simplesmente comprar outra torradeira para você", suspira a mãe.

“Não é essa a questão. É uma questão de princípio. Eu comprei essa, portanto é minha. E ele nem queria essa marca”, reclamo. “Ele está brigando pela Hot Boi, enquanto que, se dependesse dele, teríamos comprado a torradeira boba com apenas duas fendas. Duas.”

“Tem certeza de que não está obcecada por esse rapaz? Porque… aquilo foi muita paixão.”

“Acredite em mim, não é paixão pelo Isaac. Não tenho mais sentimentos por ele. Não penso nele romanticamente há meses.”

Voltamos para casa para almoçar, o que é um caos, já que a casa ainda está cheia, todos os quartos ocupados e a casa de barcos lotada. Tem tanta gente que precisamos usar tanto a mesa da sala de jantar quanto a do convés para acomodar todo mundo.

Estou sentada na mesa do lado de fora, ao lado da irmã de Beau, Kate, terminando meu hambúrguer, quando recebo uma mensagem do pequeno Spencer.

Dou uma olhada rápida em Wyatt, que está sentado a algumas cadeiras de distância de mim. "O pequeno Spencer manda um oi."

"Eles voltaram para Nova York?", pergunta ele, pegando seu copo d'água. "Faz tempo que não os vemos."

“Não. Acho que no final de agosto. Eles estão muito ocupados. Vou para lá na semana que vem para gravar o episódio da Darlie com eles.”

“Esses Spencers”, meu pai diz para Wyatt. “Eles não são mesmo uns tarados?”

"Não, eles são simplesmente muito estranhos", responde Wyatt, e os Golden Boys caem na gargalhada.

É claro que Tara está sentada no colo de AJ, mas isso não a impede de ficar olhando para Wyatt sempre que pode, o que me irrita. Sim, ele está irresistível hoje — almoçar sem camisa faz isso —, mas essa garota pode manter os olhos longe dele, obrigada. Ela tem o próprio namorado lindo para admirar. E quando digo lindo, quero dizer lindo mesmo. Qualquer filho de pessoas tão bonitas quanto Jake e Brenna Connelly está destinado a ser deslumbrante, mas AJ supera as expectativas com seus olhos castanhos profundos, traços esculpidos e cabelo escuro que sempre cai com tanta elegância sobre a testa.

“Adorei a ideia do podcast”, diz Gigi, entrando na conversa. “Você deveria fazer mais do que um episódio como convidada, Blakey. Você tem noção de quanto dinheiro as pessoas estão ganhando com podcasts hoje em dia?”

"Bobagem", diz AJ, com dúvida.

“É verdade”, ela argumenta. “Dá para ganhar muito dinheiro, principalmente se você oferecer uma versão em vídeo. Minha amiga Diana criou um canal de líderes de torcida — os vídeos dela são como um dia na vida de uma treinadora de líderes de torcida, e ela também faz um podcast semanal. Ela tem mais de dois milhões de inscritos e ganha de quatro a cinco dígitos por vídeo.”

Meu pai assobia. "Nossa." Ele me olha de relance. "O que você está esperando, meu bem? Agora somos uma dinastia de podcasts."

Reviro os olhos. "Vamos ver como esse episódio com participação especial se sai primeiro."

"Tudo bem", resmunga ele, e então arrasta a cadeira para trás.

“Para onde você vai?”, pergunto.

“Vamos lá dentro preparar uns drinques para depois do almoço. Quem quer um LMD?”, pergunta o pai ao grupo, e Wyatt engasga no meio do gole, cuspindo água por todo o queixo.

Evito diligentemente o seu olhar porque sei que, se o fizer, vou cair na gargalhada.

"Você está bem?", pergunta Gigi à sua irmã gêmea.

"Tudo bem." Ele tosse e limpa o rosto.

"Tem certeza?", diz Beau, inclinando-se para o lado para poder sorrir para Wyatt. "Porque, do meu ponto de vista, você está bebendo água. Você sabe que tem cerveja aqui, né?"

“Deus me livre de querer me hidratar”, diz Wyatt.

“Não, o Beau tem razão”, intervém Gray, franzindo a testa. “Você não ficou bêbado nenhuma vez desde que chegamos aqui.”

"O quê, a gente não é mais descolado o suficiente para vocês?", brinca AJ.

"Você nunca foi legal o suficiente para mim", responde Wyatt francamente.

"Você também não fuma quase nada", diz Gigi de repente, olhando para ele com curiosidade.

"Estou tentando desistir", diz ele, dando de ombros.

Gray bufou. "Desde quando?"

Outro encolher de ombros. "Já que ouvi dizer que as garotas não gostam."

Mordo o lábio para esconder aquele sorriso bobo e enorme. Meu Deus.

Ele está falando comigo. Eu achava que ele não fumava porque era preguiçoso demais para ir até a cidade comprar cigarros. A

constatação de que ele parou por minha causa faz meu coração disparar como um balão de hélio.

Eu ajudo a limpar a bagunça do almoço, depois subo rapidinho para fazer xixi e trocar de roupa para colocar o maiô. As meninas e eu queríamos tomar sol um pouco, mas esse plano muda quando aparece uma mensagem do Wyatt.

SONGBOY Venha tirar uma soneca comigo.

Abandono o biquíni na cama e saio furtivamente pela porta, meus pés descalços correndo em direção ao quarto azul.

Como eu disse, não posso negar nada a esse homem.

CAPÍTULO34

WYATT

Tudo que você faz me excita

ABRO OS OLHOS E VEJO A LUZ SUAVE DA TARDE ENTRANDO PELA JANELA.

Blake está enroscada em mim, com a bunda encostada na minha virilha, os braços prendendo minha mão contra o peito.

Puta merda, dormir é bom demais.

Eu nunca tinha dormido direito antes deste verão em Tahoe, e é como se alguém que foi privado de um sentido vital de repente o recuperasse. Antes de Blake, minha mente não parava de trabalhar, principalmente à noite, estendendo aquelas horas de silêncio para sempre. Agora, parece que alguém abaixou o volume na minha cabeça. O barulho ainda está lá se eu prestar atenção. Mas prefiro ouvir a respiração tranquila de Blake e os sons quase inaudíveis que ela faz enquanto dorme.

E isso me apavora, porque não consigo mais mentir para mim mesma.

Não consigo mais fingir.

Eu não a quero apenas.

Eu preciso dela.

Não só para dormir. Mas… para tudo. A ideia de deitar sozinho numa cama de novo me dá arrepios. A ideia de entrar num quarto e não a ver

absorta em alguma página da internet ou livro nerd evoca uma profunda sensação de perda. Ela é um vício do qual não sei se consigo me livrar.

Ou quer romper.

Blake se mexe, soltando um pequeno suspiro. "Que soneca boa."

Ela se vira e inclina o rosto em direção ao meu. Suas bochechas estão coradas de sono, o cabelo castanho despenteado, e meu coração aperta tanto que chega a doer. Ela é tão pura e despreocupada assim. É lindo.

Ela estende a mão para acariciar meu queixo, roçando a barba por fazer.

Seu toque me causa um arrepio, e por algum motivo, meu corpo reage àquele carinho inocente.

Eu reprimo um gemido. Ela percebe, é claro.

"Isso te excitou?", ela provoca. "Eu tocando seu queixo?"

"Sim", admito com a voz rouca.

"Por que?"

"Porque tudo o que você faz me excita."

Afasto uma mecha de cabelo do rosto dela, e ela sorri. "Seus dedos são sempre tão ásperos."

“Eu sei. Me desculpe. Calos de guitarra.”

“Eu gosto. Gosto da sensação que proporciona à minha pele.”

Ela pressiona a bochecha contra minha mão, esfregando-se nela como um gato. Mas isso só aproxima ainda mais o corpo dela do meu, e eu sei que ela consegue sentir o quanto estou excitado.

Ela entreabre os lábios, e interpreto isso como um convite. Eu a beijo.

Lento a princípio, provocante, mas então a mão dela desliza entre nós para me envolver por cima da calça de moletom, e meu autocontrole se quebra.

Aprofundo o beijo, minha língua mergulhando, arrancando um suspiro de sua garganta.

"Silêncio", murmurei.

Quando ela enfia a mão na minha calça e tira meu pênis para fora, eu seguro a mão dela.

“Essa cama range demais”, lembro a ela. “Não podemos transar.”

"Quem falou em transar?" Com um sorriso malicioso, ela levanta minha camisa e beija minha barriga antes de descer mais.

Ela alcança meu pênis e deposita um beijo suave na ponta, seguido por uma lambidinha atrevida. Minha mão se move para a nuca dela, os dedos se enroscando em seus cabelos.

“Não temos tempo para brincadeiras”, aviso.

“Hum, sério?” Ela olha para mim, e não há visão mais sexy do que Blake de joelhos com a boca pairando sobre meu pau. “Você está dizendo que quer rápido e forte?”

"Quero aquela boca faminta me sugando até a última gota."

Sorrindo, ela inclina a cabeça e um gemido baixo escapa quando sua boca quente e úmida me envolve, até a base. Ela murmura ao redor do meu membro e sinto a vibração em todo o meu corpo. Meu Deus. Meus quadris se elevam involuntariamente. Ela agarra minha coxa, as unhas cravando na minha carne enquanto geme de prazer ao meu redor.

Eu sorrio maliciosamente para ela. "Você gosta disso, não é? Meu pau na sua boca?"

Ela geme novamente e envolve a base do meu pênis com a mão, apertando com tanta força que me faz xingar. Empurro meus quadris mais uma vez, a cabeça do meu pau tocando o fundo da garganta dela, e quando a sinto engolir, quase desmaio.

“Sim, exatamente assim.” Minha voz está rouca e desesperada. “Leve tudo.”

Ela me acaricia enquanto sua boca quase se retira completamente, para depois me sugar novamente. Mais fundo. Mais rápido. Meu maxilar se contrai enquanto a observo me fazer sexo oral. Enquanto sinto meu controle escapar.

“Você é tão boa nisso, sardenta. Tão perfeita com esses lábios em volta de mim.” Meu aperto em seu cabelo se intensifica. “Você quer que eu vá

atrás de você?”

“Hummm”, ela murmura com a boca em volta do meu pau.

“Você vai engolir cada gota?”

“Hum.”

“Essa é a minha garota boazinha.” Meus quadris começam a se mover, o prazer se acumulando nos meus testículos, percorrendo minha espinha.

A língua de Blake roça o ponto sensível sob a glande do meu pênis a cada movimento ascendente. Ela acelera o ritmo, determinada a me levar ao clímax, e minha cabeça cai para trás no travesseiro, meu corpo se tensionando.

“Jesus, estou quase lá. Não pare, meu bem, não pare, porra.”

Ela geme novamente, e eu também. Minha voz sai em suspiros entrecortados enquanto me aproximo do clímax. Meu corpo estremece quando ejaculo em sua boca, e ela faz exatamente o que eu mandei. Engole tudo, até a última gota, sua garganta trabalhando enquanto me suga até a última gota. Seus lábios estão inchados e úmidos quando ela finalmente levanta a cabeça e me olha com um sorriso satisfeito.

Meu peito está ofegante. "Droga. Você é mesmo uma criaturinha suja

__"

“Wyatt?”

Ouvi uma batida na porta, acompanhada pela voz ríspida do meu pai.

Nós congelamos.

“Campeão, você está aí?”

Os olhos de Blake se arregalam em pânico. Ela se levanta tão rápido que bate na mesa de cabeceira. É claro que o pai, com sua audição sobre-humana, não deixa isso passar despercebido.

“Que bom, você é. Posso entrar?”, ele pergunta.

"Merda!", resmungo, levantando-me de um pulo.

Eu puxo a calça de moletom por cima do meu pau, mas ele continua duro, e é uma luta conseguir cobrir minha ereção pulsante com o tecido.

Blake salta da cama assim que a maçaneta começa a girar.

“Sua mãe e eu estávamos conversando sobre…”

Ele entra como um completo idiota, segundos antes de Blake se atirar no banheiro. Ela nem consegue fechar a porta, apenas se joga atrás dela, que permanece entreaberta.

“Ah.” Papai para de falar quando me vê na cama. “Você está ocupada.”

Seu olhar se fixa na ereção que tento esconder com a mão. Abafando um gemido, ele se afasta rapidamente.

"Cara", ele suspira. "Você devia trancar a porta quando estiver fazendo isso."

Sim. Eu deveria.



FAMÍLIA

DEAN Crianças, não apoiamos o último jogo da sua mãe. Vou realizar meu próprio evento ao mesmo tempo. Tenho certeza de que é óbvio, mas vocês participarão do meu evento. IVY Mãe, por favor, nos diga o que fazer. KATE Eu não gosto do novo nome do grupo de bate-papo. É ridículo. BEAU Qual é o evento?

CAPÍTULO35

BLAKE

Estou pronto agora

O ÚLTIMO DIA DOS JOGOS DE TAHOE CHEGA E PASSA. BEAU E EU NÃO

conseguimos vencer Allie e meu pai nas semifinais, o que significa que eles avançam para a final, onde destroem completamente Alex e Wyatt. E como ambos são vencedores arrogantes, passam o resto do dia se gabando e depois vão à cidade comprar mil dólares em bifes. Todos reclamam quando eles anunciam que vão fazer um churrasco para comemorar, mas o cheiro dos bifes na grelha é tão bom que ninguém consegue ficar longe.

Ao longo da semana seguinte, a casa no lago fica progressivamente mais silenciosa. As mulheres da família Tucker vão embora; Jamie e sua mãe têm processos judiciais para resolver, e Alex está viajando para Saint-Tropez. Tucker permanece, assim como Dean, mas os outros adultos partem, deixando as crianças para trás, e Ryder precisa voltar para Dallas para se preparar para o treinamento de hóquei.

Passo um tempo com Gigi, Stella e Ivy, curtindo as tiradas sarcásticas da Stella, a maioria delas direcionada aos Garotos de Ouro. Ela chama o Beau de Sr. Perfeito, o que o irrita profundamente, mas ela não está errada.

Ele é irritantemente perfeito.

Mais tarde naquela noite, nos reunimos no telhado da casa de barcos, os rapazes passando um baseado de mão em mão enquanto Stella soltava comentários sarcásticos — alguns para Tara, que passavam completamente despercebidos pela loira, e outros para o irmão dela, que revidava na mesma moeda. Ela e Gray têm uma relação fraternal bem-humorada e conflituosa, sempre se provocando. Como filha única, acho isso divertido.

Wyatt está passando a noite com o pai. Eles estão jogando cartas lá dentro, e espero que Garrett não esteja pegando muito no pé dele por ter flagrado Wyatt se masturbando outro dia. Foi por pouco. Tão pouco que me recuso a arriscar de novo.

Balanço a cabeça negativamente quando AJ me oferece o baseado. A fumaça passiva está me deixando zonzo, então me levanto e caminho até a beirada do telhado, perto o suficiente para conseguir ver a água. Não que eu tenha alguma fobia ou algo do tipo.

Ah, tá bom. Eu tenho. Tenho pavor de altura. Não acredito que fiquei aqui em cima no mês passado, pronta para pular do telhado no escuro porque o Isaac me mandou uma mensagem que despertou minhas inseguranças.

Quando meu celular vibra, eu o pego para encontrar uma mensagem do pequeno Spencer, que prefere mandar mensagens com uma quantidade exagerada de pontos de exclamação e letras maiúsculas.

LITTLE SPENCER: Editando o episódio agora e está

INCRIVELMENTE BOM!!! Spence acha que é um dos melhores episódios que já fizemos!!

Eu digito uma resposta rapidamente.

Mal posso esperar para ver/ouvir! Pode me enviar assim que terminar a edição?

O PEQUENO SPENCER NO MOMENTO EXATO!!

Guardo meu celular quando Beau se junta a mim, com as mãos enfiadas nos bolsos do seu moletom cinza da Briar U. Ele não diz nada, apenas olha fixamente para o lago, mas sinto a tensão emanando dele. Viro-me para observar seu perfil ao mesmo tempo que ele se vira para mim. Seus olhos verde-claros transmitem frustração.

"O que houve?", pergunto a ele.

"Eu quero muito te beijar agora."

Que droga.

Me remexo desconfortavelmente. "Beau..." Minha voz falha, sem saber o que mais dizer.

“Droga. Desculpe.” Ele volta a olhar para o lago.

Busco desesperadamente uma maneira de tornar isso menos constrangedor. "Não podemos falar sobre isso" é o que me ocorre.

Beau inclina a cabeça. "Lembre-me de novo por que não? Porque, se bem me lembro, já estivemos lá antes."

“Quase quatro anos atrás”, aponto. Não consigo conter o riso. “Você esperou quatro anos para pedir uma repetição?”

"Quer dizer, eu achei que tinha deixado bem claro que toparia repetir a dose a qualquer momento", diz ele, com ironia.

Engoli uma onda de infelicidade. Às vezes eu sentia isso, mas sempre ignorava, na esperança de que passasse. Não porque eu não me visse envolvida com o Beau — na verdade, talvez nos déssemos bem. Mas esse é o problema. Acho que, no fundo, eu sabia que escolher o Beau significaria que ele tentaria se envolver profundamente comigo, e eu não estava pronta para isso naquela época.

Estou pronto agora.

Mas talvez a única razão pela qual eu esteja assim seja por causa de quem está me vendo.

"Você está pensando demais", acusa Beau, suspirando.

"Eu sei."

“Por que não podemos ir lá, B?” ele insiste.

Mordo a parte interna da minha bochecha, ignorando a ardência da dor.

"Estou meio que saindo com alguém."

"Quem?", pergunta ele, surpreso.

"Ainda não estou pronta para apresentá-lo à família", minto. "Ainda é cedo." Hesito, porque não quero que isso fique pairando sobre nós, sem solução, caso eu esteja solteira no futuro. "Mas mesmo que ele não estivesse envolvido, ainda assim não seria uma boa ideia. Você e eu."

A mágoa pesa sobre seus olhos. "Por que não? Porque você é um ano mais velho que eu?"

“Não, isso não me importa. O que me importa é a nossa amizade. Você é uma das minhas melhores amigas. Eu jamais gostaria de perder isso.”

“Ficar juntos não significa que vamos perder a cabeça.”

"Ficar com alguém indiscriminadamente sempre significa perder a virgindade."

De repente, minhas próprias palavras ecoam na minha cabeça, provocando uma pontada de preocupação. Porque, se esse

sentimento for verdadeiro, e se me envolver com o Wyatt nos condenar a uma vida inteira de constrangimento? Nossas famílias sempre serão amigas. Isso significa que ele sempre estará na minha vida, para o bem ou para o mal.

O que é uma razão ainda melhor para não incluir Beau nessa história.

CAPÍTULO36

WYATT

Eu nunca sei o que estou fazendo.

MEU PAI É UMA DAS MELHORES PESSOAS QUE CONHEÇO. ACHO QUE É POR

isso que a ideia de decepcioná-lo sempre me causou uma ansiedade paralisante. Durante toda a minha vida, tentei muito amar hóquei da mesma forma que ele ama, mas simplesmente não é para mim. Nunca foi. E isso criou um distanciamento entre nós.

A pior parte? Eu sou bom no hóquei. Sou naturalmente atlético. Se eu fosse ruim, pelo menos meu pai ficaria aliviado por eu não estar lá me envergonhando no gelo. Infelizmente, tenho talento suficiente para, se tivesse me esforçado, provavelmente ter me tornado profissional. Joguei no ensino médio principalmente para fazê-lo feliz.

Mas era a música que me chamava. No final do décimo ano, finalmente contei a ele que ia sair do time. E como ele é um bom pai, não surtou. Não tentou me dissuadir. Simplesmente disse que eu precisava seguir meu próprio caminho. Eu deveria ter interpretado isso como prova de que ele me apoiava, mas sempre houve — e ainda há — aquela dúvida persistente.

Aquele medo de tê-lo decepcionado. Está no fundo da minha mente quase todas as vezes que estamos juntos.

Esta manhã, estamos malhando na academia do porão. Meu pai me ajuda enquanto eu me deito no banco de musculação, levantando mais peso do que costumo levantar.

"Caramba", diz ele, assobiando. "Não sabia que você estava se dedicando tanto neste verão."

“Quer dizer, não há muito mais o que fazer.”

Minha rotina de verão tem sido bem consistente. Compor música, nadar, tirar um cochilo, malhar, transar com o Blake. Repetir.

“Obrigado por cuidar do Blake enquanto você esteve aqui”, diz ele enquanto coloca a barra de volta no suporte.

Sento-me e estico os ombros. "Não foi nada difícil. Ela é ótima."

“Quando você volta para Nashville? Ainda pretende ir no final do verão?”

“Acho que sim. Mas talvez não em Nashville. Esse produtor, Tobey Dodson, trabalha em um estúdio em Nova York e volta para a cidade em setembro.”

“Como você está com relação ao dinheiro?”

Levanto-me do banco e caminho até a prateleira de toalhas que o mordomo Henry vem lavar e repor a cada poucos dias. Pego uma e enxugo o suor do meu pescoço.

“Ainda tenho bastante dinheiro no fundo fiduciário”, asseguro-lhe.

“Além do dinheiro que ganho fazendo shows e da grana que economizei com todos aqueles trabalhos na construção civil. Para ser sincero, mal mexi no meu fundo.”

“Que bom. Ser pago para tocar significa que você é um músico de verdade.” Meu pai pisca para mim, mas não deixo de notar o brilho

de orgulho em seus olhos cinzentos.

“Sim. E eu ganho uma quantia razoável com as transmissões ao vivo e os vídeos que publico usando minha conta de anúncios.”

“Bem, se você precisar de alguma ajuda minha ou da sua mãe, é só nos avisar.”

Concordo com a cabeça, mas não pretendo pedir ajuda tão cedo. Vou fazer vinte e cinco anos daqui a dois meses. Não deveria mais aceitar esmolas dos meus pais. Mas agradeço a oferta. Nem todo mundo tem uma rede de segurança como a minha, e eu jamais a daria por garantida.

Terminamos o treino na academia, mas antes que eu pudesse ir para as escadas, meu pai disse: "Espere aí. Quero te mostrar uma coisa."

Contornamos a sala de projeção e a área de jogos em direção ao que costumava ser um enorme depósito. Agora é um espaço vazio, todo o conteúdo foi removido.

“É aqui que eu quero montar o estúdio da sua mãe. Eu estava esperando que você pudesse me ajudar com isso. Escolher os equipamentos e tudo mais que ela precisar.” Ele parece envergonhado. “Eu poderia construir uma arena de hóquei de olhos fechados e encher o vestiário com tudo o que você precisaria, mas isso não é a minha especialidade.”

O que eu amo no meu pai é que ele não é um machão fanfarrão que finge que pode fazer tudo. Ele consegue ser humilde. Provavelmente porque cresceu com um pai que não conhecia o significado dessa palavra. Eu nunca gostei do meu avô. Nas raras vezes em que o víamos, ele parecia falso.

Manipulador. Isso me lembra o que Blake disse sobre Isaac ser brilhante.

Era o Phil Graham também. Brilhante na superfície, e aí você olha mais de perto e vê que ele está todo arranhado.

“Claro, posso ajudar.” Franzi a testa. “Mas não faria mais sentido simplesmente perguntar à mamãe o que ela quer?”

"Eu faria isso se não fosse uma surpresa de aniversário", diz ele com um sorriso. "Ela não tem ideia do que estou aprontando. Recrutei o Houseman Henry para esvaziar este espaço. Ele passou o verão inteiro carregando caixas para o depósito da casa de barcos, aos poucos."

“O verão inteiro? Como é que não o vimos nem uma vez?”

“Ele é como o vento”, diz o pai, solenemente.

"Sério."

Passamos os dez minutos seguintes percorrendo a sala, discutindo a logística da instalação de um estúdio de música. Mais tarde, meu pai sai para beber cerveja com os amigos, e eu vou até a cozinha, onde encontro minha mãe no fogão.

“Estou fazendo sanduíches de queijo grelhado”, ela diz quando me vê.

“Você quer um, querido?”

"Sim, por favor." Eu me sento no balcão, sorrindo enquanto a observo virar o sanduíche na frigideira.

Isso me faz lembrar de quando eu e a Gigi éramos pequenas. Sempre que a mamãe cozinhava, a Gigi corria para assistir hóquei com o papai na sala de estar, enquanto eu ficava na cozinha conversando com a mamãe. Às vezes, ela cantava enquanto cozinhava, e eu cantava junto, praticando harmonias. Essas são algumas das minhas melhores lembranças.

"Desculpe por não ter sido legal com você", deixo escapar, enquanto uma onda de culpa toma conta das minhas cordas vocais.

Mamãe se vira do fogão, com os olhos arregalados. "Do que você está falando?"

"Eu sei que você só está tentando ajudar quando se trata da minha música. E eu vivo te criticando por isso." Engulo em seco, sentindo um nó na garganta. "Eu me sinto mal. E me desculpe."

Ela me dá um sorriso gentil. "Está tudo bem. Eu entendo."

"Você realmente acha isso?"

A mãe desliza a espátula por baixo do sanduíche de queijo grelhado e o vira novamente, dourando o outro lado. "Claro. Parece um golpe no seu orgulho. Me lembra seu pai. Ele é orgulhoso demais às vezes. Mas até seu pai sabe quando aceitar ajuda."

“Não é que eu não queira sua ajuda—”

“Eu prometo que entendo. E agradeço o pedido de desculpas. Mas, para que conste, o motivo pelo qual tento oferecer minha ajuda — dentro dos limites das regras, é claro”, acrescenta ela com um sorriso, “não é porque você é meu filho. Faço isso porque você é muito talentoso, Wyatt.”

Eu mordo o lábio.

“Eu amo você e sua irmã igualmente, e vocês duas são meu mundo.

Mas você… você também é minha alma. Você sente a música da mesma forma que eu. Eu componho músicas desde sempre, assim como você.” Ela faz uma pausa, a voz suavizando. “Eu nunca te contei isso antes, mas passei por uma fase difícil na adolescência. Um trauma bem pesado.”

A preocupação me dá um frio na barriga. Quero perguntar o que aconteceu, mas uma parte de mim não tem certeza se quero saber a resposta.

“Foram necessários anos de terapia e de muita gentileza e compaixão comigo mesma para superar isso. E sempre que eu sentia que não aguentava mais, me distraía com música. Me perdia nas canções.” Ela ri. “Às vezes, ouço música na minha cabeça quando estou tentando dormir.”

“Eu sei como é.”

“Claro que sim. Porque você herdou isso de mim. E quero que saiba que, se alguma vez eu insistir para que você faça algo, será apenas porque quero que outras pessoas também experimentem esse seu dom.”

“Então você está dizendo que se eu não soubesse cantar afinado, você não estaria me promovendo como um filhinho de papai para toda essa gente da indústria?”

A mãe bufou. "Deus me livre. Eu teria encontrado um jeito mais gentil de te incentivar a buscar uma carreira diferente."

Acredito nisso. Mamãe pode transbordar compaixão, mas não permite ilusões. Ela mantém os pés no chão.

Ela desliza o prato pela mesa e eu dou uma mordida no queijo grelhado, mesmo sabendo que acabou de sair da frigideira. Enquanto tento soprar a



comida na boca, ela ri e me traz um copo d'água. Eu a engulo de uma vez e, como sou masoquista, dou outra mordida imediatamente.

“Espere só até esfriar”, repreende a mãe, gargalhando.

“Não. É bom demais. Fica melhor quando o queijo ainda está derretendo.” Mastigo devagar. “Então… tenho algumas faixas que gostaria de saber sua opinião. Quero enviá-las para o Tobey esta semana.”

Os olhos dela brilham. "Ah, eu adoraria. Estou louca para saber no que você tem trabalhado neste verão."

"Acho que é um dos meus melhores trabalhos", confesso.

“Nossa. Você nunca elogia a sua própria música.”

"Eu sei, mas... é", digo rispidamente. "Este é um bom material. Acho que encontrei minha inspiração."

O nome dela é Blake.

Mas guardo essa parte para mim.

Todos os pais saem para a cidade naquela noite, deixando a casa de barcos vazia para os Garotos de Ouro darem uma festa. Minha energia social precisa desesperadamente ser recarregada, então peço demissão e fico na casa principal. Minha irmã também decide ficar, o que atrapalha meus planos de levar Blake para o andar de cima e transar com ela até ela não conseguir enxergar direito.

Em vez disso, nós três acabamos tentando resolver o quebra-cabeça juntos na sala de jantar.

“Nossa, vocês dois conseguiram fazer tanta coisa”, comenta Gigi. Ela admira o quebra-cabeça, que está quase três quartos completo. “Quanto tempo vocês levaram para fazer isso?”

“Fizemos um pouco a cada noite”, diz Blake. “Eu fotografei a maior parte do céu porque esse idiota aparentemente não consegue distinguir a cor

preta.”

Gigi sorri. "Que diabos é cegueira para a negritude?"

“Quando você não consegue distinguir entre tons de preto.”

"Porque só existe um tom de preto!", protesto. "Chama-se preto."

Arranco duas peças da caixa. "Está vendo isso? Isto é preto. E está vendo isso? Também é preto."

“Aquela segunda é claramente cinco tons mais clara”, responde Blake, com um ar arrogante. “É quase carvão. Idiota.”

Fiquei boquiaberto. "Sabe, eu não tentei te envergonhar quando você não conseguiu diferenciar o centro da lua do pescoço de um cisne."

“Porque na verdade são do mesmo tom de branco.” Ela aponta o dedo para o cisne, depois para a lua. “Branco e branco.”

“Sim. Branco com penas. Branco com poeira lunar.”

“Que diabos é poeira lunar? Sabe de uma coisa? Eu não ligo. Que se dane você.”

“Vai se foder.”

“Eu disse isso primeiro.”

“Eu disse isso em segundo lugar.”

“Hum.” Gigi pigarreia.

Nós duas olhamos para ela.

E meu estômago revira. Porque esta é minha irmã gêmea, o que significa que conheço cada expressão facial dela, cada brilho em seus olhos, e agora mesmo…

“Vocês estão ficando”, ela acusa.

Um silêncio sepulcral toma conta da sala de jantar. Blake assume o olhar de pânico de um cervo que atravessou a rua correndo e está a segundos de quebrar um para-brisa.

Então, imitando da pior maneira possível alguém que diz a verdade, ela afirma: "Não, não somos".

"Puta merda." Gigi solta um longo e árduo suspiro. "Nossa, vocês dois estão ferrados. Há quanto tempo isso está acontecendo? O verão inteiro? Ou começou recentemente?"

“Nem uma nem outra, porque não está acontecendo nada”, diz Blake, teimosamente. Quando permaneço em silêncio, ela me implora com os olhos: “Diga a ela que não está acontecendo”.

Os lábios de Gigi se contraem. "Sim, gêmea, diga-me que isso não está acontecendo."

Cerrei os dentes. "Vai guardar isso só para você, Stan?"

“Wyatt!” diz Blake, com um olhar de traição. “Diga a ela que não é verdade.”

Suspiro. "Não se preocupe, sardenta. Isso fica entre mim e a gêmea."

Minha irmã demora um tempo alarmante para analisar minha pergunta.

Mas então ela sorri, e eu percebo que está brincando comigo. "Relaxa. Não vou contar para ninguém além do meu marido."

Os olhos de Blake se enchem de pânico novamente.

“Relaxa”, Gigi garante a ela. “Ryder não fala com ninguém.

Literalmente.”

Eu bufei, porque ela tem razão. Meu cunhado não é nenhum tagarela.

Aceitando seu destino, Blake examina o rosto de Gigi. "E você... está bem com isso?"

“Bem, depende do que for. Um caso de verão, eu apoio.” Minha irmã me lança um olhar de advertência. “A menos que seja algo mais?”

"É um caso de verão", responde Blake imediatamente, e embora essa seja a regra que combinamos, a convicção em sua voz me incomoda por algum motivo.

Mesmo assim, concordo com a cabeça. "Estamos apenas nos divertindo até o fim do verão." Quando o olhar cético de Gigi alterna entre nós, reviro os olhos para ela. "Não faça disso uma tempestade em copo d'água."

Quando arranco a cadeira para trás, Gigi franze a testa. "Aonde você vai?"

“Preciso fumar.”

"Pensei que você tivesse desistido", diz ela em tom de desaprovação.

Eu ignoro isso e digo: "Já volto".

Com passos casuais, saio, mas quando minha irmã me encontra no cais dez minutos depois, eu já estou no meu terceiro cigarro.

Gigi caminha em minha direção, seu rabo de cavalo escuro balançando.

"Olha, eu não queria dizer isso na frente do Blake, mas..." Ela balança a cabeça em descrença. "Em que diabos você está pensando?"

Sim, eu sabia que isso ia acontecer.

"Não é nada demais", digo, mesmo enquanto trago nervosamente quase metade do meu cigarro.

Era fácil fingir que eu não estava fazendo nada de errado quando era o nosso segredinho, mas agora que outra pessoa sabe, todos os motivos que me levaram a negar a minha atração por ela voltam com força total.

“Ela é praticamente nossa irmã”, repreende Gigi.

“Acredite em mim, eu nunca a considerei minha irmã.”

“Deus. Os homens justificam qualquer coisa em suas mentes para justificar o sexo.”

“Ei, não transforme isso em uma questão de gênero.”

“Se você a magoar, ela não vai embora. Entendeu?” O semblante de Gigi é duro, mas sua voz é suave. “E você tem um histórico ruim com casos passageiros. Elas sempre se apaixonam por você. Sem exceção. Se você partir o coração dela, não vai ser como aquelas garotas que você deixa para trás e nunca mais vê. Você não pode simplesmente sumir para Boston por alguns meses até que elas te esqueçam. Você vai vê-la, provavelmente pelo resto da vida, a menos que, por algum motivo completamente implausível, seu pai pare de falar com Logan.”



O que ambos sabemos que nunca vai acontecer. Eles são irmãos para a vida toda.

“Quando isso acabar, você vai vê-la no próximo verão em Tahoe”, minha irmã continua. “Você vai vê-la no Natal, nos aniversários. Tem certeza de que sabe o que está fazendo?”

Mordo minha bochecha, sentindo-me inquieta. "Eu nunca sei o que estou fazendo, Stan."

Gigi balança a cabeça negativamente para mim. "É, bem, talvez você devesse começar a descobrir isso."

O aviso da minha irmã ainda me perturba, mas não é suficiente para me impedir de entrar sorrateiramente no quarto da Blake todas as noites pelo resto da semana. Sei que é extremamente arriscado com todos os quartos ocupados, e quando volto sorrateiramente para a minha cama ao amanhecer, tento não questionar por que estou correndo um risco tão grande por essa garota.

Tudo o que sei é que tudo fica mais tranquilo quando ela está por perto.

No bom sentido. Ela acalma o caos na minha cabeça, às vezes até o silencia completamente. Quando estou aconchegado ao lado dela, não fico acordado a noite toda, encarando o teto. Não dormia tão bem há anos, desde criança.

Mas a Gigi tem razão. Preciso descobrir o que vamos fazer. Se o Blake realmente concorda com a despedida daqui a algumas semanas.

Blake? zomba da voz na minha cabeça.

Ok. Eu. Preciso descobrir por que a ideia de seguirmos caminhos separados me deixa tão ansiosa.

Mas qual é a alternativa? Blake vai voltar para Briar para o último ano do ensino médio. Eu tenho um álbum para gravar. Será que vamos ter um

relacionamento à distância? Um relacionamento, ponto final? Eu não me dou bem com relacionamentos. Sempre estrago tudo.

Minha mente está uma bagunça enquanto caminho até o cais. É uma manhã linda e ensolarada, então todos estão na água ou relaxando

na praia.

Os Golden Boys estão dando saltos mortais da plataforma de natação. Tudo o que consigo ver são vislumbres de pele bronzeada e cabelos molhados enquanto um grupo de jogadores de hóquei barulhentos se atira no lago.

Perto dali, Blake e Kate flutuam de costas, com seus longos cabelos se estendendo atrás deles como fios de algas marinhas.

Encontro Tucker cochilando em uma espreguiçadeira, com um boné vermelho de beisebol ostentando o logotipo de uma das academias que ele possui, cobrindo seu rosto. Não quero incomodá-lo, então me acomodo na cadeira mais distante dele e rabisco um pouco no meu caderno de canções.

Por volta do meio-dia, minha mãe grita do parapeito dizendo que o almoço está pronto, caso alguém queira. Ouço um grito de alegria quando AJ pega a mão da namorada e os dois pulam da plataforma para nadar de volta à margem. Gray e Stella fazem o mesmo, mergulhando na água sem hesitar, mas Blake prefere ir até a escada em vez de pular, agarrando-se aos degraus enquanto desce.

Não consigo desviar o olhar dela. Sua pele está bronzeada de tanto pegar sol durante o verão, e o minúsculo biquíni branco só realça esse bronzeado. Observo a parte de baixo subir, revelando uma das nádegas empinadas. Meu pau fica duro na minha cueca. Quero dar umas palmadas naquela bunda.

Há um turbilhão de movimento quando Beau salta da plataforma sem perceber Blake descendo a escada. Seu pé esquerdo roça sua têmpora, e meu coração dispara quando vejo a cabeça de Blake se inclinar para trás um segundo antes de ela submergir.

E não volta a aparecer.

Eu não penso. Não hesito. O instinto assume o controle. Saio da espreguiçadeira e mergulho do cais antes mesmo de perceber o que estou fazendo. Nado em direção a ela a uma velocidade vertiginosa, cortando a água com os braços.

"Blake!", grito e engulo um gole de água.

Por um segundo aterrador, não vejo nada além de bolhas e ondulações perto da escada, mas então ela emerge com uma tosse, estendendo o braço para se agarrar à lateral da plataforma.

Meu mergulho dramático no cais e o grito chamaram a atenção de todos, porque de repente ouvi vozes preocupadas vindas da areia. Ignorei-as e encurtei a distância entre nós, puxando-a contra meu corpo molhado enquanto flutuávamos e nos agarrávamos à borda de madeira.

Você está bem?

Ela pisca para tirar a água dos cílios, esfregando a lateral da cabeça.

"Sim."

"Você sabe nadar?"

Quando ela acena com a cabeça, nos afastamos da plataforma e nadamos em direção à costa. Cambaleamos até a areia, onde acaricio seu rosto com as duas mãos, massageando suavemente sua têmpora. Meu corpo ainda sente um medo fantasma, o pulso acelerado, a pele gelada em resposta àquele momento em que ela mergulhou e à sensação de que meu mundo inteiro havia parado.

“Porra, meu bem. Quando eu vi você afundar…” Respiro fundo.

"Estou bem", diz ela, afastando os cabelos molhados dos olhos. "Só fiquei atordoada por um segundo e depois desorientada. Não tinha certeza de onde estava."

"Aquilo me deixou apavorado." O alívio que percorre minhas veias me faz inclinar para lhe dar um beijo rápido, só para ter certeza de que ela está mesmo ali.

Ela solta um som abafado quando nossos lábios se tocam. A princípio, interpreto sua reação como raiva.

Mas aí eu percebo que é pânico.

E é aí que me lembro que não estamos sozinhos.

Eu a chamei de "bebê".

Eu a beijei.

E não estamos sozinhos.

Alguém pigarreia, e eu viro a cabeça para ver todas as pessoas que conhecemos neste mundo nos encarando.









PAPO DE PAI

DEAN DI LAURENTIS Então. Isso aconteceu. JOHN TUCKER

John Logan removeu Garrett Graham do Dad Chat.

DEAN DI LAURENTIS Muito maduro. JOHN LOGAN Vá se

foder, Dean. COLIN FITZGERALD

DEAN DI LAURENTIS

Jake Connelly adicionou Garrett Graham ao Dad Chat.

Garrett Graham removeu John Logan do Dad Chat.

JOHN TUCKER Adicione ele de volta, G. O pai do pênis precisa se humilhar perante o pai da vagina. DEAN DI LAURENTIS

Concordo. COLIN FITZGERALRD Sei lá… DEAN DI

LAURENTIS Estou de olho em você, Fitz. Você só está dizendo isso porque tem 4 filhos com pênis. GARRETT GRAHAM Isso é besteira. Eu não sou quem tem que se humilhar. JOHN TUCKER

Vou fazer uma enquete. Certo, enviem seus votos.



DEAN DI LAURENTIS E isso é uma vitória para a vagina.

GARRETT GRAHAM Puta merda.

Garrett Graham adicionou John Logan ao Dad Chat.

GARRETT GRAHAM Pare de ser um bebê chorão, cara. Ele não fez isso de propósito. JOHN LOGAN Ah, então ele transou com a minha filha sem querer?

John Logan removeu Garrett Graham do Dad Chat.

John Tucker adicionou Garrett Graham ao Dad Chat.

GARRETT GRAHAM, FAÇA ISSO MAIS UMA VEZ, SEU

IDIOTA. EU TE DESAFIO.

CAPÍTULO37

BLAKE

Estamos lidando com uma emergência nacional.

"HÁ QUANTO TEMPO ISSO VEM ACONTECENDO?"

"Quem começou isso? Foi ele, não foi?"

"Ah, vai se foder. Isso é muito sexista da sua parte."

“Como isso é sexista?”

"O quê, você acha que só porque ele é homem, isso significa que ele tomou a iniciativa? Este é o mundo moderno, John. As mulheres tomam a iniciativa o tempo todo."

“Não me chame de John, Garrett.”

Ah não, eles estão chamando um ao outro pelo nome.

Isto é terrível.

Do meu lugar no sofá, implorei silenciosamente a Gigi. Socorro. Por favor. Ela é a única "não-participante" (como meu pai disse) que teve permissão para entrar na sala principal, porque aparentemente este é um interrogatório exclusivo de Graham e Logan. Todos os outros foram mandados para o deck, o que me deixou grata. Não deixei de notar a mágoa no rosto de Beau quando ele percebeu que Wyatt e eu estávamos ficando.

Não estou pronta para ter que me explicar para ninguém.

"Não importa quem começou", acrescenta Gigi. "Eles têm estado juntos.

E daí?"

"O que é 'sair com os amigos'?", pergunta Garrett, ao mesmo tempo que meu pai rosna: "Defina 'sair com os amigos'".

Hannah troca um olhar com minha mãe. "Certo", ela interrompe.

"Vamos respirar fundo e nos acalmar."

“Sim, vamos nos acalmar”, disse uma voz.

“Não há motivo para pânico”, comenta outra voz. “Sempre soubemos que isso ia acontecer um dia. Eu só presumi que seria um garoto de ouro.”

Nos viramos todos e vemos Tucker espreitando no balcão da cozinha.

Então Dean aparece também, como num passe de mágica. Devem ter entrado sorrateiramente pela porta da frente e subido sem que ninguém percebesse.

“Vão embora”, meu pai gritou para eles. “Estamos lidando com uma emergência nacional.”

"Tudo bem, nós vamos, mas precisamos de uma atualização no grupo de bate-papo mais tarde", implora Dean.

“Obviamente”, resmunga o pai.

Seus passos ecoam pelo corredor, e os ouvimos rindo enquanto saem de casa.

Na sua ponta do sofá, a mãe junta as mãos frouxamente no colo e olha para mim. "Olha, obviamente você não nos deve nenhuma explicação—"

"Nem pensar que não", dizem o pai e Garrett em uníssono.

"Ai meu Deus", murmurei, com as bochechas coradas de vergonha. "A gente só está passando um tempo juntos. Não é nada demais."

"Então é um rebote?", resmunga o pai. "Rebotes são sempre uma má ideia, meu bem."

“Não, não são. Às vezes, são um bom refresco para o paladar.” Pelo canto do olho, vejo os lábios de Wyatt se contraírem, como se ele estivesse

achando graça da ideia de ser um refresco para o paladar. “Você preferiria que eu ainda estivesse com o Isaac?” Dirijo o desafio ao meu pai.

Ele fica boquiaberto. "Não me coloque nessa situação impossível. A batata contra o cafajeste?"

“Ei”, Hannah interrompe, apontando o dedo para meu pai. “Eu entendo que esta é sua única filha e que você é... como posso dizer isso de forma delicada?... psicoticamente superprotetor...”

Minha mãe solta um resmungo baixinho.

“Mas você conhece o Wyatt desde que ele nasceu”, conclui Hannah.

“Ele é muito centrado.”

"Obrigado, mãe", murmurou Wyatt.

É a primeira palavra que ele diz desde o início do interrogatório. Mas ele não parece nem um pouco desconfortável. Ele simplesmente fica sentado ali, com a cara de bad boy tranquilo e despreocupado que é, olhando para os tênis e girando os anéis nos dedos. Não sou o único que percebe, já que meu pai, de repente, estreita os olhos para Wyatt.

“Pare de bancar o descolado”, meu pai diz para ele. Quando eu rio, ganho outro olhar fulminante. “Não ria dele por estar bancando o descolado.”

“Não estou rindo dele. Estou rindo de você.” Solto um suspiro de exaustão. “Gente, vocês precisam relaxar. A gente só passou o verão juntos, curtindo a companhia um do outro.”

"Você já teve relações sexuais?", pergunta o pai.

“Não vou responder a isso.”

“É, acho que você não quer saber a resposta para isso”, concorda Wyatt, enquanto sua irmã gêmea ri com o rosto escondido no braço.

O pai imediatamente volta a lançar olhares fulminantes para o pai de Wyatt. "Você está ouvindo seu filho, Garrett? E se ele a engravidar?"

"Ah, é porque ele engravidou tantas outras garotas? Não vejo um monte de netinhos correndo por aí, John."



"Você não faria isso, porque bebês não conseguem correr", diz o pai, com um sorriso presunçoso.

"Deixe-me apresentar-lhe algo chamado figura de linguagem, seu idiota."

E a situação se repete indefinidamente. Eles ficam dando voltas em círculos. Fazem cara feia. Exigem detalhes.

Até que, finalmente, faço algo muito atípico para o Blake. Levanto a mão e disparo: "Vocês dois podem calar a boca, porra?"

“Linguagem”, repreende meu pai.

“Eu vou me controlar quando vocês se controlarem.” Controlando minha frustração, me concentro na minha mãe e na Hannah, porque elas são claramente as pessoas mais sensatas nesta sala. “Eu e o Wyatt criamos um vínculo enquanto estivemos aqui. Gostamos de passar tempo juntos. Mas eu vou voltar para a faculdade no outono, e ele vai voltar para Nashville para gravar o álbum dele.” Agora me viro para os pais. “Ninguém está grávida.

Ninguém está desistindo da faculdade. Ninguém está partindo o coração de ninguém. E mesmo que algo assim acontecesse, somos

adultos e perfeitamente capazes de lidar com isso sozinhos. Dito isso, amamos muito todos vocês—”

"Bem, não agora", diz Wyatt arrastando as palavras, e depois sorri quando lhe lanço um olhar de desprezo.

“E nossas famílias ficarão bem”, concluo.

"Não estou nada bem", reclama o pai. Ele balança a cabeça para Garrett.

"Não gosto disso."

“Ah, porque estou pulando de alegria?”

“Eu odeio isso ainda mais.”

"Você preferiria que fosse um Di Laurentiis?", retruca Garrett, momento em que meu pai se levanta e sai pisando duro da sala.

Passei o resto do dia no meu quarto fingindo uma dor de cabeça. O que não era uma mentira completa. Minha cabeça estava latejando por causa de todas as besteiras que teve que aguentar hoje.

Depois da repercussão negativa do caso extraconjugal, ficou decidido que todos iriam "digerir" a situação. Como se isso fosse da conta de alguém além de mim e do Wyatt. Mas eu deveria ter previsto isso.

Felizmente, as meninas sabem que devem se afastar quando digo que não estou com vontade de conversar sobre nada esta noite. E os Golden Boys sumiram por esta noite, graças a Deus. Acho que foram beber na cidade.

Decidi ir para a cama cedo, tomei banho, vesti meu pijama e voltei para o meu quarto, onde encontrei minha mãe sentada na cama me esperando.

"Tem um minuto para mim?", ela pergunta. "Ou ainda estamos nos escondendo?"

“Ainda estamos nos escondendo, mas nunca de você.”

Fecho a porta e me acomodo na cama. Mamãe se aproxima e se deita ao meu lado, nós duas enroscadas de lado. Quando criança, essa era uma das minhas coisas favoritas para fazer com minha mãe. Costumávamos nos aconchegar na cama e conversar por horas. Eu tagarelava sobre a escola, os amigos e qualquer outro assunto aleatório que me viesse à cabeça. Mamãe me contava histórias sobre seus tempos de faculdade, sobre como conheceu meu pai, sobre sua época na emissora de notícias onde trabalhou como produtora por quase vinte anos.

“Então. Não preciso de detalhes. Aliás, por favor, não me dê detalhes”, ela implora, e eu dou uma risadinha irônica. “Tudo o que eu quero saber é se você está se cuidando e se está feliz?”

Meu coração se enche de emoção. Eu amo muito minha mãe. "Sim, estamos nos cuidando, e sim, estou feliz."

Ela hesita por um instante.

“Diga isso”, eu insisto.

“Olha, você sabe que eu adoro o Wyatt. Seu pai só está sendo dramático agora, porque é assim que ele é. Mas eu não estou preocupada com as intenções do Wyatt. Eu não acho que ele jamais faria algo para machucar alguém...” A mãe faz uma pausa novamente.

“Mas você acha que ele vai me machucar?”, concluo.

Seu tom agora é cauteloso. "Eu acho... que ele vai embora."

Uma dor aguda me atravessa. "Ele vai me deixar, você quer dizer?"

“Não, ele simplesmente vai embora. É o que o Wyatt faz. Ele saiu de Nashville e foi para Tahoe sem avisar nem a própria família. Ele não gosta de ficar preso a um lugar só. Nunca gostou.”

Porque ele está tentando escapar do caos.

Porque ele está perdido.

Não expresso nenhum desses pensamentos; não me sinto bem revelando as vulnerabilidades que Wyatt me mostrou. Sei que foi por isso que ele fugiu para Tahoe. Porque a cabeça dele fica barulhenta demais, e ele está desesperado para silenciá-la, mas mais do que isso, porque ele está preso nessa narrativa que criou para si mesmo, como um carro patinando na lama.

Não sei se ele algum dia se libertará dessa percepção rígida que tem de si mesmo, mas definitivamente notei uma mudança nele. Ele não é o mesmo homem de quando cheguei aqui no final de maio. Ele não fuma mais sem parar no cais. Não engole mais álcool para dormir. Não me trata com rispidez por frustração nem insiste que eu não valho o seu tempo.

Ultimamente, ele entra sorrateiramente no meu quarto à noite e dorme profundamente até de manhã. Ele passa horas compondo músicas em vez de lutar contra elas. Ele pede a opinião da mãe sobre suas canções, enquanto antes, preferiria engolir cacos de vidro a pedir a ajuda dela. Ele está começando a encontrar paz interior, e talvez seja tudo o que ele precisa para... não ir embora.

Para ficar.

Depois que minha mãe me dá boa noite, pego meu celular para mandar uma mensagem para o Wyatt. Mesmo mantendo distância, ficamos trocando mensagens o dia todo.

Vou dormir logo. Hoje foi intenso. SONGBOY Querida, acho que você aperfeiçoou a arte do eufemismo. "A arte do eufemismo" seria um

bom nome para uma música. SONGBOY Não, muito prolixo.

Você vai dormir aqui hoje? SONGBOY Provavelmente não deveria.

A decepção se instala em meu peito, mas compreendo sua relutância.

SONGBOY É muito arriscado. Seu pai provavelmente está patrulhando o corredor. Acho que você não precisa da palavra

"provavelmente" nessa frase. SONGBOY Vamos esperar uns dias?

Deixa eles se acostumarem com a ideia. Ok. Boa noite, garoto cantor. SONGBOY Boa noite, sardento.

Estou prestes a me aconchegar debaixo das cobertas quando ouço uma batida na porta. Por um instante, me pergunto se Wyatt mudou de ideia, mas quando a porta se entreabre ao meu apressado "Entre", é Beau quem aparece.

Ele não entra completamente, apenas fica parado na porta. Está de calça de moletom, com os cabelos loiros úmidos do banho. Quando nossos olhares se cruzam, não deixo passar o brilho de desaprovação nos dele.

"Diga logo", suspiro.

“Wyatt? É esse o cara com quem você está saindo? Você podia ter me dito isso na outra noite.”

“Estávamos mantendo tudo em segredo.”

“Bem, você fez um trabalho de merda, porque agora está rolando solto por aí”—ele faz uma pausa—“em segredo.”

“Não seria lá no alto?”

Ele ignora isso. "Você nem imagina a tempestade de merda que causou.

Os pais estão todos reunidos agora mesmo para discutir o assunto."

"Deixe-os se encontrarem", digo irritado. "Isso não tem nada a ver com eles."

Beau balança a cabeça. "Você é mais esperta que isso, B. Eu adoro esse cara, mas nós dois conhecemos o histórico dele. Ele vai partir seu coração."

"Talvez. Ou talvez não." Solto um suspiro, irritada com o fato de todos estarem se metendo onde não são chamados. "De qualquer forma, isso não é da conta de ninguém além de mim."

CAPÍTULO38

WYATT

Ooh, vamos arriscar de novo?

OS PAIS ESTÃO BRIGANDO. O QUE SERIA ENGRAÇADO SE EU NÃO FIZESSE

parte da briga. Tipo, se fosse o AJ ficando com a Ivy? Ou o Beau ficando com o Alex? Hilário.

Infelizmente, sou eu que estou ficando com o Blake, e isso significa que somos nós que estamos no meio dessa tempestade e que todos olham feio quando a briga fica particularmente irritante. Por exemplo, durante o jantar de hoje à noite.

“Alguém pode, por favor, avisar o Sr. Logan para passar o purê de batatas?”

"Alguém pode, por favor, avisar o Sr. Graham que ele precisa maneirar na manteiga, porque ele está começando a ficar flácido?"

"Alguém pode, por favor, dizer ao Sr. Logan para ir embora e que, se ele quiser, eu o desafio para uma competição de flexões no cais?"

“Alguém pode me dizer, por favor—”

“Não!” minha mãe exclamou. “Não! Acabou por aqui!”

Grace concorda firmemente com a cabeça. "Peguem seus pratos, pessoal. Nós vamos comer lá fora. Eles vão ficar aqui dentro."

“Ah, não, obrigado”, diz Dean, e Tucker concorda com a cabeça. “Nós ficaremos assistindo, se você não se importar.”

“Façam como quiserem”, diz Grace.

Todos os outros arrastam as cadeiras para trás e marcham em direção às portas francesas. AJ ri baixinho, olhando para mim de relance.

“Caramba, Wyatt, você deixou eles de boca aberta.”

Logan ouve a conversa e rosna para AJ. "Cala a boca, Connelly. Você já está pisando em ovos porque seu pai tentou roubar meu melhor amigo e...

sabe de uma coisa? Jake pode ficar com ele." Ele lança um sorriso largo e falso para meu pai.

Já faz três dias assim.

Também já faz três dias que estou com insônia, porque, aparentemente, se Blake não estiver me abraçando, eu não consigo dormir.

E já faz três dias que estou com tesão reprimido, porque não consigo transar com ela.

O que significa três dias de masturbação, uma atividade que não é tão divertida quando sei que a buceta apertada da minha namorada está a duas casas de distância.

Mas eu jamais arriscaria entrar em casa agora, não com o pai dela me encarando feio toda vez que entro em um cômodo. Isso me dá até vontade de voltar para Nashville mais cedo, mas a ideia de me despedir dela…

Agonia.

Droga. Preciso me controlar. Essa não sou eu. Não entro em pânico só de pensar em seguir em frente. Blake e eu continuaremos amigos depois que o sexo passar. Sempre seremos amigos.

Você não quer ser amiga dela, porra, diz uma voz incrédula, mas eu a silencio antes que a acusação possa criar raízes na minha mente.

Depois do jantar, eu e os Golden Boys fomos de carro até a cidade para jogar sinuca. A Tara veio junto, mas passou o tempo sentada numa mesa alta mexendo no celular, com as pernas cruzadas e a minissaia subindo

pelas coxas bronzeadas. Formamos uma dupla — Beau e eu contra AJ e Gray. Mas era meio difícil curtir o jogo quando minha parceira ficava me lançando olhares de reprovação.

Tentei avisá-la. Disse-lhe que Beau estava a fim dela, mas Blake simplesmente deu de ombros. As mulheres não querem ver coisas que as deixam desconfortáveis.

Apesar da crescente tensão entre nós, Beau e eu ganhamos o primeiro jogo. Enquanto Gray organiza as bolas para a segunda rodada, AJ vai buscar outra jarra de cerveja. Os Golden Boys têm vinte anos, então todos usam documentos falsos. Acho isso hilário, já que tenho certeza de que a maioria dos bartenders em Tahoe sabe quem são os pais deles e poderiam facilmente pesquisar suas idades no Google e descobrir que são menores de idade. Mas AJ volta tranquilamente com a segunda jarra, sem problemas.

Enquanto me sirvo de uma caneca de cerveja, percebo que AJ e Gray estão sorrindo maliciosamente para mim.

"O quê?", digo, revirando os olhos.

"Sério que não vamos falar sobre essa história do Blake?", pergunta AJ.

“Sério?”, concorda Gray. “Temos sido muito pacientes.”

“Dar-te espaço”, acrescenta AJ.

“Estou tentando levar na esportiva”, continua Gray. “Mas… cara. Já faz três dias.”

"Eu sei que você gosta de viver perigosamente", diz AJ, divertido, "mas irritar o Logan transando com a filhinha dele? Você tem culhões de aço, cara."

Percebo que Beau está esvaziando mais da metade do seu copo de cerveja — que ele encheu literalmente cinco segundos atrás.

"Vá mais devagar", murmuro.

Isso me rende um resmungo de desprezo. "Por quê? Estou de férias, caramba!" Então, como se quisesse me provocar, ele vira o resto do copo e se serve de novo.

Beleza então. Se ele quer se drogar, que se dane, amigo.

Acabo bebendo mais do que o normal, pelo menos em comparação com o mês passado. Comecei o verão tomando cerveja como se não houvesse amanhã, às vezes antes do meio-dia, mas reduzi bastante o consumo depois que consegui controlar a insônia. No entanto, depois de três dias de tensão constante e me sentindo como se estivesse sob um microscópio, mereço me divertir um pouco.

Quando saímos do bar, já estava cambaleando. A namorada do AJ era nossa motorista da vez e, surpreendentemente, teve paciência enquanto ajudava o namorado a entrar no banco do passageiro. A Tara não fez nada além de se comportar de forma arrogante e prepotente desde que chegaram, então é bom ver que ela realmente se importa com o cara.

AJ está ainda mais bêbado do que eu. Ele desaba no banco, abre a janela com força e desmaia com o braço para fora do carro. Eu fico no banco de trás com Gray e Beau, mandando mensagens para Blake porque estou bêbado, excitado e com saudades dela.

Chego em casa em 15 minutos. Encontro-me atrás do galpão de barcos. SARDAS Ooh, vamos arriscar de novo? Sim. SARDAS

Graças a Deus.

Já estava completamente escuro quando me aproximei às escondidas atrás do galpão de barcos. Encontrei-a encostada na parede, usando uma camiseta larga que caía sobre o ombro, sem alça de sutiã. Essa é a minha garota. E ela está de saia. Definitivamente, é a minha garota.

"Oi—" ela começa, mas minhas mãos deslizam por baixo da barra de sua blusa, e seu "olá" se dissolve em um suspiro silencioso.

Ela tem um cheiro tão bom. Cheira a verão, sexo e lavanda. Meus lábios roçam seu pescoço e eu deslizo a língua por sua pele macia, saboreando-a.

Enquanto isso, já estou pressionando meus quadris contra seu corpo, tentando me aproximar mais.

Quando ela estende a mão e aperta minha bunda, eu gemo. Alto.

"Alguém vai nos pegar se você fizer isso de novo", ela sussurra, enquanto me abraça pelo pescoço e me puxa ainda mais para perto.

Por mais que eu queira aproveitar o tempo com ela, me ajoelhar, trazer a buceta dela ao meu rosto e foder com a minha língua, estamos com o tempo contado, e a cada segundo que prolongamos esse encontro, corremos o risco de alguém nos flagrar.

"Sardenta, você sabe que eu poderia passar o resto da minha vida de joelhos te fazendo gozar..." Minhas mãos deslizam por baixo da saia dela, e eu acaricio suas coxas antes de apertar suas nádegas. Sem calcinha. Meu Deus, ela é perfeita.

"Mas?", ela insiste.

Lambo meus lábios, tentando me lembrar do que eu estava dizendo antes que a bunda dela me distraísse. "Mas hoje à noite eu preciso ser egoísta e usar esse corpinho gostoso antes de gozar. Você vai me deixar fazer isso?"

Com um leve sorriso, Blake se ergue na ponta dos pés e se inclina até que sua boca esteja a poucos centímetros da minha. "Wyatt?"

"Hum?" Ainda estou apertando a bunda dela.

“Me dá seu pau.”

E então minha boa e obediente menina se vira e levanta a saia.

Perfeito demais.

Desabotoei as calças e deslizei os dedos pela fenda da bunda dela, puxando-os para baixo até encontrar sua vagina. Ela estava molhada e pronta para mim, e embora eu adorasse enfiar meu pau nu lá dentro e senti-la me molhando, já passamos por isso, já fizemos isso, já temos a pílula do dia seguinte. Não vou correr esse risco de novo.

Pego a camisinha que tinha guardado no bolso de trás, coloco-a e cumpro minha ameaça sedutora: inclino-a para a frente e penetro fundo nela. Quando ela geme, envolvo-a com meu braço e levo minha mão à sua

boca para tapá-la. Ela morde minha palma e eu tenho que conter meu próprio gemido.

“Fique quieto”, eu digo. “Deixe-me apenas usá-lo.”

Em vez de se ofender, ela se debate contra mim, contraindo os músculos internos com força.

Eu sorrio. "Ah, você gosta disso, não é?"

A parte de trás da cabeça dela se move enquanto ela acena com a cabeça.

“Posso tirar a minha mão da sua boca?”

Ela acena com a cabeça novamente.

Passo a mão pelos seus cabelos, envolvendo uma mecha com o punho.

E é assim que a fodo — com movimentos rápidos e profundos, uma mão puxando seus cabelos, a outra apertando seus seios. Penetro-a até ficarmos sem fôlego. Gozo sem avisá-la, tremendo de prazer, meus dentes cravando em seu ombro para abafar um gemido. Não sei se ela teve um orgasmo, mas parece satisfeita quando se vira para me beijar.

Eu retiro o preservativo, enrolo-o num lenço de papel que também trouxe exatamente para esse fim e o guardo no bolso.

"Foi divertido", murmura Blake, e eu sorrio.

“Você pode voltar primeiro. Eu espero alguns minutos.”

Antes que ela pudesse sair, algo bateu com força dentro da casa de barcos. Nós duas congelamos. Parecia passos.

A mão dela se fecha em torno da minha. "Você ouviu isso?"

Assenti com cautela. "Talvez um guaxinim?"

“Os guaxinins não fazem barulho como passos humanos.” Blake se move furtivamente ao longo da parede. “Acho que tem alguém lá dentro.”

É uma da manhã. Não há motivo para ninguém estar dentro da casa de barcos. No telhado, talvez, se você estiver fumando um baseado de madrugada. No apartamento, claro, se precisar de um lugar para dormir.

Mas entre as vagas para barcos? Não.

Passo à frente dela e contorno silenciosamente a lateral da casa de barcos. Estremeço quando as tábuas de madeira rangem sob meus sapatos.

"Fique atrás de mim", murmuro. "Pode ser alguém tentando invadir."

Chego à porta, minha mão pairando sobre a maçaneta. Antes que eu consiga abri-la, ouço outro som abafado. Uma risadinha.

Eu me viro para Blake, cujos lábios se contraíram em um franzir de testa. "Tem uma garota lá dentro", ela sussurra.

Ela se aproxima de mim enquanto abro a porta apenas uma fresta para que possamos espiar lá dentro.

A princípio, tudo o que vejo são sombras. O barco de cruzeiro está atracado no cais, mas a lancha e o barco a motor balançam suavemente em seus compartimentos, e não vejo ninguém neles. Meu olhar percorre o enorme espaço em direção à velha bancada encostada na parede do fundo.

Vejo outra sombra. Não, duas sombras. A bancada se mexe e um rolo de corda cai no chão, o baque surdo reverberando pelo galpão de barcos.

À medida que meus olhos se acostumam à escuridão, as duas sombras se transformam em duas figuras. Uma mulher se inclina para trás, apoiando-se nos cotovelos, enquanto levanta a blusa. Seus cabelos loiro-platinados brilham à luz do luar que entra pela pequena janela.

"Pelo amor de Deus, entra logo em mim." Uma voz feminina, suave e ofegante.

Vejo outro vislumbre de cabelo loiro. Beau está desabotoando as calças.

Ele abaixa o zíper e enfia a mão lá dentro. Fecho a porta antes de ver o resto.

Blake e eu recuamos, olhando um para o outro em choque.

“Essa era a Tara”, ela sibila.

Assenti com um semblante sério. Sim. Sim, foi isso mesmo.

De dentro da casa de barcos, ouvimos um gemido baixo, seguido por um mais agudo e, em seguida, o som inconfundível da bancada de trabalho vibrando enquanto Beau penetra a namorada de seu melhor amigo.

CAPÍTULO39

BLAKE

Lógica brilhante de bêbado

O CAFÉ DA MANHÃ É TENSO.

Pelo menos para mim.

Enquanto todos os outros vivem suas vidas em feliz inconsciência, eu lanço olhares furtivos para Beau, desejando poder ver sua expressão

por trás daqueles óculos escuros. O que diabos ele estava pensando ontem à noite? AJ é seu melhor amigo.

Isso é ruim. Muito, muito, muito ruim.

Os pais atribuem os óculos escuros e o semblante carrancudo à ressaca, que com certeza também está ruim — ele parecia muito bêbado ontem à noite —, mas não acho que seja o único motivo para ele estar escondendo os olhos da mesa.

Dean está claramente se esforçando para não rir enquanto olha para o filho. "Tudo bem por aí, garoto?"

Beau resmunga. Ele enfia um pouco de bacon na boca e mastiga rápido.

Ele me disse uma vez que seu remédio infalível para ressaca é comer pilhas e pilhas de bacon, e ele já comeu uma bandeja inteira sozinho esta manhã.

Tara e AJ estão ambos visivelmente ausentes. Eles não perderam um único café da manhã desde que chegaram aqui, então isso não é um bom sinal.

Me sinto como aquela vidente do thriller que li neste verão. A protagonista conseguia prever todos aqueles acidentes horríveis e não podia fazer absolutamente nada para impedi-los. No entanto, a única coisa que ela não conseguia prever era o caso do marido com a mãe dela. Que ironia.

Minha premonição não demora a se concretizar. Menos de dez minutos depois, as portas francesas se abrem de repente. Uma delas bate na moldura com um estrondo, assustando a todos.

“Ei”, Allie repreende. “Pega leve na porta, AJ.”

Ele não lhe dá a mínima atenção. Caminha a passos largos em direção à mesa.

“Seu filho da puta.”

Enquanto todos assistiam, atônitos, AJ puxou Beau da cadeira, segurando-o pela gola.

"AJ", adverte Garrett, enquanto Dean endireita os ombros ao ver seu filho sendo tratado com brutalidade.

“Você quer contar para eles?” A voz de AJ embarga de raiva. “Ou será que eu deveria?”

Beau não responde. Ele apenas fica parado, a vergonha estampada em cada linha do seu rosto. Mesmo de ressaca, com os olhos vermelhos e a feição marcada pela dor, ele ainda é uma das pessoas mais atraentes desta mesa.

"Ah, pelo amor de Deus", murmurou meu pai. "O que está acontecendo agora?"

Os lábios de AJ se curvam em um sorriso debochado. "Ele transou com a minha namorada ontem à noite. Naquela maldita casa de barcos, enquanto eu dormia lá em cima. Ele transou com a minha namorada." AJ cospe as palavras como se estivessem queimando sua língua.

"Ah, droga", ouvi Dean murmurar.

Beau finalmente fala. “AJ —”

O punho de AJ acerta o queixo de Beau, o estalo resultante ecoando como um tiro no chão. A cabeça de Beau se inclina para trás, mas ele não se defende. Cambaleia para trás, grunhindo. Não tenta bloquear o segundo soco nem o terceiro. Firma a postura e recebe os golpes, estremecendo a cada impacto, mas sem fazer qualquer movimento para revidar.

“Garrett”, ordena Hannah. “Pare com isso.”

Mas nenhum dos homens à mesa se mexe para impedir isso.

"Deixe que eles resolvam isso", murmura Dean.

"Me enfrenta, seu maldito idiota!", ruge AJ, avançando novamente contra Beau.

Ele desfere um soco na barriga de Beau, e eu estremeço com o baque seco que faz. Então ele faz isso de novo, fazendo Beau cambalear para trás contra a grade.

Gray se levanta enquanto seus dois melhores amigos começam a discutir, mas ele também não interfere. Ele simplesmente observa com uma expressão estoica.

"Desculpe", diz Beau em voz baixa. "Eu estava bêbado."

Isso lhe rende outro soco no rosto. Só quando o sangue começa a jorrar de suas narinas é que os pais intervêm.

“Muito bem, chega”, ordena Garrett. “Você já desabafou.”

Meu pai separa AJ de Beau enquanto Allie corre até o filho com um guardanapo. Ela tenta apertar o nariz dele, mas ele se esquiva da mão dela.

"Mãe, para", ele murmura. Sangue escorre de seu nariz e lábio, deixando marcas vermelhas por todo o queixo. "Eu mereço isso."

Perto da grade, AJ está lutando contra o meu pai. Sua respiração está ofegante, seus olhos escuros selvagens. Ele está tremendo de raiva.

“Acalme-se, filho”, implora o pai.



Finalmente, AJ se desvencilha da imobilização. "Acabou para mim."

Seus olhos duros se fixam em Beau, seu maxilar rangendo. "Acabou pra gente. Não fale comigo nunca mais."

Foi então que notei Tara na porta, paralisada, com os olhos vermelhos e marejados de lágrimas. AJ também a viu e zombou dela.

“Você pode encontrar o caminho até o aeroporto por conta própria”, ele dispara.

Quando ela tenta tocá-lo, ele empurra a mão dela e passa por ela sem olhar para trás.

Encontro Beau na praia algum tempo depois, sentado com as mãos nos joelhos, olhando fixamente para o lago. Ao som dos meus passos, ele levanta o olhar e eu quase solto um grito. Ele parece acabado. Lábio inchado. Sangue seco nas narinas.

"Em que diabos você estava pensando?" Suspiro, sentando-me ao lado dele na areia.

Ele aperta as mãos contra os joelhos, os ombros largos curvados como se tentasse desaparecer na areia. "Não comece, B. Agora não."

“Ele é seu melhor amigo. Desde que você usava fraldas. Você jogou fora uma amizade de vinte anos por causa de uma garota? O que estava passando pela sua cabeça?”

Beau solta uma risada amarga. "Nada. Minha cabeça estava em branco porque eu estava bêbado pra caramba. Foi um erro."

“Um erro. É assim que se chama transar com a namorada do seu melhor amigo.”

"Eu estava completamente bêbado. Nem me lembro da metade do que aconteceu."

“Isso melhora as coisas? Você transou com ela na casa de barcos enquanto ele dormia lá em cima, completamente alheio. Você acha que isso é só um pequeno erro? Isso é coisa de outro mundo, Beau.”

Ele engole em seco visivelmente. "Não me orgulho do que aconteceu, ok? Me sinto uma merda. É isso que você quer ouvir?"

Balanço a cabeça em desaprovação. "Será que isso tem a ver comigo?", pergunto-me.

"Ah, vai se foder, Blake. Não se iluda. Eu estava bêbado, estúpido e excitado, e ela deu em cima de mim, e eu estava bêbado demais para dizer não. É isso."

"Sério? Não teve nada a ver com eu ter te rejeitado na outra noite e você ter descoberto sobre mim e o Wyatt."

"Não teve nada a ver com você", respondeu ele, com os dentes cerrados.

"Eu só fui um idiota bêbado que não pensou além dos próximos cinco segundos."

“Então, sua brilhante lógica de bêbado foi destruir o relacionamento do AJ e a amizade de vocês de uma vida inteira? Porque foi exatamente isso que você fez.”

Ele tenta desviar o olhar de volta para a água, mas eu o agarro pela manga e o obrigo a me encarar. A vergonha estampada em seu rosto ameniza um pouco minha raiva.

“Você precisa resolver isso”, digo com firmeza.

"Eu sei." Sua voz falha, carregada de culpa. "Pare de me olhar assim. Eu odeio o que fiz, tá bem?" Desanimado, ele se levanta cambaleando.

“B—”

"Me deixa em paz. Não consigo lidar com isso agora. Já me sinto um lixo, e não preciso que você me faça sentir pior."

"Talvez você devesse se sentir pior", grito para ele. "Talvez você mereça."

Ele para por meio segundo, os ombros tensos. Mas não se vira. Um instante depois, sai marchando, me deixando sozinha na praia.



PAPO DE PAI

DEAN DI LAURENTIS Tudo bem. Vamos lá. Vai em frente, Connelly. Me tira do chat. JAKE CONNELLY Por quê? DEAN DI LAURENTIS Meu filho roubou a namorada do seu filho. JAKE

CONNELLY Cara, ele merece uma medalha. Eu e a Brenna estamos rezando pela queda da Tara há dois anos. Não suporto ela. DEAN DI LAURENTIS Espera, então você não está bravo? JAKE

CONNELLY Não. Diga ao Beau que agradeço. DEAN DI

LAURENTIS Viu? É assim que os adultos resolvem conflitos entre seus filhos.

CAPÍTULO40

WYATT

Apenas três

PRESUMI QUE O FIM DRAMÁTICO DE UMA AMIZADE ENTRE GAROTOS DE OURO

— algo que jamais imaginei ser possível — também significaria o fim do drama por aquele dia. Mas eu estava enganada.

Mais tarde naquela noite, estou na cama, lutando novamente contra a insônia porque não consigo dormir sem Blake, quando ouço uma batida suave na porta. Segundos depois, meu pai coloca a cabeça para dentro.

“Vista-se e encontre-me no cais.”

Huh?

Confusa, visto uma calça de moletom e um moletom velho de banda e calço meus chinelos. A casa está escura e silenciosa enquanto desço as escadas, a cozinha iluminada apenas pela faixa de luz sob os armários. Saio pela porta dos fundos, deixando o luar me guiar até o nosso píer.

Avisto a lancha balançando na água escura com duas figuras sombrias a bordo. Esse deveria ter sido o primeiro sinal para eu me afastar. Mas a curiosidade me consumiu, e então já era tarde demais, pois eles me viram.

Meu pai e Logan. Assim como eu, eles estavam de moletom com capuz, só que também vestidos de preto e usando bonés de beisebol.

"O que é isto?", pergunto com cautela.

“Entrem no barco”, ordena Logan.

Olho para meu pai. "Isso me parece uma armadilha."

Ele suspira. "Entre logo no barco."

Eu não quero, mas quero. Logo, o motor ronrona suavemente enquanto deslizamos sobre a água. Estou sentada no banco de trás, com apenas uns 80% de certeza de que não vou ser assassinada. Meu pai jamais me mataria, mas há 20% de chance de que ele não consiga impedir Logan a tempo.

“Ei”, percebo. “Então vocês estão se falando de novo?”

"Cala a boca", diz Logan sem se virar do assento do piloto.

Certo então.

Volto meu olhar para o lago. Ele está brilhante e negro esta noite, refletindo as estrelas acima como pequenos pontos prateados na água.

Quando o silêncio se prolonga, pigarreio. "Vocês não vão me matar, né?

Porque eu já vi esse filme, e nunca termina bem para o cara que fica no fundo do barco."

Papai dá uma risadinha. "Sua mãe me mataria se eu te matasse. Não se preocupe."

Isso me consola um pouco. Meu pai detesta irritar minha mãe.

Quando estávamos a cerca de cem metros da casa, Logan desligou o motor e deixou o barco à deriva. Finalmente, ele se virou para mim, com uma expressão mortal.

“Quais são as suas intenções com a minha filha?”

Engulo em seco. "Já tivemos essa conversa. Blake e eu só..."

"Sair por aí", conclui ele friamente. "Pois bem, adivinhem só? Minha filha? Ela merece muito mais do que sair por aí."

“Não, eu sei disso. Não é…” Um desconforto me invade. “Olha, eu sei do meu histórico com mulheres, mas Blake não é alguém com quem eu vou simplesmente brincar e descartar. Ela significa muito para mim.”

"Eu te disse", diz o pai, com um sorriso presunçoso, lançando um olhar para Logan.

Logan cruza os braços. "Seu pai está tentando me convencer de que você não está apenas usando-a para"—ele faz uma careta—"sexo, e essa é a última vez que vou usar a palavra sexo em relação à minha filha."

“Não estou a usá-la.”

Sinto um calor subindo pelo pescoço. Odeio ser forçada a expressar meus sentimentos para outras pessoas quando nem eu mesma os compreendo.

“Muito bem”, diz o pai de Blake. “Quer provar que não está brincando com ela? Diga-me três coisas que você gosta nela.”

"Só três?", digo secamente, e vejo meu pai tentando não sorrir.

"Eu te disse", gaba-se o pai.

Encaro-o com raiva. "O que exatamente você tem dito a ele?"

“Estou falando sério”, diz Logan com firmeza. “Diga três coisas que você gosta nela. Vai.”

Eu gemo. "Por favor, podemos evitar ter essa conversa em um barco do qual eu não possa escapar?"

“Não. Não vamos sair daqui até você me convencer de que ela não é apenas um brinquedo para você.”

“Claro que ela não é um brinquedo.” A irritação me consome. “Tudo bem, você quer três coisas? Ela é inteligente. E não no sentido óbvio de ser intelectual. Ela é perspicaz, analítica e percebe coisas que outras pessoas não percebem. E ela tem uma disciplina absurda. Ela passa horas pesquisando as coisas mais aleatórias, só que para ela não são coisas aleatórias. Ela é genuinamente fascinada por aprender coisas novas. Ela está sempre resolvendo enigmas que o resto de nós nem sabe que existem. E

isso é realmente incrível.”

Logan pisca, surpreso.

“Ela discute comigo sobre tudo, mas isso nunca me irrita. Me faz sentir como se eu estivesse… desperto. Como se eu não estivesse apenas seguindo uma rotina.”

Agora os dois estão me encarando, mas eu não consigo parar. As palavras estão jorrando.

“Ela tem a energia mais tranquilizante que já conheci, e me sinto em paz só de estar perto dela. E sim, ela é linda, obviamente, e…”

Minha voz some, sinto minhas bochechas queimando. Droga. Eu queria ter ficado de boca fechada.

“Puta merda”, diz Logan, olhando para meu pai. “Você pode ter razão.”

“Não, ele não está certo”, resmungo. “Seja lá o que ele tenha te dito, ele não está certo.”

“Então você não está apaixonado pela minha filha?”

Eu hesito. "Não."

“Você acabou de listar uma dúzia de razões pelas quais acha ela incrível”, meu pai me diz, com aquele sorriso debochado que ele tem.

"Estou dizendo que gosto dela", murmuro. "E que não estou a usando.

Que isto não é uma brincadeira para mim, e que ela não é um brinquedo."

Passo as mãos pelos cabelos. Não costumo ficar envergonhada, mas ainda bem que está tudo escuro lá fora, porque tenho quase a certeza de que estou corando.

Logan me analisa antes de soltar um longo suspiro, um tanto dramático.

"Olha. Eu te conheço desde que você nasceu. Sei que você não é uma má pessoa, mesmo que seu pênis tenha feito algumas coisas questionáveis no passado. Mas... Se minha filha vai se apaixonar por alguém, acho que não tem problema se for por você."

"Ela não se apaixonou por mim", protesto. "Ninguém se apaixona por ninguém."

“Mas”, continuou ele, ignorando-me, “se você encostar um dedo nela, vamos fazer outro passeio de barco à meia-noite, e eu vou te afogar.”

"Provavelmente vou impedi-lo", diz o pai para neutralizar a ameaça.

Meu olhar percorre os dois. "Então vocês são amigos de novo?"

Papai parece confuso. "Sempre fomos amigos."

“Vocês ficavam se chamando de Sr. Logan e Sr. Graham durante o jantar.”

“Sim. De uma forma amigável.”

O tom de Logan assume uma nota de arrependimento. "Sinto muito por ter chamado seu filho de prostituta, G."

Eu franzo a testa. "Quando foi que você me chamou de prostituta?"

Ele acena com a mão. "Ah, você não estava lá para ver."

Papai dá de ombros, sentado no banco do copiloto. "Está tudo bem", diz ele para Logan. "Ele meio que mereceu essa reputação."

“Blake vai dar um jeito nele”, garante Logan.

“Obviamente. Ela é uma ótima garota. Ele tem sorte de tê-la.”

Resmungo de frustração. "Sério? Agora vocês dois estão felizes com isso?"

“Claro”, diz o pai. “Sonhamos com isso desde que éramos meninos.”

“Vocês se conheceram na faculdade!”

“Rapazes universitários”, ele dá de ombros.

Suspiro. Nunca vou entender essa amizade. Nunca.

Mas não é tão confuso quanto todas as emoções que me invadem neste momento. Quando começamos a voltar para a costa, eu me encosto na lateral do barco, sentindo como se tivesse acabado de ser emboscado e exposto ao mesmo tempo.

CAPÍTULO41

BLAKE

Eles não conseguem se identificar com grandes pensadores como nós.

A CASA NO LAGO ESTÁ VAZIA, SÓ RESTAM EU, WYATT E NOSSOS PAIS. EM

outras palavras, a configuração de pessoas mais desconfortável que se possa imaginar. Eu daria tudo para ver uma briga entre AJ e Beau agora mesmo.

Mas os Garotos de Ouro foram embora, Gigi não está aqui para me apoiar, e Wyatt tem se comportado de forma estranha nos últimos dias, me deixando sozinha para responder às perguntas constantes dos pais sobre o nosso relacionamento.

Para piorar meu humor, estou começando a ficar resfriada, então tenho tentado descansar hoje. Montei o quebra-cabeça com o Wyatt e depois fui dar uma caminhada com a minha mãe.

No jantar, conversamos sobre nossos planos para o outono e lamentamos que só restem algumas semanas para o verão. Meus pais vão a Paris em setembro visitar minha avó, Josie. Sinto inveja porque preferiria muito mais voltar a Paris do que para Briar no meu último ano. Ainda não consigo sentir nenhum entusiasmo por esse meu curso de comunicação. Ou pela faculdade em geral. E meu objetivo de descobrir o que diabos vou

fazer depois da formatura continua sem ser alcançado. A essa altura, acho que estou destinada à mediocridade e que devo simplesmente aceitar isso.

Ao meu lado, Wyatt empurra a cadeira para trás para pegar mais um pouco, lançando-me um olhar enquanto se levanta. "Precisa de alguma coisa da cozinha enquanto eu estiver de pé, sardenta?"

“Mais água seria ótimo, se não for incômodo.”

"Claro."

Quando ele volta, coloca um copo cheio ao lado do meu prato e me dá um beijo doce no topo da cabeça. Acho que é um reflexo, porque ele se endireita abruptamente, como se lembrasse que deveria ser o Wyatt Graham, o cara descolado e controlado. O bad boy com seu cabelo bagunçado e anéis grossos.

Ao ele retomar seu lugar, noto nossos dois pais sorrindo de orelha a orelha.

“Isto é incrível”, declara Garrett.

“Tudo o que sempre sonhei”, diz o pai, feliz.

"Ah, é mesmo?", questiono. "De repente, você acha isso normal? Você não falou nada por três dias."

“Sempre conversávamos em nossos corações”, diz o pai. “Não entendo por que eles não entendem, G.”

“Eles têm uma visão limitada”, concorda Garrett. “Não conseguem se identificar com grandes pensadores como nós.”

Eu reprimo um suspiro enquanto nossas mães riem.

“O que vocês vão fazer hoje à noite?”, pergunta a mãe à mesa. “Vamos jogar algum jogo? Banco Imobiliário?”

“Ah, nós vamos visitar os Spencers”, eu digo a ela. “Eles estão voltando para Nova York amanhã, então vamos passar a última noite com eles.”

“Tem certeza de que quer passear de barco?”, pergunta minha mãe, preocupada, me observando. “Você está pálida. Ainda tentando se livrar desse vírus?”

“Está tudo bem. Não vamos demorar.” Olho para Wyatt. “Só algumas horas, certo?”

Ele acena com a cabeça. "Sim. Mas sabe de uma coisa? Vamos de carro.

A viagem é mais longa, mas você parece um pouco pálida. Não quero que você enjoe no mar."

Enquanto os pais ficam no terraço, Wyatt e eu arrumamos a mesa e limpamos tudo, depois seguimos de carro para a casa dos Spencers. Nem tínhamos chegado à metade do caminho quando ele, de repente, parou no acostamento.

Olho para ele com uma expressão de desagrado. "O que você está fazendo?"

Ele já ligou o pisca-alerta e está entrando no banco de trás. "Rápido.

Entra aí."

Apesar das risadas que escapam, não perco tempo em me livrar dos meus shorts jeans. Não fazemos sexo desde a noite em que pegamos Beau e Tara, e estou sofrendo muito com a abstinência.

Quando me junto a ele no banco de trás, completamente nua da cintura para baixo, percebo que ele já está usando uma camisinha. "Você estava usando isso o tempo todo?", pergunto, indagando.

“Não, eu coloquei enquanto você tirava os shorts”, ele diz com um resmungo. “Não sou tão tarado assim.” Ele faz uma pausa. “Dito isso, senta no meu pau, gata.”

Rindo, eu me sento no colo dele, e ele imediatamente me ataca, segurando minha cintura, acariciando minhas laterais, meus seios. Sua respiração quente roça meu pescoço enquanto ele me beija ali.

"Passei o dia todo pensando no seu corpo. Pensando em como é bom senti-lo nas minhas mãos." Sua voz é baixa, rouca, causando arrepios na minha espinha. "Seu corpo foi feito para mim, Blake."

Meu coração dispara. Suas palavras despertam algo profundo dentro de mim, aquele lado selvagem que ele desperta em mim com tanta facilidade.

Suspiro enquanto seus lábios descem até minha clavícula, e sinto o calor entre nós aumentar rapidamente.

Não há preliminares, exceto pela língua dele nos meus mamilos e a mão acariciando minha vagina para testar minha receptividade. Ele me encontra molhada e louca de desejo, e ambos gememos ansiosamente quando me sento sobre seu pau. O prazer me invade, tomando conta dos meus quadris porque preciso me mover. Cavalgo nele com força e rapidez, em direção ao orgasmo que venho ansiando há dias. Meu tipo favorito de orgasmo —

aquele em que o pau dele está tão fundo dentro de mim que parece que ele faz parte de mim e seus dedos estão no lugar onde nos unimos, estimulando meu clitóris.

Ele massageia aquele ponto latejante e sussurra palavras obscenas no meu ouvido, e não demora muito para que o nó do prazer se desfaça e envie uma onda de êxtase pelas minhas veias. Continuo cavalgando nele até que ele esteja tremendo, apertando minha cintura enquanto se impulsiona para cima e encontra seu clímax.

Eu teria preferido algo mais do que uma rapidinha, mas é difícil ficar sozinha (ou em silêncio) em casa, e não podemos ficar transando como animais atrás do barco o tempo todo. Às vezes, uma garota precisa de uma cama.

Wyatt afasta o cabelo dos olhos, respirando com dificuldade. "Eu precisava disso."

"Eu também." Eu me inclino para beijá-lo, mas todo aquele balanço me deixou um pouco enjoada, então, relutantemente, afasto minha boca e procuro minhas calças às pressas.

A primeira coisa que o pequeno Spencer diz quando nos deixa entrar dez minutos depois é: "Você está com o cabelo todo arrepiado, querida."

Com um sorriso, checo meu cabelo no espelho do corredor. Ele tem razão. Está um desastre. Passo os dedos pelos fios desgrenhados e os coloco atrás das orelhas enquanto Wyatt vai até a cozinha para cumprimentar o Sr.

Spencer. Eles colocaram uma travessa de queijos e frutas no balcão de cedro, mas eu não comi. Encosto-me no fogão enquanto os Spencers conversam com Wyatt por alguns minutos, até que o Sr. Spencer pigarreia de repente.

"Então", ele começa, seus olhos tímidos procurando os meus. "Um dos motivos pelos quais te convidamos para vir aqui hoje à noite não foi só para nos despedirmos. Nós… hum… meio que fizemos alguma coisa."

Meu olhar desconfiado percorre os Spencers, um de cada vez. "Meu Deus. O que vocês fizeram?"

"Certo. Bem. Hum. Então."

"Pare de falar em enigmas monossilábicos", ordeno.

Big Spencer substitui seu parceiro gago. "Eu sei que vocês queriam ouvir o episódio com o convidado e assistir ao vídeo antes de finalizarmos, mas já o publicamos."

"E vocês não podem ficar bravos com a gente porque o vídeo tem mais de um milhão de visualizações", dispara o pequeno Spencer.

Um choque me atinge em cheio. "O quê? Como assim, mais de um milhão?"

“Queremos dizer mais de um milhão”, diz Big Spencer, dando uma risadinha. “E o podcast tem cerca de cem mil downloads. A assinatura é gratuita, então não ganhamos muito com os downloads, mas—”

“Você publicou isso online sem me consultar?”

Uma onda de ansiedade me invade enquanto tento me lembrar de tudo o que conversamos. Droga! Eles iam me deixar aprovar a versão final editada.

E ainda publicaram o vídeo? Meu Deus. Nem me lembro mais o que eu estava vestindo naquele dia.

"O que eu estava vestindo?", perguntei, exigindo uma resposta.

Eles piscam para mim. Até o Wyatt me lança um olhar estranho.

"O quê? Você não pode simplesmente postar uma garota assim na internet", resmungo. "Eu nem estava maquiada naquele dia. Que vergonha."

“Concentra-te”, diz o pequeno Spencer, estalando os dedos à minha frente como se eu fosse um periquito cuja atenção ele deseja. “Um milhão de visualizações, Blake. E foi através da nossa conta de anúncios, então tens noção de quanto dinheiro ganhámos? Dez mil dólares! Metade dos quais é teu, obviamente.”

Fiquei boquiaberto. "Sério?"

“É a maior arrecadação que já tivemos em um dos nossos vídeos. E os comentários são todos positivos. Todos eles! Isso é inédito. Normalmente, tem pelo menos uma dúzia dizendo o quanto eu sou irritante.”

“Um milhão de pessoas nos ouviram falar sobre Darlie e o Lago Tahoe?”

“Sim”, confirma Big Spencer.

Estou atordoada. É incompreensível para mim que tantas pessoas tenham assistido — e gostado — de mim e do pequeno Spencer conversando sobre nossa história boba de fantasmas.

“Se você realmente quiser, nós vamos tirar”, promete Little Spencer.

“Fizemos uma coisa horrível colocando isso aqui sem a sua permissão.”

"Sentimos muito", diz Big Spencer com genuíno remorso.

“Basta dizer a palavra e será retirado. Ou…” O pequeno Spencer inclina a taça de vinho, dando um pequeno gole antes de a colocar de volta na mesa. “Podemos oficializar isso.”

“Oficializar o quê?”

“O podcast. Tem tantos comentários perguntando quando sai o segundo episódio. Tipo, isso pode virar realidade.” O pequeno Spencer está praticamente pulando de alegria. “A gente até já tem nome!”

Seu parceiro acena com a cabeça e diz: "Benefícios Adicionais".

“Pensamos que poderíamos estruturar em temporadas. Sabe, tipo, em cada temporada a gente aborda um tema. Primeira temporada:

fantasmas.

Segunda temporada: alienígenas. Tem tanta coisa legal que a gente pode

fazer com isso, Blake.” O pequeno Spencer me implora com os olhos. “Por favor, diga que sim.”

“Preciso voltar para a escola”, lembro-lhe.

“Podemos fazer isso enquanto você estiver na escola. Nova York não é longe de Boston. Você pode pegar o trem, ficar um fim de semana. Vamos gravar vários episódios, armazená-los e lançá-los aos poucos. Ou podemos fazer uma chamada de vídeo. Temos opções.”

"Podemos ganhar muito dinheiro", diz Big Spencer, o que é definitivamente um argumento de venda.

“E você vai se divertir”, diz Wyatt em voz baixa, finalmente entrando na conversa.

Ele tem razão. Eu vou me divertir. Porque toda a pesquisa que fiz sobre esse mísero mistério? Me diverti mais neste verão do que em meus três anos de faculdade juntos. A única vez que gostei de fazer trabalhos acadêmicos em Briar foi quando estava pesquisando e escrevendo redações sobre temas que eu mesma podia escolher. No resto do tempo, foi uma tarefa tediosa.

“Está bem”, digo lentamente.

Os olhos do pequeno Spencer brilham. "Ok, quer dizer, sim?" Ele suspira. "Você aceita minha proposta de podcast?"

Um sorriso surge de repente. "Acho que sim."

“Meu Deus!” Ele bate palmas. “Isso definitivamente merece um brinde com champanhe!”

Embora eu não esteja me sentindo 100%, não consigo resistir a aceitar a taça de vinho que ele me oferece. Isso me parece digno de um brinde.

Nosso episódio com a Darlie nos rendeu dez mil dólares. Mesmo que nunca mais consigamos nem uma fração dessas visualizações, ainda assim é muito foda.

“Ao nosso novo empreendimento!”, brinda Big Spencer.

"Ah, você precisa sonhar mais alto, querida", repreende o pequeno Spencer. "Para o nosso novo império de podcasts!"

Nós quatro brindamos. Mas, no instante em que o champanhe desce pela minha garganta, meu interior se revolta. Ai, não! Meu estômago começa a roncar e eu engasgo ao sentir a bile subindo pela minha garganta.

"Ai, droga", eu soltei de repente. "Vou vomitar."

Com ânsia de vômito, empurro minha taça de vinho em direção a Wyatt e corro para o banheiro do corredor. Fecho a porta e vomito tudo o que estava no meu estômago.

E enquanto me curvo de joelhos, vomitando e abraçando o vaso sanitário do podcast de Spencer e Spencer Hanz, sobre o paranormal, me dou conta de que minha menstruação está atrasada há duas semanas.

CAPÍTULO42

BLAKE

Vamos dar um jeito.

OS AZULEJOS DO CHÃO PARECEM GELO SOB MEUS PÉS DESCALÇOS. ESTOU

sentada na borda da banheira, encarando o palito de plástico em minhas mãos.

Duas linhas rosas.

Não um, dois.

Repito: dois.

Eu pisco. Depois pisco de novo. E de novo. Esperando que a imagem fique borrada, desapareça ou faça alguma coisa que prove que estou alucinando.

Mas as filas permanecem, provocando-me.

Dois deles. Eu já mencionei isso?

Sinceramente, não achei que seria algo positivo. Me senti boba quando pedi para minha mãe me levar à farmácia hoje de manhã. Fiquei com vergonha de dizer que estava atrasada, mas uma parte de mim estava convencida de que havia outro motivo. Caso contrário, talvez eu nem tivesse pedido para minha mãe me levar à farmácia. Talvez tivesse guardado segredo. Não me arrependo de ter contado para ela, porque agora,

acho que não consigo processar isso sozinha. Meu corpo inteiro está dormente.

Quase não percebo a batida na porta. "Querida, é a mamãe." Ela parece calma, mas consigo sentir uma pontada de preocupação. "Você está bem aí dentro?"

Certo? Quase dou risada. Não, não estou bem. Minha vida virou de cabeça para baixo. Não consigo fazer minhas cordas vocais

funcionarem.

Então, com os joelhos tremendo, me levanto, abro a porta e entrego a ela o teste sem dizer uma palavra.

Ela olha para a foto, fecha os olhos por um instante. Depois suspira e me puxa para um abraço apertado. "Ah, minha menina", murmura, acariciando meu cabelo como se eu fosse criança de novo.

As lágrimas começam a cair antes que eu consiga contê-las. "Você não pode contar para o papai", eu digo de repente. "Por favor. Prometa que você não vai contar para ele."

“Blake—”

“Não, ainda não.” Minha voz falha. “Por favor.”

Após uma pausa, ela acena com a cabeça. "Não vou contar para ele."

"Você promete?" Eu sei que eles não guardam segredos um do outro.

Mas o rosto dela transmite total segurança.

“Eu prometo, só quando você estiver pronta. Essa é a sua escolha. De mais ninguém.”

“Meu Deus.” Minha respiração fica superficial. “O quê… eu não consigo… eu não estou…”

Não consigo nem terminar uma frase. Tudo o que sei é que não estou preparado para isso. É grande demais. E dizer isso em voz alta tornaria tudo real de uma forma que eu não poderia voltar atrás.

Ela enxuga minhas lágrimas com os polegares. "Você não precisa decidir nada hoje. Pode levar o tempo que precisar, e seja qual for sua decisão, eu te apoiarei."

“E o papai?”

"Ou ele te sustentará, ou eu me divorciarei dele."

Dou uma risada fraca. Para ser sincera, não tenho certeza se ela está brincando.

Uma pergunta me incomoda, causando uma sensação de enjoo no estômago. "Você acha que eu deveria me livrar disso?"

Há uma longa pausa.

“Acho que isso pode ser mais fácil”, ela finalmente diz. “Mas o mais fácil nem sempre é o certo. Só você pode saber o que é certo.”

“Mas eu não sei.”

“Você não precisa saber agora. Nós vamos descobrir.”

“E o Wyatt? Preciso contar para ele.”

“Sim, você precisa. Mas, de novo, não precisa ser agora, tá bom?”

"Ele não vai querer um bebê", murmuro, e meu corpo começa a tremer novamente. "Você o conhece. Ele não consegue se prender a nada. Não consegue ficar muito tempo no mesmo lugar. Ele vai me odiar se eu ficar com ele."

“Ah, querida, você não sabe disso.”

“Sim, eu acho.” Dei outra risada. Não tem nada de engraçado nisso, mas é a única coisa que consigo fazer. Rir do absurdo da situação. “Ele vai se sentir encurralado e vai fugir, ou pior, vai tentar fazer a coisa certa quando na verdade não quer.” As lágrimas começam a cair de novo. “Eu não suportaria isso.”

“Blake”, ela diz com firmeza. “Você está entrando em espiral. Respire fundo. Dê um passo para trás. Você não precisa contar para ele até

estar pronta.” Ela segura meu rosto, me obrigando a olhar para ela. “Você não precisa de todas as respostas. Você está com medo, e isso é normal. Mas você não está sozinha nisso. Seja qual for a sua decisão — manter o segredo, não manter, falar com o Wyatt, não falar com o Wyatt — eu sempre estarei ao seu lado.”

Enterro meu rosto em seu ombro e me permito chorar mais do que chorei em anos. Ou talvez nunca. Não se trata apenas de uma gravidez.

Trata-se de Wyatt e de mim, e de tudo o que sinto por ele. De tudo o que temo por nós.

E se eu contar para ele e ele me olhar como se eu tivesse arruinado a vida dele?

E se eu quiser ficar com ele e ele não?

E se ele quiser ficar com ele e eu não? É improvável, mas pode acontecer. Tudo pode acontecer.

O medo corrói meu interior como um carniceiro, até que meu estômago parece estar sendo dilacerado. Mamãe me abraça e me deixa chorar, acariciando meu cabelo num gesto lento e reconfortante.

"Vamos dar um jeito", ela diz enquanto eu soluço em seus braços. "Eu prometo."

CAPÍTULO43

WYATT

Para sempre, talvez.

BLAKE ESTÁ AGINDO DE FORMA ESTRANHA. ELA MAL DISCUTIU COMIGO

sobre qualquer coisa nos últimos dias, o que por si só já é preocupante, mas ela também não está tomando a iniciativa para sexo, cochilos ou piadas. Ela diz que não está se sentindo bem, e Grace fez sopa para o jantar dela ontem à noite, mas não consigo me livrar da sensação de que há algo mais acontecendo, uma peça do quebra-cabeça que está faltando.

Ela parece perdida em pensamentos, e me pergunto se isso tem a ver com a faculdade. Talvez ter aceitado participar do podcast com os Spencers a tenha feito repensar a ideia de voltar para a faculdade. Mas ela só tem mais um ano. Ela bem que poderia se dedicar e terminar o curso. Nunca se sabe quando um diploma desses pode ser útil. Não que eu saiba. Eu pulei a faculdade. Não era para mim.

Esta noite, estou no estúdio em que meu pai tem trabalhado arduamente desde que chegou. É o seu projeto de amor. Nem consigo zoar dele por isso, porque agora eu entendo. Passo um tempo excessivo pensando em maneiras de fazer Blake feliz.

Enquanto as caixas de som tocam as últimas notas da melodia antes de o som se dissipar, eu me remexo nervosamente na cadeira. Embora o estúdio ainda esteja faltando alguns equipamentos e móveis, está praticamente pronto, e meu pai não perdeu tempo em levar minha mãe escada abaixo, de olhos vendados, para revelar a surpresa. Ela chorou ao ver. Mamãe raramente chora, então sei o quanto isso deve ter significado para ela.

"E então?" pergunto, prendendo a respiração.

Do seu lugar privilegiado perto da batedeira, a mãe simplesmente diz:

"Está lindo."

Sinto uma onda de alegria. "Sério?"

“Acho que pode ser a melhor coisa que você já escreveu.”

Analiso o rosto dela, mas não vejo nem mesmo um indício de desonestidade ou mentira. Acho que ela está falando sério.

“Está pronto para Tobey Dodson?”

“Com certeza.” Ela sorri para mim. “Preciso mesmo perguntar sobre quem é?”

Toquei “Lightkeeper” para ela, que é, obviamente, sobre Blake. Mas

“Stop the World” também é. Assim como “You Know”. Assim como todos os outros versos e estrofes que escrevi neste verão.

Antes que eu possa responder, meu celular acende com uma mensagem da Blake. As orelhas dela devem estar queimando. Eu me inclino para ler a mensagem e franzo a testa.

SARDAS Precisamos conversar. Encontre-me no cais.

Precisamos conversar. Droga. Essas palavras nunca são boas.

Mas é exatamente isso que eu tenho desejado desesperadamente. Ela está me ignorando há dois dias, e isso me preocupa. Eu quero conversar.

"Podemos terminar isso daqui a pouco?", pergunto, descendo da cadeira.

“Claro. Sempre que você quiser”, diz a mãe.

Sem perder tempo, calço um par de chinelos e saio apressadamente. Um minuto depois, o cais range sob meus pés enquanto caminho em direção a Blake. Ela está sentada de pernas cruzadas com o celular ao lado. Nem sequer olha para ela quando me aproximo. Isso é preocupante.

“Ei”, eu digo. “O que está acontecendo?”

Ela não responde. Apenas fica sentada em silêncio, entrelaçando os dedos no colo. O lago está calmo esta noite, o luar dançando sobre sua superfície escura.

“Blake”, insisto. “Fale comigo.”

“Estou grávida.”

O mundo para.

Simplesmente… para. Meus pulmões se contraem. Meu coração congela. Os grilos silenciam. O zumbido dos mosquitos cessa.

Por um segundo, fiquei na dúvida se tinha entendido errado.

"Você... o quê?" gaguejei.

"Grávida."

“Como assim?”

"Grávida." Ela finalmente olha para mim. Seus olhos estão cansados e tristes, mas também um pouco divertidos. "Você colocou um bebê aí dentro, Graham."

"Como?"

“Com seu esperma.”

Soltei uma risada abafada. "Não, quer dizer, eu sei disso. Mas nós usamos o Plano B."

"Devo ter perdido a oportunidade", diz ela, sem ânimo. "Descobri há dois dias. Desculpe por não ter dito nada antes, mas estava tentando pensar em como te contar."

“Seus pais sabem?”

“Só minha mãe. Eu queria te contar antes que a gente destruísse a amizade dos nossos pais de novo.”

Não faço ideia de como ela consegue me fazer rir depois de ter mudado completamente o rumo da minha vida com duas palavras: "Estou grávida".

Jesus. O pai dela vai me levar para passear de barco de novo, e dessa vez, ele vai me afogar.

“Fiz um exame de sangue ontem na clínica da cidade e falei com minha médica hoje. Tivemos uma consulta por vídeo. Ela acha que estou com cerca de cinco semanas. Ela vai me agendar para um ultrassom com sete semanas, e aí poderemos ver se está tudo bem, se está normal, ou o que seja…” Blake engole em seco. “Então, temos duas semanas para lidar com isso antes mesmo de sabermos o que está acontecendo.”

Minha mente ainda está girando, em queda livre. Grávida. Bebê.

"Sei que você vai querer que eu cuide disso, mas ainda não me decidi."

Eu a encaro com uma expressão de desagrado. "Por que você acha que é isso que eu quero?"

“Porque…” A voz dela começa a tremer. “Você não é o tipo de cara que quer um bebê tão jovem, Wyatt. Você não quer se sentir preso ou encurralado.”

“Quem está me prendendo? Porque, até onde eu sei, são necessárias duas pessoas para fazer um bebê, e eu sou igualmente responsável por isso.”

“E você deveria ter voz nas nossas decisões.” O lábio inferior dela treme. “Não tem problema admitir que você não quer isso.”

"Ei." Estendo a mão para pegar a dela.

Ela se encolhe, só um pouquinho, e isso me mata.

“Blake, olhe para mim.”

Nossos olhares se cruzam. Estão repletos de medo e… culpa. E isso me destrói também. Ela não tem motivo algum para se sentir culpada.

“Fizemos tudo certinho”, lembro a ela. “Cometemos erros e tentamos consertar com o Plano B, mas não funcionou. Mas fizemos isso juntos.”

“Não sei o que quero fazer”, ela me diz. “Então não estou dizendo que vou ficar com ele. Só quero esperar para decidir depois do exame. Talvez nem haja uma decisão a ser tomada.”

Fico em silêncio por um momento, absorvendo aquilo. "Certo. Então vamos esperar."

Ela me encara como se eu tivesse chifres. "Você está calmo", ela acusa.

"Por que você está tão calmo? Por que você não está surtando?"

“Estou. Estou apavorada. Meu estômago está dando cambalhotas.

Mas…” Hesito, procurando as palavras. “Não estou tão apavorada quanto pensei que estaria. Não com você. Não quando se trata de nós.”

“O que isso significa, nós? Isso não é… Eu não sei o que é isso.”

Frustrada, ela retira a mão e abraça os joelhos. “Você não pode dizer que está tudo bem, porque não está tudo bem.”

“Não estou dizendo que está tudo bem. Estou dizendo que não vou me candidatar. Se vocês decidirem manter o cargo, eu estarei aqui. Estou aqui agora.”

Lágrimas brotam em seus olhos, agarrando-se aos seus cílios grossos.

"Você não é do tipo que se estabelece. Você já deixou isso bem claro. Essa não é você."

“Talvez seja”, digo baixinho. “Talvez eu simplesmente não tenha percebido isso até agora.”

Ela fixa o olhar em mim, incerta. "Você só está dizendo isso porque estou grávida? Está tentando bancar o herói agora porque se sente responsável?"

“Não, estou dizendo isso porque me importo com você. Porque eu…”

Eu paro, expirando lentamente. “Porque eu te amo.”

Eu já disse essas três palavras para uma garota antes. Muitas vezes, na verdade. Na época em que eu confundia química sexual com amor verdadeiro, antes de perceber que o que eu sentia não era real. Não durou.

Já se passaram anos desde que essas palavras saíram da minha boca, mas no instante em que as ouço, sei sem sombra de dúvida que não se trata de química, sexo ou alguma versão idealizada de amor sobre a qual escrevo em minhas canções.

Esta é a sensação mais real que já senti em toda a minha vida.

Blake Logan me possui. Corpo, alma e coração.

“Você me ama.” Ela morde o lábio. “Desde quando?”

“Não sei. Talvez para sempre. Eu simplesmente estava com muito medo de dizer isso.”

Ela me encara como se estivesse tentando ler cada pensamento da minha mente. "Você não está falando isso por falar?"

“Não.” Estendo a mão para ela novamente e, desta vez, ela me deixa segurá-la. “Estou dizendo isso porque é verdade. Estou apaixonada por você.”

O rosto dela se contorce, como se não soubesse se ri ou chora. Ela não responde. Isso deveria me incomodar, mas não incomoda. Ela está passando por muita coisa agora. Não quero que ela se sinta obrigada a dizer algo ou pressionada a sentir algo que não sente.

Por um instante, ficamos ali sentados. Dedos entrelaçados, olhando um para o outro como se o resto do mundo não existisse.

Então ela diz: "E se eu não estiver pronta? E se eu não conseguir fazer isso? Eu não sou mãe de ninguém."

Aperto a mão dela com mais força. "Vamos dar um jeito. O que você quiser, o que você precisar, eu estou dentro."

Ela funga, olhando para a água. "Me assusta que você não pareça assustado."

Dando uma risadinha, pressiono a mão dela contra meu peito, onde meu coração bate mais forte do que nunca.

“Sente como está batendo rápido? Estou morrendo de medo. Mas…

duas semanas”, lembro a ela. “Vamos ficar juntas nisso por duas semanas.

Sem pressa, sem pressão. Só nós duas.”

“Nós”, ela repete lentamente, como se estivesse avaliando o significado da palavra.

Acaricio suavemente seus nós dos dedos. "Você pode fazer isso para mim, meu bem?"

“Sim.” Blake se inclina para mim e encosta a cabeça no meu ombro.

“Eu consigo fazer isso.”

CAPÍTULO44

BLAKE

Se

APESAR DE TERMOS COMBINADO DE MANTER SEGREDO, DECIDIMOS FAZER O

impensável e contar para os pais. Não porque quiséssemos desesperadamente de transparência, mas porque os enjoos matinais me atacaram como uma nuvem de gafanhotos. Surgiram do nada no dia seguinte à nossa conversa com Wyatt no cais, transformando minha vida num verdadeiro inferno.

Minha mãe me disse que, quando estava grávida de mim, só sentia enjoo à noite. Meu enjoo começa de manhã, e aí (que maravilha!) continua até a tarde toda, e depois (sorte a minha!) se estende até depois do anoitecer.

A gravidez é um saco.

No primeiro dia, conseguimos convencer meu pai de que eu estava com uma virose estomacal de 24 horas.

O segundo dia do meu casamento com o vaso sanitário foi mais difícil, porque ele ficou preocupado e sugeriu que fôssemos ao pronto-socorro.

Mamãe o convenceu de que provavelmente era uma virose passageira, então, secretamente, foi até a cidade e comprou alguns remédios para o estômago seguros para gestantes. Não adiantaram.

No terceiro dia, quando papai estava pronto para me levar pessoalmente ao pronto-socorro, Wyatt e eu finalmente convocamos uma reunião de família.

Há sessenta segundos, contamos ao meu pai e aos pais do Wyatt sobre a gravidez. Agora estamos sentados em nossas respectivas cadeiras de praia, aguardando a explosão.

Não vem.

Papai e Garrett se entreolham por um instante. Depois, assentem com a cabeça e voltam a se virar para nós.

“Está bem”, diz o pai.

“Tudo bem”, diz Garrett.

Franzi a testa. "O que está acontecendo agora?"

“Você está grávida”, meu pai me diz.

“Sim, eu sei disso! Estou perguntando o que está acontecendo aqui.”

Aceno com a mão entre eles. “Vocês dois estão de acordo com isso?”

Eles dão de ombros, o que aumenta minha suspeita. Wyatt me contou sobre aquele passeio de barco à meia-noite para o qual meu pai o obrigou. E

se o levarem para passear de barco de novo?

"Por favor, não o afoguem", eu digo de repente.

Todos se assustam.

“Querida”, começa a mãe.

“Não”, interrompi. “É exatamente isso que está acontecendo agora. Por isso que eles estão tão calmos.” Implorei aos pais de Wyatt: “Vocês não podem deixar que ele mate o filho de vocês.”

"Eu não estou matando ninguém!", protesta o pai, dobrando-se de tanto rir.

“Não, ela tem razão”, diz Wyatt, inquieto. “Vocês estão calmos demais.

Não confio nisso.”

A mãe de Wyatt o observa com curiosidade. "Você também parece bem calmo."

“Sim, porque, como acabamos de lhe dizer, vamos esperar pelo resultado do exame antes de tomar qualquer decisão.”

Hannah acena com a cabeça. "E nós apoiaremos qualquer decisão que vocês dois tomarem."

Um alívio me invade. Eu não estava preocupada com Hannah, no entanto. Ela é sensata como minha mãe. Nossos pais é que são os malucos.

E, no entanto, nenhum dos dois parece incomodado.

“Pai”, eu digo, “você não pode estar feliz com isso.”

"Feliz?" Ele pondera. "Bem, não posso dizer que o fato da minha filha de 21 anos ter um bebê estivesse nos meus planos para você daqui a cinco anos. Mas..." Ele dá de ombros. "Acontece."

"Acontecem coisas?", repito. "O que está acontecendo aqui?"

Um suspiro ecoa do telefone no centro da mesa do convés. É a Gigi. Ela está de volta a Dallas, mas Wyatt não se sentiu à vontade para contar aos pais sem incluir a irmã gêmea. Não o culpo. Se eu tivesse um irmão ou irmã, também o(a) incluiria.

“Meu Deus”, diz Gigi. “Eu sei o que está acontecendo. Eles querem isso.”

Meu olhar volta-se para nossos pais.

“Você está feliz”, acusa Gigi. “Admita.”

“Mais uma vez, não sei se ‘feliz’ é a palavra que eu usaria”, diz Garrett com cautela. “Mas, de certa forma, já nos conformamos com isso.”

"Que diabos isso significa?", pergunta Wyatt, indagando.

“Significa que, uma vez que aceitamos que o relacionamento iria acontecer, quer quiséssemos ou não, obviamente discutimos todos os passos que poderiam seguir. O casamento, por exemplo”, diz o pai dele.

“Vamos dividir os custos do casamento”, diz a minha amiga. “Assim, teremos a mesma opinião.”

“Você não tem voz ativa”, diz a mãe, exasperada. “É o casamento deles.”

"Não vai haver casamento nenhum!", interrompo, começando a ficar frustrada.

“Bem, depois do casamento, o que vem naturalmente em seguida são os bebês.” Meu pai me lança um olhar tranquilizador, que não me tranquiliza nem um pouco. “Não se preocupe, querida. Já negociamos tudo.”

Ai meu Deus. Esfrego a testa.

“Graham virá primeiro no nome composto. Graham-Logan. Porque os Grahams sempre vêm em primeiro lugar”, explica Garrett.

“Mas os Logans sempre dão conta do recado e resolvem o problema”, diz o pai, com um sorriso presunçoso.

“Se for um menino, os Grahams têm direito ao nome do meio.”

“Se for uma menina, obviamente será a Logan.”

“E então a escala de babás do avô será —”

"Ok, já ouvimos o suficiente", interrompe Hannah enquanto a risada incontrolável de Gigi ecoa pelo alto-falante do telefone.

“Certo, pessoal”, diz o irmão gêmeo de Wyatt, animado. “Preciso atender uma ligação de trabalho. Mas… talvez parabéns? De qualquer forma, Luke e eu vamos manter isso em segredo. Prometo.”

“Obrigada, mas eu não estava preocupada com você ou com o seu cunhado falando demais”, diz Wyatt antes de desligar. Ele se vira para encarar o pai. “É com você que eu estou preocupada.”

“Sim”, eu concordo. “Eu sei que temos essa dinâmica familiar incestuosa em que todo mundo se mete na vida de todo mundo, mas eu não quero que ninguém saiba. Se mantivermos isso em segredo, a gravidez fica escondida até o final do primeiro trimestre.”

Papai está desesperado. "Nem podemos contar para Dean e Tuck?"

“Principalmente não o Dean”, resmunga Wyatt.

Enquanto isso, estou me atrapalhando com a última coisa que disse. E

com a palavra "se".

Se o mantivermos.

Só contamos para nossas famílias porque eu precisava explicar por que estou vomitando a cada dois minutos, mas agora que as envolvemos nessa jornada maluca, tudo parece muito mais real. Talvez não seja mais uma questão de "se vamos manter o bebê".

Talvez seja quando o mantemos.

CAPÍTULO45

WYATT

Todos os caminhos levam a você.

MEU PAI SE JUNTA A MIM NO CAIS MAIS TARDE NAQUELA NOITE, ONDE ESTOU

fumando um cigarro às escondidas. Diminuí o consumo de álcool quase completamente neste verão, mas os últimos dias têm sido... no mínimo, avassaladores.

"Você está bem?" Ele se aproxima de mim na beira do precipício.

Solto uma nuvem de fumaça e deixo a brisa noturna levá-la embora.

"Bem, minha namorada está grávida, então..."

Papai dá uma risadinha. "Será que ainda dá tempo de te dar aquela conversa sobre camisinha?"

Eu gemi. "Nem comece. Foi só uma noite de bebedeira. E nós fomos tão responsáveis."

“Claramente que não.”

“Sério, nós até fomos de carro até a farmácia no dia seguinte para comprar a pílula do dia seguinte. Tivemos que correr atrás de algumas, e achamos que tínhamos tomado a tempo, mas…”

“Mas o destino tinha outros planos.”

“Destino? Você acha que eu estava destinado a isso?”

“Não. Na verdade não.” Ele dá de ombros. “Acredito que cada um cria o seu próprio destino.”

Levo a mão ao cabelo para passar, mas esqueço que estou segurando um cigarro e quase queimo as pontas. Em vez disso, dou uma tragada profunda e solto outra baforada de fumaça, observando-a flutuar sobre a água.

“Parece que você está lidando bem com isso”, comenta o pai.

Eu solto uma gargalhada. "Voltei a fumar, então obviamente não. Mas estou tentando. Preciso descobrir como lidar com isso."

“Claro que pode.” Seu tom fica ríspido. “Mas devo dizer…”

"O que?"

“Ser pai não é algo que se possa fazer de qualquer jeito. Não dá para ficar imerso na música por dias a fio.”

“Eu sei. Se ela ficar com o bebê, farei o que for preciso.” Um nó se forma na minha garganta. “Eu a amo.”

Sua expressão se suaviza.

“Não vou deixar que ela passe por isso sozinha.” Dou outra tragada. “É

estranho, mas quando ela me contou, estávamos sentadas bem ali”, digo, apontando com a cabeça para a ponta do cais. “O tempo

simplesmente parou por um instante. Mas depois… continuou passando.”

Ele dá uma risadinha. "Bem, sim, geralmente é assim que o tempo passa. Para a frente."

“Não, quer dizer… eu não entrei em pânico. Estava calma. Pensei: ‘Ok, acho que talvez a gente faça isso, ou talvez não’. A Blake até comentou que eu não estava tão assustada quanto ela achava que eu estaria.” Solto mais um suspiro. “Você ficou com medo quando a mamãe te contou que estava grávida de nós?”

"Fiquei apavorado", admite. "Minha reação foi péssima."

Eu o encaro com uma expressão de desagrado. "Mal como?"

"Tivemos uma briga feia porque ela escondeu isso de mim por semanas.

Só descobri porque ela começou a sangrar e teve que ir ao hospital."

“Isso não parece coisa da mamãe. Por que ela não te contou?”

"Porque ela tinha medo da minha reação, e com razão. Eu não queria filhos tão jovem. Eu ainda estava na NHL. Mas não era só isso — eu não sabia como ser pai. Porque o meu era um completo idiota que só falava comigo se fosse sobre hóquei ou quando estava me espancando e espancando minha mãe."

Concordo com a cabeça, porque já ouvi isso antes. E embora eu me sinta mal ao pensar na infância que ele teve, tenho orgulho de quem ele se tornou. Ele é um bom homem, apesar do pai. Ele poderia ter seguido um caminho completamente diferente, perpetuado o ciclo de abuso, mas ele se libertou disso.

“Eu perdi a cabeça”, ele continua, e eu percebo a tristeza em sua voz.

“Eu disse coisas das quais me arrependo. O bom da sua mãe é que ela sempre percebe quando estou sendo arrogante e falando besteira. Ela sabia que vinha do medo e conseguiu me perdoar. Nós nos reconciliamos, e aí tivemos vocês, e isso é a melhor coisa que já me aconteceu.”

Ele estende a mão e passa um braço em volta de mim, apertando meu ombro antes de me soltar.

“Você já está um passo à frente, Wyatt. Você está aqui dizendo que fará o que for preciso. E isso é algo que eu tive que aprender da maneira mais difícil. Eu tive que aprender a ser seu pai.”

“Bem, eu tive — tenho”, corrijo, “um ótimo pai. Sei que posso fazer isso se ela quiser. Talvez não perfeitamente. Provavelmente vou errar metade das vezes, mas acho que consigo.”

Não consigo acreditar nas palavras que estão saindo da minha boca.

Quem diabos é esse cara? Minha vida inteira foi um caos completo, me empurrando em mil direções diferentes. Um verão com Blake me ancorou.

Mas não da maneira que ela teme.

Não uma armadilha, mas uma âncora.

Quando fui vê-la pouco depois, ela estava encolhida na cama, com a bochecha pressionada contra o travesseiro. A palidez do seu rosto me indicava que ela tinha acabado de vomitar.

"Você está bem?", pergunto baixinho. "Precisa que eu lhe traga biscoitos? Água?"

“Não, obrigada. Vou ficar aqui deitada até meu estômago se acalmar.”

Eu me estico ao lado dela, e ela se vira para mim e encosta a bochecha no meu peito. Passo os dedos pelos seus cabelos.

“Você tinha razão”, me pego dizendo.

“Sobre o quê?”

“Quando você disse que eu fiquei presa na minha própria vida, contando histórias para mim mesma sobre quem eu sou, quem eu deveria ser, eu fui tão teimosa com tudo. Me recusando até a ideia de tocar música pop, me recusando a deixar as pessoas me ajudarem. Me convencendo de que nunca poderei ter um relacionamento porque sou egocêntrica, a música vem em primeiro lugar e estou destinada a ficar sozinha na estrada.” Sinto uma dor estranha no peito. “Droga. Tudo o que eu fiz foi me sabotar.”

"E você não está mais se contendo?", ela murmura.

“Acho que não. É… meio complicado, mas no momento em que você me contou que estava grávida, foi como se eu pudesse ver todos esses novos caminhos se abrindo para mim.” Engulo em seco. “Não necessariamente caminhos que levem à paternidade. Não estou dizendo que devemos ficar com o bebê. Mas todos esses caminhos têm uma coisa em comum.”

"O que?"

“Você. Todos os caminhos levam a você.”

Ela inclina a cabeça para cima na minha direção, e seu lábio inferior começa a tremer. Não perco a onda de emoção em seus olhos, então a puxo para perto novamente, acariciando suavemente seus cabelos. Após alguns instantes de silêncio, seu sussurro faz cócegas no meu pescoço.

“Você não precisa ficar aqui se quiser ir escrever.”

“Não.” Dou um beijo no topo da cabeça dela. “Não vou a lugar nenhum.”



A MÁQUINA DEAN

DEAN Eles estão agindo estranho, né? ALLIE Quem? DEAN G e Logan e seus respectivos clãs. Tem alguma coisa acontecendo. Eles mal me mandaram mensagem essa semana. ALLIE Só porque eles não estão te mandando mensagem não significa que tem alguma coisa acontecendo. Ao contrário do que muitos Deans pensam, o mundo não gira em torno de você, querida. DEAN Beau—me apoia.

Blake e os gêmeos estão quietos, né? BEAU Não sei. Não reparei.

IVY Deixa ele em paz, papai. Ele está triste. ALLIE Ah, querido. O

AJ ainda não está falando com você? KATE HAHAHA O AJ nunca mais vai falar com ele. Não depois do que ele fez. ALLIE Talvez não ria da desgraça do seu irmão, Katherine? KATE Talvez não transasse com a namorada do seu melhor amigo? DEAN Você tem quinze anos. Não use a palavra transar. Ivy—dá sua opinião? IVY

Só depois que você mudar o nome desse grupo.

Dean Di Laurentis mudou o nome do grupo de bate-papo para "A Família Mais Bonita de Todos os Tempos".

IVY Melhor.

CAPÍTULO46

BLAKE

Não se vanglorie tanto por ter dedurado.

EM DEZ DIAS, TENHO QUE VOLTAR PARA A ESCOLA.

Daqui a oito dias, tenho o ultrassom de sete semanas.

Coincidência? Acho que não.

O universo está me forçando a escolher. Eu te vejo, universo. Vadia transparente.

A ideia de não terminar o último ano do ensino médio me parece um desperdício. Quer dizer, é um desperdício mesmo. É um desperdício do dinheiro dos meus pais, porque eles pagaram minha mensalidade. O que significa que eu preciso terminar a faculdade.

Possivelmente grávida.

Ai, que horror. E, tipo, ter um bebê no meio da minha cerimônia de formatura?

Quer dizer, a Sabrina Tucker conseguiu. Ela engravidou do Jamie bem antes de começar a faculdade de direito. Essa mulher é uma estrela, viu? A ética de trabalho dela não é sustentável para nós, meros mortais. Não sei se tenho esse tipo de disciplina.

Wyatt e eu vamos dar uma volta de barco de algumas horas, então visto um short por cima do meu maiô e procuro minha bolsa. Estamos ansiosos para escapar dos avôs, que foram educadamente solicitados a não discutir nada relacionado ao bebê até que uma decisão seja tomada, mas eles estão constantemente escapando, e podemos ouvi-los rindo juntos. Temo que eles fiquem arrasados se decidirmos não continuar com a gravidez.

E isso continua a me assombrar.

A cozinha está com cheiro de panquecas. Normalmente, seria um aroma agradável, mas me dá uma pontinha de náusea. Maldito enjoo matinal.

Também estou com uma dorzinha incômoda na parte de baixo do estômago hoje. Está aqui desde que acordei, esse nódulo de desconforto. Mas minha mãe diz que algumas cólicas são normais.

Prendo a respiração ao passar pelo fogão e vou até a geladeira pegar um pouco de água.

"Você quer panquecas?", oferece o pai.

“Não. Isso vai me dar ânsia de vômito.”

“Pelo menos experimente um.”

“Pai, sério, o cheiro está horrível.”

"Ah, e eu que pensava que este era o meu melhor lote."

“Não, o cheiro está ótimo, mas mesmo assim me dá vontade de vomitar.” Fechei a porta da geladeira. “Enfim, vamos sair de barco agora.”

"Sem comer nada?" Ele cruza os braços. "Agora você está comendo por dois, meu bem."

"Eu também estou vomitando por dois", respondo, e ele dá uma risadinha antes de sua expressão voltar a ficar séria.

“Além disso, você tem certeza de que deveria sair de barco? É muito perigoso.”

“Perigoso como? Não é como se fôssemos pular de penhascos.”

“Eu sei, mas você ainda precisa ter cuidado. E se o barco virar?”

Dou uma olhada por cima do ombro para ele. "Você e o Wyatt precisam se encontrar e conversar sobre esse seu medo irracional de barcos virando em Tahoe."

A mãe entra vinda do terraço, carregando dois pratos vazios. Ela e Hannah estavam tomando café da manhã lá fora. "Deixe-a em paz, John", repreende ela.

Larguei a garrafa de água quando senti outra cólica. Mais forte do que antes. Respirei fundo e pressionei a mão contra a parte inferior do abdômen.

A mãe percebe imediatamente. "Você está bem?"

"Acho que sim. É só que... não sei, é uma sensação estranha. Tipo uma sensação de estiramento. Mas li que é normal." Tenho até vergonha de admitir que andei pesquisando sobre o início da gravidez, mas eles me conhecem. Não entro em nenhuma situação sem antes pesquisar bastante.

A mãe relaxa, mas uma pontinha de preocupação permanece. "Cólicas são normais, sim. Você teve algum sangramento?"

Eu balanço a cabeça negativamente.

“Você está um pouco pálida”, diz ela, me examinando atentamente.

“Tem certeza de que não está exagerando?”

“Viram só!” diz o pai, triunfante. Ele olha para a mãe. “E ela vai dar um passeio de barco.”

Encaro-o com raiva. "Não se faça de dedo-duro. Além disso, não há nada para dedurar. Sim, vamos dar uma volta de barco. Vai ficar tudo bem."

A mãe dá de ombros. "Tudo bem, divirta-se. Só tente pegar leve. Não nade se tiver cãibras."

“Não vou.”

A dor não diminui durante nosso passeio tranquilo pelo lago. À tarde, ela piora, irradiando para as minhas costas e descendo pela coxa. Decidindo que talvez eu precise mesmo pegar mais leve, deito no sofá depois do almoço, mexendo no celular enquanto papai assiste a um filme e mamãe e Hannah arrumam a cozinha.

Wyatt está pescando com o pai, algo que eu prontamente incentivei.

Eles têm passado bastante tempo juntos esta semana, e eu consigo ver como Wyatt fica feliz em se conectar com Garrett por meio de algo que não seja hóquei. Fico imaginando se ele algum dia contará ao pai sobre todas as vezes que foi ao rinque neste verão.

Meu celular vibra com mais uma mensagem. Estou conversando com o pequeno Spencer, que está de volta a Nova York e acabou de me mandar uma foto do estúdio de podcast que ele tem em casa.

LITTLE SPENCER Viu? Eu consigo colocar uma segunda cadeira aqui, com certeza!! E vamos criar um cenário profissional atrás da mesa para parecer um estúdio de verdade. Nossa, mal posso esperar para você se mudar para a cidade!!! Pela última vez, eu não vou me mudar para Nova York. LITTLE SPENCER Tudo bem, vamos manter nosso plano para o fim de semana. POR ENQUANTO!

Sorrio para a tela, mas de repente, as palavras ficam embaçadas quando uma onda de náusea me atinge, obrigando-me a sentar-me abruptamente.

"Você está bem?" Papai olha de relance.

“Estou bem. Só estou me sentindo enjoada de novo.”

“Grace, pega o balde”, ele grita.

“Não preciso de um balde. Tem um banheiro a uns cinco metros daqui.”

Eu me levanto e o quarto parece girar quando aquela dor aguda me atravessa novamente. Minha pele está úmida e meu coração agora bate forte nos meus ouvidos, me deixando tonta.

"O que está acontecendo, garoto?", perguntou ele, com um tom alarmado.

Agarro-me ao encosto do sofá, minha visão embaçando novamente.

Quando meus joelhos cedem, tento me firmar. "Tem alguma coisa errada", digo.

Papai se levanta tão rápido que o controle remoto cai no chão com um estrondo. "Fala comigo. Onde dói?"

Engoli em seco para conter a náusea, e a dor me atingiu em cheio na lateral do corpo. Uma dor lancinante e implacável.

Uma onda de tontura me acomete. E então tudo fica escuro.

CAPÍTULO47

BLAKE

Você não precisa fingir.

AO ABRIR OS OLHOS, O MUNDO PARECE LENTO E PESADO, COMO SE EU

estivesse emergindo do fundo de um lago profundo e escuro. Tudo o que sinto é confusão. Uma luz forte arde nos meus olhos. Um monitor emite um bipe suave próximo a mim. Há um cheiro estéril

de antisséptico no meu nariz e uma dor surda e latejante no meu abdômen.

A última coisa de que me lembro é de estar me sentindo mal. Estava tonta. Cambaleando. Lembro-me dos olhos preocupados do meu pai em mim, dos braços dele me amparando antes que eu desmaiasse. Meu Deus.

Ele me trouxe para o hospital porque eu desmaiei? Ele é tão dramático.

Engoli em seco, com a garganta seca, e tentei falar. No início, só consegui emitir um guincho rouco antes de finalmente conseguir dizer, com a voz rouca: "Papai?"

Há uma agitação ao meu redor. No instante seguinte, vejo o rosto da minha mãe, pálido e marcado pela preocupação. Em seguida, meu pai está do outro lado da cama, com uma expressão sombria.

“Ei, meu bem, como você está se sentindo?”

"Dói", digo. "Minha barriga dói."

Nenhum dos dois responde.

Lambo meus lábios ressecados. "Por que estou no hospital? Você exagerou e me trouxe aqui?"

Quando tento me sentar, minha mãe segura meu braço com firmeza para me impedir. "Não, não se mexa ainda, querida. Você acabou de sair da cirurgia."

"Cirurgia? Por causa de desmaios?", pergunto, confusa.

Meu olhar percorre o quarto, depois se fixa no meu próprio corpo.

Percebo que tenho um daqueles monitores cardíacos no dedo.

"Não entendo", digo finalmente.

“Você teve uma gravidez ectópica”, ela diz suavemente. “Ela se rompeu e houve um sangramento interno.”

"Nos deixou apavorados", disse meu pai.

“Tivemos muita sorte de você estar aqui quando estava.” A voz dela treme, e percebo o quão assustados ambos parecem.

Tento me mexer de novo, mas papai me impede. "Você precisa ficar quieta. Vou chamar a médica para que ela possa te examinar, tá bom?"

Enquanto ele sai apressado pela porta, mamãe aperta minha mão.

"Estávamos tão preocupados com você. Wyatt também estava. Os Grahams estão na sala de espera. Ele queria estar aqui com você, mas pensei que você gostaria que eu e o papai fôssemos as primeiras pessoas que você visse enquanto processa tudo."

“Processo”, repito fracamente. “Não entendo. Então não estou mais grávida?”

Normalmente não sou tão estúpido, e percebo que a pergunta é idiota, mas meu cérebro está confuso e ainda não consigo entender o que está acontecendo.

“Gravidez ectópica… Isso significa… Que o embrião se implantou fora do útero?”

Ela acena com a cabeça. "Na sua trompa de Falópio esquerda."

"Foram só cólicas..." Minha voz some quando ouço passos se aproximando da porta.

Uma médica de uniforme rosa entra, seguida pelo meu pai. Ela se aproxima da cama com passos rápidos. "Meu nome é Dra. Lechie.

Como você está se sentindo, Blake?"

"Confuso", admito. "Um pouco tonto."

“Sim, é o efeito da anestesia passando.” Ela examina minhas pupilas, fazendo-me seguir a luz da lanterna que tira do bolso. “Tenho certeza de que seus pais lhe contaram, mas você teve uma gravidez ectópica. Tivemos que realizar uma salpingostomia, o que significa que reparamos sua trompa em vez de removê-la. Você teve sorte. A ruptura não foi grave e, embora tenha havido sangramento interno, não foi intenso.”

Ela continua falando, explicando que fez uma incisão na minha trompa de Falópio para "remover a gravidez", e seu tom é tão clínico e objetivo que me dá vontade de chorar. Então ela me garante que conseguiram preservar a trompa e que, contanto que a cicatriz não seja extensa, uma concepção natural não deve ser um problema no futuro, já que ambas as trompas estão intactas.

“Você receberá alta amanhã”, ela conclui com um sorriso.

Como se essa fosse a conclusão de tudo isso. Boas notícias! Sem bebê!

Agora vá para casa.

Ao perceber minha expressão, seu tom de voz suaviza. "Eu sei que é muita coisa para processar."

“Eu… não entendo. Será que havia algo que eu pudesse ter feito ou…

será que exagerei?” Meu coração está acelerado agora.

“Você não fez nada de errado”, diz o Dr. Lechie com firmeza.

“Infelizmente, isso é algo que acontece às vezes. Ocorre em cerca de uma em cada cinquenta gestações e, em noventa por cento dos casos, trata-se de uma gravidez ectópica tubária. Geralmente, só é possível detectá-la no primeiro ultrassom. Se tivéssemos descoberto na próxima semana, durante

o ultrassom, poderíamos ter prescrito medicamentos para interromper a gravidez, mas a ruptura não nos deixou outra opção a não ser a remoção cirúrgica.”

Ela me explica os cuidados pós-operatórios, dizendo que devo esperar alguma dor devido à pequena incisão no abdômen, mas que qualquer dor deve melhorar em uma semana. Posso retomar atividades leves em uma semana e atividades mais intensas em cerca de um mês. É tudo muito técnico, e minha cabeça começa a doer. Enquanto ela continua falando sem parar, meus olhos se enchem de lágrimas e minhas mãos começam a tremer.

Eu não quero isso. Não quero estar aqui. Quero voltar para esta manhã.

Antes dessa dor surda e antes do medo, quando eu ainda tinha um futuro para imaginar.

Em vez disso, estou ouvindo esse médico e o irritante bip desse monitor.

Ele deveria me lembrar que estou viva, mas tudo o que faz é me lembrar que meu bebê não está.

O pensamento desencadeia as lágrimas. Mamãe imediatamente segura minha mão e acaricia meu cabelo enquanto a Dra. Lechie toca meu braço delicadamente antes de sair para continuar sua ronda. Mal percebo que ela se foi. Ou que ela esteve ali, para começo de conversa.

"Quero ver o Wyatt", digo com a voz embargada.

"Tem certeza?", pergunta a mãe.

“Por favor, alguém pode ir buscá-lo?”

Papai acena com a cabeça e desaparece da sala. Ele só fica fora por cinco minutos, mas parece uma eternidade até Wyatt aparecer na porta. Um alívio me falta ao vê-lo. Ele está lindo, mesmo sob a luz forte do hospital. E

seu cabelo está extremamente bagunçado, o que me diz que ele passou a mão nele na sala de espera.

"Sardas", diz ele, com os olhos cheios de preocupação.

Meus pais nos dão privacidade enquanto ele se aproxima da cama. Ele segura minhas bochechas e examina meu rosto com urgência.

Você está bem?

“Não”, sussurro. “O bebê se foi.” Minha garganta se fecha. “Bem, tecnicamente, o bebê nunca esteve lá. Não tinha nenhuma chance de sobreviver.”

“Eu sei. O médico nos explicou.” Ele acaricia minha bochecha, o polegar roçando minha maçã do rosto, e algumas lágrimas escorrem. “Ei, está tudo bem. Você vai ficar bem.”

Agora estou chorando de verdade. O Dr. Lechie tinha mencionado algo sobre hormônios e que ainda tenho níveis altos de HCG no meu organismo.

Aparentemente, eles precisarão monitorar meus níveis até que voltem a zero para garantir que não haja nenhum "tecido" remanescente. E eu vou ficar com os hormônios à flor da pele por pelo menos algumas semanas, talvez até mais. Ótimo.

“Oh, meu bem, por favor, não chore.”

Wyatt senta-se na cama, infinitamente gentil enquanto me puxa para seus braços. Sinto uma pontada de dor na lateral do corpo, mas não me importo. Enterro meu rosto no peito de Wyatt, inalando seu aroma picante familiar, enchendo meus pulmões com ele para não ter que sentir mais aquele cheiro horrível de antisséptico.

“Sinto muito que isso tenha acontecido”, ele murmura no meu cabelo.

“E eu sei que você está chateada. Mas você é jovem, saudável e o médico disse que você ainda tem as duas trompas—”

“Eu queria isso.”

Ele se enrijece em surpresa.

Levanto a cabeça, enxugando as lágrimas. "Eu nem tinha me dado conta de como eu queria isso até agora, e agora simplesmente se foi."

"Acho que... talvez eu também quisesse isso", diz Wyatt, e por algum motivo, isso desencadeia uma onda de raiva.

“Pare de mentir.”

Ele ficou surpreso. "Não estou mentindo."

Viro a cabeça, subitamente incapaz de encará-lo. Cada respiração parece que estou arrastando cacos de vidro pelos meus pulmões. A raiva surgiu do nada, fazendo-me sentir pequena e envergonhada, mas ao mesmo tempo impotente para contê-la.

“Por favor, olhe para mim”, ele diz suavemente.

Mas eu não consigo. Não sei porquê. Tudo o que sei é que existe uma voz cínica na minha cabeça dizendo que a tristeza que vejo nos

olhos dele não é real. É fingida. Que o que ele realmente está sentindo é alívio.

"Está tudo bem, Wyatt", murmurei. "Você não precisa fingir."

Sua mão encontra meu queixo, gentilmente forçando minha cabeça em sua direção. O choque e a mágoa em seu rosto evocam uma onda de culpa, mas o medo já se instalou, se enroscando em meu peito como uma jibóia.

"Você não queria isso", eu digo. "Na verdade, não. Não tem problema admitir isso."

“Isso não é verdade. Nenhum de nós sabia o que queríamos.

Combinamos de decidir depois do exame.”

Eu me abraço e cravo as unhas na minha pele, tentando me firmar. "Está tudo bem", repito. "Você fingiu que estava tudo bem para mim, e eu agradeço, mas—"

“Pare de dizer isso”, ele interrompe, e sua voz falha. “Eu não estava fingindo.”

Ele está mentindo. Tem que estar. Ele precisa estar respirando mais aliviado sem o peso de um bebê oprimindo-o. Não sou boba. Qualquer homem se sentiria aliviado, especialmente um homem que teve problemas com compromisso a vida toda.

“Eu estava em paz com qualquer uma das opções”, diz Wyatt suavemente. “Eu te prometo isso.”

Minha garganta se fecha num soluço. "Você está dizendo isso porque é o que eu preciso ouvir agora."

Seus olhos examinam os meus. Sinto sua frustração, seu pânico. Ele solta minha mão do meu aperto mortal e a aperta com força.

“Eu sei o que você está fazendo e entendo o porquê, mas, por favor, não me exclua. Estou aqui com você. Bem aqui com você. Sempre.”

Eu afasto a mão com um gesto de desdém. "Você pode ir chamar minha mãe?"

Wyatt se encolhe como se eu o tivesse atingido. "Não vou te deixar."

"Por favor." Viro o rosto para longe dele, as lágrimas encharcando o travesseiro. "Eu só quero minha mãe."

CAPÍTULO48

WYATT

A coisa certa

BLAKE RECEBEU ALTA DO HOSPITAL MENOS DE 24 HORAS APÓS A internação. Parece-me muito cedo, mas aparentemente trata-se de uma cirurgia comum, tão minimamente invasiva que ela quase não terá cicatriz.

Mesmo assim, não gosto da ideia de mandá-la para casa quando ela ainda está tão frágil. Tudo a faz chorar, até mesmo sair do hospital. Ela precisa usar cadeira de rodas por norma, e quando uma mãe com seu filho pequeno não consegue entrar no elevador e diz: "Vamos pegar o próximo", Blake cai no choro porque não havia espaço.

Minha mãe me diz que é completamente normal. Os níveis hormonais da Blake estão baixando e pode levar semanas para que o que me disseram ser o "hormônio da gravidez" saia do organismo dela. Mas é difícil de ver.

Não, é excruciante, principalmente quando ela mal olha para mim. Mal fala comigo. Nem sequer ficamos sozinhas desde que ela me

acusou de fingir que estava bem com a gravidez e depois preferiu buscar consolo com a mãe dela em vez de comigo.

Estou tentando não levar para o lado pessoal. Blake é muito próxima da mãe, e eu sei que Grace é o porto seguro dela — é natural que ela esteja se

apoiando nela.

Mas eu gostaria que ela se apoiasse em mim, mesmo que só um pouquinho.

No dia seguinte à sua alta, decidi preparar um almoço para ela e ver se ela toparia comer comigo no terraço, como fazíamos antes. Ela não saiu do quarto desde que voltou do hospital.

Mamãe me encontra na cozinha e sorri ao ver a cena. "Ele está cozinhando."

“Ele está cozinhando”, confirmo. “Bem, mais ou menos. É só um sanduíche de queijo grelhado.”

Com uma espátula, retiro o sanduíche da frigideira e o coloco no prato.

Enquanto pego uma faca e me preparo para cortar o queijo grelhado ao meio, uma lembrança me vem à mente, fazendo-me olhar para minha mãe.

"Ei, lembra daquela vez que eu perguntei para você e para o papai por que vocês cortavam na diagonal e não diretamente ao meio, e você disse que era porque diagonal significa que você ama a pessoa?" Eu bufei. "E aí o papai fez sanduíche de queijo grelhado pra gente uma vez e serviu de propósito para todo mundo, menos para mim, um corte diagonal?"

Mamãe solta uma risada abafada. "E você subiu correndo as escadas chorando. Meu Deus, seu pai é um tremendo idiota."

“Não, você tem que admitir, foi uma pegadinha bem engraçada.”

"Bem, obviamente. Mas continua sendo um babaca. Você vai falar disso com o Blake?"

“Vou ver se ela desce. Fique de olho nos sanduíches, tá bom? Não deixe os pais pegarem.”

“Com a minha vida”, ela promete. Antes que eu possa me afastar, minha mãe toca meu braço. “Ela vai ficar bem, querida. Ela acabou de passar por um trauma, mas é forte.”

Eu concordo com a cabeça. "Eu sei."

“E esses hormônios podem ser uma verdadeira praga. Tente não levar nada do que ela diz a sério. Ela provavelmente vai se arrepender depois.”

"Então você já a ouviu me repreendendo", digo com ironia.

“Sim, mas ela anda sendo grossa com todo mundo, se isso te faz sentir melhor.”

“Na verdade, sim.”

Lá em cima, encontro a porta do quarto amarelo fechada. Eu realmente baguncei todo o ecossistema dos quartos ao pegar o quarto azul sem pensar.

Com Blake no quarto amarelo, Gigi e Ryder tiveram que dormir no quarto da montanha, o que significa que tive que ouvir minha irmã reclamar sem parar de como ela odeia aquele quarto porque tem muitos mosquitos daquele lado da casa. Quem não gosta de uma

vista majestosa para a montanha? Minha irmã gêmea é uma verdadeira diva.

Bato à porta e sou recompensado com um suave "Entre".

Isso é promissor.

A primeira coisa que vejo quando entro é a mala em cima da cama.

Retiro o que disse. Nada promissor.

"Por que você está arrumando as malas?", pergunto, franzindo a testa.

Blake levanta os olhos da pilha de camisetas que está dobrando. Ela veste calças de moletom azuis e uma camiseta branca, com o cabelo preso em uma trança frouxa. Em termos de roupa, ela parece a mesma de sempre.

Mas eu nunca tinha visto essa expressão vazia em seus olhos antes.

“Vou voltar para Boston”, ela responde. “Bem, para Hastings.”

“Você não deveria ir embora antes de domingo.”

“Decidi ir mais cedo.” Ela dobra outra camisa e a adiciona à pilha.

“Quero me instalar na casa do vovô.”

Assenti com a cabeça. Depois que ela e Isaac terminaram, ela estava morando com os pais em Boston, mas não há realmente motivo para ela ter que fazer o trajeto diariamente, já que o pai de Grace mora em uma antiga

casa centenária em Hastings, que fica a apenas dez minutos do campus.

Blake vai morar lá durante seu último ano.

“Então você vai voltar para a escola?”

"Sim."

Aperto os lábios para conter a torrente de palavras que tenta escapar.

Todas as perguntas. Tantas perguntas, caramba.

Você está com raiva de mim?

O que isso significa para nós?

Por que você não olha para mim?

Em vez disso, caminho até lá e me sento na janela saliente, com as mãos nos joelhos, observando-a. Ela se move metodicamente, dobrando cada item cuidadosamente. É completamente o oposto de como eu deixo uma casa. De qualquer forma, tudo vai ter que ser tirado do lugar, então eu simplesmente jogo tudo de qualquer jeito e lido com isso quando chego em casa.

“Acho que também vou voltar para Boston”, digo a ela.

Ela nem sequer pisca. "Legal."

Legal? Só isso?

“Vou ficar em casa por algumas semanas trabalhando no estúdio da minha mãe com ela. Ela está me ajudando a aprimorar algumas faixas antes de enviá-las para o Dodson.”

Ainda nada.

“Sim, eu sei, eu sei. Crescimento, né?”

Nenhuma resposta. Blake tira vários vestidos de verão dos cabides no armário. Aqueles vestidinhos florais fofos que ela usou o verão

inteiro, que faziam meu coração disparar e me deixavam excitado.

Finalmente, não aguento mais.

"Sardas."

Ela não responde.

Eu me levanto e caminho em sua direção, segurando suas mãos enquanto ela enrola os vestidos. Claro, ela é daquelas que enrola as roupas.

Ela é o tipo de pessoa que não gosta de roupas amassadas. Desvencilho suas mãos do tecido.

“Por favor, olhe para mim.”

Seus olhos azuis se voltam para mim. Por trás da máscara inexpressiva, vislumbro tristeza.

“Você quer conversar sobre isso?”, pergunto baixinho. “O bebê?”

Sua voz é monótona e sem emoção. "Nunca houve um bebê."

Uma dor lancinante corta meu peito. "Houve sim. Só porque se implantou no lugar errado não significa que não houve um bebê. Você pode falar comigo sobre isso."

De repente, aqueles olhos me paralisam. "O que você está fazendo?"

Hesito. "Estou tentando consolar minha namorada."

Ela solta uma risada abafada que, não vou mentir, dói. Muito. Tento não demonstrar que me afeta, forçando um sorriso compreensivo porque é o que preciso ser agora. Compreensiva. Preciso deixar as provocações hormonais me atingirem, porque não é assim que Blake é. Sei que, no fundo, ela é gentil. Ela não ri quando alguém está oferecendo consolo.

“Eu não sou sua namorada, Wyatt.”

Respiro fundo lentamente. Só os hormônios.

“Pare de fingir que você é meu namorado, tá bom? A gente só transou durante o verão.”

Agora não consigo me controlar. "Foi mais do que sexo e você sabe disso."

“Tudo bem, foi mais do que sexo”, ela admite. “Foi um caso passageiro, um romance de verão, chame como quiser. Mas eu não sou sua namorada, e a única razão pela qual você me chama assim é porque engravidei.”

“Isso não é verdade”, protestei.

“Sim, é verdade. Antes do teste de gravidez dar positivo, nós dois concordamos que ia terminar quando o verão acabasse. Essa era a regra número um, lembra?”

“Criamos essas regras logo no início. Muita coisa mudou desde então.”

“Sim, eu engravidei.”

“Não, mudou antes disso. Eu me apaixonei por você antes mesmo de existir um bebê.”

Ela fica me encarando. É como uma facada no coração.

“E eu sei que você também me ama.”

Ela não diz nada, e a faca crava ainda mais fundo.

"Quero que continuemos nos vendo", digo. "A gravidez, sim, teria garantido isso, mas não preciso dela como desculpa. Quero estar com você."

Você só disse que me amava depois que eu te contei que estava grávida.

A frustração me aperta a garganta. Que merda estou fazendo de errado?

Eu a amo. O que mais eu preciso fazer para convencê-la?

Minhas mãos se fecham com força, e preciso soltar meus dedos lentamente antes quebrá-los. "Eu já te disse que pretendia te contar isso antes."

“É, bem, você não fez isso.”

“Então você acha que eu…” Minha voz treme. “Você acha que eu estou mentindo para você? Dizendo que te amo quando não é verdade?”

"Acho que você se sente mal por eu ter perdido o bebê. Acho que você estava tentando fazer a coisa certa quando disse isso."

Estou incrédulo. "Sério? Eu disse que te amava porque era a coisa certa a fazer."

"Não sei, Wyatt." Os olhos dela brilham e, quando ela pisca, algumas lágrimas escorrem.

Meus olhos estão ardendo bastante, e não é culpa dos hormônios. É só o pânico de vê-la se afastando de mim. E a incredulidade e... sim, talvez um

pouco de raiva pela acusação de que meu "eu te amo" não passou de palavras vazias.

Pela primeira vez na minha vida, abri completamente meu coração para alguém, e ela acha que foi fingimento.

“Acho que precisamos seguir nossas regras”, diz ela, sem ânimo. “Se uma de nós quiser parar, paramos. Não foi isso que você disse? Sem perguntas, sem explicações, lembra?”

"Que se dane as regras!", explodi, com o pânico voltando a crescer.

"Você não pode simplesmente fugir disso. Você me ama. Eu sei que sim. Eu sinto isso pra caralho."

Ela esfrega as mãos nas bochechas cobertas de lágrimas. "Não sei onde estou com a cabeça agora. Começo a chorar a cada cinco segundos. Minhas emoções estão uma bagunça. Só preciso voltar para Briar e me concentrar em me formar e descobrir o que fazer da minha vida."

“Posso te ajudar a descobrir.”

“Eu não quero sua ajuda. Eu não quero…”

"Eu", termino, com um tom monótono. "Você não me quer."

“É o melhor a fazer, Wyatt. Sempre ia acabar. Sempre. Não ia funcionar à distância.”

“Você não sabe disso.”

“Pare com isso. Por favor.” Ela está chorando de novo, com aquele mesmo olhar de desamparo que me lançou no hospital. Como se não conseguisse entender o próprio mundo. “Eu não estou mais grávida. Você está livre de culpa.”

“Não foi um anzol”, digo com a voz rouca.

“Você não entende.”

“Então me ajude a entender.” Passo as duas mãos pelos cabelos. Agora estamos ambos agitados. “Por favor, não faça isso. Não vá embora.”

Alguém bate na porta entreaberta e Grace espia lá dentro. "Está tudo bem aqui?" Não deixo passar a compaixão em seus olhos quando ela vê

meu rosto.

Blake vira as costas para a porta e para mim, indo até o armário buscar mais vestidos.

“Já estou quase terminando de arrumar as malas”, ela diz à mãe, mesmo com as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto. “E o Wyatt estava justamente saindo.”

Uma dor dilacerante me consome. Ela não me quer aqui. Ela não me quer em lugar nenhum.

Enquanto caminho até a porta, meu corpo inteiro parece fraco. Como se eu tivesse acabado de ser espancado quase até a morte. Tudo dói, e mal consigo enxergar através da névoa de emoção que obscurece minha visão.

Antes mesmo de nos beijarmos, eu disse a ela que ia partir seu coração.

A piada é comigo.

Ela quebrou a minha.

1 NOVO E-MAIL

Assunto: Contrato de Compra e Venda, 1229 Sycamore Lane Prezada Sra. Logan, Seguem anexos a escritura e o contrato de compra e venda solicitados para o seguinte imóvel: 1229 Sycamore Lane Trenton, Condado de Mercer, Nova Jersey 08610 Referência do Lote e Quadra: Lote 42, Quadra 19 Compradores: Raymond C.

Loughlin/Dolly Gallagher Loughlin Vendedor: Evergreen Properties LLC Não hesite em entrar em contato caso precise de mais informações. Estou à disposição para ajudar! Atenciosamente, Devin Gorchuk Cartório de Registro de Imóveis do Condado de Mercer

CAPÍTULO49

BLAKE

Prova de vida

Setembro

A VIDA VOLTA AO NORMAL QUANDO RETORNO A HASTINGS.

Se por normal você se refere a crises repentinas de tristeza paralisante e explosões aleatórias de raiva intercaladas com sentimentos de completa e absoluta apatia.

Depois de duas semanas assim, já me acostumei e, para ser sincera, está melhorando. Fiz um exame de sangue semana passada e meus hormônios estão se estabilizando. Daqui a algumas semanas, saberei se o motivo de eu querer me esconder num buraco e morrer é por causa de uma montanha-russa hormonal ou porque terminei com o homem que amo.

Era preciso fazer isso. Eu tinha que impor nossa regra, e não apenas porque uma parte de mim não consegue se livrar do medo de que ele só tenha ficado porque eu estava grávida. Nunca saberei se isso é verdade, se ele teria ficado mesmo sem um bebê envolvido, embora ele insista que sim.

Quando contei para minha mãe, ela disse que eu deveria acreditar no que Wyatt dizia, acreditar nas palavras dele.

Mas a dúvida ainda persiste. Ela esteve presente durante todo o verão, a certeza de que não sou suficiente para mantê-lo por perto.

Ele sempre iria

para Nashville, sempre gravaria seu álbum. Um dia, ele será uma estrela. E

eu continuarei sendo eu mesma. Sem rumo e comum. Não uma supermodelo como Alex ou uma atleta como Gigi. Nem sei o que ele vê em mim.

Pare de se lamentar.

É a voz da razão, aquela que às vezes consegue penetrar minha inclinação natural para a depressão e a autodepreciação. Às vezes, consigo ouvi-la. Outras vezes, como agora, as inseguranças a abafam. "Nunca ia dar certo", essas inseguranças retrucam à voz.

O vovô Tim tem me deixado usar o carro dele para ir ao campus, exceto às sextas-feiras, quando ele tem treino de curling. Fui com ele semana passada e foi bem divertido. Sim, ultimamente passo meu tempo jogando curling com os veteranos. Uma mudança drástica em relação a um mês atrás, quando eu estava transando escondido atrás do galpão de barcos.

Afasto a lembrança. O verão acabou. Wyatt e eu não estamos mais juntos. Ele está em Boston ou talvez em Nova York agora. Tenho me forçado a não ficar de olho nele, mas ele postou alguns stories no Instagram e eu não resisti a clicar. Um story dele ao piano com a mãe. Outro mostrando uma página em branco de partitura. Uma parte de mim se pergunta se é para me agradar, mas seria arrogante da minha parte presumir isso. Ele provavelmente não está pensando em mim desde que terminei tudo.

Minhas aulas neste semestre estão tão chatas quanto em todos os outros.

Até mesmo a minha aula de política, na qual eu posso pesquisar bastante sobre comunismo, não está me empolgando. Nada está, na

verdade.

Nas últimas semanas, o pequeno Spencer não para de me ligar, implorando para eu gravar outro episódio do podcast, mas eu também não estou com vontade. Aliás, nem me importo com os documentos que me enviaram por e-mail outro dia.

Antes de descobrir que estava grávida, consegui descobrir que Raymond Loughlin e Dolly Gallagher venderam a propriedade em Albany e compraram outra em Trenton, Nova Jersey, mas nenhuma busca me levou a um número de telefone ou mesmo um e-mail. Se eu quiser verificar se Raymond e Dolly ainda moram naquele endereço, terei que ir pessoalmente. O que, normalmente, parece uma aventura incrível. Os Spencers até se ofereceram para ir comigo e fazer uma viagem de carro, mas não consigo reunir nenhum entusiasmo, nem mesmo para tentar resolver esse mistério.

Na tarde de quinta-feira, eu estava saindo da minha aula de política quando recebi uma mensagem do Beau perguntando se eu queria encontrá-lo no Coffee Hut. Eu estava prestes a recusar — tenho evitado praticamente todo mundo que conheço desde que voltei para Briar — quando apareceu uma mensagem seguinte.

BEAU Não diga não. A essa altura, preciso de uma prova de que você está vivo, B. Por favor. Estou com saudades.

Não contei a ninguém sobre minha gravidez ou a cirurgia. Wyatt e eu fizemos nossas famílias jurarem segredo, porque é assunto nosso, e a última coisa que eu precisava era de dezenas de amigos da família perguntando se estou bem ou enviando mensagens de condolências.

Nem era um bebê, droga. Não me importo com o que digam. Zero chance de sobrevivência significa que nunca foi uma pessoa. Não era real.

O que significa que não tenho o direito de lamentar sua perda.

Mas eu sou. Meu coração se aperta sempre que penso nisso. E cada vez que passo os dedos sobre a minha pequena cicatriz de salpingostomia, lembro-me de que precisei fazer uma cirurgia para removê-la… um futuro alternativo, suponho. O caminho que jamais trilharei.

Mas eu sei que se continuar me isolando de todos na minha vida, eles eventualmente vão suspeitar que algo está errado. Algo mais sério do que

simplesmente eu e Wyatt "nos separarmos", como eu disse a todos. Então me obrigo a aceitar o convite de Beau.

Já estou no campus. Chego aí em cinco minutos. BEAU, até logo.

Eu o encontro na cafeteria do campus. Ele está vestindo uma camiseta branca e calça de moletom, com uma mochila a tiracolo, o cabelo loiro penteado para trás, realçando seus traços belíssimos. Ele está tão bonito como sempre, atraindo a atenção de todos ao nosso redor, homens e mulheres.

"Oi." Beau me cumprimenta com um abraço, franzindo a testa ao me soltar. "Por que você parece tão magra?"

Dou de ombros. "Estou de dieta." A verdade é que quase não tenho apetite. Primeiro por causa dos enjoos matinais e depois por causa da depressão.

“Você não precisa fazer dieta.” Sua expressão de desagrado se acentua à medida que nos aproximamos do balcão de pedidos. “Você não está com boa aparência.”

"Obrigado", digo secamente.

“Não, eu quero dizer… Você esteve doente?”

Percebendo que ele não ia desistir do assunto, minto e digo que tive gripe no final do verão e que só agora estou me recuperando. Beau, felizmente, aceita a explicação, e pegamos nossos cafés e encontramos uma mesa no fundo do salão lotado.

Beau puxa uma cadeira e senta-se, esticando as pernas compridas à sua frente. Ele continua me observando, e seu sorriso irônico me diz que ele não acreditou na história da gripe.

“Não tem problema admitir que é uma dieta para quem tem o coração partido.”

Ultimamente, tenho estado tão insensível que dominei a arte de não demonstrar reação. Nem sequer pestanejo diante de acusações em tom de brincadeira. "Como assim?", pergunto, fingindo-me de desentendida.

Ele dá de ombros. "Você e o Wyatt terminaram. Você tem todo o direito de ficar chateada com isso. Você está bem?"

Dou de ombros. "Estou bem. Eu sabia que isso ia acontecer."

“Que ele partiria seu coração?”

“Ele não partiu meu coração”, respondo. Eu parti o dele. “Wyatt e eu concordamos que, quando o verão acabasse, nosso caso também acabaria. E

foi o que aconteceu.” Dou um gole casual no meu café. “Como está indo o semestre até agora?”

“Tudo bem. As aulas estão indo bem.”

“E o AJ?”, pergunto.

A expressão de Beau se fecha. "Nada bom."

A última vez que conversei com nossas amigas, AJ ainda se recusa a aceitar o pedido de desculpas de Beau. Elas não se falam desde julho e já estamos quase no final de setembro.

"Por que você ainda não resolveu isso?", pergunto.

“Ele não quer consertar. Ele já desistiu.”

“Ele não terminou. Vocês são amigos desde o útero.”

“Ele já era, B.” Beau dá um gole rápido. “Saímos para tomar cerveja outro dia—”

Me animo. "Viu? Parece que ainda não está pronto."

— E ele me disse para parar de contatá-lo — conclui Beau.

"Oh."

"Disse que nunca me perdoaria e que um verdadeiro amigo não faria o que eu fiz. Me chamou de merda e disse que nem anos de amizade o fariam olhar para mim como se eu não fosse uma merda."

“Ah. Nossa. Me desculpe.”

“Sim, eu também.”

Não consigo imaginar os Golden Boys sendo outros que não sejam os Golden Boys. Principalmente porque são companheiros de equipe. "E o hóquei? Como isso vai funcionar?"

“Não faço a mínima ideia. Começamos os treinos esta semana. Pelo menos não estamos na mesma linha, o que é bom, mas a situação está complicada. Ele me trata como qualquer outro companheiro de equipe. E se o assunto não for hóquei, ele simplesmente me ignora. Vamos ver como as coisas vão se desenrolar.” Beau suspira. “O

técnico Jensen percebeu a tensão, mas só se envolve quando isso afeta o jogo. Até agora, não afetou.

Mas, respondendo à sua pergunta, não posso resolver isso porque é insolúvel."

Entendo.

É assim que me sinto neste momento.

Irreparável.

CAPÍTULO50

WYATT

Quem diabos é você, e por que você é tão bom?

NO FINAL DE SETEMBRO, FUI ATÉ MANHATTAN COM MINHA MÃE. ELA ESTAVA trabalhando no estúdio por alguns dias, e eu ia me encontrar com o Tobey, que estava atrasado nas últimas semanas. Ele adorou as músicas que eu enviei, então era oficial: eu ia gravar um álbum com o Tobey Dodson.

Nossa reunião para discutir os detalhes só seria dali a dois dias, então fiquei no estúdio enquanto minha mãe assumia o papel de produtora.

Ela está trabalhando com um garoto chamado Frankie Stephens, um cantor de soul com cara de bebê da Filadélfia, cuja gravadora pediu para minha mãe escrever e produzir uma música para ele.

A cabine de controle está pouco iluminada, exceto pelo brilho dos medidores de LED. Mamãe se inclina para a frente em sua cadeira, uma mão no console de mixagem e a outra segurando um par de fones de ouvido.

“Certo, vamos voltar cinco segundos.” Quando o técnico de som gira um botão, ela diz: “Não, bem antes de ele tocar essa nota.”

Adoro vê-la em modo de trabalho. É muito legal.

Do outro lado do vidro, Frankie espera pacientemente, parecendo feliz apenas por estar ali. E claro que está. Ele está prestes a alcançar o sucesso.

Toda a sua vida musical está pela frente. Sinto que estou na mesma situação.

Mamãe balança a cabeça. "Droga." Ela reproduz a faixa novamente, deixando-a tocar por alguns segundos. "É. Acho que captamos um pouco de reverberação do ambiente por causa do vazamento do monitor. Precisamos reproduzi-la novamente, limpa."

Wilmer, o técnico de som, acena com a cabeça. "Pode deixar, Hannah."

Ela aperta um botão para falar com o cantor. "Frankie, precisamos regravar. Mesma energia, desde o início. A gente acerta o resto na mixagem, mas preciso dessa versão limpa."

“Sim, senhora”, diz Frankie pelo microfone de resposta.

Mamãe me lança um olhar. "Você já deve estar cansada de ouvir as mesmas quatro frases repetidamente. Tem um quarto vazio ao lado com um piano, se você quiser trabalhar um pouco."

"Sim, talvez eu faça isso. Vou tomar um café primeiro. Você quer alguma coisa, Wilmer?"

"Eu adoraria um latte", diz a mãe, e Wilmer pede um café preto.

Tem um quiosque de café na frente que todo mundo no estúdio diz ser um milhão de vezes melhor que o Starbucks, então saio e vou

direto para lá.

Enquanto espero meu pedido, o Cole liga, então me afasto da fila lotada para atender.

“Você ainda vai me acompanhar até a casa da minha mãe antes do meu show em Nova York em novembro?”, ele pergunta. “Porque ela está perguntando o que você gostaria de jantar.”

A turnê do Cole começa em seis semanas no Madison Square Garden, o que significa que estarei na primeira fila torcendo pelo meu amigo. Ele vai visitar a mãe dele na noite anterior ao show e, pelo visto, ele fala tanto de mim para ela que ela pediu a minha presença também.

Eu sorrio. "Preciso fazer meu pedido de jantar com mais de um mês de antecedência?"

“É assim que a mãe é. Vou dizer a ela que você gosta de qualquer tipo de carne vermelha, tá?”

“Perfeito.” Dou uma olhada no balcão de café, mas meu pedido ainda não está pronto. “Você está nervosa para este passeio?”

"Não. Estou mais animado. Vou ter todo tipo de mulher se jogando em cima de mim. Americanas. Europeias. Australianas. Aquelas australianas são duronas, cara. Elas surfam e lutam com crocodilos."

“Tenho quase certeza de que a maioria não, mas tudo bem. Quando é a parada na Austrália?”

“Só no inverno. No verão deles, eu acho. Tenho seis semanas aqui nos Estados Unidos antes de atravessar o oceano correndo”, diz ele com um sotaque britânico carregado. “Primeiro Londres. Irlanda. Depois Europa e depois Austrália. Essa parte da viagem é brutal.”

“Você está pronto?”

Cole dá uma risadinha. "Sempre. Você me conhece. Se eu parar de me mexer, perco a cabeça."

Concordo com a cabeça. Entendo. O movimento afasta os fantasmas.

O barista anuncia meu pedido, então me despeço rapidamente e vou buscá-lo. Estou colocando os copos em uma bandeja de papelão quando uma comoção começa na calçada. Um grupo de pessoas se reúne ao redor e percebo que são paparazzi, todos atentamente focados na rua. Um carro preto de luxo com vidros totalmente escurecidos para, seguido por um segundo e depois um terceiro.

Dois homens corpulentos saem de cada veículo. O jeito como se portam grita "guarda-costas". Mamãe não mencionou a presença de nenhuma celebridade hoje, mas não tem como não ser a chegada de uma. É

tratamento digno de presidente.

Eu fico para trás, observando enquanto um dos homens grandes abre a porta traseira do segundo carro. Consigo vislumbrar uma figura encapuzada. Moletom cinza com longos cachos castanho-avermelhados saindo dele. Brincos de argola grandes que me parecem familiares por algum motivo.

Embora não esteja chovendo, o guarda-costas abre um guarda-chuva, e a figura se abaixa sob ele antes de correr em direção à entrada principal do prédio, escoltada por outros dois guardas. Os paparazzi começam a gritar.

“Mollie May!”

“Mollie May!”

“Por aqui!”

Caramba, era a Mollie May?

Sei que ela gravou aqui o dueto que minha mãe compôs, mas ouvi dizer que ela geralmente trabalha em seu estúdio particular em Los Angeles. Fico me perguntando por que ela está aqui hoje.

Entro, passo por mais uma revista de segurança, entrego os cafés da minha mãe e do Wilmer antes de aceitar a oferta dela de usar a sala de piano vazia.

Nunca se coloca uma bebida em cima de um instrumento musical, então posiciono meu café na borda atrás de mim e coloco os dedos sobre as teclas.

Toco a música que deixou Tobey Dodson completamente apaixonado —

que, ironicamente, não é "Lightkeeper". A faixa favorita dele é "Stop the World", mas ele está sugerindo que a gente a despoje completamente. Só piano, talvez alguns instrumentos de corda. Gosto da ideia de simplificar para que não pareça tão produzido, mas às vezes me preocupo que minha voz não seja forte o suficiente para sustentar uma música sem uma banda me acompanhando.

Toco a música, meus dedos deslizando pelas teclas do piano, a voz reverberando com clareza na acústica perfeita da sala. Estou quase

chegando ao refrão quando percebo um movimento rápido na sala de controle. Através do vidro, eu a vejo.

Um instante depois, uma voz rouca soa pelo alto-falante.

"Quem diabos é você, e por que você é tão bom?"

Sorrio apesar de mim mesma. E embora nem seja fã, me sinto um pouco deslumbrada ao descer do banco do piano. Minhas pernas estão até bambas.

A princesa do pop abre a porta da cabine de controle e entra na sala, caminhando com passos firmes em minha direção enquanto suas pulseiras tilintam em seus pulsos. Ninguém pode negar que essa mulher é deslumbrante, com seus cachos castanhos e grandes olhos castanho-líquidos, a pinta sexy acima do lábio superior. Uma pequena dinamite, como AJ a chamou certa vez, porque Mollie May é baixinha. Não deve ter mais de um metro e meio de altura, mas sua presença é imponente.

Ela está usando uma minissaia e um top cropped que realça tanto seus seios fartos quanto seu abdômen sarado. Dou uma olhada no look e pergunto: "O que aconteceu com o moletom com capuz e o guarda-chuva?"

"Huh?"

“Eu vi você entrar no prédio”, explico. “Vestindo um moletom cinza enorme.”

“Ah, não fui eu.” Mollie May acena com a mão, rindo. “É meu sósia. Eu e o Antonio entramos pelos fundos uns trinta minutos antes. O Tony é meu guarda-costas.” Ela acena com a cabeça na direção da cabine, onde um homem enorme, com olhos de águia, está de guarda.

Ergo uma sobrancelha. "Ele não está preocupado que eu tente alguma coisa só com a gente aqui dentro?"

“Não, ninguém que cante tão bem assim vai me magoar.” Seus olhos magnéticos me percorrem. De cima a baixo. “Por que eu não te conheço?

Eu deveria te conhecer.”

“Quer dizer… eu não sou ninguém.” Dou de ombros.

“Duvido muito.” Apesar do tom sedutor em sua voz, seu olhar é astuto, brilhando com inteligência.

Fiquei completamente surpresa com o comportamento dela. No palco, em seus shows com ingressos esgotados em estádios, ela parece, bem, volúvel. Até meio boba. Talvez seja um julgamento ruim, mas foi essa a impressão que tive. E ela está sempre hiperativa ao extremo, com a franja, a sombra brilhante, as botas de salto alto e os passos de dança frenéticos.

Mas agora, a energia dela está tranquila. Discreta.

“Eu sou Wyatt”, digo. “Wyatt Graham.”

Ela se anima. "Graham? É parente da Hannah?"

“Ela é minha mãe.”

"Caramba! Você tem noção de que sua mãe é um ícone, né?"

Vindo de outra figura icônica, isso me faz sorrir. "Sim, ela é realmente incrível."

“Ela escreveu um dueto para mim e para o Stylo. Uma das minhas músicas favoritas para cantar ao vivo. Quando ele entra, a plateia enlouquece.” Mollie May gesticula em direção ao piano. “Foi ela quem escreveu essa música? A que você estava tocando agora?”

“Não. Essa foi uma composição original de Wyatt Graham.”

Ela parece impressionada. "Você escreve todas as suas próprias coisas?"

"É. Eu não sou uma ótima colaboradora." Suspiro com pesar. "Mas estou tentando ser."

Isso a faz sorrir. "Eu costumava ser igual. Insistia em escrever tudo sozinha. Meu primeiro álbum era todo meu. Cada faixa. E aí, no

segundo, eu literalmente chorei porque tive que dar crédito a um produtor que mudou uma frase, e aparentemente isso garante crédito a ele. No terceiro álbum, eu dei crédito a todo mundo — porque sabe o que eu percebi?"

"O quê?" Estou genuinamente fascinado por esta conversa.

"É arrogante pensar que outras pessoas não têm nada a me oferecer."

"Estou meio que chegando a essa conclusão também", confesso. "Passei um mês em Boston deixando minha mãe apontar todos os problemas da minha música."

“Mas isso melhorou as coisas, não é?” Ela inclina a cabeça, como quem sabe de algo.

"Sim", resmungo. "Mas não conte a ela que eu disse isso."

Isso me faz rir de novo, encantada. "Então. Quem é ela?"

“Quem é quem?”

"A garota cujo sorriso paralisa o mundo. Sobre quem é a música?"

Uma dor aguda aperta meu coração. "Ah, só alguém que eu..."

Não consigo terminar. Não sei como.

Alguém que eu costumava amar? Bem, não, porque eu ainda a amo com cada fibra do meu ser.

Alguém que costumava me amar?

Alguém com quem eu construí uma vida?

Alguém que não vê futuro comigo?

“Alguém que eu conhecia”, digo finalmente.

“Passado. Eu gosto do passado.” Ela se inclina para a frente e toca meu braço. Suas unhas estão pintadas de preto brilhante. “Por quanto tempo você ficará na cidade?”

“Daqui a alguns dias. Vou me encontrar com meu novo produtor.”

“Quem?”, ela pergunta, exigindo resposta.

Dou de ombros, sem jeito. "Tobey Dodson."

“Puta merda. O Tobey te contratou? Você vai gravar um álbum?”

Quando eu aceno com a cabeça, a curiosidade brilha em seus olhos.

“Quando vai ficar pronto?”

"Não sei."

“Quantas faixas?”

"Não sei."

Ela sorri novamente e, em seguida, me surpreende dizendo: "Vamos jantar enquanto estou na cidade". Ela acena com a cabeça de forma decisiva, como se fosse um acordo fechado.

“Ah.” Eu pisquei. “Certo. Claro.”

“Meu agente conseguirá seu número.”

“Mollie May”, alguém a interrompe. Seu guarda-costas está no microfone de comunicação. “Precisamos ir, garota. Sanchez está pronto para você.”

“Não, estou pronta para o Sanchez”, ela grita em direção à cabine. Ela se vira e pisca para mim. “Nunca deixe as pessoas pensarem que

controlam seu tempo. Elas estão sempre esperando por você.”

"Observado."

Enquanto ela caminha rebolando em direção à porta da sala de controle, dou uma olhada na bunda dela naquela minissaia jeans. Caramba, ela é linda. E completamente diferente do que eu esperava.

Depois que Mollie May e seu guarda-costas desaparecem, percebo de repente que minha mãe também está lá em cima. Entro na cabine, imaginando o quanto ela ouviu daquilo.

"Você sabia que a maior estrela pop do mundo te convidou para jantar?", disse minha mãe.

Acho que ela ouviu tudo.

Dou de ombros. "Acho que ela só quer falar sobre o meu álbum."

“Ah, querida, ela não quer falar sobre o álbum. Isso foi flerte.”

Dou de ombros novamente.

Mamãe analisa minha expressão. "Você falou com Blake?"

“Você não precisa me perguntar isso todos os dias. A resposta nunca muda. É não. Ela não está falando comigo.”

Seu olhar se suaviza. "Ela só está passando por um momento difícil."

“Ela acha que eu nunca a amei.”

“Dê tempo a ela”, aconselha a mãe. “Ela precisa processar isso, aceitar o que aconteceu. Ela perdeu um bebê.”

“Eu também perdi um”, digo, com rigidez. “Mas todo mundo se esquece dessa parte, não é?”

Ela parece surpresa. "Wyatt—"

“Esquece. Está tudo bem.” Volto para o estúdio e me sento ao piano, ignorando o olhar preocupado da minha mãe através do vidro.

CAPÍTULO51

WYATT

Isso me fez sentir coisas

outubro

ACABEI NÃO VENDO MOLLIE MAY DURANTE MINHA VIAGEM A NOVA YORK.

Ela nunca ligou, e não é como se eu fosse entrar em contato com uma superestrela internacional e dizer: "Ei... sobre aquele jantar?"

Encontro-me com Tobey, que está ansioso para entrar no estúdio comigo. Tão ansioso, aliás, que voltarei na semana que vem para começar a gravar com ele. Em vez de voar para Nashville, volto para Boston para ficar com meus pais até minha próxima viagem para Nova York. Passo um tempo com nossos cachorros, Dumpy e Bergeron, embora me deixe triste ver Bergeron, nosso husky enérgico, ficando mais lento. Ele está envelhecendo, e a ideia de ele não estar mais por perto, me seguindo pela casa toda com seu olhar intenso e atento... Parte meu coração.

Mas nada dura para sempre, não é mesmo?

Tudo acaba, e todo mundo vai embora.

Saio para o nosso amplo pátio de pedra nos fundos, sentindo-me mais melancólico do que o normal. Pela primeira vez em semanas, estou tomando uma cerveja e fumando um cigarro, e isso me lembra

do começo do verão, quando eu era um completo desastre. Virando cervejas de manhã,

fumando sem parar, remoendo minhas angústias e sendo grosseiro como um idiota.

É possível alguém mudar em tão pouco tempo? Evoluir? Porque eu me sinto diferente. De verdade.

Ela me mudou. E para melhor, eu acho. Gostaria de poder dizer isso a ela, mas minhas últimas mensagens ficaram sem resposta. Estou preocupado que ela esteja me punindo por não ter mandado mensagem por quase três semanas depois que saímos de Tahoe, mas eu fiz isso por ela. Eu estava tentando dar a ela tempo para sofrer e se curar, mesmo que tenha sido extremamente difícil manter distância.

Na última vez que Gigi falou com ela, Blake disse que estava focada nos estudos. Contra a minha vontade, Gigi mencionou minhas mensagens não respondidas, ao que Blake respondeu que achava que precisávamos de um tempo separadas. O que, claro, me devastou.

Gigi me disse que pelo menos a voz dela parecia melhor. Menos deprimida. Espero que seja verdade. Não suporto a ideia de que ela esteja triste e eu não esteja lá para animá-la.

"E aí." Meu pai sai, segurando uma cerveja. Ele está usando um moletom dos Bruins e seu cabelo está úmido do banho.

"Ei", eu digo.

Ele senta-se à mesa do pátio, com a garrafa apoiada no joelho. Por um instante, fica em silêncio, apenas olhando para o quintal escuro. Então, suspira.

"Sua mãe disse algo outro dia."

Dou uma olhada rápida. "O quê?"

“Ela me disse que você comentou que ninguém se importa com a sua perda.”

Puta merda.

“Não, não faça essa cara. Ela não está tentando se intrometer na sua vida nem te forçar a falar sobre isso.”

“Então ela não te mandou para cá?”

"Não." Ele ri baixinho. "Na verdade, ela me disse para não dizer nada.

Mas eu tive que dizer, porque precisa ser dito."

“O que significa?”

Ele solta outro suspiro, parecendo um pouco preocupado. "Só quero que você entenda uma coisa. Sobre ser homem."

Eu me afundo na cadeira em frente à dele, com uma ruga profunda na testa. "O que você quer dizer?"

“Existe muita pressão sobre nós. Espera-se que sejamos os fortes, os provedores. E mesmo agora, com as mulheres sendo as principais provedoras e os homens ficando em casa, essa expectativa ainda existe. As pessoas não querem ver os homens desmoronarem. Nenhum homem demonstra suas emoções sem pagar um preço por isso de alguma forma.”

Ele faz uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

“Mas você também sofreu uma perda. Talvez seu corpo não tenha passado por isso, você não foi quem esteve no hospital, mas você ainda perdeu algo.

E tudo bem ficar triste por isso.”

Minha garganta se fecha dolorosamente. "Sinto que não deveria estar aqui. E sinto que nem tive tempo de processar isso, sabe? Mal consegui assimilar a ideia de ser pai antes que essa opção me fosse tirada."

“Sim, eu entendo.”

“No hospital, Blake disse que perder o bebê a fez perceber que estava inclinada a ficar com ele. Honestamente, acho que eu teria ficado bem com isso. E toda essa situação só torna tudo mais triste, porque nós nem sequer tivemos a chance de tomar essa decisão. Foi roubado de nós.”

“Não foi roubado de você. Simplesmente não foi dado a você. As coisas acontecem quando têm que acontecer”, diz o pai em voz baixa. “As pessoas que você conhece, as situações que enfrenta, os traumas que sofre… Tudo vai se desenrolar da maneira que deve ser.”

"O destino de novo?", digo com ironia.

“Não é o destino. É apenas a vida.”

Um longo e doloroso silêncio paira sobre o pátio. Meu coração está à beira do colapso; dói há tantas semanas que nem sei como ainda consegue bater.

“Ela não quer falar comigo.”

Ele sabe exatamente de quem estou falando. "Você já tentou ligar para ela?"

“Sim. Algumas vezes. Mandei várias mensagens para ela também. Mas ela disse para a Gigi que quer espaço.”

Papai dispensou com um gesto de mão. "Tente de novo."

“Mas ela não quer—”

“Wyatt, eu entendo que você queira ouvir as mulheres aqui, mas posso te dizer isso por experiência própria: às vezes elas dizem que querem espaço, mas o que elas realmente querem é que você segure a mão delas.

Que você esteja presente.”

"Ela terminou comigo. Não vou obrigá-la a me amar." Nossa. Soa tão patético dizer isso em voz alta.

“Mas você a ama.”

“Tanta coisa. Mas também não posso obrigá-la a acreditar em mim.”

Outro silêncio se instala entre nós, este mais curto, porque as próximas palavras me escapam antes que eu consiga contê-las.

“Eu joguei hóquei neste verão.”

Ele vira a cabeça na minha direção. "Onde?"

“O novo centro comunitário perto da biblioteca. Eles têm uma boa pista de patinação.”

“Pista fantástica”, concorda ele. “O ar lá dentro é tão fresco.”

“Você quer dizer frio, pai. O ar lá dentro está gelado pra caramba.”

Ele sorri. "Adorei."

“Eu sei que sim.” Minha voz fica rouca. “Sinto muito, mas não é o que eu quero fazer.”

"O que?"

"Hóquei. Eu sei o quanto você queria que eu seguisse seus passos."

Droga, como é que uma cerveja está me deixando mais à vontade para falar? "Passei muito tempo me sentindo insuficiente."

Papai parece chocado. "Do que você está falando, não é bom o suficiente? Wyatt—"

“Não, deixe-me terminar. Sempre senti que te decepcionei. Que te desapontei por ter escolhido sair do time no ensino médio, mesmo que eu provavelmente pudesse ter sido bom o suficiente.”

“Não provavelmente, definitivamente”, ele corrige. “Mas é o seguinte sobre o hóquei, campeão. Você pode ser tecnicamente perfeito, ter todas as habilidades necessárias para ser um grande jogador. Mas se você não tiver coração, qual é o sentido?” Ele toma um gole rápido de cerveja. “Eu ouvi sua música.”

"Qual deles?"

“‘Faroleiro’”. Ele inclina a cabeça para o lado na minha direção. “Me fez sentir coisas.”

Não consigo evitar dar uma risadinha. Meu pai talvez não seja o mais eloquente quando se trata de explicar por que gosta da música que gosta, mas eu sei o que ele quer dizer.

“Você tem talento”, ele continua. “E seu coração é a música. Não o hóquei.”

"Você realmente não se importa que eu não quisesse jogar profissionalmente?"

“Olha, quando eu e sua mãe conversamos sobre criar filhos, concordamos que queríamos mostrar a eles as coisas que amamos. Hóquei.

Música. E se nossos filhos também gostassem dessas coisas, seria ótimo."

Ele dá de ombros. "Eu tenho meu jogador de hóquei. Aliás, sua irmã é melhor do que eu jamais fui."

"Diz o vencedor de múltiplos Copas Stanley."



"O Stan é mais disciplinado." Ele sorri. "E você, bem, acabou se apaixonando pela paixão da sua mãe. Mas veja bem, é o seguinte: mesmo se você tivesse decidido que amava, sei lá, engenharia ou origami, nós estaríamos torcendo por você. Não me importo com o que você faça, contanto que ame. Tenho orgulho de você, sempre. Não importa o que aconteça."

"Obrigado, pai." Meus olhos estão ardendo, então eu afogo as lágrimas com um enorme gole de cerveja.

"Quanto à Blake, se você a ama, não desista dela. Vá vê-la antes de ir para Nova York", ele sugere. "Leve flores, escreva uma carta, qualquer coisa para mostrar que você falou sério."

Ele tem razão. Eu deveria vê-la pelo menos mais uma vez antes de sair da cidade por sabe-se lá quanto tempo. Não tenho certeza sobre flores, mas…

Sei de uma coisa que com certeza vai me abrir portas.

Não vou direto para Hastings. Primeiro, faço uma parada na cidade, estacionando em fila dupla na rua e rezando para que meu carro não seja rebocado. No saguão, dou meu nome ao recepcionista. Ele atende o telefone, faz uma ligação rápida e, para minha surpresa, ele me dá permissão para subir.

Pego o elevador até o vigésimo terceiro andar e caminho com determinação até o apartamento 2301. Bato duas vezes com firmeza na porta. Não preciso esperar muito.

A porta se abre de repente, revelando um recebedor de futebol americano com ar convencido, vestindo um moletom sem mangas.

Meu Deus. Esse cara é o pior de todos. Quem usa moletom sem mangas?

Isaac revira os olhos ao me ver. "O que você está fazendo aqui, Graham?"

Ele pelo menos se lembra de mim. Só nos encontramos uma vez, quando Blake o levou para Tahoe no primeiro ano em que começaram a namorar. Eu não gostava dele naquela época e não gosto dele agora.

"Ela te mandou aqui para implorar que eu a aceite de volta?", ele provoca.

Cerrei os dentes. E os punhos também. Mas me forcei a mantê-los pressionados contra o corpo. "Estou aqui pelo Gato", eu disse a ele.

Ele fica boquiaberto. "Você está falando sério?"

"Mortal."

Isaac me encara fixamente. Eu nem sequer pisco. Venho de uma família de jogadores de hóquei. Consigo lidar com um cara cujo único trabalho é correr em linha reta e não sujar as calças justas com grama.

“Cara”, ele diz. “É uma torradeira.”

Mostro os dentes num quase sorriso. "E, no entanto... aqui estamos nós."

CAPÍTULO52

BLAKE

Só você e eu

A BATIDA NA PORTA ME ASSUSTA. MEU AVÔ AINDA ESTÁ JOGANDO CURLING, então pulo do sofá e vou atender. Estou franzindo a testa ao abrir a porta, já esperando me irritar com quem quer que tenha resolvido aparecer sem avisar depois das oito, então congelo ao encontrar Wyatt parado na varanda.

Segurando o Hot Boi.

Minha boca se abre em choque. Olho da torradeira para seus nós dos dedos machucados, depois levanto meu olhar para o dele. "O que você fez?"

Wyatt dá de ombros. "Ele complicou as coisas mais do que precisava."

Apesar de mim mesma, uma risada escapa. "Meu Deus. Entre."

Ele entra na casa, mas não se move além da porta da frente. Ele estende a torradeira Hot Boi, e eu a aceito com gratidão enquanto observo Wyatt.

Ele está lindo. Muito lindo. Meu Deus, como senti falta de cada centímetro daquele rosto maravilhoso.

Fico aliviado em ver que ele não tem hematomas. Pelo que pude perceber, todos os danos se limitaram aos nós dos dedos, o que é um bom sinal. Espero que ele tenha dado um soco na cara do Isaac, aquele idiota que roubou a torradeira.

"Não acredito que você brigou com ele por causa de uma torradeira."

Os lábios de Wyatt se contraem num leve sorriso. "Quer dizer, você passou o verão inteiro brigando com ele. Minha treta durou só uns quatro minutos."

Sinto vontade de repreendê-lo, mas não consigo encontrar palavras para dizer uma palavra. Estou muito comovida por ele ter feito isso. E muito distraída com a beleza dele.

“Enfim. Era só isso que eu queria fazer. Só queria deixar aqui.” Ele se vira em direção à porta.

"Espere."

A palavra escapa antes que eu possa impedi-la.

O olhar de Wyatt volta-se para mim.

"Você quer ficar para tomar um drinque ou algo assim? Quer dizer, é o mínimo que posso fazer depois de você ter lutado com meu ex em minha homenagem."

Ele hesita. Então seu olhar se suaviza e ele acena com a cabeça.

Caminhamos até a cozinha, onde percebo que não tenho nada a oferecer além de vinho tinto. O vovô Tim não costuma beber, mas sempre tem algumas garrafas de merlot à mão para os convidados.

“Só temos vermelho”, digo eu.

“Eu aceito um copo.”

Eu sirvo para nós dois e entrego a ele uma taça de vinho. Ficamos em lados opostos do balcão. Meu olhar desce novamente para sua mão direita, seus nós dos dedos machucados.

"Você provavelmente não deveria ter feito isso", digo com pesar. "Isaac guarda rancor."

"Eu faria tudo de novo."

Minha mão treme enquanto a levo aos lábios. O sabor intenso envolve minha língua e desliza pela minha garganta, mas não me relaxa. O silêncio que paira sobre a cozinha é tenso e opressivo demais. É denso demais com

tudo o que aconteceu da última vez que nos vimos. Pesado com tudo o que perdemos e vibrante com tudo o que ainda anseio.

Sinto tanta falta dele. Meu peito dói fisicamente por causa disso.

“Como estão indo as aulas?”, ele finalmente pergunta.

Eu engulo em seco. Acho que então vamos bater um papo furado.

"Terrível", confesso. "Estou entediado e frustrado. Tenho uma reunião com meu orientador esta semana para discutir minhas opções."

Wyatt franze a testa. "Quais são as opções?"

"Me formar mais cedo. Talvez eu consiga os créditos por causa das duas aulas de verão que fiz no segundo ano. E se não, talvez eu consiga terminar o ano online em vez de frequentar as aulas presenciais. Estou tão cansada de ficar no campus."

“E a sua irmandade?”

“Basicamente, eu já desisti. Tentei me demitir oficialmente, mas a Shaye — nossa nova presidente — não deixou.” Revirei os olhos. “Ela disse que pegaria mal para a Delta Pi. Então, continuo sendo membro e tenho que pagar a anuidade, mas não me obrigam a participar de nenhum evento da irmandade.”

“Acho que isso é bom.”

“Sim.” Eu o observo por cima do meu copo. “Como está indo o álbum?”

“Começamos a gravar na semana que vem. Estou nervoso”, admite ele.

“Você vai se sair muito bem.”

O silêncio volta a reinar na cozinha. Bebemos ao som do zumbido da geladeira, e esse silêncio se prolonga tanto que preciso desviar o olhar.

Ele é o primeiro a ceder, sua voz grave e rouca rompendo a tensão.

“Nada mudou, sardas.”

Coloquei meu copo sobre a mesa porque minha mão está muito trêmula.

"O que você quer dizer?"

“Nada mudou da minha parte. Eu ainda te amo. Eu ainda quero estar com você. Estou apenas esperando você dizer que também quer.”

Minha garganta se fecha, tão apertada que vibra de dor. "Não é tão simples assim."

“Sim, é verdade.” A frustração transparece em suas palavras. “Eu te amei em Tahoe. E te amo agora, aqui. Tudo o que você precisa fazer é…

acreditar em mim.”

"Não sei no que acredito. Ainda estou uma bagunça completa. Minha cabeça está sempre girando. Meus hormônios estão desregulados. Choro o tempo todo. Nem consigo dizer se o que sinto é real."

A mágoa toma conta de seus olhos. "Você está dizendo que não sabe se me ama?"

Uma sensação de impotência me invade o estômago. Apoio as duas mãos no balcão, precisando me centrar. "Estou dizendo que estou numa montanha-russa emocional e, até me sentir eu mesma novamente, não posso ter certeza do que quero. E não posso te dar nenhuma resposta."

Por um instante, sua expressão se contrai, mas logo ele engole em seco, relaxando a mandíbula. Lentamente, ele diminui a distância entre nós.

Respiro fundo, com a voz trêmula, dividida entre a saudade no meu peito e o peso esmagador da dúvida. Ele nunca me disse que me amava antes de eu engravidar. Ele afirma que sentia isso, mas minha mente insiste que não é verdade, e a escuridão dentro de mim quer afastá-lo por causa disso.

Mas quando ele se aproxima lentamente e eu sussurro "Wyatt", não tenho certeza se estou pedindo para ele chegar mais perto ou para parar.

Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto, e seu toque é tão suave, tão cuidadoso, que quase me desfaço em lágrimas.

"Diga-me para ir embora", diz ele, rispidamente.

Eu não.

Não posso.

Em vez disso, estendo a mão e passo os dedos pelo seu queixo, sentindo a tensão ali. "Eu não quero que você vá."

É só isso. Num piscar de olhos, a boca dele está na minha. Ele tem gosto de vinho e um leve toque de fumaça, e eu me pergunto se ele

retomou o hábito. Se sim, espero que não seja por minha causa.

Seus lábios roçam os meus, e fico confusa com o beijo. Como é lento, como é cauteloso. É uma contenção que nunca senti em Wyatt. Ele está se segurando.

"Me beija de verdade", sussurro. "Como você fazia antes. Por favor."

O pedido parece desestabilizá-lo. Com um som abafado, ele me beija novamente, mais profundamente desta vez, e meu corpo se ilumina sob seu toque. Abro meus lábios para ele, e sua língua desliza entre eles. Quando toca a minha, uma onda de choque elétrico percorre meu corpo.

Quando ele se afasta, sinto um nó na garganta. Meu Deus, aquele olhar.

Como se eu fosse a única coisa que importasse para ele neste mundo inteiro. Ou talvez eu esteja apenas projetando o que quero ver, mas não me importo.

“Vamos para o meu quarto”, eu digo.

"Tem certeza?"

Tenho certeza? Não.

Será que isso é uma má ideia? Provavelmente.

Será que vou impedi-lo? Nem pensar.

Em vez de responder, pego na mão dele e o puxo em direção às escadas.

Não dizemos uma palavra enquanto subimos até meu quarto. Fecho e tranco a porta, e ficamos ali, sob a luz fraca do abajur que eu havia esquecido de apagar, nos encarando.

Sinto sua falta. As palavras queimam minha língua. Mas acho que não consigo dizê-las em voz alta sem liberar uma onda de emoção.

Ele se aproxima, emoldurando meu rosto com as duas mãos. Então, sua boca está na minha novamente. Ele a percorre pelo meu maxilar, desce pelo

meu pescoço, cada beijo fazendo minha respiração falhar. Mas seu controle está escapando. Posso sentir isso na maneira como ele enfia os dedos no meu cabelo e o puxa para guiar minha boca mais perto da dele. Posso ouvir isso no gemido que vibra em seu peito quando minha língua preenche sua boca.

"Senti sua falta", ele sussurra entre beijos. Sua respiração está ofegante.

"Senti tanta, tanta falta sua."

Não respondo. Apenas o beijo novamente, e ele cola o corpo no meu como se não houvesse espaço suficiente no mundo para nós dois existirmos separados. Quando sinto sua ereção contra minha barriga, solto um gemido desesperado e necessitado.

“Deixe-me cuidar de você esta noite”, ele diz. “Quero que você simplesmente… se entregue. Nada mais importa agora. Só você e eu, ok?”

Uma onda de calor percorre meu corpo. "Está bem", sussurro.

Eu me deito na cama e ele paira sobre mim, me despindo lentamente, tirando minha calça de moletom, minha calcinha, meu suéter. Cada centímetro de pele que ele expõe faz sua respiração ficar mais pesada.

“Você é linda”, ele diz simplesmente.

Em seguida, ele tira a roupa e seu corpo quente e nu cobre o meu, as mãos calejadas deslizando sobre minha pele nua em carícias lentas e provocantes. Seus lábios encontram meu pescoço, os dentes roçando o ponto sensível abaixo da minha orelha.

Fecho os olhos e me entrego às sensações. Ao toque da boca dele nos meus seios, à sua língua roçando meu mamilo. Ele não tem pressa nenhuma, mas uma urgência fervilha por trás de cada beijo, cada toque, como se estivesse se forçando a ir mais devagar.

“Diga-me o que você quer”, ele murmura.

“Eu quero isso.” Engulo em seco. “Você quer?”

Seus olhos estão marejados de emoção enquanto ele se apoia no cotovelo para me olhar.

"Eu te desejei por tanto tempo que nem me lembro mais como é desejar qualquer outra coisa."

Suas palavras me deixam tonta, mas ele não me dá tempo para absorvê-las completamente. Ele beija meu corpo todo, as palmas das mãos acariciando a parte interna das minhas coxas antes de gentilmente separar minhas pernas. Ele abaixa a cabeça e deposita um beijo suave e doce na minha vagina. Em seguida, lambe delicadamente meu clitóris em círculos, e eu solto um suspiro.

Ele levanta o olhar com aquele olhar escuro e intenso. "Está se sentindo bem?"

"Sim." Quase me envergonho da rapidez com que a palavra escapou da minha boca.

Um sorriso curva seus lábios antes que ele incline a cabeça novamente e retome sua missão lenta e dedicada de me levar ao êxtase. E ele consegue.

Ele me lambe até que eu fique sem reação, longas lambidas intercaladas com toques provocantes, seus lábios envolvendo meu clitóris e o sugando, provocando-o, fazendo-me gemer de prazer.

Quando ele coloca a camisinha e penetra em mim, eu já estou em chamas, pronta para uma faísca. E a faísca vem na forma do seu pênis me preenchendo completamente. Eu chego ao clímax com aquela primeira estocada profunda, me desfazendo sob ele. Meu orgasmo só o incentiva a ir mais rápido, impulsionando os quadris contra mim, com os olhos abertos e fixos no meu rosto.

Você odiaria o quanto eu ia querer de você. O quanto eu ia tirar de você.

A confissão dele, feita no início do verão, continua martelando na minha cabeça.

Ele está errado. Eu não odeio isso.

Mas isso me aterroriza.

Meu olhar permanece fixo no dele enquanto ele chega ao clímax, o prazer escurecendo seus olhos e arrancando um gemido baixo e rouco de

sua garganta. Depois, ele desaba sobre mim, e eu o envolvo em meus braços. Deito-me sob ele, sem fôlego não apenas pelo seu peso sobre mim, mas pela tempestade de emoções que varreu o quarto.

Ao sentir a umidade no meu ombro, percebo que não sou o único afetado.

"Ei", digo, passando os dedos pelos seus cabelos. "Você está bem?"

Seu corpo largo estremece, e minha garganta se fecha quando ele levanta a cabeça e vejo suas lágrimas, seus olhos vermelhos.

"Perdemos nosso bebê, Blake." Sua voz falha, e meu coração se despedaça. Em dois. Porque é a última coisa que preciso ouvir agora. Ou nunca mais.

Enquanto a agonia me dilacera, me desvencilho de seu abraço, saindo de baixo dele com cuidado. Ele rola de costas, o antebraço cobrindo os olhos, a respiração superficial.

Não sei o que há de errado comigo. Por que não consigo consolá-lo? A parte racional do meu cérebro sabe que ele também sofreu uma perda. Não se trata apenas de mim. Foi uma perda nossa. Não minha.

Mas eu não tenho forças para fazer isso. Para carregar esse fardo por nós dois. De repente, não consigo respirar. As lágrimas jorram, encharcando minhas bochechas e o travesseiro enquanto pressiono meu rosto contra ele.

Ao perceber que eu estava soluçando, Wyatt se aproximou por trás e me abraçou, envolvendo meu corpo trêmulo.

"Desculpe", ele diz contra meu cabelo. "Eu não deveria ter dito isso. Por favor, não chore."

Mas não consigo parar. Choro ainda mais, porque esta noite não é só a tristeza que alimenta as lágrimas, mas também a culpa. Porque não sou forte o suficiente para suportar a dor de Wyatt. Mal consigo lidar com a minha própria.

"Você deveria ir", consigo dizer com a voz embargada.

Ele apenas me abraça com mais força. "Não. Não vou te deixar assim."

De alguma forma, encontro forças para me soltar de seus braços.

Apalpo minhas roupas, vestindo as calças às pressas. "Você precisa ir. Não podemos nos ajudar agora."

“Sim, podemos.”

“Não, Wyatt.” A culpa está me queimando a garganta. “Isso não é justo com você. Você está tão focado em cuidar de mim que nem conseguiu processar essa perda e lidar com o seu próprio luto. E eu mal consigo me manter firme por mim mesma, quanto mais por nós dois.”

Wyatt se senta na cama. Ele parece cansado. Apático.

Visto meu suéter por cima da cabeça, a segundos de desabar no chão e soluçar novamente.

“Meu avô vai chegar em casa em breve”, eu finalmente digo.

Após uma pausa, Wyatt leva a mão à sua cueca. "Então vou sair do seu caminho."

Mesmo com o coração em agonia, eu o deixei ir.

Porque se eu implorar para ele ficar, não seria justo para nenhum de nós.

CAPÍTULO53

WYATT

Odeio estar errado.

novembro

Amanhã à noite farei um pequeno show beneficente em Nashville e um passarinho me contou que você está na cidade. Mandarei um carro para te buscar. -MM

ELA ASSINA COM AS INICIAIS MM.

Ergo uma sobrancelha. Vou mandar um carro para você. Que presunção da parte dela achar que eu tenho interesse em ir ou mesmo que tenho tempo livre para isso.

É claro que a resposta para ambas as perguntas é sim.

E o destino deve querer isso, porque por acaso estou de volta a Nashville neste fim de semana para arrumar meu apartamento. A primeira versão do meu álbum está pronta, e vou alugar um lugar em Nova York enquanto Tobey e eu finalizamos os últimos detalhes. Estou muito feliz com o resultado.

Larguei meu rolo de fita adesiva e digitei uma resposta rápida para Mollie May, dizendo que topava.

Minha opinião sobre a princesa do pop, com seus inúmeros seguidores online e discos de platina, não mudou muito. Ainda não sou fã de seus hits brilhantes e superproduzidos, mas havia algo nela que me atraiu quando a conheci. Sua inteligência, seu humor. Ela parecia legal. Além disso, o fato de minha mãe gostar dela e até ter composto uma música para ela conta muito para mim. O estilo musical de Mollie May pode não ser o meu preferido, mas confio na opinião da minha mãe sobre o caráter das pessoas.

Conforme prometido, um carro me buscou no meu apartamento na noite seguinte. O local do evento ficava dentro de um antigo hotel no centro da cidade, em um grande salão de baile com mesas decoradas com arranjos ornamentados em detalhes dourados e um palco iluminado por centenas de velas.

A segurança é intensa, o que estou começando a perceber ser normal para alguém como Mollie May. Li que ela teve que depor no ano passado no julgamento de um de seus supostos perseguidores. Um deles. Não consigo imaginar viver minha vida sendo perseguida

ou preocupada que algum fã desequilibrado vá me assassinar e usar meu corpo como um traje.

Entro no salão de baile depois de a segurança me revistar na porta.

Estou de terno e, na verdade, arrumei o cabelo de um jeito que não está tão bagunçado. Observo o salão, sem saber onde ficar ou com quem falar.

Esperava encontrar muita gente do meio artístico, mas parece que a maioria das pessoas são civis. Mulheres civis mais velhas. Muitas mulheres. O

cartaz no saguão dizia que a instituição de caridade se chama Later Years Foundation (Fundação da Terceira Idade).

Eu a avisto perto do palco, rindo com duas mulheres mais velhas. Seus cabelos escuros estão presos num penteado desarrumado e elegante, e ela veste um vestido de seda amarelo-dourado que fica incrível em contraste com sua pele bronzeada. O vestido abraça cada curva do seu corpo, e a barra assimétrica deixa à mostra boa parte das coxas.

Mollie May me chama com um gesto como se fôssemos velhos amigos.

"Wyatt!"

Ela se afasta do grupo e caminha tranquilamente até lá. Seus sapatos de salto são pretos, com tiras que envolvem seus tornozelos.

“Olha só para você”, ela desenha. “Você fica tão elegante de roupa.

Adorei o look todo preto. Muito Johnny Cash em você.”

Dou um puxão na gola da minha camisa social. "Tenho uma relação complicada com as cores", respondo, e ela ri.

Um garçom se aproxima, sua bandeja não contendo taças de champanhe, mas pequenos copos com uma bebida âmbar.

"Tema bourbon", diz Mollie, sorrindo.

“Que tipo de instituição de caridade é essa?”, pergunto a ela, aceitando o copo.

“Eles arrecadam fundos para cuidados com idosos, com foco em mulheres. Eu os ajudei no ano passado também. Almocei com a presidente, e ela me contou como a maioria dos lares de idosos tem mais mulheres do que homens. Isso porque os homens, em média, morrem mais cedo. Muitas dessas mulheres, principalmente as casadas, acabam sozinhas nesses lugares, sofrendo de demência, Alzheimer ou outras doenças.”

“Isso é realmente triste.”

“Eu sei. Minha avó está numa situação parecida”, Mollie May me conta.

“Então, é uma causa pessoal para mim.”

Conversamos um pouco mais sobre a instituição de caridade, mas logo minha mente divaga, porque ainda não tenho certeza do porquê ela me convidou para vir esta noite.

Você parece entediado(a).

Dou uma olhada em seu rosto divertido. "Desculpe. Eu só estava... me perguntando por que estou aqui", admito.

“Entendi. Você é do tipo que defende o direito de livre negociação.” Ela toma um gole de seu bourbon, atraindo meu olhar para seus

lábios

vermelhos. “Subornei o Tobey para me mandar algumas faixas do seu álbum.”

Eu estreito os olhos. "Ele fez isso?"

“Ah, sim, aquele homem faria qualquer coisa por mim.” Ela pisca. “A maioria dos homens faz. Mas eu tenho escutado eles sem parar e—”

“Mollie May”, alguém interrompe. “Preciso te chamar por um instante.

A Veronica está louca para te conhecer!”

Engulo minha frustração enquanto ela sai correndo. Sou obrigado a passar os próximos quinze minutos esperando que ela volte. Estou quase terminando meu bourbon quando ela retorna.

"Por que ninguém nunca te chama apenas de Mollie?", pergunto, curiosa.

“Porque meu nome é Mollie May. Tecnicamente, é uma palavra só.

Minha certidão de nascimento tem um hífen. Mollie-May Rivera.” Ela sorri.

“Cortesia de uma mãe irlandesa e um pai porto-riquenho. Se alguém me chama por um apelido, geralmente é Mol. Enfim, voltando ao assunto. Eu queria—”

Mas aí ouvimos: "Mollie May, é a sua vez."

Ela para novamente. "Droga. Guarde esse pensamento. Hora de brilhar."

Minha cabeça gira enquanto a observo caminhar em direção ao palco.

Bato um papo com um assistente de um dos executivos da gravadora enquanto esperamos o show começar. Ele sussurra que o ingresso para o evento custa dez mil dólares por pessoa. Meu Deus.

Um silêncio reverente toma conta do salão de baile. O ambiente é íntimo e sedutor, com mesas à luz de velas e cordões de veludo. Não há banda no palco, apenas um piano, um guitarrista sentado em um banquinho, um violoncelista e muitas velas. Isso me surpreende. Os shows de Mollie costumam ser produções tão elaboradas que parece estranho vê-la brilhar em um palco tão simples, apenas com seu elegante vestido amarelo. Sem

Auto-Tune, sem dançarinos de apoio, sem pirotecnia. Apenas ela e o microfone.

E, puta merda, ela é boa mesmo. Ela faz um cover de uma música da Patsy Cline, cheio de alma e sensualidade, e depois emenda com uma das suas próprias músicas, só que numa versão acústica, só que com violão.

Por um instante, preciso cerrar os dentes, porque odeio estar errado.

Além disso, me sinto um idiota. Essa mulher é talentosa. Passei anos julgando-a como superficial, e descobri que ela pode ter muito mais talento do que eu jamais poderei sonhar em ter.

Ao final de sua apresentação, ela sai do palco com desenvoltura e passa os próximos trinta minutos conversando com os presentes, aceitando os inúmeros elogios e transitando entre os grupos como uma profissional. Dá para entender por que pagaram tão caro para ela participar. Provavelmente, ela está arrecadando uma boa quantia para essa instituição de caridade.

Finalmente, ela se aproxima de mim perto da mesa do leilão silencioso.

"E então?", diz ela, inclinando a cabeça.

Inclino a cabeça para trás. "Bem, o quê?"

“Gostou da minha apresentação?”

“Foi incrível.”

Ela acena com a cabeça e, casualmente, diz: "Você quer abrir meus shows em turnê?"

"Desculpe, o quê?"

“Era isso que eu estava tentando te dizer antes. Meu ato de abertura foi preso por dirigir embriagado na semana passada.”

"Stylo Lewis?", pergunto, surpreso.

“É. Não ficou bem. Então estamos procurando alguém para substituí-la.” Ela dá de ombros. “Estou pensando em você.”

"Você está falando sério?"

“Como um ataque cardíaco. Topa?”

Ainda estou em choque. Jamais imaginei, nem nos meus sonhos mais loucos, que Mollie May, a maior estrela pop do mundo, me convidaria para uma turnê com ela.

“Mas…” Minha cabeça gira. “Nossos estilos são…”

"Dia e noite?", ela completa.

“Quer dizer, sim.”

“É por isso que eu quero você.” Ela pisca e eu tenho a impressão de que isso significa mais de um sentido. “Eu sempre opto por artistas de abertura que sejam cantores e compositores. Isso ajuda a ambientar o público antes de eu jogá-los no caos.”

Tenho que sorrir, porque já vi vídeos das turnês dela. Fogo, pirotecnia, dançarinos de apoio em látex.

“Adorei o que o Tobey me mandou. Aquelas faixas. Principalmente

‘Lightkeeper’”. Ela estremece. “Lenta nos momentos certos, melancólica onde precisa ser, e aí você solta aquele último refrão e, meu Deus! É difícil alcançar esse equilíbrio, mas você faz isso tão bem. E não faz mal nenhum você ter esse”—ela acena vagamente para mim—“rosto”.

"Meu rosto?", repito com um sorriso.

"Você é linda", ela diz francamente. "E precisamos fazer essas garotas hétero e esses garotos gays felizes. Dar a eles algo para cobrir os olhos."

“Você está me convencendo muito a fazer essa turnê.”

Ela ri. "Não preciso convencê-lo. Você já está dizendo sim."

Eu sorrio de canto. "Será?"

“Bem, você seria um tolo se dissesse não.”

Ela foi chamada novamente, o que me deixou atordoado com o convite.

Mollie May quer que eu abra os shows dela. Será que estou sonhando?

E será que vou mesmo aceitar? Passei anos zombando das músicas dela como um idiota pretensioso, insistindo que não era música de verdade. Eu pareceria um tremendo hipócrita se a acompanhasse em turnê.



Mas também acabei de vê-la se apresentar sem efeitos, firulas ou truques, e sou humilde o suficiente para admitir que estava errado. Ela é uma musicista.

E como ela disse…

Seria uma tolice dizer não.

Três horas depois, o salão de baile está praticamente vazio. Imagino que Mollie May será levada embora por seus seguranças a qualquer momento.

Já estou me aproximando da porta, me perguntando se o carro que me trouxe até aqui também me levará para casa.

Mollie May percebe que estou tentando sair e balança a cabeça negativamente. Em seguida, ela acena para seus assessores e diz algo a eles.

Em poucos minutos, os funcionários e seus acompanhantes são conduzidos para fora, com as portas se fechando atrás deles.

"Nossa", eu digo a ela quando ela se junta a mim. "Você sabe como esvaziar uma sala."

"Praticar." Ela puxa minha mão, me levando em direção ao piano de cauda no palco. "Vamos lá. A música está me chamando", ela provoca.

Observo-a enquanto se senta no banco, a seda do vestido se acumulando em volta dos joelhos e tornozelos. "Vamos tocar alguma coisa."

Dando de ombros, juntei-me a ela e passamos os minutos seguintes improvisando melodias e harmonizando até encontrarmos um ritmo.

Cantamos o dueto que minha mãe escreveu para Mollie May e Stylo Lewis, e fiquei um pouco impressionado, porque soávamos como uma dupla de verdade. Nossas vozes combinavam bem, a dela rica em uma ternura surpreendente. Mais uma vez, me senti um lixo por ter pensado que ela não tinha talento.

Os últimos acordes da canção ecoam no salão de baile. Mollie May se vira para mim, seus olhos castanhos suaves.

Então ela me beija.

É ousado e inesperado. A boca dela se move contra a minha como se ela soubesse exatamente o que quer, e eu hesito apenas por um instante antes de retribuir o beijo, cedendo aos toques provocantes da sua língua.

"Caramba, você beija muito bem", ela murmura.

Aprofundo o beijo e tento puxá-la para mais perto, mas ela ri e se levanta num pulo. As teclas de marfim tilintam sob suas coxas enquanto ela sobe no tampo preto brilhante do piano. Ela me levanta e me puxa para perto dela. Seu vestido sobe enquanto ela entrelaça as pernas em volta de mim.

"Tem certeza disso?", murmurei contra seu queixo.

"Não teria esvaziado a sala se não fosse assim."

Nossos lábios se encontram novamente, desta vez com mais intensidade. Deslizo minhas mãos pela curva de sua coluna, acariciando a pele nua exposta pelo decote nas costas do vestido. Ela responde com avidez, puxando minha camisa para fora da cintura. Mas quando ela estende a mão entre nós, me encontra completamente mole.

Ela reclina um pouco, ofegante. Seu batom está borrado. Pupilas dilatadas. "O que houve?"

Engulo em seco, ainda segurando seus quadris. "Droga. Me desculpe."

Agora ela está franzindo a testa.

"Eu quero querer isso", digo com a respiração pesada.

"Mas?"

“Mas não. Não mesmo.” Minhas mãos caem ao lado do corpo. “Estou apaixonada por outra pessoa.”

Me afasto do piano e passo os dedos pelos cabelos. Que diabos há de errado comigo? Blake e eu terminamos, e tem uma mulher linda estirada em cima de um maldito piano querendo transar comigo.

Mas não consigo fazer meu corpo ou meu coração cooperarem. Eles nem estão em conflito — estão em perfeita harmonia, de modo que eu não quero fazer isso. Beijá-la foi bom por uns dez segundos, antes de se tornar oco, vazio, como tentar acender uma fogueira com fósforos molhados.

Há uma longa pausa antes de Mollie May soltar uma risadinha e limpar o canto da boca. "Jesus, vocês músicos. Sempre sangrando por algum lugar."

"Desculpe", digo, em tom ríspido.

“Não se preocupe.” Ela desce do piano, alisando o vestido como se o que acabara de acontecer entre nós não fosse nada demais. “Sinceramente, eu estava mais curiosa para saber se a boca combinava com a voz.”

Minha risada em resposta é uma mistura de culpa e alívio. "Acho que estou fora da turnê?", brinco.

“Nem pensar.” Ela abre um sorriso travesso. “Esse tipo de tensão sexual rende ótimos shows. Já estou imaginando pelo menos um dueto. Além disso, estou dormindo com um dos caras da banda, e ele não está apaixonado por mais ninguém.” Ela se aproxima e ajeita a lapela da minha camisa. “Aliás, você pode trazer alguém.”

Eu pisquei os olhos. "O quê?"

“Meu baterista sempre traz a namorada junto. Não tem problema nenhum convidar a garota por quem você está apaixonado. Contanto que não se importem de viver com uma mala por seis meses e não atrapalhem, os(as) parceiros(as) são bem-vindos(as).”

“Ainda não concordei com nada.”

“Sim, você tem.” Ela dá um tapinha no meu braço. “A turnê começa antes do Dia de Ação de Graças. Boston é a primeira parada. Te vejo lá.”

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Novo casal à vista?? Mollie May vista com um HOMEM MISTERIOSO

em evento beneficente!

Parece que o baile anual da Later Years Foundation em Nashville na noite passada foi muito mais emocionante do que o esperado… As câmeras flagraram a princesa do pop Mollie May em clima de intimidade com um homem misterioso, e fontes revelaram que os dois ficaram inseparáveis a noite toda. Mas quem é esse homem misterioso? Até o momento, ninguém sabe, mas essas fotos deixaram a internet em polvorosa e os detetives virtuais em busca de respostas. Nossas fontes exclusivas revelam que o casal não só estava cochichando durante o baile, como a equipe de Mollie May

esvaziou o salão inteiro após o evento para que os dois pudessem desfrutar de um pouco de… privacidade. Mollie May é notoriamente reservada sobre sua vida amorosa, então a demonstração pública de afeto da noite passada está causando estranheza e gerando muita especulação. Será uma jogada de marketing ou Mollie May finalmente encontrou o amor? [leia mais]

CAPÍTULO54

BLAKE

Você poderia tentar

O TIME DE HÓQUEI MASCULINO DO BRIAR VENCE O JOGO SEGUINTE, chegando a uma sequência de oito vitórias. O que é quase um milagre, considerando que AJ preferiria patinar por cima do pescoço de Beau a passar o disco para ele. Mas é exatamente isso que acontece para garantir a vitória: um passe rápido de AJ que resulta em um chute de primeira de Beau. A torcida da casa grita enquanto os capacetes voam em comemoração, e eu assisto, consternado, enquanto AJ se afasta patinando de seus companheiros de equipe que o aplaudem e desaparece sozinho no túnel.

Começo a temer que a amizade deles jamais se recupere.

A última coisa que eu queria fazer era sair hoje à noite, não depois da enxurrada de mensagens no meu celular o dia todo. Literalmente todas as mulheres da minha vida, incluindo minha própria mãe, me mandaram mensagens com links para a matéria do tabloide sobre Mollie May e seu misterioso novo namorado.

Também conhecido como o lindo deus do sexo de cabelos escuros e olhos verdes que os tabloides e sites de fofoca ainda não descobriram ser

Wyatt.

Eventualmente, alguém vai reconhecê-lo. A internet está repleta de fotos e vídeos dele se apresentando em Nashville. Alguém vai reconhecê-lo e postar online. Até lá, só eu posso ter a alegria de saber que Wyatt seguiu em frente com uma maldita estrela pop. E uma que ele já criticou repetidamente, para piorar a situação.

Juliette, que quase não vejo desde que saí da Delta Pi, me convenceu de que a única maneira de não deixar aquele artigo me dominar é ignorá-lo.

Não fique em casa remoendo. Não fique deitada na cama obcecada com isso.

Além disso, se o Wyatt realmente seguiu em frente, não tenho o direito de ficar brava com isso. A última vez que nos vimos, eu pedi para ele ir embora. Disse que não podia estar lá por ele. Não tenho o direito de impedi-lo de ficar com outra pessoa.

Fui ao jogo com Juliette e Stella, mas, surpreendentemente, não com Ivy, que quase não vejo desde que ela e Stella começaram na Briar. Stella afirma que ela está no estúdio de dança da manhã à noite, o que eu acredito, já que Ivy dedicou a vida inteira ao balé. Mas acho estranho não ter ideia do que ela tem feito nos últimos dois meses e que ela não tenha aparecido para apoiar o irmão mais velho em sua primeira temporada como capitão do time.

Após o jogo, todos se dirigem ao Malone's, o bar esportivo em Hastings, onde os jogadores do Briar são tratados como heróis ao entrarem em meio a aplausos e tapinhas nas costas. Uma legião de fãs de hóquei, com os olhos brilhando de entusiasmo, imediatamente se aglomera para garantir seus lugares.

Eu me acomodei em uma mesa com as meninas, junto com Beau, Gray e alguns colegas de time delas. AJ não estava lá, mas pelo menos veio ao bar, mesmo que esteja ocupando outra mesa.

“Gente, o Wyatt está em todo lugar”, diz Gray, balançando a cabeça em espanto. “Eu ouvi a música dele no Coffee Hut hoje.”

“O cara está bombando”, concorda Stella.

Juliette aperta minha perna por baixo da mesa num gesto reconfortante.

Pego minha Coca-Cola Zero e tomo um gole. Não estava com vontade de beber hoje, mas ao ouvir o nome de Wyatt, meio que me arrependo dessa decisão.

Eles não estão errados, no entanto. Wyatt tem estado em todo lugar ultimamente. Ele ainda não lançou seu álbum, mas, de acordo com Gigi, está tudo pronto, e seu empresário e nova equipe de relações públicas têm um plano completo para o lançamento. Até agora, eles lançaram apenas um single: "Lightkeeper".

A música que ele escreveu sobre mim.

Sobre nós e a primeira vez que dormimos juntos.

Essa música despedaça meu coração toda vez que a ouço. E eu a ouço com frequência. Com frequência demais. Basicamente, ela fica tocando em repetição quase o dia todo.

“Você acha que ele está ficando com ela? Com a Mollie May, quero dizer”, diz Gray, e Beau rapidamente lhe dá uma cotovelada nas costelas.

Lembrando que estou na cabine, Gray faz uma cara sem graça. “Putz.

Desculpa, B.”

Dou de ombros, sorrindo como se estivesse bem. "Não se preocupe.

Não estamos juntos. Não me importo com o que ele faça."

Agora sinto a mão de Stella na minha outra coxa, enquanto a expressão normalmente raivosa da megera suaviza.

"Estou bem", insisto. "Nossa, gente. Estou feliz por ele. Ele está vivendo o sonho dele."

Do outro lado da mesa, o olhar de Beau se volta para mim. Ele não diz nada. Acho que ele não acredita em mim. Acho que nenhum deles acredita.

Puxa, nem eu acredito em mim mesmo.

Precisando de um respiro para aliviar a pena que me paira no ar, saio da cabine. "Preciso usar o banheiro feminino."

A fila está longa, e leva quase quinze minutos até que eu volte às cabines, apenas para descobrir que meu lugar foi roubado por um dos zagueiros. Estou caminhando em direção à cabine, pronto para lutar pelo meu lugar, quando alguém na outra cabine estende o braço e agarra minha mão.

Olho para baixo e vejo os olhos castanhos de AJ brilhando diabolicamente. Ele deve estar bêbado, porque faz muito tempo que não vejo aquele sorriso matador. Sinceramente, eu estava com saudades.

Eu sorrio de volta para ele. "Bem, olá."

“Ei.” Ele me puxa para perto dele. “Vem sentar comigo.”

Eu me sento ao lado do AJ, porque meu outro lugar foi ocupado e o AJ

está sozinho. Do outro lado da mesa, um dos colegas de time dele está se agarrando com uma ruiva, que parece estar se empolgando demais, considerando que estamos em público. Tenho quase certeza de que a mão dela está dentro da calça dele.

Como não consegui ficar a sós com o AJ desde a briga dele com o Beau, decidi aproveitar a oportunidade para ver se finalmente consigo fazê-lo entrar em si.

Ele estende o braço ao longo do encosto do banco, inclinando o corpo em minha direção. A música está tão alta que ele precisa aproximar a cabeça da minha para que possamos conversar.

"Que jogão", digo a ele, tentando manter o tom leve. "Uma assistência incrível."

Ele dá de ombros, ignorando o elogio. Sua mão desliza em direção ao meu ombro, depois desce, seus dedos puxando a ponta da minha trança.

"Você está linda hoje, B. Bem, na verdade, você sempre está linda, mas você já sabe disso."

"Obrigado."

Ele pisca. "Não vai retribuir o elogio?"

“Não. Seu ego já é grande o suficiente.”

“Sabe o que devemos fazer?”, ele pergunta arrastando as palavras.

"O quê?" Está ficando óbvio que ele está mais bêbado do que eu pensava.

“Volte para a minha casa.”

“Você quer dizer o apartamento estúdio que você está alugando porque é teimosa demais para fazer as pazes com o Beau?”, pergunto docemente.

Depois da briga em Tahoe, AJ se mudou da casa que dividia com os outros dois Golden Boys. Uma burrice, porque é uma casa ótima.

“Não sou teimoso. Simplesmente não tenho interesse em falar com aquele idiota.”

“Aquele idiota é seu melhor amigo.”

AJ revira os olhos. "Ele estava com o pau enfiado até o fundo na minha namorada. Não tem volta depois disso, Blake."

Suspiro. "Você poderia tentar."

“Ou eu poderia seguir em frente.” Ele sorri de canto, passando o polegar roçando meu ombro nu. Tirei meu moletom assim que chegamos, porque o bar está quente demais, mas fiquei só de regata bem curtinha, que o olhar faminto de AJ está devorando agora. “Quer me ajudar a seguir em frente?”

“Você bebeu demais.”

“Não, já chega.” Sua voz baixa, ficando rouca. “Chega para te dizer que posso te ter de quatro nessa mesa se você der a palavra.”

“Jesus, AJ.”

"O quê?" Ele pisca inocentemente.

Uma pontada de irritação me invade. "Você não é assim."

“Você está enganado.” Ele se recosta, abre os braços e sorri como se fosse o dono do bar inteiro. “Esse sou eu. E eu tinha me esquecido de como era divertido ser eu mesmo.”

“O que é divertido? Levar a vida na base da porrada, do mesmo jeito que você fazia no ensino médio?”

"Sim."

Eu o observo, procurando por bravata em seu sorriso ou talvez uma sombra oca por trás de seus olhos, mas não vejo nada. Ele parece

genuinamente convencido. Satisfeito por estar voltando ao seu status de cafajeste.

A mão dele roça minha coxa por baixo da mesa, e eu a afasto com um tapa.

"Eu não vou para casa com você, Adam", digo, chamando-o pelo nome completo para que ele saiba que estou falando sério.

“Que pena. Teria sido ótimo.”

Dando de ombros, ele toma um longo gole de cerveja, pega o celular e abre um aplicativo de encontros enquanto eu estou sentada bem ao lado dele.

CAPÍTULO55

BLAKE

A vida é curta.

A VIAGEM DE TREM DE BOSTON PARA TRENTON LEVA QUASE CINCO HORAS.

Um voo teria sido muito mais rápido, mas eu queria aproveitar o tempo para trabalhar nos meus trabalhos de meio de semestre sem distrações. O

que estou escrevendo agora explora a invenção e a história do rádio e seu impacto na mídia moderna, o que me lembra que preciso mandar uma mensagem para os Spencers para finalizar minha visita a Nova York no mês que vem.

Finalmente me sinto de volta ao normal. Hormônios estabilizados, depressão ida embora. Claro, aquela dorzinha no estômago ainda persiste, mas pelo menos não estou mais chorando a cada cinco segundos. Se essa viagem a Trenton correr bem, talvez eu e o

pequeno Spencer possamos gravar um episódio de continuação do da Darlie. Quem sabe. Talvez eu esteja a duas horas e trinta e oito minutos de desvendar o mistério.

E sim, reconheço que talvez tenha acabado de jogar dez horas da minha vida pela janela. Estou viajando de trem até Nova Jersey e tudo o que tenho é um endereço. Ainda sem número de telefone. Ainda sem e-mail ou qualquer outra forma de contatar os proprietários. Cheguei a ligar para o

Condado de Mercer esta semana e implorei para a atendente transmitir um recado aos moradores do número 1229 da Sycamore Lane. "Diga a eles para me ligarem", implorei, ao que ela respondeu: "Hum, é, nós não fazemos isso".

Isso me deixou com duas opções: enviar uma carta, o que poderia resultar em dias de espera ou nenhuma resposta. Ou pegar um trem, bater na porta e ver o que acontece.

Na pior das hipóteses, consigo terminar meus trabalhos escolares no trem.

Na melhor das hipóteses, Dolly e Raymond realmente moram naquela casa, e eu consigo algumas respostas.

Ao chegarmos à estação, guardo meu laptop na capa e o coloco na minha bolsa. Lá fora, no ponto de táxi, entro no banco de trás de um táxi e observo a vibrante cidade de Trenton passar rapidamente pela janela. O

endereço 1229 Sycamore Lane fica no bairro de Hillside, em Trenton, que, segundo minhas pesquisas, é bastante abastado. Isso é um bom sinal, já que Raymond Loughlin vem de família rica.

O táxi para em frente a uma grande casa em estilo Tudor, com um amplo gramado frontal e garagem para três carros. Fico feliz em ver

um carro na entrada. Espero que isso signifique que tem alguém em casa; caso contrário, vou acampar na varanda como um perseguidor.

Isso foi... uma péssima ideia, eu sei.

Já fiz coisas ridículas em nome da pesquisa, como flertar com um tal de Kyle para convencê-lo a vasculhar caixas velhas e empoeiradas. Mas uma viagem de um dia para outro estado só para visitar uma casa cujos moradores talvez nem tenham ligação com a história?

Isso é extremo, até para mim.

E, no entanto, os extremos a que cheguei me fazem lembrar de Wyatt dizendo o quanto ele adora minhas paixões nerds. De como meu hobby não é bobo, mas sim apaixonante.

Ainda assim, me sinto meio boba enquanto fico parada sem jeito na varanda e toco a campainha. Meu pulso acelera quando ouço passos do outro lado da porta. Então ela se abre e uma mulher atende. Uma senhora idosa. Não sou boa em adivinhar idades, mas ela parece ter uns sessenta e poucos anos. Também é um bom sinal. Darlie morreu há cinquenta anos, e sua irmã tinha dezenove na época, então Dolly teria sessenta e nove anos agora.

"Posso ajudar?", pergunta ela com um sorriso educado.

“Hum… talvez? Por acaso você é Dolly Gallagher? Loughlin, quero dizer. Dolly Gallagher Loughlin.”

Seu sorriso vacila, acompanhado por um rápido lampejo de suspeita.

Mas ela não bate a porta. Pelo contrário, parece curiosa ao dizer: "Sim, sou eu. E você?"

“Blake.” Ofereço um sorriso sem graça. “Blake Logan. Sou estudante da Universidade Briar, em Massachusetts. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Sobre sua irmã”, esclareço.

Agora seus olhos se estreitam.

Meu Deus, que situação constrangedora. "Sabe de uma coisa? Me desculpe", digo a ela, com as bochechas mais vermelhas que o inferno. "Só agora me dei conta de como isso é absurdo e incrivelmente invasivo. Eu não deveria ter aparecido na sua porta assim, mas não consegui encontrar um número de telefone ou e-mail. Teria sido muito melhor se tivéssemos conversado por e-mail."

Acho que meu falatório nervoso a tranquiliza, pois ela ri baixinho e abre a porta mais. "Por que você não entra, querida? Quer um copo d'água?"

“Sim, por favor.” Olho para o meio-fio e faço um sinal de positivo para o taxista. Ele estava esperando meu sinal para ir embora.

Lá dentro, a pedido dela, tiro os sapatos e a sigo por um amplo corredor em direção a uma grande cozinha com armários azul-celeste e uma mesa de cedro perto de uma janela com vista para um quintal impecavelmente

cuidado. Esta casa não é tão luxuosa quanto a propriedade dos Loughlin à beira do penhasco em Tahoe, mas ainda assim é muito bonita.

“Que quintal lindo”, eu digo a ela.

“Obrigado! Ray e eu cuidamos de todo o paisagismo nós mesmos.”

“Ray? Você quer dizer Raymond? Então ele ainda está vivo?”

“Viva e bem”, confirma Dolly. Ela caminha até a chaleira no fogão. “Eu estava preparando uma xícara de chá quando você ligou. Você gostaria de um ou prefere água?”

“O chá está ótimo, obrigado.”

Ela retorna à mesa com duas canecas fumegantes. "É de hortelã. Espero que não se importe."

“Perfeito”, digo, estendendo a mão para pegar o chá com gratidão.

“Peço desculpas por aparecer aqui sem avisar. Às vezes, encontro um assunto que me interessa e, quando me dou conta, já estou obcecada. Minha família tem uma casa em Lake Tahoe, bem em frente à propriedade dos Loughlin, do outro lado do lago.”

“Meu Deus, faz décadas que não volto lá”, reflete ela. “Embora eu tenha ouvido dizer que minha irmã ainda está causando bastante alvoroço.”

Fiquei surpresa com o humor que brilhava em seus olhos castanhos.

"Então você conhece a lenda de Darlie?"

“Você quer dizer que minha irmã se afogou tragicamente por causa de seu coração partido? E que, em vez de se tornar má, ela agora se esforça para curar os corações das pessoas e cobri-las de amor? Ou seja lá o que fantasmas benevolentes façam.” Dolly solta uma gargalhada.

“Você está dizendo que nada disso é verdade?”

“Querida, eu te garanto que a maioria das histórias de fantasmas não são verdadeiras.”

Sinto uma pontada de decepção, mas, ao mesmo tempo, minha curiosidade não diminuiu nem um pouco. Claramente, há uma história aqui.

“Muito bem, então qual é a verdadeira história?”, pergunto à mulher sorridente. “Encontrei a certidão de óbito da sua irmã, o que significa que ela realmente morreu por volta da época em que essa lenda começou.”

A expressão de Dolly fica séria. "Sim. Minha irmã faleceu. E foi um momento difícil para todos nós, especialmente para o Ray. Mas certamente não foi tão dramático quanto um suicídio por afogamento. Ela morreu de um tumor cerebral."

Eu exclamo, boquiaberta. "Nossa. Sério?"

"Aconteceu tão de repente. Puxa, nem tínhamos histórico de câncer no cérebro na família. A Darlie foi fazer um check-up por causa de enxaquecas e saiu de lá com um diagnóstico de três semanas de vida. O tumor estava tão avançado que os médicos disseram que nem o tratamento mais agressivo adiantaria." Ela respira fundo. "Ela estava noiva. Estava feliz.

Tinha a vida toda pela frente. Meu Deus, a gente nem imaginava que isso ia acontecer."

"Por que não havia um laudo médico?"

Ela franze a testa. "Bem, tenho certeza que havia. Registros hospitalares dos exames dela, com certeza."

Assenti com a cabeça. Depois que encontrei a certidão de óbito de Darlie, a primeira coisa que fiz foi ligar para todos os hospitais da região, mas descobri que eles não liberam prontuários médicos particulares para garotas universitárias aleatórias.

"O câncer dela não era segredo", diz Dolly. "E ela morreu em nossa casa, olhando para o lago, cercada por sua família e por Raymond."

A tristeza me aperta o coração. "Eles ainda estavam noivos antes de ela morrer?"

"Claro. Eles se amavam muito."

Como você acabou com ele? Quase pergunto de repente, mas resisto à tentação.

Ela deve ler meus pensamentos, porque ri de novo. "Se você está se perguntando sobre mim e o Ray, receio que não seja nada escandaloso o que aconteceu depois. Sofremos juntos. A morte da Darlie nos aproximou, e com o tempo a dor se dissipou e se transformou em amor. Mas era doloroso demais ficar no lugar que minha irmã tanto amava, então nos mudamos para a Costa Leste depois que nos casamos."

"Por que não há um túmulo para ela em Tahoe?", pergunto, curiosa.

Essa foi mais uma tentativa frustrada de encontrar uma lápide para Darlie em todos os cemitérios da região.

"Ela queria ser cremada. Espalhamos as cinzas dela no lago." Dolly dá uma risadinha. "O que provavelmente contribui para a história de fantasmas."

Fico admirada com ela. "Não te incomoda que todos acreditem que sua irmã seja um fantasma que foi traída pela irmã e pelo noivo? Que as pessoas pensem que você e Darlie estavam dormindo com Raymond por todo o Tahoe? Se encontrando em faróis? Encontros secretos em árvores?"

"Ah, a árvore era real." Os olhos de Dolly brilham. "Eu costumava encobri-la quando ela saía escondida para encontrar o Ray. Eu colocava travesseiros debaixo do cobertor dela para parecer que ela estava dormindo na cama. Ela e o Raymond eram bem selvagens. Ele ainda tem um pouco desse lado selvagem, mesmo agora. Eu nunca tive, mas acredito que isso pode ser uma coisa boa. Todo relacionamento precisa desse equilíbrio."

"Uma pessoa é a tempestade, e a outra é o farol", murmuro, e meu coração se aperta enquanto a letra de Wyatt ecoa na cozinha.

Ela sorri. "Sim. Eu gosto disso. E não, não me incomoda. Minha irmã morreu no lago, cercada pela família. O noivo dela encontrou uma

segunda chance no amor. E essa lenda... Bem, mantém a memória dela viva. Para ser sincera, Darlie adoraria isso."

"Ela faria isso?"

“Ah, sim. Ela era divertida, travessa, sempre causando problemas. O

fato de todos ainda falarem dela cinquenta anos depois? Espalhando a história de que ela é um fantasma que ama o amor? Toda essa atenção? Isso a deixaria encantada.”

Tomo um gole de chá, deixando tudo se assentar na minha mente.

Nenhum fantasma.

Sem reviravoltas na trama que te façam suspirar.

Um final banal e sem graça. Alguém morreu, duas pessoas se casaram e agora cuidam de um jardim juntos em Nova Jersey.

E, no entanto, não estou desapontada. Embora tivesse sido legal se realmente houvesse um fantasma — isso deixaria os Spencers felizes de qualquer maneira —, percebo que me importo mais com a jornada até o final da história do que com o próprio desfecho. Não preciso resolver crimes e prender assassinos. Não preciso de reviravoltas chocantes na trama. Adorei a pesquisa. Adorei a investigação. E sim, adorei enviar e-mails para os cartórios de registro civil.

Sem falar que o episódio que gravei com o pequeno Spencer já tem quase dois milhões de visualizações. Dois milhões de pessoas curtiram, e isso é incrivelmente gratificante. Então, talvez meu hobby seja bobo e sem graça, mas o Wyatt tem razão. Eu não deveria ter vergonha disso. Posso não ter um talento extraordinário ou a aparência de uma supermodelo, mas tenho algo em que sou boa, algo que me dá prazer. E isso não é pouca coisa.

Fico mais um pouco conversando com a Dolly. Tomamos uma segunda xícara de chá. Ela me conta sobre ela e o Raymond, como nunca quiseram ter filhos, como aproveitaram cada segundo da vida juntos. Eu conto a ela sobre a escola e o quanto eu a detesto. Como me sinto destinada a um emprego chato e que talvez eu nem devesse me dar ao trabalho de fazer o podcast.

Nesse momento, ela balança a cabeça em sinal de reprovação. "Faça isso. Não é como se você não pudesse continuar trabalhando no seu

emprego tedioso das nove às cinco enquanto faz o podcast. Se você quer o conselho desta senhora, Sra. Blake Logan, aqui vai: a vida é curta. Se eu tivesse feito o que esperavam de mim, eu não teria me casado com o Raymond. Meus pais não ficaram muito contentes com a ideia — eles temiam que ele estivesse tentando substituir uma noiva Gallagher por outra.

Mas eu sabia que ele me amava por quem eu era, e sei que tomei a decisão certa. Mas também há algumas coisas que eu não fiz, e quando você chega à minha idade, você tende a olhar para trás e pensar: 'Puxa, essa foi uma oportunidade perdida'."

Mordo o lábio, mais afetada do que imaginava pelas palavras dela.

"Você tem vinte e um anos. Sua vida está repleta de oportunidades. Não as desperdice."

Engoli em seco, sentindo o nó na garganta. "Tentarei não fazer isso. E

agradeço por me convidar para entrar e conversar comigo. Você não imagina o quanto isso significa para mim. Dito isso, não tomarei mais do seu tempo."

Se eu sair agora, consigo voltar à estação a tempo de pegar o trem das cinco horas. Posso estar em Hastings à meia-noite. Foi uma viagem rápida, mas não me arrependo. Consegui tudo o que queria.

“Volte sempre que quiser”, diz Dolly, e trocamos números de telefone, porque ela tem um, e endereços de e-mail, porque ela também tem um.

Enquanto ela me acompanha até a porta, prometo enviar a ela um link para o nosso podcast sobre Darlie.

"Você vai gravar uma continuação agora que sabe o que aconteceu?", ela pergunta, curiosa.

Eu balanço a cabeça negativamente, o que a surpreende.

“Mas você resolveu o seu mistério.”

“Sim, eu fiz.” Dou de ombros. “Mas acho que Darlie não gostaria que eu arruinasse a lenda.”

“Não”, concorda a irmã. “Ela não faria isso.”

“É por isso que vou manter essa visita em segredo. Nem pretendo contar para o meu parceiro de podcast. Então… não. Sem mais notícias. Deixe a Darlie continuar a frequentar Tahoe à vontade.”

Nos despedimos na porta, e eu já estou abrindo um aplicativo de transporte enquanto desço os degraus da varanda. Estou tão concentrada em pedir o carro e reservar a vaga que nem percebo ele se aproximando.

Então ouço um "Blake?" perplexo.

E me viro para encontrar Wyatt parado ali.

CAPÍTULO56

BLAKE

Não existem coincidências.

NOS ENCARAMOS, CADA UM DE NÓS CHOCADO POR VER O OUTRO PARADO

nesta calçada. Wyatt é a última pessoa que eu esperaria encontrar em uma rua residencial qualquer em Trenton, Nova Jersey, e de repente me dou conta de que a única maneira de ele estar aqui é se ele me seguiu.

Estreito os olhos para ele. "Como você conseguiu este endereço?"

Ele parece confuso, balançando a cabeça. Percebo que está vestido melhor do que o habitual, com calças escuras e um suéter verde-escuro que combina com seus olhos. E seu cabelo está mais comprido do que da última vez que o vi. Naquela noite em que ele chorou em meus braços por causa do nosso bebê e—

Afasto o pensamento, porque não. Não posso pensar nisso agora.

“Como você conseguiu esse endereço?”, ele rebate.

“Do cartório de registros do Condado de Mercer.”

“Que porra é essa? Eles acabaram de te dar o endereço da Lorraine?

Isso parece antiético.”

"O quê?" Esfrego as têmporas. "Quem é Lorraine?"

“Lorraine Tanner. A mãe do Cole?” Wyatt acena com a cabeça na direção de uma casa duas portas abaixo da de Dolly e Raymond.

"Desculpe, a mãe do Cole Tanner mora aqui?"

“Sim. Não é por isso que você está aqui? Você me rastreou?”

Eu o encaro boquiaberta. Então aponto para a casa atrás de mim.

"Aquela é a casa de Dolly e Raymond."

Wyatt fica boquiaberto. "Você está brincando comigo?"

“Não. Eu os rastreei de Tahoe até Albany e até esta casa.”

“Jesus Cristo, porra.”

Eu também estou bastante surpreso, porque esta é a mãe de todas as coincidências. "Então seu amigo, Cole Tanner, a estrela da música country

— aquela é a casa da mãe dele ali?"

“Sim. Ele comprou para ela há cerca de um ano, depois que o álbum dele ganhou disco de platina. Lorraine queria sair do sul para morar perto da irmã.”

“E por que você está aqui?”

“O Cole começa a turnê dele amanhã no Madison Square Garden. A mãe dele queria me conhecer. Acabamos de jantar e estamos voltando para o hotel.” Wyatt me encara por um instante, como se tentasse se convencer de que eu realmente estou ali. “Eu não acredito nisso.”

Então ele geme. Um som baixo e miserável.

Uma marca se forma na minha testa. "Por que você parece tão chateado?"

"Porque não quero dar-lhes essa satisfação", ele dispara.

"Quem?", pergunto sem entender.

“Os Spencers.”

“O que eles têm a ver com isso?” Minha cabeça está girando.

“Não. Você tem razão.” Wyatt acena com a cabeça de forma decisiva, o que só me confunde ainda mais. “Não precisa ser um fantasma. Pode ser apenas o destino.”

De repente, me dou conta. "Espere. Você acha que isso tem a ver com a Darlie?"

“Lembra como eles se gabaram em Tahoe depois que descobriram que estávamos juntos? Disseram que a Darlie fez o papel de cupido. Nós não nos falamos há um mês, e agora você está aqui, visitando a irmã da Darlie

—” Ele aponta o dedo na direção da casa da Dolly. “E eu estou duas casas adiante, visitando a mãe do meu melhor amigo—” Ele aponta o dedo na direção da casa da Lorraine. “Isso não é coincidência, sardenta.”

Quero discutir, mas uma parte de mim acha que ele tem razão.

“Talvez tenhamos que pedir desculpas aos Spencers”, digo solenemente, e por um instante, é como nos velhos tempos, como se estivéssemos de volta a Tahoe. Por um belo momento, ele exibe aquele sorriso preguiçoso e eu sorrio de volta, e meu coração se sente mais leve que o ar.

Até que me lembro que não estamos mais em Tahoe e que não estamos mais juntos.

“Ei, então escuta…” Ele morde o canto do lábio, mudando o peso de um pé para o outro de forma desajeitada.

Meu bom humor despenca.

Ai, meu Deus. Não. Eu sei onde isso vai dar. Controle de danos. Ele deve saber que eu vi as fotos dele com a Mollie May, e agora está tentando se antecipar a isso.

“Tenho novidades.”

Agora estou com náuseas. Notícias? Que diabos é isso? Ele vai me dizer que está namorando com ela? É algo sério?

“Mollie May me convidou para ir em turnê com ela. Como ato de abertura.”

Pisquei, surpresa. "Sério?"

“É, o artista de abertura original era o Stylo Lewis, mas ele acabou de ser acusado de dirigir embriagado, e a equipe dela acha que seria má

publicidade se ele continuasse na turnê. Então…” Wyatt ri nervosamente.

“Ela me convidou.”

“Nossa, isso é enorme.”

"Eu sei." Ele parece surpreso. "Honestamente, não consigo acreditar."

Você já deu uma resposta para ela?

“Sim, eu disse sim.” Nossos olhares se encontram. “Eu disse sim.”

Sinto um aperto no estômago. "Ah, ótimo. Parabéns."

"Obrigado."

Um breve silêncio se instala.

Apesar de mim mesma, de repente me vêm à mente aquelas fotos. Não eram picantes. Ninguém se agarrando num canto, graças a Deus. Mas havia uma dele em pé perto dela, e ela com a mão no

braço dele, um toque bem intencional. E outra em que ele a olhava de cima, sorrindo para algo que ela disse.

Embora eu me odeie por fazer isso, não consigo evitar mencionar o artigo. "Eu vi as fotos suas naquele evento em Nashville. Ela é deslumbrante", digo, com a voz tensa.

“Sim, ela é”, ele concorda. Então faz uma pausa. “Não aconteceu nada.”

Uma risada escapa antes que eu possa impedi-la. "Sério?"

“Bem, não, aconteceu sim”, ele corrige, e é como uma facada no coração. “Ela me beijou.”

A lâmina gira com mais força.

“Eu retribui o beijo.”

Meu coração está escancarado agora, jorrando sangue.

“Mas não deixei que a situação piorasse.”

"Por que não?"

“Porque eu não queria. Eu disse a ela que estava apaixonado por outra pessoa.” Sua voz é rouca. “Eu não quero ficar com ninguém além de você.”

Minha cabeça ainda está presa no fato de que ele beijou outra pessoa.

Sim, fingi que estava tudo bem ele estar com outras pessoas, e sim, eu

realmente não tenho nenhum direito sobre ele, mas, meu Deus, ele precisava me contar?

“Nada mudou”, diz ele, exatamente como tem dito todas as vezes que conversamos desde que acordei naquele hospital.

“Wyatt…”

“Não, eu vou dizer isso toda maldita vez até você acreditar em mim, Blake. Eu te amo. Eu—”

“E aí, G, o que você tá fazendo?” interrompe uma voz masculina.

“Pegando minhas vizinhas?”

Nós duas nos viramos na direção do homem que caminhava em nossa direção. Por um segundo, fiquei deslumbrada, porque Cole Tanner está em todas as minhas redes sociais, o tempo todo. Sou constantemente bombardeada com trechos de seus videoclipes, fotos lindas sem camisa, entrevistas onde ele exibe aquelas covinhas encantadoras. Ele é ainda mais bonito pessoalmente.

Ele se aproxima, lançando-me um olhar com um leve sorriso. "E quem seria você?"

“Blake, Cole”, diz Wyatt como forma de apresentação.

“Blake?” Os olhos de Cole se arregalam. “Espera, essa é a musa?” Ele vira a cabeça de volta para Wyatt. “Vocês dois se reconciliaram?”

Não sei o quanto ele contou para o Cole sobre o nosso relacionamento, então me remexo desconfortavelmente. "Na verdade", respondo por Wyatt, mantendo o tom leve, "a gente só se esbarrou. Que coincidência estranha, né?"

Cole responde com uma risadinha cúmplice. "Ah, musa, não existem coincidências." Ele ergue uma sobrancelha para mim. "Você devia voltar para o hotel com a gente. Meu empresário reservou um lugar bem chique para nós. Chique para os padrões de Trenton, pelo menos. Vamos tomar uns drinques—"

“Não posso”, interrompo. “Preciso pegar o trem para casa.”

Pelo canto do olho, vejo um carro virando na rua e um alívio me invade.

É a minha carona. Momento perfeito.

“Sou eu”, digo aos rapazes, dando um passo em direção ao meio-fio.

Wyatt bloqueia meu caminho. "Não, espere."

“Te dou um segundo”, diz Cole, e caminha em direção à entrada da garagem da casa de sua mãe. Duas bipes agudas cortam o ar quando ele destranca um Mercedes prateado.

Assim que ele sai, Wyatt pigarreia. "Me disseram que acompanhantes são permitidos na turnê."

Eu pisquei, sem esperar por isso. "O que você quer dizer?"

“Quer dizer…” Ele hesita por um instante. “Venha comigo.”

Meu coração dispara. "Em turnê?"

“Sim. Começa na próxima semana e dura seis meses. O primeiro show é em Boston.”

“Você está me convidando para ir em turnê com você.” Me sinto um pouco atordoado.

"Sim."

“Mesmo que eu quisesse, tenho que ir à escola…” Minha voz vai diminuindo.

“Você disse que talvez terminasse neste semestre”, ele me lembra.

“Você teve aquela reunião com seu orientador. E se você não conseguir, é porque nem gosta da faculdade. Você poderia simplesmente trancar o semestre e terminar no verão, se realmente quiser.”

"Meus pais me matariam", digo, como se esse fosse o único impedimento para eu embarcar em uma turnê mundial com Wyatt e a estrela pop que ele beijou.

“Seus pais vão entender. Eles te amam. Eles vão te apoiar em tudo o que você fizer, contanto que saibam que você está escolhendo algo que te faça feliz.”

“Você diz isso como se soubesse o que me faz feliz.”

"Acho que sim", diz ele suavemente. "Na verdade, acho que penso em muitas coisas."

Engoli em seco. "Tipo o quê?"

"Acho que você sente minha falta. Acho que você passou por algo. Nós passamos por algo. Acho que isso te assustou. Acho que te machucou muito. Mas não acho que nada tenha mudado. Eu te amo, e acho que você me ama."

Meus olhos ardem com as lágrimas. Fico sem responder por um instante. Inconscientemente, minha mente volta àquelas fotos dele e da Mollie May rindo. A mão dela envolvendo possessivamente o bíceps dele.

E todas as minhas inseguranças me invadem. Me sinto do mesmo jeito que me senti quando fui à Semana de Moda com o Alex. Todo mundo babando pela supermodelo. Eu sentada lá com minhas sardas, completamente invisível. Nem consigo imaginar o quão insegura me sentiria em turnê com a Mollie May. Conhecer aquela mulher deslumbrante, apertar a mão dela, vê-la dominar o palco em uma arena lotada.

Acredito que Wyatt não esteja interessado nela — ele não mentiria para mim sobre isso — mas uma parte de mim ainda não consegue entender por que ele me preferiria a ela.

"Talvez você devesse ficar com alguém como ela", me pego dizendo, com as palavras queimando minha garganta.

“Alguém como Mollie May?”

"Sim."

“Não é quem eu quero, Blake.”

“Por que não? Ela é linda e bem-sucedida, e vocês dois poderiam dividir os holofotes. Vocês seriam um casal poderoso.”

Com um palavrão irritado, Wyatt passa a mão pelos cabelos. "Pare com isso."

"O que?"



“Você me acusou de acreditar em merdas sobre mim que não eram verdade. De me manter presa nisso.” Ele balança a cabeça para mim. “Você não vê que está fazendo a mesma merda? Você conta para si mesma essa história de que é comum, de que pertence ao fundo. A acompanhante de alguém, era assim que você chamava, não é? Bem, você não é acompanhante de ninguém, sardenta. Você também pertence aos holofotes.

Você é o próprio holofote.”

Aperto os lábios para impedir que tremam. Ele está errado. Como eu poderia me comparar a alguém como Mollie May? Alguém que é pura confiança, lantejoulas e um sucesso inigualável. Enquanto isso,

estou me debatendo em um curso que não quero, teimosa demais para desistir da faculdade e com medo demais para abrir meu coração para ele novamente.

Eu me obrigo a falar. "O Cole está te esperando. Você deveria ir. Vá e viva seu sonho, Wyatt. Eu sei que a turnê vai ser incrível."

"Eu quero você lá." Consigo perceber a frustração dele.

Nós dois nos assustamos com o som da buzina de um carro. Olho para o meu motorista, que estava esperando, e faço um gesto indicando que já estou indo.

"Preciso ir", digo.

Wyatt acena com a cabeça. "Eu também. Mas saiba que o convite para participar da turnê ainda está de pé. Partimos em uma semana. É só dizer, e eu cuido de tudo."

Quando dou de ombros, sem demonstrar qualquer comprometimento, não deixo passar o lampejo de mágoa em seus olhos. Entro no banco de trás do carro e, enquanto nos afastamos da calçada, me obrigo a não olhar para trás para verificar se Wyatt ainda está parado ali.

Não ligo para ele no dia seguinte. Nem no outro. Nem no outro. Wyatt também não liga. A decisão está nas minhas mãos. Nós dois sabemos disso.

Ele jamais me pressionaria para falar com ele, muito menos para sair em turnê com ele.

Nos fins de semana, meus pais dirigem até Hastings para jantar comigo e com o vovô Tim. Depois, enquanto mamãe e vovô conversam na cozinha, eu me junto ao meu pai na sala de estar e me jogo ao lado dele no sofá.

“Você ficou quieto(a) durante o jantar”, ele comenta.

Pego uma almofada e começo a puxar os fios soltos. Não respondo de imediato, porque normalmente não me confio ao meu pai. Minha mãe é quem me ajuda com isso. Mas, por algum motivo, a confissão acaba escapando.

“Wyatt me convidou para ir em turnê com ele.”

As sobrancelhas do pai se erguem. "Tipo, ir mesmo com ele? Num ônibus de turnê? Como namorada de banda?"

Dou uma risadinha com a descrição absurda dele. "Não é namorada de banda. É namorada dele." Mordo o lábio, sentindo-me ansiosa. "Ele quer voltar."

“Ele não ficará fora por seis meses?”

"Sim."

“Bem, então você não pode ir. Você está na escola.”

“Não preciso ser.”

Suas sobrancelhas se juntam com um aceno de cabeça. "O que isso significa?"

“Conversei com meu orientador há algumas semanas”, admito. “E ele disse que eu poderia me formar mais cedo, se quisesse. Bastaria fazer uma disciplina online no semestre de inverno. Mas, sim, não preciso estar no campus se não quiser.”

“Por que você não iria querer?”

“Porque eu não me importo com isso, pai. Eu me importo com o aprendizado, mas não necessariamente com a escola, se é que me entende.”

Ele acena com a cabeça. "Sim, eu entendo."

"Realmente?"

“O quê, você acha que eu era obcecado por lição de casa e mal podia esperar para assistir a todas as minhas aulas? Claro que não. Eu amava Briar por causa do hóquei, por causa dos meus amigos e por causa da sua mãe. Mas a parte da escola?” Ele dá de ombros. “Tanto faz para mim.”

Um sorriso surge. "Eu sou meio assim também. E aprendi muito sobre mim mesma neste verão. Por muito tempo, me senti uma fracassada, como se não tivesse talento ou fosse extraordinária—"

"Você está brincando comigo?" A boca do pai está aberta de espanto.

"Você é a criança mais extraordinária, brilhante e talentosa do planeta."

"Diz meu pai", respondo secamente.

“É a verdade”, ele insiste.

“Adoro que você acredite nisso, mas a verdade é que eu não tenho nenhuma habilidade ou talento incrível que vá conquistar o mundo, como você com o hóquei ou o Alex, a Gigi e o Wyatt. E isso estava me deixando para baixo”, confesso. “Eu deveria ter passado o verão pensando no que queria fazer depois da faculdade, mas acabei me afundando em uma montanha de pesquisas aleatórias.” Uma risada escapa. “E não só adorei, como isso abriu as portas para este podcast, que talvez me renda algum dinheiro. Quem sabe? Talvez eu até consiga viver disso um dia.”

“Império dos podcasts”, concorda o pai com um aceno de cabeça.

"De qualquer forma, percebi neste verão que não preciso de uma carreira grandiosa e chamativa. Só preciso fazer algo que me dê prazer. Mas vou me formar, de um jeito ou de outro. Prometo."

“É. Se você não fez, tudo bem também”, diz o pai.

"Sério?", pergunto surpresa.

Ele se aproxima e me abraça. "Garota, não me importo com o que você faça, contanto que você seja feliz", diz ele, repetindo o que Wyatt disse quando me convidou para ir com ele. "Mas acho que sua mãe provavelmente preferiria que você se formasse."

"Eu vou."

“E essa excursão… Você quer ir?”

“Não sei. Uma parte de mim sabe, mas outra parte está com medo.”

“Com medo de quê?”

Meus dentes mordem meu lábio inferior novamente. "Que ele não me ama de verdade e que talvez alguém como Mollie May faça mais sentido para ele."

Papai dá uma risadinha. "Meu bem, a vida não se resume ao que faz sentido no papel. Trata-se de quem faz você se sentir mais leve quando está por perto."

Meus olhos ardem com as lágrimas. "Eu o afastei depois do hospital.

Tipo, eu fui tão horrível com ele, pai. Em parte por causa dos hormônios —

quer dizer, eu fui uma idiota com todo mundo."

Ele dá uma risadinha. "É, o monstro dos hormônios não foi nada divertido. Mas a gente entendeu. E o Wyatt também."

"Mas continuei afastando-o depois que os hormônios se estabilizaram", lamentei. "Eu estava insegura e estraguei tudo."

“Então resolva isso.”

“Hum-hum. Porque é simples assim?”

“Claro que sim. Você quer ele de volta, se sente mal por como o tratou e então implora.”

"Rasteje", repito, com hesitação.

“Sim. Implore. Peça desculpas. Diga a ele que você errou. Diga a ele que o ama, porque nós dois sabemos que você o ama. E então prove isso a ele.”

Soltei uma risada abafada. "Desde quando você é romântico?"

“Desde sempre. Pergunte à sua mãe sobre o poema que escrevi para ela uma vez.”

"Bobagem."

“Não, acho que ela ainda guarda em algum álbum de recortes. Era lindo.”

Estreito os olhos. "Acredito que você escreveu o poema, mas não acho que seja bonito. Além disso, por quê?"

Ele sorri para mim. "Porque eu errei e tive que me humilhar para tê-la de volta. A realidade é que, se você deixa uma coisa boa escapar porque é orgulhoso demais para implorar, você sempre vai se arrepender."

“Então… implore”, digo lentamente, testando a palavra.

“Sim, meu bem. Porque você é uma Logan, e os Logans se humilham.”

Uma onda de ansiedade me invade. "Você não acha que é tarde demais?"

Ele dá de ombros. "Só há um jeito de descobrir."

CAPÍTULO57

WYATT

Vá buscá-la logo

AJUSTO MEUS FONES DE OUVIDO, TENTANDO DISFARÇAR O SUOR SOB ESSAS

luzes. Ou talvez seja a pressão que esteja deixando minha gola úmida. O

estúdio de rádio é menor do que eu esperava. Pouco iluminado e à prova de som, com uma placa vermelha brilhante piscando "NO AR" sobre a janela da cabine. Não sei como deixei meu gerente me convencer a fazer uma entrevista ao vivo em vez de um podcast pré-gravado ou algo que pudesse ser editado caso eu pagasse mico.

Mas não. Rádio ao vivo. Puta merda. Me mata.

Você está prestes a se apresentar ao vivo para milhares de pessoas pelos próximos seis meses, aponta uma voz na minha cabeça.

É verdade, eu cedo. Talvez esta entrevista seja uma boa maneira de começar. Preparem-se para os holofotes intermináveis sob os quais estarei em breve.

A turnê começa em quatro dias, com início em Boston, cidade natal da mãe irlandesa de Mollie May, que estará nos bastidores do show. Embora eu esteja animada para conhecê-la, gostaria que a pessoa nos bastidores fosse

Blake, mas não tenho notícias dela desde que o destino nos uniu em uma rua de Trenton.

Eu chamo isso de destino, porque me recuso a aceitar que Spencer e Spencer Hanz estivessem certos sobre um fantasma espalhando sua magia do amor por aí.

"E essa foi 'Lightkeeper', de Wyatt Graham", diz Ashley, a apresentadora, em seu microfone.

O coapresentador dela é um cara grande, careca e piadista chamado Hughie, e nós três estamos espremidos neste estúdio quente como pães num forno. Eles são legais, se você ignorar o hábito irritante do Hughie de enfatizar demais cada palavra.

"E vocês estão com sorte", diz Hughie aos ouvintes, "porque temos o Wyatt Graham aqui no estúdio conosco."

"Você está muito elegante, se me permite acrescentar", comenta Ashley, piscando para mim.

"Essa música", Hughie me diz. "Os números de streaming estão bombando, e ela acabou de sair numa resenha na Rolling Stone. Os críticos estão dizendo que ela é crua, imprudente e triste pra caramba. Então, acho que o que eu quero saber é: quem te magoou?"

Não consigo conter o riso. "Triste, né? Achei que fosse mais romântico do que triste."

"Muito romântico", concorda Ashley, assentindo com a cabeça. "Uma música grandiosa. Sentimentos intensos. É isso que podemos esperar do resto do álbum?"

"Acho que sim. Trabalhei com Tobey Dodson, que é ótimo em extrair a emoção e dar o melhor de você em cada faixa."

“E quantas músicas podemos esperar?”

“Dez faixas, mais uma faixa bônus”, digo, porque a assessora de imprensa que a gravadora me indicou disse que eu preciso divulgar a faixa

bônus. Aparentemente, as pessoas adoram. “Estou ansioso para que todos as ouçam.”

Com um sorriso debochado, Hughie balança o dedo para mim. "Ora, ora, não pense que eu não percebi você desviando da minha pergunta.

Então. 'Lightkeeper'. É sobre uma garota de verdade?"

Coço a barba por fazer. Esqueci de fazer a barba hoje de manhã porque estava muito ocupado me preparando para esta participação no rádio. Minha irmã ficou me bombardeando com perguntas pelo telefone o dia todo. Ela tentou me pegar desprevenido com algumas, e esta foi uma delas. Eu deveria dizer que minha música não é sobre ninguém em particular, mas quando estou prestes a dizer a frase ensaiada, de repente não consigo.

Porque este álbum inteiro é sobre alguém em particular, e parece errado ignorar isso.

"É sobre uma garota de verdade", digo com rispidez, e os dois apresentadores sorriem para mim.

“Ah, ok, temos uma musa”, diz Hughie.

"Sim."

“E você e essa musa”, provoca Ashley. “Vocês estão juntos?”

"Não neste momento", admito, e logo em seguida tenho vontade de me dar um tapa na cara.

A primeira coisa que a assessora de imprensa me disse foi para não falar sobre minha vida pessoal, e aqui estou eu, falando sobre Blake.

Rapidamente tento redirecionar a conversa. "Nem todas as faixas do álbum são sobre amor. Tem uma que explora a ideia de família", começo, mas isso só abre caminho para que perguntem sobre minha mãe, o que leva a dois minutos de elogios entusiasmados sobre o quão incrível ela é. E sim, minha mãe é incrível, mas eu deveria ter me mantido no assunto e divulgado meu próprio trabalho, não o dela.

Estávamos no meio de uma discussão sobre como minha mãe era prolífica, por causa de todos os gêneros em que ela escreveu, quando notei

o produtor na cabine pressionando a mão no fone de ouvido. Então Ashley fez o mesmo em sua poltrona macia e, no instante seguinte, soltou uma risada radiante e interrompeu Hughie no meio da frase.

“Pessoal, desculpem interromper, mas tem uma reviravolta na trama.

Temos alguém na linha dizendo ser a musa.”

Meus ombros se tensionam. "O quê?"

Por trás do vidro, o produtor está gesticulando, sem emitir som, as palavras "linha três".

“Estamos conectando ela agora mesmo”, anuncia Ashley. Ela aperta um botão, que deduzo estar silenciando todos nós, porque ela pisca para mim e diz: “Só finja, querida. Provavelmente é algum pássaro maluco, mas os ouvintes adoram essas coisas.”

Ouço um estalo no meu ouvido e, em seguida, uma voz nervosa surge nas ondas de rádio.

"Oi."

Meu coração dispara.

Isso não é um cuco.

"Como tá indo?"

Um sorriso surge nos meus lábios. Oi, tudo bem? Ela está ligando para um programa de rádio ao vivo, e essa é a frase de abertura dela?

“E com quem estamos falando?”, pergunta Hughie em tom jovial.

“Hum. Desculpe. Não planejei isso com antecedência. Só vi nas suas redes sociais que você ia fazer esse programa e não resisti a ligar.” Ela faz uma pausa. “Aliás, estou falando com o Wyatt, não com você, Hughie.”

Soltei uma risada abafada.

Ashley olha para mim. "Vocês duas se conhecem?"

Quando aceno com a cabeça, ela faz um gesto com a mão para que eu use as minhas palavras, e eu me lembro de que estamos no rádio. "Sim, nós nos conhecemos", digo, sem conseguir conter o sorriso.

Hughie interrompe novamente. "Você ainda não se apresentou, musa."

“Ah, certo. Meu nome é Blake.”

“Um nome sólido”, ele diz a ela.

"Posso falar com o Wyatt agora?", ela pergunta com um suspiro.

Hughie dá uma risadinha. "Permissão concedida, musa."

Meu pulso está acelerado enquanto espero que ela continue.

“Então… é… passei os últimos dias tentando pensar na maneira perfeita de implorar, porque me disseram que é assim que vou reconquistá-los”, diz Blake, e todos na cabine arregalam os olhos como se tivessem acabado de ganhar na loteria.

Imagino que este seja provavelmente o evento mais emocionante que já aconteceu nesta estação de rádio. Até a Ashley está tremendo de emoção.

“Sardas”, começo. “Você não precisa—”

"Não ouse interrompê-la", repreende Hughie.

"Eu sei que errei." A voz de Blake treme. "Eu te afastei e disse coisas que gostaria de poder apagar. Não vou repeti-las aqui, porque não quero que o mundo inteiro saiba dos nossos problemas. Talvez só de parte deles. Eu disse muita coisa, mas a única coisa que nunca disse foi que te amo."

Agarro-me à borda da mesa, precisando de repente me firmar. Aquelas palavras no meu ouvido — e aparentemente no de todos os outros —

desencadeiam uma avalanche de emoções dentro de mim.

"Eu te amo", ela repete. "Eu amo o jeito como você me olha, como se eu fosse digna de ser tema de canções. Eu amo como você me vê. Tipo, como você realmente me vê. E eu sinto falta disso. Sinto falta de ser vista por você, e não consigo passar mais um dia sentindo essa ausência. A sua ausência."

Meus olhos ardem e estou com medo de estar prestes a chorar. Ao vivo no rádio.

“Você tinha razão. Eu também contava histórias para mim mesma. Que eu não era especial comparada às outras pessoas. Pensava que,

se me escondesse, ninguém notaria o quão insignificante eu era. Mas sabe de uma

coisa? Eu não preciso impressionar ninguém além de mim mesma. E talvez você, porque quero que você se orgulhe de mim."

Orgulhoso dela? Meu Deus! Acho que nunca me senti tão orgulhoso na minha vida. A garota dos meus sonhos está declarando seu amor ao vivo no rádio. É o tipo de magia sobre a qual pessoas como eu cantam.

"Então, se você está falando sério e nada mudou, talvez quando terminar sua entrevista, você possa descer até o saguão, porque é lá que estou agora", diz Blake. "Esperando por você."

Silêncio. Todo o estúdio está imóvel e silencioso. Até Hughie parece um pouco emocionado.

Engolindo em seco, olhei para os anfitriões. "Vocês ficariam chateados se eu fosse embora?"

Ashley solta uma risada ofegante e estridente. "Meu Deus, vá buscá-la logo."

Arranco os fones de ouvido e saio por aquela porta num instante. Desço o corredor estreito em direção à escadaria, porque a estação só tem dois andares e eu não vou esperar por um elevador. Desço os degraus de dois em dois, chegando ao saguão segundos depois.

Lá está ela. Linda como sempre, de jeans e moletom. Meu moletom, percebo. É o meu antigo moletom de banda, que ela deve ter trazido de Tahoe. Eu nem tinha notado que ele tinha sumido.

Ela tem o cabelo trançado, algumas mechas caindo sobre os olhos, e as joga para trás da orelha antes de me lançar um sorriso. Um sorriso que paralisa o meu mundo.

Por um instante, fico imóvel. Meus olhos estão fixos nela. Tenho medo de que, se eu piscar, ela possa desaparecer.

Então ela diz: "Oi", e a represa da emoção se rompe.

Em três passos largos, alcanço-a e a envolvo em meus braços. Ela retribui o abraço, apertando-se contra mim, agarrando-se a mim.

Quando ela olha para mim, vejo a sinceridade brilhando em seus olhos.

"Eu falei sério em tudo o que disse. Eu te amo, Wyatt. E me desculpe.

Depois do hospital, eu... acho que perdi um pouco a cabeça."

“Não estou zangada, meu bem. Eu te disse que ia esperar.”

E eu esperei, porque sempre soube que ela voltaria para mim. Que o que tivemos neste verão não foi apenas uma fantasia ou um lindo sonho. Foi real. Eu senti isso, e ela também.

"Estou com medo", admite Blake.

“De quê?”

“De quanto eu te amo. De quanto eu quero estar com você.” Sua voz treme. “Tenho medo de que exista alguém que possa te fazer mais feliz do que eu.”

“Jesus, sardas. Isso é impossível. Ninguém mais me faz sentir como você me faz sentir.” Acaricio sua bochecha. “Você se lembra daquela noite no telhado? Na casa de barcos? Você disse que queria ser a obsessão de alguém. A ruína dessa pessoa. Bem, você é a minha, Blake Josephine Logan. Quer obsessão? Eu penso em você todos os santos dias. Quando estamos no mesmo cômodo, preciso me

controlar para não olhar para você por muito tempo, porque sei que nunca vou conseguir desviar o olhar.”

Seus olhos se enchem de lágrimas, e eu passo meus polegares pela parte inferior deles, recolhendo as lágrimas antes que caiam.

"Eu te amo." Minha voz fica rouca e preciso parar para limpar a garganta. "Preciso que você me diga que acredita em mim."

“Eu acredito em você —”

Antes que ela possa terminar, eu a beijo com paixão, beijando-a do jeito que eu queria desde que saímos de Tahoe. Ela fica na ponta dos pés e retribui o beijo, faminta e desesperada, como se tivesse sentido tanta falta disso quanto eu, e ficamos ali nos beijando no saguão de uma estação de rádio em Boston, com o resto do mundo esquecido.

Minha respiração está ofegante quando me afasto. "Você estar aqui..."

Engulo em seco para umedecer minha garganta seca. "Isso significa que você virá comigo em turnê?" Acrescento rapidamente: "Tudo bem se a resposta for não—"

“Sim”, ela interrompe, com os olhos brilhando. “A resposta é obviamente sim, Wyatt.”

“E a escola?”

“Vou me formar mais cedo.”

“E o podcast?”

“Estamos gravando por videochamada até eu voltar.”

Meu coração se recusa a se acalmar, batendo descontroladamente contra minhas costelas. "Você vai mesmo fazer isso? Você vem

comigo?"

“Sim.” Seus olhos, aqueles lindos olhos azuis, brilham com segurança.

“Não há nenhum outro lugar onde eu preferiria estar.”



AMIGOS DE DEAN

ALLIE HAYES Desculpe criar mais um grupo de bate-papo, mas estou ficando preocupada e acho que precisamos de uma reunião de pais. Os meninos ainda não estão se falando. JAKE CONNELLY Dê tempo a eles. DEAN DI LAURENTIS Eles vão resolver isso sozinhos. ALLIE HAYES Já faz quase um ano! Brenna, me apoie.

BRENNA CONNELLY Eu me recuso a participar até que você mude o nome do grupo de volta para o que era. DEAN DI LAURENTIS Não tinha nome antes! BRENNA CONNELLY

Exatamente.

Allie Hayes mudou o nome do grupo de bate-papo para "Bate-papo em Grupo".

DEAN DI LAURENTIS Pare com essa conversa fiada genérica, Allie-Cat.

Dean Di Laurentis mudou o nome do grupo de bate-papo para "Só Pessoas Bonitas".

BRENNA CONNELLY Eu aceito essa.



GAROTOS DE OURO

WYATT GRAHAM AJ, acabei de saber que você não vem para Tahoe neste verão? Que droga? Faz tempo que não te vejo. AJ

CONNELLY Você estava em turnê. WYATT GRAHAM A turnê terminou há dois meses… GRAY DAVENPORT Cara, você vai vir para Tahoe sim. AJ CONNELLY Estou trabalhando. E eu já te disse para parar de me perguntar coisas neste chat. Só em casos de emergência familiar, caso contrário, estou fora. Me mande mensagem sozinho da próxima vez. GRAY DAVENPORT Que dramático.



GARRETT E LOGAN CONVERSAM

GARRETT GRAHAM Cara, se eles realmente se casarem,

finalmente seremos parentes. JOHN LOGAN Você acha que Dean e Tuck têm inveja da gente? GARRETT GRAHAM Obviamente.

ALGUÉM FALOU EM LIVRO NOVO

DA ELLE KENNEDY?

Clique aqui para reservar o próximo livro do universo Briar. Mais detalhes em breve…

AGRADECIMENTOS

Foi uma alegria escrever este livro. Não só porque adoro estas duas personagens, mas também porque me permitiu revisitar o universo de Off-Campus e ver os nossos personagens originais como pais. Ver o John Logan como pai foi, sinceramente, muito divertido. Não me lembro da última vez que ri tanto enquanto escrevia um livro.

Uma breve observação: embora Love Song se passe em um local real, tomei muitas liberdades criativas, e o que você está lendo é uma versão ficcional do Lago Tahoe. Por exemplo, embora algumas das histórias de fantasmas que menciono sejam de fato lendas reais, a principal delas é fruto da minha imaginação. E embora exista um farol de verdade em Tahoe, criei um fictício na ilha para se adequar à trama. Também alterei alguns locais/bairros. Portanto, se você reside em Tahoe, fique tranquilo, pois quaisquer erros foram provavelmente intencionais.

Embora o processo de escrita em si seja solitário, a chegada deste livro às suas mãos não seria possível sem a ajuda e o apoio de algumas pessoas incríveis:

Minha editora, Christa Desir, que me ajudou a moldar a história na sua melhor versão e realmente me ajudou a entender esses personagens.

Obrigada por ser você.

Agradeço a todos da Bloom Books pelo trabalho árduo não só neste lançamento, mas em todos os meus lançamentos, com um

agradecimento especial à Madison Nankervis, que trabalha incansavelmente para divulgar meus livros e faz tudo brilhar (e para quem eu compraria um Labubu do mercado negro e o enviaria do outro lado do oceano porque a amo MUITO).

A equipe da Raincoast que promove meus livros no Canadá — Jamie e Christina, eu adoro vocês!

Minha agente Celeste Fine e o restante da equipe da Park, Fine & Brower — Haley, Charlotte, Andrea, John, Emily, Stephanie, Angela, Abby e Kat. Vocês são uma máquina bem azeitada e sou eternamente grata por tê-los na minha equipe.

Agradeço à Eagle/Aquila Editing por sempre parar tudo para revisar meus textos.

Equipe Elle Kennedy: Natasha, Nicole, Erica, Lindsey e Shaye da Good Girl PR. Eu definharia sem vocês. E riria muito menos. Vocês alegram meu dia, todos os dias.

E como sempre, vocês. Os leitores. Os críticos. Os blogueiros. Os influenciadores. Os amantes de livros. Vocês são meu maior apoio e a razão pela qual consigo fazer o que faço. Agradeço a vocês, para sempre.

Amor,

Ela



OUTROS TÍTULOS DE ELLE KENNEDY

A segunda geração de estudantes da Universidade Briar está chegando na série Diários do Campus!

Prepare-se para participações especiais dos seus casais favoritos de Fora do Campus e da Universidade Briar, e acompanhe um novo grupo de personagens dinâmicos em busca de seus próprios finais felizes.

O Efeito Graham (livro de Gigi e Ryder)

A Regra de Dixon (o livro de Shane e Diana)

O Método Charlie (livro de Will, Beckett e Charlotte) E o livro independente interligado:

Canção de Amor (livro de Blake Logan e Wyatt Graham) Veja como tudo começou! Não deixe de conferir os outros títulos da série Off-Campus: O Acordo (o livro de Garrett)

O Erro (o livro de Logan)

A Partitura (livro de Dean)

O Objetivo (livro de Tucker)

O Legado (Coleção de novelas)

E agora temos um SPINOFF! Briar U leva os leitores de volta ao mundo dos jogadores de hóquei bonitões, heroínas destemidas, brincadeiras entre amigos e cenas picantes.

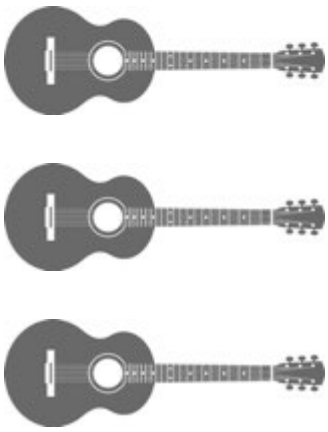
Leia a série completa hoje mesmo!

A Perseguição (o livro de Summer e Fitz)

O Risco (o livro de Brenna e Jake)

A peça (o livro de Hunter e Demi)**

O Desafio (o livro de Conor e Taylor)



**Não perca o epílogo bônus estendido de A Peça!

Quer experimentar algo um pouco diferente? Confira minha série sobre internatos, Prep! Bem-vindo(a) à Sandover Prep, onde os delinquentes reinam... e você não pode confiar em ninguém.

Desajustado

Por conta própria

Para links de outros varejistas e informações sobre versões impressas ou em áudio desses títulos, visite as páginas da série no meu site.

E não se esqueça de se inscrever na minha newsletter para receber atualizações e trechos exclusivos assim que estiverem disponíveis.

Mais títulos também disponíveis no meu site.

SOBRE O AUTOR

Elle Kennedy, autora de best-sellers do New York Times, USA Today e Wall Street Journal, cresceu nos subúrbios de Toronto, Ontário, e é formada em Literatura Inglesa pela Universidade de York.

Desde cedo, sabia que queria ser escritora e começou a perseguir esse sonho ativamente na adolescência.

Elle é autora de mais de cinquenta romances contemporâneos e romances românticos, publicados por diversas editoras importantes. Seu trabalho inclui a série Off-Campus, um fenômeno global que cativou milhões de leitores ao redor do mundo.

Elle adora receber mensagens de seus leitores. Visite o site dela, www.ellekennedy.com, ou inscreva-se em sua newsletter para receber novidades sobre seus próximos livros e trechos exclusivos. Você também pode encontrá-la em:

Facebook (ElleKennedyAuthor)

Instagram (@ElleKennedyAuthor)

TikTok (@ElleKennedyAuthor).

AVISO DE CONTEÚDO

Este livro contém material sensível, incluindo discussões sobre perda gestacional. Por favor, reflita sobre isso antes de ler.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Canção de Amor

Direitos autorais © 2026 por Elle Kennedy Inc.

Capa criada por Hannah DiPietro/Sourcebooks

Arte da capa © Katie Smith

Projeto de interiores por Cat da TRC Designs

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou

mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações — exceto no caso de breves citações incorporadas em artigos ou resenhas críticas —

sem autorização por escrito.

Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma para fins de treinamento em tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Document Outline

- Cobrir
- Página de título
- Conteúdo
- Dedicação
- Aviso de conteúdo
- Prólogo
- 1. Blake
- Bate-papo de pai
- 2. Blake
- 3. Wyatt
- 4. Blake
- 5. Wyatt
- 6. Blake
- 7. Wyatt
- Bate-papo dos Garotos de Ouro
- 8. Blake
- 9. Blake
- 10. Blake
- 11. Wyatt
- 12. Blake
- Página do Livro de Canções de Wyatt
- 13. Blake
- Geleia da Família Graham
- Os Logans
- Os genes de Dean
- Hora do Tucker
- 14. Blake
- 15. Wyatt
- Página do cancioneiro de Wyatt
- 16. Wyatt
- 17. Blake

- 18. Wyatt
- 19. Blake
- 20. Wyatt
- O Trapaceiro
- 21. Wyatt
- O Trapaceiro
- 22. Blake
- 23. Wyatt
- 24. Blake
- 25. Blake
- 26. Wyatt
- 27. Wyatt
- Página do cancioneiro de Wyatt
- 28. Blake
- 29. Blake
- 30. Wyatt
- Chaveamento de badminton
- 31. Blake
- 32. Blake
- Bate-papo entre homens: Modo furtivo
- 33. Blake
- 34. Wyatt
- Da família
- 35. Blake
- 36. Wyatt
- Bate-papo de pai
- 37. Blake
- 38. Wyatt
- 39. Blake
- Bate-papo de pai
- 40. Wyatt
- 41. Blake
- 42. Blake
- 43. Wyatt
- 44. Blake
- 45. Wyatt

- A Máquina Dean
- 46. Blake
- 47. Blake
- 48. Wyatt
- 49. Blake
- 50. Wyatt
- 51. Wyatt
- 52. Blake
- 53. Wyatt
- Últimas notícias
- 54. Blake
- 55. Blake
- 56. Blake
- 57. Wyatt
- Amigos de Dean
- Garotos de Ouro
- Garrett e Logan conversam
- Alguém falou em novo livro da Elle Kennedy?
- Agradecimentos
- Outros títulos de Elle Kennedy
- Sobre o autor
- Aviso de conteúdo
- Direitos autorais